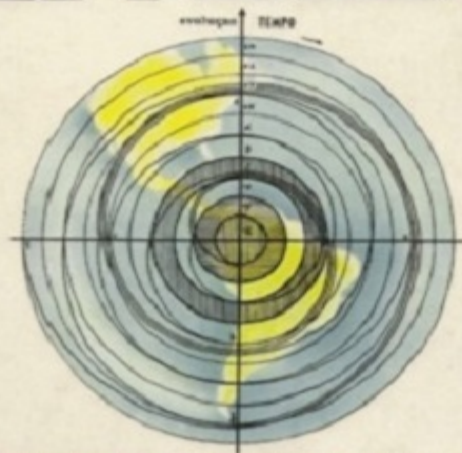


A

Síntese e solução dos
problemas da ciência
e do espírito

14.^a EDIÇÃO

GRANDE SÍNTESE



PIETRO UBALDI

VISIT...

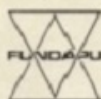
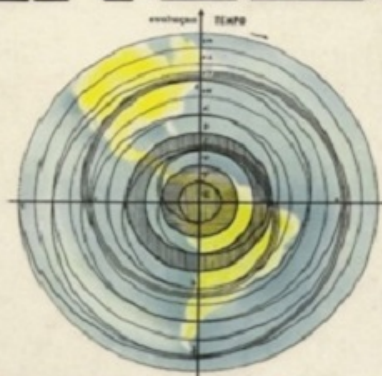
LANZAROTE
Caliente.COM

A

Síntese e solução dos
problemas da ciência
e do espírito

14.^a EDIÇÃO

GRANDE SÍNTESE



PIETRO UBALDI

A GRANDE SÍNTESE

Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito.

I. CIÊNCIA E RAZÃO

Em outro lugar e de outra forma¹, falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos justos, que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. A palavra doce, que atrai e arrasta porque comove, foi dita. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadia e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, seja por faltar-lhe fé, seja por incapacidade de orientação para compreender.

O pensamento humano avança. Cada povo, a cada século, segue um conceito de acordo com um desenvolvimento cujo traçado obedece a leis a que estais submetidos. Em qualquer campo, a nova ideia vem sempre do Alto e é intuída pelo gênio. Depois, dela vos apoderais, a observais, a decompodes e a viveis, passando-a então à vossa vida e às suas leis. Assim desce a ideia, que, quando se fixa na matéria, já esgotou seu ciclo. Então já aproveitastes todo seu suco e a jogais fora, para absorverdes em vossa alma individual e coletiva novo sopro divino.

Vosso século possuiu e desenvolveu uma ideia toda própria, que os séculos precedentes não viam, pois estavam atentos em receber e desenvolver outras. Vossa ideia foi a ciência, com que acreditastes descobrir o absoluto, embora essa também seja uma ideia relativa, que, esgotado seu ciclo, passa; eu venho falar-vos exatamente porque ela está passando.

Vossa ciência lançou-se num beco escuro, sem saída, onde vossa mente não tem amanhã. Que vos deu o último século? Máquinas como jamais o mundo as teve, mas que, no entanto, são apenas

máquinas e que, em compensação, ressecaram vossa alma. Essa ciência passou como um furacão destruidor de toda a fé e vos impõe, com a máscara do ceticismo, um rosto sem alma. Sorris des preocupados, mas vosso espírito morre de tédio, e ouvem-se gritos dilacerantes. Até vossa própria ciência é uma espécie de desespero metódico, fatal, sem mais esperanças. Terá ela resolvido o problema da dor? Que uso sabeis fazer dos poderosos meios que lhe deram os segredos arrancados da natureza? Em vossas mãos, o saber e a força se transformam sempre em meios de destruição.

Para que serve, então, o saber, se, ao invés de vos impulsionar para o Alto, tornando-vos melhores, torna-se para vós instrumento de perdição? Ó cétricos, que julgais ter resolvido tudo, não riais, pois sufocastes o grito de vossa alma, a qual anseia por subir! A dor vos persegue e vos encontrará em qualquer lugar. Sois crianças que julgais evitar o perigo, escondendo a cabeça e fechando os olhos, mas existe uma lei que – invisível para vós, todavia mais forte que a rocha e mais poderosa que o furacão – caminha inexorável, movimentando tudo, animando tudo; essa lei é Deus. Ela está dentro de vós, vossa vida é uma exteriorização dela, e derramará sobre vós alegria ou dor, de acordo com a justiça, como o merecerdes. Eis a síntese que vossa ciência, perdida nos infinitos pormenores da análise, jamais poderá reconstituir. Eis a visão unitária, a concepção apocalíptica que venho trazer-vos.

A fim de me poder fazer compreendido, é imprescindível que fale de acordo com vossa mentalidade e me coloque no momento psicológico que vosso século está vivendo. É indispensável que eu parta justamente dos postulados da vossa ciência, para dar-lhe uma direção totalmente nova. Vosso sistema de pesquisa objetiva, com base na observação e na experiência, não vos pode levar além de certos resultados. Cada meio fornece apenas certo rendimento, não podendo ir além disso, e a razão é um meio. A análise não poderia chegar à grande síntese – grande aspiração que ferve no fundo de todas as almas – senão por meio de um tempo infinito, do qual não dispondes. Vossa ciência arrisca-se a não concluir jamais, e o “ignorabimus” quer dizer falência. A tarefa da ciência não pode ser apenas multiplicar vossas comodidades. Não estranguleis a luz de vosso espírito, única alegria e centelha da vida; não o sufoqueis até

ao ponto de tornar a ciência, que nasce do vosso intelecto, uma fábrica de comodidades. Isto é prostituição do espírito; é vergonhosa venda de vós mesmos à matéria.

A ciência pela ciência não tem valor, vale apenas como meio de ascensão da vida. Vossa ciência tem um pecado original: dirigir-se apenas à conquista do bem-estar material. A verdadeira ciência deve ter como finalidade tornar melhores os homens. Eis a nova estrada que precisa ser palmilhada. Essa é a minha ciência².

□ □ □

Não falo para ostentar sabedoria ou para satisfazer a curiosidade humana, vou diretamente ao objetivo, a fim de vos melhorar moralmente, pois venho para vos fazer o bem. Não me vereis despendendo qualquer esforço para adaptar e enquadrar meu pensamento ao pensamento filosófico humano, ao qual me referirei o menos possível. Ao contrário, ver-me-eis permanecer continuamente em contato com a fenomenologia do universo. Importa escutar verdadeiramente essa voz, que contém o pensamento de Deus. Compreendi-me vós que não acreditais; vós céticos, que julgais sabedoria ignorar as coisas do espírito e que, no entanto, admirais o esforço de conquista exercido pelo homem diariamente sobre as forças da natureza. Ensinar-vos-ei como vencer a morte, como superar a dor, como viver na grandiosidade imensa de vossa vida eterna. Não acorrereis com entusiasmo ao esforço necessário para obter tão grandes resultados? Vamos, então, homens de boa vontade, ouvi-me! Primeiro compreendi-me com o intelecto, pois, quando este ficar iluminado, a fim de que possais ver claramente a nova estrada que vos traço, palpitará também vosso coração e nele se acenderá a chama da paixão, para que a luz se transmude em vida e o conceito em ação.

O momento é crítico, mas é necessário avançar. Então – coisa incrível para a construção psicológica que o último século imprimiu em vós – nova verdade vos é comunicada por meios que desconheceis, para que possais descobrir o novo caminho. O Alto, que vos é invisível, nunca deixou de intervir nos momentos culminantes da história. Que sabeis do amanhã, que sabeis da razão por que vos falo? Quanto podeis imaginar daquilo que o tempo prepara para vós, que estais imersos num átimo fugidio? É

indispensável avançar, mais que isso não vos seria possível. As vias da arte, da literatura, da ciência e da vida social estão fechadas, sem amanhã. Não tendes mais o alimento do espírito e remastigais coisas velhas, que já são produtos de refugo e devem ser expelidas da vida. Falarei do espírito e vos reabrirei aquela estrada para o infinito, que a razão e a ciência vos fecharam.

Ouvi-me, pois. A razão por vós utilizada é um instrumento que possuíis para prover o essencial, as necessidades mais externas da vida: conservação do indivíduo e da espécie. Quando lançais este instrumento no grande mar do conhecimento, ele se perde, porque, neste campo, os sentidos (que muito servem para vossas necessidades imediatas) somente esfloram a *superfície das coisas*, e sua incapacidade absoluta de penetrar a essência vós a sentis. A observação e a experiência, de fato, deram-vos apenas resultados exteriores de índole prática, mas a realidade profunda vos escapa, porque o uso dos sentidos como instrumento de pesquisa, embora ajudado por meios adequados, vos fará permanecer sempre na superfície, fechando-vos o caminho do progresso.

Para avançar ainda, é preciso despertar, educar e desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. Aqui entram em função elementos complementares novos para vós. Terá algum cientista, porventura, pensado que, para compreender um fenômeno, fosse indispensável a própria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciência colocou a priori uma barreira intransponível entre o espírito do observador e o fenômeno. O eu que observa permanece sempre intimamente estranho ao fenômeno, o qual é assim atingido apenas pela estrada estreita dos sentidos. Nunca o cientista abriu sua alma para que, sendo o mistério encarado pelo próprio mistério, ambos se comunicassem e se compreendessem. Jamais pensou também que, para isto, é preciso *amar* o fenômeno, *tornar-se* o fenômeno observado, vivê-lo; é indispensável transportar o próprio eu, com sua sensibilidade, até ao centro do fenômeno, não apenas numa comunhão, mas numa verdadeira transfusão de alma.

Compreendeis-me? Nem todos poderão compreender, pois ignoram o grande princípio do amor; ignoram que a matéria é, em todas as suas formas (até nas menores), sustentada, guiada e organizada pelo espírito, que, em diversos graus de manifestação,

existe por toda a parte. Para compreender a essência das coisas, tereis que abrir as portas de vossa alma e estabelecer, pelos caminhos do espírito, essa comunicação interior, entre espírito e espírito; deveis sentir a unidade da vida, que irmana todos os seres, desde o mineral até o homem, em trocas de interdependências, numa lei comum; deveis sentir esse liame de amor com todas as outras formas da vida, porque tudo, desde o fenômeno químico até o social, é vida, regida por um princípio espiritual. Para compreender, é necessário que possuais uma alma pura e que um liame de simpatia vos una a todo o criado. A ciência ri de tudo isso e, por esse motivo, deve limitar-se a produzir *comodidades* e nada mais. Nisto que vos estou a *dizer* reside exatamente a nova orientação que a personalidade humana deve conseguir, para poder avançar.

II. INTUIÇÃO

Não vos espanteis com esta incompreensível *intuição*³. Começai por não negá-la, e ela aparecerá. O grande conceito que a ciência afirmou (embora de forma incompleta e com consequências erradas), a evolução, não é uma quimera e estimula vosso sistema nervoso para uma sensibilidade cada vez mais delicada, a qual constitui o prelúdio dessa intuição. Assim se manifestará e aparecerá em vós essa psique mais profunda por lei natural de evolução, por fatal maturação, *que está próxima*. Deixareis de lado, para uso da vida prática, vossa psique *exterior* e de superfície, a razão, pois só com a psique *interior*, que está na profundidade de vosso ser, podereis compreender a realidade mais verdadeira, que se encontra na profundidade das coisas. Esta é a única estrada que conduz ao conhecimento do Absoluto. *Só entre semelhantes é possível a comunicação; para compreender o mistério que existe nas coisas, deveis saber descer no mistério que está em vós.*

Não ignorais isto totalmente; olhai admirados tantas coisas que afloram de vossa consciência mais profunda sem poderdes descobrir as origens: instintos, tendências, atrações, repulsas, intuições. Daí nascem irresistíveis todas as maiores afirmações de vossa personalidade. Aí está o vosso verdadeiro e eterno eu. Não o eu exterior, aquele que sentes mais quando estais no corpo, que é filho da matéria e que morre com ela. Esse eu exterior, essa consciência clara, expande-se no contínuo evoluir da vida, aprofunda-se para aquela consciência latente, que tende a vir à tona e a revelar-se. Os dois polos do ser – consciência exterior clara e consciência interior latente – tendem a fundir-se. A consciência clara experimenta, assimila e imerge na latente os produtos assimilados através do movimento da vida, destilando valores e gerando automatismos, que constituirão os instintos do futuro. Assim expande-se a personalidade com essas incessantes trocas e se realiza o grande objetivo da vida. Quando a consciência latente tiver-se tornado clara e o eu tiver pleno conhecimento de si mesmo, o homem terá vencido a morte. Aprofundarei mais adiante essa questão.

O estudo das ciências psíquicas é o mais importante que podeis

fazer hoje. O novo instrumento de pesquisa que deveis desenvolver e que está-se desenvolvendo naturalmente é a consciência latente. Já olhastes bastante para fora de vós. Agora resolvi o problema de vós mesmos, e tereis resolvido todos os outros problemas. Habituai aos poucos vosso pensamento a seguir esta nova ordem de ideias. Se souberdes transferir o centro de vossa personalidade para essas camadas profundas, sentireis revelar-se em vós novos sentidos, uma percepção anímica, uma faculdade de visão direta; esta é a intuição da qual vos falei. Purificai-vos moralmente e refinai a sensibilidade do instrumento de pesquisa que sois vós, e só então podereis *ver*.

Aqueles que absolutamente não sentem essas coisas, os imaturos, ponham-se de lado; torneiem-se até se chafurdarem na lama de suas baixas aspirações, mas não peçam o conhecimento, precioso prêmio concedido apenas a quem duramente o mereceu.

III. AS PROVAS

Se vossa consciência já não vos faz mais admirar qualquer nova possibilidade, como podeis negar a priori uma forma de existência diferente daquela do vosso corpo físico? Deveis pelo menos alimentar a dúvida a respeito da sobrevivência que vosso eu interno vos sugere a cada momento e que inconscientemente, por instinto, sonhais em todas as vossas aspirações e obras. Como podeis acreditar que vossa pequenina Terra, a qual vedes navegar pelo espaço como um grãozinho de areia no infinito, contenha a única forma possível de vida no universo? Como podeis acreditar que vossa vida de dores e alegrias fictícias e contraditórias possa representar toda a vida de um ser?

Então, não esperastes nem sonhastes nada mais alto na diuturna fadiga de vossos sofrimentos e de vosso trabalho? Se eu vos oferecesse uma fuga desses sofrimentos, uma libertação e uma superação; se eu vos abrisse o respiradouro de um grande mundo novo, que ainda desconheceis, e vos permitisse contemplá-lo por dentro para vosso bem, não correríeis como correis para ver as máquinas que devoram o espaço sulcando os céus e ouvem as longínquas ondas elétricas? Vinde. Mostro-vos as grandes descobertas que fará a ciência, especialmente as das vibrações psíquicas, por meio das quais nos é permitido, a nós, espírito sem corpo, comunicar-nos com aquela parte de vós que é espírito, como nós. Segui-me. Não se trata de um lindo sonho nem de fantástica exploração do futuro o que estou fazendo: é o vosso amanhã. Sede inteligentes à altura de vossa ciência; sede modernos, ultramodernos, e vislumbrareis o espírito, que é a realidade do amanhã, e o tocareis com o raciocínio, com o refinamento de vossos órgãos nervosos, com o progresso de vossos instrumentos científicos. O espírito está aí, à espera, e fará vibrar as civilizações futuras.

As verdades filosóficas fundamentais, tão discutidas durante milênios, serão resolvidas racionalmente, por meio da simples razão, porque vossa inteligência terá progredido; o que dantes, por outras forças intelectivas, tinha de ser forçosamente dogma e mistério de fé, será questão de puro raciocínio, será demonstrável e, portanto,

verdade obrigatória para todo o ser pensante.



Não sabeis que todas as descobertas humanas nasceram da profundidade do espírito que contactou com o além? De onde vem o lampejo do gênio, a criação da arte, a luz que guia os líderes dos povos, senão deste mundo, de onde vos falo? As grandes ideias que movem e fazem avançar o mundo, acaso as encontrais no ambiente de vossas competições cotidianas ou no mundo dos fenômenos que a ciência observa? Então, de onde vêm?

Não podeis negar o progresso: o próprio materialismo, que vos tornou céticos, teve de proferir a palavra *evolução*. Vós mesmos que negais estais todos ansiosos e ávidos de ascensão; não podeis negar que o intelecto progride e que existem alguns homens mais adiantados do que outros. Portanto não pode ser impossível para a razão e para a ciência admitir que alguns dentre vós tenham atingido, por evolução, tal sensibilidade nervosa de sentir o que não conseguis perceber: as ondas psíquicas, que nós, os espíritos, transmitimos. São eles os médiuns espirituais, verdadeiros instrumentos receptores de correntes e de conceitos que podemos transmitir. Esse é o mais alto grau de mediunidade (em alguns casos totalmente consciente), quando podem-se estabelecer relações de sintonia; disso nos servimos para o elevado objetivo de vos transmitir nosso pensamento.

Muitos médiuns ouvem com novo sentido de audição psíquica, não mais com o acústico. Ouvem-nos com seu cérebro. Sintonia quer dizer capacidade de ressonância. Espiritualmente, sintonia é simpatia, isto é, capacidade de sentir em uníssono. Tanto acústica, como elétrica ou espiritualmente, o princípio vibratório de correspondência é o mesmo, porque a Lei é una em todos os campos⁴.

Naturalmente, quem não ouve nega; mas não poderá e *não terá o direito de negar* que os outros possam ouvir e que ouçam. Quem nega pede provas e só se dispõe a conceder seu consentimento depois de haver verificado esses fatos, necessários para sacudir esse seu tipo de mentalidade. Jamais pensastes na relatividade de vossa psicologia, devida aos diversos graus de evolução de cada um? Jamais pensastes naquilo que impressiona a mente de um, mas deixa a de outro

indiferente, e como cada um exige a “sua” prova? Que número enorme de provas seria necessário para cada um sentir-se impressionado em sua própria sensibilidade particular! Para cada indivíduo há um fato específico para inserir-se em sua vida, em sua concepção de vida, na orientação dada a todos os seus atos. O próprio raciocínio não serve para todos, porque a demonstração, com frequência, torna-se discussão, que, em lugar de convencer, transforma-se em desabafo agressivo, exemplo de luta que exacerba os ânimos.

Restaria o prodígio. Mas as leis de Deus são imutáveis, porque perfeitas, e o que é perfeito não pode ser alterado nem corrigido. Acreditai: só em vossa psicologia, sedenta de violações, pode existir esse pensamento atrasado de que uma violação seja prova de força. Isso pode ter ocorrido em vosso passado de homens selvagens, imbuídos de luta e rebelião; para nós, o poder está na ordem, no equilíbrio, na coordenação das forças, e não na revolta, na desordem, no caos.

Além disso, um milagre vos convenceria? O Cristo fez tantos! Acreditastes? Um milagre é sempre um fato exterior a vós; podeis negá-lo todas as vezes que vos for cômodo, porque perturba vossos interesses.

Conclusão: se tendes pureza de ânimo e sinceridade de intenções, então sentireis em minha palavra a verdade, sem provas exteriores (eis a intuição), pelo seu tom e conteúdo; se, no entanto, estais de má fé e vos aproximais com duplo fim, para demolir ou especular, porque, acima de qualquer discussão, já colocastes o preconceito de vosso interesse ou vantagem, então estais armados para recusar qualquer prova. O fato não é externo, não é apreciável pelos sentidos – sendo, portanto, sempre discutível para quem queira negá-lo – mas é antes íntimo, intrínseco.

A verdadeira prova é apenas uma. É a mão de Deus que vos alcança em vossas próprias casas, é a dor que, superando as barreiras humanas, vos atinge e vos sacode, é a crise do espírito, é a maturação do destino, é a tonitruante voz do mistério, que vos surpreende a cada esquina da vida e vos diz: basta! Eis o caminho! Essa prova, vós a sentis; ela vos perturba, esmaga, espanta, mas é irresistível, transforma-vos e vos convence. Então vós, negadores irônicos, vos

ajoelhais, tremeis e chorais. Chegou o grande momento. Deus vos tocou. Eis a prova!

Vossa vida está cheia dessas forças desconhecidas em ação. São as maiores, das quais dependem vossas vicissitudes e o destino dos povos. Quantas já não estão prontas a se moverem no desconhecido amanhã, mesmo contra vós que me ledes? Os inconscientes sacodem os ombros ao amanhã; só os corajosos ousam olhá-lo de frente, seja bom ou ruim. Eu falo, ó homem, de vosso destino, de vossa vitória e de vossas dores de amanhã, não apenas daquele longínquo futuro sobre o qual não vos preocupais, mas de vosso futuro próximo. Minhas palavras vos darão um novo e mais profundo sentido da vida e do destino, de vossa vida e de vosso destino.

Já falei ao mundo e aos povos de seus grandes problemas coletivos. Agora falo a vós, no silêncio de vosso recolhimento. Minhas palavras são boas e sábias e visam a fazer de vós um ser melhor, para vós mesmos, para vossa família, para vossa pátria.

IV. CONSCIÊNCIA E MEDIUNIDADE

Tendes meios para comunicar-vos com seres mais importantes que aqueles a quem chamais habitantes de Marte, mas são meios de ordem psíquica, não instrumentos mecânicos; meios psíquicos cuja realidade a ciência (que pesquisa de fora para dentro) e a vossa evolução (que se expande de dentro para fora) trarão à luz. Pode chamar-se consciência latente, uma consciência mais profunda que a normal, onde se encontram as causas de muitos fenômenos inexplicáveis para vós. O sistema de pesquisa positiva, ao vos fazer olhar mais profundamente as leis da natureza, também vos fez descobrir o modo de transformar as ondas acústicas em elétricas, dando-vos um primeiro termo de comparação sensível daquela materialização de meios que empregamos. Já vos avizinhares um pouco e hoje podeis, mesmo cientificamente, compreender melhor.

Acompanhai-me, caminhando do exterior, onde estais com vossas sensações e vossa psique, para o interior, onde estou eu como entidade e como pensamento. No mundo da matéria, temos primeiro os fenômenos; depois, vossa percepção sensória e, finalmente, por meio de vosso sistema nervoso convergente para o sistema cerebral, vossa síntese psíquica: a consciência. Até aqui chegastes pela pesquisa científica e experiência cotidiana. Vosso materialismo não errou, quando viu nessa consciência uma alma filha da vida física e destinada a morrer com ela. Mas trata-se apenas de uma *psique de superfície*, resultado do ambiente e da experiência, servindo à satisfação de vossas necessidades imediatas; sua tarefa termina quando vos tenha guiado na luta pela vida. Esse instrumento, como já vos disse, não pode ultrapassar essa tarefa; lançado no grande mar do conhecimento, perde-se; trata-se da razão, do bom senso, da inteligência do homem normal, que não vai além das necessidades da vida terrena.

Se descermos mais na profundidade, encontraremos a consciência latente, que está para a consciência exterior e clara, assim como as ondas elétricas estão para as ondas acústicas. A essa consciência mais profunda pertence aquela intuição, que é o meio perceptivo, ao qual é necessário chegar, como vos disse, para que vosso

conhecimento possa progredir.

Vossa consciência latente é vossa verdadeira alma eterna, existe antes do nascimento e sobrevive à morte corporal. Quando, ao avançar, a ciência chegar até ela, ficará demonstrada a imortalidade do espírito. Mas hoje não estais conscientes dessa profundidade, não sois sensíveis a esse nível e, não tendo em vós mesmos nenhuma sensação, a negais. Vossa ciência corre atrás de vossas sensações, sem suspeitar que estas podem ser superadas, ficando nelas circunscrita como num cárcere. Essa parte profunda de vós mesmos está imersa em trevas, pelo menos assim é para a grande maioria dos homens, que, por conseguinte, nega e, sendo maioria, faz e impõe a lei, relegando a um campo comum de fora da normalidade e juntando em dolorosa condenação tanto o subnormal, isto é, o patológico ou involuído, como o supranormal, elemento superevoluído do amanhã. Neste campo muito errou o materialismo. Apenas alguns indivíduos excepcionais, precursores da evolução, estão conscientes na consciência interior. Esses ouvem e dizem coisas maravilhosas, mas vós não os compreendeis senão muito tarde, depois que os martirizastes. No entanto esse é o estado normal do super-homem do futuro.

Acenei a essa consciência interior, porque ela é a base da mais alta forma de vossa mediunidade: a *mediunidade inspirativa, ativa e consciente*, que é justamente a manifestação da personalidade humana, quando esta, por evolução, atinge esses estados profundos de consciência, que podem chamar-se intuição.

Vossa consciência humana é o órgão exterior através do qual vossa verdadeira alma eterna e profunda se põe em contato com a realidade exterior do mundo da matéria. Por intermédio deste órgão, a alma experimenta todas as vicissitudes da vida; faz destas experiências um tesouro, assimilando-lhes o suco destilado, do qual ela se apodera, tornando suas estas qualidades e capacidades, que mais tarde constituirão os instintos e as ideias inatas do futuro. Assim, a essência destilada da vida desce em profundidade no íntimo do ser, fixando-se na eternidade como qualidades imperecíveis, de modo que nada, de tudo o que viveis, lutais e sofreis, perder-se-á em sua substância. Vedes que, com a repetição, todos os vossos atos tendem a se fixar em vós, como automatismos, que são os hábitos,

isto é, uma roupagem sobreposta à personalidade. Essa descida das experiências da vida se estratifica em torno do núcleo central do eu, que, com isso, agiganta-se num processo de expansão contínua. Assim, a realidade exterior (tanto mais relativa e inconsistente quanto mais exterior) sobrevive àquela caducidade à qual está condenada pelo constante transformismo que a acompanha, transmitindo ao eterno aquilo que vale e que a sua existência produz. Por isso nada morre no imenso turbilhão de todas as coisas; todo ato de vossa vida tem valor eterno.

Quem consegue ser consciente também na consciência latente encontra seu eu eterno e, na vasta complexidade das vicissitudes humanas, pode reencontrar o fio condutor ao longo do qual, logicamente, segundo uma lei de justiça e de equilíbrio, desenvolve-se o próprio destino. Então vive sua vida maior na eternidade e, com isso, vence a morte. Ele se comunica livremente, mesmo na Terra, por um processo de sintonia, o qual implica afinidade com as correntes de pensamento que existem além das dimensões do espaço e do tempo. Em outro lugar acenei à técnica dessa comunicação conceptual ou mediunidade inspirativa.

Tracei-vos, assim, o quadro da técnica de vossa ascensão espiritual, efeito e meta de vossa vida. Em minhas palavras vereis sempre pairar esta grande ideia da evolução, não no limitado conceito materialista de evolução de formas orgânicas, mas no bem mais vasto conceito de evolução de formas espirituais, de ascensão de almas. Este é o princípio central do universo, a grande força motriz de seu funcionamento orgânico. O universo infinito palpita de vida, que, ao reconquistar sua consciência, retorna a Deus. É esse o grande quadro que vos mostrarei. Essa é a visão que, partindo de vossos conhecimentos científicos, indicar-vos-ei. Minha demonstração, lembrai-vos, embora se inicie com uma investigação para uso dos céticos, é um lampejo de luz que lanço ao mundo, é imensa sinfonia que canto em louvor de Deus.

V. NECESSIDADE DE UMA REVELAÇÃO

Falei de vossa razão humana, com a qual construístes vossa ciência, e afirmei não só a relatividade desse instrumento de pesquisa, mas também a sua insuficiência como meio para conquistar o conhecimento do Absoluto.

Agora vos conduzo lentamente, cada vez mais próximo do centro da questão. O estudo que vos exponho representa novo princípio para vossa ciência e filosofia, novo rumo para vosso pensamento. O momento psicológico que a humanidade atravessa hoje requer a ajuda dessa revelação. Não vos assusteis com essa palavra; revelação não é apenas aquilo de que nasceram as religiões, mas também qualquer contato da alma humana com o pensamento íntimo que existe na criação, contato que revela ao homem um novo mistério do ser. Como está hoje – vós o sabeis – a psicologia humana não tem amanhã; ela o busca ansiosamente, mas, por si só, não sabe achá-lo. Espera algo, confusamente, sem saber o que poderá nascer, de onde e como; mas espera por necessidade íntima, por imperioso instinto, porque este constitui lei da vida; permanece na expectativa de ouvir algo e se limita a avaliar as vozes, as verdadeiras e as falsas, a fim de escolher aquela que corresponderá a seu infalível instinto e que, descendo das profundidades do infinito, será a única a fazê-la tremer. Esperam-na, sobretudo, os homens de pensamento, que estão à frente do movimento intelectual; esperam-na os homens de ação, que estão à frente do movimento político e econômico do mundo. A mente humana procura um conceito que a abale, conceito profundo e mais poderosamente sentido, que a oriente para a iminente nova civilização do Terceiro Milênio.

Alguns dos conceitos de que dispodes são insuficientes, outros estão esgotados, outros se encontram tão cobertos de incrustações humanas, que por estas ficam esmagados. A ciência, tão engeguecida de orgulho desde que nasceu, demonstrou-se impotente diante dos “últimos porquês” e, com a pretensão de generalizar, partindo de poucos princípios, os mais baixos, prejudicou-vos, abaixando-vos, fazendo-vos retroceder para aquela matéria, a única que estudava. As filosofias são produtos individuais, elevando a sistema aquela

indiscutível premissa que é o próprio eu; embora sendo intuições, são intuições parciais, visões pessoais que só interessam ao grupo dos afins. O bom senso é instrumento imediato para as finalidades materiais da vida e não pode superá-las, então não pode bastar. As religiões – tantas e, erro imperdoável, todas lutando entre si, exclusivistas na posse da verdade, e isto em nome do próprio Deus – aplicam-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divide. Anseiam invadir o mundo todo, ao invés de se coordenarem no nível que lhes compete, em relação à profundidade da revelação recebida. Infelizmente, recobriram de humanidade a originária centelha divina.

Devo definir desde logo meu pensamento, para não ser mal interpretado e posto na mira dos ansiosos de destruição e agressividade humana. Não venho para combater nenhuma religião, mas para coordená-las todas, como diferentes aproximações da verdade, UNA, e não múltipla como quereríeis. No entanto coloco no mais alto posto da Terra a revelação e a religião de Cristo, porque é a mais completa e perfeita dentre todas. Esclarecido este conceito, prossigo e verifico o fato inegável de que nenhuma de vossas crenças hoje levanta, abala e verdadeiramente arrasta as massas.

Diante das grandes paixões que outrora moviam os povos, hoje o espírito se encontra adormecido no ceticismo; caiu de tal forma no vazio, que não tem força para se rebelar, nem sombra de interesse, ainda que para negar; tornou-se um nada recoberto por sorridente máscara; desceu ao último degrau; está na última fase de esgotamento: a indiferença. Esse é o quadro de vosso mundo espiritual. Infelizmente, o que vos guia de fato na vida real é bem outra coisa: é o egoísmo, são vossas baixas paixões, em que acreditais cegamente. Mas a isto não podeis chamar uma orientação, um princípio capaz de vos dirigir a objetivos mais elevados. Se isto constitui um princípio, trata-se de um princípio de desagregação e de ruína; para tal estado, com efeito, corre o mundo em grande velocidade.

Então não é por acaso que vos chega minha palavra. Ela vem não para destruir as verdades que possuís, mas para repeti-las de forma mais persuasiva, mais evidente, mais adaptada às novas necessidades da mente humana. Vossa psicologia não é a mesma de vossos pais, e

as formas adequadas para eles não o são para vós; sois inteligências que saíram da menoridade; vossa mente habituou-se a olhar por si e hoje pode suportar visões mais vastas; pede, quer saber e tem direito de saber mais. Por vossa maturação, podeis hoje ver e resolver diretamente problemas que mal eram suspeitados por vossos avós. Além disso, vossos problemas individuais e coletivos se tornaram por demais complexos e delicados para que possam ser suficientes os anunciados sumários das verdades conhecidas. No atual período de grandes maturações, vós, a cada momento, superais vossas ideias com uma velocidade sem precedentes para vós. Pondo de parte os imaturos e mentirosos, existe grande número de honestos que precisam saber mais e com maior precisão. Enfim, dispondes hoje, com os meios mecânicos fornecidos pela ciência e os segredos que tendes sabido arrancar à natureza, de muito maior potência de ação do que no passado, potência que requer de vós, que a manejais, uma sabedoria muito maior, a fim de que essa potência não se torne, manejada com a mentalidade pueril e selvagem dos séculos passados, em vossa destruição, mas sim em vosso engrandecimento. Então é chegada a hora de dizer minha palavra.

VI. MONISMO

Aproximemo-nos ainda mais da questão a ser desenvolvida. Eram indispensáveis essas premissas, para vos conduzir até aqui. Observai meu modo de proceder ao expor meu pensamento. Avanço seguindo uma espiral que gradualmente aperta suas volutas concêntricas e, se passo de novo pela mesma ordem de ideias, toco o raio que parte do centro num ponto cada vez mais próximo dele. Guio vosso pensamento para este centro. Nesta exposição, parto da periferia e vou para o interior; começo na matéria, que é a realidade de vossos sentidos, e alcanço o espírito, que contém uma realidade mais verdadeira e mais elevada; dirijo-me da superfície ao âmago, da multiplicidade fenomênica ao princípio único que a rege. Por isso denominei este tratado de *A Grande Síntese*.

Estou no outro polo do ser, no extremo oposto àquele em que estais; vós, seres racionais, sois análise; eu, intuitivo (contemplação, visão), sou síntese. Mas desço agora à vossa psicologia racional de análise, tomo-a como ponto de partida, a fim de vos levar à síntese como ponto de chegada. Parto da forma para vos explicar o motor – o impulso obscuro e palpitante – que a anima, tenazmente aprofundando no mistério. Penetro, sintetizo e aperto num monismo absoluto os imensos pormenores do mundo fenomênico, incomensuravelmente vasto se o multiplicais pelo infinito do tempo e do espaço; canalizo a multiplicidade dos efeitos – dos quais a ciência, com imenso esforço, vislumbrou algumas leis – nos caminhos convergentes que conduzem ao princípio único. Farei desse mundo, que pode parecer caótico a vossas mentes, um organismo completo e perfeito. A complexidade que vos desanima será reconduzida e reduzida a um conceito central único e simples, a uma lei única, que dirige tudo.

A isto podeis chamar de *monismo*. Atentai mais aos conceitos que às palavras. Por vezes a ciência acreditou ter descoberto e criado um conceito novo, só porque inventou uma palavra. E o conceito é este: como do *politeísmo* passastes ao *monoteísmo*, isto é, à fé num só Deus (mas sempre antropomórfico, pois realiza uma criação fora de si), agora passais ao *monismo*, isto é, ao *conceito de um Deus que é a*

criação. Lede mais, antes de julgar. Farei que lampeje em vossas mentes um Deus ainda maior que tudo o que pudestes conceber. Do politeísmo ao monoteísmo e ao monismo, dilata-se vossa concepção de Divindade. Este tratado, pois, é o hino de Sua glória.

Sinto já esta síntese suprema num lampejo de luz e de alegria. Quero conduzir-vos, a vós também, a essa meta, por meio do estudo do funcionamento orgânico do universo. Este tratado vos aparecerá assim como uma progressão de conceitos, uma ascensão contínua por aproximações graduais e sucessivas. Poderá também parecer-vos uma viagem do espírito; é verdadeiramente a grande viagem da alma que regressa ao seu Princípio; da criatura que regressa a seu Criador. Cada novo horizonte que a razão e a ciência vos mostraram era apenas uma janela aberta para um horizonte ainda mais longínquo, sem jamais atingir o fim. Eu, porém, vos indicarei o último termo, que está no fundo de vós mesmos, onde a alma repousa. Progredindo da periferia para o centro, subiremos das ramificações dos últimos efeitos, ao tronco da causa primeira, que se multiplicou nesses efeitos.

A realidade em vosso mundo está fracionada por barreiras de espaço e de tempo; a unidade aparece como que pulverizada no particular; vemos o infinito dividido e fragmentado, corrompido no finito; o eterno, no caduco; o absoluto; no relativo. Mas percorreremos o caminho inverso a essa descida e reencontraremos aquele infinito, que jamais a razão vos poderia dar, porque a análise humana não pode percorrer a série dos efeitos através de todo o espaço, por toda a eternidade, e não dispõe daquele infinito pelo qual seria indispensável multiplicar o finito para obter a visão do Absoluto.

A finalidade desta viagem é dar ao homem nova consciência cósmica. Uma consciência que o faça sentir-se não apenas indestrutível e eterno membro de uma humanidade que abarca todos os seres do universo, mas também representante de uma força que desempenha um papel importante no funcionamento orgânico do próprio universo. Viveis para conquistar uma consciência cada vez mais ampla. O homem, rei da vida no planeta Terra, conquistou uma consciência individual própria, que constitui prêmio e vitória. Agora está construindo outra mais vasta: a consciência coletiva, que o

organiza em unidades nacionais e se fundirá numa unidade espiritual ainda mais vasta: a humanidade. Eu, porém, lanço a semente de uma consciência universal, a única que vos pode dar a visão de todos os vossos deveres e direitos e poderá, perfeitamente, guiar todas as vossas ações, além de solucionar todos os vossos porquês. Partindo de vosso cognoscível científico humano, esse caminho também atingirá conclusões de ordem prática, individual e social. A exposição das leis da vida tem como objetivo vos ensinar normas mais completas de comportamento. Sabendo olhar no abismo de vosso destino, sabereis agir cada vez com mais elevação.

Eis traçada a estrada que percorreremos. E a seguiremos não apenas para saber, mas também para agir depois. Quando se fizer luz na mente, o coração se acenderá de paixão para marchar seguindo a mente que viu.

Ascensão é a ideia dominante. Deus é o centro. Este tratado é mais que uma grande síntese científica e filosófica: é uma revolução introduzida em vosso sistema de pesquisa; uma nova direção dada ao pensamento humano, para, após este impulso, canalizá-lo em novo caminho de conquistas; uma revolução que não arrasa nem nega para implantar arbítrio e desordem, mas afirma e cria, guiando-vos a uma ordem e equilíbrio cada vez mais completos e complexos, em direção a uma lei cada vez mais forte e mais justa. Pois bem, para ajudar a nascer em vós esta nova consciência que está por surgir à luz, para estimular esta vossa transformação que está iminente, imposta pela evolução, da fase humana à fase super-humana, eu vos ensino novo método de pesquisa, praticado por via da intuição. Indico-vos a possibilidade de uma nova ciência, conquistada com o sistema dos místicos, no qual os fenômenos são penetrados por meio de nova sensibilidade, abrindo, para além das vias dos sentidos, as portas da alma, da qual vos terei ensinado todos os insuspeitados recursos e meios de percepção direta. Desse modo, os fenômenos não serão mais vistos, ouvidos nem tocados por um eu qualquer, mas sentidos por um ser que se transformou em delicadíssimo instrumento de percepção, porque sensitivamente evoluído, nervosamente refinado e, sobretudo, moralmente aperfeiçoado. Ciência nova, conduzida pelos caminhos do amor e da elevação espiritual, é a ciência do super-homem, que está para nascer e fundará a nova civilização do

Terceiro Milênio⁵.

VII. ASPECTOS ESTÁTICO, DINÂMICO E MECÂNICO DO UNIVERSO

Chegando a este ponto, podemos estabelecer, em suas grandes linhas, os conceitos fundamentais, que depois desenvolveremos analiticamente.

Não vos digo: observemos os fenômenos e deduzamos de suas consequências os princípios que os regem, mas vos digo: o quadro do universo é este, observai e vereis que os fenômenos aí se encaixam e a ele correspondem em sua totalidade. O universo é a unidade que abarca tudo o que existe. Essa unidade pode ser considerada sob três aspectos: estático, dinâmico e mecânico.

Em seu aspecto *estático*, a unidade-todo é considerada abstratamente seccionada em um átimo de seu eterno devenir, para que vossa atenção possa observar particularmente a estrutura, mais que o movimento. Como estrutura, o universo é um organismo, ou seja, um todo composto de partes não reunidas ao acaso, mas com ordem e proporção recíproca, as quais, mesmo que momentânea e excepcionalmente possa ocorrer o contrário, sempre se correlacionam entre si, como é necessário num organismo cujas partes, ao funcionarem, devem coordenar-se num objetivo único.

Em seu aspecto *dinâmico*, a unidade-todo é considerada naquilo que verdadeiramente é: um eterno devenir. O universo é um movimento contínuo. Movimento significa trajetória; trajetória significa um objetivo a atingir. Na realidade, o aspecto dinâmico se funde com o estático, isolamo-lo apenas para facilitar as observações. O movimento é orgânico, é funcionamento de partes coordenadas. Assim, o conceito de simples movimento se define e se completa num vir-a-ser mais complexo, que já não é só movimento físico, mas também transformismo fenomênico, e o conceito de trajetória amplia-se com o significado de progresso em direção a uma meta definida.

O aspecto *mecânico* é apenas o conceito de movimento abstratamente isolado, a fim de poder analisá-lo melhor, colhendo o princípio e definindo sua lei por meio do estudo da trajetória-tipo dos movimentos fenomênicos. É o estudo da Lei como forma e norma do

devenir.

Resumindo:

O aspecto *estático* nos mostra o universo em sua estrutura e forma; o aspecto *dinâmico*, em seu movimento e vir-a-ser; o aspecto *mecânico*, em seu princípio e em sua lei. Mas esses aspectos são somente pontos de vista diferentes do mesmo fenômeno. Os três coexistem sempre, em toda parte, e os encontramos conexos.

Do exame desses três aspectos surge a ideia gigantesca que domina todo o universo. Quer o observemos como organismo, como devenir ou como lei, chegaremos ao mesmo conceito por três estradas diferentes, que se somam e reforçam a conclusão. Ascendemos assim ao princípio único, à ideia central que governa o universo. Esse princípio, essa ideia, é *ordem*. Imaginai, se a ordem não reinasse soberana, que choque tremendo sofreria um funcionamento tão complexo como é o da criação, um transformismo que jamais para! Somente esse princípio pode estabilizar um movimento de tamanha vastidão. Cada fenômeno, em cada campo, tem uma trajetória própria de desenvolvimento, que é a sua lei, coordenada à lei maior, e que não pode ser modificada; tem uma vontade de existir numa forma que o individualiza e de mover-se para atingir uma meta exata, razão de sua existência; é lançado com velocidade e massa que o distingue inconfundivelmente entre todos os demais fenômenos. Como poderia tudo mover-se sem precipitar-se num cataclismo imediato e universal, se cada trajetória não tivesse sido já traçada inviolavelmente? Não podeis deixar de encontrar esse princípio de uma lei soberana em toda parte e a todo momento. Não vos falo apenas de fenômenos biológicos, astronômicos, físicos ou químicos. Vossa vida individual, vossa história de povos, vossa vida social têm suas leis. Vossas estatísticas, pelo princípio dos grandes números, colhem-nas e podem dizer-vos quantos nascimentos, mortes ou delitos acontecerão aproximadamente nos anos seguintes. Também o campo moral e espiritual tem suas leis; embora sua complexidade vos faça perder o rastro, a Lei subsiste também nesse campo, matematicamente exata. Se podeis mover-vos, agir e conseguir qualquer resultado, é porque tudo em torno de vós se move com ordem, de acordo com uma lei, e nessa lei tendes sempre confiança, porque só ela vos garante a constância dos efeitos e das

reações. Lei não inexorável nem insensível, mas complexa, extraordinariamente complexa em todo o entrelaçamento de suas repercussões; uma lei elástica, adaptável, compensadora, construída com tão vasta amplitude, que abarca em seu âmbito todas as possibilidades. Lei, sempre lei, exata nas consequências de qualquer ato, férrea nas conclusões e sanções, poderosa, imensa, matematicamente precisa em sua manifestação.

Ela é ordem e, como tal, mais ampla e poderosa que a desordem, portanto a engloba e a guia para suas metas; ela é equilíbrio, mais vasto que o desequilíbrio, o qual abarca e limita num âmbito intransponível. Equilíbrio e ordem são também o Bem e a Alegria. Em todos os campos, uma só é a lei. A alegria é mais forte que a dor, que se torna instrumento de felicidade; o bem é mais poderoso que o mal, limitando-o e constringindo-o para os seus objetivos. Se a desordem, o mal e a dor existem, existem tão somente como reação, como exceção, como condição, como contragolpe fechado dentro de diques invisíveis, determinados e invioláveis. Esta é a verdade, embora seja difícil demonstrá-la à vossa razão, que observa a matéria. Por estar à distância máxima do centro da causa primeira, a matéria é o que há de menos apto para vos revelar essa causa; embora contenha em si todo o princípio, esconde-o mais secretamente em seu âmago.

Não confundais a ordem e a presença da Lei com um automatismo mecânico e um fatalismo absurdo. A ordem, vo-lo disse, não é rígida, mas apresenta espaços elásticos, contém subdivisões de desordem, imperfeição, complica-se em reações, mas permanece ordem e lei no conjunto, no absoluto. Um exemplo: em oposição à vontade da Lei, tendes a vontade de vosso livre arbítrio, mas é vontade menor, marginalizada, circunscrita por aquela vontade maior; podeis agitar-vos a vosso bel prazer, como dentro de um recinto, mas não além dele.

Essa movimentação vos é permitida por ser necessária para que sejais livres e responsáveis no ambiente que vos cerca e possais assim, com liberdade e responsabilidade, conquistar vossa felicidade. Resolvi (assim de passagem) o conflito que para vós é insolúvel entre determinismo e livre-arbítrio. Estes conceitos vos levarão, posteriormente, a conceber uma moral exata científica.

VIII. A LEI

A Lei. Eis a ideia central do universo, o sopro divino que o anima, governa e movimenta, tal como vossa alma, pequena centelha dessa grande luz, governa vosso corpo. O universo de matéria estelar que vedes é como a casca, a manifestação externa, o corpo daquele princípio que reside no âmago, no centro.

Vossa ciência, que observa e experimenta, permanece na superfície e procura encontrar esse princípio através de suas manifestações. As poucas verdades particulares que aprendeu são apenas farrapos mal remendados da grande lei. A ciência observa, supõe um princípio secundário, deduz uma hipótese, trabalha sobre ela, esperando uma confirmação da experiência, e daí conclui uma teoria. Mas vislumbra somente uma pequena ramificação derradeira do conceito central, porque este se defenderá com o mistério, até que o homem seja menos malvado, menos propenso a fazer mau uso do saber e mais digno de olhar na face as coisas santas.

Falo-vos de coisas eternas, e não vos choque esta linguagem, para vós anticientífica; ela se mantém fora da psicologia que vosso atual momento histórico vos proporciona. Minha ciência não é agnóstica e impotente para concluir como a vossa, nem é ciência de um dia. Lembrai-vos de que a verdadeira ciência toca e mergulha nos braços do mistério sagrado, santo e divino. A verdadeira ciência é religião e prece, somente podendo ser verdadeira, se também for fé de apóstolo e heroísmo de mártir.

A Lei é Deus. Ele é a grande alma que está no centro do universo. Não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração. Desse centro, Ele irradia e atrai, pois Ele é tudo: o princípio e suas manifestações. Eis como Ele pode – coisa inconcebível para vós – ser realmente onipresente.

É necessário esclarecer este conceito. Chegou o momento de retomar a ideia de que partimos, dos três aspectos do universo, para aprofundá-la.

A esses três aspectos correspondem três modos de ser do universo.

A *estrutura* ou forma, o *movimento* ou vir-a-ser e o *princípio* ou

lei podem também denominar-se:

Matéria

Energia

Espírito

ou também, movendo-se no sentido inverso:

Pensamento

Vontade

Ação

Do primeiro modo de ser, que é:

Espírito

Pensamento

***Princípio ou
Lei***

deriva o segundo, que é:

Energia

Vontade

***Movimento
ou vir-a-ser***

e do segundo, o terceiro, que é:

Matéria

Ação

***Estrutura ou
forma***

Esses três modos de ser estão coligados por relações de derivação recíproca. Para tornar mais simples a exposição, reduziremos esses conceitos a símbolos. A ideia pura, o primeiro modo de ser do universo – a que chamaremos espírito, pensamento, Lei, e que representaremos com a letra α (alfa) – condensa-se e se materializa, revestindo-se com a forma de vontade, concentrando-se em energia, exteriorizando-se no movimento, segundo modo de ser, que representaremos com a letra β (beta); num terceiro tempo, passamos (em virtude de mais profunda materialização, ou condensação, ou exteriorização) ao modo de ser que denominamos matéria, ação, forma, isto é, o mundo de vossa realidade exterior, que representaremos com a letra γ (gama).

O universo resulta constituído por uma grande onda que de α , o espírito (puro pensamento, a Lei, que é Deus), caminha num devenir contínuo, movimento feito de energia e vontade (β), para atingir seu último termo, γ , a matéria, a forma. Dando ao sinal “ $\rightarrow$ ” o sentido de “vai para”, poderemos dizer: $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$.

O espírito, α , é o princípio, o ponto de partida dessa onda; γ , a matéria, é o ponto de chegada. Mas compreenderéis, qualquer movimento, se aplicado constantemente numa só direção, deslocaria

todo o universo (em sentido lato, não apenas espacial), com acúmulos de um lado e vazios de outro, proporcionais e definitivos. Então é necessário, para manter o equilíbrio, que a grande onda de ida seja compensada por outra onda equivalente de volta. Isso é também lógico e se realiza em virtude de uma lei de complementaridade, pela qual cada unidade é metade de outra unidade mais completa. O movimento que existe no universo não é jamais um deslocamento unilateral, efetivo e definitivo, mas é sempre a metade – inversa e complementar da sua contraparte – de um ciclo que, numa vibração de ida e volta, retorna ao ponto de partida, após haver cumprido determinado devenir.

A esse movimento descêntrico que vimos, de expansão e exteriorização, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, segue-se então um movimento concêntrico inverso: $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Há, pois, o movimento inverso, pelo qual a matéria se desmaterializa, desagrega-se e expande-se em forma de energia, vontade, movimento; é um tornar-se que, por meio das experiências de infinitas vidas, reconstrói a consciência ou espírito. Aqui, o ponto de partida é γ , a matéria, e o ponto de chegada é α , o espírito. Assim a espiral que, antes, era aberta, agora se fecha; a pulsação de regresso completa o ciclo iniciado pelo de ida.

Este é o conceito central do funcionamento orgânico do universo. A primeira onda se refere à criação, à origem da matéria, à condensação das nebulosas, à formação dos sistemas planetários, do vosso sol, do vosso planeta, até à condensação máxima. A segunda onda, de regresso, é a que vos interessa e viveis agora, refere-se à evolução da matéria até às formas orgânicas, à origem da vida; com a vida, tem-se a conquista de uma consciência cada vez mais ampla, até à visão do Absoluto. É a fase de regresso da matéria, que, por meio da ação, da luta, da dor, reencontra o espírito e volta à ideia pura, despojando-se, pouco a pouco, de todas as cascas da forma.

Estas simples indicações já esboçam a solução de muitos problemas científicos, como o da constituição da matéria, ou como o da possibilidade de, por desagregação, extrair dela, à semelhança de imenso reservatório, a energia, que não seria senão a passagem de $\gamma \rightarrow \beta$. A energia atômica que procurais existe, e a encontrareis⁶.

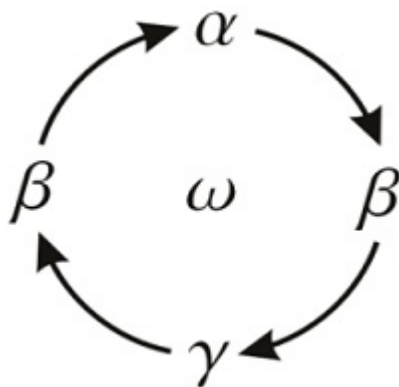
Estes apontamentos projetam a solução de muitos complexos problemas morais. Diante da grande caminhada que seguis está

escrita a palavra *evolução*, e a ciência não pôde deixar de vê-la, no entanto apenas a vislumbrou nas formas orgânicas, e não em toda sua imensa vastidão. Vosso ciclo poderia definir-se como um fisio-dínamo-psiquismo. A fórmula é: $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$.

IX. A GRANDE EQUAÇÃO DA SUBSTÂNCIA

Os dois movimentos, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ e $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, coexistem, portanto, continuamente no universo, em um constante equilíbrio de compensação. Evolução e involução. A condensação das nebulosas e a desagregação atômica são nascimento e morte numa direção, morte e nascimento em outra. Nada se cria, nada se destrói, mas tudo se transforma. O princípio é igual ao fim.

Querendo exprimir essa coexistência, poderemos reunir as fórmulas dos dois movimentos, semiciclos complementares, numa fórmula única que representa o ciclo completo:



Mas definamos melhor ainda o conceito orgânico do universo, não mais o considerando em seu aspecto dinâmico de movimento, mas sim em seu aspecto estático, no qual, mais que o transformismo dos três termos, ressalta sua equivalência. Em seu aspecto estático, as fórmulas se tornam uma só fórmula, que denominaremos a “*Grande Equação da Substância*”, ou seja:

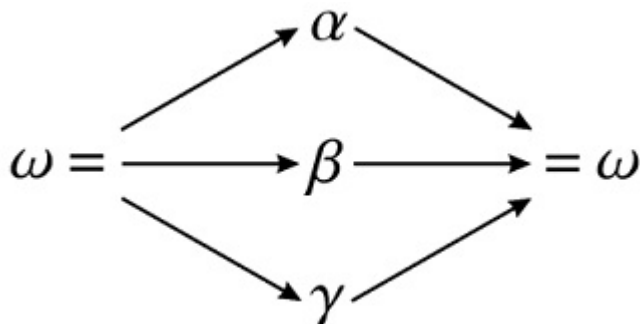
$$(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$$

A letra ω (ômega) representa o universo, o todo.

Este é o conceito mais completo de Deus, ao qual só agora chegamos: a grande alma do universo, centro de irradiação e de atração; Aquele que é tudo, o princípio e suas manifestações. Eis o novo monismo, que sucede ao politeísmo e ao monoteísmo das eras passadas.

Chamei àquela fórmula de a grande equação da substância porque

ela exprime as várias formas que a substância assume, embora sempre permanecendo idêntica a si mesma. Poderemos exprimir melhor o conceito com uma irradiação tríplice:



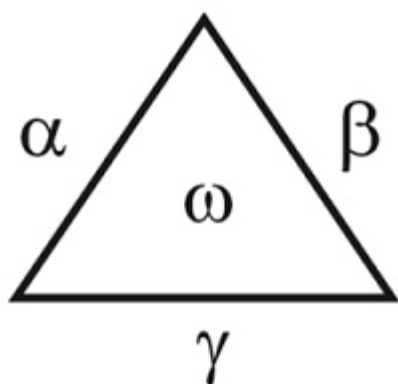
Dessas expressões ressalta um fato capital. Sendo α , β e γ três modos de ser de ω , este se encontra em todos os termos, inteiro, completo, perfeito, total, em todos os momentos. Tal é ω em qualquer de seus modos de existência, de modo que o reencontraremos sempre em todo o seu infinito devenir.

Assim, a equação da substância sintetiza o conceito da Trindade, isto é, da Divindade una e trina, que já vos foi revelado sob o véu do mistério e encontrais nas religiões.

A Lei, de que falamos, é o pensamento da Divindade, seu modo de ser como espírito. O pensamento – concomitantemente vontade de ação, energia que realiza, transformação que cria – constitui seu segundo modo de ser, onde a criação se manifesta, nascendo daquilo a que chamais nada. Uma forma de matéria em ação é seu terceiro modo de ser, é a criação que existe, o universo físico que vedes. Três modos de ser distintos e, no entanto, identicamente os mesmos.

Assim ω é o todo, no particular e no conjunto, no átimo e na eternidade; em seu aspecto dinâmico, é tornar-se, eterno no tempo, de $\alpha \rightarrow \gamma$ e de $\gamma \rightarrow \alpha$, sem princípio nem fim; mas o tornar-se volta sobre si mesmo, é imobilidade em que $(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$. Ele é o relativo e o absoluto, é o finito em que se pulveriza o infinito, o infinito em que o finito se recompõe; é abstrato e concreto, é dinâmico e estático, é análise e síntese, é tudo.

A imensa respiração de ω : $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha \dots$ etc., também poderia ser representada com um triângulo, ou seja, como uma realidade fechada em três aspectos:



Quando vossa ciência observa os fenômenos da criação, apenas tenta descobrir novo artigo da Lei; mas em todo lugar encontrou e encontrará, coexistindo, os três modos de ser de ω . A cada novo pensamento revelado, a ciência realizará uma nova aproximação de vossa mente humana em direção à ideia da Divindade. Também a ciência pode ser sagrada como uma oração, como uma religião, se for conduzida e compreendida com pureza de espírito.

Tudo o que vos disse é a máxima aproximação da Divindade que vossa mente pode suportar hoje. É muito maior que as precedentes, mas não é a última no tempo. Contentai-vos por enquanto. Ela vos diz que sois consciências que despertam, almas que regressam a Deus. É a concepção bíblica do anjo decaído que reaparece; é a concepção evangélica do Pai, do Filho e do Espírito; é a concepção que coincide com todas as revelações do passado e também com vossa ciência e com vossa lógica; é a concepção de Cristo, que vos redimiu pela dor. Muitas coisas ainda existem, mas para vós, hoje, por enquanto, permanecem no inconcebível. O universo é um infinito, e vossa razão não constitui a medida das coisas.

Não ouseis olhar a Divindade mais de perto, nem definir mais além, considerai-a antes como um resplendor ofuscante que não podeis olhar. Considerai cada coisa que existe e vos cerca como um raio de seu esplendor que vos toca. Não reduzais a Divindade a formas antropomórficas, não a restrinjais em conceitos feitos à vossa imagem e semelhança. Não pronuncieis Seu santo nome em vão. Seja Deus vossa mais alta aspiração, tal como o é de toda a criação. Não vos dividaís entre ciência e fé, nas diversas religiões, cujo único

intuito é encontrá-Lo. Ele está, sobretudo, dentro de vós. No profundo dos caminhos do coração como nos do intelecto, Deus sempre vos espera, para retribuir o amplexo que vós, mesmo sendo incrédulos, em vossa agitação confusa e convulsiva, irresistivelmente lançais a Ele, através do maior instinto da vida.

X. ESTUDO DA FASE MATÉRIA (γ). A DESINTEGRAÇÃO ATÔMICA

Vimos que a respiração de ω é: $...\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha...$ sem limites de espaço, sem princípio nem fim.

É essa imensa respiração do universo, cujo princípio enunciamos, que agora observaremos analiticamente, sobretudo em sua pulsação de retorno, $\gamma \rightarrow \beta$, que vosso mundo está vivendo.

Começaremos por γ , a fase matéria, de maior condensação da substância, a fim de atingir a fase β , energia. Examinaremos posteriormente o período $\beta \rightarrow \alpha$, o que mais vos interessa, pois compreende o trajeto de vossas vidas, cujo objetivo e meta é a reconstrução da consciência e a libertação do princípio α , o espírito. Para α , essa suprema realidade do espírito, quero conduzir-vos, não mais pelos caminhos da fé, mas pelas sendas da ciência. Deus, compreendido como espírito, α , é o ponto de partida e de chegada do transformismo fenomênico, é a meta do ser. Depois das descobertas da desintegração do átomo, inexaurível fonte de energia, e da transformação da individualidade química pela explosão atômica, a descoberta da realidade do espírito é a maior descoberta “científica” que vos aguarda e revolucionará o mundo, iniciando uma nova era.

Chegareis, como vos disse, a produzir energia por *desintegração atômica*, ou seja, a transformar matéria em energia.

Conseguireis penetrar com vossa vontade na individualidade atômica, produzindo alterações em seu sistema. Mas lembrai-vos: o triunfo não será apenas de um método indutivo e experimental, nem trará somente repercussões de ordem material; tampouco significará só vantagens imediatas e práticas, mas será grande problema filosófico, que resolvereis e que orientará de maneira totalmente nova vosso espírito científico. Até agora, a humanidade viveu num mundo de matéria. Tíneis o vosso referencial de imobilidade: “*Terra autem in aeternum stabit, quia Terra autem in aeternum stat*” (“A Terra, porém, estará parada eternamente, porque a Terra está eternamente parada”); a verdade, então, tinha de ser um absoluto. Com a nova civilização mundial que está por surgir, a humanidade viverá então num mundo dinâmico.

Vossa nova matéria – o ponto sólido em que baseareis vossas construções materiais e conceptuais – será a energia. Vosso elemento será o movimento, e sabereis encontrar nele o próprio equilíbrio estável, que até agora não sabíeis encontrar senão na forma menos evoluída, a matéria. No campo do pensamento, também a verdade será um movimento, um relativo que evolui, uma verdade progressiva, e não o ponto fixo e inerte do absoluto; será a trajetória do ponto que avança, um conceito muito mais vasto e proporcional ao novo grau de progresso que será atingido por vosso pensamento.

Ao enfrentar o problema da desintegração atômica, tende presente outro fato. Ao assaltardes o íntimo equilíbrio do sistema atômico para alterá-lo, vos encontrareis diante de uma individuação da matéria fortemente estabilizada durante incontáveis períodos de evolução. Viveis num ponto relativamente velho do universo, e vossa Terra representa o período γ não no início, em sua primeira condensação, ainda próximo da energia, mas no fim, ou seja, no princípio de sua fase oposta, a desagregação, o regresso a β . Estais, assim, diante da matéria que opõe o máximo da resistência, porque está no grau máximo de estabilidade e coesão. Os incomensuráveis períodos de tempo que a trouxeram à sua atual individuação atômica, representam um impulso imenso, uma invencível vontade de continuar existindo na forma adquirida, por um princípio universal de inércia, que, segundo a Lei, impõe a continuação de trajetórias iniciadas, constituindo a garantia de estabilidade das formas e dos fenômenos. Lembrai-vos de que estais querendo violar uma individuação da Lei, a qual sempre se manifesta por individuações inconfundíveis, que assumem a mais enérgica e decidida vontade de não se deixar alterar. Para alcançardes êxito, não violeis a Lei, segui-a. Seguindo a corrente, ser-vos-á fácil o caminho. Em vossa fase de evolução, a Lei vos abre o caminho através da passagem $\gamma \rightarrow \beta$, e não de $\beta \rightarrow \gamma$. Em outras palavras, o problema da desintegração atômica é solúvel para vós, não nas formas mais longínquas e menos acessíveis da condensação das nebulosas, mas naquelas da desintegração das substâncias radioativas. Os raios α e os raios β e todos os fenômenos relativos ao rádio e aos corpos radioativos, já os tendes espontaneamente debaixo dos olhos. O estudo que faremos da série estequiogenética vos dará um conceito mais exato de tudo isto.

XI. UNIDADE DE PRINCÍPIO NO FUNCIONAMENTO DO UNIVERSO

Torna-se difícil reduzir à forma linear de vosso pensamento e de vossa palavra a unidade global do todo, que sinto como uma esfera instantaneamente completa, sem sucessividade. Levei em conta, pois, a forma na qual me devo exprimir, que restringe e diminui o conceito; somente aquela faculdade da alma, a intuição, de que vos falei, poderia traduzi-lo para vós sem distorções. Tende em conta que, embora minha exposição seja progressiva, o universo contém a todo instante cada uma e *todas* as fases do transformismo. A cada momento ele é o *todo*, completo e perfeito em todos os seus períodos de ida e volta. Não se tem $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ de um lado e, depois, $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ de outro; mas, em todos os lugares e a cada momento, o *todo* existe concomitante numa fase dessa transformação, de modo *que o absoluto não se divide, mas se encontra sempre todo a si mesmo no relativo*. Deus está, assim, onipresente em cada manifestação. Se assim não fora, como vos seria possível a observação de tais fenômenos, que certamente não poderiam ter esperado na eternidade para existirem e se mostrarem a vós exatamente no instante em que também nascestes e desenvolvestes em vós os sentidos e uma consciência que a eles se dirigem? Grande diferença há entre o sujeito deste tratado, que observa o infinito, e vosso olhar intelectual, que só abarca o finito, enxergando um ou alguns pormenores particulares sucessivamente, mas nunca o todo instantaneamente. Vossa razão só vos pode dar um ponto de vista do universo, porque sois relativos, ou seja, sois um ponto que olha para todos os outros pontos. Mas os pontos são infinitos, e vós fazeis parte deles; olhais e sois olhados; o universo olha para si mesmo de pontos infinitos. Apenas o olho de Deus pode ter essa visão global, e tenho de reduzi-la muitíssimo, para levá-la à medida de vossa mente, que é exatamente o fator que limita minha revelação.

Um fato, porém, nos ajudará: o universo é regido por um *princípio único*. Já afirmei que o universo não é nem caos nem acaso, mas suprema ordem: a Lei. Chegou agora o momento de afirmar que a Lei significa não apenas, como disse, ordem, equilíbrio e precisão

de funcionamento, mas também e acima de tudo *unidade de princípio*. Por isso disse: *monismo*. O princípio da trindade da substância, que vos expus, é universal e único; poderá pulverizar-se numa série infinita de efeitos e de casos particulares, mas ele permanece, e o encontrareis em toda parte, em sua forma estática de individuação α , β e γ ou em sua forma dinâmica de transformismo, que segue o caminho $\dots\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha\dots$. Seguem aqui três exemplos:

Primeiro – O microcosmo está construído como o macrocosmo. O átomo é um verdadeiro sistema planetário, com todos os seus movimentos, em cujo centro está um sol, o núcleo central, de densidade máxima, em redor do qual giram, seguindo uma órbita semelhante à planetária, um ou mais elétrons, segundo a natureza do sistema; é isso que define o átomo e lhe dá sua individuação química. Vosso sistema solar, com todos os seus planetas, poderia ser considerado um átomo de uma química astronômica, cujas combinações e reações produzem essas nebulosas que vedes aparecer e desaparecer nos confins de vosso universo físico.

Quando, no espaço, um sol com seu cortejo planetário, assim como qualquer núcleo, encontra-se com outro sol ou núcleo e respectivo cortejo planetário, o resultado é sempre o mesmo: a formação de nova individuação, quer seja sistema cósmico ou químico. No primeiro caso se individuará novo vórtice, novo “eu” astronômico, que se desenvolverá segundo uma linha: *a espiral*, que – vê-lo-emos – é a trajetória típica de desenvolvimento de todos os movimentos fenomênicos. No segundo caso nascerá, pelo choque dos núcleos e pela emissão de elétrons do sistema, novo indivíduo atômico. Se isso ainda não apareceu em vosso relativo, vós o chamais de criação.

Segundo – O princípio de que o universo, dividindo-se e reunindo-se, compõe-se de duas metades inversas e complementares é geral e único. Tudo o que existe tem seu inverso; sem isto, é incompleto. O sinal “-”, complementar do sinal “+”, próprio da energia elétrica, o encontrais não só no átomo, composto pelo núcleo, estático e positivo, e pelos elétrons, dinâmicos e negativos, mas também na divisão sexual animal e em todas as manifestações da personalidade humana.

Terceiro – O homem é feito verdadeiramente à imagem e

semelhança de Deus, no sentido de que compreende em si e constitui, numa unidade, os três momentos: α , β , γ . O homem é um corpo, estrutura física, que se apoia numa armação esquelética, que pertence ao reino mineral, γ , sobre a qual se eleva o metabolismo rápido da vida, a troca (vida vegetativa, ainda não consciência) ou dinamismo, que é β . O produto último da vida, nascido daquele dinamismo, é a consciência, α , que é submetida a incessante desenvolvimento, por meio de um trabalho contínuo e intenso de provas e experiências, produzidas por choques não mais cósmicos ou moleculares, e sim psíquicos.

Essa *unidade de conceito* é a mais evidente expressão do *monismo* do universo e da presença universal da Divindade. Na infinita variedade das formas, sempre ressurge o mesmo princípio idêntico, com nomes e em níveis diferentes. Assim, no nível γ , temos a gravitação; no nível β , temos o que denominamos simpatia; e no nível α , amor. Eles constituem a mesma lei de atração, que vincula as coisas e os seres e os sustenta como organismo, numa rede de contínuas relações e trocas, tanto no mundo da matéria quanto no da consciência.

XII. CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA. UNIDADES MÚLTIPLAS

Comecemos, então, por analisar o *fenômeno matéria*, γ , que tomaremos como ponto de partida, relativo a vós. Observá-lo-emos de um ponto de vista estático, em suas características típicas de determinada individuação da Substância, e também de um ponto de vista dinâmico, como o devenir da corrente do transformismo da Substância, que, vindo da fase γ , regressa à fase β . Na realidade, os dois aspectos se fundem. O contínuo frêmito de movimento com o qual a Substância vibra, leva-a a individuar-se diversamente. Este estudo vos mostrará sempre aspectos novos do princípio único, novos artigos da mesma lei.

Sob o ponto de vista *estático*, apresenta-se-nos a matéria diversamente individuada, de acordo com a sua construção atômica. O estudo dessa construção vos revelou na Terra a presença de 92 elementos ou corpos simples, que vão do hidrogênio (H) ao urânio (U). São indivíduos químicos decompostos em simples unidades atômicas, que formam toda a vossa matéria, reagrupando-se nas unidades moleculares, organismos ainda mais complexos, produzidos pela fusão de vários sistemas atômicos (por exemplo, o sistema atômico H, na unidade molecular H_2O), e organizando-se afinal naquelas coletividades moleculares, verdadeiras sociedades de moléculas, que são os cristais. Estes, embora reduzidos a massas de indivíduos cristalinos informes, como vos aparece nas estratificações geológicas, a exemplo das rochas clásticas ou fragmentárias, conservam sempre a íntima orientação molecular e constituem a estrutura de vosso planeta e dos planetas do sistema solar. É uma crescente organização em unidades coletivas cada vez mais vastas, semelhante à de vossa consciência individual, que se coordena na mais vasta consciência coletiva nacional e, depois, na mundial.

Procedendo no sentido inverso, o átomo é uma coletividade decomponível em unidades menores, sendo composto de um ou mais elétrons que giram ao redor de um núcleo central. O que individualiza o átomo e o distingue é justamente o número desses elétrons que giram em torno do núcleo. Tendes, assim, 92 espécies

de átomos, começando pelo hidrogênio, que é o mais simples, composto de um núcleo e de um só elétron, que gira em torno dele; a seguir o hélio (He), composto de um núcleo e de dois elétrons; depois o lítio (Li), com três elétrons, e assim por diante, até ao urânio (U), com 92 elétrons. Sobre essa base, construiremos uma série estequiogenética.

Tocamos desde logo um novo aspecto ou artigo da Lei, o *das unidades múltiplas ou coletivas*. Então, em cada uma das manifestações da Lei, não há somente ordem e unidade de princípio, mas também individuação constante, segundo tipos bem definidos. É tendência constante, à proporção que a diferenciação multiplica tipos (pulverização do absoluto no relativo), o seu reagrupamento em unidades mais vastas, que reconstroem a unidade fragmentada no particular.

O impulso centrífugo equilibra-se, então, invertendo-se em tendência centrípeta. Na dispersão e concentração, na multiplicação, dividindo-se, e unificação, reagrupando-se, a substância se reencontra sempre, completa em si mesma. A imensa respiração de ω é também completa em si mesma, voltando sobre si. Assim, o universo contempla seu próprio processo de autocriação.

Disse que os elétrons giram ao redor do núcleo. Ora, nem mesmo o núcleo é o último termo; em breve aprendereis a decompô-lo. Porém, por mais que procureis o último termo, jamais o encontrareis, porque ele não existe. Nesta pesquisa, dirigida para o âmago da matéria, acompanhais o caminho descendente que ω percorreu de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, portanto tereis de encontrar β , isto é, a energia da qual nasceu a matéria e à qual veremos esta regressar em seu caminho ascensional, que a reconduz a β .

XIII. NASCIMENTO E MORTE DA MATÉRIA. CONCENTRAÇÃO DINÂMICA E DESAGREGAÇÃO ATÔMICA

Aprofundemos, pois, *o problema do nascimento e da morte da matéria*, para depois (entre esses dois extremos) abordarmos a evolução de suas individuações, ou seja, a sua vida.

Pode-se definir a matéria como uma forma de energia, isto é, um modo de ser da substância, o qual nasce da energia por condensação ou por concentração e regressa à energia por desagregação, após haver percorrido uma série evolutiva de formas cada vez mais complexas e diferenciadas, que reencontram a unidade em reagrupamentos coletivos.

A matéria nasce, vive e morre, para renascer, reviver e tornar a morrer, tal como o homem, eternamente descendo de β a γ e voltando a β quando o vórtice interior, por ter atingido o máximo de condensação dinâmica, não mais pode suportá-la e se quebra. Assistimos, então, ao fenômeno da desagregação da matéria, a que chamais *radioatividade*, própria dos corpos velhos, com peso atômico maior, seu máximo de condensação. Assim o átomo representa uma quantidade enorme, uma mina de energia condensada, que podereis libertar, modificando o equilíbrio interno do sistema núcleo-eletrônico do átomo.

O significado da palavra *condensação* só pode ser compreendido se reduzirmos a energia à sua expressão mais simples (isto também vale para a substância): *movimento*. Condensação de energia é expressão demasiadamente sensória. É melhor dizer concentração de energia, pois isso significa aceleração de movimento, de velocidade. Veremos melhor essa essência do fenômeno no estudo do íntimo mecanismo do transformismo fenomênico.

Vemos, no entanto, que toda a estrutura planetária do átomo nos fala de energia e de velocidade. Logo que observamos em profundidade o fenômeno matéria, esta se dissolve em sua aparência exterior e se revela em sua substância: a energia. A ideia sensória de solidez e de concreto desaparece diante do conceito de elétrons que, em espaços de dimensões ilimitadas em relação a seu volume, giram

velocíssimos ao redor de um núcleo incomensuravelmente menor. Assim a matéria, tal como a concebemos habitualmente, desvanece em vossas mãos, deixando-vos apenas sensações produzidas por algo que é apenas energia e que determina um movimento estabilizado por sua altíssima velocidade. Eis a matéria reduzida à sua última expressão. Da mesma forma que o movimento é a essência da substância ω , assim também o é de cada um de seus aspectos: α , β , γ . Velocidade é energia e velocidade é matéria, sendo ambas idênticas em sua substância: a velocidade, denominador comum que vos permite a passagem de uma a outra forma.

Coloquemos lado a lado estas duas formas da substância, matéria e energia. Aquecendo um corpo, transmitimos calor à sua matéria, ou seja, fornecemos a ele outra modalidade de energia, que lhe é acrescida. O calor significa aumento de velocidade nos sistemas atômico-moleculares. Quando dizemos que um corpo está mais quente, isto significa que seu movimento íntimo sofreu um aumento de velocidade. Então o calor infunde na matéria, como em todas as demais formas de vida, um ritmo mais intenso. Trata-se de um verdadeiro aumento de potência, um acréscimo de individualidade, o qual, no mundo da matéria, se expressa com a dilatação do volume. De imensa distância, o Sol acende essa dança dos átomos, e toda a matéria do planeta responde. A dança se propaga de corpo para corpo, e tudo o que está próximo o sente, participa e exulta. Os corpos condutores de energia são aqueles cujas moléculas são mais ágeis a realizar a corrida. O movimento, essência do universo, vai de uma coisa a outra, ávido de se expandir e de se comunicar, como as ondas do mar. Doa-se sempre, pelo universal princípio do amor; fecunda e se dispersa depois de haver dado a vida, para ressurgir distante, recondensando-se em todos os novos vórtices de criação. Os homens e as coisas na Terra arrebatam o mais que podem tudo que chega do Sol e o dividem entre si. O homem transforma esse movimento em outras formas de energia (porquanto nada se cria e nada se destrói, tudo sempre se transforma): luz, som, eletricidade, para suas necessidades. Mas o fenômeno é irresistível, e a cada transformação há uma perda, um consumo, um desgaste, um atrito, um esforço para suprir isso, pois estais em fase de evolução (descentralização cinética). O fornecimento do Sol renova-se

continuamente; ele dá o que tem e, em formas sempre novas, reconquistará tudo o que dá. Isso porque o movimento, substância do universo, é um ciclo que sempre volta, estando fechado e completo em si mesmo.

XIV. DO ÉTER AOS CORPOS RADIOATIVOS

Assim, muitas nebulosas que vedes aparecer nos espaços, sem um precedente visível, nascem por condensação de energia, a qual, após a imensa dispersão e difusão devida à contínua irradiação de seus centros, concentra-se – seguindo as correntes que guiam sua eterna circulação – em determinados pontos do universo. Aí, obedecendo ao impulso que lhe é imposto pela grande lei de equilíbrio, instala-se, acumula-se, retorna e se dobra sobre si mesma, compensando e equilibrando o ciclo inverso, já esgotado, da difusão que a guiara de uma coisa a outra, para animar e mover tudo no universo. De todas as partes do cosmo as correntes trazem sempre nova energia, o movimento se torna cada vez mais intenso, o vórtice se fecha em si mesmo, o turbilhão se transforma em um verdadeiro núcleo de atração dinâmica. Este, quando não pode mais suportar em seu âmbito todo o ímpeto da energia acumulada, atinge um ponto de máxima saturação dinâmica (momento crítico em que a velocidade se torna massa) e se estabiliza no íntimo dos infinitos sistemas planetários, de onde nascerá o núcleo, depois o átomo, a molécula, o cristal, o mineral, os amontoados solares, planetários e siderais. Da imensa tempestade nasceu a matéria. Deus criou.

Vedes que, em realidade, nenhuma das três formas – α , β , γ – consegue isolar-se completamente; todas sempre trazem em si traços de suas fases precedentes. Assim, vedes que o pensamento se apoia num suporte nervoso-cerebral e que a matéria em si exprime sempre a ideia que a anima. A energia, na fase de ida ou na de retorno, é sempre o traço de união entre α e γ , revestindo todas as formas, tanto que, em vosso baixo mundo, o pensamento só sabe existir com o apoio da energia e a energia permeia toda a matéria, agitando-a em infinitas formas, sobretudo naquela fundamental – mãe de todas as outras – de energia gravífica ou gravitação universal.

O éter, que é para vós mais uma hipótese do que um corpo bem estudado, escapa às vossas classificações porque quereis reconduzi-lo às formas de matéria conhecidas por vós, enquanto ele é uma forma de transição entre matéria e energia. Sendo forma de transição entre β e γ , o éter – filho das formas dinâmicas puras: eletricidade, calor,

luz, gravitação, às quais a matéria regressará por desagregação e radioatividade – é por sua vez pai do hidrogênio. As nebulosas se condensam a partir da fase éter, passando pelas fases de gás, líquido e sólido. Entre os sólidos, existem os corpos de peso atômico máximo, os mais radioativos, os mais velhos, como já disse, aqueles que, por desagregação atômica, regressam à fase β .

XV. A EVOLUÇÃO DA MATÉRIA POR INDIVIDUALIDADES QUÍMICAS. O HIDROGÊNIO E AS NEBULOSAS

Agora, que observamos o fenômeno do nascimento, vida e morte da matéria, vejamos γ ainda mais de perto, na *série das individuações* que ela assume em vosso planeta, a fim de definir a gênese sucessiva de suas formas, incluindo também algumas desconhecidas por vós, as quais vos indicarei, individuando-as em suas principais características, de modo que possais encontrá-las.

Estabelecemos que a fase γ engloba as individuações que vão do hidrogênio ao urânio, dentre as quais vimos que conheceis 92. Elas representam o ciclo que parte de β por condensação e volta a β por desagregação.

Como ponto de partida, tomemos o hidrogênio, que representaremos, para abreviar, por H. Como vimos, é o corpo cujo átomo possui o sistema mais simples, com um só elétron. A isso corresponde um peso atômico 1,008. O peso atômico vai crescendo progressivamente, com o aumento proporcional do número dos elétrons nos sistemas atômicos dos corpos, até ao urânio, que representaremos por U, com peso atômico máximo de 238,2, correspondente a um sistema atômico de 92 elétrons.

H é o tipo fundamental, o protozoário monomolecular da química, assim como o carbono é o protozoário da química orgânica ou da vida.

H é o corpo simples, quimicamente indecomponível; tem peso atômico unitário; migra para o polo negativo (eletrólise); está na base da teoria das valências. Por valência, a química define a capacidade dos átomos de um corpo em vincular determinado número de átomos de H, ou a capacidade de se substituírem, nos diferentes compostos, ao mesmo número desses átomos. Em química, o peso atômico é dado pela relação entre o peso de um átomo de determinado corpo e o peso do átomo do hidrogênio, que, por ser o menor de todos, foi tomado como unidade de medida: $H=1$. O peso molecular dos corpos, na química, também é dado em função do peso do átomo de hidrogênio.

Que significa essa constante referência ao hidrogênio como unidade de medida da matéria, esse seu peso atômico mínimo, esse seu inflexível negativismo? Todos esses fatos convergem para o mesmo conceito, no sentido de que o hidrogênio é a matéria em sua mais simples expressão, constituindo a sua forma primitiva e originária, da qual todas as outras se derivaram posteriormente, pouco a pouco, por evolução.

A esse mesmo conceito podemos chegar pela observação das *nebulosas*. Os espaços estelares, como já vos disse, oferecem a cada momento toda a série dos estados sucessivos que a matéria atravessa, desde suas formas mais simples até às mais complexas. A composição química dos corpos celestes podeis conhecê-la com exatidão, por meio da análise espectral. O espectroscópio vos diz que as nebulosas e as estrelas que emanam luz branca, isto é, os corpos celestes mais luminosos, mais quentes e mais jovens, são compostos de poucos e simples elementos químicos. Seu espectro, mais intenso no ultravioleta, correspondente a uma fonte mais quente, indica uma estrutura sempre composta por elementos de peso atômico baixo, revelando muitas vezes a presença exclusiva de hidrogênio. Esses corpos são muito luminosos, de luz branca, incandescentes, desprovidos de condensações sólidas. Aí a matéria se apresenta em suas formas dinâmicas primordiais, ainda próximas de β , e se encaminha para as formas propriamente físicas, que a caracterizam em sua fase de γ . Ao contrário, as estrelas mais avançadas em idade apresentam emanações dinâmicas mais fracas e são vermelhas ou amarelas, como o vosso sol; menos quentes, menos luminosas e menos jovens, elas são compostas de elementos químicos mais complexos, de maior peso atômico.

Então, se a análise espectral dos corpos celestes vos indica que luz e calor (dado pelo comprimento do ultravioleta) estão em razão inversa dos pesos atômicos e da complexidade dos elementos químicos componentes, ou seja, que os estados dinâmicos estão em razão inversa do peso atômico (medida do estado físico), isto significa uma inversão de estados dinâmicos em estados físicos, de modo que a matéria é inversão da energia e vice-versa. Essa inversão constitui passagem do indistinto ao distinto, do simples ao complexo; em outras palavras, estais diante de uma verdadeira e pura evolução.

Esse aumento progressivo do peso atômico, paralelamente ao desaparecimento das formas dinâmicas e à formação das diferentes espécies químicas, corresponde ao conceito de condensação, de substância-movimento, de massa-velocidade, que já expusemos. É fácil compreender que, das formas primordiais, prevalentemente dinâmicas, até às mais densas concentrações de matéria – tal como as observais estabilizadas em vosso sistema solar, no qual, por ser este já velho como matéria, a fase γ foi vivida e ω existe agora em estado de β que vai para α – só se pode passar por *evolução*.

O movimento dessa evolução vos aparece fixado em formas bem definidas. Se a continuidade é novo aspecto da Lei (não me cansarei de fazer que todos a observem a todo o momento), essa continuidade tem paredes e vértices, nos quais o transformismo criou *individações* nitidamente delineadas. A tendência do transformismo fenomênico no sentido de caminhar por individuações é outra característica fundamental da Lei. Por isso os corpos químicos têm, cada um deles, sua própria *individualidade*, rigorosamente definida. Um artigo da Lei diz: “Na constituição de um corpo químico bem definido, os componentes entram sempre em relação bem determinada e constante”. Diz-nos esse artigo que os corpos químicos possuem uma *constituição individual* perfeitamente determinada, proveniente dos elementos componentes que estão entre si em relação constante. A isto se poderia denominar a lei das espécies químicas. Sem essa individualidade que nos permite isolar, classificar e reconhecer os corpos, não seria possível a química moderna. Pode-se falar, no mundo da matéria, de indivíduos químicos, assim como, na Zoologia e na Botânica, fala-se de indivíduos orgânicos e, no mundo humano, de “eu” e de consciência. Em seus vastos aspectos de γ , β e α , a substância ω segue sempre a mesma lei. Assim também, no mundo químico, temos algo como uma personalidade, constituída por uma incoercível vontade de existir em sua própria forma e de reagir a todos os agentes externos que pretendam alterá-la. A química delinea exatamente o *modo como se comportam esses indivíduos químicos*.

Outro artigo da Lei diz: “Quando dois corpos, ao se combinarem entre si, podem dar origem a mais de um composto, as diferentes combinações são tais que, permanecendo constante a quantidade de

um dos componentes, as quantidades do outro variam segundo relações bem definidas, ou seja, essas quantidades são todas múltiplos exatos do mesmo número”.

Há também outro que diz: “Todos os corpos simples, em suas reações, combinações e substituições recíprocas, agem segundo relações de peso representadas por números bem determinados e constantes para cada corpo, ou por múltiplos exatos desses números”.

Assim, a química pode individualizar com exatidão os corpos, fixando seu peso atômico e a fórmula de sua valência, definindo as reações próprias de cada corpo, estabelecendo o equivalente elétrico (+ ou -) e, com análise espectral, a luz equivalente ou, em outras termos, o equivalente dinâmico dos corpos. Portanto a química, com a chamada teoria atômica e com a teoria das valências, pode definir com exatidão matemática as relações entre um indivíduo e outro.

XVI. A SÉRIE DAS INDIVIDUAÇÕES QUÍMICAS DO 'H' AO 'U', POR PESO ATÔMICO E ISOVALÊNCIAS PERIÓDICAS

Dessa forma, baseando-vos sobre essa individuação, podeis estabelecer uma *gradação* de complexidade que, partindo do H, chegue até às fórmulas complexas dos produtos orgânicos. Podeis estabelecer uma *série química* semelhante à escala zoológica, em que aos protozoários correspondem os corpos químicos simples, indecomponíveis; uma série evolutiva que progride de forma em forma, de tipo em tipo; uma verdadeira *árvore genealógica das espécies químicas*, a cujo desenvolvimento podeis aplicar os conceitos darwinianos de evolução, variabilidade e até mesmo de hereditariedade e adaptação. Gradações de formas aparentadas entre si, derivadas uma das outras, sujeitas à lei comum, que provêm da origem comum, da afinidade intrínseca, do mesmo caminho, da mesma meta, da mesma lei de transformismo e de evolução. Cada corpo simples que faz parte da série química constitui não um indivíduo isolado, mas sim um tipo, em redor do qual oscilam diferentes variedades, que poderão ser reunidas em grupos, por afinidade, tal como no mundo zoológico. Quando vossa consciência tiver encontrado meios para agir mais profundamente na estrutura íntima da matéria, vereis multiplicar-se o número das espécies químicas compreendidas na mesma classe e o número das variedades da mesma espécie. Podereis, então, influir na formação das espécies químicas, como agora influís na formação de variedades biológicas vegetais e animais. Isto porque toda a matéria, mesmo aquela considerada bruta e inerte, é viva e sente, podendo plasmar-se e obedecer, quando atingida por um comando forte.

Estabeleçamos, pois, a *Série Estequiogenética*. Nos esquemas apresentados no final deste capítulo, estão resumidos os conceitos que passarei a analisar.

Tomando o *peso atômico* como índice do grau de condensação, podereis organizar um elenco dos corpos ainda indecomponíveis, denominados simples, e obtereis uma *escala* que oferece características especialíssimas. Se observarmos as propriedades

químicas e físicas de cada corpo, veremos que elas estão em estreita relação com os pesos atômicos. Verificaremos que à série dos pesos atômicos não corresponde apenas uma série de individualidades químicas bem definidas, mas que isso ocorre também de acordo com um ritmo de retornos regulares ao mesmo ponto de partida. Esse fato vos fará pensar de imediato que, por trás da série dos pesos atômicos, oculta-se um conceito mais substancial e profundo.

Se observarmos em cada corpo a característica da valência, isto é, a capacidade especial de cada átomo para se unir a um ou mais átomos de hidrogênio, veremos que essa valência alinha-se com surpreendente regularidade, segundo ordens de sete graus, que se repetem ininterruptamente do primeiro ao último elemento. A coluna das isovalências do quadro anexo vos mostra a repetição das mesmas valências à distância de sete períodos. Assim, têm as mesmas valências lítio e sódio, berílio e magnésio, boro e alumínio, carbono e silício, nitrogênio e fósforo, oxigênio e enxofre, flúor e cloro, corpos que são marcados com os mesmos números de valências. Mais exatamente, a graduação dessas valências sobe de um a quatro pela valência com o hidrogênio, depois diminui para um, no número VII, e sobe progressivamente de um a sete para a valência relativa ao oxigênio. Deste modo temos, respectivamente, setenários compostos de monovalências, bivalências, trivalências, tetravalências e depois em sentido inverso: trivalências, bivalências e monovalências; e setenários compostos de monovalências, bivalências, trivalências, tetravalências, pentavalências, hexavalências, heptavalências.

Temos, pois, períodos I–IV–I, que se sobrepõem exatamente nos períodos I–VII. O ritmo é evidente, expresso pela coluna das isovalências periódicas. Assim como o ritmo se repete, por exemplo, nos dias e nas estações, mas sempre num ponto diferente do espaço ocupado pelo planeta, também volta o ritmo da valência à distância de sete elementos, num ponto diferente. A cada sete elementos, temos uma repentina mudança de propriedades, depois um retorno regular ao ponto-de-partida. O que disse para a série que começamos com o lítio e com o sódio, repete-se nas outras séries que começam com o potássio, o cobre, a prata e assim por diante.

Esta conexão entre as características de um corpo e sua localização na escala permitiu que fosse dado a cada elemento um

número próprio, para distingui-lo. Essa determinação, mesmo de acordo com vossa ciência, não é empírica, já que o número atômico pode ser sempre experimentalmente determinado, examinando-se os espectros dos raios X emitidos pelos diversos corpos, quando em presença dos raios catódicos. A frequência vibratória das linhas desses espectros é proporcional ao quadrado do número atômico.

Baseado nesta exata determinação de lugar na escala, é possível estabelecer outras relações entre corpos, relações expressas pelas seguintes proporções: o boro está para o berílio assim como o berílio está para o lítio; o lítio está para o sódio assim como o berílio está para o magnésio e como o boro está para o alumínio; o lítio está para o magnésio como o berílio está para o alumínio e como o boro está para o silício. São respectivamente proporcionais as passagens das propriedades de um corpo para as do outro.

Dessa maneira, temos o retorno periódico das mesmas características, embora repetidas em nível atômico diferente. Os volumes atômicos aumentam e diminuem, correspondendo às séries assinaladas na escala. As séries duplas são causadas justamente pelo aumento e pela diminuição dos volumes atômicos, fato regularmente verificado.

A representação gráfica vos demonstrará melhor esses conceitos. Tomando por base os pesos atômicos e, por altura, os volumes atômicos, podeis traçar uma linha que representa sete conchas, com seus máximos ou vértices relativos, os quais, por analogia com todo o seu traçado, indica a localização dos elementos cujo volume atômico ignorais.

O volume atômico, portanto, acompanha o andamento da escala dos pesos atômicos. Ele cresce e decresce, correspondendo aos vários setenários dos elementos, isto é, a cada oitava. Aliás, compreende duas oitavas: uma ascendente e outra descendente. A oitava descendente inclui os corpos dúcteis; a ascendente, os corpos frágeis. Nos vértices estão os corpos de fácil fusão ou gases; ao contrário, nos mínimos. As oitavas descendentes são eletropositivas; as oitavas ascendentes são eletronegativas. O mesmo podereis dizer de várias outras qualidades, como condutibilidade, compressibilidade e dureza. A classificação em série é resultado do comportamento dessas oitavas.

Eis, portanto, traçado um sistema estequiogenético, ou árvore genealógica das espécies químicas, divisíveis em sete séries, a partir de S_1 até S_7 , que são os sete períodos de formação ou de sucessiva condensação da matéria, também divisíveis em sete grupos, verdadeiras famílias naturais de corpos semelhantes, segundo as respectivas isovalências.

SÉRIE ESTEQUIOGENÉTICA

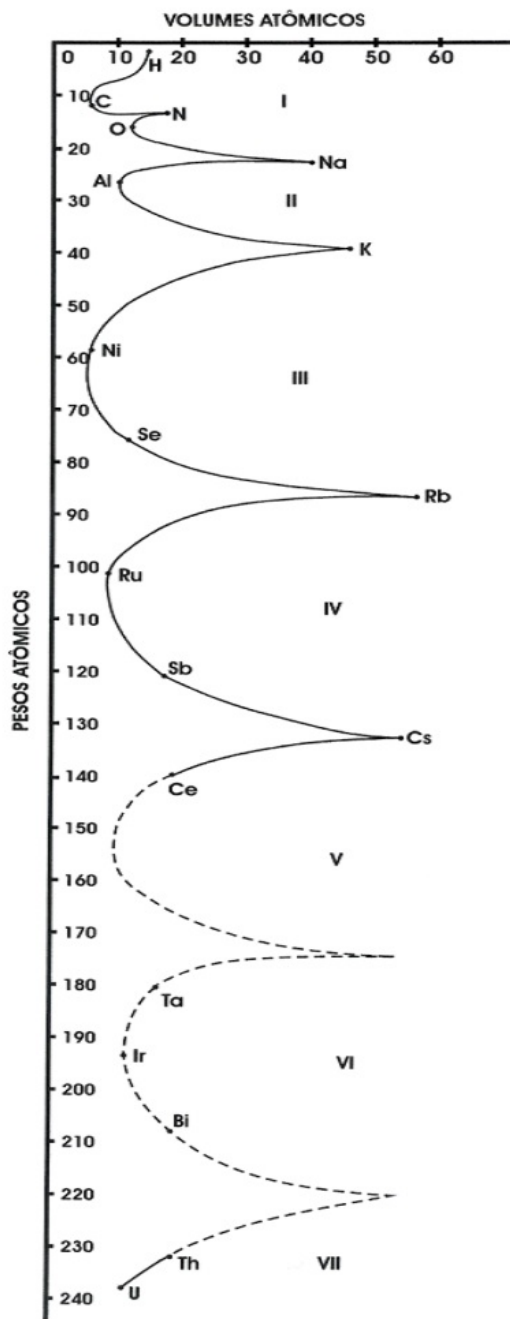
Série	Isovalências periódicas	Número Atômico	Peso Atômico	Elementos
S ₁	I	0	1	Hidrogênio
		I	2	Hélio
		II	3	Lítio
		III	4	Berílio
		IV	5	Boro
		V	6	Carbono
		VI	7	Nitrogênio
S ₂	II	VII	8	Oxigênio
		0	9	Fluor
		I	10	Neônio
		II	11	Sódio
		III	12	Magnésio
		IV	13	Alumínio
		V	14	Silício
S ₃	III	VI	15	Fósforo
		VII	16	Enxofre
		0	17	Cloro
		I	18	Argônio
		II	19	Potássio
		III	20	Cálcio
		IV	21	Escândio
		V	22	Titânio
		VI	23	Vanádio
		VII	24	Cromo
		—	25	Manganês
		—	26	Ferro
		—	27	Cobalto
		—	28	Níquel
S ₄	IV	I	29	Cobre
		II	30	Zinco
		III	31	Gálio
		IV	32	Germânio
		V	33	Arsênio
		VI	34	Selênio
		VII	35	Bromo
		0	36	Criptônio
		I	37	Rubídio
		II	38	Estrôncio
		III	39	Ítrio
		IV	40	Zircônio
		V	41	Nióbio
		VI	42	Molibdênio
S ₅	V	VII	43	—
		—	44	Rutênio
		—	45	Ródio
		—	46	Paládio
		I	47	Prata
		II	48	Cádmio
		III	49	Índio
		IV	50	Estanho
		V	51	Antimônio
		VI	52	Telúrio
		VII	53	Iodo

SÉRIE ESTEQUIOGENÉTICA

(continuação)

S ₅	V	a	0	54	130.2	Xenônio
			I	55	132.81	Césio
			II	56	137.37	Bário
			III	57	139.0	Lantânio
			IV	58	140.25	Cério
			V	59	140.9	Praseodímio
			VI	60	144.3	Neodímio
		b	VII	61	—	—
			I	62	150.4	Samário
			II	63	152.0	Európio
			III	64	157.3	Gadolínio
			IV	65	159.2	Térbio
			V	66	162.5	Disprósio
			VI	67	163.5	Hólmio
			VII	68	167.7	Erbio
S ₆	VI	a	I	69	168.5	Túlio
			II	70	173.3	Itérbio
			III	71	175.0	Lutécio
			IV	72	—	—
			V	73	181.5	Tântalo
			VI	74	184.0	Tungstênio
			VII	75	—	—
		b	—	76	190.9	Osmio
			—	77	193.1	Iridio
			—	78	185.2	Platina
			I	79	197.2	Ouro
			II	80	200.6	Merúrio
			III	81	204.0	Tálio
			IV	82	207.20	Chumbo
S ₇	VII		V	83	208.0	Bismuto
			VI	84	210.0	Polônio
			VII	85	—	—
			0	86	222.4	Radônio
			I	87	—	—
			II	88	226.0	Rádio
			III	89	227	Actínio
			IV	90	232.4	Tório
			V	91	234.0	Protactínio
			VI	92	238.8	Urânio

DIAGRAMA ESTEQUIOGENÉTICO



----- Linha dos elementos desconhecidos.

XVII. A ESTEQUIOGÊNESE E AS ESPÉCIES QUÍMICAS DESCONHECIDAS

Este estudo que vou desenvolvendo, com a finalidade de atingir conclusões de ordem filosófica e moral, de significado muito mais alto, pode também ter importância prática para vossa ciência, pois vos oferece a *possibilidade de definir, a priori, elementos que ainda desconheceis*, e isso não empiricamente, por tentativas, mas sistematicamente, prevendo com exatidão a direção a dar a vossas pesquisas. O esquema vos revela que, em certos pontos, há corpos cuja descoberta revelará as características indicadas pelo gráfico. Não importam os nomes. Os corpos estão lá, já definidos e descritos. Procurai-os e os achareis. Dir-vos-ei mais: pelo que já conheceis experimentalmente, sabendo-se que o universo é lei e organismo, podereis delinear o andamento de um fenômeno pela simples aplicação analógica do conceito fundamental que o governa, isto é, da linha de seu desenvolvimento, mesmo em seus períodos desconhecidos.

Utilizai este conceito monístico que vos trago – da unidade de princípio de todo o universo – não apenas no campo moral, mas também no científico. Buscai este princípio de analogia que existe em todas as coisas, e ele infalivelmente vos guiará, permitindo-vos determinar a priori, antes da observação e da experiência, o desconhecido e defini-lo, descobri-lo e conhecê-lo. Não foi assim que descobristes o escândio, o gálio, o germânio? O escândio está no grupo III, à distância exata de duas oitavas do boro; o gálio está no mesmo grupo, um pouco mais distante na escala e na mesma distância de duas oitavas do alumínio; o germânio está no grupo IV, na mesma distância de duas oitavas do silício, que se encontra no mesmo grupo. Este mesmo sistema vos guiou à descoberta dos gases nobres, quimicamente inertes, contidos no ar, isto é, o neônio, o criptônio, o xenônio. Estes pertencem ao grupo “0”, ou seja, ao grupo do argônio. Conseguistes preparar o radônio (emanação do rádio), da mesma família “0”. De fato, no esquema, esse elemento está incluído no grupo do argônio (“0”, com valência zero) como todos os outros. E assim por diante também no campo astronômico, onde o cálculo de

uma lei exata vos permitiu individualizar, em determinado ponto e instante, um corpo com características determinadas, até se encontrá-lo de fato. Já vedes como o edifício que a razão é capaz de construir pode antecipar a observação direta; essa é apenas a trivial caminhada de um pensamento que sempre se apoia nos fatos. Imaginai a que descobertas podereis rapidamente chegar, quando *os problemas científicos forem enfrentados por intuição*, como vos disse. Aliás, as verdadeiras e grandes descobertas foram todas lampejos de intuição do gênio, o super-homem do futuro, que, saltando além das formas racionais de pesquisa, antecipa as formas intuitivas da humanidade futura. Os grandes saltos para frente dados pelo homem, nunca foram realizados experimentalmente, nem racionalmente, mas sim por intuição, verdadeiro e grande sistema de pesquisa do futuro. Enquanto a evolução não trazer à luz essa nova maturação biológica, seja a vossa razão, na pesquisa científica, dirigida pela minha afirmativa de que o universo é todo regido por conceitos harmônicos, analógicos, reduzíveis a princípios cada vez mais simples e sintéticos. Uma vez compreendido o conceito gerador de um processo fenomênico e seu ritmo, seja qual for a sua altura na escala das formas do ser, ampliai com segurança esse conceito e esse ritmo, mesmo onde ainda falta o conhecimento objetivo. De γ a α , é idêntica a lei de evolução, é contínua a linha de desenvolvimento, é único o princípio. Este conceito vos permitirá sempre individuar, a priori, as formas intermediárias que ω , a substância, atravessa em seu contínuo transformar-se.

Resumindo, então, podemos dizer que observamos as formas do estágio físico da substância (γ =matéria), que vão do H ao U, segundo pesos atômicos crescentes, formas que reagrupamos em VII grandes séries sucessivas de condensação e VII grandes famílias naturais de isovalências. Aparece somente uma pequena anomalia, essa também periódica, de três corpos que interrompem a progressão das isovalências. Essa interrupção é como uma breve estase e de modo algum perturba o andamento do fenômeno, pois a estase é rítmica e reaparece em períodos regulares. No esquema gráfico, as estases, nos fundos das conchas, são obtidas pelos volumes atômicos mais baixos.

XVIII. O ÉTER, A RADIOATIVIDADE E A DESAGREGAÇÃO DA MATÉRIA ($\gamma \rightarrow \beta$)

Nas duas extremidades da série, temos o H e o U. Esses dois elementos individualizam as duas formas extremas da fase γ . Que outras individualizações encontramos além dessas? A escala evidentemente “deve” estender-se além das formas que vos mostra a evolução terrestre. Vimos que, antes do H, temos o éter, forma intermediária entre β e γ e da qual voltaremos a falar. Vejamos agora a que formas tende a progressão evolutiva do U.

Vimos que o hidrogênio é o elemento constitutivo dos corpos jovens: nebulosas, estrelas brancas, quentes, de espectro intenso no ultravioleta, como Sírio e Alfa da Lira. O urânio, ao invés, é o elemento constitutivo dos corpos velhos, mais adiantados na evolução e que, portanto, puderam produzir elementos mais densos (peso atômico maior) e mais diferenciados. O urânio se nos apresenta com características todas especiais. É o elemento que tem o peso atômico mais alto (238,2) e é o último termo do último grupo da série estequiogenética. Este grupo é precisamente o dos corpos radioativos. Entre eles, considerais o urânio como a substância-mãe do rádio, tanto que a quantidade de rádio contida num mineral é dada pela quantidade de urânio que o compõe. Nos corpos celestes mais velhos que a Terra, agruparam-se, por evolução, formas de peso atômico maior e de radioatividade invulgar. De fato, a radioatividade é uma qualidade que só aparece nos elementos do último grupo. Pois bem, sabeis que essa é uma forma de desagregação da matéria, de modo que verificareis este estranho fenômeno no qual o aumento do peso atômico, ou seja, do grau de condensação da matéria, aumenta essa radioatividade, que, na matéria, é mais relevante exatamente em sua última forma.

A condensação leva à radioatividade, isto é, à desagregação. Portanto, derivada de β por concentração, a matéria (γ), ao atingir um máximo de condensação em seu processo de descida involutiva até às formas de peso atômico máximo, retorna sobre seu caminho e, invertendo a direção na forma de ascensão evolutiva, tende a se dissolver, regressando a β . A radioatividade é exatamente a

propriedade de emitir radiações especiais em forma de calor, luz, eletricidade, ou seja, de energia. Esta, ao contrário das leis que conheceis, não é tirada do ambiente, nem de outras formas dinâmicas, mas é produzida constantemente, e não podeis estabelecer outra fonte a não ser a matéria em estado de dissociação. Este fato derruba vosso dogma científico da indestrutibilidade da matéria e revalida o da indestrutibilidade da substância. A matéria, como matéria, apresenta fenômenos de decomposição espontânea. Essa decomposição é acompanhada de desenvolvimento de energia. Vedes, portanto, que a matéria, como tal, é destrutível, mas não como substância, já que essa destruição é acompanhada pelo aparecimento de formas dinâmicas, paralelamente ao processo de desintegração radioativa. Assim fica demonstrado o transformismo físico-dinâmico.

O estudo de grupo dos elementos radioativos nos mostra outro fato importante, indicando-nos como ocorre a transformação de um elemento em outro, ou seja, como se verificam os casos de evolução química, que podeis considerar como exemplos de verdadeira e pura estequiogênese.

Se tomarmos em consideração a última oitava dos elementos da série estequiogenética (elementos radioativos), podemos estabelecer entre eles uma relação de filiação. Foi precisamente em vista dessa relação genética que pudemos estabelecer a série S_7 , a família do urânio. Sabeis que os corpos radioativos emitem três espécies de raios: α , β , γ ⁷. Quando um corpo radioativo perde em cada átomo uma partícula α , tem-se, em correspondência, a perda de quatro unidades de peso atômico. Esse elemento transforma-se em outro, que ocupa um lugar diferente na série. A emissão de raios β , ao invés, produz uma transformação no sentido contrário. Uma transformação α pode ser compensada por duas transformações β em sentido contrário. Conheceis a lei específica dessa transformação, que é expressa pela fórmula: *constante de transformação* $= 2,085 \times 10^{-6} / \text{seg}$.

Por meio dessa transformação realiza-se a passagem do urânio ao protactínio, rádio, radônio (emanação), polônio (rádio F), chumbo (rádio G). Neste último elemento, a emanação dinâmica não é mais apreciável e parece já esgotada. Cada elemento é o produto da

desintegração do elemento precedente. Estudando o andamento desse processo de desintegração sucessiva dos termos da série, descobris que cada elemento tem um característico *tempo médio de transformação*, que oscila, nos vários corpos, de frações de segundo a milhares e milhares de milhões de anos. Esse tempo médio de transformação é sua *vida média*, e cada elemento radioativo tem um período próprio de vida média.

Vossa ciência já fala de vida de elementos químicos e define a duração desses períodos de vida. A radioatividade – fenômeno materialmente perceptível para vós apenas nos corpos que a apresentam destacadamente – é, não obstante, propriedade universal da matéria. Isto significa não apenas que a matéria, toda e sempre, em maior ou menor grau, é susceptível de decomposição e pode transformar-se em formas dinâmicas, mas também que a pulsação de sua evolução, a estequiogênese, jamais para.

Resumo ainda e fecho este capítulo. Partindo do hidrogênio – forma primitiva da matéria, derivada por condensação (concentração) das formas dinâmicas, através da forma de transição (éter) – estabelecemos uma escala em que os elementos químicos, até ao U, encontraram seu lugar de acordo com a própria fase de evolução. A repetição periódica das isovalências nos mostrou que essa evolução, a qual é ao mesmo tempo condensação progressiva e estequiogênese, constitui um ritmo cuja expressão é dada também pelo progresso contínuo dos pesos atômicos. Essas grandes pulsações rítmicas da matéria são sete, as quais apresentei em sete séries, de acordo com as letras S₁, S₂, S₃, S₄, S₅, S₆ e S₇. Percorrendo a série de S₁ até S₇, aparece uma mudança alternada de fases periódicas, que se sucedem à maneira de notas musicais, em distâncias de oitavas. O conjunto das séries é apenas uma *oitava maior*, prenúncio de outras oitavas, que invadem as fases β e α . Vimos a tendência que assume a matéria quando chega ao U – seu limite de máxima descida, condensação ou involução e, ao mesmo tempo, ponto de retomada da ascensão evolutiva, com o regresso à fase β . *Chegando ao U, a matéria se desagrega*. Em vosso sistema planetário, a matéria é velha, ou melhor, está envelhecendo e vos mostra todas as formas que sua vida criou e nas quais se fixou. A fase vivida por vosso recanto de universo é a fase $\beta \rightarrow \alpha$, dada pelos fenômenos da vida e do espírito.

Mas, se quiserdes continuar a série evolutiva de suas formas conhecidas, recorrei ao citado princípio de analogia e continuei a série nas direções já iniciadas, ou seja, antes do H, com corpos de peso atômico decrescente, e depois do U, com peso atômico e radioatividade cada vez mais acentuadas. Conservai a relação de progressão já anotada e encontrareis, para os elementos químicos aquém do H e além do U, um salto no peso atômico de duas ou quatro unidades, verificando o mesmo retorno periódico de isovalências. Assim, o elemento que vier depois do U terá um peso atômico 240-242, com qualidades radioativas ainda mais fortes. Notai, porém, que os produtos mais densos e radioativos do que o U vos escapam, pois ainda não “nasceram” em vosso planeta, e que os corpos que precederam o H já desapareceram, fugindo, portanto, à vossa observação. Esse aumento de qualidades radioativas nos corpos que devem nascer depois do U, significa para eles uma tendência cada vez mais acentuada à *desagregação espontânea, ao regresso às formas dinâmicas*. Esses corpos nascem para morrer logo, e sua vida tem a função de transformar γ em β . A matéria de vosso sistema solar, com sua tendência a evoluir para formas de peso atômico cada vez maior e mais radioativas, produzirá uma série de elementos químicos sempre mais complexos, densos e instáveis. Esta matéria, cada vez mais velha e diferenciada, tende à desagregação e prepara-se para atravessar verdadeiro período de dissolução, que, aumentando progressivamente, terminará em verdadeira explosão atômica, como observais nas dissoluções dos universos estelares. Vosso recanto de universo se dissolverá por explosão atômica, verdadeira morte da matéria. Isto acontecerá quando a matéria tiver esgotado sua função de apoio àquelas formas orgânicas pelas quais é sustentada a vossa vida, que realiza nesta fase de evolução a vossa grande criação: a construção, por meio de infinitas experiências, de uma consciência, ou seja, de α , a substância que regressa à sua fase de espírito. Esse é o grande e verdadeiro problema de que tratarei e do qual esta é apenas singela preparação.

Na outra extremidade da escala, além do H, sempre pelo mesmo princípio de analogia, encontrareis corpos de peso atômico menor que o H, e assim por diante, formando um grupo de mesma valência do oxigênio. Prosseguindo nessa direção, encontrareis o éter,

elemento imponderável para vós, de densidade mínima, tanto que praticamente escapa às leis da gravitação, não vos sendo possível aplicar-lhe conceitos de gravitação e de compressibilidade, assim como não podeis fazê-lo à luz e à eletricidade. Ele escapa às vossas leis físicas e vos desorienta com sua rigidez, tão grande que lhe permite transmitir a luz à velocidade de 300.000 km/s. No entanto é de tão fraca resistência, que nada opõe ao curso dos corpos celestes. O erro consiste em querer considerá-lo com os critérios específicos da matéria, enquanto ele é uma forma de transição, como vos disse, entre matéria e energia.

XIX. AS FORMAS EVOLUTIVAS FÍSICAS, DINÂMICAS E PSÍQUICAS

Mas, afora os corpos que, aquém do H e além do U, prolongam a série de formas de γ , a escala, naturalmente, continua, mesmo onde a matéria não é mais matéria. Continua, segundo a visão monística que vos exponho, nas formas dinâmicas, até às mais altas formas de consciência. Do urânio ao gênio, traçaremos uma linha que deverá ser contínua. Mesmo nas *formas dinâmicas*, temos semelhante progressão de períodos: raios X; vibrações que desconheceis; raios luminosos, caloríficos e químicos; espectro visível e invisível, abrangendo desde o infravermelho até o ultravioleta; vibrações eletromagnéticas; outras vibrações que desconheceis e, finalmente, vibrações acústicas. A tendência da série estequiogenética ao período setenário e à progressão por oitavas, repete-se aqui. As formas acústicas dividem-se, por sua vez, numa oitava menor, assim como a luz no espectro. Das formas dinâmicas, passa-se às *psíquicas*, começando pelas mais baixas, em que o psiquismo é mínimo, os *cristais*. Nestes, a matéria não soube elevar-se a organizações mais complexas que as de unidades químicas coletivas, as quais representam o máximo conteúdo de α possível para a matéria, constituindo o psiquismo físico, que é o menor psiquismo da substância. Os cristais são sociedades moleculares, verdadeiros povos organizados e regidos por um princípio de orientação matematicamente exato, e nesse princípio reside o citado psiquismo. Vedes que a cristalografia vos oferece sete sistemas cristalinos, correspondendo à gradação de um conceito cada vez mais complexo, de um psiquismo cada vez mais evidente, que se revela de acordo com planos e eixos de simetria, regulados segundo critérios exatos.

Do triclinico ao monométrico, através do monoclinico, do trimétrico, do trigonal, do dimétrico, do hexagonal, ou dos sistemas que, se têm nomes diferentes, são, no entanto, substancialmente idênticos, subimos mais uma oitava até ao *reino vegetal* e, depois, ao *reino animal*, com o expoente psíquico cada vez mais profundo e evidente. Dos protozoários aos vertebrados, através das grandes classes dos celenterados, vermes, equinodermos, moluscos e

artrópodes, nada mais há senão uma nova oitava. Vossa zoologia classifica os animais existentes em sete tipos. Chegamos assim, através da repetição rítmica de uma graduação fundamental e da reprodução dos períodos constantes da matéria (máxima condensação da substância), às superiores *formas de consciência* humana (para vós, a máxima espiritualização).

Agora, podeis ter a visão da unidade da Lei e do meu monismo. Da zoologia chegamos ao mundo humano. Mas toda a vida, mesmo a vegetal, tem um só significado: construção de consciência, transformação de β em α . Todas as formas de vida são irmãs da vossa e lutam por subir para a mesma meta espiritual, que é o objetivo de vossa vida humana. A escala dos estados psíquicos que a vida percorre até vos alcançar, parte das primeiras formas inconscientes de sensibilidade vegetal, percorre as fases de instinto, intuição inconsciente, raciocínio (a vossa atual fase), consciência, intuição consciência ou superconsciência. Esta vos espera, e vo-la indiquei como novo sistema de pesquisa. Seguem as unidades coletivas em que as consciências se coordenam em mais vastos e complexos organismos psíquicos, como a família, a nação, a raça, a humanidade e as formas de consciência coletiva que lhes correspondem.

Assim, desse vertiginoso metabolismo que é a vida, ao qual a matéria se sujeita nos mais altos graus de evolução, nasce a síntese espiritual. Pensai no sistema planetário do núcleo e dos elétrons, girando vertiginosamente no seio do átomo, que se combina com outros sistemas planetários atômicos na molécula, coordenando-se num sistema orgânico mais complexo, o qual, por sua vez, é envolto num turbilhão ainda mais profundo, produzido pelo intercâmbio orgânico na célula. E o que é uma célula, se comparada a um organismo? Como é vertiginoso nascer, viver, morrer! A vida é troca, e vós, a cada momento, mudais a matéria de que sois compostos. A vida é uma corrente que jamais para; é um maravilhoso turbilhão, do qual nasce o pensamento, a consciência, o espírito. Nela palpita a matéria toda, acesa em sua mais íntima essência, com indômita febre de ascensão. Eis a nova e tremenda grandeza divina que vos mostrarei.

Contudo esse imenso fenômeno não é apenas progressão de

formas que individualizam as etapas do grande caminho ascensional (*aspecto estático do universo*); não é somente movimento do transformismo evolutivo (*aspecto dinâmico do universo*), mas representa também a exteriorização de um princípio único, uma lei que se encontra em toda parte. Esse princípio, que define o andamento de qualquer fenômeno, pode ser exprimido graficamente na forma de uma espiral, em cujo âmbito cada pulsação rítmica é um ciclo, o qual, embora voltando ao ponto de partida, desloca-se, repetindo em tom e nível diferentes o período precedente. Isto explicarei com mais exatidão no estudo da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (*aspecto mecânico do universo*), que também é tríplice em seus aspectos.

XX. A FILOSOFIA DA CIÊNCIA

A função desta *filosofia da ciência* de que vos falei é coordenar a grande quantidade de fenômenos que observais; é reduzir vossa ciência a uma síntese unitária, a fim de não vos perderdes no particular das análises; é vos dar a chave da grande máquina do universo. Vossa ciência possui vícios de base e defeitos orgânicos que venho sanar. Falta-lhe totalmente unidade, fato este que a impediu até agora de elevar-se a sistema filosófico e, assim, de vos dar uma concepção de vida. Tem-se, de um lado, as filosofias intuídas e, de outro, uma ciência puramente objetiva, caminhando por estradas opostas e com metas diferentes, não sendo possível assim chegar senão a resultados incompletos. Mantidos separados, o abstrato e o real eram insuficientes para conseguir a síntese completa que vos dou agora, fundindo os dois extremos: intuição e razão, revelação e ciência. Quando estiver completa nossa viagem pelo cosmo, tornarei a descer, num tratado mais profundo, aos pormenores de vossa existência individual e coletiva, para que ela não seja mais guiada, como até agora, por instintos emersos de uma lei desconhecida por vós, permitindo-vos assim tomar, vós mesmos, com consciência e conhecimento – não mais menores de idade – as rédeas do funcionamento complexo de vosso mundo. Outro defeito de vossa ciência é constituir-se em ciência de relações, limitando-se a estabelecer, ainda que de forma matematicamente exata, as relações entre os fenômenos, partindo do relativo e se movendo apenas no relativo. Minha ciência é ciência do absoluto. Eu não digo: “poderia ser”. Digo: “é”. Não discuto: afirmo. Não indago: exponho a verdade. Não apresento problemas, nem levanto hipóteses: exprimo os resultados. Minha filosofia não se abstrai em construções ideológicas, mas permanece aderente aos fatos em que se baseia.

Multiplicais vossas habilidades e a potência de vossos meios de pesquisa, mas o ponto de partida é sensório. Assim percebeis a matéria como solidez, e não como velocidade. Apenas por vias indiretas chegais a imaginar como a massa de um corpo existe em função de sua velocidade e como a transmissão de uma nova energia significa para ele um peso maior. Torna-se difícil para vós

compreender que a velocidade modifica as leis de atração (giroscópio); que a continuidade da matéria é devida à velocidade de deslocamento das suas unidades eletrônicas componentes, tanto que, sem essa velocidade – dado o volume mínimo em relação ao espaço em que circulam – vosso olhar passaria através delas sem perceber nada; que a solidez da matéria, fundamental para vossas sensações, é devida à velocidade de rotação dos elétrons, pela qual lhes é conferida uma quase contemporânea onipresença espacial; que, sem essa velocidade, toda a imensa grandeza do universo físico se reduziria, em um átimo, ao que verdadeiramente é: um pouco de névoa, de poeira impalpável. Eis a grande realidade da matéria que a ciência deveria vos mostrar: a energia.

O método no qual a vossa ciência se baseia a torna inapta para descobrir as íntimas ligações que unem as coisas e que delas revelam a essência. Por exemplo: compreendestes o fenômeno que demonstra a transformação por mim afirmada de γ em β , correspondente ao retorno da fase matéria à fase energia, observada também na radioatividade do vosso planeta, ou seja, o fenômeno mediante o qual o sol, à sua própria custa, desgastando-se em peso e volume, inunda de energia a família de seus planetas e o espaço, até exaurir seu ser. No entanto a ciência se detém neste ponto e olha para aquele sol, que é vossa vida, como para um enigma; sol que vagará por bilhões de séculos, exaurido de luz e de vida, apagado, frio e morto. Eu, ao invés, vos digo que ele obedeceu à lei universal de amor, a qual impõe a doação gratuita e, em todos os níveis, torna irmãos todos os seres do universo. Outro exemplo: tentais a desintegração atômica, procurando demolir o inviolado edifício atômico; buscais penetrar o núcleo, ultrapassando a zona eletrônica de alto potencial dinâmico, através do bombardeio do sistema com emissões-projéteis de alta velocidade. Mas não vedes que a essência do fenômeno da transmutação dos átomos reside na lei da unidade da matéria. Da mesma forma, tendes notado que a matéria sideral nasce e morre, aparece e desaparece, volatiliza-se de um lado em radiações e reaparece em outra parte como matéria. No entanto não colocastes lado a lado os dois fenômenos, deixando assim de observar o traço que os une e a linha cíclica comum do seu desenvolvimento. Eu vos revelo os vínculos que unem os fenômenos aparentemente mais

dísparos. Meu sistema não despreza a ciência, como acontece com vossa intuição filosófica, antes a toma como base, completa-a, ergue-a ao grau de concepção sintética, dando-lhe dignidade de filosofia e de religião, porque, no infinito pormenor da fenomenologia, reencontra o princípio unitário que, dando-vos a razão das coisas e respondendo aos últimos porquês, é capaz de vos guiar pela estrada de vossas vidas e de vos proporcionar um objetivo para vossas ações.

XXI. A LEI DO DEVENIR

Chegou agora o momento de aprofundar nosso estudo, enfrentando problemas de complexidade maior. Até aqui, mantive-me relativamente na superfície dos fenômenos, detendo-me em sua aparência exterior, que é a mais acessível ao vosso intelecto. Procedamos agora, em sua íntima e profunda estrutura, ao exame do processo genético do mundo fenomênico.

Nas páginas anteriores tracei para vós as características, a gênese e o desenvolvimento da fase γ , lançando um olhar de conjunto sobre as outras duas formas de ω , ou seja, β e α . Mais adiante, penetraremos no exame minucioso destas fases, a dinâmica e a psíquica, as quais merecem um estudo mais aprofundado, pois se referem aos fenômenos da vida e da consciência, que vos atinge mais de perto, dizendo respeito à vossa própria vida e consciência, tanto no campo individual quanto no social. Com isso, terminarei o tratado, e o edifício estará acabado, porque terei lançado nova luz ao vosso mundo; terei implantado os pilares de um novo modo de viver individual e coletivo, com base ao mesmo tempo na ciência e na revelação; terei-vos dado um novo modo de viver, que constituirá a nova civilização do Terceiro Milênio.

Mas, antes de prosseguir em extensão, expandindo-nos nestes novos campos, procedamos em profundidade, para tomarmos conhecimento da essência dos fenômenos que observamos. Não era possível, antes deste momento, empreender tal estudo. Ele não mais se refere ao universo em seu aspecto estático nem dinâmico, já observados, mas o considera sob novo ponto de vista, observando-o em seu *aspecto mecânico*.

O *aspecto estático* refere-se às formas do ser, e sua expressão é:

$$(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$$

O *aspecto dinâmico* diz respeito ao *devenir* (evolução) das formas do ser, e sua expressão é:

$$\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$$

O *aspecto mecânico* considera a *essência* do devenir das formas do ser, e sua expressão é a linha definida pela *espiral*.

Certamente notastes como as formas ou fases de ω , a Substância,

são três: matéria (γ), energia (β) e espírito (α). Também são três os seus aspectos, podendo ser considerados respectivamente: 1º) Como *formas*; 2º) Como *fases*; 3º) Como *princípio* ou *lei*. Esses três aspectos são as três dimensões da trindade da substância. Unidade trina, a três dimensões. Em uma palavra, o universo não é apenas uma grande *organização* de unidades e o funcionamento de um grande organismo de seres, é também o *vir-a-ser*, o transformismo evolutivo desse organismo e de suas unidades; é, enfim, o princípio – a *Lei* – que rege esse transformismo.

O estudo desse princípio nos ocupará agora.

O eterno devenir do ser é guiado por uma lei perfeita e matematicamente exata; o transformismo evolutivo universal obedece a um princípio único. Eu vos exporei esse princípio, que encontrareis idêntico e constante na infinita multiplicidade das formas, e vos traçarei a linha do seu desenvolvimento, a trajetória da sua evolução. Trata-se de uma linha absolutamente típica, que se pode denominar matriz do transformismo universal; uma trajetória que todos os fenômenos, os mais díspares, seguem em seu processo de desenvolvimento. Princípio absoluto, trajetória inviolável. Cada fenômeno tem uma lei, e essa lei é um ciclo. Cada fenômeno existe enquanto se move de um ponto de partida para um ponto de chegada. Existir significa mover-se segundo essa linha de desenvolvimento, que constitui a trajetória do ser.

XXII. ASPECTO MECÂNICO DO UNIVERSO. FENOMENOGENIA

A trajetória típica dos movimentos fenomênicos, expressão sintética do seu devenir, é a linha que já encontrais no mundo físico, no nascimento da matéria; é a linha das formações estelares (nebulosas) e planetárias, ou seja, o vórtice, a espiral. Ela exprime a fenomenogenia, e seu estudo vos conduzirá a uma nova concepção cosmogônica.

Procedamos à sua análise, começando pelos conceitos mais elementares e, com ordem, caminhando do simples ao complexo. Vamos também, a fim de evidenciar melhor o conceito, expressá-lo através de diagramas.

A fig. 1 representa a lei do caminho ascensional da evolução em sua expressão mais simples. A abcissa horizontal indica a progressão da unidade de tempo, e a vertical, a progressão dos graus de evolução. Isto nos aparece aqui em sua nota fundamental e característica dominante de caminho ascensional linear contínuo (linha OX).

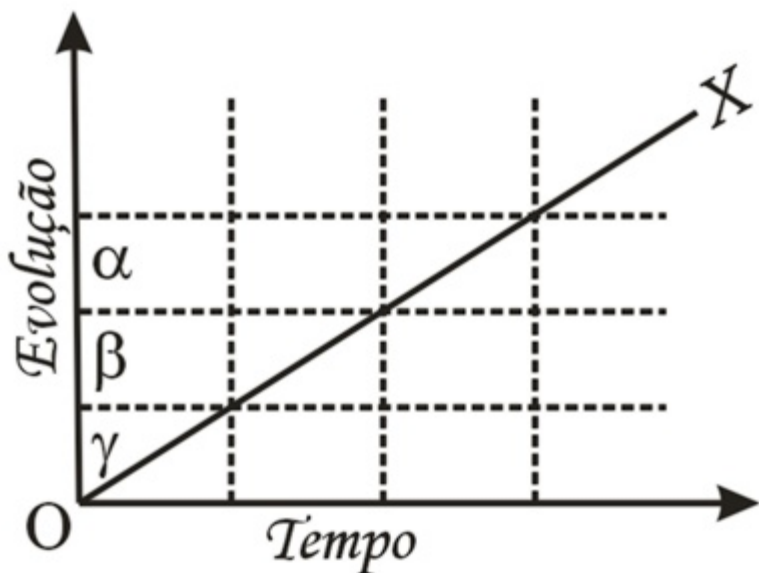


Figura 1
Diagrama da progressão evolutiva
em sua mais simples expressão retilínea.

Algumas definições:

Por *evolução*, entendo a transformação da substância, desde a fase γ até às fases β , α e além, como veremos, e das formas individuais através dessas fases.

Por *tempo*, entendo o ritmo ou a medida do transformismo fenomênico. Não se trata do tempo no sentido restrito, o qual, sendo medida de vosso universo físico e dinâmico, desaparece no nível α , mas sim de um tempo mais amplo e universal, um tempo que existe onde haja um fenômeno e subsiste em todos os níveis possíveis do ser, tal como um passo que assinala o caminho da eterna transmutação do todo.

Por *fenômeno*, entendo uma das infinitas formas individuadas da substância, o seu devenir e a lei do seu devenir. Por exemplo: um tipo de corpo químico, de energia ou de consciência, em seus três aspectos: estático, dinâmico e mecânico. Fenômeno é a palavra mais ampla possível, porque compreende tudo, enquanto é e se transforma

de acordo com sua lei. O ser, em meu conceito, jamais significa estase, mas sempre um eterno devenir.

A fig. 1 é a expressão mais simples do curso do fenômeno no tempo, isto é, da quantidade de sua progressão evolutiva em relação à velocidade dessa progressão.

Esta expressão e as seguintes têm um significado universal. Portanto, para passar ao caso especial, é necessário levar em conta não apenas o particular grau de evolução da individuação fenomênica examinada, mas também a sua velocidade específica de progressão. Levando isso em conta, as linhas e trajetórias que assinalaremos podem ser aplicadas a todos os fenômenos. Entretanto, para simplificar e salientar a evidência, tomo agora para exame, particularmente, um tipo de fenômeno que, dentre aqueles conhecido por vós, é o maior – o máximo – abrangendo todos os menores: a transformação da substância em suas fases γ , β , α . O objetivo disto é vos dar uma ideia mais exata do processo genético do cosmos.

A fig. 2 exprime um conceito mais complexo.

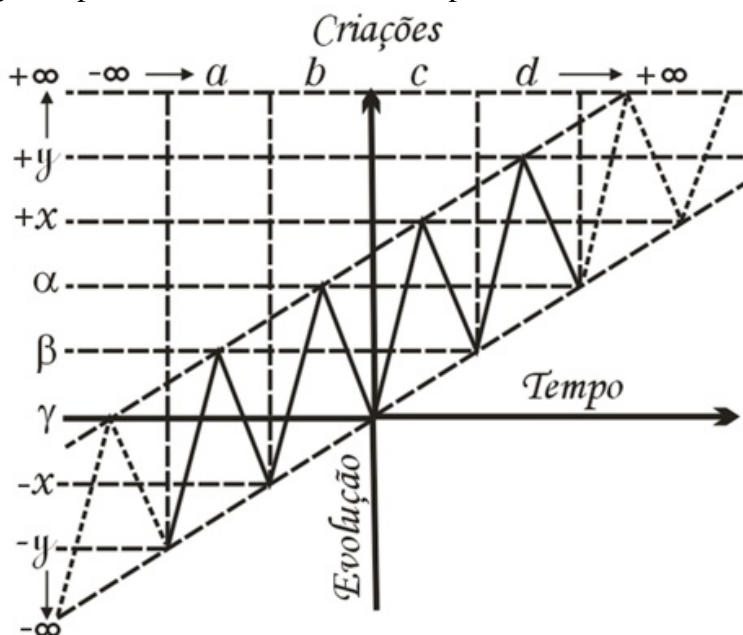


Figura 2
Análise da progressão em suas fases evolutivas e involutivas.

Dissemos que, na eterna respiração de ω , a fase evolutiva é compensada por uma fase equivalente involutiva e que vosso atual caminho ascensional, $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, tinha sido precedido por um caminho inverso de descida, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$. Desse modo, para que a expressão fique completa, a linha traçada OX deve ser precedida por uma linha oposta que, da mesma altura α , desça até O. Mas, quando expus a grande equação da substância em seu aspecto dinâmico: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \dots$, eu disse, sumariamente, que o devenir retornava sobre si mesmo. Isso porque, se o tivesse definido com mais precisão naquele momento, teriam surgido dúvidas e complicações que só agora, ao observarmos o aspecto mecânico do fenômeno, podemos resolver.

Certamente, compreendeis que o absoluto só pode ser infinito em todas as direções; que só pode haver limites em vosso relativo; que, se devemos pôr limites para o absoluto, esses limites não estão no absoluto, mas sim na insuficiência de vosso órgão de julgamento: a razão; que o universo não somente se estenderá ao infinito, em todas as direções possíveis, espaciais, temporais e conceptuais, mas também, em determinado ponto, desaparecerá de vossa visão insuficiente e se desvanecerá, para vós, no inconcebível. As fases α , β , γ não podem esgotar todas as possibilidades do ser. Elas são ω , o vosso universo, vosso concebível. Mas, além delas, há outras fases e outros universos, contíguos, comunicantes, que são para vós o nada, porque estão além de vossas capacidades intelectivas. Essas fases se estendem acima de α , em progressão ascendente para um infinito positivo, e abaixo de γ , em progressão descendente para um infinito de sinal oposto.

Por isso a fig. 2 assume um aspecto diferente da fig. 1. Enquanto a linha do tempo se estende horizontalmente, de um $-\infty$ a um $+\infty$, ilimitada em ambas as direções, a linha da evolução estende-se, acima e abaixo, para $+\infty$ e $-\infty$. Às fases γ , β , α seguirão, acima, as fases evolutivas (que desconheceis) $+x$, $+y$, $+z$ etc. e, abaixo, as involutivas (também desconhecidas por vós) $-x$, $-y$, $-z$, as quais constituem criações limítrofes (mas não no sentido espacial) de ω .

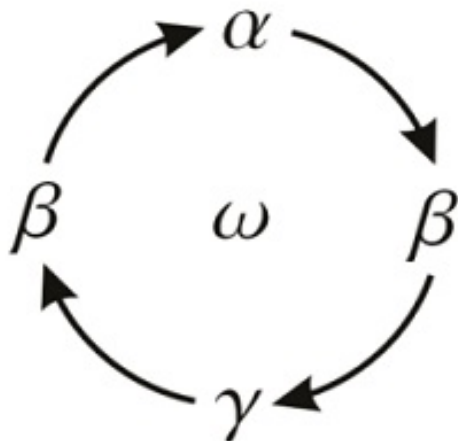
O sistema, embora de maior amplitude e complexidade que o de ω , equilibra-se igualmente, mas num equilíbrio mais vasto e complexo. Assim como o ciclo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ não é a medida máxima

do ser, tampouco o é este ciclo maior. Ele é apenas uma parte de um ciclo ainda mais amplo, pois, repito, não há nem pode haver limite de maior ou menor, de simples ou complexo, pois tudo se estende sem princípio nem fim, nas infinitas possibilidades do infinito. Vosso campo visual é limitado e só pode abarcar um trecho dessa trajetória maior, ao longo da qual ocorrem as criações e se escalonam os universos. Não vos faça isso, porém, supor imperfeição, falta de equilíbrio e ausência de ordem, pois tudo se desenvolve aí segundo um princípio único e uma lei constante.

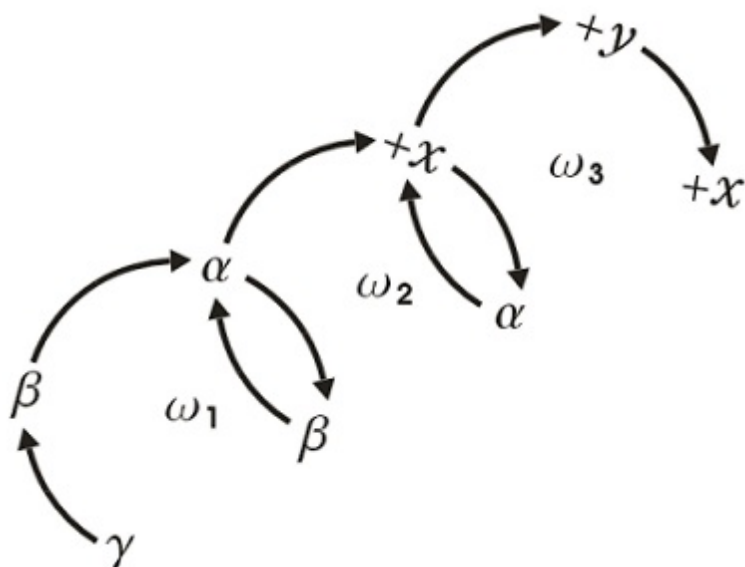
XXIII. FÓRMULA DA PROGRESSÃO EVOLUTIVA. ANÁLISE DA PROGRESSÃO EM SEUS PERÍODOS

Aprofundemos ainda mais. Compreendeis que o ser não pode ficar fechado no ciclo de ω , o vosso universo, dado pelas três formas, γ , β , α ; que uma eterna volta sobre si mesmo seria trabalho ilógico e inútil; que seria absurdo caminhar sem meta nesse eterno círculo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Vossa mente compreende esta minha argumentação de que, seja qual for o limite posto em ω , a razão saltaria por cima dele, procurando outro mais afastado; de que é absurdo um *ciclo fechado*, repetindo-se infinitamente em si mesmo. Vossa mente sente a necessidade do *ciclo aberto*, ou seja, do ciclo que se abre para um ciclo maior e que torna a se fechar em si mesmo num ciclo menor, sem nenhuma limitação. Fica assim satisfeita a vossa mente, porque é atendida a necessidade e concedida a possibilidade para que o ser volte sobre si mesmo e, sobretudo, se estenda fora de si, além de si, para superar a forma conquistada, que o constrange.

Essa *fórmula do ciclo fechado*, que já vos dei com a expressão sumária: $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, tem de ser substituída agora pela *fórmula* mais exata e complexa do *ciclo aberto*. De acordo com esta nova fórmula, a expressão gráfica dada anteriormente:



transforma-se nesta outra:



em que o ciclo do universo ω , dado por:

$$\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$$

não está mais fechado em si mesmo, mas se abre, invertendo o caminho $\alpha \rightarrow \beta$ em $\beta \rightarrow \alpha$ e, assim, desenvolvendo os universos contíguos ω_2 , ω_3 etc.

A fórmula do ciclo aberto estende-se também no sentido negativo, sendo dada pela seguinte expressão:

1o ciclo	-y	$\rightarrow$	-x	$\rightarrow$	y	$\rightarrow$	-x
...							
2o ciclo	-x	$\rightarrow$	y	$\rightarrow$	β	$\rightarrow$	y
3o ciclo	y	$\rightarrow$	β	$\rightarrow$	α	$\rightarrow$	β
4o ciclo	β	$\rightarrow$	α	$\rightarrow$	+x	$\rightarrow$	α
5o ciclo	α	$\rightarrow$	+x	$\rightarrow$	+y	$\rightarrow$	+x

Esse mesmo conceito dos ciclos sucessivos nos é apresentado pelo diagrama da fig. 2 através de uma *linha quebrada ascendente*, cujo movimento ascensional é alternando com períodos de regressão involutiva. Unindo entre si os vértices ou as bases da linha quebrada,

vemos reaparecer ali, no conjunto, a linha ascensional OX em sua expressão mais simples. Encontramos assim, em nível mais alto, o *mesmo princípio*, do qual analisamos agora o íntimo ritmo e observamos a estrutura mais completa.

Observemos agora as características da fórmula do ciclo aberto. As fases da evolução – elementos que compõem as fórmulas dos cinco ciclos sucessivos examinados – podem ser divididas, através da sobreposição das cinco fórmulas, em quatro colunas. Veremos, assim, como se repete em nível diferente o mesmo ciclo, com o mesmo princípio. A primeira coluna à esquerda indica o ponto de partida; a segunda, a fase sucessiva do caminho ascensional; a terceira representa o vértice do ciclo; a quarta e última coluna estabelece o ponto ao qual se desce a partir do vértice. Duas fases de ida e uma de volta projetam a série dos vértices γ , β , α , $+x...$ cada vez mais alto, segundo uma linha ascendente. A diferença de nível entre os pontos de partida e os de chegada é a condição necessária para a *progressão do sistema*. Esclareceremos adiante, com casos mais particulares, o significado e as razões filosóficas desse deslocamento, pelo qual a linha não volta ao nível precedente, e sim a um nível mais alto.

O curso da linha quebrada no diagrama da fig.2 expressa de forma evidente esses conceitos. As coordenadas, suspensas no espaço entre dois infinitos, são ilimitadas. As fases, uma vez que não correspondem mais a um ponto, são representadas não por uma linha, e sim por uma faixa, uma superfície, porque só uma área pode, graficamente, dar a ideia do deslocamento necessário para atravessar a fase. Cada ciclo representa o que chamais de uma criação. Tais criações se sucedem no diagrama, representadas pelas letras a , b , c , d etc. Como unidade de medida para o tempo, tomamos a criação, que estabelece o ritmo da transformação do fenômeno examinado por nós.

Resumindo o que dissemos até agora, podemos concluir que o aspecto dinâmico do universo é regido por uma lei mais complexa (aspecto mecânico), não sendo a sua expressão dada simplesmente pela fórmula:

$$\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$$

mas sim por esta outra:

$$\Delta = -\infty \rightarrow \dots \rightarrow y \rightarrow -x \rightarrow \gamma \rightarrow -x \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \\ \rightarrow \beta \rightarrow \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \alpha \rightarrow +x \rightarrow \alpha \dots \rightarrow +\infty$$

em que Δ exprime, na série infinita, uma unidade coletiva maior que ω , isto é, um organismo de universos.

XXIV. DERIVAÇÕES DA ESPIRAL POR CURVATURA DO SISTEMA

No diagrama da fig. 3, encontramos uma expressão mais intuitiva da lei que rege o transformismo fenomênico. Minha finalidade agora é descrever claramente as características do fenômeno. Mais tarde, exporei o significado e as razões profundas de seu desenvolvimento.

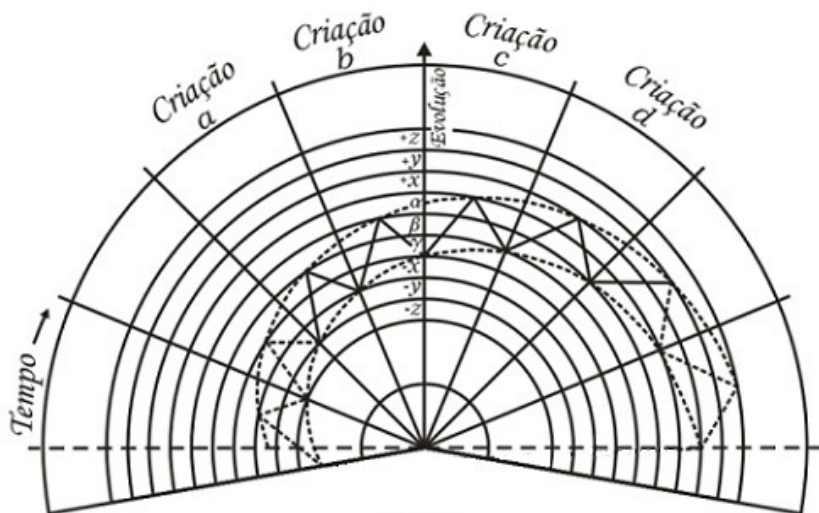


Fig. 3
Curvatura do sistema. A espiral derivando da quebrada.

Na fig. 3, tomo como coordenada básica, para exprimir a medida de tempo, não uma linha reta horizontal, mas uma circunferência; faço a coordenada vertical mover-se ao redor do centro, para exprimir assim os graus de evolução, o que significa, em outras palavras, tomar por abscissas todos os possíveis raios do círculo. A medida de tempo, portanto, será dada em graus. Todo o sistema da fig. 2 gira, assim, em torno de um centro. A expressão mais simples do conceito de evolução (dada pela reta ascendente OX do diagrama da fig. 1) é representada agora pela abertura da espiral. O conceito de ascensão linear é substituído pelo de desenvolvimento cíclico, onde, no pormenor, temos a mesma linha quebrada, cujos vértices salientes são os máximos na progressão das sucessivas criações. A linha geral do fenômeno (OX) assume o curso de espiral, que é a linha da gênese

planetária, do vórtice sideral das nebulosas. Esta é a espiral que, na fig. 4, veremos abrir-se e fechar-se até mesmo em seu interior, pois a linha quebrada será expressa por curvas e, assim, será possível vê-la afastar-se e aproximar-se do centro ao longo da coordenada raio, acompanhando a curva do tempo nas grandes pulsações evolutivas e involutivas, segundo a qual progride todo o sistema. A espiral é aqui a expressão mais intuitiva da reta, porque, sendo uma derivada da circunferência, exprime mais evidentemente o curso cíclico do fenômeno e a trajetória típica do seu devenir, dados pelos desenvolvimentos e retornos periódicos.

XXV. SÍNTESE LINEAR E SÍNTESE POR SUPERFÍCIE

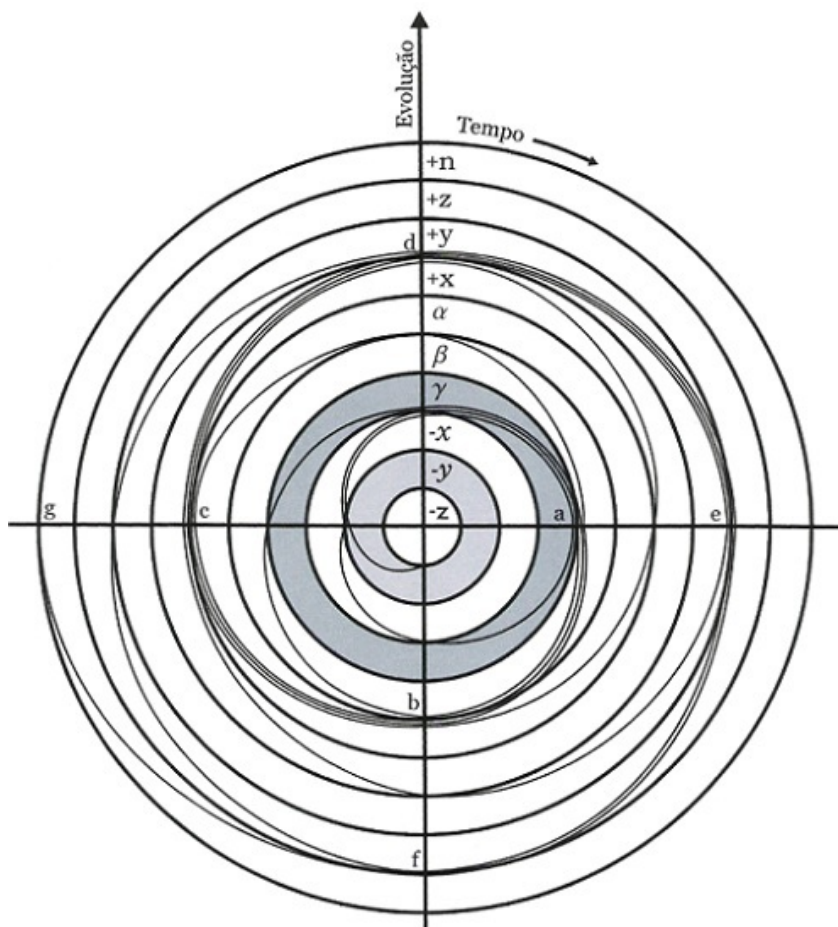


Fig. 4
Desenvolvimento da trajetória dos movimentos
fenomênicos na evolução do cosmos.

Estudemos agora o diagrama da fig. 4. Tomando uma unidade de medida de tempo menor do que a empregada na fig. 3, ou seja, tornando mais lento o curso do fenômeno, de modo a colocar cada criação numa distância angular maior (45°, 90° etc.), podemos exprimir o fenômeno não apenas em seu aspecto de conjunto (como na fig. 3), mas também em seu curso cíclico de desenvolvimento e

retorno em cada uma das fases, no âmbito da própria criação. Assim, é possível observar melhor o fenômeno em seus pormenores, com uma nova figura de seu aspecto característico, na qual os segmentos ascendentes e descendentes da linha quebrada são substituídos por uma expressão mais dinâmica, dada pelo movimento de *abertura e fechamento da espiral*.

A fig. 4 é construída dando-se a cada fase (α , β , γ etc.) a amplitude de um ângulo reto. É preferível essa amplitude, em vez de outros ângulos, porque ela vos exprime com evidência maior a lei do fenômeno, através de superposições regulares de trajetória, como ocorre na realidade, em um conjunto mais equilibrado no retorno dos períodos. Observemos o diagrama em suas características. Encontramos aqui, reproduzido em sua expressão cíclica, o mesmo conceito que, nos pormenores da fig. 3 e em toda a extensão da fig. 2, tem sua expressão retilínea. Começamos a observação do fenômeno em sua fase $-y$ e sigamo-lo em sua ascensão através das fases $-x$ e γ . Nesse ponto, o período fenomênico, depois de haver tocado um vértice – resultante do percurso completo das três fases, assinalado com a letra *a* nas figuras 2, 3 e 4 – torna a descer e, voltando a fechar-se sobre si mesmo, percorre em sentido contrário as últimas duas fases do período progressivo. O primeiro período fenomênico, que representa a criação, fica assim completo em seus dois momentos: o de ida e o de volta, o evolutivo e o involutivo, dados pelo percurso $-y \rightarrow -x \rightarrow \gamma$ e $\gamma \rightarrow -x$, que constitui a primeira parte da fórmula Δ . Uma vez finalizada a fase $-x$, o período se esgota e, para continuar, ele se inverte novamente, retomando o movimento ascensional. Porém este, agora, não parte mais de $-y$, e sim de um degrau mais alto, $-x$, percorrendo outras três fases ascendentes, que desta vez são: $-x$, γ , β , até tocar novo vértice, para então descer de β para γ , onde inicia um terceiro período, retificando de novo seu caminho. Assim foi percorrido o trecho $-x \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, que constitui a segunda parte da fórmula de Δ , correspondente à criação *b*. O fenômeno continua a se desenvolver, obedecendo a uma lei de progressão constante. As letras, vértices e períodos das espirais da fig. 4 correspondem àqueles da linha quebrada nas fig. 2 e 3. Assim como, na linha quebrada, a trajetória continua a subir e a descer, também, no diagrama da fig. 4, continua a abrir-se e fechar-se na

espiral. Às criações a , b , c , d , que, na linha quebrada, culminam nos vértices a , b , c , d , correspondem, no desenrolar-se e envolver-se da espiral, os máximos progressivos a , b , c , d , e assim por diante, sendo possível a partir daí desenvolver a fórmula de Δ .

O diagrama da fig. 4 exprime o fenômeno não apenas em sua síntese linear, mas também em sua *síntese por superfície*, que o torna ainda mais evidente. As três faixas circulares: $-y$, $-x$ e γ , representam, no sentido espacial, a amplitude das três fases cobertas pelo desenvolvimento da criação a . Esta produz como resultado máximo a fase γ , ou seja, a matéria, vosso mundo físico. O resultado final do percurso de cada período é a cobertura de uma fase circular maior, que servirá depois como base para novos impulsos, a fim de ocupar áreas sempre maiores.

Afastemo-nos agora dos aspectos particulares do fenômeno, a fim de vê-lo cada vez mais em seu conjunto, observando-o em linhas cada vez mais gerais. A lei de desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos está expressa por esta espiral, sujeita a um ritmo de pulsações que, invertendo-se continuamente, abrem-se e fecham-se, desenrolam-se e enrolam-se, como numa respiração íntima. O resultado final desse permanente retorno sobre si mesmo é uma progressão contínua. Esse é o produto último desse profundo trabalho íntimo de todo o sistema. Assim, em sua simplicidade aparente, a progressão constante da evolução é o resultado de uma elaboração complexa e profunda. Dessa forma, são sucessivamente cobertas as diferentes fases em cada criação: surge o universo físico, depois o dinâmico, depois o psíquico, e assim por diante. Somando-se aos precedentes, o produto último de cada criação permanece, resultando assim numa cobertura cada vez maior da superfície produzida pelas faixas circulares concêntricas, processo pelo qual todo o sistema se dilata lentamente.

Eis que chegamos assim a uma síntese mais ampla do fenômeno: a *síntese cíclica*, expressa por uma espiral que se desenvolve em progressão constante. A expansão do sistema é constituída não apenas por seu dilatar-se em superfície, mas também pela linha ao longo da qual ocorre essa dilatação. Da mesma forma que, unindo os vértices a , b , c , d etc., da linha quebrada do diagrama da fig. 3, obtém-se como expressão sintética uma espiral (na qual se reencontra

a linha Ox da fig. 1); assim também, unindo os correspondentes máximos sucessivos de abertura *a, b, c, d, e, f, g* etc., no diagrama da fig. 4, obtém-se igualmente uma espiral de abertura constante. Podemos, portanto, estabelecer nesta espiral uma *linha maior do fenômeno*, na qual se desprezam os pormenores dos retornos, para levar em conta apenas a progressão final. Eis aí uma expressão mais alta da Lei. Traçamos assim a espiral que afirmamos ser a trajetória típica dos movimentos fenomênicos. Basta simplesmente afastar o olhar da fig. 4, para percebermos essa linha maior, que se torna mais visível com a superposição dos três percursos pelos quais ela é formada, pois cada fase, para ser definitivamente superada e estavelmente fixada no sistema, tem de ser percorrida três vezes em direção progressiva de evolução: a primeira como produto máximo do ciclo, a segunda como ponto médio e a terceira como produto mínimo (ponto-de-partida ou fase inicial do processo evolutivo). Como se vê, o sistema é trino tanto em seu conceito como em seu desenvolvimento. Tomando como única linha do fenômeno essa espiral maior, sua expressão mais sintética, veremos que o resultado final de seu desenrolar, no qual se exprime a evolução, é o percurso da abscissa vertical, dado pelo traço $-z, -y, -x, \gamma, \beta, \alpha, +x, +y, +z, +n$, sendo esta trajetória apenas o resumo de todo o complexo movimento resultante do constante abrir-se e fechar-se da espiral. Veremos adiante que essa trajetória resumida – síntese ainda maior, que, contendo todas as precedentes, é produzida pela continuação de muitos trechos contíguos, nos quais estão representadas as sucessivas fases de evolução – também é uma espiral, constituindo expressão de um fenômeno ainda mais amplo, sem jamais atingir o fim. Construiremos assim outro diagrama, que nos fornecerá a expressão máxima possível, por síntese cíclica, da fenomenologia universal. Aí então, teremos observado o universo em seu aspecto mecânico, e vos terei revelado a grande lei que o rege.

XXVI. ESTUDO DA TRAJETÓRIA TÍPICA DOS MOVIMENTOS FENOMÊNICOS

É indispensável, todavia, em primeiro lugar, aprofundar ainda mais o estudo, passando da simples exposição descritiva dos movimentos fenomênicos ao campo dos íntimos porquês. Cada fase, antes de se estabilizar em definitiva assimilação pelo sistema, é alternadamente percorrida três vezes no sentido de progresso e duas vezes no de regresso, o que significa ser vivida cinco vezes em direções opostas. *A razão desse retorno cíclico*, de duas fases involutivas sobre três evolutivas, está no fato de que voltar a existir, três vezes repetidas, no nível de cada fase é a primeira condição para a sua *assimilação* profunda no ser, que assim a fixa em si mesmo. Trata-se de uma vida tríplice, em três posições diferentes, que o ser tem de viver em cada degrau, a fim de poder dominá-la definitivamente. Nas duas fases de regresso o passado retorna, então o ser resume, relembra e revive. Assim, o que é novo fundamenta-se em bases novamente consolidadas. *O conceito fundamental que existe na ideia de trindade é um princípio de ordem e de equilíbrio.* Outro significado dessa descida está no fato de que ela representa a desintegração do velho material de construção, a fim de realizar uma nova construção, germe de maior potencialidade, porque só esse núcleo mais poderoso pode alcançar culminâncias mais altas, exatamente como faríeis se quisésseis, em lugar de uma velha casa de dois pavimentos, construir outra de seis. Só através desse processo de íntima destruição e reconstrução, o fenômeno se elabora e amadurece; só através desse retorno sobre si mesmo, dessa compressão pelo vórtice, dessa fase de concentração, o impulso é fecundado para ascensões maiores. Esse refazer-se desde o início, voltando sobre o próprio caminho, é uma concentração do fenômeno sobre si mesmo, a fim de explodir com maior força. Para avançar, é preciso primeiro retroceder e demolir o que está velho, para depois reconstruir, sempre partindo do início, colocando em alicerces mais sólidos as bases de um novo organismo, de maior potencialidade, destinado a um maior desenvolvimento. Na Lei, tudo avança por continuidade (“*natura non facit saltus*” – “a natureza não dá saltos”) e

cada progresso tem de ser profundamente amadurecido.

Compreendereis ainda melhor, ao passarmos dos conceitos abstratos à *exemplificação de casos concretos*. Verificareis que a vossa realidade corresponde aos princípios expostos acima. Essa necessidade do fenômeno de se refazer desde o início, reaproximando-se de suas origens, é universal. Para reedificar, é preciso destruir. O ciclo proporcionado pela espiral que se abre e se fecha, é a linha da transformação de todas as formas do ser. Se, por vezes, não vos parece ocorrer assim, é porque só tendes sob os olhos fragmentos de fenômenos. A unidade de princípio nos permite descobrir exemplos nos campos mais díspares.

No universo da matéria, γ , encontrais a linha da espiral no desenvolvimento das nebulosas. Aí, a matéria é um vórtice centrífugo de expansão, projetando-se no espaço, numa poeira sideral, para formar precisamente uma espiral, a qual apresenta sua própria juventude, madureza e velhice, atingindo – como consequência do impulso que o vórtice, germe do fenômeno, imprimiu-lhe – um máximo de abertura espacial, que não pode ser superado. Depois disso, o processo retrocede. O ciclo torna a se fechar sobre si mesmo, porque, enquanto a espiral se abre, partindo do nível γ , ocorre aquela íntima elaboração da matéria de que falamos na série estequiogenética, pela qual a matéria se desagrega e γ volta a β . Como vimos, a energia, por sua vez, canaliza-se em correntes que determinam um vórtice centrípeto, levando a uma concentração dinâmica (período involutivo do ciclo) em um núcleo (novamente γ), que constituirá o germe de um vórtice inverso centrífugo (período evolutivo do ciclo), com uma nova expansão sideral. Porém, desta vez, β , novamente reconstituída, assumirá os mais altos caminhos da vida e da consciência, enquanto, nos confins de vosso universo, onde β ainda não amadureceu, vê-la-eis dobrar-se sobre si mesma para γ , e assim por diante.

No campo da vida, a abertura da espiral não é um vórtice físico no espaço, mas sim dinâmico. Centro, expansão, limites e retornos são de caráter exclusivamente dinâmico. Nunca perguntastes por que tudo tem de nascer de uma semente? Por que o desenvolvimento subsequente não pode ultrapassar determinados limites? Por que a decadência da velhice, que vai chegando a todas as coisas? Também

a vida é um ciclo, contendo a sua fase evolutiva e involutiva, com o inexorável retorno ao ponto de partida. Que mais poderia ser esta mecânica que reconduz tudo ao estado de germe, esse processo natural que opera através de contínuos regressos ao estado de semente, senão a expressão mais evidente da lei de evolução e involução cíclica? Na semente, o fenômeno da vida torna a se fechar em si mesmo, em um núcleo que é o centro de nova expansão. Assim, por pulsações alternadas da fase de germe à fase de maturidade, procede ininterruptamente a vida. Essa íntima lei do fenômeno, momento da lei universal, estabelece os limites da forma completa, depois a destrói e reconcentra toda a sua potencialidade num germe. Este não produz, de modo inexplicável, o mais vindo do menos, mas simplesmente restitui o que está nele incluso por involução. Sem este inexorável retorno sobre si mesma, que está na lei dos ciclos, a forma teria de progredir ao infinito, pois, ao decair, jamais ressurgiria para retomar em seguida, na direção oposta, o mesmo caminho. Se, com a elevação gradual dos máximos, os limites podem ser deslocados, isto não diz respeito ao ciclo inviolável das vidas individuais, mas sim ao desenvolvimento segundo o qual elas estão ocorrendo, dado pelo ciclo maior de evolução e involução da espécie, sujeito a essa mesma lei. Uma vez mais: o progresso só avança por meio de contínuos retornos a um ponto de partida que, gradualmente, desloca-se para frente. Dessa forma, o progresso das espécies orgânicas não é retilíneo, tal como o viu a mente de Darwin, mas alterna-se em constantes retornos involutivos. Assim como nesse caso, oferecido a vós pelas leis da vida, toda a criação é feita e *funciona por meio de germes*, a partir dos quais se origina um desenvolvimento, à semelhança de quem, para construir um edifício cada vez mais alto, tem de refazer os alicerces, a fim de estabelecer bases cada vez mais sólidas. Vedes que cada existência é filha de uma semente, cada fenômeno está potencialmente contido num germe. Reencontrais essa lei até mesmo na evolução e involução dos universos, que são por ela levados a se refazerem sempre, desde sua fase inicial, que pode ser $-y$, $-x$, γ , β , α etc., à fase germe, em que estão inclusas e concentradas, por involução, todas as potencialidades que se desenvolverão na evolução geradora das fases superiores. Uma vez tendo sido

percorrida, completando-se a sua assimilação, cada fase vivida retorna à anterior, como núcleo ou germe para a evolução de novas fases, sempre mais altas. Tudo sobe mediante contínuos retornos sobre si mesmo, do máximo ao mínimo. Tudo funciona por germes.

Olhai em torno de vós. Cada fato nasce por abertura de um ciclo: começa, expande-se até um máximo, depois retorna sobre si mesmo. Tudo procede assim. Qualquer coisa que queirais fazer, tereis de abrir um ciclo que depois se fechará. *A semente de vossos atos está no vosso pensamento*, e cada ação vos proporciona uma semente mais complexa, capaz de produzir outra ação ainda mais complexa. Tal como a semente produz o fruto e o fruto produz a semente, o pensamento produz a ação e a ação produz o pensamento. O princípio da semente, como o encontrais na natureza, é o princípio universal de expansão e contração dos ciclos.

Encontrais em vossa própria *vida humana* outro aspecto. Os primeiros anos de vossa existência resumem, primeiro organicamente e depois psicologicamente (vede como a fase α sucede à fase β), todas as vossas vidas orgânicas e psíquicas do passado. A cada nova retomada de um ciclo de vida, vosso ser, embora resumindo tudo num breve período, tem de se refazer desde o início, a fim de levar o ciclo da nova evolução a um ponto máximo sempre mais adiantado. Assim o ciclo de β , em sua fase mais alta – a fase da vida humana – também é dado pelo abrir-se e fechar-se da espiral, forma pela qual progride todo o sistema.

Sendo mais elevado, vosso atual nível de vida orgânica toca a fase α e vos prepara para a criação do espírito. Assim vemos repetir-se a lei cíclica também no *campo da consciência individual e coletiva*. No primeiro caso, o processo genético de vossa consciência atua seguindo a mesma linha de desenvolvimento traçada no processo genético do cosmo, dada pela espiral em seus dois movimentos inversos. Sua abertura é a *ação*, que explode irresistível, como o maior instinto da vida e a mais evidente manifestação da Lei, nas consciências jovens e inexpertas, em suas tentativas no desconhecido. A ação é o primeiro grau de α , o qual, sendo contíguo a β , está, com efeito, cheio de energia, mas vazio de experiência e sabedoria. A vida humana é uma série de provas, de tentativas, de experiências. Mas nem por isso digais: “vanitas vanitatum” (“ vaidade

das vaidades”). Se nada se cria (em sentido absoluto), também nada se destrói. Vossos atos, vossas experiências, vossas reações ao ambiente fixam-se em automatismos psíquicos e tornam-se hábitos, que serão depois instintos e ideias inatas. Assim, a vida orgânica se desgasta, mas, nesse processo, constrói a consciência; o ciclo dinâmico se exaure, mas de seu exaurir nasce e desenvolve-se a fase α , até alcançar um determinado máximo, estabelecido pelo potencial da consciência, tal como ele existia no início do ciclo. Aqui, porém, a expansão da espiral e seus limites de desenvolvimento são de caráter psíquico. Mudam o nível e a forma da substância, mas tudo repete a mesma lei. Neste caso, o vórtice diz respeito ao universo espiritual da consciência, mas o princípio de seu movimento é idêntico. Chegando ao seu máximo, o ciclo, cansado e envelhecido, volta ao seu ponto de origem em β , e a espiral se fecha. O ponto máximo de vossa vida psíquica custa a chegar e, por vezes, só aparece no fim, muito depois do viço físico da juventude, como última e delicada flor da alma. Então a consciência se dobra sobre si mesma; a reflexão se inicia; o fruto da experiência é absorvido e assimilado; a maturidade do espírito chega num corpo decadente. Poucos, só os evoluídos, chegam rápido; muitos chegam tarde; alguns, os mais novos na vida psíquica, jamais chegam. Assim o ciclo, uma vez esgotado seu impulso – que é proporcional à potência de explosão concentrada no germe da personalidade – retorna sobre si mesmo. Fechando-se à ação e à experiência, a consciência se refaz sobre o passado, reconcentra-se, reentra em si mesma, assimilando tudo. É o caminho da descida, que preludia novo impulso de ação em nova vida, com um novo aparecimento no mundo de provas, para uma experiência mais ampla, retomando o ciclo precedente, porém em nível mais alto, porque seu ponto de partida é mais alto. Com essa nova descida, β se torna mais fecunda e, de fase intermediária, passa a constituir base e semente para o desenvolvimento de uma série mais ampla de ciclos, que – em virtude das construções espirituais realizadas, origem de germes mais potentes – atingirão a fase $+x$ e seguintes.

No campo das *consciências coletivas*, encontrais nas leis cíclicas a razão do *desenvolvimento e da decadência periódica das civilizações*. Também aqui ocorre o mesmo fenômeno. Cada civilização, depois de uma juventude conquistadora e expansionista,

atinge um máximo de maturidade, que não pode ser ultrapassado. É como uma fatalidade que parece condenar os povos, dizendo em um dado momento: “Basta!”. Mas trata-se apenas de uma expressão da lei dos ciclos. Cada civilização constitui um produto espiritual coletivo, correspondendo à criação de uma alma mais vasta que a individual; deriva de um germe que potencialmente a continha toda e que a leva até um máximo, além do qual não há expansão e a partir do qual a maturidade só pode resultar em putrefação e decadência. Como todos os fenômenos, este também se esgota, se cansa, envelhece, decai e morre. Para avançar novamente, é indispensável percorrer o ritmo involutivo, a fim de recomeçar desde o princípio, partindo de um novo germe, que sintetiza o ponto máximo atingido anteriormente; iniciando um novo ciclo de civilização, que poderá alcançar, por sua vez, um máximo ainda mais elevado, e assim por diante. Todo o sistema dos ciclos de civilizações, desse modo, caminha lentamente, por máximos sucessivos, alternando florescimentos, decadências, mortes, renascimentos e recomeços. É nesse curso cíclico do fenômeno que encontrais a razão da *ascensão contínua das classes mais baixas da sociedade*. Trata-se do desenvolvimento da linha da evolução, que impele sempre para frente as camadas inferiores dos povos. Sem este conceito, não poderíeis explicar como elas constituem uma reserva inexaurível de valores desconhecidos, da qual tudo consegue nascer. O povo é a semente das sociedades futuras; as aristocracias de toda espécie são suas sentinelas avançadas, a flor que, terminado seu desenvolvimento, deve curvar e morrer. As classes sociais inferiores só têm uma única aspiração: subir até atingir o nível das mais altas, para então, por sua vez, imitá-las nos mesmos vícios e erros que antes condenavam, caindo afinal na mesma conjurada estrada de cansaço e de ignomínia, tão logo tenham superado a maturidade do ciclo. Dessa forma, por turnos e por ciclos, subindo ou descendo, como vencedores ou como vencidos, todos vivem a mesma lei: indivíduos, famílias, classes sociais, povos, humanidade. Mas, a cada volta, o ciclo se torna cada vez mais amplo e o organismo, cada vez mais complexo. A história vos mostra que a primeira e mais simples das emersões progressivas foi dada pelos ciclos individuais, depois pelos ciclos familiares, em seguida abrangeu classes sociais inteiras,

estendendo-se a povos e nações, até envolver enfim, como agora, toda a humanidade. O ciclo se torna cada vez maior, e as grandes massas se fundem nele, até chegar ao tempo presente, em que a humanidade se torna um só povo, sendo chegada a hora de retomar o ciclo mais vasto de nova civilização.

Assim, em γ , β e α , realiza-se em toda parte o princípio da lei que vos descrevi. Seguindo períodos inversos de expansão e contração, a espiral se abre e se fecha, voltando sempre sobre o caminho percorrido, a fim de poder, através dessa concentração de forças, tomar impulso para maiores expansões. Tudo é cíclico, tudo vai e vem, progride e regride, mas só retrocedendo para progredir mais. Quando algo se repete, resume e repousa, isto representa apenas uma retomada de forças, uma pausa com a finalidade de avançar mais para o alto. Esta é, em seu íntimo mecanismo, a evolução, que contém o significado mais profundo do universo. A verdade de minhas palavras está escrita em vosso mais poderoso instinto e aspiração, que é subir, subir sem medida, subir eternamente.

**XXVII. SÍNTESE CÍCLICA.
LEI DAS UNIDADES COLETIVAS E
LEI DOS CICLOS MÚLTIPLOS**

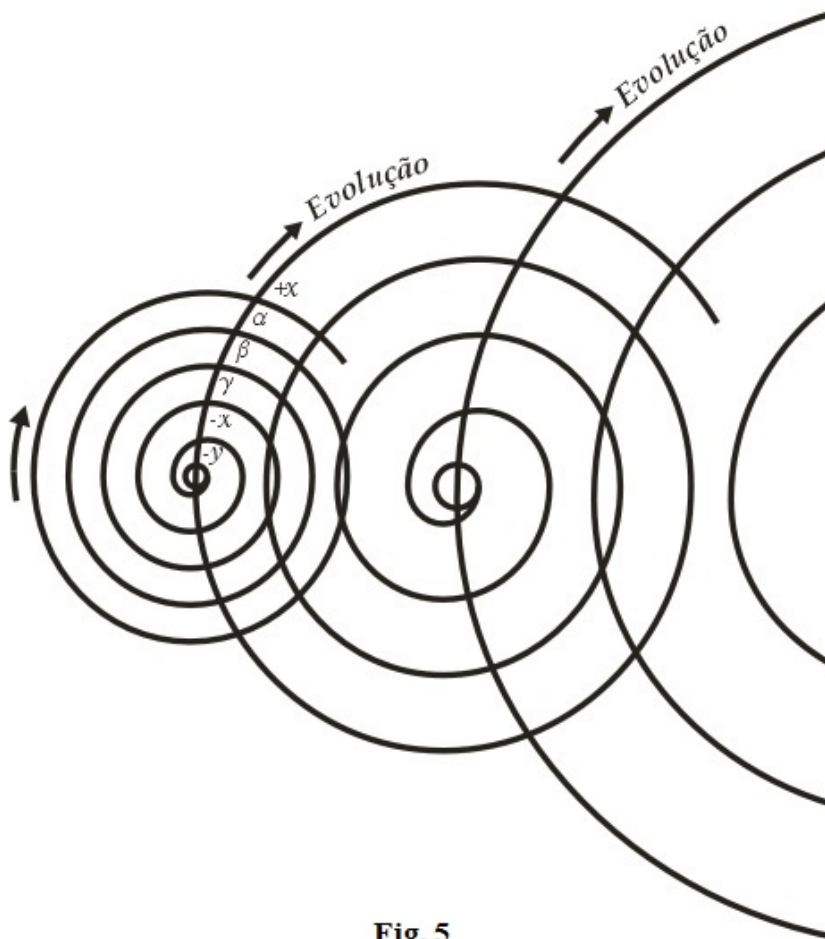


Fig. 5
Síntese Cíclica

Uma vez bem compreendido este conceito do retorno dos ciclos e de sua razão, por meio dos exemplos apresentados, os quais vos demonstram a correspondência entre a realidade e o princípio que vos expus, podemos agora levantar o olhar para um horizonte ainda

mais amplo. Antes de havermos realizado aquela exemplificação demonstrativa, já acenávamos que o resultado final do abrir-se e fechar-se da espiral (fig. 4) podia ser expresso por uma espiral maior, em constante expansão. Podemos dar agora a essa representação sintética do fenômeno uma expressão ainda mais resumida. Considerando a progressão dessa linha maior ao longo da abcissa vertical, vemos que, a cada quarto de giro, ela cobre a altura de uma fase (fig. 4). Dessa forma, o trecho da coordenada contendo as fases de $-y$ até $+x$ resume em seu traçado todo o movimento da espiral, elevando-se com a expansão desta. Tendo isso em mente, podemos analisar então a construção do diagrama da fig. 5.

A linha maior, em expansão constante, que exprime o progresso da evolução, está traçada aqui de modo simples, não se levando em conta as fases de retorno, expressas no diagrama da fig. 4. Ela é vista na pequena espiral da esquerda. A abcissa vertical não é mais uma reta, e sim uma curva, fazendo parte de uma espiral maior, ao longo da qual, escalonadas em seu traçado, estão as fases sucessivas $-y$, $-x$, y etc. Desse modo, a síntese de todo o movimento evolutivo da primeira espiral, em vez de ser dada pelo prolongamento retilíneo da vertical, é definida pelo *desenvolvimento de uma espiral maior, também de abertura constante*. As fases sucessivas, segundo as quais esta espiral avança, são de amplitude maior, abarcando, por exemplo, não apenas uma das fases α , β , γ etc., mas toda uma criação ou série de criações. Por sua vez, esta espiral maior também ascende segundo uma linha curva, que faz parte do traçado de uma espiral ainda maior, cuja progressão se dá igualmente através do aumento constante da abertura. O percurso da espiral maior resume em si todo o movimento progressivo da espiral menor, que, por sua vez, é o produto sintetizado pelo movimento de outra espiral menor, e assim por diante. Desse modo, o traçado maior não somente resume todos os desenvolvimentos menores, mas também é estabelecido por eles. O pequeno se organiza no grande, e o grande é constituído pelo pequeno. Evidentemente, a série das espirais é ilimitada, pois cada movimento é decomponível e multiplicável ao infinito – propriedade inerente a todos os fenômenos – permanecendo sempre idêntico o mesmo princípio.

Eis a síntese máxima dos movimentos fenomênicos. O processo

avança por um movimento interno de íntima autoelaboração, que liga num todo indissolúvel e compacto o infinito negativo ao infinito positivo. Um mecanismo de exatidão matemática dirige toda a criação com a simplicidade de um princípio único, alcançando uma complexidade que vos atordoa. Tudo se interpenetra e coexiste; tudo se equilibra a cada instante; tudo, desde o mínimo fenômeno até à criação dos universos, encontra em cada ponto sua justa expressão.

À *série das unidades coletivas* – segundo a qual as unidades menores são coordenadas para a formação de unidades maiores, compensando com uma organização mais ampla a tendência à diferenciação que a evolução possui e, assim, fazendo da autoelaboração um processo de consolidação da estrutura do cosmos, ao invés de desagregação ou pulverização – corresponde aqui a *série dos ciclos múltiplos*. Cada individuação, então, é um ciclo, pois tudo o que existe, se, por um lado, constitui uma individuação em seu aspecto estático, também compõe, por outro lado, um ciclo em seu aspecto dinâmico de transformação. Na infinita variedade do caso particular, tudo reencontra sua unidade: princípio único que irmana todos os seres do universo. Assim como cada individualidade maior é o produto orgânico das individualidades menores, o desenvolvimento de cada ciclo maior também é produzido pelo desenvolvimento dos ciclos menores. A evolução do conjunto só pode ser obtida por meio da evolução de suas partes componentes, sendo esse um processo de maturação íntimo e profundo. Em cada nível, seja qual for a altura, encontra-se sempre o mesmo princípio: idêntica construção orgânica, idêntico processo evolutivo, idêntica conexão funcional. Assim como não existe individuação máxima nem mínima, também não há ciclo máximo nem mínimo, jamais havendo um fim. Multiplicando-se e subdividindo-se, o sistema se prolonga ao infinito. A constituição íntima do ser – a lei de sua manifestação – é independente da fase de evolução, permanecendo idêntica tanto no microcosmo como no macrocosmo.

A *lei das unidades coletivas* pode ser, assim, transportada de seu aspecto estático para o dinâmico. Diz ela: “Cada individualidade é composta de individualidades menores, que são agregados de individualidades ainda menores, até ao infinito negativo, e é, por sua vez, elemento constitutivo de individualidades maiores, as quais são

componentes de outras ainda maiores, até ao infinito positivo”. Cada organismo é composto de organismos menores e é componente de maiores. Esta mesma lei, repetida em seu aspecto dinâmico, na *lei dos ciclos múltiplos*, reza: “Cada ciclo é determinado pelo desenvolvimento de ciclos menores, que são resultantes do desenvolvimento de ciclos ainda menores, até ao infinito negativo, e é, por sua vez, determinante do desenvolvimento de ciclos maiores, os quais também compõem ciclos ainda maiores, até ao infinito positivo”. Cada individualidade, assim como cada ciclo, é produzida e definida pela unidade que a precede, enquanto forma e define a unidade superior. A organização, desenvolvimento e equilíbrio maior são constituídos pela organização, desenvolvimento e equilíbrio menor. Cada movimento constrói o seguinte, da mesma forma como foi construído pelo precedente. Cada ser equilibra-se num ponto da série infinita de hierarquias das esferas, e isto desde o átomo até à molécula, ao cristal, à célula, à planta, ao animal, ao seu instinto, ao homem, à sua consciência individual e coletiva, à sua intuição, à raça, à humanidade, ao planeta, ao sistema solar, aos sistemas estelares, aos sistemas de universos, sendo assim também para os elementos não pertencentes ao vosso concebível, situados antes e além das fases γ , β , α . Eis a que processo de íntima autoelaboração se deve a evolução. Nenhuma força age ou intervém do exterior, mas tudo existe no fenómeno e tudo caminha por síntese progressiva. O progresso e a decadência cósmica são efeitos da evolução e do esgotamento atômico. Os extremos se tocam. A grande respiração do universo é dada pela respiração do átomo.

XXVIII. O PROCESSO GENÉTICO DO COSMOS

Ilustremos agora tudo isso com *exemplos*, procedendo com este conceito do desenvolvimento da espiral maior, gerada pelo desenvolvimento da espiral menor, do mesmo modo como já fizemos com o conceito do retorno cíclico, segundo o qual a espiral é reconduzida sobre seu próprio caminho. Notemos que, se a linha da criação não é a reta, mas sim a *espiral*, isto é devido ao fato de ser esta a linha de menor resistência e de maior rendimento. Tratando-se de realizar um complexo trabalho de destruição e reconstrução, a espiral é a linha mais curta, no sentido de responder mais imediatamente à lei do mínimo esforço, pela qual se obtém o máximo efeito com o mínimo trabalho. No universo estelar, onde tudo acontece por atração, isso ocorre sempre através de curvas. Vedes então que, mesmo no nível físico, a linha do menor esforço – lei universal – não é a reta, mas sim a curva, que, respondendo a um equilíbrio mais complexo, é o caminho mais curto no sentido mais completo, e não naquele espacial, em que estais isolados e limitais vossa concepção de reta.

No nível físico, vedes, nos movimentos estelares e planetários, a coordenação dos ciclos menores com os maiores, numa expressão visível do princípio dos ciclos múltiplos. Junto a este, também encontramos outro, dado pelo retorno cíclico, presente nos fenômenos mais próximos de vós. Observai o processo pelo qual as águas passam do estado de chuva ao de rio e, a seguir, ao de mar, para depois, por evaporação, voltar à condição de nuvens e chuva, num ciclo contínuo e idêntico, que, a cada rotação, muda um pouco e vai amadurecendo um ciclo maior, caracterizado pela dispersão das águas através da absorção na terra e da difusão nos espaços, no qual se caminha lentamente para a morte do planeta. O ciclo sempre volta sobre si mesmo, mas cada vez com um pequeno e progressivo deslocamento de todo o sistema.

Observai, em vosso mundo químico, como os elementos que constituem *vosso organismo* provêm da terra, sendo introduzidos no ciclo pela nutrição e voltando à terra através da morte. Trata-se sempre do mesmo material e do mesmo ciclo, o qual, no entanto, se

desloca lentamente ao longo da trajetória do ciclo maior, dada pela transformação da espécie. Olhai o ciclo de *vosso metabolismo orgânico* e observai de quão longa cadeia de ciclos ele é função. Vosso corpo é uma corrente de substâncias tomadas por vós de outros seres plasmófagos (animais), que por sua vez as tomaram de seres plasmódomos (as plantas), os quais, finalmente, operam a síntese orgânica das substâncias proteicas do mundo da química inorgânica da terra e do mundo dinâmico das radiações solares. Vosso pensamento é um ciclo mais alto, que se alimenta dessa cadeia, pois ele não poderia subsistir em vosso cérebro sem restauração física e dinâmica. Vosso funcionamento psíquico está, assim, em relação com os processos químicos não apenas de vosso organismo, do organismo dos animais de que vos nutris e das plantas de que os animais se alimentam, mas também da própria matéria, dos quais os processos de síntese vital das plantas são apenas uma consequência.

Todos os ciclos têm de caminhar inexoravelmente, bastando um deles ser interrompido, para que toda a cadeia também pare e se quebre. Todo o ciclo da energia mecânica e psíquica que se desenvolve no organismo humano está em estreita relação com o ciclo da energia química dos seus elementos componentes, dado pelas suas reduções, hidrólises, oxidações, sínteses e processos afins. Quando, por assimilação, a molécula de um corpo químico se introduz no organismo protoplasmático da célula, o ciclo do fenômeno atômico entra, através do ciclo do fenômeno molecular de que faz parte, no ciclo maior do fenômeno celular. No mundo das substâncias proteicas, a química do mundo inorgânico acelera seu ritmo e, dinamizando-se, adquire em velocidade o que perde como estabilidade de combinação. A individuação fenomênica não mais assume o aspecto de estase, mas torna-se, como veremos melhor depois, uma corrente que, em nova química, instável e fragílisma, de ciclo continuamente aberto, decompõe-se e recompõe-se no *metabolismo celular*, base do recâmbio, que ocorre em dois momentos: o *anabólico*, de assimilação, e o *catabólico*, de desassimilação. Esta nova unidade atinge assim o vértice da fase β , penetrando na fase α , pois tal processo implica e significa uma pequena consciência celular para presidir as funções de escolha, base

do recâmbio, e para, mesmo estando o fenômeno submetido à corrente deste recâmbio, manter sua individuação.

A realidade vos mostra esta íntima transformação do ser, indo da fase γ para β e desta até α , indicando-vos também que isso ocorre por ciclos contíguos e comunicantes. Muito mais do que uma simples filtragem osmótica, a assimilação é a ponte de passagem de um ciclo para outro, através da qual a estrutura íntima do fenômeno sofre uma mutação. Por quão complexa cadeia de ciclos tem de passar a matéria, em sua íntima estrutura atômica, para chegar a poder produzir efeitos de ordem orgânica e psíquica! De que colossal quantidade de movimentos cíclicos resulta o fenômeno da consciência humana!

Estes exemplos vos mostram que, de fato, existe o conceito da formação progressiva da trajetória dos ciclos maiores através do desenvolvimento da trajetória dos ciclos menores.

XXIX. O UNIVERSO COMO ORGANISMO, MOVIMENTO E PRINCÍPIO

Tendo chegado a este ponto, após haver realizado em grandes linhas a exposição do sistema cosmográfico, podeis ter uma ideia aproximada de sua incomensurável grandiosidade. Por simplicidade e clareza, tive de seguir uma exposição esquelética e esquemática. Observamos o fenômeno reduzido à sua mais simples expressão de desenvolvimento linear, e ainda assim, que complexidade de organização e de funcionamento, que riqueza de pormenores, que vastidão e profundidade de ritmo, que grandiosidade de conjunto! Acenei a uma síntese de superfície, mas esta é apenas a seção de *uma esfera* dilatando-se; os ciclos, para corresponderem mais exatamente à realidade, teriam de ser esféricos, porque a evolução – espacial em γ , dinâmica em β , conceptual em α etc., mudando de qualidade em cada fase – constitui verdadeira expansão em todas as direções. Não possuís sequer as palavras adequadas para englobar exatamente todos estes conceitos ao mesmo tempo. Passai dos símbolos e abstrações matemáticas, em que o aspecto mecânico-conceptual do universo está isolado do dinâmico-estático e de outros aspectos que estão além de vossa inteligência, à realidade vestida de miríades de formas, complicada de infinitas minúcias de ações e reações. Imaginai a miríade de seres, movidos por incessante dinamismo, que exorbitam do universo de vosso concebível; atentos a esse grande esforço da própria evolução, cuja finalidade é a conquista de perfeição, poder, consciência e felicidade sempre maiores; impelidos pela Lei, que é o princípio de seu ser, seu instinto irresistível, sua aspiração máxima; atraídos pela imensa luz que desce do Alto, cada vez mais elevada à medida que eles sobem. Imaginai os seres todos escalonados, cada um em seu nível, de ciclo em ciclo, tal como concebeis os anjos organizados nas esferas celestes. Imaginai o canto imenso que, da harmonia desse organismo, na ordem soberana dominante, eleva-se de toda parte, e um pouco da grandiosa visão se abrirá diante de vossos olhos.

Olhai. Cada fase é um degrau, um átimo no grande caminho. As fases matéria, energia e espírito formam um universo. Outros

universos o seguem e o precedem, organizando-se num sistema maior, que é elemento de um sistema ainda mais amplo e complexo, sem jamais haver fim, nem para o mais nem para o menos. O princípio das *unidades coletivas* (em seu aspecto estático) e dos ciclos múltiplos (em seus aspectos dinâmico e mecânico) é a força de coesão que sustenta a estrutura dos universos. Como a evolução é *palingenesia*, que leva do simples ao complexo, do indistinto ao distinto, multiplicando os tipos, isto levaria à pulverização do todo, se essa força de coesão não reorganizasse o diferenciado em unidades cada vez maiores. Vós mesmos viveis esse princípio, quando, ao progredir na especialização do trabalho, sentis a necessidade de reorganizá-lo; quando, paralelamente ao maior desenvolvimento das consciências individuais, vedes nascer consciências coletivas cada vez mais amplas e mais compactas. Assim, todos os seres, à medida que evoluem, tendem a se reagrupar em unidades coletivas, em colônias, em sistemas sempre mais abrangentes. Isso vos explica porque a matéria, que consideramos em sua estrutura e em seu devenir, apresenta-se a vós, na realidade das formas, não em suas unidades primordiais, mas amalgamada e comprimida em agregados compactos, organizada em unidades coletivas de indivíduos moleculares. É a trajetória da espiral menor que se funde na espiral maior. Da molécula aos universos, a mesma tendência a se reorganizar num sistema maior, a encontrar um equilíbrio mais completo em organismos mais amplos. Por isso não encontrais moléculas isoladas, mas cristais, verdadeiros organismos moleculares, aglomerados geológicos; não encontrais células, mas tecidos, órgãos e corpos, que são sociedades de sociedades. Sempre sociedades: de moléculas, de células, de indivíduos e assim por diante, não apenas com a subdivisão de trabalho, mas também com a especialização de aptidões e de funções.

Essa possibilidade de estabelecer contatos e ligações entre os mais distantes fenômenos, devida à universal unidade de princípio, nos permitirá mais tarde reconstruir *uma ciência jurídico-social em bases biológicas*. É a esta unidade que deveis o fato de também não encontrardes planetas isolados, mas sistemas planetários; não estrelas, mas sistemas estelares; não universos, mas sistemas de universos. Em vosso universo, essa força que cimenta os organismos,

mantendo-os unidos e compactos, vós a denominais de *coesão* no nível γ , *atração* no nível β e *amor* no nível α . Trata-se de um princípio único, que se manifesta diferentemente nos diversos níveis, assumindo diversas formas, adaptadas à substância na qual se revela. Encontrais essa força unificante manifestada na concentricidade de todas as volutas da espiral. Tudo se entrelaça em redor de um centro, que é o núcleo, o eu do fenômeno, em cujo derredor gira a órbita de seu crescimento.

O princípio das unidades coletivas dispõe as individuações por hierarquia, escalonando os seres em diferentes níveis, segundo seu grau de desenvolvimento e suas capacidades intrínsecas. Por isso, naturalmente, sem esforço, o tipo superior domina o inferior, que não tem possibilidade de se rebelar, pois tudo quanto se encontra acima dele está totalmente fora de sua compreensão e de sua capacidade de ação. Estabelece-se, desse modo, um equilíbrio espontâneo nos diversos níveis, devido simplesmente ao peso específico de cada individuação. O diagrama das espirais *fornece o conceito das hierarquias*. Deveis agora saber que sois não somente membros de vossa família, de vossa nação e de vossa humanidade, mas também cidadãos deste grande universo. São apenas os limites de vossa consciência atual que não permitem vos sentirdes uma roda da imensa engrenagem, uma célula eterna, indestrutível, cujo trabalho contribui para o funcionamento do grande organismo. Esta é a extraordinária realização que vos proporcionará a evolução para superiores formas de consciência. Quando lá tiverdes chegado, olhareis com pena e desprezo vossas ferozes fadigas atuais.

Esta é a visão das esferas celestes, de onde promana o hino da vida. Imensa visão, porém simples em comparação com a visão de seu *movimento*. Os seres não se detêm nos seus diversos níveis, mas se *movem* através deles, por meio de uma íntima elaboração, que os transforma a todos. Em vosso universo físico-dinâmico-psíquico, não somente a esfera física é dominada pela energia e esta, por sua vez, é dominada pelo espírito, mas todas juntas também constituem um incessante movimento de ascensão das esferas inferiores às superiores. A matéria, o universo estelar, é uma ilha que emergiu do nível das águas do universo inferior. A segunda pulsação produziu uma emersão mais alta: a energia; a terceira, uma emersão utilíssima

para vós: o espírito. Desse modo, a substância modifica-se de forma em forma e as individuações do ser elevam-se de esfera em esfera, aparecendo em vosso universo concebível, provenientes do infinito, e desaparecendo imersas no infinito. No alto, está a luz, o conhecimento, a liberdade, a justiça, o bem, a felicidade, o paraíso; esta grande luz se projeta e acende em vós aquilo que, como um pressentimento, está acima de vossos ideais e de vossas aspirações já elevadas. Embaixo estão as trevas, a ignorância, a escravidão, a opressão, o mal, a dor, o inferno; é o vosso passado, enchendo-vos de terror no presente, que, por sua vez, será passado amanhã e também vos encherá de terror.

A evolução corresponde a um conceito de *libertação dos limites que sufocam, dos liames que estrangulam*; é um conceito de expansão cada vez mais ampla, do nível físico ao dinâmico e ao conceptual. Por isso é subida, progresso e conquista. Embaixo, nos graus subfísicos, o ser está apertado em limites ainda mais angustiosos do que são o tempo e o espaço, tormentos de vossa matéria; no alto, nos graus superpsíquicos, não apenas caem as barreiras de espaço e de tempo – tal como já ocorre em vosso pensamento – mas desaparecem também os limites conceptuais, que hoje circunscrevem vossa faculdade intelectual. O horizonte do concebível será deslocado imensamente para mais longe, no entanto ainda constitui hoje um limite para vós, e só podeis superá-lo pela evolução. O universo psíquico já é muito mais vasto que os outros dois, pois, nele, os limites de espaço e tempo já desapareceram completamente! Vossa mente – isto é inegável – perde-se em tanta amplidão. Mas, certamente, deveis compreender que o absoluto só pode ser um infinito, porque só um infinito pode conter e esgotar todas as possibilidades do ser. Sois cidadãos do universo, no entanto deveis compreender que não sois o universo; sois órgãos, e não o organismo; sois um momento do grande todo, e não a medida das coisas. Infelizmente, vosso concebível se restringe aos limites de vossa consciência, que só se comunica com o exterior pelas portas estreitas dos vossos únicos cinco sentidos. O que pode acrescentar a isso a maioria das pessoas? Muito pouco para conceber o absoluto.

O limite sensorio é restrito e vos mantém num estado que, diante da realidade das coisas, poderia ser chamado de contínua alucinação.

E essa é a base de vossa pesquisa científica. Quando adquirirdes sentidos diferentes, o mundo se modificará. A verdadeira distância que separa os seres nos diversos níveis não é dada pelo espaço, mas sim por um diferente modo de vibrar em resposta às vibrações do ambiente. *Cada ser é um relativo, fechado num limitado campo conceptual.* A série infinita dos seres sentirá o universo de infinitas maneiras, inimagináveis para vós. O relativo vos submerge: *a consciência que se apoia na síntese sensoria é um horizonte circular fechado.* Sem dúvida, é difícil para vós sairdes de vossa consciência e superá-la, impulsionando-vos até aos mais longínquos horizontes, para conquistar novos concebíveis. Mas é isto que vos ajudo a fazer e é a isto que vos leva a evolução. Quem vive satisfeito com a pequena visão que domina, poderá saciar-se durante algum tempo, mas corre o risco de encontrar grandes desilusões, tão logo chegue a mudança da morte.

Apesar de muitas das coisas que vos estou expondo aqui não poderem ser verificadas atualmente, com vossos meios sensoriais, a convergência de todos os fenômenos que conheceis em relação a esses conceitos vos faz confiar também na correspondência destes conceitos com as realidades ainda não controláveis por vós atualmente. Tudo está aqui sintetizado num sistema orgânico completo e compacto. Por que, então, deveria o desconhecido mudar de caminho, fazendo exceções num organismo tão perfeito? Quando eu tratar das normas de vossa vida, esta massa enorme de pensamento que estou acumulando constituirá uma base que não podereis mais derrubar.

Dessa forma, a evolução, acoçada por baixo pela maturação dos universos inferiores, ávidos de expansão e de progresso, e atraída pela imensa luz que desce do Alto, fecundando e incentivando a subida, avança como uma imensa maré, que arrasta todas as coisas.

A lei que estudamos na trajetória típica dos movimentos fenomênicos é a lei desta evolução; é o *canal* através do qual se move a grande corrente; é o ritmo que organiza o grande movimento. Os seres não sobem ao acaso.

Para atingir α , é indispensável atravessar β e, antes, passar por γ . Ninguém é admitido na fase mais alta a não ser pelo amadurecimento, depois de ter vivido “toda” a fase precedente. Só se

pode avançar por degraus sucessivos. Por isto as formas mais evoluídas compreendem as menos evoluídas, mas a recíproca não ocorre. Só depois de haver alcançado a plenitude da perfeição, que advém do fato de ter atravessado todas as possibilidades de uma fase, pode-se passar para a fase sucessiva.

Assim avança a grande marcha. A estrada está traçada, e não é possível sair dela. A evolução não é uma subida confusa, desordenada, caótica, mas sim um movimento perfeitamente disciplinado, sem possibilidade de enganos ou de imposições. A Lei possui um ritmo próprio, absoluto, segundo o qual só se avança por continuidade; é indispensável existir, viver, experimentar, amadurecer, semear e recolher, em estrita concatenação de causas e efeitos. Pode vos parecer caótico o mundo, com os seres misturados e abandonados ao acaso, mas não importa uma aparente confusão espacial, pois cada ser traz em si, escrita na própria natureza, inconfundivelmente, a Lei. Além disso, o caminho evolutivo não é um caminho espacial. O princípio vale mais que o movimento, sendo o caminho traçado pelo princípio. Eis o aspecto *conceptual* (mecânico) do universo, que colocamos acima de seu aspecto *dinâmico* (movimento) e de seu aspecto *estático* (organismo). Vedes que, mesmo na trindade de aspectos de vosso universo: *organismo*, *movimento* e *princípio*, encontrais este conceito de progresso, havendo nesses aspectos uma gradação de amplitude e de perfeição. Somente se passa aos níveis superiores depois de percorrer completamente os inferiores, amadurecendo completamente o próprio princípio. Por meio de uma dilatação progressiva, a expansão evolutiva se transforma de física em dinâmica e depois em conceptual. A evolução é esta íntima respiração em que vibra todo o universo. Seguindo o princípio que os rege, os seres *existem* como individuações e *movem-se* segundo a evolução. O princípio contém em embrião todas as formas possíveis, constituindo o desenho no qual estão traçadas todas as linhas do edifício, bem antes de haver surgido a primeira pedra para manifestá-lo. A criação ocorre a cada momento, fazendo emergir de um nada relativo alguma coisa nova, como resultado da realização de algo que estava à espera no germe. Não existe um nada absoluto. O ser toma uma forma nova, vestindo-a como uma roupa, um meio para subir, um veículo que depois

abandonará. O conceito ou o tipo já estava à espera, fixado no princípio que o próprio ser enfeixava em si e do qual ele é a manifestação.

Assim, as individuações atravessam a série das formas, cujos projetos estão contidos nas próprias individuações. Cada ser contém em si aquilo que será, a forma que deverá atingir; contém em germe o esquema de todo o universo; não ocupa nem é o universo inteiro, mas, inserido nele, vai-se transformando sucessivamente. *Por isso o princípio, mesmo existindo nas formas, é algo acima e independente delas.* Na realidade, o tempo infinito permitiu que o ser ocupasse infinitas formas, razão pela qual tanto o futuro como o passado estão efetivamente presente no todo, apesar de não estarem no relativo, onde a forma é isolada e aguarda novos desenvolvimentos. *Mas o desenvolvimento já está determinado e os universos futuros que atingireis e atravessareis estão estabelecidos.* Eles existem e já foram vividos, constituindo o passado para outros seres, quando vistos de um ponto diferente, do qual o todo olha para si mesmo. Essa relatividade de posições entre passado e futuro, criação e nada, desaparece no absoluto, onde todas as criações existem no infinito e na eternidade. Só o relativo, que se transforma, possui tempo, ou seja, ritmo evolutivo. A Lei não tem limites, estando à espera no eterno. *O tipo preexiste ao ser que o atravessa;* as coisas apenas vão e vêm.

Aí está a visão bíblica da escada de Jacó. Os seres sobem e descem. Um chega, outro parte, outro se detém. Somente entre graus afins é possível a passagem por continuidade. Existem universos contíguos ao vosso, que o precedem ou o superam, e é somente isso que torna possível a passagem ao longo da cadeia. Não se trata de contiguidade no sentido espacial, mas sim no de afinidade, de semelhança de caracteres, de comunhão nas qualidades, no trabalho e nas possibilidades da jornada evolutiva. Se, do ponto de vista estático, cada universo é um organismo completo em si mesmo, do ponto de vista da evolução, todos os seres se comunicam e se deslocam ao longo dele, de um infinito a outro. Nas fases inferiores à vossa, γ e β , os seres sobem e descem de acordo com a abertura e o fechamento da espiral ou, mais simplesmente, conforme a linha quebrada do diagrama da fig. 2. Isso acontece por um princípio de

necessidade, que não admite escolha, pois trata-se de uma maturação fatal, que o ser segue inconscientemente. Em vosso nível α , porém, *aparece um “quid” novo*, pois aí liberta-se um princípio mais amplo, denominado *livre-arbítrio* ou livre escolha, que nasce paralelamente ao surgimento da consciência. Podeis acompanhar ou não a evolução, realizando-a na velocidade que quiserdes. Esta é a liberdade que preludia a fase $+x$, na qual *a consciência humana atingirá novo vértice, conquistando uma nova visão do absoluto*.

Vosso mundo humano, portanto, contém α , sendo atravessado tanto por seres que, provindos de formas inferiores de vida, mais próximas de β , procuram subir, avançando custosamente no trabalho de criação do próprio eu espiritual, como de seres que, tendo decaído das formas superiores de consciência, entregaram-se à ruína, abusando do poder conquistado. Uns retrocedem, outros avançam; uns acumulam valores, outros os perdem. Existem ainda os que param, indolentes, preferindo o ócio, ao invés de se esforçarem faticosamente pelo próprio progresso. Daí a grande variedade de tipos e de raças no mundo. Essa é a substância de vossas vidas. Sois sombras que caminham, consciências em construção ou em demolição. Estais todos a caminho, e cada um grita diferentemente, com a voz da própria alma, lutando, agitando-se, semeando e colhendo. *Livremente, com as próprias ações, lançais a semente da qual nascerá aquilo que, mais tarde, constituirá vosso inexorável destino*. Em vosso nível, é livre a escolha dos atos e dos caminhos, é livre a colocação das causas, sendo isso vos concedido por vossa maturidade de habitantes da fase α . No entanto *não é livre a escolha da série de reações e dos efeitos*, pois esta é inexoravelmente imposta pela Lei. Cada escolha vos prende ou vos liberta. O poder de escolher e de dominar aumenta com a capacidade e com o merecimento, que lhe garantem o bom uso. Dessa forma, o *determinismo da matéria gradualmente evolui para o livre-arbítrio da consciência*, à proporção que esta se desenvolve. O livre-arbítrio não é, como em vossas filosofias, um fato constante e absoluto, em insolúvel conflito com o determinismo das leis da vida, mas é um fato *progressivo e relativo* aos diversos níveis que cada um atingiu. Por isso, apesar de vossa liberdade, o traçado da evolução permanece inviolável. Essa liberdade, assim como vós, é relativa, e vossas ações

só podem afetar o que se refere a vós mesmos.

Eis, pois, em grandes linhas, o imenso quadro da criação. Ciclo infinito de fórmulas abertas e comunicantes, progredindo das unidades mínimas às máximas, mediante uma elaboração que, em todas as profundidades do ser, opera o progresso da espiral maior, sendo este, por sua vez, movido pelo progresso de todas as espirais menores, até ao infinito. Há no âmbito de cada ciclo uma pulsante respiração evolutiva, que se inverte e se equilibra num período involutivo, a fim de retomar nesse retorno uma respiração mais ampla. Isso se dá desde o infinitamente simples até ao infinitamente complexo, sendo a respiração evolutiva de cada unidade estabelecida pela respiração evolutiva de todas as unidades menores. O vórtice maior progride pela saturação dos vórtices menores que o constituem.

Pensai! O progresso de vossa consciência vive pelo concurso e pelo progresso de todos os ciclos menores: o eletrônico, o atômico, o molecular, o celular, de modo que, antes de ser um vórtice psíquico, é um vórtice de metabolismo orgânico, elétrico, nervoso, cerebral, psíquico e, finalmente, abstrato. Todo o passado está presente, indelevelmente fixado por todos os retornos involutivos. Todo o futuro está presente, porque o presente o contém todo, como causa, como princípio, como desenvolvimento concentrado em estado latente. Se esta derivação do mais determinada pelo menos pode vos parecer absurda, isto sucede apenas porque não podeis sair das fases de vosso universo, que constitui todo o vosso concebível. O mais é apenas a explosão de um mundo fechado em si mesmo, que já continha tudo em potencial. Evolução significa expansão de vórtices, que são depósitos de latências, tal como seria um bloco de dinamite. Não se trata de mais ou de menos substância; o absoluto, que não tem medida, não possui quantidade. Trata-se de transformação, de criação no relativo. É a autoelaboração que traz à luz β de γ e α de β . Mas nem por isso digais que o espírito é um produto da matéria; dissei sim que γ se eleva até α , revelando o princípio contido em si, latente em sua profundidade.

Pensai! A respiração do átomo dada pela respiração do universo; a respiração do universo dada pela respiração do átomo; uma criação sem fim, sem limites, onde tempo e espaço nada mais são do que

apenas propriedades de uma fase, além da qual desaparecem; onde o relativo limitado e imperfeito, mas em evolução e inexaurível no infinito, forma e iguala o absoluto. Dai a tudo isso uma concentricidade e uma coexistência que não podem ser expressas pela forma linear da palavra, e tereis uma imagem aproximada do universo em sua *complexidade orgânica*, em sua *potência dinâmica* e em sua *vastidão conceptual*.

XXX. PALINGENESIA (ETERNO RETORNO)

Que vem a ser, neste sistema, o vosso *conceito de Divindade*? Compreendi que Deus não pode ser algo além e exterior à criação, distinto dela; que só o homem, por estar situado no relativo, pode acrescentar a si ou operar além de si, mas não Deus, que é o absoluto. Vossa ideia de um Deus que cria fora e além de si, acrescentando algo a si mesmo, é uma concepção antropomórfica absurda, com a qual se deseja reduzir o absoluto ao relativo. Não pode haver criação no absoluto. *Somente no relativo pode haver nascimento e transformação.* O absoluto simplesmente “é”. *Não queirais restringir a Divindade aos limites de vossa razão*; não vos eleveis a juízes e à medida do todo; não projeteis no infinito as pequeninas imagens de vosso finito; não coloquais limites no absoluto. Em sua essência, Deus está além do universo de vossa consciência, além dos limites de vosso concebível. É irreverência aviltar esse conceito, para querer compreendê-lo. Constituindo-vos em medida das coisas, colocais como sobrenatural e miraculoso qualquer fato novo para vossas sensações, que exorbite do que sabeis e conheceis. Mas a natureza é expressão divina, e não pode haver nada acima dela, nenhum acréscimo, nenhuma exceção, nenhuma correção à Lei.

Sobrenatural e milagre são conceitos absurdos diante do absoluto, aceitáveis apenas em vosso relativo, adequando-se a exprimir vosso assombro diante do que é novo para vós, e nada mais. Contendo em si a ideia de limite e de seu superamento, estes conceitos são inaplicáveis à Divindade. Esta é superior a qualquer prodígio e o exclui como exceção, como retorno ao que já está feito, como retoque ou arrependimento e, sobretudo, como vontade de desordem no equilíbrio da lei estabelecida. Limitai apenas a vós mesmos esses conceitos e não vos julgueis centro do universo. Guardai para vós os conceitos de tempo, de espaço, de quantidade, de medida, de movimento, de perfectibilidade. Não deveis medir a Divindade como medis a vós mesmos; não tenteis defini-La, muito menos com aquilo que serve para vos definir a vós mesmos, por multiplicação e expansão de vosso concebível. Se quereis somar ao infinito vossos superlativos, dizei ao infinito: *isto ainda não é Deus*. Seja Deus para

vós uma direção, uma aspiração, uma tendência; seja Ele para vós a meta. Se Deus está no infinito – inconcebível para vós em sua essência – vosso finito se avizinha Dele por aproximações conceptuais progressivas. Vede como, na Terra, cada um adora a representação máxima da Divindade que pode conceber e como, ao longo tempo, essa aproximação vai-se dilatando. Do politeísmo ao monoteísmo e ao monismo, verificaís o progresso de vossa concepção, que é proporcional à vossa força intelectual, progredindo com ela. A luz aparece mais intensa à proporção que o olhar se torna mais penetrante. O mistério subsiste, mas é empurrado cada vez para mais longínquos horizontes. Por mais que este se dilate, haverá sempre um horizonte mais afastado para atingir. Ao verificar vossa relatividade, que progride, eu não destruo o mistério, mas o enquadrando no todo e dele dou a justificação racional, tornando-o um mistério relativo, que só existe pela limitação de vossas capacidades intelectivas e que recua continuamente diante da luz, *em função do caminho das verdades progressivas*; um mistério fechado dentro dos limites que a evolução ultrapassa dia a dia. Embora a Divindade seja um princípio que exorbita vossos limites conceptuais, ela permanece lá, aguardando vossa maturação para se revelar. Hoje, que finalmente vossa mente está amadurecendo, *não é mais lícito*, como no passado, *“reduzir” aquele conceito a proporções antropomórficas*. Agora, que trago ao vosso relativo uma nova e maior aproximação, projeto em vossas mentes a maior imagem que as humanidades futuras terão de Deus. Este é um canto mais alto à sua glória. *Não se trata de irreligiosidade, mas sim, pelo contrário, de uma exaltação maior de Deus, de uma religiosidade mais profunda*. Não procureis Deus apenas fora de vós, tornando-O concreto em imagens e expressões de matéria, mas buscai “senti-Lo” sobretudo em sua forma de maior poder, dentro de vós, na ideia abstrata, estendendo os braços para o universo do espírito, que vos aguarda.

XXXI. SIGNIFICADO TELEOLÓGICO DO TRATADO. PESQUISA POR INTUIÇÃO

Sob minha direção, recomeçai comigo vossa viagem, mais que dantesca, através do universo. A estrada é longa e o panorama é amplo, havendo o risco de vosso pensamento se perder. Tendes aqui, em profusão, as provas e demonstrações que desejáveis. Segui-me, então, pois minha argumentação cerrada, aliada à maravilhosa correspondência de toda a fenomenologia existente com o princípio único que vos expus, irá por fim vos levar – quando tivermos atingido as conclusões de ordem moral e social – a enfrentar o dilema no qual ou se admite todo o sistema, ou se fica sem nada. Se o sistema corresponde à verdade em tantos fenômenos conhecidos, ele deve corresponder também àqueles fenômenos que desconheceis ou que não podeis controlar. Então admitir e seguir os princípios de uma moral superior – parte integrante do sistema – não será mais questão de fé, e sim de inteligência.

Depois disto, todo homem dotado de inteligência terá *como dever* a honestidade e a justiça. Diante da demonstração evidente, que coloca na base da questão moral o dilema de compreender ou não compreender, não será mais lícito duvidar e fugir. Então somente se poderá ser malvado por inconsciência ou por má-fé. Não se poderá mais discutir uma ciência da vida cuja base – em vez de ser dada por aquelas construções isoladas de todo o resto do mundo fenomênico, indemonstráveis e frequentemente dissonantes no grande concerto do universo, ou então (como é comum em muitas filosofias) por alguma ideia particular elevada a sistema – é constituída por uma concepção teleológica que, estando em relação harmônica com o desenvolvimento de todos os fenômenos, corresponde aos fatos. Tereis então um verdadeiro edifício, erguido sobre fundamentos vastos como o infinito, compondo um sistema no qual o homem é considerado em relação às leis da vida e estas em relação à lei do todo. Uma vez completado o tratado, não será mais lícito, racionalmente, o homem se isolar em seu egoísmo, indiferente ou agressivo, pois, se tudo é organismo, também a coletividade não pode ser senão um organismo. Até mesmo em sua forma, esta

teleologia que estou desenvolvendo corresponde ao princípio orgânico e monístico do universo. Observai como é pouco o que estou demolindo e como, ao invés, cada palavra tem sua função construtiva; observai como é pouco o que nego, diante de tudo o que afirmo. Evito agressões e destruições; fujo de vossas inúteis divisões, como materialismo e espiritualismo, positivismo e idealismo, ciência e fé. Divergências transitórias vos atormentaram nos últimos decênios, mas eram necessárias para vos preparar a maturação de hoje, que é o momento da fusão e da compreensão entre uma ciência que se tornou menos dogmática e soberba – mais sábia e menos apressada em suas conclusões e deduções – e uma fé mais iluminada e consciente. Sou tanto uma quanto outra. Meu olhar é bastante amplo para compreender, ao mesmo tempo, os dois extremos: o princípio da matéria e o princípio do espírito. Esta minha apologética da obra divina é novo benefício que vos chega do Alto; é uma demonstração que presume seres conscientes, adultos e maduros. Vossa responsabilidade moral crescerá como nunca, se ainda quiserdes insistir nas velhas sendas da ignorância ou da ferocidade. Bem sei que o misoneísmo atávico de vossa orientação psicológica é uma imensa barreira, constituindo massa negativa e passiva, que resiste a mim com sua inércia. Qualquer mente humana se despedaçaria contra essa muralha gigantesca, que permaneceria imóvel. Mas meu pensamento é um fulgor que abalará as mentes. Se possuíis toda a resistência da matéria inerte, eu possuo todo o poder do pensamento dinâmico, que desce relampejando do Alto. Vossa psicologia é um fenômeno com sua própria velocidade e massa, lançado ao longo de uma trajetória que resiste a todo desvio. Mas eu represento um princípio superior a esse fenômeno e intervenho no momento em que, por vossa maturação, a Lei impõe uma mudança de rota. Chegou o momento, e vós subireis.

Conforme podeis perceber cada vez melhor, o centro deste pensamento que vai-se desenvolvendo não é, nem pode ser, de vosso mundo. Trata-se de uma síntese tão ampla, poderosa e exaustiva, que jamais poderia ter sido elaborada na Terra. Toda essa massa conceptual que tendes sob os olhos move-se no infinito – seu ponto de partida – e dele desce até ao vosso concebível. Para quem a procura, esta é a prova íntima, presente em cada página, da origem

transcendente da obra; prova real, inerente ao tratado que a acompanha; prova mais sólida que todas as exteriores, procurada por vós nas qualidades do instrumento e nas modalidades de transmissão e recepção. O ângulo visual e a amplidão de perspectiva desta síntese estão absolutamente acima de todas as sínteses humanas ao vosso alcance. No entanto me esforço num contínuo trabalho de adaptação, a fim de reduzir à vossa capacidade estes conceitos, próprios de planos mais altos. Sem este trabalho, o tratado teria de se desenvolver, em grande parte, fora de vosso concebível, por considerar realidades superiores, inimagináveis para vós.

A necessidade de vossa ciência atual, de reduzir a imensa variedade dos fenômenos a um princípio único, é plenamente satisfeita por este tratado. Vedes todas as minhas argumentações convergirem para essa síntese monista, que vosso intelecto busca e tem necessidade. Minha afirmação é a unidade de princípio em todo o universo: unidade na complexidade orgânica e unidade no transformismo evolutivo. Em sua grandiosa simplicidade, esta ideia é a mais poderosa afirmação de vosso século; tremendamente dinâmica e fecunda, ela é suficiente para criar uma nova civilização. O conceito de lei, que cada uma de minhas palavras reafirma, é ordem, equilíbrio e afirmação; põe em fuga todos os niilismos, pessimismos e ateísmos, rechaçando a ideia da cegueira do acaso, da atrocidade do sofrimento, da desordem e da injustiça na criação; torna-vos melhores e vos eleva a cidadãos de um mundo maior, onde os seres são conscientes das leis que os dirigem. Tal síntese, porém, não poderia ser alcançada a partir de mentes imersas no relativo, mas somente de um ponto de vista que, estando fora da humanidade, pudesse, numa visão de conjunto, contemplá-la toda; ela jamais poderia ter chegado a vós senão provindo de um plano mental superior. As páginas que se seguem justificarão estas afirmações, dando-vos novas aproximações do superconcebível, que vos ultrapassa.

Colocastes vossos pontos fixos na Terra, quando, ao invés, eles estão no céu. Os fatos de onde partis – *o método da observação* – e o instrumento da razão vos fecham num círculo, sem possibilidade de saída. Jamais questionastes a vós mesmos ou pensastes que se devesse – e esta é a primeira coisa a fazer – superar vosso

instrumento? Eu quebro os grilhões para escapar do círculo em que a vossa ciência e vossa filosofia vos haveis trancado. Era preciso quebrar de uma vez por todas esse impasse entre análise e síntese, síntese e análise, para encontrar um ponto de partida fora de vosso relativo. Um sistema filosófico ou científico pode ser uma construção perfeitamente concatenada do ponto de vista lógico e matemático. Mas o ponto fixo, a base de onde partis, está sempre no relativo, sendo esta a razão pela qual vossas construções são em tão grande número e tão diferentes, todas prontas a ruir, tão logo sejam deslocadas desse ponto. Muitas vezes vos isolais numa unilateralidade de concepção, elevando-vos a vós mesmos em sistema.

Muitas vezes sabeis pelo poder da mente, porém, depois, vosso coração não vos segue junto. De que serve saber, se não sabeis amar? Separais pesquisa e paixão, mas o homem é uma síntese, feita de luz e calor. Além disso, como pudestes acreditar que seria possível chegardes sozinhos – por força de análises e hipóteses, esflorando os fenômenos com vossos limitados sentidos – a alguma coisa que pudesse ultrapassassar uma síntese parcial, para chegar a uma síntese máxima? O que tendes sob os olhos? Como pode caber em vosso pequeno mundo terreno todo o universo fenomênico? No entanto tudo isto eu resolvo com a mudança de sistema, deitando abaixo o *método indutivo*, para substituí-lo pelo *método intuitivo*⁸. Mas nem por isso deixo de me referir e de ficar aderente à realidade, a verdadeira base de qualquer filosofia. Eu vos digo que as realidades mais poderosas estão dentro de vós. Olhai o mundo não com os olhos do corpo, mas sim com os olhos da alma. Os métodos dos quais tanto se ocupam certas filosofias, bem como os métodos clássicos de pesquisa, que vos parecem inabaláveis, já deram todo o seu rendimento e se tornaram meios superados, não podendo vos fazer progredir nem mais um passo sequer.

XXXII. GÊNESE DO UNIVERSO ESTELAR. AS NEBULOSAS – ASTROQUÍMICA E ESPECTROSCOPIA

Retomemos agora alguns conceitos já ventilados e continuemos seu desenvolvimento. Desse modo, completaremos a exposição sumária dos princípios e tornaremos a observá-los na realidade fenomênica, examinando os fatos sempre sob novos aspectos.

Retomarei por um momento a fase γ em seu aspecto estático, a fim de vos descrever a *construção do universo físico*, fazendo uma pausa no *campo astronômico*, para daí tomar impulso na direção de conceitos mais profundos. Direi coisas que não vos podia expor antes de amadurecer tantos conceitos. Correspondendo à maturação de vossa psique, que tem necessidade de uma assimilação gradual, esta *exposição cíclica progressiva* adotada por mim vos permite assimilardes a grande visão, ao invés de nela vos perderdes. Cada conceito, se não fosse esboçado antes, numa primeira fase, apenas em suas linhas fundamentais, estaria arriscado a perder sua unidade em infinitas ramificações colaterais. Todo conceito se estende em todas as direções, como uma esfera, enquanto vossa consciência só pode perceber uma de cada vez, razão pela qual, por brevidade, temos de escolher as principais. Minha consciência volumétrica (terceira dimensão), situada num plano superior à vossa, de superfície (segunda dimensão), como vos explicarei, vê por síntese, ao passo que a vossa vê por análise. O finito, de que sois feitos, justifica esses retornos a que estais obrigados, através do exame sucessivo da realidade em seus diversos aspectos (vista em síntese por mim), para penetrardes gradualmente além da forma, que, situada na superfície, recobre a essência, contida na profundidade.

O estudo do aspecto dinâmico da fase γ vos mostrou, na estequiogênese, o nascimento, a evolução e a morte da matéria. Caiu, desse modo, vosso dogma científico da indestrutibilidade da matéria. Compreendidos os conceitos de nascimento da matéria por concentração dinâmica, de sua evolução química e de sua morte por desagregação atômica (radioatividade), vejamos agora como se comporta essa matéria na realidade do *universo astronômico*, nos imensos aglomerados de estrelas.

Como ilustração do princípio do desenvolvimento cíclico dos fenômenos – dado pelo constante retorno ao ponto de partida, mas com o progressivo deslocamento do sistema – pode ser trazido um exemplo no campo físico, o qual encontrais na trajetória traçada pelo caminho da Terra nos espaços. Girando ao redor do Sol, no mesmo plano e direção dos outros planetas – enquanto o Sol, por translação, afasta-se da região de Sírius na direção da estrela Vega de Lira e da constelação de Hércules – a Terra descreve exatamente uma trajetória que, mesmo retornando sempre sobre si mesma, jamais volta ao mesmo ponto de partida no espaço. Isso acontece porque o movimento solar de translação faz a elipse planetária desenvolver-se em espiral, de acordo com a direção do deslocamento do Sol.

Observemos mais de perto, porém, um fenômeno muito mais amplo: *a construção de vosso universo estelar*. Já acenamos a esse respeito, quando nos referimos ao desenvolvimento do vórtice das nebulosas. Esse simples aceno, agora que completamos o estudo da espiral, merece um exame mais profundo. Vosso universo estelar é constituído pela Via Láctea, que, no plano físico, é a exata expressão do princípio da espiral. Muitas dúvidas vos atormentaram, fazendo-vos aventardes muitas hipóteses, para explicar a construção e a origem dessa faixa estelar que envolve os dois hemisférios de vossa visão celeste. Não formulo hipóteses, simplesmente vos transmito, como o vejo, o estado dos fatos, e vos indicarei de que modo, em parte, podereis controlá-los.

Seguindo a lei das unidades coletivas, a matéria se vos apresenta em aglomerados geológicos e siderais. Todo o vosso universo físico é constituído pela Via Láctea, sendo este um sistema completo e limitado, a cujo diâmetro podeis dar o valor de cerca de meio milhão de anos-luz e no qual está situado o Sol com sua corte de planetas. A Via Láctea é exatamente um vórtice sideral em evolução.

Demonstraremos esta afirmação. O grande vórtice da Via Láctea é dado no seu devenir – segundo a lei dos ciclos múltiplos – por vórtices siderais menores, que vedes e conheceis, sendo possível nestes encontrardes o caso maior. Os telescópios vos põem sob os olhos várias nebulosas, como a Constelação da Balança, a de Andrômeda e a do Cão, sendo esta última uma nebulosa regular, em que a linha da espiral está claramente visível. O vórtice estelar é, por

vezes, como neste caso, orientado de maneira a se apresentar de frente; às vezes, obliquamente, aparecendo na forma de uma oval achatada, em perspectiva, como na nebulosa de Andrômeda; às vezes, de perfil, em sua espessura, assumindo neste caso o aspecto da seção de uma lente, em que os ramos da espiral se sobrepõem, ficando ocultos ao olhar. Vosso sistema solar foi uma nebulosa que agora chegou à maturidade. Os planetas, cuja verdadeira órbita é uma espiral com deslocamentos mínimos, recairiam no Sol, se não se desagregassem pela radioatividade. A Via Láctea é apenas uma imensa nebulosa espiralóide em processo de maturação. Vosso sistema solar, assim como as citadas nebulosas, faz parte dela. No âmbito da espiral maior desenvolvem-se as espirais siderais menores. Podeis representar a Via Láctea como um imenso vórtice, semelhante, embora maior, ao da nebulosa da Constelação do Cão. O sistema solar está imerso na espessura do vórtice, que, portanto, só aparece visível em sua seção, mas que, como seção, vos envolve nos dois hemisférios e, por isso, aparece numa faixa em todo o vosso redor.

Essa afirmação vos é demonstrada pelos seguintes fatos. É no plano equatorial da Via Láctea que se comprimem os aglomerados de estrelas, enquanto nos polos a matéria está em estado de rarefação. As estrelas se multiplicam à medida que vos aproximais da Via Láctea. O sistema solar está situado mais para o centro da espiral, afastado deste lateralmente, no plano de achatamento e do desenvolvimento do vórtice. A distribuição diferente das massas siderais em vosso céu é causada exatamente pela visão que conseguis – quer na maior seção da direção horizontal, quer na menor seção da direção vertical – do esferóide achatado, que representa o volume do sistema espiralóide galáctico.

Porém há fatos mais convincentes. A espectroscopia permite estabelecer uma espécie de astroquímica, que vos informa a respeito da composição das várias estrelas. Com a análise das radiações estelares, também podeis estabelecer sua temperatura, porque, à proporção que esta aumenta, vedes aparecer no espectro as várias cores, do vermelho ao violeta, que é o último a aparecer. O ultravioleta revela as temperaturas mais altas. Quanto mais o espectro se estende nessa área, mais quente é a estrela observada.

Então o espectro vos revela, concomitantemente, *a constituição química e a temperatura*. Baseando-vos nestes critérios, torna-se possível não só uma classificação das estrelas quanto ao tipo, mas também uma graduação delas em relação a seu *grau de condensação*, do qual se depreende sua idade no processo evolutivo. Uma primeira série de estrelas é composta de gases incandescentes, como o hidrogênio, o hélio e o nebulio (que ainda desconheceis). São compostas por este último as estrelas *mais quentes*. A matéria está, então, no estado gasoso, sendo a massa estelar uma nebulosa ainda no *seu início*. Estas são as estrelas mais jovens, de cor prevalentemente azul, que representam a fase inicial da evolução sidereal do vórtice galáctico. Essas estrelas estão todas situadas nas *vizinhanças* imediatas da Via Láctea. A gradação continua, abrangendo estrelas de *hélio*, ainda *quentes e jovens*, sempre *próximas da Via Láctea*; depois as estrelas de hidrogênio, nas quais o hidrogênio se acentua, enquanto o hélio tende a desaparecer. Embora estejam nas proximidades da Via Láctea, elas começam a se espalhar pelo céu. Menos jovens, mais avançadas evolutivamente que as precedentes e em via de condensação, emanam luz branca. A essa série de estrelas brancas (a que pertence Sírius) segue-se a das estrelas de *luz amarela*, nas quais os metais substituem os gases, mas sempre em temperaturas elevadíssimas, embora inferiores às precedentes. Estas se encontram *espalhadas* ainda mais uniformemente pelo firmamento e se acham em processo de *solidificação*. Entre elas situa-se vosso sol. Ele se encontra entre as estrelas que estão envelhecendo, esperando a morte por extinção. Suas manchas já as anunciam e se tornarão cada vez mais extensas e estáveis, até o fim. A última série é a das *estrelas vermelhas*, com uma temperatura que chega a um *resfriamento* avançado, nas quais os gases desaparecem para dar lugar aos metais; são as estrelas *mais velhas*, distribuídas quase *uniformemente* pelo espaço.

Há, no entanto, outros fatos para observar, que se desenvolvem paralelamente aos quatro já observados, são eles: a constituição química, a temperatura, a condensação e a idade. *As estrelas se afastam da Via Láctea à proporção que envelhecem*. Bastaria isto, para demonstrar que na Via Láctea está o *centro genético* do sistema, pois é exatamente nela que encontrais as estrelas em sua primeira

fase de evolução. Aquelas vermelhas, as mais velhas, encontram-se afastadas das regiões mais jovens da Via Láctea. Em outras palavras, existe um processo paralelo de maturação da matéria e de afastamento do centro, porque as mutações químicas, o resfriamento, a condensação e o envelhecimento significam evolução, que corresponde a um processo de abertura do sistema, indo do centro à periferia.

Acrescentemos ainda outro fato. As *velocidades siderais*, partindo de uma velocidade nula para as nebulosas irregulares, aumentam gradualmente, conforme o tipo da estrela: de hélio, de hidrogênio, amarelas, vermelhas, planetárias. Isso vos diz que as estrelas, durante o processo de evolução assinalado pelo tempo, projetam-se do centro para a periferia. Acrescentai a isto tudo o exemplo do tipo de desenvolvimento em espiral visível nas nebulosas menores, que reproduzem, em proporções mais reduzidas, o sistema maior, e tereis um acúmulo de fatos convergentes para o mesmo princípio que afirmei ser a base da construção orgânica de vosso universo estelar.

XXXIII. LIMITES ESPACIAIS E LIMITES EVOLUTIVOS DO UNIVERSO

Agora, que tendes o conceito da conformação de vosso universo e de seu processo evolutivo, ultrapassemos *seus limites*, tanto em sentido espacial, permanecendo no plano físico, quanto no sentido evolutivo, alcançando aquelas fases já mencionadas, que precedem e superam esse plano. Aqui, a astronomia atinge a metafísica. Pensai o seguinte: este universo, imenso e tão maravilhosamente complexo, é o mais simples dentre os universos nos quais ele se transforma por evolução, porquanto pode ser perfeitamente concebível para vós. Ultrapassá-lo é fácil no sentido espacial, mas torna-se difícil no sentido evolutivo, porque aprofundar este estudo significa, para vós, invadir o campo do inconcebível.

No *sentido espacial*, vosso universo estelar, considerado isoladamente, é um sistema finito; é imenso, mas pode ser medido, e tudo que se pode medir é finito. Vossa mente o domina por completo, porque, sendo ela de um plano superior, pode ultrapassar qualquer limite espacial. Se podeis, num corpo tão frágil e pequeno, voar assim conceitualmente, a ponto de poderdes compreender o universo físico, o qual jamais poderíeis percorrer todo materialmente, isso é devido ao fato de que existis numa fase evolutiva superior. Verificais, aqui, como a diferença de nível dá ao superior o poder de dominar e compreender o inferior, mas não o contrário. Os limites de vosso concebível, todavia, são dados na direção da evolução, ou seja, pelas fases ou universos inferiores e superiores ao vosso. No sentido espacial, a lei das unidades coletivas e a lei dos ciclos múltiplos vos indicam a continuação do fenômeno com um conceito simples. A unidade de vosso universo, assim como é composta de unidades menores, também é componente de unidades maiores; a espiral maior, assim como é produzida pelas menores, também é determinante de espirais maiores, até ao infinito. Encontraremos um limite, mas não no espaço, e sim no transformismo evolutivo. Fisicamente, o vórtice de vosso universo é apenas um da infinita série de vórtices ou nebulosas em processo de desenvolvimento ou de involução, com os quais ele se combina para formar um vórtice

ainda maior, até ao infinito. Não podeis vê-los todos, porque não têm a vibração da luz. Todo o vosso universo físico move-se em velocidade vertiginosa em relação a outros longínquos universos semelhantes, a fim de fazer parte, com eles, de sistemas ainda maiores. Que isto não vos surpreenda! Não encontrais o mesmo princípio no vórtice eletrônico? Trata-se simplesmente de uma pequena matéria e de uma grande matéria; do átomo ao universo e além dele, de um polo ao outro do infinito, o princípio é idêntico.

Procuremos, todavia, ultrapassar os verdadeiros limites do sistema, que não encontrareis mais no mesmo plano físico, embora, neste, vossa mente os supere ao infinito: *os limites dados pelo transformismo evolutivo*. Movendo-se sempre na mesma direção do mundo físico, encontrareis sempre o mesmo princípio, sem mudanças. Para ultrapassá-lo e sair dele, é indispensável mover-se em outra direção: *a da evolução*. Mais do que um processo mecânico, a abertura do vórtice sideral é aquela maturação íntima da matéria, que vimos na estequiogênese. O vórtice da nebulosa nasce e morre lá onde a matéria nasce e morre, ou seja, começa e termina lá onde a Substância inicia e termina seu ciclo de fase física. Em outras palavras: a matéria nasce no centro e morre na periferia da Via Láctea. Observai a correspondência com os princípios expostos acima! Observai como o vórtice maior sideral abre-se pelo desenvolvimento dos vórtices menores, planetário etc., até ao atômico. Observai que, assim como o centro genético espacial (aspecto estático da fase γ) é o núcleo da nebulosa de vosso universo, assim também o centro genético fenomênico (aspecto dinâmico de γ) é o hidrogênio, elemento base da série estequiogenética, justamente o elemento constituinte das estrelas jovens, quentes, gasosas, situadas na Via Láctea, e das grandes massas gasosas pelas quais é formada a substância-mãe das estrelas. Se imaginardes que esse processo significa o desenvolvimento de um princípio (aspecto mecânico ou conceptual do universo), podereis “perceber” agora a fase γ , concomitante e unitariamente, na trindade de seus aspectos.

Vimos que as nebulosas nascem, como fase γ , pela concentração dinâmica da fase β e que o ponto limite do fenômeno não é dado apenas pela abertura espacial máxima do vórtice, provocada pelo impulso originário, mas também pela evolução da matéria, através da

qual esta, depois de atravessar toda a fase γ , desagrega-se e torna a assumir a forma de energia. Depois, observamos como a energia, por sua vez, canalizando-se em correntes que, segundo um vórtice centrípeto, a guiam de novo para o centro, percorre a fase inversa do ciclo (período de descida involutiva), no qual, por concentração dinâmica, transforma-se novamente em γ , para formar então o núcleo de um novo vórtice centrífugo, numa nova nebulosa espiralóide galáctica.

Chegamos, pois, ao seguinte fato: *o limite de abertura do vórtice sideral não é encontrado no plano físico, mas sim no ponto em que este toca – não em sentido espacial, mas no sentido evolutivo – um outro plano*, no qual o vórtice físico se inverte num vórtice dinâmico de regresso. A espiral, como vimos no diagrama da fig.4, fecha-se, mas *o retorno do vórtice sideral é de natureza dinâmica*; a reabsorção centrípeta, que contrabalança a precedente expansão, ocorre numa fase evolutiva diferente. *O que retorna ao centro é a forma energia, e não a forma matéria*, na qual se tinha afastado. As correntes siderais emanadas do núcleo gasoso são substituídas pelas correntes dinâmicas, que reconstituem aquele núcleo. Em outros termos: a matéria não pode ter um limite na direção espacial (pois este, logicamente, poderia certamente ser sempre superado), mas apenas na direção evolutiva, ou seja, esse limite não pode estar situado em um dado ponto do espaço, mas somente em algum ponto onde ocorra a transformação da matéria na sua fase superior de evolução. Somente estes conceitos podem explicar-vos toda a complexa realidade do fenômeno. A condensação sideral é de natureza dinâmica. O vórtice que se abre em forma física, fecha-se depois de uma transmutação, através da qual se torna invisível aos telescópios, desaparecendo de vossos sentidos e prosseguindo na direção inversa, numa forma que procurais em vão no plano físico. Muitos problemas de física e de astronomia vos parecem insolúveis exatamente porque vos mantendes sempre no plano físico e, assim, não acompanhais os fenômenos onde eles, sob este aspecto, se esvanecem e “renascem” num aspecto diferente, no qual não sabeis reencontrá-los.

Estas considerações vos encaminham para a visão de conceitos ainda mais profundos, que vos fazem chegar até ao limite do

concebível. A essa altura, a ciência, que se tornara metafísica, transforma-se em visão mística e, expandindo-se num campo de completa abstração, presume uma psicologia não mais racional, e sim intuitiva. Falarei agora do nascimento e da morte do tempo, do nascimento e da morte do espaço, do aparecimento e desaparecimento – por evolução e involução – dessas diversas dimensões em vosso relativo. Tudo o que está no relativo tem um princípio e um fim, devendo, portanto, nascer e morrer. Esforçai-vos, agora, para superar esse relativo, elevando vossa concepção ao infinito.

XXXIV. QUARTA DIMENSÃO E RELATIVIDADE

Para iniciar, tomo como ponto de partida uma vossa bem recente e nova teoria científica: *a teoria da relatividade de Einstein*. Presumo que tenhais conhecimento não apenas dela mas também dos conceitos sobre a quarta dimensão. Os critérios que adotastes para criar uma *quarta dimensão do espaço*, permanecendo no espaço, estão errados. A dimensão sucessiva à terceira espacial não está no espaço. *O quarto termo sucessivo aos três da unidade trina só pode encontrar-se na trindade sucessiva*. Isto se dá em virtude da lei segundo a qual o universo é individualizado por unidades tríplexes, e não quádruplas. Portanto é absurdo o conceito da continuação do desenvolvimento tridimensional do espaço – que vai do ponto adimensional à linha (primeira dimensão), à superfície (segunda dimensão) e ao volume (terceira dimensão) – num hipervolume. Trata-se de um absurdo imaginoso essa construção ideal de um octaedróide quadridimensional e dos outros poliedróides do hiperespaço. Aumentar um volume significa permanecer no volume, ainda que o multipliquemos por ele mesmo. Por isso não obtivestes até agora resultado prático através da representação hiperestereoscópica ou até mesmo da conceptual. A pretensa geometria a quatro, cinco ou n dimensões, imaginada por vós, é uma extensão da análise algébrica, e não uma geometria propriamente dita. Trata-se de uma pseudogeometria, mera construção abstrata, com formas inimagináveis e inexprimíveis na realidade geométrica.

Todo universo, assim com é trifásico, também é tridimensional. Chegando à terceira dimensão, é necessário, para progredir – em virtude do princípio da unidade trina – *iniciar uma nova série tridimensional*, pois o período precedente se exauriu, sendo indispensável sair do ciclo precedente, para começar um novo. Chegaremos depois *ao conceito da evolução das dimensões*, dilatando a concepção einsteiniana da relatividade, aprofundando seu conceito e estendendo-a também a todos os fenômenos.

A concepção tridimensional do *espaço euclidiano* esgota a primeira unidade trina e, com isso, exclui uma quarta dimensão no espaço. Mas a sucessão das dimensões já contém o conceito de sua

evolução. Considero *linha, superfície e volume como três fases de evolução da dimensão espacial*. Mas, para ir além, não bastam essas concepções matemáticas. Para mudar a dimensão, é necessário iniciar um movimento em direção diferente, introduzindo elementos totalmente novos. Tendes procurado ultrapassar a concepção euclidiana por meio da concepção de um *espaço elíptico*, compreendido como campo de forças finito, formado por linhas fechadas em si mesmas (correspondente ao meu conceito cíclico) e da concepção de hiperespaços multidimensionais. Contudo, para resolver o problema, temos de tomar outra direção.

Partamos do conceito de relatividade. *Não tendes um tempo e um espaço em sentido absoluto*, ou seja, eles não existem por si mesmos, independentes das unidades pelas quais são medidos, mas são determinados por elas e relativos a elas. Não existe, portanto, um movimento absoluto no espaço e no tempo, de modo que vossas medidas não correspondem senão a um conceito total de relatividade. Assim, *cada fenômeno tem um tempo próprio*, que lhe mede o transformismo: *não existe uma unidade universal de medida, nem uma dimensão absoluta idêntica, invariável para todos os fenômenos*. Até mesmo na ciência e na matemática estais imersos, sem possibilidade de saída, em vossa relatividade. Por meio delas, só podeis estabelecer relações, nada mais: o absoluto vos escapa.

Já vos disse que vossa razão não é a medida das coisas; que sois parte de um grande organismo; que mesmo a vossa consciência representa uma fase, constituindo um fenômeno entre os fenômenos. Alguns conceitos estão além de vossa consciência, e só podeis alcançá-los por maturação evolutiva de vosso eu. A modificação desses princípios fundamentais para a ciência altera também toda a estrutura de vossos sistemas científicos, derogando a física e a mecânica clássica newtoniana. Mas os novos conceitos têm a vantagem de corresponder a uma realidade mais completa e profunda. Assim, a mecânica racional transforma-se na mais avançada mecânica intuitiva. Surge a possibilidade de solucionar problemas que os velhos princípios não podem resolver. Sem dúvida, a ciência que construístes tem valor, e tínheis mesmo de criá-la. Mas, hoje, chegastes a um ponto em que, para avançar, é preciso criar uma nova ciência.

XXXV. A EVOLUÇÃO DAS DIMENSÕES E A LEI DOS LIMITES DIMENSIONAIS

Minha tarefa agora é ampliar esses princípios, que já dominais em todos os campos, e aprofundar-lhes o significado. Uma primeira *ampliação do conceito de relatividade* é dada pela lei da relatividade, cuja abrangência sobre todos os fenômenos se dá com tanta força, que impressiona vossa percepção e todas as vossas concepções. Não percebeis nem concebeis a essência das coisas, mas somente as suas mudanças: a base é o *contraste*, condição indispensável. Por isso, se vos moveis com a mesma velocidade, não percebeis um movimento (por exemplo, a rotação da Terra), mas apenas as diferenças. Não reparais de modo algum que vos moveis, com tudo o que vos circunda na superfície da Terra, a uma velocidade de quase meio quilômetro por segundo, o que equivale a cerca de 1.800 quilômetros por hora. Assim, para vós, duas forças constantemente equilibradas numa única massa não existem. A estase e o equilíbrio não são percebidos por vós, mas somente a mudança. É nesta lei de relatividade que se encontra vossa fase de consciência. Aí está a razão pela qual vossa ciência é exclusivamente, como vos disse, uma ciência de relações, cuja natureza é totalmente diferente da minha, que, provinda de um plano superior, é ciência de substância.

Ao vos falar de verdades progressivas, ampliei o conceito de relatividade também à psicologia e à filosofia. Assim como o conceito evolucionista, que Darwin só viu nas espécies orgânicas, também o conceito de relatividade, que Einstein limitou a alguns momentos matemáticos, tem de ser completado com *uma teoria de relatividade universal*, estendida a todo o universo. Isto representa uma conquista filosófica e científica, uma concepção mais profunda, uma compreensão mais ampla, uma harmonia e beleza superiores. Outra ampliação do conceito de relatividade pode ser feita também em profundidade, a qual vos conduzirá, da concepção de relatividade exclusiva das unidades de medida de vosso universo, a um novo conceito, muito maior e mais profundo: *o da evolução de suas dimensões*.

Se me perguntardes onde termina o espaço, eu vos respondo: no

ponto em que o “onde” se torna “quando”, ou seja, no ponto em que a dimensão espaço, própria de γ , transforma-se na dimensão tempo, própria de β . Quando a matéria, quimicamente envelhecida, resfriada e solidificada, atinge a periferia do vórtice sideral, desagrega-se pela radioatividade, transmutando-se em energia. Então a substância perde sua dimensão espacial, voltando ao *centro como corrente dinâmica e com dimensão temporal*. Na periferia, a matéria não é mais matéria, e sim energia. Assim como a substância mudou de forma, deslocando seu ser de uma fase para outra, também *muda a sua dimensão, que não é mais espaço, e sim tempo*. Expliquemos este conceito de dimensão e sua evolução.

Vosso conceito de um espaço e de um tempo absolutos, universais, sempre iguais a si mesmos, corresponde a uma orientação puramente metafísica, que, inconscientemente, matemáticos e físicos introduziram em suas equações. Esse ponto de partida, totalmente arbitrário, vos levou a conclusões erradas, colocando-vos diante de fenômenos que se transformam em enigmas, impondo-vos contradições sem saída; lançando-vos em conflitos insanáveis; cercando-vos de todos os lados com o mistério. Na realidade, somente encontrais, como vos disse, um tempo e um espaço relativos, cujo valor não ultrapassa o sistema a que dizem respeito. Porém há mais. Eles são apenas medidas de transição, em contínua transformação evolutiva.

Esforçai-vos em me acompanhar. Se vosso universo é finito como vórtice sideral, o sistema de universos e o sistema de sistemas de universos é infinito. Se o espaço é um infinito, então não pode ter limites em sua qualidade de espaço; portanto, se ele tem limites, não podeis encontrá-los na direção espacial, mas apenas na direção evolutiva. Deste conceito, ao qual já acenamos, chegamos agora à novíssima concepção: *os únicos limites do espaço são hiperespaciais*, estabelecidos no sentido do desenvolvimento da progressão evolutiva e exatamente pela *dimensão contígua*. Assim, se quiserdes um limite para o espaço, só o encontrareis nas dimensões que o sucedem e o precedem. Pormenorizemos ainda mais.

Cada universo tem sua própria unidade de medida, que constitui a sua dimensão. Assim como, por evolução, se passa de uma fase para

outra – conforme vimos na transmutação das formas da substância, em que os universos aparecem e desaparecem – também, *por evolução, se passa de uma dimensão a outra*, resultando no aparecimento e desaparecimento das unidades de medida do relativo. Tudo o que é relativo, portanto também a dimensão que lhe serve de medida, deve, como o relativo, nascer e morrer. Assim as *dimensões evoluem* com os universos, acompanhando as fases que estudamos. Do conceito de dimensão relativa, passamos ao de *dimensão progressiva*. Ora, passagem de fase significa também passagem dimensional. *Do espaço ao tempo se passa por evolução*, num processo evolutivo paralelo ao que leva da fase γ à fase β .

Existe, pois, uma lei, a qual chamaremos de “lei dos limites dimensionais”, que pode ser enunciada assim: “Os limites de uma dimensão são dados pelos limites da fase da qual ela é a unidade de medida, situando-se eles no ponto em que, por evolução, passa-se de uma fase a outra, ou seja, onde ocorre a transformação de uma fase e de sua dimensão na fase e dimensão sucessiva”.

XXXVI. GÊNESE DO ESPAÇO E DO TEMPO

Agora podeis compreender o que é e como ocorre a *gênese do espaço e do tempo*, assim como o seu término. Podeis alcançar a explicação científica das palavras do Apocalipse: “Então o Anjo jurou por Aquele que vive nos séculos dos séculos, que agora não haveria mais tempo” (Apoc. 10:6). Tudo o que nasce tem de morrer; tudo o que teve princípio tem de ter fim. Como tudo, evoluindo, deixa os despojos da velha forma, também deixa, para assumir outra, mais elevada e mais adequada, a velha dimensão, que não lhe serve mais. Assim como são infinitas as fases evolutivas, também são infinitas as respectivas dimensões. Eis como nosso olhar pode superar o tempo e o espaço, que são apenas duas dimensões contíguas dentre as infinitas dimensões sucessivas. Falaremos a respeito das mais próximas ao vosso concebível, correspondentes às várias fases de evolução, a fim de chegar à conclusão, antecipada aqui por mim, de que também o *devenir das dimensões é cíclico*, seguindo a lei do desenvolvimento expressa pela trajetória típica dos movimentos fenomênicos e pela lei das unidades coletivas, ou seja, de que *cada dimensão é um período que se reagrupa em períodos trifásicos maiores*, os quais se reagrupam em períodos ainda maiores, até ao infinito. A dimensão infinita, que compreende todas as menores, é precisamente a evolução. Assim como cada fase tem sua dimensão, o infinito também tem a sua, e a dimensão do infinito é a evolução. Eis que superamos o limite e, também nesta direção, encontramos o infinito.

Analisemos agora as dimensões contíguas ao espaço e ao tempo, observando suas propriedades e sua gênese. Quando dizeis *espaço a três dimensões*, confirmais estas afirmações, pois enunciais as três manifestações sucessivas dimensionais do *espaço*, que, como vedes, é uma *unidade trifásica*. Olhemos novamente o diagrama da fig. 2. A fase γ , matéria, representa a dimensão espaço completa. Vejamos sua gênese progressiva. Na fase $-z$, temos a *dimensão espacial nula: o ponto*. Isso não significa que o universo $-z$ seja puntiforme, mas sim que, naquela fase, o espaço só existia em germe, à espera do desenvolvimento (vórtice fechado), e que, em vez dele, existia uma

dimensão diferente, fora de vosso concebível. Em $-y$ aparece a primeira manifestação da dimensão espaço: *a linha*, aquela que denominais *primeira dimensão*, sendo esta a primeira e mais simples forma do espaço, em seu aparecimento. A segunda manifestação, mais completa, aparece na fase seguinte, $-x$, e revela-se como *superfície*, a que denominais *segunda dimensão*. A terceira e última manifestação, que completa a dimensão espacial, aparece em γ , na matéria, e revela-se como *volume*, sendo *a terceira dimensão do espaço*. Agora compreendeis como nasceu o espaço e por que a matéria tem como dimensão um espaço a três dimensões, dado por três momentos sucessivos. Também reencontrais este *princípio geral*: “*a manifestação de uma dimensão é progressiva e ocorre em três graus contíguos*”. A enunciação deste princípio vos demonstra o absurdo de procurar uma continuação quadridimensional num sistema com três dimensões. A continuação vos obriga a sair das três dimensões.

Continuemos com a progressão. O desenvolvimento da fase γ resultou na dimensão volume, dando-vos o espaço completo. Pelo diagrama da fig. 2, vedes como cada criação gera uma fase nova e como, no caso particular, a criação *b* gera β , a energia, que deriva, pela radioatividade, de γ , a fase matéria. A maturação estequiogenética havia deixado γ imóvel. Na criação *b*, a energia nasce pela primeira vez. Em termos bíblicos dizeis: Deus criou o movimento, dando o impulso ao universo. *O volume se moveu*. Aparece uma nova manifestação dimensional; algo se acrescenta ao espaço; uma superelevação dimensional (a quarta dimensão que procurais), mas num sistema diferente: *a trindade seguinte*. Esta nova dimensão, a primeira da série sucessiva, é *o tempo*. A unidade máxima dimensional precedente é tomada, na passagem à seguinte, por um novo e mais intenso movimento, mas sempre em direções novas e diferentes, cada uma própria de seu sistema (espacial, conceptual etc.), numa aceleração de ritmo que é exatamente o processo no qual consiste a evolução. Compreendeis agora como o tempo nasceu e como ele, por *ser a primeira manifestação de uma nova unidade com três dimensões*, deve completar-se com duas outras manifestações sucessivas.

XXXVII. CONSCIÊNCIA E SUPERCONSCIÊNCIA. SUCESSÃO DOS SISTEMAS TRIDIMENSIONAIS

A fim de compreender bem a passagem para as dimensões sucessivas deste *segundo sistema*, comparemo-lo ao primeiro. Enquanto este, em seu desenvolvimento, completa a dimensão espacial, o sistema seguinte, dado pela vossa fase superior no nível humano, completa a *dimensão conceptual*, cujas unidades de medida são as propriedades da consciência. Assim como ocorre nos universos precedentes em relação à gênese progressiva do espaço, também temos nesta unidade superior a *gênese progressiva da dimensão conceptual*. Na fase γ , a dimensão espacial está completa, mas o desenvolvimento da dimensão conceptual é nulo, um germe: *o ponto*. Em β aparece sua primeira manifestação: *o tempo*. O ponto se movimentou, não mais em direção espacial, mas em nova direção, a conceptual, e nasce a reta, a primeira dimensão nova. Ao deslocar-se no tempo, o fenômeno adquire em β uma *consciência própria, linear, a primeira dimensão conceptual*. O fenômeno, que ainda não é vida nem consciência, conhece apenas o seu progresso isolado no tempo; não se expande além da linha de seu devenir; não se eleva a julgamento como a consciência humana; não sabe sequer dizer “eu”, porque ignora qualquer distinção, sendo inconcebível aqui a consciência para o não-eu.

Compreendemos, também aqui, não um tempo universal, medida do devenir fenomênico, mas sim a dimensão desta fase, ou seja, a consciência (linear) do devenir. Entendido assim, esse tempo só nasce em β , como propriedade da energia. Com efeito, apenas as forças, por terem como característica dominante a dinâmica, tomam a iniciativa do movimento e dominam γ , a terceira dimensão espacial, característica da matéria, que não inicia esse movimento, mas apenas o sofre. Nas fases inferiores, o tempo só existe em sentido mais amplo, entendido como ritmo do devenir, propriedade de todos os fenômenos, e não como consciência do transformismo, propriedade das forças. Facilmente compreendeis a revolução que trazem esses conceitos em vossa ordem habitual de ideias.

Em α , estamos na fase subumana e humana de *consciência* mais

completa, onde temos a *segunda dimensão conceptual*, correspondente à *superfície* no sistema espacial. Assim como da linha se passa à superfície, com deslocamentos em novas direções extralineares, também a consciência humana, por deslocamentos semelhantes, invade o devenir de outros fenômenos, diferencia-se deles, aprende a dizer “eu” e a perceber a própria individualidade distinta das outras, dobra-se sobre o ambiente, projeta-se para fora (a nova dimensão), observa e julga. Essa projeção para fora, característica da segunda dimensão, é alcançada por meio dos sentidos, que, na primeira dimensão, eram desconhecidos.

Em +x aparece a *terceira manifestação da dimensão conceptual*, que completa o sistema, correspondendo ao *volume*. A consciência, que *não tem dimensão* na matéria (o volume é a dimensão espacial completa, mas, diante do sistema sucessivo, é uma não-dimensão, o ponto), assume no campo das *forças* a dimensão *linear*; alcança no campo da *vida* a dimensão *superfície*; adquire no campo absolutamente abstrato do puro *espírito* a dimensão de *volume*. As limitações de vosso concebível me impedem de prosseguir até aos sistemas sucessivos, cada vez mais espirituais e rarefeitos, que se estendem ao infinito. Em vez disso, expliquemos as características da segunda dimensão (*consciência*) em relação às da terceira (*superconsciência*).

Da mesma forma que a superfície absorve a linha, a consciência absorve o tempo e o domina; enquanto as forças precisam do tempo, o pensamento o supera. Na passagem da fase β à fase α , a dimensão tempo tende a se desvanecer, pois, embora subsistindo, é tanta a sua aceleração de ritmo (onda), que vos pareceria quase sumir na nova dimensão. Com efeito, quanto mais baixa e material, tanto mais lenta e semelhante a β é a consciência; quanto mais concreto o pensamento, mais denso é o ritmo e mais vagarosa a onda. *O pensamento implica tempo somente enquanto e na medida em que ainda é energia*. Quanto mais cerebral, racional e analítico, tanto menos abstrato, intuitivo e sintético é o pensamento. Neste segundo sistema tridimensional, assistis a uma aceleração contínua de ritmo. Nessa aceleração, o tempo é gradualmente absorvido. Por sua vez, a superconsciência domina e absorve a consciência, tal como o volume o fez com a superfície.

Expliquemos. A consciência humana, derivada por evolução de β , através da profunda elaboração da vida, não é linear, portanto, não sendo limitada a si mesma ou apenas a um fenômeno, pode sair e mover-se em todas as linhas de superfície, em todas as direções, abraçando, como consequência, muitíssimos fenômenos. Por isso é absolutamente hiperespacial, no entanto, mesmo assim, permanece sempre dimensão de superfície, à qual está inexoravelmente ligada enquanto não evoluir. Isso significa que ela está presa ao *relativo*, só podendo mover-se no *finito* e só sabendo conceber por *análise*, por meio da observação e da experimentação, tal como vossa ciência. Apesar de dominar todas as linhas do devenir fenomênico, toda a sua vida está na superfície, de onde não pode sair. Jamais vos perguntastes a razão dessa vossa insuperável relatividade, desses limites que restringem vosso concebível, dessa vossa incapacidade de visão direta da essência das coisas? Eis a resposta através da expressão geométrica: *vossa consciência é segunda dimensão, de superfície*, e, como superfície, *é uma contínua impotência diante do volume*, sua dimensão superior. Para atingir o volume, é indispensável que a superfície se mova em nova direção; para atingir a superconsciência, é necessário multiplicar a consciência por novo movimento. Dessa forma, só por multiplicação de análise podeis aproximar-vos da síntese. A superconsciência é dimensão conceptual volumétrica, que se obtém pela elevação de uma perpendicular sobre o plano da superfície da consciência, conquistando dessa maneira um ponto de vista fora do plano: o único ponto que pode dominá-la totalmente. Por isso somente a superconsciência sobrepuja os limites de vosso concebível; domina o relativo na visão direta do *absoluto*; domina o finito, movendo-se no *infinito*; concebe por síntese, e não mais por análise.

São esses conceitos que escapam à vossa consciência e, nesse nível, não podem ser alcançados. Somente assim se passa do relativo ao absoluto, do finito ao infinito. Este não constitui uma sucessão nem uma soma de relativos, mas constitui algo qualitativamente diferente: *diferença de qualidade, de natureza, e não de quantidade ou de medida*. Assim é o verdadeiro infinito, bem diferente daquilo que costumais denominar como tal, que é apenas um indefinido ou incomensurável. A superconsciência se move numa esfera mais

elevada que a consciência humana, em contato direto com os princípios que vós, laboriosamente, procurais alcançar através de sínteses parciais e que somente sentireis diretamente por meio de vossa evolução. Uma diferença substancial, como vedes. Não se trata de somar fatos, observações e descobertas, de multiplicar as conquistas de vossa ciência; trata-se de mudar-vos a vós mesmos. Não mais o lento e imperfeito mecanismo da *razão*, mas a *intuição* – rápida e profunda. Não mais projeção da consciência *para o exterior*, por meios sensórios que apenas tocam a superfície das coisas, mas expansão em direção totalmente diversa, *para o interior*: percepção anímica direta, contato imediato com a essência das coisas.

Eis a consciência maior que vos aguarda. Essa é a consciência que, no princípio, chamamos latente, a qual se dilata continuamente, aumentando com os produtos de vossa consciência. Em vós, a superconsciência está em estado de germe, à espera de desenvolvimento para revelar-se. Agora compreendeis qual o valor a ser dado às palavras razão, análise, ciência, que vos parecem ser tudo. Para progredir mais, tereis de sair do plano de vossa consciência, ao qual estais penosamente presos, e conquistar um ponto fora dela. As intuições do gênio e as criações morais do santo são apenas perpendiculares levantadas ao plano da superconsciência, por antecipação. Por isso vos disse que a intuição é a nova forma de pesquisa da ciência futura; somente ela vos pode dar sabedoria, em vez de ciência. Isto vos explica o inexorável relativismo de vossos conhecimentos, a limitação e a relatividade de vossa sínteses, a escravidão da análise, a vossa impotência apriorística de alcançar o absoluto. A superfície, ainda que percorrida em todos os sentidos, jamais vos dará a síntese volumétrica. *Razão e intuição, análise e síntese, relativo e absoluto, finito e infinito* são dimensões diferentes, produzidas em planos diferentes. Absoluto e infinito estão em vós em estado de germe; tremem na profundidade de vosso eu como um pressentimento: nada mais. Aí vos espera a maior aproximação conceptual da Divindade. Eu estou neste plano mais alto, de consciência volumétrica, onde se domina todo o tempo, até mesmo o futuro, porque estamos fora e acima de vosso tempo; aqui, a concepção é visão global instantânea de tudo o que só concebeis sucessivamente; aqui, tenho, por visão direta, a síntese que agora vos

transmito. Destes planos mais altos, descem as revelações que se comunicam a vós por sintonização de ondas psíquicas, partindo de seres de outras esferas; consciências imateriais, que não são perceptíveis aos vossos sentidos e que vossa razão não pode individualizar.

Assim sucedem-se as três dimensões de β , α , $+x$, para as quais – de modo análogo a como γ , a *matéria*, vos deu o *espaço* – temos o seguinte:

- 1º) *O tempo*, isto é, o ritmo, onda, unidade de medida da dimensão de β , *a fase energia*.
- 2º) *A consciência*, isto é, a percepção externa, razão, análise, finito, relativo, dimensão de α , *a fase vida, que culmina no psiquismo humano*.
- 3º) *A superconsciência*, isto é, a percepção interna, intuição, síntese, infinito, absoluto, dimensão de $+x$, *a fase super-humana*⁹.

Desse modo, *as dimensões se sucedem por trindades sucessivas e contíguas* na escala progressiva da evolução, desde o ponto até à linha, à superfície, ao volume, ao tempo, à consciência, à superconsciência, numa contínua dilatação de princípio. Tudo evolui, e, com os universos, também suas dimensões. Agora podeis compreender como a abertura de uma espiral maior, produzida pela abertura de uma menor (cfr. diagrama fig. 5) ocorre não no sentido espacial, pois a dimensão muda a cada abertura de ciclo, mas sim no sentido da evolução, que é, como dissemos, a dimensão do infinito. O infinito positivo e o infinito negativo ($+\infty$ e $-\infty$), que aparecem no diagrama com expressão espacial, têm assim, na realidade, outro valor, totalmente diferente. As dimensões aparecem e desaparecem ao progredirem. Então morrerá o *espaço com a matéria, o tempo com a energia, a relatividade com a consciência*; mas a Substância ressurgirá em formas e dimensões mais altas, assumindo sempre novas direções. Cada dimensão é relativa e, ao longo da evolução, segue uma precedente, mas precede uma seguinte, havendo sempre um degrau mais alto para subir, uma fase superior aguardando-a. A cada salto para frente, conquista-se o domínio da própria dimensão, que antes não era acessível senão sucessivamente. O campo de ação e de visão se dilata; do alto se domina o que está embaixo.

Reencontramos também o princípio da trindade em toda a parte; nas três fases de vosso universo: *matéria* (γ), *energia* (β), *espírito* (α); em seus três aspectos: *estático*, *dinâmico*, *conceptual* (ou mecânico); nos dois sistemas dimensionais observados: *linha*, *superfície*, *volume* (espaço); *tempo*, *consciência* (relativo) e *superconsciência* (absoluto).

XXXVIII. GÊNESE DA GRAVITAÇÃO

O desenvolvimento desses conceitos nos abre a porta para o estudo de outro problema que nos aguarda: a fase β (energia). Indiquemos suas primeiras formas, para depois analisar as outras, que derivam delas por evolução.

Assim como o hidrogênio é o tipo do protozoário monocelular da química inorgânica e o carbono é o da química orgânica, também a *gravitação* é a *protoforça* típica do universo dinâmico. Quando γ , na última fase radioativa de sua maturação evolutiva, chega pela primeira vez à gênese de β (cfr. o ingresso em β da criação *b*, fig. 2), o universo, à proporção que se desintegra como matéria, é invadido por energia radiante. Involuindo (cfr. a descida da linha quebrada de β a γ na criação *b*, fig. 2), essa energia condensa-se, por correntes dinâmicas centrípetas, no núcleo da nebulosa espiralóide (o qual, por representar a máxima concentração dinâmica, é justamente sua parte mais quente), sendo esta a origem para o vórtice da Via Láctea (cfr. fig. 2, criação *c* e subida de γ para β). Enquanto a matéria torna a percorrer seu ciclo de maturação evolutiva, ela está toda vibrante com essa energia em período de difusão. Quando novamente a matéria torna-se velha, a energia que dela renasce mais madura não tende mais a se envolver novamente em um novo núcleo-matéria, mas sobe para α , entrando nos caminhos da vida e da consciência. A razão pela qual apareceu a vida em vosso planeta e em outros do sistema solar é justamente porque, como vimos, este sistema já é velho. Aqui, a matéria, encontrando-se em sua última fase de maturidade, está morrendo por desagregação radioativa, e a energia se dirige decididamente para a fase superior: α .

A primeira gênese de β , a gravitação, aparece, portanto, como forma originária de energia, matriz da qual nascerão, como filhas, todas as outras formas, por meio de distinção e diferenciação no processo evolutivo. Particularizemos. Entendo aqui, como gravitação, não a pequena gravitação de Newton – caso particular ao vosso planeta – mas sim uma gravitação de sentido mais amplo, que resulta do equilíbrio das forças inversas de atração e repulsão, opostas e complementares (lei de dualidade, que veremos a seguir);

uma gravitação filha direta do movimento, isto é, *energia gravífica, filha da energia cinética*. Eis como ocorre a transformação: o movimento, primeiro produto da evolução físico-dinâmica, é força centrífuga e, por isso, tende à difusão, à expansão, à desagregação da matéria. Expansão em todas as dimensões é, com efeito, a direção da evolução. Mas, em determinado ponto, essa direção se inverte, por lei de equilíbrio, numa direção centrípeta (contraimpulso involutivo), e as forças de expansão se complementam com as de atração. Assim, a primeira explosão cinética encontra seu ritmo, pois, tão logo a desordem se manifesta, o princípio da Lei a reorganiza em nova ordem, equilibrando o movimento num par de forças antagônicas. Dessa forma, a gravitação vos aparece como energia cinética da matéria, estando, pelo fato de ter nascido diretamente desta, tão inerente e estreitamente ligada a ela, que não vos é possível isolá-las uma da outra. Assim a matéria atrai a matéria, e o universo, constituído de massas lançadas em todas as direções e separadas por imensas distâncias, está, não obstante, todo ele “ligado” numa unidade indissolúvel, mantendo-se unido e, ao mesmo tempo, sendo movimentado por esta força, que origina sua circulação e sua respiração física. Então, com o surgimento da forma protodinâmica, o universo se move pela primeira vez; são gerados os movimentos siderais; a gravitação inicia seu papel de guia (a Lei, onipotente, disciplina instantaneamente todas as suas manifestações) de acordo com o binário atração-repulsão, que compõe o binômio (+ e – ; positivo e negativo) constitutivo de toda a força e de toda manifestação do ser. Em nova fase, a Substância adquire a forma de consciência linear do devenir fenomênico, a primeira dimensão do sistema trino que sucede ao espacial. Nasce o tempo. Propaga-se a protoforma de β . Com o movimento, nasce a direção, a corrente, a vibração, o ritmo, a onda. Nasce o tempo, que mede a velocidade de transmissão. O universo é todo invadido por nova palpitação, num mais intenso e mais rápido devenir. Então a matéria, recondensada por concentração das correntes dinâmicas, reinicia seu ciclo ascensional, sendo toda tomada por um vórtice dinâmico que a guia e a plasma na gênese estelar, numa evolução que, diferente e superior àquela íntima maturação estequiogenética precedente, dará origem não apenas a miríades de novas criaturas mais ágeis e ativas, mas

também à eletricidade, à luz, ao calor, ao som e assim por diante, gerando toda a série das individuações dinâmicas, que se destilarão, por fim, na criação superior da vida.

A individualidade desses novos seres “*radiantes*”, extremamente rápidos e dinâmicos diante das individuações de γ , é definida pelo ritmo, pela onda. A unidade de medida das formas de β é a velocidade de vibração na dimensão desta fase, o tempo.

Chegamos assim às primeiras afirmações novas para vosso mundo científico. A gravitação, mais exatamente a energia gravífica, é a protoforma do universo dinâmico. Sendo energia, é *radiante: transmite-se por ondas*. Tem uma velocidade própria de propagação superior à das ondas eletromagnéticas e à da luz (300.000 quilômetros por segundo), sendo a máxima no sistema. Aqui são completados os conceitos da teoria de Einstein. *A gravitação é relativa à velocidade de translação dos corpos*. A massa varia e aumenta com o crescimento da velocidade, da qual é função (demonstrável experimentalmente). O peso aumenta por novas transmissões de energia e vice-versa. O conceito de transmissão instantânea cai para todas as forças. A gravitação leva tempo, ainda que mínimo, para se transmitir e, como todas as formas dinâmicas, tem *um comprimento de onda típico*. Compõe-se, já o dissemos, tal como qualquer outra unidade, de duas metades inversas e complementares: atração e repulsão, movendo-se entre esses dois extremos: positivo e negativo. A lei descoberta por Newton, baseada nos trabalhos de Kepler, denominada lei de atração ou gravitação universal, diz que “a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias”. Mas, com isso, a mecânica newtoniana não pôde explicar nada da arquitetura dos mundos. Esse enunciado nada mais é senão a confirmação do fato de que a atração decresce na razão do quadrado da distância, indicando *o princípio que mede a difusão da energia gravífica*, o qual é simplesmente um aspecto do *princípio que regula a difusão de qualquer forma de energia* e que vos demonstra sua origem comum: *o princípio da onda e de sua transmissão esférica*. As radiações conservam todas as características fundamentais da energia cinética, de onde nasceram, sendo essa comunhão de origem o fator que estabelece entre elas a afinidade de parentesco. Outra prova do

parentesco das formas dinâmicas está na qualidade da luz, derivação próxima, por evolução, da energia gravífica. Nesta forma de energia radiante luminosa, reencontrais, em parte, as características da originária forma de energia radiante gravífica. Einstein afirmou, com base em cálculos – tendo sido tudo confirmado posteriormente por observações feitas durante eclipses solares – que os raios luminosos estelares sofrem um desvio ao passar nas vizinhanças do Sol, por serem *atraídos* por ele. Poder-se-ia dizer que *a luz pesa*; que *a luz sofre o influxo dos impulsos atrativos e repulsivos de ordem gravífica*; que *existe uma pressão nas radiações luminosas*. Direi mais: *todas as radiações, ao se propagarem, exercem uma pressão de natureza gravífica, apresentando fenômenos de atração e repulsão em razão direta de sua proximidade genética, na sucessão evolutiva, de sua protoforma dinâmica: a gravitação*. Dirigi vossas pesquisas neste sentido, analisando por meio de cálculos estes princípios, e a ciência realizará descobertas que a revolucionarão.

Resumindo. Temos primeiramente a fase γ , em seu desenvolvimento estequiogenético, desde o H até aos corpos radioativos. Depois, ocorre o ingresso na fase β , por gradações, desde a matéria envelhecida e radioativa até à *energia cinética, que logo se individualiza por ondas, na protoforma de energia gravífica*. Desta nascem e desenvolvem-se, como veremos, todas as demais formas dinâmicas, em contínua distinção (por vibração, ritmo, onda), numa ascensão evolutiva que culminará na vida.

Mas, antes de entrar neste novo campo, é indispensável lançar um último olhar no aspecto conceptual ou mecânico do universo, perscrutando de mais perto o conteúdo da grande lei em seus principais *aspectos menores*.

XXXIX. PRINCÍPIO DA TRINDADE E DA DUALIDADE

Já dissemos tanto, descrevendo a grande lei, e ainda estamos na superfície. Na Lei existe infinita profundidade, e quanto mais a mente a penetra, mais encontra aspectos íntimos e particulares. A Lei possui uma infinidade de volumes, capítulos, artigos, palavras e letras, subdividindo-se ao infinito no particular, aspecto que mais vos golpeia, por estar mais próximo de vós, naquele mundo de efeitos em que trabalhosamente procurais os princípios cada vez mais altos da síntese. Na exposição precedente, contemplamos a Lei na grandiosidade de seu conjunto. Agora tentaremos nos aproximar do seu *aspecto de pormenor*, examinando mais de perto alguns de seus capítulos.

Em sua universalidade, o princípio do todo é: *organismo* em seu aspecto estático, *evolução* em seu aspecto dinâmico (devenir) e *monismo* em seu aspecto conceptual. Podemos então definir o universo como uma unidade orgânica em evolução. Este princípio unitário, orgânico, evolutivo é a nota fundamental do monismo: *a ordem*. Esta é a característica dominante da Lei. Diferenciando-se em infinitos princípios menores, esta *unidade* de princípio é, num primeiro momento, *trindade e dualidade*.

Vimos que um dos princípios basilares da Lei, segundo o qual as individuações se reagrupam em unidades coletivas, é o da “*trindade*” da Substância. Correspondendo a um princípio de “*equilíbrio*” superior (*ordem*), é um sistema mais completo, em que o ser, ao diferenciar-se por evolução, distinguindo-se dos afins, reorganiza-se, reencontrando assim a unidade. Vemos esse princípio em toda a parte e, muitas vezes, tivemos que lhe notar a presença. Trina é a Divindade em Sua lei; trifásica é a criação de qualquer universo e tríplice é o seu aspecto; tridimensionais são o espaço e o sistema-consciência, bem como os demais sistemas dimensionais que os precedem e sucedem. Trino é o homem em seus princípios (um corpo físico, um dinamismo motor e uma inteligência diretora para regular esse movimento); constituindo um microcosmo feito à imagem e semelhança de Deus. O universo se individualiza por unidades trinas. Na série das unidades coletivas, no processo de recomposição

unitária com que o todo compensa e equilibra o processo separativo da diferenciação evolutiva, o primeiro múltiplo verdadeiro de um é três, enquanto, como veremos, o submúltiplo de um está no dois, no sentido de que o uno é trino e constitui ao mesmo tempo uma dupla metade. A humanidade sentiu por intuição e recebeu através das revelações este princípio da trindade, que encontrais não apenas nos fenômenos, mas em toda parte do pensamento religioso humano, como que impresso em seu espírito. Encontrais esse princípio na trindade egípcia de Osíris, Ísis, Horus; na trindade indiana de Brahma, Avidya, Mahat; na trindade cristã de Pai, Filho, Espírito. Também o encontrais na consciência religiosa dos três estados da alma: Inferno, Purgatório, Paraíso, tão perfeitamente expressos em seu equilíbrio, na visão de Dante.

Como vedes, os conceitos desta minha revelação não são novos no mundo, coincidindo com os das revelações precedentes, que são aqui completadas e amplificadas. Apenas exponho à vossa maturidade intelectual, com demonstração evidente e exatidão científica, o que não podia ser dito a mentes primitivas senão na forma de imagens e sob o véu do mistério. Dou-vos, desta forma, a fusão perfeita entre fé e ciência, entre intuição e razão. Com a ciência, demonstro e convalido o mistério, explicando a nova afirmação das revelações, enquanto, com o conhecimento, imponho-vos o dever de uma vida mais elevada. Realizo a fusão entre as duas metades do pensamento humano, até agora divididas e inimigas; entre o oriente, sintético, simbólico e sonhador, e o ocidente, analítico e realista. Dou continuação à vossa ciência do último século, não me opondo a ela, mas sim completando-a com o espiritualismo. Supero, sem destruí-la, essa ciência que, por ter-se dirigido exclusivamente à matéria, não poderia passar de uma visão unilateral deste pequeno campo, ignorando e negando todo o resto. Não combato a ciência, mas a defino como fase superada, embora necessária para alcançar o atual momento, em que ainda urge avançar para as mais profundas realidades do espírito. Afirmo, como complementação e continuação da precedente, uma nova ciência, que, abandonando os tristes e loucos antagonismos de outrora, vos leve imensamente mais adiante, em harmonia com todas as crenças e todas as religiões.

Ao lado do princípio da trindade existe outro, que lembramos ao ilustrar o conceito monístico do universo, no estudo da gênese e da constituição das formas dinâmicas. Este princípio é dado pela “lei da dualidade”, que considera a unidade não no seu reordenamento em sistemas coletivos superiores, mas sim na sua íntima composição. Acima da unidade está o três, em seu interior está o dois. Esta dualidade é no sentido de que a individuação nunca é uma unidade simples, mas sempre um dualismo no qual a unidade, em seu aspecto estático, se divide em duas partes: a do ser e a do não-ser; em duas metades inversas e complementares, contrárias e recíprocas, antagônicas e necessárias. Em seu aspecto dinâmico, é um contraste entre dois impulsos opostos, que se movem e se balanceiam em um equilíbrio instável, o qual continuamente se desloca e se renova. É um ciclo feito de semiciclos que se perseguem e se completam. É uma pulsação íntima, segundo a qual a evolução avança. Este dualismo é o binário que guia e canaliza o movimento sobre o qual avança a grande marcha do transformismo evolutivo, tanto que, sob esse aspecto, concebe-se uma cosmogonia dualista. O monismo, em seu íntimo devenir, é dualista. Esse é seu ritmo interior; essas são as duas margens da estrada ao longo da qual ele avança, não de modo retilíneo, mas sempre oscilando sobre si mesmo. Dupla é a respiração de todo fenômeno: inspiração e expiração; dupla é a sua pulsação: centrífuga e centrípeta; duplo é o seu movimento: avanço e retrocesso. A evolução é realizada por esta íntima oscilação e, por força dessa oscilação, progride. O devenir é produzido por esse íntimo contraste. O movimento ascensional é a resultante desse jogo de impulsos e contraimpulsos entre duas margens invioláveis, de onde o movimento volta sempre sobre si mesmo. O fenômeno caminha apoiando-se alternadamente em cada uma dessas duas forças-metades que o determinam. O movimento genético da evolução é constituído por essa íntima vibração, que transmuda o ser em outra forma.

Essa lei de dualidade vós a encontrais em toda parte. Cada unidade é dupla e se move entre dois extremos, que são seus dois polos. Os sinais + e – estão em toda parte, e o binômio reconstrói a unidade, que sempre vos aparece como um par: dia e noite, trabalho e repouso, branco e negro, alto e baixo, esquerdo e direito, frente e

atrás, direito e avesso, externo e interno, ativo e passivo, belo e feio, bom e mau, grande e pequeno, Norte e Sul, macho e fêmea, ação e reação, atração e repulsão, condensação e rarefação, criação e destruição, causa e efeito, liberdade e escravidão, riqueza e pobreza, saúde e doença, amor e ódio, paz e guerra, conhecimento e ignorância, alegria e dor, paraíso e inferno, bem e mal, luz e trevas, verdade e erro, análise e síntese, espírito e matéria, vida e morte, absoluto e relativo, princípio e fim. Cada adjetivo, cada coisa possui seu contrário; cada modo de ser oscila entre duas qualidades opostas. Cada unidade é uma balança entre esses dois extremos e equilibra-se neste seu íntimo princípio de contradição. Os extremos se tocam e se reúnem. As diferentes condições em que o princípio do dualismo se move produziram todas as formas e combinações possíveis, mas elas se equivalem como princípio único. A unidade é um par. O universo é monismo em seu conjunto e dualismo no particular, uma dualidade que, ao mesmo tempo, contém o princípio de contradição e de fusão; que divide e reúne, dando a cada forma do ser uma estrutura simétrica (princípio de simetria); que dá ao desenvolvimento de cada fenômeno uma perfeita correspondência de forças equilibradas. Também o dualismo corresponde a um *princípio de “equilíbrio”*, que é momento do princípio de *“ordem”*, fundamental na Lei. O que define a unidade em sua íntima estrutura e garante a sua estabilidade no devenir fenomênico, tornando inviolável sua trajetória, não é somente o princípio de inércia, mas também esse desenvolvimento de forças que, embora antitéticas, atraem-se reciprocamente e mantém aquele devenir unido e compacto. É um ir-e-vir, mas em campo fechado, cujos limites não podem ser ultrapassados. Se o movimento não fosse equilibrado por esse contínuo retorno sobre si mesmo, o universo ter-se-ia deslocado há muito, todo ele numa só direção, e assim perdido seu equilíbrio. A evolução é uma íntima autoelaboração, um amadurecimento devido a um movimento que, regressando sobre seus passos e fechando-se sempre sobre si mesmo, como uma respiração, modifica a forma, mas permanece imóvel externamente, não atuando além dos limites dela. A cada movimento, um ritmo que muda o fenômeno, sem poder sair dele, não lhe sendo possível invadir ou alterar os ritmos de outros fenômenos. Este princípio de antítese e de simetria, que sem cessar divide e reúne,

reúne e divide, podemos chamá-lo monismo dualista e dualismo monista. O positivo vai + e volta –; o negativo vai – e volta +, numa constante inversão de sinal e de valor. Combinai e multiplicai este princípio com o das unidades coletivas e vereis como o universo está todo unido num indissolúvel abraço.

Podeis agora compreender como o mais complexo princípio e equilíbrio da trindade deriva desse simples princípio e equilíbrio da dualidade. A ida e volta dos dois sinais não é estéril, pois do novo encontro nasce o *novo termo*, o terceiro da trindade, o qual, representando a continuação do fenômeno, regressará por sua vez ao termo contrário, a fim de gerar novo termo, e assim por diante. Aqui reencontrais, nesses sinais opostos, o conceito das subidas e descidas da linha quebrada do diagrama da fig. 2: as primeiras, positivas e as segundas, negativas. Diante da trajetória maior assinalada pela faixa ascensional, limitada pelos vértices e mínimos das criações sucessivas, estas linhas representam o ritmo interior do fenômeno. Desse ritmo nasce sempre um novo termo; a cada oscilação positivo-negativa, da qual toda criação se compõe, completa-se uma nova fase; a fase máxima torna-se depois fase média e, finalmente, fase mínima, que é o germe ou base do fenômeno, seu ponto de partida, e não mais ponto de chegada. Assim, no diagrama da fig. 4, os períodos positivos de desenvolvimento da espiral se alternam com os períodos negativos de envolvimento, e desta sua oscilação interna, positivo-negativa, evolutiva-involutiva, forma-se e progride a espiral maior da evolução do fenômeno. Por exemplo, do ciclo que, partindo da ação e da experimentação (fase positiva de atividade), alcança a assimilação de valores (fase negativa de passividade), emerge aquela criação de qualidades e capacidades da qual nasce e se desenvolve, no campo da vida, a consciência. Por isso a dor se alterna com a alegria, mas como elemento de experiência e de progresso, condição para uma alegria cada vez maior; a morte se alterna com a vida, mas como fator de desenvolvimento da consciência, condição de uma vida mais elevada. Também as revelações das religiões instruem o homem, enquanto o homem as analisa e assimila, amadurecendo para receber outras cada vez mais completas. Assim, por análise e síntese, síntese e análise, progride a ciência. Fé e ciência, intuição e razão, oriente e ocidente, completam-se, como termos complementares,

como duas metades do pensamento humano. Vedes como sempre se completam os conceitos precedentes ao voltarmos a eles. Vedes como no princípio de dualidade estão o segredo e o íntimo mecanismo das novas criações.

Encontrais assim *uma razão mais profunda para a fase de involução*, que representa a dissolução dos universos. Este é um processo de neutralização da fase positiva de criação, um processo de degradação do fenômeno, uma decomposição do organismo em seus centros menores. Mas não é destruição de fato, porque essas unidades menores são logo retomadas em novo ciclo, sendo reorganizadas em novas unidades. O regresso involutivo expresso pelo envolvimento da espiral, ou descida da linha quebrada, representa o período de inércia, negativo, que se contrapõe ao período positivo, de atividade, de criação. Na fase de inércia, o fenômeno se fecha em si mesmo, passivo; seu dinamismo se detém; o esforço criativo diminui; a tensão da subida e o transformismo, cansados, recaem sobre si mesmos. Cada fenômeno possui seu cansaço, ponto no qual ocorre a exaustão do impulso concentrado no germe e se dá inversão do período de atividade precedente. O regresso ao ponto de partida é indispensável: o efeito reúne-se à causa, a forma retorna ao seu germe. Atividade e inércia são o duplo ritmo de períodos inversos por meio do qual se desenvolve o fenômeno. Assim, o fenômeno oscila da semente ao fruto, do fruto à semente, que são os dois extremos, positivo e negativo, de seu devenir. Positivo e negativo são apenas posições do fenômeno. A semente (+) é o estado de latência, que contém tudo potencialmente; o fruto (–) é o resultado da exaustão do ciclo, o estado subsequente à manifestação, quando o princípio contido no germe se exteriorizou na definição da forma do ser.

Alguns atribuíram valor de lei máxima a essa dualidade e, vendo nela o princípio genético dos fenômenos, generalizaram o conceito de acasalamento, atribuindo ao choque das massas siderais o sistema “normal” de gênese estelar. Mas não é assim. É verdade que os sistemas planetários são constituídos por um centro positivo, o sol, ao redor do qual giram os planetas, de sinal negativo; que ao redor do núcleo positivo do átomo giram os elétrons negativos; que essa tendência à inversão do sinal guia as correntes dinâmicas para a

concentração no núcleo das nebulosas. Mas a evolução é a lei maior, contendo dentro de si todos os movimentos da lei menor de dualidade. *O choque é apenas um sistema genético excepcional e particular, ao passo que o sistema tipo é a maturação evolutiva.*

Por causa desse princípio de dualidade, a criação vos parece uma contraposição alternada entre termos contrários, orientada, ritmada e periódica. Mas esse princípio é a base do constante equilíbrio na criação. Por meio dele, explicais a distinção da força de gravitação em suas direções de atração e repulsão, de acordo com o sinal, bem como a simpatia universal entre os contrários e a antipatia entre os semelhantes. O todo é metade afirmação, metade negação. Nessa inversão contínua, renova-se sempre a ação e a criação. A energia vital do ar é bipolar: nitrogênio e oxigênio. Do mesmo modo, na decomposição da água (eletrolise), o oxigênio migra para o polo positivo e o hidrogênio para o negativo. A reação representada pela equação $2\text{H}_2\text{O}=\text{O}_2+2\text{H}_2$ na fase análise, inverte-se na equação $2\text{H}_2+\text{O}_2=2\text{H}_2\text{O}$ na fase síntese. Em suas duas metades, + e –, síntese e análise, o ciclo fica completo. A rotação das esferas celestes e a oscilação da onda dinâmica por sucessão de duas semiondas, assim com todo e qualquer movimento, resultam dessa alternância de períodos inversos. Esta é a íntima estrutura da lei de equilíbrio, pela qual o mal se alterna com o bem, a dor com a alegria, a pobreza com a riqueza, os homens e as civilizações sobem e descem, e tudo se condiciona reciprocamente. Escutai essa íntima música do universo, observai essa constante polarização que dirige o ser e o orienta como uma agulha imantada. Nessa troca perpétua, tudo ressoa de harmonias, como um cântico universal.

Olhai: a matéria, derivada por involução da forma originária dinâmica, alcança, através de estados de progressiva condensação (gasoso, líquido e sólido), um máximo de concentração e de inércia num volume mínimo. A energia que daí renasce vai para um máximo de expansão e de atividade, como nos é indicado pelo fato de que a difusão e o movimento são as primeiras características da energia. Assim, matéria e energia invertem seus sinais. Notai ainda: as plantas decompõem o gás carbônico produzido pelo animal, assimilando seus produtos de refugo, enquanto ocorre a recíproca em relação ao oxigênio. Os órgãos vegetais são uma inversão dos órgãos animais e

realizam uma respiração inversa. Deste princípio de equilíbrio nascem as maravilhosas figuras simétricas dos flocos de neve e das flores do campo; nascem as simetrias das formas dos cristais, das formas da vida, dos corpos planetários estelares e de suas elipses. Por essa mesma lei, a morte é condição de renascimento e o nascimento é condição de morte. Não existe mais fecunda forja de vida do que a morte, de cujas ruínas a vida jamais cessa de ressurgir cada vez mais bela. O princípio condiciona o fim, mas o fim gera o princípio. Eis, no relativo de que sois feitos, o limite do finito, constrangido a girar sempre sobre si mesmo; a nascer e a morrer; a ter de perseguir, para existir, o infinito, num movimento que jamais conhece o repouso.

O universo é uma inexaurível vontade de amar, de criar, de afirmar, sempre em luta com o princípio oposto, feito de inércia, de ódio, de destruição, de negação. O primeiro é positivo e ativo, o segundo é negativo e rebelde. Deus e Diabo são os dois sinais (+ e -) do dualismo. É luta, mas é equilíbrio; é antagonismo, mas é criação, porque do choque e do contraste nascem uma criação, um amor e uma afirmação cada vez mais vastas. O bem se serve do mal para progredir, compreende o mal e o constrange a seus fins. O bem é o futuro da evolução, o mal é o oposto; e é sobre o mal que a evolução se apoia para subir. A instabilidade das coisas não é uma condenação, mas uma escada de progresso. Não fujais do movimento no Nirvana, mas lançai-vos nele, em seu vórtice, para que ele vos leve cada vez mais alto. Cristo vos ensinou a vencer a morte e a superar a dor, transformando-a em instrumento de ascensão. Lutai corajosamente, sabeis sofrer e vencer, pois, assim, cada minuto vos levará mais para o alto, em direção a Deus.

XL. ASPECTOS MENORES DA LEI

Em razão desses princípios de *trindade e dualidade*, o universo é um trinômio e um binômio ao mesmo tempo. Ambos, como vimos, encontram a unidade no *monismo* de suas equivalências. O todo é concomitantemente *unidade, dualidade e trindade*.

Ao lado desses aspectos principais da Lei, temos outros *menores*, nos quais a *unidade* ainda *se subdivide* e *se diferencia*. As faces do poliedro são infinitas; a Lei é verdadeiramente inexaurível. Imaginai o código que deve guiar o funcionamento de um universo tão vasto e tão complexo, regulado com tanta perfeição!

Vimos o *princípio das unidades coletivas*, ao qual corresponde, no aspecto dinâmico, o dos *ciclos múltiplos* e, no aspecto conceptual, o das *leis múltiplas: organismo de formas, organismos de forças, organismo de leis*. Também em seu aspecto conceptual, o universo é um organismo.

A Lei, que, como vimos, se decompõe em princípios menores, aqui se recompõe em maiores. *Princípio de divisibilidade e recomposição*, que reencontrais com evidência na possibilidade universal de análise e síntese, desde a química até à filosofia. *Princípio de reunificação*, no qual se equilibra o *princípio de subdivisão*.

Um princípio que guia a forma na ascensão evolutiva, oposto ao das unidades coletivas e da recomposição, é o da *diferenciação*, pelo qual a evolução ocorre passando do indistinto ao distinto; do genérico ao específico, ao particular; do homogêneo ao diferenciado. Essa tendência à multiplicação dos tipos, à subdivisão da unidade, encontra seu contraimpulso compensador, com o qual se reconstrói o equilíbrio, na tendência à reorganização e reunificação, devida ao princípio das unidades coletivas. Esse processo de reorganização implica uma progressão constante da complexidade. Tais princípios são forças-tendências, que se manifestam como um instinto, uma necessidade do devenir, no sentido de ser segundo esse próprio princípio. Muitas vezes eles se conjugam como contrários, balanceando-se assim em perfeito equilíbrio.

Outro princípio decorrente da lei de evolução é o da *relatividade*.

Se apenas o relativo pode evoluir, então a evolução só é possível num mundo sucessivo, finito, progressivamente perfectível, como é o vosso.

O *princípio do mínimo esforço* regula a economia da evolução, evitando dispêndio inútil de forças.

O *princípio de causalidade* garante a concatenação no desenvolvimento fenomênico, fazendo o efeito derivar da causa (antecedente e conseqüente) e, assim, ligando em rígida conexão os momentos sucessivos do devenir. Essa lei assinala o ritmo de vosso destino.

Paralelo ao princípio de causalidade está o *da ação e reação*. Observai esse dualismo ativo-reativo nos fenômenos sociais, que não progridem em linha reta, mas sim por caminhos tortuosos, feitos de impulsos e contraimpulsos, recordando-vos o percurso dos rios. Não há dúvida de que eles avançam numa correnteza, oscilando entre suas duas margens: o bem e o mal. Cada posição, cada conquista, cada afirmação é levada às últimas conseqüências, até chegar ao abuso. O homem, totalmente inconsciente, não sabe parar senão quando a lei de reação levanta um dique. Mas, depois, a nova posição tomada também é levada ao abuso, até chegar ao ponto no qual a mesma lei constrói um novo dique, repelindo o impulso. O homem, absolutamente ignaro e passivo diante da Lei, é totalmente incompetente para dirigir-se a si mesmo. Acreditais que sejam os governos e os parlamentos que guiam os povos? Não. Eles constituem apenas um expoente. Mesmo nos períodos de anarquia, a história caminha por si, sabiamente guiadas pelas forças ocultas contidas na Lei. O homem é sempre “constrangido”, para sua salvação, num ritmo que ele não sabe compreender e que, por isso, chama de fatalidade.

Serve-nos como exemplo a história da França, desde Luís XIV até à Revolução e Napoleão. Não se corrige um abuso senão com outro abuso. Dizeis que a riqueza é um furto, mas somente para roubá-la; sois virtuosos, mas apenas para perseguir os outros em nome da virtude. Assim recaís sempre sob o peso das conseqüências de vossas ações, sem jamais quebrardes o ciclo dos erros. É desse modo que, de abuso em abuso, move-se a correnteza. Homem algum existe sem culpa; mesmo quando acredita dominar e vencer, é apenas um

autômato no seio da Lei, que, a cada volta, lhe diz: basta! Esse é o perigo que ameaça vossa civilização mecânica. Ai de vós se abusardes de vosso poder, abandonando-vos aos instintos das épocas passadas; se, dispondo de tais meios de destruição, não renovardes vossa psicologia, estais perdidos.

Muitas vezes, no organismo das leis, algumas se tocam em continuação, completando-se mutuamente. Por isso, do princípio de causalidade, passa-se ao de *continuidade*, pelo qual a derivação consequente está ainda mais estreitamente ligada à sua causa, por continuidade: “*natura nom facit saltus*”.

Contíguo a este, há o *princípio de analogia ou de afinidade*, que já notamos e aplicamos na estequiogênese, pelo qual, assim como todos os princípios se assemelham no fundo comum do monismo ou unidade de princípio universal, também as coisas têm caracteres em comum, que permitem seu reagrupamento em unidades coletivas. Somente são possíveis contatos, permutas e fusão entre afins, sendo que, neste caso, a afinidade corresponde ao princípio do menor esforço. Vedes um exemplo na formação de vosso pensamento: *o desenvolvimento conceptual de menor resistência é o que procede por associação de ideias*. O pensamento é vibração e transmite-se por ondas, que somente excitam as vibrações das ondas afins. O que desperta uma ideia em vossa consciência ou memória é precisamente a presença da onda correspondente à ideia afim. Quando não conseguis recordar, a ideia está latente, como potencial, na vossa consciência, constituindo assim apenas capacidade e disponibilidade para responder, tal como um instrumento musical que ninguém toca. Nesse estado, a ideia está em repouso, não vibra e não é sentida, estando fora daquele estado de vibração a que chamais consciência. Uma vibração afim, por tipo e comprimento de onda, desperta-a espontaneamente, ao passo que uma ideia diferente e longínqua, embora lógica e sistematicamente próxima, não poderá jamais ressuscitá-la.

O *princípio geral de ordem* diferencia-se segundo o princípio de dualidade, tornando-se lei de *simetria*, lei de *compensação* e lei de *reciprocidade*, enquanto, no movimento, passa a ser *ritmo*, lei pela qual *todo o universo funciona por meio de ritmos*, desde os fenômenos astronômicos até aos psíquicos, dos fenômenos químicos

até aos sociais. Rítmico é o devenir; periódico é o transformismo em todos os campos. A evolução, que distingue as formas, é *diferenciação também de ritmos. O princípio de ordem é princípio de equilíbrio*. Vede como, no universo, não só tudo está em seu lugar, mas se equilibra espontaneamente. Observai como, num mundo tão complexo, existe um lugar para vosso esforço, proporcional às vossas forças. O acaso não pode produzir esses equilíbrios. E é essa proporcionalidade que, se não vos garante o ócio, garante-vos a vida; se a vós impõe um esforço adequado, assegura-vos o indispensável. As posições que ocupais, belas ou feias, não são eternas, pois também a duração do esforço e do repouso é medida e proporcionada. Nessas leis, encontrareis a razão de tantos fenômenos que vos tocam tão de perto.

Outros princípios, como o da *indestrutibilidade da Substância* e o do *transformismo universal*, estão implicitamente contidos na lei de evolução e são (já falamos disso) imediata consequência dela, na qual também estão inclusos o *princípio de autoelaboração*, o *princípio do desenvolvimento cíclico*, o *princípio de extrinsecação do latente*, segundo a mecânica da semente e do fruto, o *princípio de inércia*, que garante a estabilidade do fenômeno (misoneísmo, resistência da trajetória a qualquer desvio), o *princípio de finalidade*, que lhe estabelece a meta.

Outros representam aspectos secundários da grande lei, e cada palavra utilizada para descrevê-la pode constituir um seu princípio particular. O princípio único pulveriza-se nos pormenores, nas condições mais diversas de atuação e em todas as combinações possíveis. Poder-se-ia acrescentar também o *princípio de adaptação e de elasticidade*, pelo qual cada princípio sabe modelar-se em infinitos matizes nos casos particulares, e o *princípio de difusão e repercussão*, segundo o qual cada vibração, assim como toda variação, encontra um ouvido que a escuta, um eco que a repete, uma resposta que a completa. Até ao infinito, a série dos princípios é apenas a descrição dos infinitos momentos e aspectos do universo. Esses princípios virão espontaneamente à luz, à medida que continuarmos.

Longe de ter uma finalidade apenas descritiva, esta exposição de princípios possui um significado mais profundo, que é *traçar para*

vós as leis dos fenômenos. Uma vez estabelecido que, em muitos casos, determinado princípio corresponde à realidade, ele não apenas poderá ser estendido, pela lei de analogia, a todos os fenômenos, mas também poderá, quando o fenômeno for visível somente em um segmento de seu transformismo, completá-lo, defini-lo e descrevê-lo nos trechos em que este escapa à vossa observação direta.

Individuando e agrupando os fenômenos em leis e princípios, ser-vos-á muito mais fácil segui-los em toda a sua extensão e, assim, escalar até ao desconhecido. Por exemplo, se o princípio de dualidade vos diz que cada unidade é um par de partes inversas e complementares, podeis facilmente deduzir daí – porquanto esse princípio é encontrado em toda parte – que vosso mundo, visível e sensório, pode ser completado, em sua segunda metade, por um inverso mundo invisível, embora este vos escape aos sentidos. Se o princípio da indestrutibilidade da Substância e do transformismo universal vos afirma que nada se cria e nada se destrói em sentido absoluto, mas tudo se transforma no relativo, isto significa que, assim como a criação é condição de destruição, a destruição também é condição de criação, pois os dois momentos do binômio são inseparáveis, não sendo possível nenhum dos dois existir isolado do seu inverso, que o completa.

Disto derivam, com férrea concatenação lógica, as seguintes consequências: o que nasce tem de morrer, o que morre tem de renascer; é absurda, em qualquer caso, uma criação “ex novo”, mesmo na gênese da personalidade humana, pois esse fato derrubaria todos os ritmos semelhantes que verificais nos outros fenômenos; se existe um ciclo de vida e de morte em todos os fenômenos, sem que estes confundam a linha do próprio devenir e percam a própria individualidade, é absurdo acreditar que o fenômeno máximo em vosso mundo, dado pela personalidade humana, deva fazer exceção nesse aspecto, confundindo-se e desaparecendo, só porque ele vos escapa no invisível, ou então que ele tenha de tomar uma direção diferente daquela do retorno cíclico, base da evolução.

Não importa se vos é impossível tocá-las diretamente com as mãos, pois essas conclusões vos são impostas pela lei de equilíbrio e pelos princípios de dualidade, de indestrutibilidade, de transformismo e de analogia, combinados em conjunto. Estes

princípios existem como leis dos fenômenos e podem ser objetivamente controlados. As outras leis concorrem e convalidam o conceito, completando-o. Elas constituem um organismo, de modo que, ao tocardes uma, tocais mais ou menos todas, encontrando-as em toda parte ligadas entre si. Assim manifesta-se a lei de causalidade, regulando os efeitos de vossas ações e concatenando-as todas naquela linha progressiva bem definida de transformismo, a que chamais vosso destino. Essa lei proporciona o efeito à causa, excluindo qualquer possibilidade de derivação daquilo que é eterno por obra de uma quantidade temporal. Nisso fica implícita a lei de continuidade, que, combinada com a precedente, vos garante ser absurdo o aparecimento brusco de um fenômeno, sem uma longa maturação, ainda que esta seja subterrânea e invisível.

Um tão complexo organismo de leis, como vo-las descrevi, arremessa imediatamente ao absurdo qualquer violação dos princípios, eliminando-a por impossibilidade lógica. Só há lugar para desordem no particular, mas trata-se de uma desordem aparente, condição de uma ordem maior. Na grande máquina do universo, nada pode escapar aos princípios que lhe regulam o perfeito funcionamento. Sem dúvida, para vós, mergulhados no mundo dos efeitos, no imediato contato com o relativo e o particular, o universo pode parecer uma confusão caótica e inextricável. No entanto vedes que, entre tanta destruição, tudo sobrevive e que, apesar de tantos movimentos em todas as direções e da diferenciação do princípio único em tantos momentos diferentes, o ritmo é reconstruído perfeito, graças aos *três grandes princípios: unidade, ordem e equilíbrio*.

Agora que vos ensinei o caminho da síntese, quanto mais alto subirdes, mais evidente sentireis o monismo no todo e a estrutura conceptual no processo genético. No universo, tudo se harmoniza num imenso concerto de todas as criaturas, de todas as atividades e de todos os princípios.

Não vos isoleis em vosso pequeno eu, naquele separatismo que vos limita e vos aprisiona. Compreendei essa unidade, lançai-vos nessa unidade, fundi-vos nessa unidade, e vos tornareis imensos. Acima do estridor do contraste e da luta, ouvireis cantar um imenso ritmo majestoso. Assim como a força de gravitação liga

indissoluvelmente as unidades físicas que giram nos espaços, também a unidade de conceito diretivo liga todos os fenômenos numa indissolúvel solidariedade, tornando todos os seres irmãos entre si. Este universo – tão instável, no entanto sempre equilibrado; tão diferenciado no particular, no entanto tão compacto no conjunto; tão rígido em seus princípios, no entanto extremamente elástico; tão resistente a qualquer desvio, no entanto sensibilíssimo – é uma grande harmonia e uma grande sinfonia, onde miríades de notas diferentes, desde o roncar do trovão aos cataclismos estelares, do turbilhão atômico ao canto da vida e da alma, harmonizam-se num único hino que diz: Deus.

XLI. INTERREGNO

Mais uma pausa em nossa longa caminhada, a fim de que vosso pensamento possa repousar da áspera tensão e, assim, orientar-se no vasto mar de conhecimento que vos exponho, de maneira que vossa meta esteja sempre presente.

Não digais: felizes os que podem viver sem saber e sem perguntar. Dizei antes: felizes aqueles cujo espírito, lutando e sofrendo por uma conquista cada vez mais alta, jamais se sacia de conhecimento e de bem. Compadecei-vos dos satisfeitos da vida, dos inertes e dos apagados, cujo tempo é apenas ritmo de vida física e transcorre sem criações. Eles, embora não exista luz no amanhã para o espírito que adormece, rejeitam o esforço destas elevadas compreensões que vos ofereço.

Meu olhar novamente pousa em vosso mundo, que, saturado de inconsciência e de dor, de erudição e de agnosticismos, de luta e de loucura, está submetido a turbilhões de paixões, a provas tremendas e a tormentos cobertos de sorrisos. Grande e trágico é o quadro de vossos destinos, pois não apenas ouço o grito desesperado que, embora queirais abafá-lo, prorrompe de vossa alma, mas também escuto, no fundo do riso dos gozadores, o estridor daqueles que agonizam em desespero.

Alma, alma, centelha divina que nenhuma de vossas loucuras jamais poderá destruir, sempre pronta a ressurgir cada vez mais bela de cada dor! Potência que jamais se cansa de ser e de criar. Só tu verdadeiramente vives. Nenhuma conquista de pensamento, nenhuma afirmação humana jamais poderá extinguir tua sede de infinito.

Vossa ciência – que, assim como vossa civilização exterior e mecânica, é muitas vezes mera presunção de palavras eruditas – esqueceu que o centro da vida é a alma: a causa primária intrínseca dos fenômenos mais próximos de vós. A alma tem suas necessidades e seus direitos, não sendo possível matá-la ou atordoá-la, para fazê-la calar.

Não ouvís seu grito desesperado, que se ergue em meio às vossas vicissitudes individuais e sociais? Sua vida, negligenciada, pesa em

vosso destino e o arruína. Vossa alma sofre, mas não sabeis sequer como encontrá-la novamente. Amedrontam-vos certos abismos, fechados sob águas tranquilas, num sorriso aparente, por cima do tremendo bátrio. Que acontecerá lá embaixo, no mistério das causas profundas, que desejaríeis ignorar e afastar da consciência? Alguma coisa palpita e treme nas trevas profundas. Cada ser esconde dentro de si uma sombra secreta que não ousa olhar, mas que jamais poderá esconder de si mesmo; uma sombra sempre pronta a ressurgir, tão logo uma hora de paz diminua a tensão da corrida louca com que buscais distrair-vos. Não se sacia a alma embalando-se o corpo em comodidades supérfluas e dispendiosas ou agradando-se a visão apenas com um brilho externo. Na satisfação dos sentidos, alguma coisa sofre no íntimo e agoniza numa angústia profunda. Resta um vazio dentro de vós, em que apenas uma voz, perdida e desconsolada, eleva-se inquieta para perguntar: e depois?

Então vos falo. Falo num tom de paixão, para as almas prontas e ardentes; em tom de sabedoria, para quem é mais apto a responder às vibrações intelectivas. A todos falo, porque quero sacudir e unir todos por uma fé mais elevada, apoiada numa verdade mais profunda. Aqui, dirigindo-me à mente, convoco todos a se unirem: químicos e filósofos, teólogos e médicos, astrônomos e matemáticos, juristas e sociólogos, economistas e pensadores. Falo aos sábios de todos os campos do cognoscível humano, a cada um sua na própria linguagem, convocando a união das mentes de escol, que dirigem o pensamento humano, no sentido de compreenderem esta *Síntese* e, finalmente, saberem com ela alcançar um pensamento unitário que, satisfazendo mente e coração, resolva tudo, para alcançar as supremas finalidades da vida.

Esta pausa é para vos dizer que, no fundo deste árido tratado científico, arde uma imensa paixão de bem, sendo esta a centelha pela qual é animada toda essa ciência que vos exponho. Quem, não sentindo essa centelha, que se comunica diretamente de alma para alma, lançar a este escrito um olhar simplesmente curioso ou estiver apenas ávido de aprendizagem não ficará nutrido.

A pena que escreve e segue meu pensamento gostaria de se precipitar para as conclusões. Mas o caminho tem de ser todo percorrido e o edifício é vasto. O trabalho tem de ser executado por

inteiro, para que a construção seja sólida e possa resistir aos golpes do tempo e dos céticos. Nesta pausa que vos concedo, deixo a alegria das antecipações, o pressentimento das conclusões e o repouso da visão de conjunto. O próprio tratado se valoriza assim, superando qualquer finalidade de simples erudição ou de utilitarismo, para se iluminar com uma luz mais elevada, com a qual assume um significado que, muitas vezes, a ciência não possui. Só com essa nobreza de objetivos e com essa pureza de intenções, tem-se o direito de olhar de frente os maiores mistérios do ser e de enfrentar os problemas que dizem respeito à vida e à morte.

XLII. NOSSA META. A NOVA LEI

O conceito científico de evolução, base desse tratado, vos despertará para a visão de uma nova lei, imensamente superior à lei da luta pela vida e da vitória do mais forte, a qual vos dirige e impera no mundo animal. Diante desta lei da força, contraponho a mais alta lei da justiça. Presente no percurso dessa evolução que ressoa não só em cada uma de minhas palavras, mas também em cada fenômeno e em cada criatura do universo, esta nova lei é o degrau sucessivo àquele no qual vos encontrais, estando à espera da vossa iminente superação desta animalidade, da qual deveis destacar-vos para sempre. A “Nova Civilização do Terceiro Milênio” está iminente, e urge lançar-lhe os fundamentos conceptuais¹⁰.

Como vedes, minha meta é bem mais elevada, e não uma simples busca de conhecimento para a solução de problemas com intuito intelectual ou, muito menos, uma atividade utilitária. Esta minha palavra não é mera afirmação cultural, mas apenas um meio. Não venho para alardear sabedoria, e sim para lançar um movimento mundial de renovação substancial de todos os princípios que hoje regem vossa vida e vossa psicologia.

Não mais guerra, e sim paz; não mais antagonismos e egoísmos (individuais e coletivos) destruidores de trabalho e de energias, e sim colaboração; não mais ódios, e sim amor. Cumpra cada um o seu dever, e a necessidade de luta cairá por si mesma. Só a retidão produz equilíbrio estável nas construções humanas, enquanto a mentira representa um desequilíbrio fundamental, que, sendo um irremediável vício de origem, destrói tudo. A justiça suprimirá o gigantesco esforço da luta, que sobre vós pesa como uma condenação. O amor, que só existe no mundo em oásis fechados, isolados no deserto do egoísmo, precisa sair do âmbito fechado desses círculos e invadir todas as formas de manifestação humana. Muitas vezes, exatamente onde o homem trabalha, falta esse cimento unificador, essa potência coesiva, cuja ação amortece os choques e ajuda o esforço, impedindo que tanto trabalho se perca em agressividades demolidoras. Para um homem superiormente consciente, os objetivos da lei de seleção do melhor podem ser

alcançados muito mais facilmente pelos caminhos da compreensão, do que pelos da luta desapiedada. Existe para o homem uma virilidade muito mais poderosa, que consiste em superar a fraqueza da mentira, a maldade do egoísmo e a baixeza da luta agressiva.

A inversão de vossas atuais leis biológicas e sociais é completa. Tudo está fundamentado na antítese. O pressuposto da má-fé e o sistema da desconfiança, hoje, invadem a substância de todos os vossos atos. Esse princípio tem de ser derrubado. O sistema das leis formais e exteriores já deu todo o seu rendimento. É necessário passar ao sistema das leis substanciais interiores, que não funcionam por coação e repressão a posteriori, mas sim por convicção e prevenção; que agem não depois da ação, tarde demais no campo das consequências e dos fatos, mas sim antes, na raiz da ação, no campo das causas e das motivações. As leis substanciais interiores são escritas nas almas, através da educação, que plasma o homem.

Em vosso século, a luta não é mais de corpos, mas sim de nervos e de inteligência. A luta também evolui e já atingiu formas mais espirituais. Os tempos trouxeram maturidade, devido ao desenvolvimento dos meios científicos e das inteligências. Profetas e pensadores foram obrigados, muitas vezes, a não dizer ou a velar a verdade diante da multidão, sempre pronta a adular tudo, para reduzir tudo aos termos da própria psicologia, impondo esta como norma coletiva. Mas o mundo hoje, em sua racionalidade, impôs a si próprio o dever de aceitar tudo o que se demonstra lógico e racional. Colocou-se na posição de quem pode e deve compreender. Por outro lado, os meios ofensivos alcançaram uma potência jamais verificada na história e, por isso, não podem mais ser guiados pela psicologia feroz e pueril do passado. A humanidade está numa encruzilhada, não havendo mais possibilidade de fugas: ou compreender, ou exterminar-se. Não se trata aqui de um problema abstrato e teórico, mas sim de um problema social e individual concreto, constituído por uma questão de vida ou de morte.

Minha meta é a compreensão de uma lei mais alta, lei de amor e de colaboração, que a todos una num grande organismo, animado por nova consciência universal unitária. Não se trata, fundamentalmente, de uma nova sabedoria, pois apenas repito a Boa Nova, que já foi ditada há milênios aos homens de boa vontade. Torno a repeti-la

toda, idêntica na substância, porém agora mais ampliada, ajustada ao maior alcance de vossa mente mais amadurecida, para que finalmente esta ideia vos agite, vos inflame e vos salve. Eis nossa meta: a palavra eterna, o alimento que sacia, a solução de todos os problemas, *a síntese máxima*.

Chegarei ao Evangelho de Cristo pelos caminhos da ciência, alcançando tal ideia também pelas sendas do materialismo, a fim de fundir os dois pretensos inimigos: ciência e fé. A finalidade disso é vos mostrar que todos os caminhos levam ao Evangelho, para torná-lo, assim como acontece para qualquer processo lógico, obrigatório a todos os seres racionais. Ele constitui a nova lei super-humana, a superação biológica imposta pela evolução da humanidade neste momento histórico, quando está para surgir a nova civilização do Terceiro Milênio. Chegou a hora em que estes conceitos, esquecidos e não compreendidos, pregados, mas não vividos, deverão por sua própria potência, no momento decisivo da história do mundo e fora do âmbito fechado das religiões, impor-se na vida, onde o interesse luta, a dor sangra e a paixão transtorna.

O Evangelho não é um absurdo psicológico, social ou científico. Não é negação, mas sim afirmação de uma humanidade mais elevada, no nível divino.

A coisa simples e tremenda que o homem de hoje tem de fazer, na encruzilhada dos milênios, é colocar a alma nua diante de Deus e examinar a si mesmo com grande sinceridade e coragem. Se vós, almas sedentas de ação exterior, de movimento e de sensação, não sabeis ouvir no silêncio a voz das grandes coisas que falam de Deus e buscais expandir esta íntima vida do espírito até à vossa realidade humana exterior, agindo, gritando, conquistando e vencendo, embora com o braço e a ação, então escutai estas minhas palavras:

“Levantai-vos e caminhai até ao vosso inimigo mais acerbo, aquele que mais vos traiu e maltratou, e, em nome de Deus, perdoai-lhe e abraçai-o; ide àquele que mais vos roubou, perdoai-lhe a dívida e, mais ainda, dai-lhe tudo o que possuíis; encontrai aquele que vos insultou e dizei-lhe, em nome de Deus: eu te amo como a mim mesmo, porque és meu irmão”.

Dir-me-eis: “Isto é absurdo, é loucura, é ruinoso. É impossível na Terra tal deposição de armas!”.

Eu vos digo, porém: “Sereis *homens novos* somente quando usardes *métodos novos*. De outra forma jamais saireis do ciclo das velhas condenações, que punirão eternamente a sociedade por suas próprias culpas. Pela mesma razão que houve uma vítima na cruz, hoje a humanidade tem de saber oferecer-se a si mesma para esta sua nova, profunda e definitiva redenção. Sem holocausto, jamais haverá redenção. Aí, nesse mundo louco, preocupado apenas em se armar contra si mesmo, sob perspectivas cada vez mais desastrosas, com meios já tão tremendos em vista dos hodiernos progressos científicos, que uma conflagração não deixará civilização ou homem algum salvos sobre a Terra; aí, onde o homem age assim, só existe uma defesa extrema: o abandono de todas as armas”. Mais tarde veremos como.

Dizeis-me: “Temos o dever da vida”.

Eu, porém, vos replico: quando, com espírito puro, proferis “*Em nome de Deus*”, a terra estremece, porque as forças do universo se movimentam. Quando sois verdadeiramente justos e quando, inocentes, sois atingidos pela violência, que usurpa a vitória de um momento, o infinito se precipita a vossos pés, para proclamar vossa vitória e vos erguer bem alto, como triunfadores na eternidade, muito além do ínfimo átimo de tempo em que o inimigo venceu.

Eis o que peço à alma do mundo. Sua alma coletiva, una e livre como uma só alma, pode escolher, e de sua escolha dependerá o futuro. Um incêndio deve alastrar-se fortemente, para poder derreter todo o gelo de ódio e de egoísmo que vos divide, vos mantém famintos, vos atormenta. De um hemisfério ao outro, o mundo me escuta, e minha voz conclama todos os homens de boa vontade. O novo reino é o esperado Reino de Deus, uma construção imensa, que deve realizar-se não nas formas humanas, mas sim *no coração dos homens*; criação antes de tudo interior, que se realiza ao vos tornar melhores. Se não compreenderdes, a marcha do progresso do mundo demorará milênios.

Este repouso que desejei no meio da jornada, esta mudança de argumento e de estilo, depois da fria análise científica, esta explosão de paixão, é para que eu seja compreendido e “sentido” por todos. Desejei esta pausa para que este tratado – complexo para os simples e supérfluo para os puros de espírito, que já compreenderam –

recorde à ciência que ela, longe de ter nascido somente para exibir-se orgulhosamente, tem a responsabilidade moral de guiar as consciências; recorde à ciência que eu, embora fale dela, a supero com uma finalidade bem mais elevada, muito diferente daquelas do simples conhecimento e da utilidade, pelas quais ela é impelida. E a suprema finalidade, muitas vezes ignorada pela ciência, é a ascensão do homem para os mais altos destinos.

XLIII. OS NOVOS CAMINHOS DA CIÊNCIA

Sem dúvida, para vós, homens de razão e de ciência, em vosso tempo e de acordo com a vossa atual psicologia, trata-se de uma linguagem bastante estranha esta que, unificando todos os problemas: os do saber e os da bondade, e colocando-os lado a lado, funde, acima de vossas distinções, ciência e Evangelho numa mesma *síntese*. Mas todos os vossos sistemas racionais e científicos são filhos da psicologia de hoje, que não é a de ontem nem será a do amanhã; vossos métodos e pontos fixos conceptuais passarão, como outros passaram, e tudo será superado. O tempo vos modifica, ó filhos do tempo, e vos impele cada vez mais para o alto. Assim como as formas de luta e de sofrimento, também o pensamento e suas formas evoluem, pois a criação é contínua e o dinamismo divino está sempre presente.

Àqueles que perscrutam no campo de todas as religiões, a fim de encontrar erro e condenar, eu peço para colocarem com sinceridade sua alma diante de Deus e escutarem a voz íntima que diz: esta palavra é verdadeira. Onde existe na Terra, pergunto-vos, uma força que verdadeiramente vos sacuda e vos arranque do cálculo contínuo de todos os interesses humanos? Quem faz, na Terra, um esforço enérgico, heroico, decisivo, para salvar os valores morais?

À ciência, que aplica o ouvido para ver resolvidos, com suas próprias palavras, problemas tão desusados para ela, eu digo: chegou a hora de mudar de caminho, porque é loucura inútil acumular milhões de fatos sem jamais concluí-los. A síntese urge, mas a ciência – olhando suas colunas de fatos, como colunas de um templo imenso, cheio de silêncio – cala-se. O apriorismo sensório amarra na terra as asas e limita as vias da pesquisa científica, numa atitude de dúvida, que, se olha para a objetividade, fecha ao espírito os caminhos rápidos da intuição e da fé. Mente e coração exigem uma resposta, e os últimos efeitos que tocais com vossos sentidos só vos podem dar os últimos reflexos daquele incêndio que permeia o infinito. Não é acumulando fatos que se pode dar uma resposta. O princípio vital que anima uma árvore jamais será encontrado pela observação e enumeração de suas folhas, pois ele é algo íntimo,

profundo, imensamente superior e essencialmente diferente de qualquer aparência sensória. Assim anatomizais cadáveres na zoologia e na botânica, no entanto o que vos podem dizer as formas de vida depois de as terdes matado, expelindo-lhes o princípio substancial pelo qual elas são plasmadas e regidas, o qual, resumindo e determinando tudo, é o único fator capaz de exprimir o significado do fenómeno?

Se, por um lado, os fatos já demonstraram que existe na ciência uma impotência apriorística para concluir, por outro lado, o interesse e a ambição – com frequência os únicos motores secretos de todo trabalho – fecham à alma os caminhos da compreensão, levantando uma barreira entre o eu e o fenómeno. A atitude psicológica do observador torna-se assim uma força negativa e destruidora. Como podeis esperar que se vos abram as portas do mistério, se vós mesmos partis da negação, erguendo barreiras com vossa posição de desconfiança e, assim, inquinando irremediavelmente a primeira vibração de origem, que determina a direção de todas as subsequentes formas de vosso pensamento? Deveis compreender que a dúvida e o agnosticismo são uma atitude psicológica negativa, sendo justamente essa posição que, desagregando o fenómeno, vos fecha as vias de sua compreensão. Os fenómenos mais sutis e mais elevados se apagam, automaticamente, quando vos avizinhais deles, razão pela qual fica interditado o ingresso da ciência nos campos mais refinados. Para alcançá-los, é indispensável a presença dos fatores espiritual e moral, os quais são, no entanto, propositadamente ignorados pela ciência. Eles são a condição fundamental para sintonizar e potencializar a vossa psique, que é o instrumento de pesquisa.

O futuro da ciência reside no mundo mais sutil do imponderável. Se não levardes para a pesquisa científica esse estado de espírito, que nasce apenas de uma grande paixão, pura e desinteressada, jamais avançareis um passo. Esta atitude de vosso eu é fundamental, porque, segundo a Lei, onde faltam sinceridade de intenções e impulso de fé, as portas do conhecimento se fecham. O mistério tem suas defesas e suas resistências, e somente um estado de vibração intensa tem a força necessária para superá-las. A verdade só responde a um apelo desesperado de uma grande alma que invoca a luz para o bem. Quem

olha ávido e curioso tem sua visão embaçada e mantém assim trancadas as portas do conhecimento. A Lei, mais sábia que vós, não admite os incapazes e os imaturos no templo do conhecimento, que, sendo arma poderosíssima, somente é concedido a quem saiba fazer bom uso dele. Na Lei, nenhuma desordem é permitida, tornando impossível assim aos inferiores, com sua inconsciência, levar qualquer perturbação para fora de seu próprio campo. É lei, portanto, que cada progresso seja merecido e a cada conquista corresponda um valor substancial. A verdadeira ciência não consiste num fato exterior, repartível com todos e acessível a qualquer inteligência, mas é a última fase de uma íntima e profunda maturação do ser. Na conquista do conhecimento, assim como em todas as maturações biológicas, não existem atalhos possíveis, sendo indispensável desenvolver toda a trajetória do fenômeno. Deveis admitir que o universo existe perfeito e funciona assim há muito tempo, independente de vosso conhecimento, que nada cria e nada desloca, senão vossa posição.

Por outro lado, não haveis certamente de presumir que o presente de vossa ciência contenha todo o saber possível. A experiência do passado vos ensina que tudo pode mudar completamente, levando a resultados imprevisíveis a cada momento. Sabeis, por experiência, que as revoluções no campo do saber são normais em certas ocasiões. Não é porventura lógico, segundo vossas próprias teorias materialistas evolucionistas, que a natureza, ao chegar a uma nova maturação, lance – estendido para o futuro, como um tentáculo no porvir, em antecipação às formas evolutivas que esperam em embrião – um tipo de homem novo, que possa conceber tudo diferentemente? Não é logicamente possível que, dessa forma, toda a técnica mental humana possa mudar, tornando normal a intuição do gênio, a inspiração do artista e a super-humanidade do santo, que são hoje exceção? Vossas fases evolutivas mais próximas tocam, depois da fase orgânica, a fase psíquica. Como vedes, as novas concepções desta *Síntese*, mesmo para a mentalidade dos céticos e dos materialistas, apresentam-se com todos os caracteres da racionalidade e terão de ser reconhecidas como aceitáveis, pelo menos como hipótese de trabalho, sendo isto aplicável também às últimas conclusões, de que já vos falei. Neste tratado, os princípios e

postulados demonstrados pelos fatos e aceitos pela ciência não são apenas confirmados, mas também fundidos organicamente numa unidade universal. A ciência é aqui combatida, corrigida e levada para mais alto com seus próprios métodos e na sua própria linguagem. As características que o cético encontrará neste tratado não serão apenas as da simples possibilidade, mas também as da mais perfeita logicidade. O raciocínio fica intimamente satisfeito com esta organicidade, que dá harmonicamente a razão de tudo. Esta *Síntese* pode ser elevada a teoria, pois é o único sistema que dá uma explicação completa e profunda de *todos* os fenômenos, mesmos daqueles que não podeis experimentalmente controlar. Não importa se tudo o que digo pode não estar contido dentro de vossas categorias mentais, não correspondendo assim àquele habitual arquivamento de conceitos de vossa forma psíquica. Não importa se sois levados naturalmente a negar tudo o que escapa à limitação de vossa razão e à cegueira de vossos sentidos. Eles são formas relativas, que superareis. Diante da imensa verdade, muito mais do que meios, eles são uma prisão que vos encerra e vos limita. Bem depressa, porém, vosso ser se libertará deste cárcere, e a ciência, queira ou não, superará sua posição atual.

XLIV. SUPERAÇÕES BIOLÓGICAS

Tudo isto não constitui simples afirmação. Enquanto lentamente construo em vossas mentes este edifício conceptual, gradualmente o transmito ao mundo, para desenvolver nele uma compreensão gradativa destes conceitos. Na atmosfera das forças do planeta, imperceptíveis para vós, amadurecem as causas de eventos decisivos e tremendos, determinam-se movimentos, canalizam-se correntes dinâmicas, acentuam-se atrações e repulsões, de onde depois se exteriorizarão os fenômenos, desde convulsões físicas até às morais, da morte até à vida de povos e civilizações. Mesmo exteriormente, diante dos olhos do historiador e do pensador, o mundo se apresenta maduro para renovações profundas.

No entanto poucas são as mentes, entre aquelas que dirigem o mundo nos campos mais diversos, capazes de pressentir a iminência dos novos tempos. A ciência, mais esmagada do que sustentada pelo imenso volume de material de observação acumulado, está sempre aguardando sínteses, perdida no dédalo infinito das análises. As religiões adormecem no indiferentismo. Sem um princípio unificador que o dirija, o mundo é como um navio vagando sem timoneiro. As forças construtivas se pulverizam em pormenores de interesses particulares e de pequenos jogos egoísticos, eliminando-se e anulando-se, ao invés de se coordenarem num esforço organizado. A própria psicologia corrente contém o germe da desagregação.

A alma humana, entre uma ciência utilitária de comodidades e uma religião de conveniências, arrasta-se terra a terra num ambiente de apatia, perda e sem meta. O presumido dinamismo de vosso tempo é apenas uma corrida louca, toda exterior. Para onde correis, se ignorais os mais altos objetivos da vida? Para que serve correr e chegar, se o homem dilacera-se a si mesmo na pessoa de seu irmão e faz tantas vezes da Terra, abençoada por Deus, um inferno patético e macabro? Ou correis apenas para vos atordoardes, para não vos sentirdes a vós mesmos, para fugirdes da voz de vossa alma, que, sem meta, não encontra paz? Não será esta pressa, na verdade, uma fuga do silêncio e da solidão, onde a alma fala e indaga as grandes perguntas? Sim, é medo, medo de ficardes sozinhos, de vos

interrogardes, de vos sentirdes sós diante dos últimos problemas, que ninguém sabe resolver, mas que a alma, mesmo assim, quer compreender; medo dos grandes problemas do silêncio, onde se ouvem gritar as culpas; medo da profundidade em que reside o dever, a verdade, Deus. Em vez do som desta voz solene, preferis a paralisia psicológica e o tormento da agonia da alma. A cada momento, renovais o esforço de vos lançar para fora de vós mesmos no mundo, em busca do infinito, embora ele esteja justamente aí, dentro de vós. Perdestes a simplicidade dos grandes pensamentos, que confortam. O infinito, que está pleno deles, transbordando de alimento substancial, vos parece um bátrio abissal e tenebroso, sobre o qual temeis debruçar-vos.

Em meio a um labirinto de complicações, o homem esqueceu a beleza e a paz das grandes verdades primordiais, das quais ele, no entanto, já havia tomado conhecimento há muito tempo, por comunicação direta, através da revelação, primeiro método intuitivo e sintético do saber humano, pai do método dedutivo. Então o princípio único, do qual se deduziam as verdades menores, descia do Alto. Porém depois, à força de deduzir sistematicamente, o homem afastou-se de tal maneira da fonte primeira, que negou a própria existência dela. Assim a dedução, uma vez perdida a ligação com a fonte, não teve mais sentido. O homem recaiu sobre a terra, sem asas e sem vista, passando a bater sua cabeça no chão para que o fenômeno, com sua pequena luz, falasse e fornecesse a ele, última poeira das centelhas caídas da grande luz, um átimo da verdade infinita e eterna. E a ciência, lamentavelmente, acumulou com paciência as diminutas luzes, acreditando que poderia, com a pequena concha da razão humana, esvaziar o oceano; que poderia, somando e combinando vagas fosforescências, reconstruir o poder fulgurante do sol. No entanto as portas permaneceram fechadas e ainda continuam fechadas.

Mas a lei de Deus prossegue no seu próprio passo, acima das tempestades humanas, salvando sozinha o equilíbrio nos grandes momentos. Hoje, tal como nos tempos antigos das primeiras revelações, ela segura de novo o homem pela mão e lhe mostra o caminho. Diante dos acontecimentos supremos, os extremos da história se tocam, e a intuição reabre hoje aos humildes as portas da

verdade. Nos grandes momentos, só a mão de Deus vos guia a todos, e ela está em ação hoje, como sempre ocorre no momento das maiores criações. Felizes aqueles que sabem rapidamente, pelas vias da fé, atingir a meta! O mais amplo saber é sempre coisa pobre diante do sincero e humilde ato de fé de uma alma pura. E a ciência racional se debate em vão para sair do claustro da racionalidade que ela mesma construiu e que agora a limita, pois não é possível uma construção, como efeito, superar com sua massa a potência dos meios nela empregados. A ciência racional, que hoje se debate impotente aos pés de um mistério cada vez mais vasto, encontra-se estupefata diante de uma revolução completa de métodos e de formas de pesquisa; vê-se permeada, sem ao menos percebê-lo – ela que acreditava guiar, mas era de fato guiada pelas forças da evolução espiritual do mundo – por um *quid* novo para ela, super-racional, um fator que lhe escapa, porque supera seus meios lógicos, sendo mais sutil e, no entanto, mais poderoso que seus meios objetivos. A racionalidade, único deus do mundo durante um século, abate-se desanimada diante da explosão estranha e envolvente da alma humana, que se modifica e, intuindo diretamente o infinito como realidade imediata, penetra os fenômenos por novos caminhos.

O homem realizará novamente a grande descoberta da existência de um supremo pensamento que desce do Alto. Na pesquisa fenomênica, a ciência verá aturdida surgir um elemento novo imponderável, antes relegado ao hipotético e ao absurdo: a bondade e a retidão, que são os valores morais formadores da pureza e da potência do instrumento psíquico, cuja comunicação se realiza por sintonia e afinidade. Assim como, no templo, a musicalidade dos sons, saturando o ambiente de harmonias acústicas, prepara o espírito para a comunicação espiritual da oração, também a harmonia dos sentimentos e dos conceitos, atraindo harmonias mais vastas, tornará o espírito apto às mais altas compreensões. A inspiração criadora substituirá, como meio normal, a lenta pesquisa racional. Então a ciência verá sua racionalidade posta de lado como meio menor, já insuficiente diante dos novos e formidáveis problemas, que só a visão direta pode enfrentar e resolver. Os componentes da super-humanidade – do cientista ao artista, do mártir ao herói, do gênio ao santo, até agora incompreendidos em sua função biológica de seres

ancorados num nível mais alto que o da normalidade medíocre – dar-se-ão as mãos, realizando sob mil aspectos e enfrentando de mil lados o mesmo trabalho de iluminar e guiar o mundo. O super-homem, cidadão do tão esperado Reino de Deus, normalizará sua função coletiva, deixando para a racionalidade dos menores, dos atrasados, dos últimos a chegar no caminho evolutivo, o trabalho mecânico de analisar as grandes visões intuitivas e, demonstrando-as, fixá-las na míope normalidade. A maturação desta super-humanidade será a maior criação biológica de vossa evolução, representando a passagem para uma lei de vida superior, que vai da força à justiça, da violência à bondade, da ignorância à consciência, do egoísmo destruidor ao amor construtivo pregado pelo Evangelho. Esta é a superação da fase animal e humana, a mais alta vivida em vosso planeta, na qual culmina o esforço preparado nos milhões de milênios em que a evolução, ascendendo da matéria à energia, à vida e ao espírito, toca os mais altos cimos, de onde vos lançareis ao encontro do infinito.

XLV. A GÊNESE

“No princípio, Deus criou o céu e a terra.

...e as trevas estavam sobre a face do abismo...

E Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita.

...e separou as águas... e à massa de água chamou mar.

E disse: ‘A terra germine erva verde...’

E a terra produziu erva verde...

E depois Deus disse: ‘As águas produzam os répteis, animais e viventes, as aves sobre a terra e na amplidão dos céus’.

E Deus criou os grandes peixes e todos os animais vivos... produtos da água, segundo suas espécies...

E disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...’

E Deus criou o homem à sua semelhança...

...Formou o homem do pó da terra e soprou-lhe na face o sopro da vida, e o homem foi feito alma viva.

Essas foram as origens do céu e da terra...”

(Pentateuco, *A Gênese*, Cap. I)

Assim nos revelou a inspiração de Moisés.

Em sua intuição, ele traçava o caminho que nós seguimos: a evolução do ser, da matéria até ao espírito. No irrefreável transformismo evolutivo, primeiro aparece a matéria: a terra. Depois move-se a energia: a luz. Nas cálidas bacias de águas acumuladas, a mais alta forma evolutiva dinâmica concentra-se na potência ainda mais alta de um novo eu fenomênico, e nasce o primeiro germe de vida em sua primordial forma vegetal, que depois se alastrou sobre a terra e, sempre ansiosa por subir, ascendeu às formas animais. Do pó da terra, o impulso divino, sempre atuante, criou o homem, feito de matéria (γ), que subiu assim até à fase de consciência: α (o sopro da vida). Então aparece o homem, que resume em si a obra completa e a trindade divina de seu universo: γ , β , α .

Essas foram as origens do céu e da terra.

Já observamos o nascimento da gravitação, a protoforça típica do universo dinâmico. Retomemos agora o caminho interrompido. Ao nascer em sua primeira forma, β surgiu como energia gravífica. Na

íntima estrutura cinética da matéria ocorreu a mudança de ritmo e de direção no movimento. Despertando de sua longa e silenciosa maturação, a matéria revive em um nível mais alto, a fim de se preparar para sustentar a centelha da qual nascerá a vida. Em sua forma dinâmica, a substância indestrutível assume um passo de transformismo mais acelerado; o movimento de rotação planetária, fechado em si mesmo no íntimo da matéria, explode no ritmo ascendente da onda, que cria e multiplica os tipos dinâmicos. O movimento invade a grande máquina do universo; uma nova lei estabelece um novo equilíbrio, mais complexo em seu dinamismo; o grande organismo não apenas existe então, mas também começa a funcionar, a fim de se preparar para viver.

Eis que, nos espaços incomensuráveis, desenvolvem-se rotações e trajetórias sem limites; a matéria foi permeada por uma nova vibração, que a lança em elipses, espirais e vórtices; as correntes dinâmicas canalizam-se e equilibram-se, precipitando-se fulmíneas em todas as direções, para mover e animar todas as coisas. Tão logo nasce, β se individualiza e se diferencia. Enquanto γ , exteriormente, além da órbita de seu íntimo turbilhonamento, estava inerte, β agora se expande em todas as direções, preenchendo e unindo os espaços numa rede de ações e reações. Afirmam-se e complica-se o funcionamento orgânico do universo, que, tendo suas partes ligadas e unidas pela gravitação, mantém-se coeso. O impulso centrífugo abre os vórtices e dilata o movimento. À estase solene da silenciosa e invisível maturação da matéria, sucede a estase mais instável, porém igualmente perene, das forças em equilíbrio. As trevas tingem-se de luz, e o silêncio ecoa de sons. Então o universo se anima, sente calor e frio; respira e assimila; possui uma circulação própria, que o nutre; é dotado de um metabolismo dinâmico e físico; tem sua própria saúde, suas doenças, sua juventude e sua velhice; conhece a vida e a morte. Pelos espaços explodiu uma palpação nova, uma incansável vibração de forças que correm em busca de equilíbrio.

Uma vez que toda forma dinâmica, no exato momento do seu primeiro aparecimento, é instantaneamente disciplinada pela Lei, cada forma de β aparece precisamente individualizada por uma lei férrea e específica, pela qual é constituído seu modo de ser. Assim, no imenso turbilhão, a ordem sempre reina soberanamente. O aspecto

conceptual, nesta fase superior, é ainda mais transparente. Num universo tão vasto e complexo, quem, senão o pensamento divino da Lei, disciplinaria tão imensurável desenvolvimento de forças? Tudo parece ocorrer automaticamente, porque a mão de Deus não é algo externo e visível, mas sim um conceito, que é a alma das coisas. As rotações astronômicas caminham com exatidão matemática. A gravitação, a luz, o calor, a eletricidade, o som e todas as formas dinâmicas sabem, todas elas, o seu caminho, sendo que nelas, a cada momento, a cada manifestação e em suas próprias consciências instintivas, fala sempre a grande lei. Ainda hoje, a base de vossa vida é o entrelaçamento dessas forças, cujo modo de ser e de agir, definido com exatidão e constância, dirige a palpitação regular que vos sustenta; proporciona as radiações solares às necessidades do planeta; guia as correntes atmosféricas; regula as sínteses e as trocas das substâncias proteicas, a assimilação nos organismos, o crescimento, a respiração, a circulação, a reprodução, os nascimentos, as mortes e todos os fenômenos sociais. Os mais complexos fenômenos ocorrem com perfeição, indiferentes ao conhecimento que deles tendes e à vossa vontade, até mesmo aqueles que regulam vossa própria vida. Se a vosso esforço só foi deixado o trabalho de vosso progresso, as forças que vos guiam sabem, por si mesmas e melhor do que vós, o caminho que deveis seguir. Desta consciência linear (de primeira dimensão) do universo dinâmico já falamos.

XLVI. ESTUDO DA FASE β – ENERGIA

Observando agora o devenir das formas dinâmicas, vamos delinear também as características das individuações típicas, em cujo processo de transformação encontraremos o conceito e a lei que as governa. Os três aspectos – estático, dinâmico e conceptual – da fase β poderão, dessa forma, fundir-se numa única exposição, o que tornará nosso passo mais ágil e veloz.

A transformação da matéria em energia não é mais, para vós, apenas uma hipótese. Sabeis calcular a quantidade de energia atômica armazenada na matéria. A massa de um grama, considerada no zero absoluto, contém 22 bilhões de calorias. Sabeis que o Sol encontra-se em estado de completa desagregação atômica pela radioatividade, o que significa emissão de elétrons (energia, transformação de γ em β), os quais são lançados à Terra, junto com todas as demais formas de energia. Esses centros dinâmicos lançados pelo Sol ricocheteiam, penetram ou se combinam na atmosfera elétrica que circunda o vosso planeta, produzindo vários fenômenos, cujas causas não saberíeis explicar de outra maneira, como, por exemplo, o da luz difusa no céu noturno. O feixe de radiações dinâmicas que o Sol vos envia é o mais volumoso, complexo e rico. A constatação de que os raios solares, ao incidirem sobre uma superfície negra de um metro quadrado, exercem uma pressão de quatro décimos de miligrama vos mostra, além de sua constituição eletrônica, que a radiação-luz se conjuga também com impulsos ativos-reativos de ordem gravífica. Verificais, nos fenômenos de radioatividade, que a dissociação espontânea da matéria implica num enorme desenvolvimento de calor, devido justamente à emissão (a partir do sistema planetário atômico) das partículas periféricas. E calculastes em $mv^2/2$ (onde m =massa e v =velocidade) a energia cinética de cada partícula, cuja velocidade média é de $1,78 \times 10^9$ cm/s.

Para compreender bem a transmutação da matéria nas formas dinâmicas, é essencial conhecer claramente sua *natureza cinética*. Isto não é fato novo para vós, porque o vórtice eletrônico vos diz exatamente a mesma coisa. Sabeis que cada espécie de átomo se

caracteriza por um espectro de emissão produzido por um comprimento de onda determinado com exatidão. Essa emissão espectroscópica acompanha constantemente o átomo de cada elemento, como um seu equivalente dinâmico, provando sua regular e constante estrutura cinética. Somente esta pode explicar-vos os *movimentos brownianos*, que tão bem conheceis. Vimos que a matéria é um dinamismo incessante e que sua rigidez é toda aparente, sendo devida à extrema *velocidade* que a anima por completo. Sabeis que a massa de um corpo aumenta com sua velocidade no espaço. Um jato de água velocíssimo oferece à penetração de um corpo a resistência de um sólido. Quando a massa de um gás, como o ar, multiplica-se pela velocidade, ela adquire as propriedades da massa de um sólido. A pista rígida que sustenta o avião – um corpo sólido suspenso num gás – é sua velocidade em relação ao ar. Este, por outro lado, pode sozinho, se lançado como um ciclone, derrubar casas. Trata-se de relação. Com efeito, quanto mais veloz é o avião, menores podem ser as suas asas. Sabeis que esquentar um corpo significa transmitir-lhe nova energia, imprimindo-lhe uma nova velocidade interna. A análise espectral vos fornece a luz equivalente dos corpos tão exatamente, que se torna possível, por meio dessa emanção dinâmica, a individuação à distância na astroquímica. É inútil correrdes atrás de vossos sentidos e da ilusão tátil da solidez, que, por ser a primeira sensação básica da vida terrestre, é tão fundamental para vós. A solidez é apenas a soma de movimentos velocíssimos. Que não vos iluda a constância das sensações, pois ela é devida apenas à constância dos íntimos processos fenomênicos no âmbito da lei eterna. Vossos sentidos não sabem perceber sensações diferentes que se sucedam com extrema rapidez.

A matéria é pura energia. Em sua íntima estrutura atômica, ela é um edifício de forças. Matéria, no sentido de um corpo sólido, compacto e impenetrável, não existe. Trata-se apenas de resistências, de reações; o que chamais de solidez é somente a sensação provocada por aquela força constante que se opõe ao impulso e ao tato. É a velocidade que enche as imensas extensões dos espaços vazios, em que se agitam as mínimas unidades. É a velocidade que forma a massa, a estabilidade, a coesão da matéria. Observai como movimentos rotatórios rapidíssimos conferem ao giroscópio, durante

seu movimento, um equilíbrio autônomo estável. Velocidade é esta força que se opõe à saída das partículas componentes da matéria e as mantém unidas, enquanto outra força contrária não a supere. Mesmo quando decompões a matéria naqueles que vos parecem seus últimos elementos, ainda não vos encontrais diante de uma partícula sólida, compacta, indivisível. O átomo é um vórtice, vórtices são o elétron e o núcleo; vórtices são os planetas e satélites contidos no sistema solar, e assim até ao infinito. Quando imaginais a mínima partícula animada de velocidade, ela não é nunca um corpo no sentido comum que imaginais, mas é sempre um vórtice imaterial de velocidade. A decomposição dos vórtices, em que giram unidades vorticosas menores, estende-se até ao infinito. Desse modo, na substância, não existe matéria no sentido que lhe dais, mas somente *movimento*. A diferença entre matéria e energia é dada apenas pela diferente direção desse movimento: *rotatório*, fechado em si mesmo, na matéria; *ondulatório*, com ciclo aberto e lançado ao espaço, na energia.

No princípio havia o movimento, e o movimento concentrou-se na matéria; da matéria nasceu a energia, e da energia emergirá o espírito.

O movimento concêntrico do sistema planetário atômico contém em germe a gênese e o desenvolvimento das formas de β . Assim como a química orgânica se diferencia da inorgânica por suas fórmulas abertas comunicantes em equilíbrio instável (efeito e não causa da vida), também se passa da forma matéria à forma energia pela *expansão do sistema cinético fechado de γ para o sistema cinético aberto de β* . Isto porque *a substância da evolução é a extrinsecação de um movimento que se concentra por involução e se expande por evolução, atingindo, através das duas fases dessa sua respiração, uma extrinsecação cada vez maior.*

Há dois fatos, portanto, a serem ligados: *o movimento circular* íntimo do sistema atômico de γ (matéria) e *o movimento ondulatório* próprio de β (energia). Para compreender o ponto de passagem de γ a β , é indispensável reduzir as duas fases ao seu denominador comum ou unidade de medida: o movimento, cuja forma individualiza diferentemente a substância em seus vários estágios. Esses movimentos, vistos em sua essência, são os *dois termos que têm de*

ser conjugados. De um lado, o *sistema atômico*, composto, como vimos, por um ou mais elétrons *que giram* em torno de um núcleo central, tem sua individuação atômica estabelecida pelo número dos elétrons em órbita ao redor do núcleo, os quais se movem num espaço imenso em relação ao volume do sistema atômico, que é de natureza esférica, pois, se a rotação fosse num plano, não haveria volume. De outro lado, temos a característica fundamental própria de todas as formas de energia: a transmissão por *ondas esféricas*. Já notamos, na gênese da gravitação, o *princípio da transmissão esférica da onda*, demonstrado pelo decréscimo da ação em razão do quadrado da distância. Esta lei é apenas uma consequência das propriedades geométricas dos corpos esféricos, resultando do fato de que as superfícies de esferas concêntricas são proporcionais ao quadrado de seus raios. Todas as vezes, pois, que encontrais essa lei do quadrado da distância, podeis concluir com segurança que se trata de transmissão por ondas esféricas. Isso é facilmente verificável por meio de qualquer fonte de luz e de som. Como vedes, a *natureza circular dos dois movimentos é constante, própria tanto da unidade atômica quanto da transmissão dinâmica*.

Pormenorizemos com mais rigor. O movimento rotatório do sistema atômico, mais precisamente, não é simplesmente circular, mas sim *espiralóide*. Vimos, no estudo da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (fig. 4 e fig. 5), que esta é a linha de seu devenir. Toda evolução contém este princípio de dilatação, de desenvolvimento, de realização de um estado latente, na passagem da fase potencial à fase cinética; trata-se de uma tendência constante no universo. Neste caso significa a *transformação do movimento de rotação em movimento de translação*.

A primeira afirmação, portanto, para vos explicar a íntima gênese de β , é de que o sistema atômico tem *natureza espiralóide* (compreendendo a espiral como secção de uma esfera em processo de dilatação). Por causa dessa forma e de sua íntima estrutura, o átomo é o *centro normal* de emanações dinâmicas; é o *germe natural* (aquilo que a semente é na vida, devido ao mesmo princípio de expansão) *das formas de energia*.

A segunda afirmação é mais complexa. Disse-vos que o núcleo, centro de rotação eletrônica, não é o último termo. Acrescento agora:

o núcleo é um sistema planetário da mesma natureza e forma que o sistema atômico, interior a este, sendo composto e decomponível até ao infinito em sistemas interiores menores semelhantes. E acrescento mais: *o núcleo é a semente ou germe da matéria.*

Das 92 espécies de átomos, o hidrogênio é o mais simples, pelo fato de ser composto por apenas um núcleo e um só elétron, que lhe gira em torno. Ele é quimicamente indecomponível. Tirai aquele único elétron ao núcleo e tereis o *éter*, a substância-mãe do hidrogênio. Então o éter é composto apenas de núcleos sem elétrons; a passagem do éter ao H e, sucessivamente, a todos os corpos da série estequiogenética ocorre pela abertura progressiva do sistema espiralóide. No princípio, na passagem do éter ao H, temos a abertura do sistema do núcleo, com a saída de apenas um elétron; depois, de dois, três, até 92. Tal como o Sol no sistema solar, o núcleo é o pai prolífico de todos os seus satélites, nos quais se doa e se multiplica, por um princípio geral que encontrareis na reprodução por cisão. Por esse princípio, cada organismo, seja núcleo ou átomo, quando cresce demais, enriquecendo-se em seu desenvolvimento por evolução, cinde-se em dois. Portanto também a matéria produz filhos. As combinações químicas que produzis são, afinal, apenas combinações de sistemas, de trajetórias, de movimentos planetários. Então uma molécula é uma verdadeira família de indivíduos atômicos, unidos pelas relações de ação e reação, por vínculos mais ou menos estáveis, que podem romper-se e renovar-se diversamente. Sabeis com quão rigorosa exatidão essas combinações, essas parentelas, estreitam-se. Uma lei férrea e exata rege constantemente o equilíbrio das relações que vós representastes com as fórmulas químicas. Mas a verdadeira base da teoria atômica, cuja essência ainda não vos foi demonstrada, já vos disse agora, sendo ela dada pelos sistemas planetários atômicos que, reunindo-se nas moléculas dos corpos, combinam seus movimentos com toda a corte de seus satélites. A verdadeira química, como podeis ver, baseia-se toda na íntima arquitetura do átomo e dela deduz as propriedades dos corpos, sendo assim, no fundo, geometria, aritmética e mecânica astronômica, razão pela qual pode ser reduzida a um cálculo de forças. Portanto nada há de maravilhoso em que, de uma matéria assim, toda constituída de movimento e de energia, venha depois, espontaneamente, nascer β .

Assim como involução é concentração, a evolução é o processo inverso, ou seja, expansão. Dizeis que a matéria, ao chegar à sua última forma na série estequiogenética (dada pelo urânio, com um sistema planetário de 92 elétrons), desagrega-se por radioatividade. À ordem de formação sucessiva dos elementos vemos corresponder o aumento de peso atômico. Esse aumento, que atinge aqui seu máximo, é produzido pela passagem da energia de sua forma potencial, como está no núcleo, à sua forma cinética, como está nos diversos sistemas atômicos cada vez mais complexos. A emissão de cada novo elétron do núcleo implica sempre acréscimo de nova órbita, e esta, à proporção que nos aproximamos da periferia, torna-se cada vez mais veloz. Como vedes, o peso atômico, mais do que um simples índice do grau de condensação, está ligado à lei pela qual a massa de um corpo é função de sua velocidade e ao fato de que a solidez e a constituição da matéria são ambas função da velocidade que anima suas partes componentes.

Já notastes que a desagregação pela radioatividade é desintegração atômica, resultando em um novo deslocamento de equilíbrio do edifício atômico, do qual, por essa razão, partem emanções de caráter dinâmico. Chegando a esse ponto de sua evolução, o sistema máximo de γ apenas *continua* seu movimento de natureza espiralóide, seguindo sempre uma direção expansional, que encontramos em toda parte, desde o sistema espiralóide galáctico até à trajetória típica dos movimentos fenomênicos. Em outras palavras, a espiral continua abrindo-se *até ao ponto em que os elétrons, não voltando mais a girar em torno do núcleo como satélites, lançam-se aos espaços como os cometas, com trajetórias independentes*. Chegando à máxima órbita periférica, onde é máxima a velocidade de translação, rompe-se o equilíbrio atração-repulsão, até então estável, e os elétrons, não podendo mais manter-se na órbita precedente, projetam-se como bólidos para fora do sistema, impulsionados em direção a novos equilíbrios. Praticamente, cada elétron circula com velocidade angular uniforme em sua órbita, que pode ser considerada como circular, pois a abertura espiralóide apresenta deslocamentos mínimos. No âmbito das forças da astronomia atômica, para cada órbita há um equilíbrio entre a atração exercida no elétron pelo núcleo e a força centrífuga devida à massa e

à rotação do elétron, que tende a lançá-lo na direção periférica. Compreendeis que, se a velocidade de rotação das partículas periféricas for de uma ordem tal que o impulso centrífugo supere a força de atração pela qual elas são mantidas em órbita, então elas escapam tangencialmente para o espaço. Quando digo elétron, não digo matéria em vosso conceito sensório, mas entendo outro turbilhão dinâmico, que assume características de matéria somente enquanto está em seu sistema circular fechado, todo vibrante de íntima velocidade, pela qual é dada a sua massa. Chegando ao último grupo da série estequiogenética, dado pelos corpos radioativos, γ inicia sua transformação em β por progressiva expulsão de elétrons (cometas). É lógico que a isso corresponde uma perda de massa. As qualidades radioativas, em outros termos, tornam-se cada vez mais evidentes, acentuando-se a tendência à desagregação espontânea e à formação de individuações químicas sempre mais instáveis, cujo sistema de forças se desloca sempre mais rapidamente em busca de novos equilíbrios.

Tenho-vos exposto assim a íntima estrutura do fenômeno, explicando-vos o porquê do aparecimento da radioatividade no limite extremo da série estequiogenética, assim como os motivos da instabilidade dos corpos radioativos e da desagregação da matéria. Lembrai-vos de que, neste momento decisivo do universo, quando ele muda da fase γ à fase β , sua dimensão também muda, como já vimos, de espaço para tempo; a terceira dimensão espacial do volume completa-se, portanto, na nova dimensão temporal, unidade de medida característica da nova forma de movimento, não mais circular, e sim ondulatório.

XLVII. A DEGRADAÇÃO DA ENERGIA

Antes de passar ao estudo da série das individuações de β , a fim de traçar uma árvore genealógica das espécies dinâmicas, que é semelhante e dá continuidade à série estequiogenética, observemos um fenômeno persistente nesse campo, característico das formas de energia e correspondente ao já observado processo de desagregação da matéria ou desintegração atômica, do qual ele é apenas uma continuação, embora vós, mesmo conhecendo-o, não tenhais compreendido seu íntimo significado: *a degradação da energia*.

Aproximo esses dois fenômenos em razão de sua característica comum, que é justamente exprimir o desaparecimento, diante de vossa percepção sensória, das duas formas: γ e β . Na realidade, porém, tanto a desintegração atômica como a degradação dinâmica, se significam “desaparecimento” para vossos sentidos, não constituem desaparecimento ou término de fato, mas apenas mudanças de forma dentro do transformismo evolutivo. Assim como, na desintegração da matéria, nada desaparece de fato, porque a matéria renasce como energia, também, na desintegração dinâmica, a anulação é relativa apenas aos vossos meios de percepção, dizendo respeito àquilo que, para vós, constitui as possibilidades utilitárias da energia.

Observemos então o fenômeno. Está provado, inclusive pela observação, que todas as transformações da energia ocorrem segundo uma lei constante de degradação, pela qual a energia, mesmo permanecendo constante (*princípio de conservação da energia*) em sua quantidade total, tende a se difundir, dispersando-se no espaço, e a passar do estado heterogêneo ao homogêneo, nivelando num estado de equilíbrio as suas diferenças. Esta deterioração, portanto, é no sentido de que a soma dos efeitos úteis e a capacidade de trabalho da energia estão sempre diminuindo (*princípio da degradação da energia*). Esses dois princípios opostos, de conservação e de degradação (perda de energia útil), provam o perene transformismo e a indestrutibilidade da Substância, mesmo em sua forma β .

Essas duas leis demonstram que o fenômeno do transformismo da substância indestrutível tem uma direção exata e que essa direção é

irreversível. Em outras palavras, é possível a transformação da energia, mas sempre passando para um tipo de qualidade inferior, do ponto de vista de seu rendimento prático para o homem. Assim a energia acumulada tende sempre a se dispersar, jamais ocorrendo o contrário. Todo sistema tende para um completo estado de difusão, de equilíbrio, de repouso, de igualdade, como consequência de uma série de transformações que operam constantemente nessa direção, e nunca na direção oposta. Tudo parece condenado a se apagar, a se anular, a desaparecer.

Qual o significado desse irreversível fenômeno de degradação?

Primeiro: em vossa atual fase, de transformação do caos em equilíbrio, o universo tende a um estado de ordem e de ritmo, que é substancialmente um estado mais evoluído e perfeito. Em outros termos, a irreversibilidade demonstra a evolução.

Segundo: embora atualmente, em vosso universo, toda transformação de energia leve à sua degradação, sendo sempre inevitável uma perda definitiva, devido à irreversibilidade, é necessário, contudo, que, nas grandes linhas de um equilíbrio mais vasto, esse movimento encontre sua compensação. A irreversibilidade demonstra que viveis na fase da expansão dinâmica, na qual β parece desgastar-se e dispersar-se. Mas a lógica vos indica que a Lei contém o período complementar de compensação, a fase inversa na qual a irreversibilidade se desenvolve no sentido contrário, não mais o vosso atual, $\gamma \rightarrow \beta$, e sim o período precedente de involução e concentração dinâmica, $\beta \rightarrow \gamma$, que já vimos. A marcha do universo no sentido oposto já aconteceu. Portanto, em vosso atual período evolutivo, ascensional, a degradação dinâmica significa, debaixo da aparência de dispersão, uma transformação substancial para as formas mais altas (α). Assim como, na desintegração atômica, a matéria se dissocia para constituir as mais altas formas expressas por β , também a energia, embora pareça perder-se em sua degradação, na realidade amadurece para se transformar nas mais altas formas que a evolução atingirá na fase α . Vemos, então, que irreversibilidade e degradação confirmam não apenas toda a nossa exposição realizada no estudo da gênese das criações sucessivas, mas também todas as indicações contidas na linha quebrada ascendente do diagrama da fig. 2 e na espiral de abertura contínua da fig. 4,

segundo as quais todo desenvolvimento se dá por constantes retornos, inversos ao caminho percorrido.

De tudo isso, podeis compreender não só a razão pela qual a característica da irreversibilidade, para a energia, é relativa e confina-se ao âmbito da fase $\gamma \rightarrow \beta$, mas também o desequilíbrio absurdo que geraria no todo uma irreversibilidade absoluta, estando tal condição totalmente fora do conceito da Lei. Cada movimento presume seu movimento contrário e equivalente. Assim o movimento ondulatório, que nasce pela expansão do movimento espiralóide, presume, na fase inversa precedente, a concentração do movimento ondulatório numa espiral que restringe cada vez mais suas volutas, até à formação daquele núcleo no qual se constitui o éter, que é o germe de toda a expansão estequiogenética de γ e, depois, da expansão dinâmica de β .

XLVIII. SÉRIE EVOLUTIVA DAS ESPÉCIES DINÂMICAS

Lançados fora do sistema planetário atômico – que se desfaz pela abertura da espiral, através da ruptura do equilíbrio atrativo-repulsivo do sistema – os elétrons (estes também vórtices de velocidade) conservam em sua nova trajetória ondulatória a lembrança do movimento circular original. A dimensão espaço multiplica-se pela nova dimensão tempo, dando origem às novas unidades de medida da energia: *comprimento de onda e velocidade de vibração*. Em função dessas unidades, podemos estabelecer então a *série evolutiva das espécies dinâmicas*.

Vimos a gênese da *gravitação*, protoforça típica do universo dinâmico, e algumas de suas características. Esta emanação dinâmica da matéria nós a vemos acentuar-se em razão direta da evolução de γ , com o aumento constante dos pesos atômicos no desenvolvimento progressivo da série estequiogenética, onde, no grupo dos corpos radioativos, nasce a segunda forma de energia: os raios X. A sucessão genética entre as duas formas é evidente. Assim, superado aquele traço de união que liga matéria e energia, entramos nas formas dinâmicas puras.

Escalonando as formas dinâmicas de acordo com *sua velocidade vibratória*, a gravitação atinge os *máximos do sistema*, apresentando também, como já vimos, a máxima velocidade de propagação, razão pela qual chegou-se a acreditar numa gravitação absoluta e instantânea, quando na verdade, como dissemos, ela é relativa à massa dos corpos e transmitida por ondas (tempo).

A máxima *frequência vibratória* que podeis apreciar é dada pelos *raios X*, sendo estes a primeira forma dinâmica que conseguis observar isolada. Verificaremos, na sucessão das formas dinâmicas, um constante *decréscimo* na frequência de vibração, à proporção que nos afastamos das origens, subindo da gravitação à luz, à eletricidade etc. É lógico que as primeiras *emanações dinâmicas*, como gravitação e raios X, *sejam as mais cinéticas*, pois estão mais próximas da fonte de seu movimento: o vórtice atômico. Com a evolução (por causa daquela lei de degradação que estudamos), a

vibração tende ao repouso, através de um alongamento cada vez maior da onda, o que significa a transformação do movimento de rotação original em translação pura, final do período β . Porém, como vos disse, não se trata de desgaste nem de fim, mas sim de uma íntima maturação evolutiva, que preludia as formas de α : a vida e a consciência. Se as primeiras formas dinâmicas são mais rápidas e mais poderosas, as últimas são as mais sutis e as mais evoluídas.

Se observardes a frequência progressiva (ciclos por segundo) das vibrações de um corpo no espaço, verificareis o aparecimento das várias formas de energia. O fenômeno não é novo para vós, tratando-se aqui apenas da sua constatação. Se, a fim de facilitar a observação, partirmos do estado de repouso, que é para nós, ao contrário, o ponto de chegada, verificaremos no nível de 32 vibrações por segundo a manifestação da forma que denominais *som*. Até mesmo o ouvido consegue, nas notas mais baixas, perceber o ritmo vibratório lento e profundo. A frequência progressiva se desenvolve sucessivamente, por oitavas, princípio este que já encontramos na série estequiogenética e que, depois, reencontramos na luz, nos sistemas cristalinos e na zoologia. Perto das 10.000 vibrações por segundo, os sons, tornando-se agudíssimos, perdem qualquer caráter musical. Além das 32.000 vibrações por segundo, vosso poder de percepção auditiva cessa, e elas não vos dão mais nenhuma sensação. Dessa frequência até ao bilhão de vibrações por segundo, nada existe para os vossos sentidos. Por volta do bilhão, tendes a zona das *ondas elétricas* (hertzianas). Somente neste nível entramos no campo das verdadeiras formas dinâmicas, cujas ondas se propagam através do éter. As ondas acústicas são apenas a última fase de degradação da energia, que se extingue na atmosfera densa.

À zona das ondas elétricas sucede, dos 34 bilhões até os 35 trilhões, outra região, também *desconhecida* de vossos sentidos e instrumentos. Segue-se depois a região que vai dos 400 aos 750 trilhões de vibrações por segundo, na qual está a *luz*, do vermelho ao violeta, em todas as cores do espectro solar. Mais exatamente tem-se: *vermelho* (raio menos refratário), média de 450 trilhões de vibrações por segundo; *laranja* – 500; *amarelo* – 540; *verde* – 580; *azul* – 620; *anil* – 660; *violeta* (raio mais refratário) – 700. Eis as sete notas desta nova oitava ótica, tudo quanto vossos olhos percebem.

Vossa harmonia de cores não pode ultrapassar uma oitava de vibrações. Além destas, há outras “notas”, invisíveis a vós: os raios *infravermelhos*, “notas” graves demais para vossa retina, e as radiações *ultravioletas*, “notas” agudas demais, ambas situadas nas regiões dinâmicas limítrofes ao espectro visível. As primeiras são sensíveis apenas como radiações caloríficas (escuras); as segundas são percebidas por sua ação química e actínica (fotografáveis, mas escuras para os olhos). Logo após um breve trecho inexplorado, situado imediatamente abaixo das notas mais graves do infravermelho, estão as notas mais agudas das radiações eletromagnéticas hertzianas. Se continuardes do lado oposto, além do ultravioleta, o exame do espectro químico (muitas vezes mais extenso que o espectro visível), atravessareis uma região *desconhecida* a vossos sentidos e atingireis, na faixa dos 228 quatrilhões, uma zona que alcança os dois quintilhões de vibrações por segundo. Esta é a região da radioatividade, onde ocorre, como consequência da desintegração atômica radioativa, a emissão dos raios *alfa*, *beta* e *gama*, análogos aos produzidos pelas descargas elétricas (elétrons lançados em alta velocidade) no tubo de vácuo de Crookes (raios X, ou raios de Röntgen). Se continuardes ainda, encontrareis as emanções dinâmicas de ordem gravífica. Neste ponto, a série evolutiva das espécies dinâmicas liga-se à das espécies químicas, *da qual é a continuação*.

Compreendamos agora o significado desses fatos. A série apresenta evidentes lacunas para vossa observação. No entanto, uma vez que eu vos indiquei o andamento geral do fenômeno e o princípio pelo qual este é regido, podeis, seguindo sua lei, defini-la a priori em suas fases ignoradas, por analogia com as fases conhecidas, como vos disse a respeito dos elementos químicos ignorados da série estequiogenética.

A ligação entre esta e a série dinâmica está justamente na fase das ondas gravíficas, como já vimos. Observamos também a região contígua às emanções radioativas. A escala evolutiva das formas dinâmicas, na verdade, *sobe* destas fases de máxima frequência para as de menor frequência, em *ordem inversa* à que, para simplificar a exposição, seguimos acima. Em outras palavras, *a evolução dinâmica implica num processo de degradação de energia*, até que

esta – decaindo para vibrações cada vez mais lentas, em meios cuja densidade, em contraste com a do éter, é cada vez maior (atmosfera, líquidos e sólidos) – se extinga. O contato com as formas de γ é estabelecido apenas pelos tipos dinâmicos mais cinéticos, o que é lógico, dada a natureza e a transformação do movimento. À proporção que se afastam de γ , os tipos tendem a um estado de inércia, sendo isso também lógico, tendo em vista a exaustão (resistência do ambiente e processo de difusão) do impulso original (degradação). Dessa maneira, *a ordem evolutiva das formas dinâmicas* é a seguinte (considerando somente as regiões que conheceis):

1º) *Gravitação*.

2º) *Radioatividade*.

3º) *Radiações químicas* (espectro invisível do ultravioleta).

4º) *Luz* (espectro visível).

5º) *Calor* (radiações caloríficas escuras. Espectro invisível do infravermelho).

6º) *Eletricidade* (ondas hertzianas, curtas, médias e longas).

7º) *Vibrações dinâmicas* (ultrassons, sons).

Sete grandes fases também aqui, correspondentes às sete séries de isovalências periódicas que, na escala estequiogenética, desde S_1 até S_7 , representam os períodos de formação e evolução da matéria. As zonas de frequências intermediárias (também desconhecidas, tais como as que tendes na série estequiogenética) são as fases de transição entre um tipo e outro desses pontos culminantes. Na ascensão, decrescem as qualidades cinéticas, o potencial sensível das formas, porém o que se perde em quantidade de energia adquire-se em qualidade, ou seja, perdem-se cada vez mais as características da matéria, ponto de partida, e cada vez mais adquirem-se as da vida, ponto de chegada. Assim, partindo da matéria, a Substância percorre o caminho da fase β e chega à vida.

Observemos agora o conjunto do fenômeno mais de perto, em sua íntima *estrutura cinética*. Essas formas podem ser individuadas não apenas pela frequência vibratória, mas também pelo *comprimento de*

onda. Veremos as relações entre esses dois fatos. Comprimento de onda é o espaço percorrido pela onda durante um período vibratório. Individuadas pelo comprimento de onda, as formas dinâmicas apresentam-se com características próprias. Enquanto, subindo-se ao longo da série das espécies dinâmicas, *o número de vibrações diminui, o comprimento da onda aumenta*. Assim, por exemplo, no espectro do *violeta ao vermelho*, enquanto a frequência decresce dos 700 aos 450 trilhões de vibrações por segundo (decrecendo também o poder de refração), o comprimento de onda aumenta respectivamente de $0,4\mu$ (zona violeta) até $0,76\mu$ (vermelho). Estes são, na faixa das radiações visíveis (a letra grega μ significa *mícron*: um milésimo de milímetro), os limites para os comprimentos de onda, que continuam a aumentar na direção do *infravermelho* e das *ondas elétricas*, e a diminuir na direção do *ultravioleta* e dos *raios X*.

Ao atingirdes os $0,2\mu$ (ultravioleta), ultrapassando *o extremo ultravioleta*, encontrais os raios X. Ora, os *raios X* de maior comprimento de onda são apenas *raios ultravioletas* e vice-versa. Estamos nos $0,0012\mu$. Continuando na outra extremidade da série dos raios X, encontrais os raios γ , que são os mais duros e mais penetrantes, gerados pela desintegração dos corpos radioativos. Alcançais assim o comprimento de onda de $0,0005\mu$.

Na direção oposta, a onda *aumenta*. Além dos raios *vermelhos*, a zona de radiações invisíveis do *infravermelho* vai de um comprimento de $0,76\mu$ a 60μ e além. Depois de uma zona inexplorada, aparecem radiações de comprimento ainda maior, as ondas hertzianas, que vão de poucos milímetros (milhares de μ) a centenas e milhares de metros, como aquelas usadas por vós nas transmissões radiofônicas.

Essa relação inversa, ou seja, tanto a *decrecente rapidez vibratória* como a *progressiva extensão do comprimento de onda*, corresponde ao mesmo princípio de *degradação da energia*. Nessa degradação – que não exprime perda nem fim, mas apenas transformação, através da qual se readquire em qualidade o que se perde em quantidade – está a substância da evolução.

Se permanecermos no campo das vibrações puras, inerentes ao éter, excluindo da série as últimas fases (vibrações dinâmicas) de degradação em meios mais densos, encontraremos no ápice da

escala, como a forma mais evoluída, a *eletricidade*, com *frequência vibratória mínima e comprimento de onda máximo*. A frequência de vibrações se tornou mais lenta, a onda se estendeu. A potência cinética aqui se amorteceu numa zona mais tranquila. Chegando a esse ponto, as formas dinâmicas criam o substrato de um novo e poderoso impulso, com um novo modo de ser. A evolução, ao atingir o mais alto vértice da fase dinâmica, caminha para novas criações e, mediante a reorganização das formas individuadas em unidades múltiplas coletivas, passa desta sua última especialização para uma espécie de classe mais elevada. Sem esta retomada evolutiva, o universo dinâmico tenderia, por degradação, ao nivelamento, à inércia, à morte¹¹. Esse seria seu fim, se, no momento da mais avançada degradação da energia, nos primeiros sinais de velhice das formas dinâmicas, o íntimo e intenso trabalho realizado (que é na sua substância maturação evolutiva, e não degradação) no sentido de chegar às espécies dinâmicas maduras, prontas assim para serem organizadas em individuações mais complexas, não fosse utilizado.

Assim como, no último degrau da série estequiogenética, os corpos radioativos se transformam em energia, também, no último degrau da série dinâmica, *a eletricidade se transforma em vida*. Tal como, diante da matéria, a energia significou o surgimento do princípio novo do movimento por onda e da nova dimensão tempo, também a vida, diante da energia, significará o aparecimento do princípio novo da unidade orgânica (coordenação de forças, transmissão dinâmica elevada a entrelaçamento inteligente de contínuas trocas) e da nova dimensão *consciência*.

XLIX. DA MATÉRIA À VIDA

Da mesma forma que a natureza cinética dá à energia sua característica fundamental de se transmitir (dimensão espaço que ascende à dimensão tempo), o novo princípio de coordenação das forças, num mais débil e transitório, porém mais sutil, complexo e profundo entrelaçamento cinético, dá à energia, elevada a vida, sua característica fundamental de consciência (dimensão tempo que ascende à dimensão consciência). Então, assim como toda forma de energia se individua num tipo bem definido, as formas de vida também se individualizam numa fisionomia própria, assumindo uma tendência a se conservar em seu modo de ser, na condição de indivíduo que deseja afirmar-se e distinguir-se de todos os afins, com movimento, forma, direção e, portanto, objetivo próprios: um eu que já possui, assim, os elementos fundamentais da personalidade e, não obstante seu contínuo devenir, conserva inalterado seu tipo. Nas formas de vida, à medida que a Substância atinge graus de evolução e diferenciação mais elevados, o princípio de individuação se torna cada vez mais evidente. Na energia, as formas já conquistam uma *existência própria independente* de sua fonte originária. A luz, uma vez lançada, destaca-se e existe por si mesma, progredindo no espaço. Do infinito vos chega luz estelar emanada há milhares de anos, sem que sequer saibais se a estrela da qual ela se originou ainda existe. E o som continua, avança e chega, quando a causa das vibrações já está em repouso. Se as formas de energia, uma vez geradas, sabem pelo seu próprio princípio existir no espaço, a autonomia na vida é completa. Assim como, pela comunidade de origem e pela afinidade de caracteres, as formas químicas e depois as formas dinâmicas são parentes, também são parentes entre si, pela gênese e pelos caracteres, todas as formas de vida, fundindo todos os seres existentes, orgânicos e inorgânicos, numa fraternidade universal. Fraternidade substancial, dada pela identidade de material constitutivo, modo de ser e objetivo a atingir; fraternidade que, tornando possível todas as trocas inerentes à vida, permite a convivência numa simbiose universal.

Voltemos o olhar para o caminho já percorrido. Após β concentrar

seu íntimo movimento no núcleo, unidade constitutiva do éter, o movimento de descida involutiva, ou de concentração cinética, ou de condensação da Substância, inverte-se, seguindo na direção oposta, como movimento de subida evolutiva, ou de descentralização cinética. O núcleo, ponto de síntese máxima do potencial dinâmico no transformismo fenomênico $\beta \rightarrow \gamma$, restitui, por sucessiva emissão de elétrons, a energia cinética concentrada em si. Percorramos agora a fase γ , assistindo ao desenvolvimento da série estequiogenética. Se, na química, temos como primeiro estágio o hidrogênio, na astronomia temos como ponto de partida a nebulosa, ou seja, matéria jovem, universo jovem, estrelas quentes, estado gasoso, fase ainda de alta concentração dinâmica. Enquanto de um lado desenvolve-se a árvore genealógica das espécies químicas, do outro evolui a vida das estrelas, que envelhecem, resfriam-se e solidificam-se, assumindo constituição química, luz e espectro diferentes, à medida que se afastam do centro genético do sistema galáctico. Há uma completa maturação em paralelo, tanto da substância como da forma. Noventa e dois elétrons são um após outro lançados fora da órbita espiralóide nuclear, continuando cada um deles a girar em sua órbita ligeiramente espiralóide. Constroem-se assim, sucessivamente, os edifícios atômicos cada vez mais complexos dos corpos químicos indecomponíveis, segundo uma escala de pesos atômicos crescentes. Aqui se torna possível uma aproximação entre o *vórtice galáctico* e o *vórtice atômico*. A gênese e o desenvolvimento do primeiro podem dar-vos um exemplo tangível da gênese e do desenvolvimento do segundo. Enquanto a energia se concentra no núcleo (éter) – centro genético das formas de γ – paralelamente o universo, na fase dinâmica, concentra-se na nebulosa, mãe da expansão galáctica espiralóide. Inversamente, as estrelas, durante o processo de sua evolução, projetam-se do centro à periferia, com velocidades progressivas à proporção que envelhecem e se afastam desse centro, sendo a técnica desse fenômeno coincidente com aquela do desenvolvimento espiralóide do átomo. Uma vez mais, os fenômenos confirmam a atuação da trajetória típica dos movimentos fenomênicos em seus dois movimentos, involutivo e evolutivo.

Assim, do éter – último termo da descida de β – nasce a matéria, que depois, por evolução atômica, seguindo a sequência dos corpos

sempre no sentido do peso atômico crescente, alcança as espécies radioativas. Primeiro o magnésio, o silício, o cálcio; depois aparecem os elementos mais sólidos, como a prata, a platina e o ouro, menos jovens. Vós os encontrais no velho sistema solar, em sua parte mais solidificada e resfriada: os planetas. Os corpos simples, no estado gasoso, como hidrogênio, oxigênio e nitrogênio, são mais raros em vosso globo. Aqui aparece a radioatividade, fenômeno tão difuso, que se configura como uma função inerente à matéria, em vista do atual estágio de vosso planeta. Em direção ao centro deste, onde a matéria se manteve mais quente e está menos envelhecida, são mais raros os corpos radioativos, tanto que, apenas a 100 km de profundidade, a radioatividade quase desaparece. Depois de completada a maturação das formas de γ , ocorre também uma expansão do vórtice galáctico, do centro à periferia, com o resfriamento e a solidificação da matéria. Essa então termina seu ciclo de vida, e a Substância assume novas formas, transformando-se lentamente em individuações de grau mais elevado. A dimensão espaço ascende à dimensão tempo. A matéria inicia uma transformação radical, doando todo o seu movimento tipo γ ao movimento tipo β . O vórtice nuclear do éter desenvolve na fase γ o vórtice atômico da matéria. Chegando ao máximo da dilatação, esse vórtice continua a se expandir, desenvolvendo as formas dinâmicas, e assim nasce a energia. A Substância continua a evoluir, prosseguindo sua ascensão em β . A primeira emanção gravífica, de comprimento de onda mínimo, com frequência vibratória e velocidade de propagação máximas no sistema dinâmico, completa-se com a emanção radioativa da desintegração atômica. O processo de transformação dinâmica, que tem suas raízes na evolução estequiogenética, isola-se então, afirmando-se decididamente. Com a ruptura de seu vórtice, o sistema atômico se decompõe, *expelindo progressivamente seus elétrons, os quais também nasceram do sistema nuclear por emissões semelhantes*. Trata-se de uma constante realização daquilo que existe como potencialidade, encerrado em germe por concentração de movimento. Depois da gravitação e da radioatividade nascem novas espécies dinâmicas: as radiações químicas, a luz, o calor, a eletricidade, sempre em ordem de frequência vibratória decrescente e comprimento de onda

progressivo. A matéria, que viveu e não tem mais vida própria, responde ao impulso desse novo turbilhão dinâmico que ela mesma gerou, sendo toda invadida e movimentada por ele. Assim é o vosso atual universo: matéria em agonia e energia em plena maturidade, com a vida e a consciência ainda jovens, em vias de formação. Os cadáveres da matéria já solidificada, sem a vida característica da formação química, lançados e sustentados nos espaços pela gravitação, inundados de radiações de toda espécie, são apenas o sustentáculo de formas de existência mais altas. Da eletricidade (a forma dinâmica mais madura), numa nova grande curva da evolução, nasce, e veremos como, a vida. Assim, organizada como vida, a matéria é retomada num turbilhão ainda mais alto. Vida, pequena centelha em sua origem, que continua a expansão evolutiva do princípio nuclear, atômico e dinâmico (onda), numa forma cada vez mais complexa de coordenação de partes, de especialização de funções, de organização de unidades e de atividades; vida, cujo significado, objetivo e produto, em sua substância, é a *criação da consciência*: α , o espírito. E da primeira célula se iniciará, através de miríades de formas e de tentativas, de fracassos e de vitórias, a lenta conquista que gradualmente triunfará no homem, a mesma conquista que hoje se lança, a partir do homem, para as últimas fases do terceiro período de vossa evolução, cujo objetivo se resume na conquista da superconsciência e na realização biológica do Reino de Deus.

L. NAS FONTES DA VIDA

“...e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas”.

(Gênese – Cap. I)

Nova luz maravilhosa alvorece no horizonte do mundo fenomênico. No tépido regaço das águas, o planeta se prepara para acolher o primeiro gérmen, princípio de um novo modo de existir. O momento é solene. O universo, quase consciente do esforço titânico da Substância nascente, da qual brotará, no ponto culminante, a síntese máxima: a vida, assiste à gênese da suprema maravilha, amadurecida em seu seio através de períodos incomensuráveis de lenta preparação. Nasce a flor mais complexa e mais bela, em que mais límpido transparece o conceito da Lei e o pensamento de Deus. Deus, sempre presente no âmago das coisas, aparece sempre mais evidente à medida que o ser ascende. Nesta sua progressiva manifestação, Ele se aproxima cada vez mais de sua criatura.

Ao eclodir da primeira centelha nos confins extremos do mundo dinâmico, saturado de passado e totalmente amadurecido, o universo treme evocador e clarividente. A matéria existira, a energia movimentara-se, mas somente a vida saberia chorar ou se alegrar, odiar ou amar, discernir e escolher, compreender o universo e a Lei e pronunciar o nome de seu Pai: Deus. Nasce a vida; não a forma que vedes, mas o princípio que criará para si mesmo aquela forma, como veículo e meio de ascensão. Neste princípio, que animará a primeira massa protoplasmática, está o germe de todas as sucessivas e ilimitadas realizações de cada nova forma da Substância, sempre ascendentes, cada vez mais elevadas, até às emoções e às paixões; nele está o germe do bem e do mal, assim como de todo o vosso mundo ético e intelectual. A fuga eletrônica de um raio de sol se transformará em beleza e alegria, sensação e consciência.

Nosso caminho, alcançando a vida, atinge regiões cada vez mais elevadas. Desta exposição irrompe um hino de louvor ao Criador. Minha voz se funde no imenso canto de toda a criação. Diante do mistério que se realiza no momento supremo da gênese, a ciência torna-se mística expansão; a exposição árida, permeada pelo hálito

do sublime, incendeia-se; o senso do divino sopra através da crua fenomenologia científica. Diante das coisas supremas, dos fenômenos decisivos, que somente aparecem nas grandes curvas da evolução, os princípios racionais da ciência e os princípios éticos das religiões se fundem no mesmo lampejo de luz, numa única verdade. Por que deveria a verdade racionalmente descoberta por vós ser diferente da verdade que vos foi revelada? Diante da última síntese, caem os inúteis antagonismos de momento do vosso espírito unilateral e cego. Cada verdade e concepção parcial tem de reentrar no todo: tanto a ciência como a fé, o que nasce do coração e o que nasce da mente, a matemática mais avançada e a mais alta aspiração mística, a matéria e o espírito; nenhuma realidade, por mais relativa que seja, pode ser excluída. Se a ciência é realidade substancial, como pode permanecer fora da síntese? Se o aspecto ético da vida é também realidade substancial, como pode ser desprezado? Essas novas concepções podem chocar vosso misoneísmo; tão grande salto à frente talvez vos cause medo; esse conceito de Divindade pode encher-vos de desânimo, mais que de amor. Mas também tendes de admitir que, com isso, torna-se pequeno tão-somente o conceito do homem em relação ao conceito de Deus, que se agiganta além da medida. Isso poderá desagradar aos egoístas e aos soberbos, jamais às almas puras.

No momento solene, volita nos espaços um hálito divino. O pensamento, permeado pelo grande mistério, olha e recolhe-se em oração.

Orai assim:

“Adoro-te, recôndito eu do universo, alma do Todo, meu Pai e Pai de todas as coisas, minha respiração e respiração de todas as coisas.

“Adoro-te, indestrutível essência, sempre presente no espaço, no tempo e além, no infinito.

“Pai, amo-te, mesmo quando Tua respiração é dor, porque Tua dor é amor; mesmo quando Tua Lei é esforço, porque o esforço que tua Lei impõe é o caminho das ascensões humanas.

“Pai, mergulho em tua potência, nela repouso e me abandono, peço à fonte o alimento que me sustente.

“Procuro-te no âmago, onde Tu estás e de onde me atraís. Sinto-

Te de onde me chamas, no infinito, que não atinjo. Não Te vejo, no entanto ofuscas-me com Tua luz; não Te ouço, mas sinto o tom de Tua Voz; não sei onde estás, mas encontro-Te a cada passo; esqueço-Te e Te ignoro, no entanto ouço-Te em toda a minha palpação. Não sei individuar-Te, mas gravito em torno de Ti, como gravitam todas as coisas em busca de Ti, centro do universo.

“Potência invisível que rege os mundos e as vidas, Tu estás, em Tua essência, completamente acima da minha concepção. Que serás Tu, que não sei descrever nem definir, se apenas o reflexo de Tuas obras me enceguece? Que serás Tu, se já me assombra a incomensurável complexidade desta Tua emanção, pequena centelha espiritual que me anima integralmente? O homem Te busca na Ciência, invoca-Te na dor, Te bendiz na alegria. Mas, na grandiosidade de Tua potência, assim como na bondade de Teu amor, estás além, sempre além de todo o pensamento humano, acima das formas e do devenir, que é um lampejo do infinito.

“No ribombar da tempestade está Deus; na carícia do humilde está Deus; na evolução do turbilhão atômico, na arrancada das formas dinâmicas, na vitória da vida e do espírito, está Deus. Na alegria e na dor, na vida e na morte, no bem e no mal, está Deus; um Deus sem limites, que tudo abarca, estreita e domina, até mesmo as aparências dos contrários, que guia para seus fins supremos.

“E o ser sobe, de forma em forma, ansioso por conhecer-Te, buscando uma realização cada vez mais completa de Teu pensamento, tradução em ato de Tua essência.

“Adoro-Te, supremo princípio do Todo, em Teu revestimento de matéria, em Tua manifestação de energia, no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas; eu Te adoro, conceito sempre novo, bom e belo, inesgotável lei animadora do universo. Adoro-Te grande Todo, ilimitado além de todos os limites de meu ser.

“Nesta adoração, aniquilo-me e me alimento, humilho-me e me incendeio; fundo-me na Grande Unidade, coordeno-me na grande lei, a fim de que minha ação seja sempre harmonia, ascensão, oração, amor”.

Orai assim, no silêncio das coisas, olhando sobretudo para o âmago que está dentro de vós. Orai com espírito puro, com intenso

arrebatamento, com poderosa fé, e a radiação anímica, harmoniosamente sintonizada com grande vibração, invadirá os espaços. E ouvireis uma voz de conforto, que vos chegará do infinito.

LI. CONCEITO SUBSTANCIAL DOS FENÔMENOS BIOLÓGICOS

A evolução das espécies dinâmicas nos trouxe até à forma “eletricidade”, situada nas fronteiras da energia, no seu nível mais alto. Vimos que, substancialmente, a degradação dinâmica nada mais é senão evolução, significando a passagem para as formas menos poderosas e cinéticas, porém mais sutis, complexas e perfeitas. Vosso universo caminha visivelmente de um estado de caos, que é apenas a fase de tensão da primeira explosão dinâmica, para um estado final de ordem. Assim, partindo de um ambiente caótico, o universo chega, através de uma fase de preparação, a um ambiente de equilíbrio e coordenação de forças, no qual nasce a vida. Em outras palavras, o fato de ter a evolução dinâmica atingido a forma de eletricidade significa a formação de um ambiente mais equilibrado, onde é possível surgir aquela nova ordem (superior coordenação e organização de forças) que denominais vida. Essa nova ordem se aperfeiçoará cada vez mais, prosseguindo, em continuação ao caminho evolutivo já percorrido, para coordenações e organizações mais complexas e completas: orgânicas, psíquicas e sociais, pois, com a vida, inicia-se também a manifestação de suas leis e de seus equilíbrios superiores, que dirigirão também, nos níveis mais altos, a vossa existência individual e coletiva.

Mas como ocorre a transformação da eletricidade em vida? Pode-se compreender essa passagem pela redução do fenômeno à sua substância *ou íntima estrutura cinética*, assim como fizemos para as formas de $\gamma \rightarrow \beta$. Desde as primeiras fases da vida, o ritmo dinâmico se transforma em outros ritmos, que se fundem em harmonias mais complexas, numa verdadeira sinfonia de movimentos. A matéria vos dá o princípio estático da estrutura e da forma; a energia, o princípio dinâmico da trajetória e da transmissão; a vida, o princípio psíquico do organismo e da consciência.

Uma primeira observação fundamental: o modo pelo qual colocamos o problema do ser, em termos de um fisio-dinamopsiquismo ao longo do transformismo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, nos leva a uma concepção de vida diferente da vossa, muito mais substancial.

Geralmente, procurais a vida em seus efeitos, não em suas causas; na forma, não no princípio. Conheceis da vida as últimas consequências, mas descurastes, a priori e de propósito, seu centro gerador. Tivestes até a ilusão de poder reproduzir a gênese dos processos vitais, provocando os fenômenos últimos e mais afastados da causa determinante. Ora, *a verdadeira vida não é uma síntese de substâncias proteicas, mas sim o princípio que estabelece e dirige essa síntese*; a vida não reside na evolução das formas, mas sim na evolução do centro imaterial que as anima; a vida não está na química complexa do mundo orgânico, mas sim no psiquismo que a guia.

Observai, agora, *como nosso ingresso no mundo biológico ocorre precisamente por via das formas dinâmicas*. Com a eletricidade, situada no vértice desta série, *desembocamos não na forma, mas no princípio da vida*, no motor genético das formas, e isto porque caminhamos sempre aderentes à substância, permanecendo no âmago dos fenômenos, onde está a sua essência. Leva-nos este fato a uma colocação nova para vós do problema da vida, conduzindo a uma completa compreensão de seu aspecto profundo e substancial (o lado psíquico e espiritual), e isto desde o primeiro aparecimento dos mais elementares fenômenos biológicos, em que já está presente, embora de forma rudimentar, aquele psiquismo. *A nossa biologia é de substância*, não de forma. Alcançamos não a veste orgânica, que se modifica, mas o princípio, que não morre; não a aparência exterior dos corpos físicos, mas a realidade íntima que os anima; não o que se desfaz, mas o que permanece; não o indivíduo nem as espécies em que as formas se reagrupam e se encadeiam em desenvolvimentos orgânicos, mas a expansão do conceito dirigente do fenômeno do psiquismo que vos preside; não a evolução dos órgãos, mas a evolução do eu que os melhora e os plasma para si, como meios para sua própria ascensão. Vista assim, em sua luz interior, a biologia, mesmo na crua análise de suas forças motrizes, coincide com o mais alto espiritualismo das religiões. Isto se dá porque as vicissitudes do princípio psíquico que evolui da ameba ao homem são as mesmas que depois amadurecem na ascensão espiritual da consciência que se eleva a Deus pela fé. A pequena centelha se tornará então incêndio; o primeiro vagido tímido será o canto potente de todo o planeta. Aqui

vedes, reunidos numa completa e harmônica fusão, os princípios das religiões e os métodos do materialismo; unificando a cindida aspiração do espírito humano.

As três fases de vosso universo são γ , β , α . A passagem ocorre da matéria (γ) para a energia (β) e desta para o espírito (α). *As formas dinâmicas se abrem por evolução, não na vida como a entendeis, mas no psiquismo, que é a causa dessa vida.* Assim, o fenômeno da vida, em vez de permanecer isolado, concatena-se com os fenômenos da matéria e da energia, assumindo um conteúdo totalmente novo e um significado imensamente mais elevado. Podemos investigar a gênese científica do princípio espiritual da vida sem minimizar com isso, de modo algum, a grandeza e a profundidade divina do fenômeno. A energia é o sopro divino que anima a matéria, elevando-a para um nível mais alto. O Pentateuco, no capítulo II da Gênese, diz:

“O Senhor Deus, então, formou o homem da lama da terra e soprou-lhe na face o sopro da vida, e o homem foi feito alma vivente”.

A lama da terra representa a matéria inerte, as substâncias químicas do mundo inorgânico. O grande sopro que move e vivifica a matéria cósmica – “ $\alpha\psi\mu\omicron$ ”, alma, espírito, paixão, turbilhão – não é somente acrescentado, mas também fundido a ela. Sabemos que Deus não está fora das coisas, atuando como potência exterior, mas sim no íntimo delas, onde opera profundamente, na sua essência. Não atribuais corpo e hálito à Divindade. Compreendei que naquelas palavras não pode existir mais do que uma humanização simbólica de uma realidade mais profunda.

LII. DESENVOLVIMENTO DO PRINCÍPIO CINÉTICO DA SUBSTÂNCIA

A vida é um impulso íntimo. Devemos, portanto, estudar *a gênese desse impulso*. Precisamos nos referir ao que dissemos no estudo da cosmogonia atômica e dinâmica. Como vimos lá, a substância da evolução é a expansão de um princípio cinético que se dilata continuamente, do centro à periferia; uma extrinsecação de movimento que passa do estado potencial ao estado atual; uma causa que permanece idêntica a si mesma, embora produzindo seu efeito. As infinitas possibilidades concentradas no processo involutivo precedente manifestam-se nesse inverso e compensador movimento centrífugo evolutivo. Vossas fases, γ , β , α , são apenas três zonas contíguas desse processo de descentralização. Vossa evolução atual está suspensa entre centro e periferia: dois infinitos. Somente se colocados assim, como substância cinética da evolução, reduzidos a seu último termo, os fenômenos são compreensíveis e analisáveis. O movimento assume formas diferentes, e cada forma é um grau, uma fase da evolução, um modo de ser da Substância. *No âmago existe o movimento*, e, quando a Substância muda sua trajetória, exterioriza-se à vossa percepção uma correspondente mudança de forma: o movimento assume uma roupagem diferente. No fundo, isso nada mais é do que a expressão do pensamento de Deus.

Para que o impulso proveniente do centro possa atingir a periferia e deslocar em mais uma fase o sistema dinâmico de vosso universo, é necessário que atravesse as fases intermediárias e se apresente ao limiar do novo período, *como produto e última elaboração cinética dessas fases*. Assim como a energia, tão logo nasce, dirige-se de imediato para a matéria, movendo-a, animando-a e fecundando-a com seu impulso dinâmico, a fim de elevá-la para uma vida mais intensa, também a vida, filha da energia, volta-se imediatamente para trás, em direção à matéria, a fim de arrastá-la para novo turbilhão de trocas químicas, antes ignoradas por esta. Tal processo torna profunda a maturação de cada fase e permite à trindade das formas fundir-se numa unidade. Por isso o movimento anterior é retomado pelo movimento da fase sucessiva e, assim, melhorado, aprofundado,

aperfeiçoado e amadurecido. Então o novo impulso – a máxima manifestação dinâmica – *dobra-se sobre a estrutura atômica* e se reveste dessa outra manifestação. Esse conúbio é necessário, pois, com isso, não só a nova forma, α , opera sua manifestação, mas também os movimentos de γ são levados a um maior grau de perfeição. Desse modo, o psiquismo da vida se manifesta por meio de combinações da química, elevada, porém, ao grau mais alto de química orgânica.

A expansão cinética do impulso central significa, portanto, *uma retomada de todos os movimentos precedentes*, uma reconstrução de todos os equilíbrios já constituídos. *Tudo que nasce tem de renascer cada vez mais profundamente*. Assim a matéria, tornando-se a nova manifestação desse princípio de psiquismo, revive, fecundada por um poder de direção e de escolha que lhe penetra a íntima estrutura e a permeia toda com uma febre de vida nova. A nova potência que nasceu de β compõe para si, das formas já surgidas e elaboradas da matéria, um corpo do qual ela é a alma e em cujo íntimo ela age. A matéria e a energia se tornam então meios externos, dominados e guiados por esse movimento de ordem superior. Somente por esse caminho, através desse elaborado trabalho de íntima e profunda maturação da matéria e da energia, organizadas em um mais complexo e aperfeiçoado sistema de movimentos e equilíbrios da Substância, o princípio do psiquismo se expande e atua no mundo dos efeitos e realizações, fixando sua marca na caminhada evolutiva. *Para que o princípio possa estabilizar-se nesta zona periférica das manifestações, ele tem de se refazer nas zonas intermediárias*, fundindo seu próprio movimento aos outros movimentos, aperfeiçoando-os, arrastando-lhes, com seu próprio impulso, as trajetórias para novos tipos e novas direções. Assim, a matéria é novamente trazida para a circulação e erguida como sustentação de nova manifestação. É através desse amplexo e dessa fusão, é por meio dessa ajuda estendida do mais para o menos, que se avança. O movimento, sempre fazendo-as evoluir e aperfeiçoando-lhes o equilíbrio, nunca abandona as construções já estabelecidas. A evolução é íntima e universal, não admitindo armazenamento de materiais de refúgio. Essa contínua retomada em ciclos ascensionais constitui a natureza daquela maturação cinética da Substância,

constituindo a essência da evolução. Somente agora podeis alcançar a visão completa da estrutura cinética da Substância.

LIII. GÊNESE DOS MOVIMENTOS VORTICOSOS

Exposta a questão em seus termos gerais, vejamos agora, *mais particularmente*, a que mudanças é submetido o movimento no ponto de passagem de β para α . Vimos, em γ , que os elétrons, através da abertura de suas órbitas, escapam do sistema atômico, gerando β . Também vimos, em β , a onda extinguir-se com a progressiva extensão de seu comprimento e diminuição da sua frequência vibratória. Na última fase de degradação, a onda tenderia a se tornar retilínea, porém, na natureza, qualquer reta é uma curva, assim como toda trajetória circular é uma espiral que se abre ou se fecha. Vejamos, agora, como esta onda amortecida penetra no edifício atômico.

Em vosso universo, o princípio cinético da vida é único, sendo constituído pela forma dinâmica na sua última fase de degradação (eletricidade). Em virtude da natureza da energia, que está em contínua expansão no espaço, *o princípio da vida se difunde por toda a parte*, tal como a luz e as outras formas dinâmicas. Ele se propaga como forma vibratória, até encontrar resistência numa aglomeração de massa. Então, a energia que, por sua natureza, espalha-se nos espaços, sendo, portanto, *onipresente*, atinge toda e qualquer concentração de matéria, penetrando, assim, na íntima estrutura planetária, justamente porque a direção retilínea possui o máximo poder de penetração. As trajetórias cinéticas, de acordo com seu tipo de natureza, apresentam respostas diferentes a essa penetração eletrônica. O primeiro germe da vida, por isso, é *universal e idêntico*, sempre aguardando desenvolvimento; um desenvolvimento que só chegará a se realizar quando se verificarem as circunstâncias favoráveis; um desenvolvimento que, embora partindo do mesmo princípio, irá manifestar-se *diversamente, de acordo com as diferentes condições do ambiente*. Onde β toca em γ , esta exulta em um novo íntimo movimento; onde β une-se a γ , nasce α , a vida (princípio de dualidade e trindade). Conforme a natureza e as reações da matéria, o fenômeno varia, dando origem assim às diferentes manifestações do mesmo e único princípio universal.

Que perturbação ocorre, então, no edifício atômico? Vimos que,

na desagregação da matéria, um trem de elétrons é sucessivamente lançado fora do sistema planetário atômico em demolição, sendo este justamente o processo da gênese das formas dinâmicas. Quando esse trem de unidades que se repelem mutuamente atinge, como uma flecha, o equilíbrio atômico normal, produzido pelas órbitas eletrônicas em redor do núcleo, o edifício atômico é profundamente perturbado. Esse fenômeno só pode verificar-se quando β atinge seu grau máximo de evolução, ou seja, de degradação dinâmica (mínima frequência vibratória e máximo comprimento de onda), porque os tipos dinâmicos, enquanto não assumem a forma vibratória-ondulatória, não têm suficiente potência de penetração, não sendo possível a partir deles nascer a vida. Então *o momento da gênese é dado por um equilíbrio exato de forças*. São as resultantes desse equilíbrio que estabelecem o desenvolvimento da vida e de suas formas. Assim como a química inorgânica, segundo vimos, pode ser reduzida a um cálculo matemático de mecânica astronômica, a constituição íntima da vida, embora resultante de sistemas de forças extremamente mais complexos, também pode sê-lo. Então, somente um trem de elétrons constituído de energia elétrica extremamente degradada, isto é, somente quando alcançou o último limite evolutivo de suas espécies dinâmicas, β pode trazer mudanças radicais à íntima estrutura do átomo; não mudanças casuais, desordenadas, caóticas, mas sim definidas por uma nova ordem de movimentos, mais complexa e profunda. Os deslocamentos cinéticos da Substância obedecem constantemente a uma lei de equilíbrio e são resultantes de impulsos precedentes, constituindo sempre uma ordem perfeita, na qual estão equilibradas ação e reação, causa e efeito. Isto se verificou na projeção dos elétrons na desintegração atômica radioativa (gênese da energia) e se verifica, agora, nos deslocamentos interatômicos resultantes da ação dos novos elétrons que chegaram.

Detenhamo-nos um momento nesta reaproximação entre *eletricidade e vida*, para compreender exatamente porque essa força está colocada no início da nova manifestação. Sabeis que o equilíbrio interno do átomo e as órbitas de seu sistema planetário são regidos por atrações e repulsões de caráter elétrico, sendo o balanceamento entre esses impulsos e contraimpulsos que lhe mantém a estrutura numa condição de estase exterior. Nada, pois, é tão apropriado para

penetrar esse movimento e deslocar o equilíbrio do sistema quanto a intervenção de um novo impulso ou ação de natureza elétrica. Assim a eletricidade enxerta-se na vida, e *a encontrareis sempre presente*, especialmente se a considerardes, como vos disse, em seu íntimo dinamismo motor. Embora aperfeiçoando-se, como tudo se aperfeiçoa por evolução – adquirindo em qualidade o que perde em quantidade, por uma degradação semelhante à dinâmica, como já vimos – ainda assim subsiste sempre na vida a fonte original de natureza elétrica. Esta é a origem de todos os fenômenos nervosos que guiam e sustentam o funcionamento orgânico. Precisamente na base da vida existe um sistema elétrico de fundamental importância, que preside a tudo. A eletricidade permanece constantemente como centro animador e substância interior da vida, da qual ela assume sempre a função central diretora, a mais importante. Essa sobrevivência em posição tão notável bastaria para demonstrar o papel substancial que a eletricidade tem na gênese e no desenvolvimento da vida. Mesmo quando atinge as formas de magnetismo, vontade, pensamento e consciência, ela permanece como princípio, embora alçada às fases de máxima complexidade. Trata-se, verdadeiramente, da continuação do mesmo processo de degradação, que se estende das formas dinâmicas até às formas psíquicas.

Quando num sistema rotatório sobrevém nova força, esta se introduz nele, tendendo a somar-se e a fundir-se no tipo de movimento circular preexistente. Podeis imaginar que complicações profundas ocorrem no entrelaçamento já complexo das forças atrativo-repulsivas. O simples movimento circular agiganta-se num movimento vorticoso mais complexo. Pela emissão de novos elétrons, o movimento não apenas complica sua estrutura, mas também se reforça, alimentado por novos impulsos. Em vez de um sistema planetário, tereis uma nova unidade, que vos recorda os redemoinhos de água, as trombas marinhas, os turbilhões e ciclones. *O princípio cinético de γ , assim, é retomado por β* , numa forma vorticiosa muito mais complexa e poderosa. Nasce, dessa forma, nova individuação da substância, desta vez um verdadeiro organismo cinético, em que todas as criações e conquistas, ou seja, as trajetórias e equilíbrios precedentemente constituídos, subsistem, mas

coordenando-se. Veremos como o *tipo dinâmico do vórtice* contém, em embrião, todas as características fundamentais da individuação orgânica e do eu pessoal. Nesta nova forma de movimento, organização de sistemas planetários e coordenação complexa de forças – na própria instabilidade da nova construção, na rapidez das contínuas trocas com o ambiente e em seu mais intenso devenir de equilíbrios, que, mesmo em constante mudança, sempre reencontram seu fio condutor – revela-se aquele psiquismo, o mais requintado dinamismo com que a energia surge na vida. Princípio novo, mas filho dos precedentes; simples expansão de potências concentradas no estado de latência; novo modo de existir da Substância, que atingiu a periferia das manifestações.

A primeira expressão de α assume, então, a forma do vórtice. O tipo do movimento do átomo físico combina-se consigo mesmo em movimentos mais complexos, por obra da nova imissão dinâmica. O termo sânscrito “*Vivārtha*” significa exatamente esse processo, que, desde a concepção hindu até às mais modernas hipóteses científicas, exprime a substância dos fenômenos do universo¹². Mas a essência de α não é o vórtice. Este é apenas sua manifestação, a forma exterior de que se reveste aquele princípio imaterial. O espírito, α , está na Substância, e esta é movimento (velocidade), o princípio que movimenta, guia, anima e dirige o vórtice, sem o qual este perderia seu tipo e sua resistência, extinguindo-se, reabsorvido no indiferenciado. Não o encontrais e, portanto, não podeis observar senão fenômenos, que são efeitos, manifestações dele. Somente podeis tocar a exteriorização do princípio, somente a partir da qual podeis penetrar o centro e encontrar a causa. Digo isto a fim de evitar dúvidas e mal-entendidos. Se β já o era, α é muito mais ainda um princípio absolutamente imaterial, que permanece sempre distinto da matéria, embora a anime e a mova de seu centro. Aliás, já vos disse que a matéria é velocidade e que o átomo, assim como o elétron, é um sistema de forças. Não se pode, assim, entender por vórtice, mesmo no sentido mais material, senão um movimento que arrasta consigo outros movimentos. Portanto vosso separatismo, que divide corpo e espírito, não tem sentido, especialmente como antagonismo. Trata-se apenas de dois polos do ser, de dois extremos que se comunicam por constantes trocas e contatos, de uma região no

caminho da trajetória. Vossos conceitos habituais não têm mais nenhum significado quando se olha no âmago das coisas. Se me perguntardes por que α , o espírito, manifesta-se nesse momento do transformismo evolutivo e que relações pode ter a origem dos movimentos vorticosos com o surgimento da consciência, dir-vos-ei que, se a fase β conquistou a dimensão tempo, agora a imersão do movimento de β no movimento de γ representa a construção de edifícios que, formando verdadeiros organismos dinâmicos, constituem as manifestações de um novo princípio de coordenação e direção de movimentos. Isso significa a *gênese da nova dimensão consciência*. A consciência, que hoje é de superfície e análise, se transformará num organismo ainda mais complexo de movimentos vorticosos, animando-se de nova potência: a dimensão volumétrica da *superconsciência sintética de intuição*, a máxima dimensão de vosso sistema. Então a matéria se desmaterializará de sua forma atômica e o ser sobreviverá além do fim de vosso universo físico e de suas dimensões.

LIV. A TEORIA CINÉTICA DA GÊNESE DA VIDA E OS PESOS ATÔMICOS

A fim de pesquisar na realidade dos fenômenos alguns efeitos desta íntima transformação de movimento, através da qual nasce a vida e se manifesta seu psiquismo, observemos a transformação da química inorgânica em química orgânica. Neste campo existem fatos que podem demonstrar-vos a realidade daquela que podeis considerar como a *teoria cinética da gênese da vida*, compreendida como a manifestação resultante da imissão de radiações dinâmicas de composição eletrônica no sistema planetário atômico. Nem todos os átomos reagem igualmente ao mesmo impulso; nem todos estão igualmente prontos para serem arrastados no ciclo da vida. *A resistência à penetração eletrônica não é constante para os vários corpos simples*, mudando exatamente de acordo com o seu peso atômico. Este fato tem um significado importante. A radiação eletrônica pode atingir todos os átomos, porém os mais leves a obedecem mais rapidamente, sendo *essa capacidade receptiva proporcional à razão inversa do respectivo peso atômico*. Escalonando os corpos simples de acordo com o peso atômico progressivo, como na série estequiogenética, verificaís que *é máxima, para os pesos atômicos mínimos, e mínima, para os pesos atômicos máximos, a capacidade desses corpos simples permanecerem ligados em círculo*, ou seja, a capacidade de serem transportados através do turbilhão vital, numa vida breve, imensamente mais rápida e intensa do que sua própria vida, o que significa ter seu ritmo intensificado ao receber no próprio âmbito cinético a radiação eletrônica.

Por que, então, o peso atômico é a base da escolha dos materiais de sustentação da vida? Porque o trem eletrônico *encontrará menor resistência para penetrar nos sistemas atômicos mais simples*, com apenas alguns elétrons, do que naqueles mais complexos, com muitas órbitas eletrônicas. Como já vimos, o aumento de peso atômico do H ao U significa a progressiva saída e a estabilização em novas órbitas de elétrons emitidos pelo núcleo, até ao máximo de 92, além do qual o sistema atômico se desagrega. Logicamente, as reações de um sistema cinético mais simples são menos intensas do que aquelas

apresentadas pelos mais complexos, sendo mais fácil, portanto, transformar o equilíbrio dos movimentos no primeiro caso do que no segundo. Os sistemas planetários mais simples, com menor número de satélites, deixam-se plasmar em novas trajetórias com mais facilidade do que os sistemas densos de elétrons, cujos movimentos turbilhonam mais intensamente. Quanto maior o número de elétrons, maiores serão *a massa e a inércia, aumentando também a resistência à absorção de impulsos externos*. Esses íntimos deslocamentos cinéticos constituem a substância do fenômeno da transmutação da matéria inorgânica em orgânica, redutível em sua essência, como já dissemos, a um cálculo de forças. Essas concordâncias são uma prova de que o fenômeno “vida” é, substancialmente, o resultado da assimilação de um movimento eletrônico pelo sistema atômico, justamente porque os elétrons do átomo oferecem uma resistência proporcional a seu número. Aí está uma confirmação da teoria cinética da gênese da vida.

Se observarmos como se comportam os corpos simples – não mais na química inorgânica, como já vimos, e sim na química orgânica – analisando *a maneira como eles são admitidos e tolerados no organismo vivo*, veremos que H, C, N e O (aos quais correspondem os pesos atômicos 1, 12, 14 e 16, os mais baixos da escala) constituem não apenas *os corpos fundamentais da vida*, mas também os mais largamente difusos na atmosfera, onde nasceu a vida em vosso planeta no período da gênese vital: *hidrogênio, carbono, nitrogênio e oxigênio*, no estado de vapor de água, H_2O ; de gás carbônico, CO_2 ; e no estado livre, N e O^1 .

A seguir encontram-se *os corpos sucedâneos dos fundamentais*, que podem substituí-los parcialmente, sendo aceitos apenas *em doses moderadas*. Estes elementos, em ordem de peso atômico, que não ultrapassa 60, são os seguintes: lítio² (Li=7); boro⁵ (Bo=11); flúor (Fl=19); sódio (Na=23); magnésio (Mg=24); silício (Si=28); fósforo (P=31); enxofre (S=32); cloro (Cl=35,5); potássio (K=39); cálcio (Ca=40); alumínio³ (Al²=27,1); manganês⁴ (Mn=55); ferro⁴ (Fe=56); níquel⁵ (58,5); cobalto⁵ (Co=58,7).

Mais a frente há os corpos que, mesmo entrando para fazer parte da vida orgânica, *não são aceitos senão em doses muito pequenas*. Seu peso atômico não ultrapassa 137, estando eles na seguinte

ordem: cobre⁷ (Cu=63,5); zinco⁷ (Zn=65,4); arsênico¹⁰ (As=75); bromo⁶ (Br=80); rubídio⁸ (Ru=85,5); estrôncio⁹ (Sr=87,6); iodo⁶ (I=127); bário⁹ (Ba=137,4).

Se continuarmos a subir, chegando aos mais altos graus na escala dos pesos atômicos, verificaremos que os corpos pertencentes a esta faixa não são normalmente encontrados nos organismos e, quando têm ingresso no ciclo vital, somente são *tolerados em doses mínimas* (condição esta fundamental também para seu uso terapêutico). Temos assim: selênio (Se=79); prata (Ag=108); estanho (Sn=118); antimônio (Sb=122); telúrio (Te=127); platina (Pt=195); ouro (Au=197); mercúrio (Hg=200); chumbo (Pb=207).

Chegamos, enfim, aos *pesos atômicos máximos*, correspondentes aos corpos radioativos, que, embora sejam utilizáveis terapeuticamente pelo dinamismo de suas radiações, *não possuem propriedades biológicas intrínsecas*. A instabilidade de seu equilíbrio interior representa um sistema atômico em desfazimento, que foge para as formas dinâmicas, sendo o menos apto para ser retomado nas coordenações cinéticas de ordem mais complexa. A emanção eletrônica desses corpos, embora possa excitar no átomo a aptidão para entrar no ciclo vital, *permanece sempre exterior a ele*, sendo que, para poder penetrá-lo, tem de atravessar antes toda a maturação das formas dinâmicas, até atingir o máximo de degradação. Temos neste caso: polônio (Po=210); rádio (Ra=226); tório (Th=232,4); urânio (U=238), sendo estes os corpos mais resistentes a qualquer penetração cinética, pelo fato de terem um sistema atômico mais complexo, com órbitas mais numerosas, que, lançando-se em direção à periferia, abrem-se exatamente no sentido contrário ao trem superveniente de radiações elétricas da onda degradada.

LV. TEORIA DOS MOVIMENTOS VORTICOSOS

Vimos como o trem eletrônico da onda dinâmica degradada atinge o edifício atômico, penetrando-o e deslocando-lhe o equilíbrio íntimo, e como, por essa imissão dinâmica, o sistema planetário de forças se transforma num sistema vorticoso. Este é o germe da vida em sua estrutura cinética. Observemos a sua complexa constituição, verificando também como a *teoria dos movimentos vorticosos*, que, como vos disse, pode ser tomada como a teoria cinética da vida, corresponde à realidade dos fenômenos, colocando-a como base da química orgânica (química cinética).

Antes de tudo, observai minha colocação do problema da vida, totalmente diferente da ciência. Esta procura, na evolução, a origem das formas. Eu, ao invés, exponho a origem dos princípios, a causa pela qual as formas são modeladas como última consequência. Por aí se conclui que, enquanto a ciência se move na multiplicidade dos efeitos, permanecendo na exterioridade dos fenômenos, eu atinjo a unidade e penetro no âmago das causas. É lógico que, alcançando a substância dos fenômenos, a química deva transformar-se, até atingir a abstração filosófica. Também é lógico que vossa ciência, evoluindo de sua atual forma exterior e de superfície até à mais completa forma de ciência substancial e profunda, deva transformar-se em ciência abstrata, aproximando-se daquela unidade fundamental em que os conceitos da matemática, da filosofia, da química, da biologia etc., são uma só coisa. Aprofundemos, então, o problema da gênese dos princípios da vida.

Como já sabeis, os vórtices giram em torno de um *eixo*, sendo este o centro múltiplo ao redor do qual se desloca a série dos equilíbrios instáveis do sistema. Esses equilíbrios, fundamentalmente diferentes daqueles do sistema atômico, renovam-se continuamente, demolindo-se e reconstruindo-se a cada instante. *O eixo é a alma do sistema atômico vital, assim como o núcleo é a alma do sistema atômico inorgânico.* Quando um trem eletrônico atinge um átomo depois do outro, ele não altera apenas a trajetória dos satélites do sistema, mas também atinge os núcleos, que, tendo até então constituído centros de *sistemas separados*, são agora fundidos em

cadeia, num sistema cinético único. Já se começam a entrever as primeiras características do novo organismo de forças, as características fundamentais da vida. A penetração eletrônica quebrou os sistemas dinâmicos fechados dos átomos e combinou-os juntos *num sistema dinâmico múltiplo aberto.* A linha e a direção do eixo são geradas e governadas pela onda degradada que, propagando-se no espaço, encontra um aglomerado de átomos e lhes arrasta os sistemas eletrônicos, equilibrando os núcleos em cadeia. Eis porque apenas a onda degradada pode gerar nos amontoados de átomos o vórtice genético da vida.

Ora, *esse eixo do vórtice representará, na vida, a linha de metabolismo,* função universal e fundamental do mundo orgânico. A direção do contínuo processo de assimilação e *desassimilação é a própria direção da onda,* provocada por aquele impulso que vimos ser irreversível. *Na vida, o metabolismo é a expressão da linha irreversível da evolução.* Vede como nenhuma característica, mesmo a mais embrionária e longínqua, é descartada; ao contrário, em cada uma delas está contido o germe dos grandes desenvolvimentos. O mundo dinâmico de β , à semelhança da semente, contém todo o desenvolvimento da vida, todas as notas fundamentais da grande sinfonia. Aquela simples trajetória ou direção se desenvolverá numa individualidade e personalidade, com um princípio diretor, objetivando o psiquismo. Notai também como a imissão dinâmica corresponde à contínua reorganização das unidades menores em superiores unidades coletivas (lei das unidades múltiplas). Com efeito, temos aqui não mais amontoados ou aglomerações, e sim *organismos de átomos.* Notai como nesta reorganização mais ampla acentua-se o desenvolvimento das notáveis características embrionárias das formas inferiores. Aqui também encontrais a linha dos ciclos múltiplos (cfr. fig. 5), a qual vos mostra que o ciclo maior é apenas a resultante do desenvolvimento dos ciclos menores. Neste caso, a realização orgânica é somente o produto do amadurecimento atômico (estequiogenética, ou seja, desenvolvimento dos sistemas planetários nucleares ou eletrônicos). Visto assim, em seu íntimo, o universo se vos apresenta, a cada passo, de uma divina grandiosidade.

Individuado, o eixo do sistema vorticoso se apresenta para vós

com características especiais. Podeis imaginar que potência cinética ele encerra, pois constitui uma *cadeia de núcleos* em redor dos quais continuam a gravitar e a girar os elétrons, a cujas atrações e repulsões somaram-se as dos elétrons recém-chegados na onda degradada de β . Assim, o eixo do sistema tem *duas extremidades*, caracterizadas por qualidades diferentes: uma delas como *polo positivo ou de penetração ou de ataque* (pelo qual se inicia a propagação do movimento), e a outra como *polo negativo, final ou de separação* (no qual o movimento se extingue). A linha de propagação da energia, que se tornou eletricidade, com sinal + e –, está para se tornar vida, o *princípio do nascimento e da morte*. Como vedes, sistema aberto e em contínuo movimento. Eis de onde nascem a rapidez do metabolismo e a instabilidade química, que são características fundamentais dos fenômenos da vida. Somente a infusão do princípio dinâmico de β no princípio estático de γ podia produzir o terceiro termo: o princípio psíquico de α . A matéria, γ , conquistara apenas a dimensão espaço, e β , apenas a dimensão tempo; somente da fusão dessas duas dimensões podia nascer a terceira: *a consciência*. A Substância atinge assim o primeiro sistema cinético que, sendo aberto e dinâmico, distingue o interno do externo, ou seja, que contém o *princípio da distinção entre o eu e o ambiente, afirmando a sua individualidade* e projetando-se para o exterior, para fora de si, ato fundamental, base da *percepção e do desenvolvimento da consciência*. Nessa capacidade do sistema vorticoso de se projetar para fora de si e, portanto, de combinar os próprios movimentos com os de outros sistemas vizinhos, sentindo-lhes o influxo, nessa receptividade cinética, nessa possibilidade de assimilação de impulsos externos, encontra-se o germe daquele contínuo *registro e assimilação de impressões*, que é a base para o desenvolvimento da consciência. Veremos como esta se dilata continuamente. O que desce ao âmago do eu e ali se fixa em *automatismos*, os quais mais tarde constituirão os *instintos*, é apenas uma força cujo impulso se fixa e é absorvido nos equilíbrios do sistema cinético-dinâmico do vórtice vital. Neste vórtice, de natureza instável e mutável, tudo que tenha uma ação constante sobre ele *penetra e também se fixa nessa instabilidade*, que não é caos, e sim um equilíbrio mais complexo, resultante de miríades de equilíbrios menores. É importante

pesquisar nas formas inferiores os germes e a primeira gênese também das mais altas formas de vosso psiquismo, porque nesse fundamento científico e racional basearei minhas conclusões nos campos do mundo ético e social, que, embora pareçam estar muito longe, encontram-se próximos daquelas origens. Vede que a íntima elaboração evolutiva, ou descentralização do princípio cinético da Substância, ou manifestação da Divindade, desenvolve-se de uma simples trajetória dinâmica, dirigida de um polo + a um polo –, à linha do metabolismo orgânico, primeiro construtor de corpos, e depois à linha do metabolismo psíquico, construtor de almas. Nessa fusão de extremos, sentis a verdade de meu monismo.

LVI. PARALELOS EM QUÍMICA ORGÂNICA

Procuraremos na química orgânica algum paralelo ou correspondência ao princípio dos movimentos vorticosos. Depois de havermos observado a gênese da vida em sua íntima e profunda realidade, dispomo-nos agora a caminhar para o exterior, indo ao encontro daquela aparência mais sensória e, portanto, mais facilmente compreensível para vós. Vários *fenômenos da química orgânica* vos mostram que a estrutura do fenômeno vital corresponde àquela já observada nos movimentos vorticosos.

Enquanto as principais *reações da química mineral são instantâneas e totais, as da química orgânica são, geralmente, progressivas e lentas*. A mecânica das reações vos indica que, só no primeiro caso, o equilíbrio químico do sistema é *quase imediatamente atingido*, ao passo que, nas reações orgânicas, é necessário *muito tempo* antes que se chegue a esse estado. Essas reações progressivas, mesmo simples em aparência, são na realidade uma superposição de reações sucessivas, que determinam produtos intermediários muito efêmeros para serem percebidos. Essa mobilidade química aparentemente menor é devida, em substância, ao sistema vorticoso, o qual resiste (inércia) contra qualquer ação que tenda a deslocar-lhe o equilíbrio, pois, sendo um sistema mais complexo, é mais poderoso e profundo que o sistema atômico simples. O entrelaçamento das linhas de força, que devem ser diversamente dirigidas, é muito mais amplo, mas, em compensação, pela mesma razão, o sistema está apto a conservar por mais tempo os tipos de movimento que, uma vez imitados, tenham sido absorvidos (germe da hereditariedade).

Somente este dinamismo mais profundo, cuja estrutura cinética estudamos, podia produzir a síntese química da vida a partir da matéria inorgânica. A substância dos intercâmbios vitais consiste num ciclo mediante o qual o íntimo dinamismo do sistema transporta para combinações químicas extraordinárias e complicadíssimas a matéria inorgânica, que jamais teria conseguido alcançá-las sozinha. A característica da química da vida é a necessidade de uma contínua renovação íntima, através da qual é reconstituído o que rapidamente

se deteriora; trata-se de um constante desfazimento de equilíbrios que, no entanto, reconstroem-se continuamente, resultando num equilíbrio permanente no conjunto, porém condicionado a um intenso e íntimo trabalho. *A estabilidade permanece através da instabilidade de todos os seus momentos, à custa de ser uma correnteza em movimento.* A própria morte, que parece a destruição do edifício – porque determina o momento no qual os elementos se apressam a descer os degraus dessa estrutura muito complexa, a fim de retornarem ao seu estado primitivo mais simples – longe de representar incapacidade de se manter no mais alto equilíbrio da vida, constitui apenas efeito da rápida sucessão resultante da atividade ininterrupta do dinamismo do sistema. Morte é sinônimo de renovação. Por isso a vida persiste perenemente no ritmo veloz de seu devenir. Fenômeno antiestático por excelência, *a vida não é possível sem renovação.* O processo vital é a resultante evidente do movimento contínuo de introdução e expulsão, de associação e de desassociação, de anabolismo (assimilação) e de catabolismo (desassimilação), que leva à regeneração constante das células. Desde sua primitiva fase orgânica, que só contém os primeiros rudimentos daquele psiquismo (sua meta) cuja autonomia será atingida no homem, a vida é um dinamismo intenso, produzido por uma contínua e complexa *decomposição e recomposição da matéria em combinações químicas fugacíssimas.* Dentro desse dinamismo, as substâncias são tomadas e levadas através do organismo, sendo absorvidas, assimiladas, fundidas na palpação vital e finalmente, depois de haverem permanecido nele, eliminadas. Sua passagem pelo ciclo orgânico é, para essas substâncias, uma espécie de febre, de corrida insólita, da qual escapam para repousar em seu equilíbrio químico inorgânico, tão logo se livram dessa imposição. Ora, esse é exatamente o fenômeno que ocorre no turbilhão, cujo movimento rotatório prende sobretudo os corpos leves (peso atômico baixo, menor resistência ou inércia), arrastando-os no seu vórtice, para finalmente abandoná-los. Tal processo acontece concomitante com a constante mudança do material constitutivo do turbilhão, que, independente disso, conserva sua individualidade.

Como se mantém intacto, num e noutro caso desses dois fenômenos afins, esse equilíbrio superior, enquanto, dentro deste, os

edifícios atômicos passam rapidamente de um sistema de equilíbrio a outro? O que dá a essa instabilidade o poder de se *manter indefinidamente*, de *se retificar*, de *se reconstituir*; a força de *resistir contra todos os impulsos contrários* que tendem a trazer desvios? O fenômeno da vida não é fenômeno transitório nem accidental. Seus equilíbrios instáveis não são meros acasos químicos, porque eles se fixaram substancialmente no caminho da evolução. Onde se encontrará essa nova capacidade de autonomia, absolutamente desconhecida no mundo da química inorgânica, senão na especial estrutura cinética dos movimentos vorticosos? Diante do insuperável determinismo da matéria, encontramos aqui nos primeiros passos daquela ascensão que, na fase de consciência, levará ao livre arbítrio, uma novíssima liberdade de movimentos, a qual, no entanto, não destrói o equilíbrio nem a estabilidade integral do sistema. Sem dúvida, o movimento vorticoso enfeixa o processo típico de isolar no ambiente um sistema de forças, contendo, portanto, o *princípio da individualidade*. Um turbilhão de forças já é um *eu distinto* de tudo que o circunda; entra em relação com o ambiente ao seu redor, mas não se funde ao longo do seu devenir; tem direção e meta próprias, sendo dotado de um fluxo de trocas e de um princípio diretor cujo funcionamento dão, de imediato, a imagem do organismo e da vida. Só o sistema cinético do vórtice contém as características de *elasticidade* e de equilíbrio móvel, que, imensamente distantes da rigidez inorgânica, tanto lembram o estado coloidal, fundamental na vida, para assegurar a estabilidade da estrutura dos protoplasmas vivos e, ao mesmo tempo, favorecer maravilhosamente neles o desenvolvimento das reações químicas. O vórtice *recebe e reage*; admite, em vista de sua estrutura, uma *variedade de reações* muito maior do que a permitida pelo sistema atômico, sendo, por isso, a sede mais adequada para a evolução das reações químicas. Constitui, tal como a vida, um sistema *plástico, móvel e flexível*, no entanto *resistente*. Ele tem a faculdade de assimilar os impulsos exteriores, de torná-los próprios sem quebrá-los, de conservar-lhes os traços no próprio movimento e de *registrar* a resultante de suas combinações (*memória*). Ele se rende e se transforma; suporta, mas não esquece nada. Sua elasticidade significa a capacidade de retomar o equilíbrio de acordo com a lei de seu movimento. Passivo e ativo ao mesmo

tempo, tangencia todas as características da vida.

Outra aproximação entre as características dos fenômenos vitais e a dos movimentos vorticosos está no fato de que a admissão da matéria na circulação da vida não ocorre ao acaso. Vimos que são preferidos os pesos atômicos baixos, mas não é só. O vórtice vital estabelece ligações entre átomo e átomo. Quando estes são tomados no movimento da vida, estabelecem-se entre eles vias de comunicação. Enquanto por um lado, na química inorgânica, temos somente os movimentos planetários dos sistemas atômicos fechados, simplesmente coordenados em sistemas moleculares, em equilíbrio estável, por outro lado, na química orgânica, temos *sistemas atômicos abertos e comunicantes, em equilíbrio instável*. Na vida, os átomos estão *reunidos em cadeia* e se tornam solidários dentro de um mesmo fluxo dinâmico, guiados pelo mesmo impulso e pela mesma vontade. Na matéria, embora vizinhos e equilibrados em sua estrutura íntima, eles permanecem estranhos um ao outro. Na vida, apertam-se num abraço, movimentando-se numa única direção. Esta é a base da unidade orgânica. Quando a unidade se dissolve, as passagens se fecham e os sistemas voltam a se isolar, tornando-se reciprocamente indiferentes. Junto com o vórtice, também termina aquela vontade coletiva que os irmanava. Essas cadeias dinâmicas são então abertas. Os átomos tomados no turbilhão vital são modificados em seu movimento íntimo, sendo arrastados num movimento diferente. Nessa viagem, são elaborados e sua constituição química é modificada. Terminado seu trajeto, são abandonados sem vida, inertes. Assim, os átomos são submetidos a séries bipolares, em que a viagem da vida se realiza entre dois extremos: nascimento e morte.

Agora sabeis que somente as substâncias orgânicas constituídas por cadeias abertas de átomos (ou grupo de átomos) são aceitas pelos seres no âmbito da vida, enquanto as *substâncias cíclicas, os compostos de cadeia fechada, não são tolerados*. Tudo isso coincide com a estrutura cinética do sistema vorticoso, aberto e sempre pronto a admitir no próprio âmbito novos impulsos. É óbvio que, num sistema cíclico, uma cadeia de átomos fechada em si mesma não pode ser admitida, porque não oferece acesso. A linha das transformações químicas é dada pelo eixo do sistema vorticoso.

Vimos que esse eixo é dado pela onda degradada de β . Portanto cada indivíduo biológico, se é físico no exterior, é sempre, embora em graus diferentes, psíquico em seu centro interior, justamente porque o eixo do sistema vorticoso é de origem elétrica. A eletricidade nos primeiros níveis e o psiquismo que dela nascerá nos níveis mais elevados estão sempre no centro do fenômeno vital. Assim como o eixo atrai ao redor de si um sistema vorticoso, o princípio psíquico também atrai e sustenta em torno de si uma vestimenta orgânica. Então a linha do transformismo vital – seja cadeia de reações químicas, seja desenvolvimento individual, seja evolução biológica – já está traçada e contida na linha da expansão dinâmica (onda). Vede como a *evolução da vida*, em seu impulso interior, determinante das formas, *está na linha de continuidade com a difusão de β e com a evolução das espécies dinâmicas.*

LVII. MOVIMENTOS VORTICOSOS E CARACTERES BIOLÓGICOS

O sistema cinético vorticoso possui também outras características fundamentais, que o aproximam e o tornam similar aos fenômenos vitais. De tudo isso podeis tirar mais uma confirmação de que, como vos disse, é vorticiosa a íntima estrutura do fenômeno biológico, do qual esta teoria vos dá uma profunda explicação, harmonizada com todos os fenômenos existentes. O vórtice nada mais é senão a expressão volumétrica daquela espiral que vimos ser a trajetória de todos os fenômenos e que é a expressão gráfica do conceito pelo qual estes são dirigidos. Trata-se sempre da mesma espiral, que também aqui, no campo biológico, reaparece no organismo dinâmico do vórtice. Este corresponde ao princípio da espiral que se abre e se fecha e, com isso, se expande, à semelhança de uma respiração que, dilatando progressivamente a amplitude de seu ritmo, agiganta-se (crescimento orgânico e psíquico da vida). Já mostramos como a constituição desse movimento vorticoso o leva a uma individuação independente, diferenciada do ambiente. Pode parecer-vos que haja um abismo entre a vida e a matéria, como se a vida representasse no universo uma subversão fundamental de leis. Não! Não há abismos na natureza, nem saltos, nem zonas de vácuo: tudo é continuação do que foi preparado precedentemente, tudo é desenvolvimento do que já existia em estado de germe. Por isso encontrais na biologia os mesmos princípios que despontam na química, porém em um nível de desenvolvimento mais elevado, sendo a passagem de uma para outra feita através da maturação interior, que eleva a uma combinação mais alta os elementos preexistentes. O princípio dirigente que dormia no âmago das coisas despertou.

Esse processo de individuação do vórtice atômico, que se distingue do ambiente no campo cinético, corresponde à lei pela qual, como já vimos, os seres, ao evoluírem, passam do indistinto ao distinto, lei esta compensada por outra, a fim de que o todo não se pulverize no particular, dada pela lei dos reagrupamentos em unidades coletivas (um indivíduo biológico constitui simplesmente um organismo de sistemas vorticosos ligados e comunicantes).

Enquanto a matéria se apresenta individuada em formas que se repetem idênticas, a vida jamais apresentará duas manifestações exatamente iguais, sendo que o comportamento de cada uma terá sempre uma nota de individualidade. Cada forma de vida, à medida que constitui uma unidade coletiva mais complexa em sua organicidade, possui uma distinção mais acentuada. Existe na vida uma individualidade de manifestações que preludia o desenvolvimento da personalidade, existindo também uma independência de movimentos na qual já se sente o início do processo de transformação do determinismo físico no livre arbítrio do psiquismo. A evolução, com efeito, pelo fato de ser descentralização cinética, é também expansão e liberação de movimento. Ora, essas características da vida nós a encontramos também nos movimentos vorticosos.

Um caso de movimentos vorticosos mais concreto e mais susceptível de observação para vós, é encontrado nos turbilhões, ciclones, sorvedouros, trombas marinhas e outros fenômenos semelhantes. Um *turbilhão* é uma unidade dinâmica distinta e, nos seus movimentos, independente do ambiente, com caracteres de *individualidade*, tendo seu próprio ponto de origem (nascimento) e um ponto final (morte), quando sua energia e sua trajetória se esgotam. Ele *resiste aos impulsos estranhos* e, se admite forças em seu âmbito, modifica-as por um processo que relembra o conceito de *assimilação*. Mais que uma forma estática, como no mundo físico, o turbilhão é essencialmente o desenvolvimento de um dinamismo. Tal como na vida, sua essência está no devenir, mantendo-se perfeitamente equilibrado numa transformação contínua. Há nisso algo do futuro psiquismo. Mais do que causa determinante, os materiais constitutivos são forma e efeito exterior, *mudando constantemente*, enquanto a forma, apesar de sua contínua mutação, permanece idêntica a si mesma. O tipo da forma permanece, embora ela se modifique e o material constitutivo que a atravessa seja trocado. Assim este material vai sendo modificado através de um fluxo contínuo, processo que prontamente vos remete àquele metabolismo pelo qual é dada a nota fundamental do mundo orgânico. Este se apresentará com sua característica fundamental de saber absorver e utilizar as energias ambientais disponíveis.

Há no turbilhão, portanto, um *fluxo de trocas* e uma capacidade de *assimilação*, enquanto na sua *aptidão para resistir* aos impulsos externos já existe, em embrião, o que será o *instinto de conservação*. O vórtice eletrônico é simplesmente um turbilhão. O que atravessa seu sistema cinético são os átomos em constante substituição, através da qual se transmitem os caracteres essenciais, que não são os de suas propriedades físicas e químicas, mas sim aqueles conferidos pelo sistema cinético – onde esses átomos são aprisionados – ao íntimo movimento destes. A própria natureza daquele sistema é uma capacidade, a priori, de estabelecer diversas combinações, segundo os vários tipos de movimento que o ambiente oferece. Esta aptidão se transformará na capacidade de escolher e poder transformar diversamente, segundo o tipo orgânico, os próprios materiais do mundo exterior (a mesma substância formará tecidos e órgãos diferentes, de acordo com o organismo no qual ela tiver sido tomada em circulação). O *princípio de inércia*, que dirige não só este mas todos os outros sistemas cinéticos, contém o germe da *resistência às variações* e do *misoneísmo*. Nesta absorção de materiais existe também projeção de forças e comunicação com o exterior por parte da individuação; o vórtice não é mais um sistema cinético fechado, e sim aberto; esses caminhos abertos para o exterior serão os *caminhos da sensibilidade e da percepção*, que permitirão, num primeiro nível, simplesmente orgânico, a síntese proteica, depois a assimilação e, num nível mais alto, o crescimento contínuo daquele núcleo psíquico, já contido em germe no turbilhão, até atingir a maravilhosa dilatação de consciência que o homem alcançou, e ainda além. O turbilhão tem uma *vontade de reação* que não é simples resistência à deformação, mas sim um princípio ativo, que se projeta para o exterior e modifica o ambiente. Eis o germe da *atividade humana*, que, modificando-se de acordo com as circunstâncias, também as modifica por sua vez; é o germe da *adaptação*, cujo papel tem relevada importância na variedade das espécies. Na natureza das formas dinâmicas (onda, direção, expansão) encontrais o primeiro germe daquele impulso que se transformará em *vontade*. No turbilhão, tal como na vida, existe um contato contínuo entre o interior e o exterior, estabelecendo uma permuta de ações e reações, num apoio alternado entre impulsos e contraimpulsos, que sustenta a

caminhada da evolução.

Mas não basta. O turbilhão possui a capacidade não apenas de resistir às deformações e aos desvios com sua vontade de reação, mas também de *registrar os movimentos* que absorve e de *conservar os mesmos* em seu âmbito, embora transformados, para adaptá-los a si mesmo. Eis aí novos germes. Não apenas sensibilidade e percepção, mas também a *memória das impressões e a capacidade de fixá-las* na personalidade e nas características da espécie, seja como modificações orgânicas, seja como capacidades psíquicas (automatismos, gênese dos instintos). Aliás, o que são os automatismos senão movimentos introduzidos e estabilizados, por ação prolongada, no organismo cinético do vórtice? Capacidade de assimilar impressões e, portanto, possibilidade de que aquela *concentração cinética*, na qual a forma se reduz a *semente*, contenha a gênese de todas as características adquiridas e a possibilidade de fazê-la realizar-se e desenvolver-se novamente (a criança é vivaz porque está no período de descentralização cinética; o adulto é mais profundamente vivaz, isto é, não física, mas psiquicamente, porque a descentralização cinética penetra nas camadas mais profundas). A essa *capacidade de registrar e retomar movimentos* que resumem todo o passado vivido, deve-se a possibilidade da evolução.

O turbilhão, à semelhança do ser vivo, tem uma *vontade própria de penetração*, uma vontade de permanecer em sua forma e de progredir em sua trajetória, uma vontade que nele, assim como em qualquer transmissão dinâmica, também se esgota. O processo de degradação pelo qual as qualidades úteis da energia se transformam num refinamento de valores é constante na vida, desde seu início até às suas formas mais altas. O turbilhão nasce, vive e morre. Sabe contornar os obstáculos, conhece a lei do mínimo esforço, reconhece as resistências, luta com elas e desgasta-se. *Cansa-se no esforço e extingue-se*. Simples princípios dinâmicos, mas levados até às portas da vida. O turbilhão está saturado de eletricidade, daquela eletricidade cujos poderes de análise e de síntese conheceis, a forma máxima de β , contígua a α , a forma de energia que encontramos presente nos fenômenos fundamentais da vida. Ao morrer, o turbilhão restitui ao ambiente não apenas o material físico que o constitui, mas também sua energia interior, o motor do sistema, sua

pequena alma rudimentar. A indestrutibilidade da substância é universal. Como poderia, justamente na morte do animal e do homem, anular-se o princípio animador? É absurdo, pois seria a anulação de todas as leis do universo. Ao evoluir, o princípio vorticoso se reforçará de tal modo, que não se perderá com a morte, reabsorvido no campo dinâmico do ambiente, mas sobreviverá, não só como substância *mas também como individualidade*. Essa sobrevivência irá se tornar cada vez mais evidente e determinada à proporção que o princípio evoluir, consolidar-se e espiritualizar-se, deslocando seu centro cinético para o interior; irá se reforçar e se definir cada vez mais, mediante infinitas gradações e de diversos modos, desde as formas vegetais, às animais, às humanas, nos diferentes tipos de homens mais ou menos adiantados, e além. Então podemos dizer, desde logo, que a morte não é igual para todos, pois nem todos sobrevivem à morte física igualmente, mas sim com diferente poder de consciência, de acordo com o grau de α que tenha atingido. Uma última afinidade é encontrada tanto no *poder de cisão* ou desdobramento dos turbilhões como no de *fusão* de dois em um, sendo estes fenômenos, nos sistemas vorticosos eletrônicos, o prelúdio daquilo que, mais tarde, será a reprodução por cisão e a reprodução sexual (os turbilhões podem fundir-se, caso seus movimentos elementares não apresentem diferenças inconciliáveis de constituição cinética).

Todas essas observações vos mostram como, no turbilhão, podeis comprovar a existência de todas as características daquele sistema cinético vorticoso, o primeiro centro de origem eletrônica a partir do qual é gerada a vida, e verificar que ele já contém em germe as notas fundamentais do mundo biológico. Esse fato indiscutível constitui uma prova que não podeis recusar da igual natureza e da contiguidade evolutiva dos dois fenômenos afins: movimentos vorticosos e vida. Nesta prova, torna-se igualmente evidente aquela íntima natureza cinética que propicia a explicação mais profunda para a vida, tal como ocorreu relativamente aos fenômenos da matéria e da energia. Esta minha visão também vos mostra como será por mim colocado e desenvolvido o problema biológico, que será abordado não como classificação botânica nem zoológica, mas sim como estudo da manifestação da progressiva expansão

descentralizante do princípio da vida.

Meu pensamento caminha no âmago das coisas, aderente à substância dos fenômenos, e quero mostrar-vos não a série das formas visíveis, que já conheceis e sobre as quais, portanto, é inútil demorar-me, mas o porquê delas, suas causas, as metas e o desenvolvimento interior do princípio cinético da Substância, o qual, embora se transformando e permanecendo sempre idêntico a si mesmo, sabe tornar-se tudo no mundo dos últimos efeitos, acessível a vós. Somente desse modo serão solúveis muitos problemas psíquicos e espirituais, já que sua forma externa, a única que observais, jamais será suficiente para vos dar a chave. Veremos dessa maneira, pelo progresso da evolução, pela maturação dos fenômenos, pelo desenvolvimento dos sistemas cinéticos da Substância, a vida espiritualizar-se e libertar-se, bem como os envoltórios tornarem-se sutis e caírem. Os princípios de ascensão espiritual das religiões serão demonstrados por um processo racional, com lógica materialista. As supremas realidades do espírito, que vos aproximam de Deus, serão atingidas por um caminho que vos parecia imensamente longínquo: o da ciência objetiva.

LVIII. A ELETRICIDADE GLOBULAR E A VIDA

Continuemos nosso caminho, que procede do interior para o exterior, e observemos a forma sensória com que o dinamismo dos movimentos vorticosos se reveste. Encontraremos, no último limite das espécies dinâmicas e no limiar do mundo biológico, uma primeira unidade orgânica que resume em si precisamente as características observadas por nós, comuns aos sistemas vorticosos e aos fenômenos biológicos. Essa primeira unidade vos é dada pela *eletricidade globular*. Nesta unidade, tendes a primeira organização de um sistema de vórtices, com uma primeira especialização embrionária de funções. Dela nascerá a primeira célula, que englobará em si todos os movimentos vorticosos determinantes e lhes conservará em germes as características, constituindo uma verdadeira síntese dinâmica e síntese química, síntese de forças e síntese de elementos, na qual os sistemas atômicos se combinam nos sistemas vorticosos e os átomos nas moléculas, arrastadas pelo recâmbio protoplasmático. Segundo o princípio das unidades coletivas, à diferenciação sucederá paralelamente uma reorganização em unidades mais amplas, com especialização progressiva de funções. As células formarão tecidos e órgãos, sendo o funcionamento de cada unidade, assim como no vórtice primitivo, presidido por uma correspondente psique ou princípio cinético diretor, de origem elétrica. Isso até que, por evolução, uma vez superada essa fase, com a definitiva fixação no subconsciente do processo de formação consciente, a unidade ascenda à fase superior da consciência humana, que sente a si mesma no âmbito de sua ação apenas enquanto esta é trabalho de construção. Já vimos para que metas superiores ela se dirige. Mas, como sempre, o que importa na vida é o princípio determinante das forças, sendo, por isso, fundamental acompanhar *a evolução das causas*, e não, como fazeis, *a evolução dos efeitos* (evolução darwiniana).

Vimos como a energia elétrica, dada pela onda dinâmica mais degradada, constrói, ao penetrar no edifício atômico, o sistema vorticoso. Não se confunda esse processo com a normal introdução de energia “não degradada” nos sistemas atômicos já constituídos, à

qual assistis em qualquer transmissão dinâmica (raios solares etc.). Sendo aberto por sua própria natureza, estando em constante comunicação com o exterior, tendo dois polos e possuindo todas aquelas características já vistas por nós, o sistema vorticoso era o sistema mais apto para entrar em combinação cinética e, assim, unir-se com outros vórtices semelhantes. O equilíbrio, em razão das qualidades intrínsecas próprias desse tipo de movimento, estabilizou-se gradualmente num sistema de vórtices comunicantes, dando origem ao primeiro organismo coletivo. Não constituindo até então célula ou propriamente vida, essa unidade de natureza ainda essencialmente dinâmica, compondo um organismo de forças que se demora no limiar do novo mundo biológico, já contém todos os germes do iminente desenvolvimento. Este organismo viveu em vosso planeta como verdadeira forma de transição de β para α , já tendo hoje esgotado sua função biológica. No entanto dele ainda sobrevivem traços que podeis observar, a fim de deduzir as suas características. Isso porque a natureza não esquece nem jamais anula definitivamente suas formas, razão pela qual a lembrança das tentativas sempre ressurgem, embora irregularmente. *O raio globular* é um organismo dinâmico, de constituição eletrônica, que, em alguns casos, podeis observar. Longínquo descendente de tipos mais poderosos, dos quais nasceu a célula, hoje ele possui, naturalmente, um equilíbrio instável e transitório, com uma breve persistência de vida, sempre tendendo a se desfazer. Embora o raio globular seja um organismo efêmero, que raramente reaparece por lembrança atávica, seu aparecimento e seu comportamento são fatos de vossa experiência. Podeis, então, comprovar *quantas afinidades* esse primeiro ser apresenta não somente com os *movimentos vorticosos*, dos quais é filho, mas também com *os fenômenos da vida*, que ele já tem em germe. Situado entre esses dois fenômenos, que ele liga em continuidade, o raio globular apresenta naturalmente as mesmas características comuns a ambos, como já vimos. Com esse novo termo, fechamos a cadeia que vai da *eletricidade*, última espécie dinâmica (onda degradada), ao *vórtice eletrônico* determinado por ela na matéria, depois ao primeiro organismo de vórtices eletrônicos – o sistema elétrico fechado do *raio globular* – e chega à *célula*, com a qual entramos na *vida*.

O raio globular, então, é um sistema elétrico fechado, constituindo uma nova unidade coletiva, formada pela combinação e associação de sistemas vorticosos, que são gerados pela penetração eletrônica nos sistemas cinéticos atômicos e pela ligação destes sistemas em unidades, através de relações ativo-reativas recíprocas (sua própria forma corresponde a um sistema de forças fechado e equilibrado). Nesta condição, a onda dinâmica degradada assume um novo modo de ser. Com o trem de elétrons, sua trajetória se aprofunda nos sistemas atômicos, fundindo-se com eles; seu movimento muda de forma e, deixando de se transmitir, passa a voltar-se sobre si mesmo; o sistema cinético que preludia a vida está profundamente mudado, sendo essencialmente diferente. A trajetória da transmissão dinâmica muda de direção, e a eletricidade, não mais se projetando de um polo a outro, dobra-se sobre si mesma, num *circuito fechado*, que se mantém enquanto a estabilidade do sistema não desmoronar pela intervenção de forças externas. Esta é a construção cinética do raio globular. Mas, se ele, por um lado, é um organismo de forças, próximo das forças dinâmicas das quais *proveio*, por outro lado excita a matéria, arrasta consigo os sistemas atômicos e, com este material, reveste-se de um corpo.

Esses fenômenos de transmutação, reduzidos à sua natureza cinética substancial, são bem compreensíveis. Entramos, agora, na química. Os primeiros corpos encontrados pela onda elétrica degradada em sua passagem são aqueles elementos simples contidos na atmosfera. Assim, ao serem eles elaborados pela penetração eletrônica, o sistema cinético múltiplo do raio globular torna-se um centro de elaboração química. Colidindo com a estrutura íntima do átomo, a energia pode concentrar ao redor de seu impulso dinâmico a matéria encontrada. O *impulso*, ou sistema genético, ficará sendo a força diretriz da vida, o *psiquismo* animador da forma. A *matéria*, arrastada num entrelaçamento de combinações químicas de complexidade crescente, irá estabilizar-se em unidades sempre mais compactas e, assumindo formas cada vez mais estáveis, constituirá o *corpo*. Assim, a fim de iniciar sua evolução, a vida formará para si um suporte bastante estável e, através de um contínuo processo diretivo, cuja atuação se dá de dentro para fora (direção inerente aos fenômenos vitais), operará a sua transformação progressiva.

Com isso, a eletricidade condensa os elementos do ar. Este meio, como sabeis, contém justamente os quatro corpos fundamentais – H, C, N, O – que encontrais na base dos fenômenos da vida. Eles apresentam a propriedade de existirem no estado gasoso na atmosfera – *o nitrogênio e o oxigênio* em estado livre, *o hidrogênio e o carbono* em estado ligado, no vapor de água (H_2O) e no gás carbônico (CO_2) – estando prontos para encontrar toda a série de corpos secundários, que os ajudarão a formar o protoplasma definitivo. Ora, vimos que esses corpos, justamente por sua característica de possuir *pesos atômicos baixos, são os primeiros a serem introduzidos no círculo vital*. A série dos trens eletrônicos da onda dinâmica degradada, ao chegar dos espaços, encontrou-se em primeiro lugar com os sistemas atômicos de estrutura cinética mais simples, os quais, possuindo menor número de órbitas eletrônicas, são os mais fáceis de serem penetrados e transformados em sistemas vorticosos, constituindo assim outros tantos germes de vida. Os átomos desses quatro corpos, mais obedientes e flexíveis ao impulso da energia radiante que chegava, foram dessa forma mais facilmente encontrados e escolhidos, razão pela qual constituem os elementos fundamentais da vida. Verificais que é um caráter fundamental e comum a todos os compostos orgânicos conter *carbono* como elemento mais importante e, com ele, *hidrogênio, nitrogênio e oxigênio*. Toda a química orgânica está baseada nos *compostos de carbono*. As qualidades características do carbono o tornam particularmente apto às funções da vida, sendo dadas por: grande *elasticidade química*, que lhe proporciona muita facilidade para se combinar com os mais díspares elementos químicos, conferindo-lhe assim uma excepcional fecundidade de composições; *inércia química*, que, por ser transmitida também aos corpos com os quais ele se liga, funciona como resistência nas reações, constringendo-as a uma lentidão de movimentos não usual no mundo da química orgânica. Por esta sua tendência a eliminar as transformações brutais – que, nas substâncias minerais, conseguem instantaneamente a forma de equilíbrio mais estável – *o carbono pôde tornar-se o elemento mais apto para o fundamento químico da vida*. Através dele, pôde assim nascer uma química instável e progressiva, com cadeias dinâmicas abertas, nas quais são largamente utilizadas e encontradas todas as capacidades

do carbono. Foi por essas razões íntimas – inerentes às qualidades intrínsecas do material constitutivo – que a vida terrestre assumiu a forma de metabolismo que lhe é fundamental. Se imaginardes outros aglomerados e centros de matéria, onde os mesmos elementos químicos estejam diferentemente dispostos ou amadurecidos, compreendereis a infinidade de formas nas quais o mesmo onipresente princípio da vida pode ter-se desenvolvido no universo.

Por isso pôde nascer na Terra uma química nova, lenta mas essencialmente dinâmica, com deslocamentos contínuos de equilíbrio, a qual, mesmo estando em contínua modificação, jamais atinge a estase definitiva. Sobre essa química mutável, especialíssima, puderam basear-se os processos e a evolução da vida.

Vede como, já nestes seus primeiros movimentos, encontrais o germe das características fundamentais que, mais tarde, acompanharão sempre todos os fenômenos biológicos, sendo elas as únicas capazes de permitir a estes sua progressiva transformação ascensional. O impulso originário encontrou, dessa maneira, os elementos adequados para o seu desenvolvimento e pôde assim não apenas se desenvolver, mas também continuar desenvolvendo-se em vosso planeta. *A química de equilíbrio estável da matéria transformou-se então na química de equilíbrio instável da vida*; a ordem estática transformou-se em ordem dinâmica. Isto prova que a vida é uma fusão de dois mundos, pois, embora seja matéria, é ao mesmo tempo gerada através da fecundação desta por um princípio dinâmico superior: a energia. O corpo, feito de barro, recebeu a alma do céu, o sopro divino.

Por sua maravilhosa plasticidade, *o carbono é a protoforma da química da vida*. Em relação à gênese da vida, a atmosfera primitiva apresentava condições ainda mais favoráveis do que as atuais, por ser muito mais rica de ácido carbônico (abundantíssimo então), mais densa, mais quente e, sobretudo, mais carregada de vapor de água, oferecendo assim (juntamente com a elasticidade química de uma matéria mais jovem e menos estabilizada) condições totalmente favoráveis (não mais existentes agora) para a condensação e a gênese das matérias protoplasmáticas. Assim, na primeira idade da Terra, elementos minerais primitivos, juntamente com água, gás carbônico e nitrogênio, foram arrastados para combinações cada vez mais

complexas da química orgânica, tendo sido a matéria mineral do ambiente conduzida progressivamente até à estrutura protoplasmática. Hoje encontrais o mesmo processo na assimilação operada pelos vegetais a partir dos elementos minerais primitivos, ou seja, na *síntese das proteínas*, cuja realização se faz a partir das substâncias inorgânicas, naqueles verdadeiros laboratórios sintéticos que são as plantas. Com a circulação da água, que permite a utilização do nitrogênio nela dissolvido, e com a introdução do anidrido carbônico, através do qual é possível utilizar o carbono contido na atmosfera, são admitidos no movimento vital os quatro elementos fundamentais que vimos.

O primeiro organismo cinético em que se iniciou essa síntese química foi o *raio globular*. Como já dissemos, os primeiros corpos introduzidos neste novo sistema foram os de peso atômico mais baixo, que existiam em estado gasoso na atmosfera. Era exatamente nesse berço que tudo estava pronto para o desenvolvimento do novo organismo de origem elétrica em circuito fechado. Embora hoje, devido às condições ambientais modificadas, ele não apareça senão como instável lembrança atávica, podeis *verificar que sua densidade se aproxima daquela apresentada pelo hidrogênio*, como naturalmente, devido à sua estrutura atômica, deveria ocorrer com o *primeiro elemento movido pela radiação elétrica*. Com efeito, nos casos que podeis observar, verificaís que esses globos elétricos “flutuam” no ar, o que prova ser a sua densidade menor ou quase igual à da atmosfera, exatamente como se dá com o hidrogênio. *O primeiro material biológico foi, então, o hidrogênio*, ao qual depois se acrescentaram outros. Foi deste primeiro corpo que a energia se revestiu, fazendo dele seu apoio inicial na Terra; um corpo leve, gasoso, à espera de condensação e de combinações. Assim o raio globular, sendo constituído de hidrogênio, constitui a mais simples expressão da matéria, renovada por novo e poderosíssimo impulso dinâmico.

Por outro lado, o raio globular tem também todas as *características fundamentais de um ser vivo*. Se observardes seu comportamento, vereis que ele emite uma luz cujo brilho lembra a fosforescência; possui uma *individualidade* própria, distinta do ambiente; apresenta *uma persistência*, embora hoje relativa, dessa

individualidade, caracterizando uma espécie de personalidade. A explicação de seus movimentos lentos, próximos ao solo, que parecem evitar os obstáculos, sem nenhuma tendência a se aproximar de metais e de corpos condutores, não pode ser dada por nenhuma lei física. Ele se desloca no ar por sua própria *vibração periférica*, processo no qual se manifesta a primeira descentralização cinética da vida, expressando esse rudimentar psiquismo que a dirige. Há nele algo dos cílios vibráteis dos infusórios, uma espécie de impulso que parece *vontade*, um senso rudimentar de *escolha* e de *previdência*, uma possibilidade de tomar conhecimento do mundo exterior e de dirigir-se conscientemente, quase com memória dele. É o alvorecer do psiquismo em suas qualidades essenciais.

Agora que conheceis a íntima estrutura cinética do sistema – constituída por movimentos vorticosos abertos e comunicantes, em relações de ação e reação com as moléculas externas a esse sistema – não vos parecerá absurdo pensar que a superfície do globo elétrico seja a sede de movimentos especiais e coordenados. Essas características da vida encontram-las todas existindo nos movimentos vorticosos, de que está intimamente constituído o raio globular, sendo lógico, portanto, que as reencontremos também nele. Isto prova a *conexão* entre sistema vorticoso, raio globular e primeira unidade protoplasmática da vida. Encontrareis no raio globular também outras características dos movimentos vorticosos, como a capacidade de *cindir-se* em dois e de *fundir-se* com outro, como ocorre nos vórtices. Existe, portanto, a possibilidade de *multiplicação* através de sistemas que se aproximam da reprodução por cisão e da sexual. Muitas vezes ele ricocheteia, mostrando, ao mesmo tempo, a íntima *coesão unitária* e a *elasticidade*, próprias tanto da vida quanto dos movimentos vorticosos.

O raio globular *decompõe sua unidade*, restituindo, como na morte biológica, sua energia interna. Ocorre, no entanto, que sua morte é mais violenta, dando-se de forma explosiva, porque a restituição da energia é mais rápida. É lógico que seja assim, porque a energia se encontra ainda em suas primeiras e mais simples unidades orgânicas, não sendo, portanto, contida pelas tramas de uma complexa estrutura química. Na vida, o sistema de movimentos vorticosos é mais complexo, havendo tal entrelaçamento na estrutura

orgânica, que, de passagem em passagem, a energia tem de seguir mutações laboriosas, antes de se desemaranhar e atingir o ambiente externo, razão pela qual, neste caso, tendes na morte uma restituição de energia mais lenta e progressiva. Assim, por explosão, extinguem-se essas criaturas efêmeras, último retorno daquelas formas já superadas, das quais nasceu a vida.

No entanto, naquelas condições elétricas e químicas mais adequadas, existentes no momento em que, ao longo da evolução, a substância estava madura e pronta para sua transformação, as primeiras tentativas de equilíbrio puderam estabilizar-se, tornando possível o raio globular evoluir até à forma protoplasmática. Os casos esporádicos que podeis observar hoje são apenas esboços de reconstrução daqueles proto-organismos que começaram a atrair e a elaborar os elementos para a química orgânica, como verdadeiros laboratórios de sintetização da vida. Os casos mais estáveis, os organismos mais resistentes, os mais favorecidos pelas condições do ambiente, *sobreviveram*. Com a mesma prodigalidade que a natureza multiplica e espalha hoje seus germes, dos quais somente um pequeno número sobrevive, também surgiram miríades desses globos leves, nos quais começava a despertar a vida e estava latente o germe de suas leis. Eles ainda vagavam à mercê das forças desencadeadas, numa atmosfera densa, quente, carregada de vapores de água, de gás carbônico; primeiras luzes incertas, mas já contendo a potência da vida. Era a hora indefinida, crepuscular, a hora das formações, em que o mundo dinâmico, em plena eficiência, mas convulsionado pelos mais poderosos desequilíbrios, tentava novos caminhos, assomando desordenadamente às portas da vida.

Esses globos de fogo eram, então, os únicos habitantes do planeta; não excepcionais e instáveis como hoje, mas numerosíssimos e estáveis. Nem todos explodiam (morte violenta acidental). O íntimo movimento vorticoso tornava-se cada vez mais compacto. A condensação de uma massa gasosa das dimensões de um dos raios globulares que, por vezes, ainda tornam a se formar na Terra, vos permite avaliar a ordem de grandeza das primeiras massas protoplasmáticas. Assim, tendo seu peso específico modificado, o primeiro organismo não pôde mais flutuar no ar. A onda gravífica incorporou-se à matéria, que, lembrando-se, respondeu ao apelo

íntimo e, *atraída devido à condensação, caiu*. Mais pesados em razão da condensação, as miríades de germes da vida caíram; arrastados pelas chuvas, caíram nas cálidas e vaporosas águas dos oceanos. A protoforma da vida chegara a seu berço. A matéria recebera o sopro divino e, agora, tinha de viver. As águas, sobre as quais se movera o espírito de Deus, tornaram-se a sede dos primeiros desenvolvimentos, que só mais tarde atingiram as terras emersas. O íntimo sistema do primeiro germe se estabilizou cada vez mais; absorveu e fixou novos elementos em seu ciclo, tornando mais complexo seu íntimo metabolismo e agigantando-se; esboçou suas primeiras formas no reino vegetal, como simples algas marinhas; diferenciou os primeiros traços característicos das várias ramificações dos sistemas biológicos. Assim, da matéria, retomada no turbilhão dinâmico e animada por novo impulso em forma de germe elétrico caído do céu, nasceu a vida.

Não ouseis pensar na possibilidade de refazer uma *síntese química da vida*; de dominar este sagrado fenômeno, em que as maiores forças da evolução foram empenhadas. Daqueles tempos até hoje, a evolução realizou um caminho incomensuravelmente longo, sendo seu percurso irreversível. Para vós, é absolutamente impossível reproduzir condições definitivamente ultrapassadas. A fase que a energia atravessava então era um estado substancialmente diferente do atual. A estrutura íntima da forma dinâmica como eletricidade, qual a observais agora, não possui mais aquelas mesmas propriedades, dando-se o mesmo com o ambiente de ação. Hoje a energia, assim como sucedeu com a matéria, já viveu suas fases e, também como esta, encontra-se estabilizada em suas formas definitivas. Esses desequilíbrios de transição, esses momentos intermediários, essas fases de tentativas e de expectativas estão ultrapassadas nesse campo. Esses tipos já estão realizados, e o transformismo evolutivo ferve alhures. No presente, a hora é de *criações espirituais*; matéria e energia esgotaram seu ciclo; não podeis mudar as trajetórias invioláveis dos desenvolvimentos fenomênicos. Pensai, além disso, que vós mesmos sois, embora elevado a um nível superior, esse próprio princípio que quereis dominar. A Lei, que também vós representais, não pode voltar-se sobre si mesma, para modificar-se a si própria. Vós sois um

momento do devenir do todo e desse momento não podeis sair.

Verdadeiramente, não imaginais o que quereis, não compreendeis o alcance de tal fato, não tendes ideia da imensa e absurda desordem que isso constituiria. Qual seria o significado de uma gênese artificial da vida hoje? O simples fato de acreditardes nessa possibilidade vos mostra que não tendes a mínima ideia do funcionamento orgânico do universo. Essa gênese presume todos os longos períodos anteriores, não somente os de maturação mas também os de sucessivo desenvolvimento. Como seria possível hoje, sem preparação, iniciar-se um novo processo evolutivo, para conduzi-lo num planeta que já começa a envelhecer? Os fenômenos são sempre regidos por uma causa determinante, cuja finalidade a ser atingida é elevada e longínqua. Infelizmente, fizestes da ciência um conceito utilitário e prático, acreditando que, através dela, tudo seja acessível por algum meio. Eu vos digo que, pelo contrário, o domínio destes fenômenos e o poder de determiná-los não podem, pelo fato de corresponderem a leis precisas de maturação individual e coletiva, ser concedidos senão aos que atingiram um determinado grau de elevação espiritual e de evolução da personalidade. Eu vos digo que, mesmo na ciência, há zonas sagradas, das quais devemos nos aproximar com senso de veneração e oração.

Neste campo do conhecimento, em que se movimentam forças tremendas, não se pode caminhar senão através de um exato equilíbrio entre causa e efeito. Acreditais com demasiada simplicidade na possibilidade da loucura do arbítrio em meio a uma ordem suprema imensamente complexa e perfeita! Que garantia pode dar vossa moral, ainda tão atrasada, de uma sábia utilização dos imensos poderes que o domínio de semelhantes fenômenos vos daria? Por isso os fenômenos fundamentais e os pontos estratégicos da evolução permanecem zelosamente guardados e protegidos contra vossa desastrosa intromissão, sendo vossa própria ignorância a vossa impotência.

Não vos parece absurdo que um organismo de leis tão profundas, perfeito na eternidade, possa ser tão incompleto e vulnerável, que deixe aberto o flanco à possibilidade de subversões arbitrárias? Achareis natural, então, que, dentro de uma ordem suprema, na qual o equilíbrio reina soberano, exista também um feixe de forças

especializadas na função de proteger as partes mais vitais do organismo, a fim de afastar qualquer violação, anulando qualquer causa de desordem, como exatamente se configuraria neste caso, em relação à vossa psique ou vontade, totalmente deseducada para o domínio consciente de semelhantes forças.

Assim como vossa vida tem sua sensibilidade e seus instintos tanto mais despertados quanto mais vital é o ponto que deve ser protegido, também o universo, pelo mesmo princípio de conservação e de ordem que vos sustenta, tem suas defesas sempre prontas e em atividade.

LIX. TELEOLOGIA DOS FENÔMENOS BIOLÓGICOS

A vida: panorama sem limites. Filha da energia onipresente, a vida – nascida do mesmo princípio universal e diferentemente desenvolvida, como resultante exata do impulso determinante e das reações das forças ambientais – está presente em todas as partes no universo. *Pambiose*, não pela transmissão de esporos ou de germes por via interplanetária e interestelar, mas sim pela onipresença da grande mãe: a energia, que, como princípio positivo e ativo, une-se à matéria, princípio negativo e passivo. Como um raio do céu, o germe do psiquismo desceu nas vísceras da matéria, que o estreitou em seu seio, num profundo amplexo, envolvendo-o em si, dando-lhe um corpo, uma veste, a forma de sua manifestação concreta.

Vós mesmos sois esse fenômeno, mas sabeis que, das ilimitadas plagas do universo, a vida irmã, filha da mesma mãe, vos responde. Cada planeta, cada sistema planetário, cada estrela está plena dela, nas mais variadas formas, com meios e finalidades diversíssimos. Abandonai vosso piedoso antropomorfismo, que vos considera centro do universo e únicos filhos de Deus; abri os braços de par em par a todas as criaturas irmãs e afinai com elas vosso canto e vosso trabalho de ascensão. Subir, subir – eis a grande paixão de toda a vida – para um poder e uma consciência que não aceitam limitações. Mesmo em vossa Terra, desde os primeiros micro-organismos, esta é a aspiração constante, a vontade tenaz da vida.

Olhai em torno de vós. O simples panorama da vida terrestre, por si só, é imenso. A profusão de germes e a potencialidade das espécies são tão grandes, que, sem a reação dos germes e espécies opostas ou concorrentes, uma só delas bastaria para invadir todo o planeta. A vida – tão frágil e tão vulnerável – é, no entanto, tão poderosa, que se torna praticamente indestrutível. Observais, profusos em suas formas, verdadeiros tesouros de sabedoria. Quanta perspicácia sutil, que requintes de astúcia, que resistência de meios, que complexidade de arquitetura na construção orgânica, que economia e exatidão na divisão do trabalho e, ao mesmo tempo, que elasticidade! Vedes sintetizada na vida a mais alta sabedoria da natureza. Como seria possível que fenômenos reveladores de tão profunda inteligência e

sabedoria, diante das quais a vossa se desorienta, tivessem surgido assim, sem nenhuma razão, como se fossem filhos do acaso? Como a ciência, lógica e racional, pôde ser tão vergonhosamente míope a ponto de não perceber, transbordando em todos os fenômenos da vida, o grande conceito de uma finalidade superior que tudo explica e dirige? E que desastre quando quiseram trazer tal estreiteza de visão para o campo ético e social! O materialismo, se, por um lado, auxiliou o despontar de uma pseudocivilização mecânica, atrasou de um século o progresso espiritual da humanidade.

Olhai em torno de vós. Do protozoário ao homem, da célula ao mais complexo organismo, é sempre idêntica essa febre de ascensão, essa indestrutível vontade de viver, que sabe superar qualquer obstáculo, vencer qualquer inimigo e triunfar de todas as mortes. Em toda parte, um supremo instinto de luta para sustentar o fenômeno máximo, sendo prodigamente despendidos na sua conservação todos os recursos e inteligências da vida, ao redor da qual a natureza, lentamente, acumula todas as suas conquistas e todas as suas defesas. Se existe uma lógica na natureza, fato este demonstrado a vós por todos os fenômenos, como seria possível que, diante da finalidade suprema, essa mesma lógica falhasse, renegando a si mesma, quando em todas as ocasiões mostrou-se presente, com indomável vontade e assombrosa sabedoria?

O pormenor vos desorienta; o particular vos afoga. Observais o átimo fugidio, e não a totalidade do fenômeno no tempo. Desanima-vos o choque da dor, a falência de um caso. No dédalo da grande complexidade fenomênica, vossa consciência não sabe orientar-se, sentindo-se impotente diante da compreensão das grandes causas. Então dizeis: por que, por que viver? O animal, assim como o homem inferior, cuja consciência não sabe ultrapassar o nível da vida física, não faz essa tremenda pergunta. Mas tal questionamento assinala o primeiro despertar do espírito, sob o chicote da dor. Os choques atômicos e dinâmicos, neste nível, tornam-se paixão e dor. Com o mesmo cálculo exato de forças, determinam-se fenômenos e criações de ordem psíquica. Quando o ser indaga “por quê?”, então surgiu na vida uma nova criatura: o espírito. Na dor, ele evoluirá gigantescamente.

Por que viver? Por que sofrer? Não! O círculo de vossas coisas

humanas: paixões, ilusões, conquistas e dores, não basta para dar uma resposta. A alma sente que, com essa pergunta, assoma às pavorosas distâncias abismais do infinito e treme.

As vossas filosofias, a ciência e as próprias religiões não sabem dar-vos uma resposta convincente, não sabem dizer-vos o porquê de certos destinos obscuros e sem esperança, que, abatendo-se como condenação sobre seres puros e inocentes, parecem acusar de inconsciência a criação e de injustiça a Divindade. Não sabem dizer-vos o porquê de tantas disparidades e deficiências físicas e morais, de meios materiais e espirituais. Então acusais loucamente, rebelando-vos com a revolta cega do homem que, sem enxergar, tateia nas trevas. Um triste abalo, mas a dor, tanto individual como coletivamente, não é vencida e permanece. Assim desenrola-se o fio de vosso destino, embora não tenhais conhecimento disso. Ignorando as leis da vida, sois guiados a subir pela sorte dos inconscientes.

Levantai-vos! eu vos digo. Ensino-vos uma nova luta, mais elevada que essa fútil e vil pela qual sois diariamente subjugados e inutilmente atirados contra vosso semelhante. Ensino-vos a guerra santa do trabalho, que, criando na alma, realiza uma construção eterna. Ofereço-vos como inimigo não vosso semelhante e irmão, mas sim leis biológicas que deveis superar; ensino-vos a conquistar novos graus de evolução, para que se realize em vosso planeta uma lei super-humana, da qual estejam banidos vileza, traição, egoísmo, agressividade. Demonstro-vos que vossa personalidade, pela própria lógica de todos os fenômenos, é indestrutível; que, pelos princípios vigentes em todo o universo, existis para o bem e a felicidade; que esta meta vos espera a todos no futuro, a fim de subirdes até ela, cada um de acordo com seu trabalho. As tremendas respostas aos grandes “porquês” eu vos ofereço naquela atmosfera de límpida logicidade, em que nos movimentamos sempre neste escrito, onde cada fenômeno tem uma explicação natural. Em meio a um mundo de fome espiritual e de perturbação geral, num momento de desorientação catastrófica, em que falta à mente humana o sentido das supremas finalidades, eu venho dizer a palavra da bondade e da esperança. Digo-a, porém, não apenas com os conceitos da fé, que destruístes, mas também com os princípios da ciência, em que vos habituastes a acreditar.

Aí, em vosso mundo, onde quem vence por qualquer meio é admirado e venerado, chamo a meu lado o homem mais sofrido e desventurado e lhe digo: “Amo-te, meu irmão; admiro-te, criatura eleita”; aí, onde apenas a força é respeitada, enquanto o fraco que jaz derrotado é desprezado, eu digo ao humilde e vencido: “Tua dor é a maior grandeza da Terra, é o trabalho mais intenso, a criação mais poderosa; porque a dor faz o homem, martela e plasma sua alma, levantando-a e lançando-a para o Alto, para Deus. Que grande homem pode igualar-te? Que triunfador das forças da Terra jamais realizou uma criação verdadeiramente eterna como a tua?”.

Não maldigas a dor. Não conheces suas longínquas raízes; não sabes qual foi a última onda que, impulsionada por uma infinita cadeia de ondas, constituiu o teu presente. Num universo tão complexo, no seio de um organismo de forças regido por uma lei tão sábia, que jamais falhou definitivamente, como podes acreditar que teu destino esteja abandonado ao acaso e que o momentâneo desequilíbrio pelo qual tu és afligido, parecendo uma injustiça para ti, não seja condição de um mais alto e mais perfeito equilíbrio? Deus é tudo, e não apenas o bem; não pode ter rivais nem inimigos; é um bem que, sendo maior, compreende todo o mal e o constrange a alcançar seus objetivos. Como podes acreditar, ignorando inclusive as forças atuantes em ti mesmo, que estejas abandonado ao acaso? Não! Quer seja chamado Pai, com a palavra da fé, ou cálculo de forças, com a palavra da ciência, a substância é a mesma: estás vigiado por uma vontade e uma sabedoria superiores, és dirigido por um equilíbrio profundo. Lembra-te de que, no organismo universal, as palavras “acaso” e “injustiça” constituem um absurdo. Não pode haver erro nem imperfeição, senão como fase de transição, como *meio de criação*. A lei da vida é a alegria e o bem, mesmo que para realizar-se integralmente seja necessário atravessar a dor e o mal. Repito: “Felizes os que sofrem. Os últimos serão os primeiros”.

Deus vê os espíritos, mede substancialmente as culpas, proporciona as provas às forças e, no momento exato, diz: basta, repousa! Então, a terrível tempestade da dor transforma-se em paz serena, na qual brilha a consciência alegre da conquista realizada; abrem-se as portas do céu, que a alma contempla extasiada; das tempestades emergem seres elevados a um grau mais alto de

evolução. Não maldigas. Se a natureza – tão econômica e tão equilibrada em seus esforços, não obstante toda sua prodigalidade – permite tal derrota, como é a morte biológica, e tal falência de tuas aspirações, como é a dor, isto somente pode significar, na lógica do funcionamento universal, que estes fenômenos não são nem perda nem derrota, mas sim que, pelo contrário, incluem, oculta neles, uma *função criadora*.

A dor tem uma função fundamental na economia e no desenvolvimento da vida, especialmente em seu psiquismo. Sem sofrimento, o espírito não progrediria. *Por isso a dor é a primeira coisa de que vos falo ao ingressardes na vida.* Colocada como fato substancial na vida, a dor constitui o esforço da evolução, que é a nota fundamental do fenômeno biológico. Sendo produzida pelo choque entre as forças do ambiente e as forças do eu – opostas entre si – a dor excita, como reação, todas as atividades e, através delas, o desenvolvimento do ser. Só a dor sabe descer ao âmago da alma e arrancar-lhe o grito no qual esta se reconhece a si mesma; só ela sabe despertar toda a potência oculta na alma e fazê-la encontrar, no fundo de seu abismo interior, sua divina e profunda natureza.

Assim o mal, representado por essa desapiedada lei de luta – a lei de vosso mundo biológico – que pesa em vosso planeta como uma condenação, transforma-se num bem. Olhai o âmago das coisas e vereis que o mal sempre se transforma no bem. O instinto de agressão excita, através da reação do agredido, o desenvolvimento da consciência, gerando progresso nos caminhos da ascensão biológica e psíquica.

Os seres têm pressa de invadir tudo e se arrasar mutuamente. Mas a necessidade de um constante esforço para se defender significa a necessidade de um contínuo trabalho para ascender. Assim, *na série dos choques recíprocos e inevitáveis, a natureza estabelece a técnica de sua autoelaboração*. Por isso, a lei brutal da luta contém em si mesma os meios para, através de um intrínseco impulso, transformar-se na lei superior de amor e de bondade do Evangelho.

Duas fases de evolução biológica: animal-humana e super-humana. Duas leis em contraste no atual período de transição. Enquanto alvorece a nova civilização do Terceiro Milênio, na qual se realizará o tão esperado Reino de Deus, ainda se desencadeia

embaixo a louca ira bestial humana. Mas a Lei contém em si os germes do futuro, os meios para a realização do seu transformismo. Na natureza, nunca vedes as forças operarem a partir do exterior, mas sempre do interior, manifestando-se como *expansão de um princípio oculto nas misteriosas profundezas do ser*. Assim ocorrerá a transformação do homem – que hoje se encontra numa acentuada curva de sua maturação biológica, na qual esta atinge o nível psíquico – e se manifestará a nova lei, já anunciada há dois milênios na Boa-Nova do Evangelho de Cristo.

Nosso tratado entra agora numa atmosfera mais humana e mais cálida, mais palpitante de vossa vida, instintos e paixões. Os problemas que abordaremos estão próximos de vós, sendo vida de vossa vida e tormento de vosso tormento. Nesta iminente humanização, minha palavra exalta-se. Aproximamo-nos das formas superiores da vida, nas quais vos encontrais; avizinhamo-nos da meta de nossa jornada, que é *vos traçar os caminhos do bem*. Alongamo-nos bastante no estudo das criaturas menores, nossas irmãs do mundo físico e dinâmico, pois sem elas, que contêm os germes dos problemas da vida e do psiquismo, não seria possível a existência nem a explicação destes fenômenos.

Quanto mais ampla é a abertura da mente, tanto mais profundo torna-se o estudo e o pensamento e tanto mais complexo se revela o funcionamento do todo. Assim esta filosofia, em vez de constituir, como as outras, um sistema antropomórfico e egocêntrico, torna-se a filosofia do universo, com uma concepção que, exorbitando os limites do planeta, é aplicável em qualquer lugar onde haja vida.

Neste sistema, a vossa ciência perde aquele seu caráter de viandante desolado que caminha sem qualquer esperança de chegar à meta, demasiadamente afastada. Nele, a fé perde aquele caráter de irrealidade que ela aparenta diante da objetividade do positivismo científico. Mas por que nunca haverão de estender os braços os dois extremos do pensamento humano? A ciência tornou-se gigante, e não é mais lícito ignorá-la no seio de uma fé que, se deixada aos primitivos enunciados da concepção mosaica, não pode mais ser suficiente para as complexas mentes modernas. É indispensável reunir os dois caminhos e as duas forças; é imprescindível unificar os dois aspectos divididos da mesma verdade, para que a ciência não

permaneça apenas um árido produto do intelecto – sem finalidade no céu, sem resposta para a alma que sofre e pergunta – e a fé não se resume apenas a um produto do coração, tornando-se incapaz de fornecer as razões profundas para a mente que “*quer*” ver.

Estes conceitos, embora possam perturbar vossas tradicionais classificações, respondem à inevitável necessidade de salvar a ciência e a fé, pertencendo, portanto, ao futuro do pensamento humano e estando, como todas as invencíveis forças da evolução, acima de todos os vossos sistemas, tradições e resistências.

LX. A LEI BIOLÓGICA DA RENOVAÇÃO

Com a vida, o transformismo acelera ainda mais seu ritmo. A trajetória daquele devenir fenomênico que estudamos nas fases γ e β – estequiogênese e evolução dinâmica – torna-se a linha de vosso destino. Diferente da matéria e da energia, que, nascendo e morrendo com menos velocidade, não se modificam tão rapidamente como a vida, esta tem de nascer e morrer sem jamais se deter, sem possibilidade de parar esse movimento mais rápido, inexoravelmente marcado por um ritmo mais veloz de tempo. O equilíbrio da vida é o equilíbrio do voo, onde a estabilidade está condicionada à velocidade. A instabilidade das combinações químicas que se renovam num constante metabolismo é, como vimos, a característica fundamental do fenômeno biológico. Nascer e morrer, morrer e nascer, essa é a trama da vida. A constituição cinética da Substância se exterioriza e aparece cada vez mais evidente à proporção que a evolução ascende até à sua forma mais alta: a vida. A matéria é tomada num turbilhão cada vez mais veloz, sendo por ele permeada em sua mais íntima essência, a fim de poder responder aos novos impulsos do ser e, assim, tornar-se meio de desenvolvimento do novo princípio psíquico da vida: α .

Essa labilidade da vida, em sua contínua necessidade de se reconstruir para compensar a contínua dispersão e desgaste, embora vos possa parecer uma fraqueza, é de fato a sua força. Pode parecer-vos que ela não sabe manter-se numa estabilidade constante, mas esse seu transformismo mais rápido é, pelo contrário, a primeira condição de suas capacidades ascensionais, constituindo um poder absolutamente novo no caminho da evolução. Na vida, o espasmo da ascensão se torna mais intenso, rapidíssimo. O turbilhão psíquico nasce e, de forma em forma, desenvolve-se cada vez mais poderoso; a veste da matéria torna-se cada vez mais sutil; o pensamento divino faz-se cada vez mais transparente. É necessário reconstruir continuamente vossos corpos, processo que somente um fluxo de troca constante pode sustentar. Esta instabilidade, que parece vossa imperfeição, constitui vosso poder. Neste ritmo rápido, da juventude à velhice, tendes de viver sem jamais parar. Mas, nessa corrida, é

inevitável experimentar continuamente, provar, assimilar, avançar espiritualmente; esta é a vida.

Poder existir à custa de uma contínua renovação significa tão somente ter de marchar, cada dia, na grande estrada da evolução. Vós vos prendeis à forma; acreditais que sois matéria; desejariéis paralisar esse maravilhoso movimento, interrompendo esta marcha estupenda, a fim de prolongar a ilusão de um dia. Mas, além da juventude do corpo na vida terrena, possuís a inexaurível e eterna juventude de uma vida maior. Nela, sois indestrutíveis, eternamente novos e estais sempre progredindo; sois jovens não no corpo caducante, mas sim no espírito eterno. Não deis importância à alvorada e ao crepúsculo de um dia, pois cada crepúsculo prepara uma nova aurora. Trata-se de lógica simplicíssima – evidente lei de equilíbrio – esta pela qual, assim como tudo o que nasce morre, também tudo o que morre tem de renascer.

Não vos iludais a vós mesmos; não percais tempo precioso no esforço inútil de tentar parar a vida. A beleza da mulher deve servir à maternidade; a força do homem é feita para se desgastar no trabalho. Somente quando não tiverdes fraudado a Lei, mas sim criado de acordo com a sua ordem, vosso tempo “*não terá passado*” e não vos lamentareis. Se buscais o absurdo, tendes de encontrar ilusões. Colocai-vos no movimento, e não na imobilidade. Desembaraçai vosso pensamento do passado, que vos prende; superai-o. O passado morreu e contém o menos. Interessa o futuro, que contém o mais. *A sabedoria não está no passado, e sim no futuro.* Somente a vossa ignorância pode fazer-vos acreditar que seja possível violar e fraudar a Lei, obstruindo-lhe o caminho fatal. Se parais, o pensamento cristaliza-se e sois perseguidos pelo tédio. A satisfação de todas as necessidades e de todos os desejos vos torna ineptos; ócio significa morte por inanição. O repouso só é belo como pausa, como consequência de um trabalho anterior e condição de novo trabalho.

A necessidade de evoluir, imposta pela Lei, está gravada no mais profundo instinto de vossa alma: a insaciabilidade. A insatisfação que, permanecendo no âmago de todas as vossas realizações e de qualquer desejo satisfeito, vos faz debruçar para outro horizonte mais amplo; o descontentamento que vos atormenta, tão logo parais; a ilimitada capacidade de ambicionar, inata em vosso espírito; tudo vos

diz que sois feitos para caminhar. Embora possa constituir ânsia e ilusão, esta é a estrada do progresso, é o esforço da ascensão. A centelha que guia vossa vida sente a Lei, mesmo sem o saberdes, e a segue por um seu instinto profundo e indelével, o qual jamais conseguireis fazer calar. Não se trata de condenação ou de ônus das ilusões. Se vos moverdes de acordo com a Lei, criando substancialmente, sentireis quão grande alegria vos inundará o espírito! Ao invés, que sutil tristeza vos toma, quando vosso tempo é desperdiçado em ocasiões perdidas e posições estacionárias! O universo caminhou, mas ficastes parados em vossa preguiça. Sentindo a perda, a alma se entristece e chora. Então gritais: *vanitas vanitatum*. Mas vãos sois vós, e não a vida.

Não desperdiceis vossas energias, não pareis à beira do caminho e não adormeçais, pois a vida está desperta e caminha. Se, a cada dia, tiverdes sabido criar no espírito e na eternidade, se tiverdes dado a cada ato esse objetivo mais alto e mais substancial, tereis caminhado com o tempo e não direis: o tempo passou! Tereis renovado vossa juventude com vosso trabalho e não haveis envelhecido tristemente. Então não direis mais da vida: *vanitas vanitatum*.

Realizai o trabalho oferecido por vosso destino e não invejeis quem está no ócio. Vós, humildes, não invejeis os ricos e poderosos, porque eles têm outros trabalhos a fazer, outros problemas a resolver, outros pesos a suportar. Ninguém repousa verdadeiramente. Não há parada para ninguém no caminho da vida. Considerai-vos todos soldados do mesmo exército, encarregados de trabalhos diferentes, coordenados para o mesmo objetivo. Não invejeis aqueles cuja aparência os apresenta felizes. A verdadeira alegria não é usurpada nem herdada. Aquilo que não se ganhou não dá satisfação, não é apreciado e termina desperdiçado.

A alma quer a sua alegria como propriedade sua, fruto de seu trabalho; somente isso tem valor para ela, somente isso lhe traz prazer. As vantagens gratuitas não trazem satisfação. Acima de vossas partilhas humanas, a Lei distribui alegria e dores com profunda justiça. Quão felizes poderíeis ser, se vossas vidas fossem mais substanciais! Por que valer-se de qualquer meio para acumular, se tudo deverá ser deixado? Considerai a vida, antes, como campo de adestramento, onde estais para temperar vossas forças, provar vossas

capacidades, aprender novos caminhos e aprofundar vossa consciência. Estais no mundo não para construir na areia, mas sim para vos edificar a vós mesmos.

Não busqueis o absurdo de querer prender-vos definitivamente à instabilidade e caducidade da matéria, que, estando submetida na vida a uma constante troca, não pode manter sua aparência um só instante. Desprezai a miragem das formas. O que existe, o que fica, o que sobrevive à renovação contínua dos meios, o que verdadeiramente importa sois vós, vossa personalidade espiritual. *Não façais do mundo um fim, pois ele é apenas um meio.* Não invertais as posições e as funções. Não vos transformeis de senhores em servos. Caminhai. Lançai-vos na grande correnteza. A vida é feita para correr e avançar. Triste é o lamento do tempo perdido no sono, do tempo que não trouxe nenhum progresso e vos deixou para trás, estacionados; triste é o choro da alma que se vê iludida em sua maior necessidade, através da qual a Lei fala e se exprime. Se não quiserdes que a correnteza vos ultrapasse e vos abandone, avançai. Sede insaciáveis, como Deus vos quer, trabalhando substancialmente, para criar no bem e na eternidade.

Como podeis ser tão ingênuos a ponto de acreditar que, num universo tão perfeito, a felicidade possa ser usurpada por vias transversas, com meios injustos? Trabalhai: procurai vossas alegrias, conquistai-as com vosso trabalho. Mesmo com as maiores conquistas, vossa alma jamais se alegrará, se elas não forem vossas, se não forem produto de vosso esforço, testemunho e medida de vossa capacidade. Buscando obstáculos para poder superá-los, a alma, mais do que o resultado exterior, *quer a demonstração de seu íntimo poder, quer a confirmação do progresso de sua sabedoria, quer a prova constante de seu valor íntimo e indestrutível.*

O resultado prático, concretizado na economia da vida, é quase um produto secundário e de refugo, razão pela qual a Lei não lhe dá importância, abandonando-o tão logo este sai das mãos do homem, à mercê de forças de ordem inferior. Quão triste é ver a inutilidade de vosso contínuo esforço no sentido de vos realizardes num mundo ingrato e rebelde, de imprimirdes na matéria o sopro de vossa alma eterna! Que trágico espetáculo este inconciliável contraste entre a vontade e os meios, entre o pensamento e sua realização! Por causa

dessa ausência de correspondência da matéria, dessa sua incurável impotência, as maiores almas, muitas vezes, abatem-se exaustas aos pés de seus ideais, que se erguem perante elas como rochas cujos cimos resplandecem fora da terra. Terra volúvel e vã, que recolhe a ruína de todas as vossas grandezas humanas! Como podeis ainda insistir nesse doloroso jogo, pelo qual sois levados a concluir tristemente que nasceste apenas para colher ilusões?

Se conceberdes a vida em sua realidade mais profunda, e não mais em seu aspecto superficial, a aparente condenação se dissipará; se construídes no espírito, que mantém eternamente as impressões, vossas aspirações encontrarão eterna expressão.

Este ritmo mais rápido da vida, cuja essência e origem vimos no estudo dos movimentos vorticosos, manifesta-se nas formas orgânicas como uma permuta química contínua. Assim como a vida psíquica é um veículo em marcha, que avança de curva em curva, de estação em estação, sem possibilidade de parar, a vida orgânica também é uma renovação contínua, sendo composta por um material que, embora constitua uma correnteza, é no seu conjunto sempre o mesmo, movendo-se e circulando de organismo em organismo. A vida é feita de unidades comunicantes, ligadas em indissolúvel vínculo por contínuas permutas do material constitutivo. Assim como um rio se conserva, embora suas águas sempre mudem, o ser, apesar da constante mudança de seus elementos constitutivos, também mantém sua própria individualidade.

A lógica vos indica a presença de um princípio superior, diferente de cada uma das partes componentes, porque *o mesmo material é plasmado diversamente*, sendo individualizado em formas específicas distintas, *de acordo com a natureza do ser* que dele se apropria. O organismo superior é uma verdadeira sociedade de células com diferentes funções, na qual ocorre a coordenação das funções de cada uma das unidades menores para a formação das maiores, havendo uma subordinação do interesse individual ao coletivo. À semelhança da sociedade humana, os organismos superiores são agrupamentos de elementos associados, nos quais existe um poder central dirigente. As unidades componentes nascem e morrem numa vida menor, englobada no âmbito da vida maior. Basta o fato de que a vida permanece constante para demonstrar a

existência em vós de uma individualidade superior e independente. Vede como à vida e ao seu desenvolvimento está subordinado todo o transformismo dos materiais tomados na sua circulação; como à vida maior são oferecidas em holocausto, visando um interesse superior, todas as vidas menores que a atravessam e nela se sustentam. São nascimentos e mortes contínuos numa escala menor, coordenados num organismo que, por sua vez, nasce, morre e se coordena em organismos coletivos mais amplos, os quais também nascem e morrem, sejam como espécies animais, famílias, povos, civilizações ou humanidades. A vida se organiza através da coordenação de suas unidades, de acordo com o princípio das unidades coletivas.

Embora sua substância viva e morra continuamente, a vida jamais se extingue, pois renovar-se é sua condição. Vida e morte são apenas as fases dessa renovação. A vida e a morte da unidade menor constituem a permuta da unidade maior da qual ela é parte orgânica. Nessa rede de leis, nas quais ocorrem os fenômenos e nas quais a matéria está presa, não há lugar para absurdos, como seria uma unidade final menor ou maior. Ao contrário, tudo se reagrupa em unidades coletivas e coordena a própria evolução na evolução de unidades superiores, das quais é o elemento constitutivo (lei dos ciclos múltiplos).

LXI. EVOLUÇÃO DAS LEIS DA VIDA

Essa evolução, cujo maravilhoso caminho estamos observando, é produzida, em seu aspecto conceptual, por uma transformação de princípios e de leis. As formas do ser, como as encontrais em todos os níveis (γ , β , α), são simplesmente a expressão desse pensamento em contínua ascensão. Na reconstrução desse pensamento, que atingis mediante a análise e a observação, está a síntese máxima que resume o mistério da criação. Por isso, mais do que nos atermos apenas ao estudo das formas orgânicas – fenômeno que conheceis, porque exterior e mais imediatamente acessível – insistiremos na *compreensão dos princípios* que as determinam e lhes regem o transformismo, concentrando-nos assim no estudo das causas, mais do que dos efeitos.

Começamos, então, pelo princípio que dirige a ascensão dos fenômenos biológicos e constitui deles o *aspecto conceptual* predominante, para observar depois o *aspecto dinâmico do devenir* das formas, no qual esse princípio de ascensão se manifesta. O *aspecto estático das individuações orgânicas* está suficientemente expresso por vossas categorias botânicas e zoológicas e pelo princípio evolucionista darwiniano das formas, já conhecido.

Nesses três aspectos esgota-se – como sucedeu nas fases precedentes – o estudo da fase α . Na realidade, os três estão fundidos entre si, encontrando-se sempre presentes em qualquer gênero, assim como cada pensamento está fundido à veste que o manifesta. É esse o modo como eles vos aparecem na história do desenvolvimento ontogenético e filogenético (embriologia metamorfológica e genealogia da espécie), processo que pode ser mais bem compreendido, se for considerado como desenvolvimento sobretudo de princípio, e não de formas; como desenvolvimento sobretudo de psiquismo, e não de órgãos.

Segundo tudo que dissemos sobre a teoria dos movimentos vorticosos e sobre a lei biológica da renovação, o movimento ou princípio cinético da Substância torna-se cada vez mais intenso e evidente, levando-nos às portas da terceira fase, α , com um conceito fundamental: o metabolismo. Já vimos a íntima estrutura deste

processo, que, sendo desconhecido em γ e em β , constitui fato novo e significa ritmo acelerado de evolução. Vimos que os movimentos vorticosos contêm em germe todas as leis biológicas. O princípio básico da indestrutibilidade da substância torna-se, na vida, instinto de *conservação*; o princípio de seu transformismo ascensional torna-se lei de *luta*. A vida manifesta-se, desde seu primeiro aparecimento, com uma atividade característica fundamental: *a luta pela conservação*. Esse princípio se divide imediatamente em dois: *a conservação do indivíduo* e *a conservação da espécie*, que presidem duas funções básicas: *a nutrição* e *a reprodução*.

Há uma linguagem comum a todos os seres vivos, compreendida por qualquer um deles: *a fome* e *o amor*. Mesmo na reprodução por cissiparidade, há uma doação de si, há o germe de um altruísmo a favor da espécie. Desde suas primeiras formas, a vida aparece imediatamente com a marca de ilimitado egoísmo, que somente cede lugar a um egoísmo diverso; o egoísmo individual apenas faz concessões ao egoísmo coletivo. Trata-se de leis férreas, ferozes em seus primórdios, mas sempre equilibradas em perfeita justiça. No íntimo do fenômeno existe, como vimos, o princípio de todos os futuros desenvolvimentos e das mais altas ascensões. O embate e o equilíbrio das forças do mundo dinâmico tornam-se a dor e a justiça nos níveis mais elevados. Conservar-se é o permanente e mais urgente esforço da vida. Tesouros de sabedoria, todas as astúcias, os mais poderosos meios, todos os sistemas e os mais diferentes estilos são empregados, para alcançar esse objetivo. Dever supremo ao qual não podeis escapar, mesmo se quisésseis ficar ociosos; o instinto de conservação vos defende do suicídio, infundindo-vos o medo da morte.

Compreendei, porém, que conservação, embora seja uma necessidade inviolável, não pode, sozinha, constituir o fim último, porque é absurdo um ciclo fechado e estacionário de finalidade, uma vida que só tenha como meta a autoconservação. A vida não é uma finalidade em si mesma, mas sim um meio para atingir um objetivo mais alto: *evoluir*. Evoluir significa progredir na alegria e no bem, libertar-se das formas inferiores de existência; significa a realização progressiva do pensamento de Deus: meta suprema, que vos revela a razão pela qual o fenômeno da vida está tão ciosamente protegido

por leis sábias. Refleti que neste objetivo maior está sobretudo a vossa felicidade, e elevai um hino de gratidão ao Criador.

Eis o novo instinto, universal e insuprimível: *a necessidade de progresso, a insaciabilidade do desejo*. É o próprio ato de satisfazer-se continuamente que – pela lei dos contrastes, base da percepção – diminui a alegria da satisfação e, com isso, acentua a insaciável necessidade de progredir. A Lei contém em si todos os elementos do desenvolvimento futuro. Um longo percurso evolutivo reunirá os germes das leis biológicas contidas nos movimentos vorticosos às mais elevadas leis da ética e das religiões. As formas primordiais evoluem. O princípio originário subsiste tenaz e inviolável, superando todas as infinitas resistências do ambiente e retemperando-se ao transpor cada obstáculo que este continuamente lhe opõe. A lei baixa e feroz vai-se refinando. Fome e amor – primeiras expressões da lei da luta pela conservação – irão mais tarde, através das duas formas de atividades por elas impostas ao ser, *trabalho* e *afetos*, tornar-se duas elevadas e poderosas qualidades: *inteligência* e *coração*, que governam, nos níveis humanos mais elevados, a conservação individual e coletiva. Também no campo psíquico, a função cria o órgão, que, neste caso, é constituído pelos hábitos e qualidades. Com o constante exercício, surge imperceptivelmente a nova característica, que afinal se estabiliza com nitidez.

Assim vão sendo gradualmente fixadas as conquistas realizadas pela evolução, que, desenvolvendo seus princípios, distinguindo-os e multiplicando-os por diferenciação, opera no mundo dos efeitos uma verdadeira criação. *Mas é sempre o absoluto que se manifesta no relativo; a causa única que se multiplica em seus efeitos*. Nascerão então órgãos e instintos, novas funções e novas capacidades. Do primordial funcionamento orgânico, baseado no simples princípio da permuta, subir-se-á até às mais complexas formas de psiquismo do espírito humano, das quais aparecerá por evolução, como elemento substancial na economia da vida, aquele absurdo biológico: *o altruísmo*. De acordo com o grau atingido pelo ser, a lei que regula a vida assume uma forma de expressão mais elevada ou mais baixa, manifestando-se na medida correspondente à potencialidade conquistada por ele. *Tornando sempre mais transparente na vida um pensamento cada vez mais elevado, a evolução transforma as leis*

biológicas.

Jamais vos perguntastes o significado do flagrante contraste entre a desapiedada lei animal da luta e a doce lei humana da compaixão, bondade e altruísmo? O animal também conhece a compaixão, mas só para si e para seus filhos. Afora esses casos, a luta é feroz, sem exceções. Aí, o esforço da evolução se realiza mediante uma seleção implacável, cabendo o triunfo incondicionalmente ao mais forte. No homem, os objetivos da seleção são alcançados por outros meios, através do trabalho, da inteligência e dos sentimentos. *Só no homem surgem essas superações e a percepção do seu contraste com a lei mais baixa.*

Ignorando essas formas superiores, o animal é atroz, desapiedado e indiferente à dor do vizinho, não por maldade, mas sim em perfeita inocência e com plena justiça, porque esse é seu nível e sua lei. O equilíbrio na consciência animal é mais mecânico, simples e primitivo; ressentido-se com mais intensidade de suas origens; aparece ainda como uma resultante de forças mais facilmente calculável em sua simplicidade do que na complexidade do espírito humano.

Nas mesmas circunstâncias, o ser humano se comporta com uma liberdade de escolha e independência pessoal ignoradas no mundo animal, justamente porque, no homem, entram em função elementos desconhecidos nos níveis inferiores. Observai a complexidade da rede de forças e de princípios em que se movem as formas; vede quão maravilhosa é a técnica da evolução da vida; notai as imensas criações que pode produzir um simples desenvolvimento de princípios. Somente o homem olha para trás *e, pela primeira vez, percebe a distância que o separa do passado*, horrorizando-se com este. Encontrando-se no limiar de um mais elevado psiquismo, o homem representa a forma de transição entre a animalidade e a super-humanidade, entre a ferocidade e a bondade, entre a força e a justiça. *Duas leis contíguas, no entanto, profundamente diferentes. O homem oscila entre dois mundos: o mundo animal, que impõe ao indivíduo a condição de comer ou ser comido – agressão, força bruta, luta sem piedade, triunfo incondicional do mais forte – sendo toda a vitória nesse nível sintetizada pela força física; e o mundo superior, anunciado pelo Evangelho do Cristo, a Boa-Nova, a primeira centelha da maior revolução biológica de vosso planeta.*

Na minha concepção, os fenômenos psíquico e social são fenômenos biológicos, sendo assim reconduzidos à sua substância de lei da vida. Neste novo mundo, *a força torna-se justiça. Somente o homem, finalmente amadurecido, pode compreender esta antecipação de realizações biológicas, reveladas pelo céu.* Jamais, desde o aparecimento da vida até ao surgimento do homem, fora iniciada tão profunda transformação, pois a vida animal, sendo apenas uma vida vegetal mais acelerada, conserva desta os princípios fundamentais. A lei do amor e do perdão constitui uma tão grande e substancial revolução, que o animal fica inevitavelmente excluído dela. Diante de tão grande desenvolvimento dos princípios da vida, o ser inferior – ao qual tantas vezes o homem ainda se assemelha – detém a sua marcha, deparando-se com uma muralha insuperável. Nesse nível, tais conceitos são verdadeiramente um absurdo, uma impossibilidade; direi mais, são uma impotência biológica.

Veremos como, por um sistema de reações naturais, que são continuamente registradas na consciência, ocorre *um progressiva restrição e disciplinamento da força desordenada*, levando à transformação da lei do mais forte na lei do mais justo, da lei desapiadada da seleção na lei do amor. *A lei do Evangelho não é um absurdo em vosso nível biológico*; não constitui – como pode parecer, se vista de níveis mais baixos – fraqueza e falência. Nesta mais elevada fase da evolução, o vencido da vida animal *pode ser um vitorioso*, porque outras forças, ignoradas naquele ambiente, são atraídas e postas em ação. Aparece o mundo moral, que supera, vence e submete o mundo orgânico, dominando-o e arrastando-o para esferas superiores. Então aquela inconcebível fraqueza, dada pela bondade em qualquer caso, pela deposição de todas as armas (instrumentos básicos da luta pela vida) e pelo altruísmo a favor de todos os seres (sobretudo do próprio inimigo), transforma-se em *novo princípio de convivência e de colaboração*, constituindo a lei do homem que se eleva a uma unidade coletiva mais alta, para organizar-se em nações, sociedades e humanidades. Os homens que praticam de fato esses princípios, e não apenas os apregoam, ainda são poucos e incompreendidos. Mas somente a eles, que serão em número cada vez maior, pertence o futuro.

Cada vez mais evidente se manifesta a perfeição da Lei, à medida

que as unidades menores se diferenciam e se organizam em unidades mais amplas. Cabe ao homem transformar a natureza. Direi melhor: ele próprio é a natureza, e, através dele, a natureza se transforma. *Compete ao homem, mudando-se a si mesmo, realizar a transformação da lei biológica em seu planeta*, fixando nas formas psíquicas estas criações superiores da evolução.

Pertencem ao homem o dever e a glória de responder ao grande apelo descido dos céus, no sentido de cumprir, como ser escolhido e produto mais elevado da vida terrestre, o trabalho de transformar a natureza atual, destituída de compaixão, numa natureza movida pela lei superior de amor, de fusão, de colaboração, de compreensão e de fraternidade.

LXII. AS ORIGENS DO PSIQUISMO

Na evolução do princípio diretor da vida, vimos o aspecto conceptual da fase α . Vamos observar agora o aspecto dinâmico preponderante do seu devenir, no qual se manifesta esse princípio. Conforme já foi visto, o princípio básico da luta vai-se transformando. Observemos, então, como essa transformação se exprime nas formas de um psiquismo crescente. As três forças que sustentam as leis de conservação e evolução, manifestadas nos impulsos de fome, amor e insaciabilidade do desejo, também se modificam com a transformação dos princípios, alterando profundamente a natureza do ser, que se torna assim uma exata expressão destes princípios.

Se a finalidade da vida é a evolução, o objetivo da evolução – sua constante tendência e máxima realização na fase vida – é o *psiquismo*. Observemos como ele surge e se desenvolve até às formas superiores humanas. Um germe de psiquismo já existe, como vimos, na complexa estrutura cinética dos movimentos vorticosos. Destes primeiros sintomas até ao espírito do homem passa-se por gradações sucessivas de desenvolvimento, através das espécies vegetais e animais, cujos órgãos e formas são simplesmente manifestações de um psiquismo progressivo que, regendo todas as formas de vida, constitui um dos mais maravilhosos espetáculos apresentados por vosso universo. A substância da vida reside nesse psiquismo e constitui o fundamento ao qual nos mantemos sempre aderentes. Consideramos que *a vida é α (vida= α)* e que suas formas constituem apenas a veste exterior de um íntimo psiquismo. Para nós, *evolução biológica é evolução psíquica*. Para compreender a evolução dos efeitos, é indispensável compreender a evolução das causas. Em nossa visão, zoologia e botânica não são um catálogo de cadáveres, mas sim ciências de vida, cujas formas consideramos apenas enquanto constituem a expressão do conceito que as plasmou. Não as ligamos por parentela orgânica senão onde e enquanto esta caracterizar aquele mais substancial parentesco psíquico. A botânica e a zoologia, que vós tendes reduzido a necrópoles, são reinos palpitantes de vida, de sensibilidade, de atividade e de beleza.

Este é o modo como, desde o princípio, consideramos o problema da vida e como o desenvolveremos até o fim, porque somente assim é possível resolver racionalmente todos os problemas biológicos, psíquicos e éticos. É absurdo conceber que as formas da vida sejam um fim em si mesmas e que sua evolução não possua uma finalidade, interrompendo-se justamente onde um eterno transformismo a precedeu nas fases γ e β . A continuação da evolução orgânica não pode ocorrer senão através da evolução psíquica, como de fato se realiza no homem. *Este psiquismo é a meta mais elevada da vida.* Seu desenvolvimento é o resultado final da permuta, da seleção e da transformação da espécie, consequência de uma grande sabedoria, de uma árdua luta e de uma elevada tensão. Fixando-se nos órgãos e nas formas, esse psiquismo as plasma e as anima em todos os níveis, fazendo delas um meio para evoluir ainda mais. O psiquismo se revela e se exprime nas formas da vida, a partir das quais podeis, observando-as, subir até ao princípio psíquico e alcançar assim a centelha que se agita em seu âmago. Trata-se de toda uma fatigante e dolorosa ascensão, através da qual, subindo sempre, do protozoário ao homem, até alcançar os mais altos cimos do psiquismo, é realizada a gênese do espírito, constituindo uma obra maravilhosa e progressiva, em que a Divindade, princípio infinito, *está sempre presente num ato constante de criação.*

No estudo dos movimentos vorticosos, vimos como eles contêm em germe o desenvolvimento das leis biológicas e como a íntima estrutura cinética da vida lhes permite, desde suas unidades primordiais, admitir em sua órbita impulsos externos e conservar nas subsequentes alterações de suas íntimas cinéticas os traços destes impulsos. Um cálculo exato de forças existe, portanto, como fundamento dessa capacidade de conservação dinâmica, que se tornará recordação atávica, base sobre a qual se elevará a lei da hereditariedade. A onda dinâmica degradada, ao investir a íntima estrutura atômica, gerou a vida, enquanto o ambiente externo – onde matéria e energia, ainda não elevadas à vida, continuavam a existir, representando um campo de intensa atividade cinética, saturado de impulsos – continha e representava uma riqueza inexaurível de forças, prontas para se introduzirem e se combinarem no vórtice vital.

Tão logo esta nova individuação surgiu, estabeleceu-se entre ela e as forças do ambiente uma rede de ações e reações, desenvolvendo-se aquela cadeia de fenômenos em que se apoia e progride a evolução, os quais são agrupados sob os nomes de assimilação, adaptação, hereditariedade e seleção. Com seu mais intenso dinamismo, a vida respondeu a todos os estímulos dinâmicos provenientes do mundo exterior. Estabeleceu-se assim uma permuta entre impulsos e respostas. A vida adaptava-se, assimilava e, sobretudo, recordava, diferenciando-se e selecionando-se. O íntimo princípio cinético enriquecia-se e ganhava complexidade, aumentando sua capacidade de assimilação. Isto não significa que haja um nascimento automático do mais complexo a partir do menos complexo, mas sim que a maior complexidade dos entrelaçamentos cinéticos permite a manifestação do princípio cinético anteriormente concentrado em sua fase potencial. Direção, escolha e memória foram as primeiras manifestações daquele dinamismo, que assumiu a partir de então os caracteres de psiquismo. Nasce assim a possibilidade de uma construção ideoplástica de órgãos. Emanando do vórtice íntimo, o princípio cinético plasma para si meios específicos, a fim de receber as impressões ambientais. Surgem com isso os infinitos sentidos que, progredindo da planta ao homem, constituem os meios para alimentar a crescente sensibilidade, resultante da maior velocidade da íntima mobilidade do ser.

LXIII. CONCEITO DE CRIAÇÃO

Quando vos falo de desenvolvimento que, por um processo automático, vai do psiquismo à gênese do espírito, sem a intervenção de nenhuma força exterior, deveis compreender bem meu pensamento. Em meu sistema, a Substância, mesmo em suas formas inferiores, γ e β , inclui, em estado potencial e latente, todas as infinitas possibilidades de um desenvolvimento ilimitado. Compreendei que uma criação exterior e antropomórfica é absurda. Não interpreteis mal meu pensamento, nem tenteis reconduzi-lo forçosamente ao materialismo, do qual minha concepção, embora lhe conserve a forma, afasta-se enormemente na substância, chegando a coincidir, nas suas conclusões, com o mais elevado espiritualismo. Não digais, então, que a matéria pensa. Dizei que, na vida, a matéria, atingindo um grau mais elevado de evolução, torna-se um *veículo capaz*, pela íntima elaboração à qual foi submetida, *de manifestar em maior medida o potencial nela contido*. É incomparavelmente mais científico, mais lógico e mais correspondente à realidade este conceito de uma *Divindade sempre presente e continuamente ativa no âmago das coisas*, operando exatamente na essência delas, do que a ideia de uma Divindade cuja ação, num único ato e *num determinado momento* do tempo, à semelhança de um ser humano, opera fora de si, *de maneira imperfeita* e, ao mesmo tempo, *definitiva*.

O absoluto divino só existe no infinito. Sua manifestação – uma vez que existir equivale a manifestar-se – *não pode ter tido um início*. Em sua essência, que abrange o todo, *o Absoluto não age no tempo*, a não ser no sentido de um átimo de seu eterno devenir, no sentido de uma Sua particular descida no relativo. É neste sentido que devem ser entendidas as Escrituras, e somente assim elas são compreensíveis. Além disso, o fato de verificardes um transformismo incessante e uma *susceptibilidade de aperfeiçoamento progressivo* em todas as coisas, vos fala claramente de uma criação progressiva, entendida como manifestação gradativa do princípio divino no mundo concreto e sensório dos efeitos. O conceito de prodígio, com a finalidade de *correção* e de *retoque*, é inerente apenas à fraqueza e

à relatividade humanas, razão pela qual não pode ser aplicado ao Absoluto e à Divindade.

A perfeição da Lei não pode ser alterada para proporcionar espetáculos ao homem. O milagre, compreendido como violação e refazimento de leis, constitui não uma prova de poder, mas sim um absurdo que somente pode existir na ignorância humana. Não tomeis justamente esse consenso de vossa fraqueza como base apologética das religiões, porque, com tal disparate, ao invés de reforçar, diminuíis a fé.

Como podeis ver, tudo que existe provém de um princípio que, agindo sempre *de dentro para fora*, e não de fora para dentro, encontra-se oculto no íntimo mistério do ser, cuja existência é manifestação e expressão daquele princípio. Igualmente antropológica é a *ideia do nada, inadmissível* no Absoluto. Como poderão existir zonas externas ou zonas de vazio, senão no relativo? A indestrutibilidade e a eternidade da Substância, fato por vós verificado, demonstra-vos o absurdo desse nada, que é apenas uma pseudoideia. Deus é o Absoluto e, como tal, não pode ter contrários, pontos externos ou qualquer das características do relativo. Suas manifestações não podem ter princípio nem fim. No relativo, podeis colocar uma fase de evolução, mas não o eterno devenir da Substância; no finito, podeis colocar-vos a vós mesmos e os fenômenos de vosso concebível, mas não a Divindade e suas manifestações. Podeis denominar como *criação um período do devenir* e, somente nesta condição, falar de princípio e de fim. É neste sentido que falam as revelações.

Compreendi-me, pois, e não vos escandalizeis com este conceito *religiosíssimo* da gênese do espírito. Não constituindo um princípio *infuso de fora* (esta era a fórmula necessária à tradição mosaica, para que os povos primitivos pudessem compreender), mas sim *desenvolvido a partir de dentro*, o espírito exterioriza-se daquele centro profundo, no qual deveis comprovar a existência da essência das coisas e o porquê dos fenômenos. Deus é a grande força, o conceito que age no íntimo das coisas e que, desse íntimo, expande-se, nos períodos do relativo, num aperfeiçoamento progressivo, manifestando gradativamente a sua perfeição. O universo permanece sempre obra maravilhosa Dele; todas as criaturas são sempre filhas

Dele; tudo é sempre efeito desta Causa Suprema. Não pode haver blasfêmia nesta concepção, que, se não corresponde à letra das Escrituras, agiganta-lhes o conceito, elevando-as e vivificando-lhes o espírito a uma racionalidade da qual o homem tem hoje absoluta necessidade, para que sua fé não se destrua.

Dizer que o universo contém sua própria criação, como momento de seu eterno devenir, é simplesmente demonstrar e tornar compreensível a onipresença divina. Tudo tem de reentrar na Divindade, que, caso contrário, constituiria uma “parte” e, portanto, seria incompleta. *Se existem forças antagônicas, isto só pode ocorrer em Seu seio*, no âmbito de Sua vontade, como parte do mecanismo do Seu querer no esquema do todo. É verdade que a obra humana também é uma manifestação e expressão na qual se realiza e se exterioriza, assim como na criação, um pensamento interior. Isto justifica a concepção antropomórfica, mas não leveis o paralelismo ao extremo de conceber uma cisão, uma duplicidade absoluta entre Divindade e criação. Isto não pode ocorrer neste meu monismo.

O conceito de Divindade não pode ser limitado a um ou a outro aspecto, pois tem de abranger a máxima extensão do concebível e muito mais. Não receais diminuir-lhe a grandeza, dizendo que Deus é também o universo físico, pois este é apenas um átimo do eterno devenir em que Ele se manifesta. Onde vossa concepção é mais particular e relativa, a minha tende a manter compacto o todo numa visão unitária, fazendo *ressaltar os vínculos profundos que ligam princípio e forma*. No caminhar das verdades progressivas, esta concepção continua, aperfeiçoa e eleva a vossa.

Deus é um infinito, e a essência de Sua manifestação vós a percebereis cada vez mais real, à medida que vossa capacidade perceptiva e conceptual souber penetrar o âmago das coisas. Deus é o princípio e a sua manifestação, ambos fundidos numa unidade indissolúvel; é o absoluto, o infinito, o eterno, que vedes apenas pulverizado no relativo, no finito, no progressivo. Deus é conceito e matéria, princípio e forma, causa e efeito, ligados, indivisíveis, como a realidade fenomênica vo-los apresenta, como a lógica vo-los demonstra, constituindo os dois momentos e os dois extremos entre os quais oscila o universo.

Quão maior é a profundidade ética e, ao mesmo tempo, a verdade

biológica (extremos que jamais soubestes unir) existentes nesta concepção, em que o cérebro é o instrumento por meio do qual o espírito pensa; o corpo é o órgão da alma eterna, constituindo a veste caducante que ela, com a finalidade de atender as necessidades de sua ascensão, constrói para si! Que maior elevação espiritual do que esta na qual cada forma existente representa uma perfeita fusão de pensamento e de ação, constituindo uma manifestação divina, uma expressão daquele supremo princípio, uma revelação daquela centelha animadora cuja ausência desagregaria repentinamente qualquer organismo?

A matéria subsiste; e como poderia ser destruída? Ela está fundida ao espírito num poderoso amplexo, ajudando-lhe no desenvolvimento como serva fiel e recebendo dele a gênese em seu seio materno. Uma vez completada a criação, ela se inclina diante do fruto de sua elaboração, tornando-se serva dele, pois, ainda que, no todo, o inferior esteja ligado ao superior em fraternidade de origem e de trabalho, cada individuação não pode ultrapassar seu próprio nível. Assim, na vida, a matéria permanece no grau intermediário, sem jamais ultrapassá-lo.

Deveis ainda compreender que matéria, energia, vida e consciência, toda essa florescência incessante que do âmago se projeta para fora, não se deve a uma absurda gênese pela qual do menos se possa desenvolver o mais, ou do nada se possa automaticamente criar o ser. Tudo isso é forma, aparência externa, é *a manifestação sensível daquele contínuo devenir em que o Absoluto divino se realiza, projetando-se no relativo*. Não pensem que os movimentos vorticosos, originados na vida pela transformação da estrutura atômica, contenham e desenvolvam o espírito e o vosso pensamento, mas sim que eles formam uma ordem mais complexa, à qual a matéria se submete, a fim de manifestar o princípio que a anima e corresponder ao impulso interior que a impele sempre a evoluir.

LXIV. TÉCNICA EVOLUTIVA DO PSIQUISMO E GÊNESE DO ESPÍRITO

Após termos enfrentado o problema da gênese da vida, encontramos-nos, agora, diante de um ainda mais formidável: o da gênese do espírito. Consta-se o fato de que, a partir das primeiras unidades protoplasmáticas – filhas do raio globular – em diante, protoplasma e célula possuem, devido à íntima estrutura da permuta química, uma sensibilidade ao ambiente e uma capacidade de registrar impressões, razão pela qual a vida, desde suas primeiras manifestações, devia produzir fenômenos de psiquismo, embora muitíssimo rudimentares. A mobilidade, ainda que estável e elástica, do sistema atômico da vida era o meio mais adequado ao desenvolvimento e à progressiva expressão desse psiquismo.

Vossa incerteza, quando indagais se a função cria o órgão ou se o órgão cria a função, ocorre porque ignorais o princípio da vida e, por isso, não sabeis como interpretar-lhe os fenômenos. Nem uma coisa, nem outra. O organismo é uma construção ideoplástica, cujo surgimento ocorre tão logo a maturação evolutiva do meio – a matéria – permita a manifestação do princípio latente, que se manifesta diversamente, de acordo com as circunstâncias do ambiente, onde e como o meio possibilitar o desenvolvimento desta manifestação. Órgão e função, portanto, surgem juntos e progridem através da alternância de um apoio recíproco: do órgão sobre a função, que o desenvolve, e da função sobre o órgão, que a aperfeiçoa. Assim nem a consciência cria a vida, nem a vida cria a consciência, mas ambas, ajudando-se mutuamente, trabalham para vir à luz: o princípio, plasmando e desenvolvendo para si uma forma cada vez mais adequada à sua manifestação, e a vida, fixando esse impulso e organizando-se para aperfeiçoar-se sempre mais. O princípio move a matéria e, nesse trabalho, tornando-a cada vez mais aderente à sua expressão, ele se reforça, expandindo-se e manifestando-se mais poderoso. A vida, ao mesmo tempo em que é efeito de um íntimo dinamismo organizador, constitui também o campo no qual esse dinamismo se exercita e se desenvolve. Se a modelação das formas não proviesse de um princípio interno, não

vos seria possível ver esse crescimento provir sempre de dentro, progredindo da reprodução de tecidos ou, por vezes, de órgãos inteiros até à formação dos organismos adultos.

Em sua íntima estrutura cinética, a vida conserva a memória das ações e das reações dinâmicas anteriores, concentrando em si e podendo realizar todos os traços marcantes passados. É possível, assim, não apenas a concentração, em um germe, de toda a arquitetura de um organismo, mas também a sua reconstrução completa a partir do germe, até à sua forma adulta. Toda evolução vos apresenta o espetáculo desse processo de centralização e descentralização cinética, cuja evidência, no caso da semente, torna-se tão grande, que é como se o tocásseis com a mão. O germe mantém em seu movimento todas as características de seu tipo, conservando em seu âmago uma estrutura indelével – a lembrança do passado vivido – que deverá reproduzir-se intacta no seu novo organismo, o qual, na maturidade, será capaz de modificá-la, mas somente em escala mínima, sendo essa modificação, uma vez assimilada, transmitida ao novo germe.

Os resultados da experiência da vida, em qualquer nível, *gravitam para o interior*, onde os valores são destilados, os totais são resumidos e a síntese da ação é processada. Para lá descem, em camadas sucessivas, os produtos da vida. O psiquismo permanece em constante crescimento, pois em redor do primeiro núcleo depositam-se, por superposição progressiva, os valores, os totais e as sínteses da vida. Assim, a consciência, embora em graus muito diferentes, é um fato universal em biologia, e seu desenvolvimento, através da adição dos resultados das experiências (variações cinéticas introduzidas na unidade vorticosa), constitui o resultado do fenômeno da vida. De um a outro extremo da vida, a consciência, embora só apareça com intensidade nos organismos superiores – nos quais ela, a fim de fazer a divisão do trabalho, constrói para si órgãos específicos – está, todavia, sempre presente, sendo seu sistema de desenvolvimento, desde a consciência elementar dos proto-organismos até ao espírito humano, sempre idêntico e constante. O centro se enriquece em qualidade e em potência, adquirindo com isso a capacidade de construir para si órgãos cada vez mais aptos a exprimir a crescente complexidade de sua estrutura. Assim, sucessiva e reciprocamente

ativos e passivos, princípio e forma – submetidos aos choques das forças do ambiente e estimulados por um íntimo impulso, que, por lei de evolução, busca constantemente exteriorizar-se – evoluem gradualmente, e da contínua tensão desse contraste desponta, do mistério do ser à luz, do polo consciência ao polo forma, a manifestação da vida.

Desde sua forma protoplasmática inicial, a vida tinha de possuir uma consciência orgânica própria, ainda que rudimentar, sem a qual aquela primitiva permuta não poderia subsistir. Se vida significa permuta e permuta corresponde a psiquismo, então vida equivale a psiquismo. Essa primordial consciência orgânica, na qual já estão presentes as leis fundamentais da vida, encontra-se em toda a parte e em qualquer organismo. Tendo-se desenvolvido na complexa estrutura cinética dos movimentos vorticosos, ela já era parte integrante da vida em seus primeiros albores, como substrato fundamental de todos os crescimentos futuros. Essa consciência orgânica se tornará mais tarde inteligência orgânica e instinto, para, finalmente, ascender até à consciência psíquica e abstrata no homem.

Desde suas primeiras formas, a matéria possui as propriedades psíquicas fundamentais, os elementos dessa consciência, que, sendo a essência e a condição da vida, é inseparável desta. A ameba já possui todas as propriedades biológicas básicas: metabolismo, movimento, respiração, digestão, secreção, sensibilidade, reprodução e psiquismo. Nesse protozoário, a técnica da vida já lançou suas bases, traçando em grandes linhas a sua arquitetura. O desenvolvimento se opera em todos os níveis, obedecendo à mesma técnica, dada pela transmissão ao centro psíquico já constituído e pelo crescimento desse núcleo através da estratificação em torno dele das capacidades sucessivamente adquiridas. A repetição de uma reação, gerada em resposta a uma ação exterior constante, tende a se fixar na trajetória íntima, como uma nova forma.

A vida, ansiosa por expandir-se e evoluir, mantém seus braços abertos às forças do ambiente, as quais são nela introduzidas em grande quantidade. Assim, as reações se multiplicam e a consciência, ávida de sensações, enriquece-se e aperfeiçoa-se, tornando-se mais complexa em sua estrutura. Nada se perde; nem um ato, nem uma prova passam sem deixar sua marca. Através de um processo lento

de ajustamentos contínuos vão-se transformando a consciência primordial, a forma que a reveste e o ambiente que a circunda. Vivendo e acumulando experiências, o ser torna-se cada vez mais sábio, especializando sua capacidade. Nasce então o instinto, constituído por uma consciência mais complexa, que lembra, sabe e prevê.

Subindo mais ainda, chegamos ao homem. Nele continuam a subsistir os substratos precedentes: a consciência orgânica – obscura e automática – que, embora abandonada na profundidade do ser, está ali presente e em funcionamento; o instinto vivo e atuante, que, tal como nos animais, é sábio e memorioso. Todavia é acrescentada uma nova estratificação: a razão, a inteligência, aquele feixe de faculdades psíquicas que formam a consciência propriamente dita. A vida retorna sempre ao germe, para recomeçar tudo de novo, repetindo em cada forma todo o ciclo percorrido na evolução precedente – como fenômeno orgânico e como fenômeno psíquico – e, assim como o germe sintetiza em si todo o organismo que produzirá, o homem também resume em si todas as consciências inferiores. Cada célula possui sua pequena consciência, pela qual é presidido o seu metabolismo em cada tecido, e cada órgão tem uma consciência coletiva mais alta, pela qual seu funcionamento é regido, sendo todo o organismo dirigido pelos instintos, que guiam e conservam a vida animal.

LXV. INSTINTO E CONSCIÊNCIA. TÉCNICA DOS AUTOMATISMOS

Isto não vos deve surpreender, pois conheceis somente uma pequena parte de vós mesmos. Vosso funcionamento orgânico, porventura, não ocorre fora de vossa consciência, sendo confiado a unidades de consciências inferiores, situadas fora dela? A economia que a lei do menor esforço impõe, *limita a consciência humana ao âmbito no qual se realiza o trabalho útil das construções*. Tudo que foi vivido e definitivamente assimilado é abandonado aos substratos da consciência, zona esta que podeis chamar de *subconsciente*. É justamente por isso que o processo de assimilação, base do desenvolvimento da consciência, realiza-se *por transmissão ao subconsciente*, onde tudo permanece, mesmo se esquecido, pronto para ressurgir, tão logo seja excitado por um impulso ou exigido por um fato.

O subconsciente é exatamente a zona dos instintos, das ideias inatas, das qualidades adquiridas; é o passado superado, inferior mas consolidado (misoneísmo). Todos os produtos substanciais da vida se depositam nessa zona, onde encontrais o que fostes e o que fizestes. Nela está registrado o caminho seguido na construção de vós mesmos, assim como nas estratificações geológicas está gravada a vida vivida pelo planeta. *A transmissão ao subconsciente ocorre justamente através da repetição constante*. Então dizeis que o hábito transforma um ato consciente num ato inconsciente, constituindo neste uma segunda natureza. Assim é o método da educação. Palavras comuns, que exprimem exatamente a substância do fenômeno. Podeis então, com a educação, o estudo e o hábito, construir-vos a vós mesmos. Um ato, tão logo seja assimilado, não precisa mais, para subsistir, ser dirigido pela consciência e é, portanto, deixado fora desta pela economia da natureza. Assim toda qualidade, uma vez adquirida, *é abandonada aos automatismos*, na forma de instinto, como um caráter fixado na personalidade.

Não se trata de extinção nem de perda, porque tudo, indubitavelmente, mesmo estando fora da consciência, subsiste presente e ativo no funcionamento da vida, continuando a produzir

todo o seu rendimento. Trata-se apenas de eliminar da zona da consciência aquilo que já pode funcionar sozinho, dispensando o esforço do eu. A qualidade assimilada e transmitida ao subconsciente cessa de ser fadiga, tornando-se necessidade, instinto. O impulso impresso na matéria fica e, quando reaparece, exprime-se na forma de uma vontade autônoma de continuar na sua direção, quase como uma criatura psíquica independente que, criada por obra vossa, busca agora viver sua própria vida. Dessa maneira, a consciência representa apenas aquela zona da personalidade na qual *ocorre o esforço da construção do eu* e de sua ulterior dilatação. Em outros termos, ela se *limita unicamente à zona de trabalho*, o que é lógico. O consciente compreende somente a *fase ativa*, a única que sentis e conheceis, porque é a fase na qual viveis e na qual a evolução trabalha¹³.

Agora podeis compreender algumas características inexplicáveis do instinto, bem como a sua maravilhosa perfeição. *No instinto, a assimilação está terminada*. O fenômeno, então, não está mais em formação, pois já atingiu sua última fase de perfeição. Por isso o instinto é tenaz e sábio; existe por hereditariedade e sem aprendizado, justamente porque esse já ocorreu; age sem reflexão (tanto no animal como no homem), exatamente porque já refletiu bastante. Tendo sido superada a fase de formação, o ato reflexivo torna-se inútil e é eliminado. A repetição constante cristalizou o automatismo numa forma que corresponde perfeitamente ao modo de atuação contínuo das forças do ambiente.

Balanco de forças, adaptações, ações e reações, sensibilidade e registro, tudo isto concorreu para o transformismo. No cadinho das formações estavam misturadas forças em ebulição, reguladas cada uma por um princípio-lei próprio, inerente e perfeito, de modo que o resultado também tinha de ser perfeito e exato. O princípio diretor, que garantia a constância das ações e das condições ambientais, permitiu a estabilização das reações constantes no instinto e, portanto, a correspondência deste com o ambiente.

Compreendeis agora não só a estupenda presciência do instinto, mas também a infinita série de experiências, incertezas e tentativas da qual ele é o resultado. Não há outra alternativa, senão o indivíduo já ter aprendido alguma vez essa ciência, pois *não é possível alguma coisa nascer do nada*. Ele deve ter experimentado a constância –

pressuposta por aquele conhecimento – das leis ambientes, às quais correspondem seus órgãos e para as quais ele é feito e está proporcionado. Sem uma série infinita de contatos, de experiências e de adaptações no período de formações, não se explica uma tão perfeita correspondência de órgãos e instintos, antecipados à ação, dentro de uma natureza que avança por tentativas, tampouco se explica sua hereditariedade. No instinto, a sabedoria já está conquistada, tendo sido superada a fase de tentativas e vencida a necessidade de submeter-se a uma linha lógica, que, oferecendo várias soluções, demonstra a fase insegura e incerta dos atos raciocinados, onde o instinto conhece um só caminho: o melhor.

A razão cobre um campo muito mais extenso que o limitado pelo instinto (nisto o homem supera o animal, dominando zonas que ele ignora). Entretanto, em seu pequeno campo, o instinto atingiu um grau de amadurecimento mais adiantado, expresso pela segurança dos atos, e um grau de perfeição ainda não alcançado por nenhuma razão humana. Esta, nas suas tentativas, revela as características evidentes da fase de formação. Da mesma forma que o animal raciocinou rudimentarmente no período da construção de seu instinto, a razão humana, terminada a formação, também alcançará um instinto complexo e maravilhoso, que revelará uma sabedoria muito mais profunda.

No homem subsiste todo o instinto animal, do qual a razão é mera continuação. Agora podeis compreender que *instinto e razão são simplesmente duas fases de consciência*, a primeira já superada, portanto funcionando automaticamente, e a segunda em vias de formação. Não coloqueis os dois momentos do mesmo processo evolutivo em antagonismo. No homem, não apenas sobrevive todo o instinto do animal, mas também continua, assim como ocorreu para este e através do mesmo sistema, a formação de novos instintos, embora isto ocorra muito mais rapidamente, em vista da potência psíquica humana, e num nível muito mais alto, em virtude da complexidade de seu psiquismo. Assim como, no homem, a fase instinto é inconsciente e a fase razão é consciente, também existe no animal, além do instinto inconsciente, uma pequena zona de formação do consciente e do racional, ainda que em suas formas primitivas. Se observardes, vereis que nem todos os atos dos animais

estão cristalizados no instinto, estando sempre aberta uma porta para novas aquisições (aprendizado, domesticação etc.).

Entre a planta, o animal e o homem só existe a diferença devida ao maior ou menor caminho percorrido. Observai quão grande parte de vós mesmos está confiada aos automatismos; observai como a racionalidade humana também tende a cristalizar-se em atitudes instintivas e como passa a ser instinto tudo o que foi profundamente conquistado.

Existe, pois, uma zona obscura do *subconsciente* e uma zona lúcida do *consciente*. Além disso, porém, há uma terceira zona, a do *superconsciente*, na qual tudo é expectativa e na qual se preparam as conquistas do amanhã; fase percebida apenas como pressentimento e contida, em germe, nas causas que atuam no presente, do qual ela representa o desenvolvimento. Trata-se de zonas cujas amplitude e posição são relativas ao ser, de acordo com o grau de desenvolvimento deste. Os limites do consciente, assim, variam grandemente, mesmo para o homem, conforme sua evolução individual. Aquilo que é consciente ou superconsciente para alguns, pode ser subconsciente (ou seja, caminho percorrido e experiências adquiridas) para outros, mais adiantados. Esses limites também variam durante a vida de um mesmo indivíduo, pois a vida é justamente o período de aquisição e transformação de consciência. A idade mais adequada para essas aquisições – em outras palavras, mais susceptível de educação – é a juventude. Neste período, a consciência, refeita pelo repouso, é mais propensa à assimilação e ao estabelecimento de novos automatismos, que depois se fixarão indelevelmente no caráter, sendo os primeiros a se formarem aqueles mais profundos e mais resistentes.

Resumindo rapidamente todo o caminho percorrido pela evolução, a zona da consciência tende sempre a subir, deslocando-se para o superconsciente. Educação, bons e maus hábitos, tudo se fixa em automatismos, que são transmitidos ao subconsciente. A fase lúcida do trabalho construtivo se transfere sempre para campos mais elevados e mais profundos no âmago do ser, com a assimilação de qualidades espirituais.

Nada se perde assim de todas as dores e lutas da vida, de todo bem e mal praticados. Nada se perde fora de vós, pelo princípio de

causa e efeito, nem dentro de vós, pelo princípio de transmissão ao subconsciente. A herança de vossas culpas e de vossos merecimentos, o resultado de todas as vossas fraquezas ou esforços, vós os carregais sempre convosco, de acordo com o que quisestes. A assimilação por automatismos e a transmissão ao subconsciente constituem o processo através do qual as qualidades adquiridas, fruto de vosso trabalho, *são transmitidas para a eternidade*. Cada ato tem um eco e deixa uma marca. A técnica dos automatismos reside em vossa experiência cotidiana, na aquisição de cada habilidade mecânica ou psíquica. A objeção de que se perde um hábito por falta de uso, a qual poderíeis levantar contra a teoria da assimilação por automatismos das experiências vividas, não é válida, pois ao subconsciente é transmitida a aptidão, e não o conhecimento. Vedes que, mesmo quando o conhecimento esvanece pelo desuso, a aptidão permanece, sabendo reconstruir rapidamente o que parece destruído. Daí todas as diversíssimas capacidades inatas, às quais tanto deve a vida e que, de outra forma, não teriam explicação. Se a repetição de inumeráveis atos de defesa deu ao animal o instinto da defesa, o hábito de agir moralmente conferirá ao homem instintos morais. O pensamento desenvolve e enriquece a inteligência. Tendes, assim, um meio para poderdes *retificar* continuamente a substância de vossa personalidade, que vós mesmos podeis plasmar para o bem ou para o mal. Portanto vosso destino, produzido pelas qualidades que assimilastes, constituído e cercado pelas forças que movestes, pode sempre ser retocado por vossas próprias mãos. Assim, o férreo determinismo imposto pela lei de causalidade abre-se na zona das formações estendidas para o futuro, num campo onde domina unicamente o vosso livre-arbítrio, senhor da escolha que, mais tarde, salvo ulteriores correções, irá por sua vez vos prender na mesma lei de causalidade.

LXVI. RUMO ÀS SUPREMAS ASCENSÕES BIOLÓGICAS

Eis a técnica do desenvolvimento do psiquismo, que culmina na gênese do espírito. Escavando no subconsciente, achareis todo o vosso passado, que ressurge nos instintos e tendências, nas simpatias e antipatias. Que outra coisa vos poderia ter construído repletos de conhecimentos instintivos gratuitos, senão “vosso” passado? Como poderia o germe da vida contê-los e depois, a um dado momento, desenvolvê-los prescientes e proporcionados ao ambiente, senão por uma *restituição*? Que processo de descentralização cinética seria esse, se não tivesse sido precedido, em razão de uma lei de equilíbrio, por um processo correspondente e proporcional de concentração cinética das qualidades adquiridas através de vidas e experiências? Existirá um único fenômeno no universo que vos autorize a acreditar na possibilidade de algo diferente disso, dando-vos subsídios para negar a lei de causalidade, de proporção, de equilíbrio, de justiça? Olhai para vós mesmos e encontrareis um abismo. Dentro de vós, existe uma zona mais profunda, correspondente aos instintos mais estáveis, na qual se agitam os impulsos fundamentais da vida, tal como ela se definiu em suas fases mais remotas. Sobrevivências abissais, obscuras, da vida primordial protoplasmática, que ainda se agitam nas fibras íntimas de vosso organismo; instintos de conservação, defesa e reprodução, os quais, por vezes, explodem de inopino em vossa consciência, provindos de uma zona de mistério que desconheceis, resultado da maturação de um ciclo com lei e vontade autônomas, que progride de modo independente de vosso conhecimento ou vontade (por exemplo: o instinto do amor, que explode na juventude). Pelo fato de tudo que existe trazer escrita em si a sua lei, desde antes de nascer, cada fenômeno está completo em seu princípio, mesmo antes de sua manifestação. Há zonas de trevas que vos desalentam e para as quais preferíeis nem olhar, no entanto sois por elas atraídos e em vão as interrogais. É o vosso passado.

Mas tudo pode sempre ser consertado. No superconsciente há luz para todos; a febre da evolução, a insaciabilidade de vossa alma são

forças irresistíveis e universais, que impelem cada vez mais para o alto. A lei de progresso exige a contínua dilatação do psiquismo. A evolução é irresistivelmente lançada na direção do superconsciente, avançando para o supersensível. Recordai que vossa consciência é apenas a dimensão de vossa fase de evolução, α , e que vosso inexorável caminho, deslocando-vos de fase em fase, vos leva de dimensão em dimensão para o superconsciente intuitivo e sintético, do qual já falamos. Nas fases inferiores que percorrestes, γ e β , o ser existe, *normalmente*, sem consciência, qualidade aí ignorada, assim como agora ignorais a dimensão do superconsciente. O estado de consciência é um fenômeno em contínua elaboração construtiva ou destrutiva, conforme o trabalho escolhido e executado por vós seja de construção ou de destruição ao longo do caminho da evolução, que, em vosso nível α , é progresso moral e psíquico. Quem fica ocioso estaciona. Quem pratica o mal desce e arruína o próprio eu, destruindo a luz de sua compreensão. Quem trabalha no bem sobe e dilata-se a si mesmo, criando a própria riqueza de concepção e potência da alma. Punição e prêmio são automáticos e inexoráveis. Assim a dor, excitando as reações do espírito, é agente de ascensão para as fases e dimensões superiores.

Passarão as formas materiais da vida; passarão povos, civilizações, humanidades e planetas. Mas um herdeiro recolherá o suco de todo esse imenso trabalho, que jamais é inútil: a alma. A insaciável e eterna mutação das coisas produzirá um resultado que não será perdido. Assim como o campo dominado no âmbito do consciente avança continuamente, também progressivamente desloca-se o limite sensorio: o super-humano torna-se humano; o superconsciente, consciente; o inconcebível, concebível. A consciência adquire então nova dimensão; o meio material requintase e sutiliza-se, até atingir sua desmaterialização, até que o princípio espiritual se destaque dele e aporte em outras praias, levando consigo, em sua construção terminada, o suco destilado de todo o passado vivido.

Observai como, desde vossa fase, já se inicia esse processo de separação e desmaterialização. Na exteriorização dos meios da vida, o animal fica *preso ao utensílio*, que permanece parte indivisível de seu organismo. A história natural do homem é apenas a repetição do

mesmo processo *de projeção de órgãos*, porém num nível mais alto. Por isso as formas, os sistemas e as perspicácias se assemelham, mas com uma diferença substancial: *no homem realiza-se a separação entre o organismo e o utensílio*. Tal como o orgânico, também o utensílio mecânico é a expressão da íntima vontade de ação. Porém o meio, que está organicamente fundido ao corpo no animal, não é mais parte integrante no homem, destacando-se dele. Através da construção de um único utensílio: a mão guiada pela inteligência, o homem pode fabricar para si utensílios de toda espécie.

À proporção que o centro psíquico se agiganta, os meios de sua expressão transformam-se, multiplicam-se e requintam-se; os órgãos tornam-se meios de expressão da vida psíquica; as funções físicas inferiores são confiadas aos utensílios mecânicos. Os órgãos animais, não sendo mais utilizados, tendem a se atrofiar, no entanto o incessante empreendimento cria outros continuamente, nos quais a evolução do utensílio orgânico continuará a desenvolver-se, expressando um psiquismo cada vez mais complexo. O próprio desejo intenso que criou o órgão encontra agora formas múltiplas de manifestação, proporcionadas ao novo poder do psiquismo motor. A função desenvolve o órgão e as qualidades cerebrais, fazendo predominar no homem a manifestação da evolução psíquica, como prosseguimento da evolução orgânica, que passa para segundo plano, suplantada pela evolução dos produtos da inteligência. Assim, o homem afasta-se cada vez mais da forma animal, numa *contínua desmaterialização de funções*, que leva a uma *progressiva desmaterialização de órgãos*. A vida do homem concentra-se cada vez mais na função psíquica diretora, que ele assume como sua nova natural especialização.

Eis a íntima e maravilhosa técnica pela qual a evolução produz a transformação da matéria na fase vida. Quando considerardes essas transmutações em sua íntima estrutura cinética, elas não mais vos parecerão absurdas. Nesta fase, os movimentos vorticosos já transformaram a estrutura atômica num sistema mais sensível e susceptível de infinitas modelagens. A maleabilidade do material protoplasmático permite um inexaurível e profundo transformismo, dando-lhe a possibilidade de chegar já plasmado às mais variadas formas de tecidos e órgãos.

Num sistema tão sensível, o desejo intenso, a vontade decidida proveniente do íntimo, *constitui fator psíquico que tem força criativa*. Considerai os fenômenos causados pelas impressões maternas e o poder ideoplástico que as funções psíquicas da mãe têm sobre o feto. Cedo ou tarde, a forma acaba obedecendo ao impulso íntimo e expressando-o. Aí está a técnica evolutiva desse fenômeno da construção de órgãos por projeção ideoplástica. Da zona latente, mergulhada nas trevas, fora da consciência, emerge, sacudido pelo choque das forças ambientais, impulsionado pela lei da evolução, o germe de uma nova necessidade, que, no centro psíquico, assume a forma de desejo ou *força-tendência*, a qual conduz à sua realização. Do desejo surge a tentativa, a ação orientada para a realização. Entramos na fase do consciente, constituída de trabalho, atividade e conquista. Despontando tal realização, forma-se e reforça-se então a sua função, que, por sua vez, define sempre mais o órgão, enquanto este, mediante uma série de contínuas experiências, equilíbrios e ajustamentos, adapta-se tanto às resistências ambientais quanto ao impulso interior, entre os quais constitui o traço de união. A progressiva atividade funcional plasma para si mesma o instrumento orgânico, como sua expressão cada vez mais legítima. A definitiva constituição do órgão estabiliza a função e estabelece uma série de experiências, de cuja repetição constante nascem aqueles automatismos que vimos assinalarem a fase de assimilação completa e de dilatação do psiquismo do ser. Automatismo significa qualidade adquirida, nova capacidade acrescentada à natureza do indivíduo, novo instinto, nova experiência. Com isso, a evolução se realiza. O resultado se deposita e, sendo definitivamente assimilado como nova camada em torno do núcleo precedente do psiquismo, é deixado fora da zona da consciência, que realiza o trabalho.

Assim a evolução avança em direção à conquista do ultraconsciente, que percorre a fase de consciência e, uma vez completada sua assimilação, passa para o subconsciente. Por meio da evolução, *a zona do consciente é submetida a um deslocamento contínuo, que vai do subconsciente para o superconsciente*. Assim, a zona móvel de trabalho, progredindo em seu caminho, cobre uma faixa cada vez mais ampla do subconsciente, onde estão armazenadas as aquisições definitivas, indestrutíveis na eternidade. Como

resultado do constante esforço psíquico da vida, ocorre um contínuo crescimento do núcleo subconsciente e uma proporcional assimilação do superconsciente, através da hereditariedade, crescimento e reconcentração cinética na fase de germe, processo que encontrais na vida das formas orgânicas. Assim, também o campo de trabalho ascende cada vez mais alto, ampliando-se e tornando-se mais rico e poderoso.

Paralelamente, a matéria, expressão de tudo isso, experimenta mudanças profundas. Vimos que o trem eletrônico da onda dinâmica degradada incide inicialmente sobre as unidades atômicas de estrutura planetária mais simples (no círculo da vida, são introduzidos de preferência os corpos simples, de peso atômico baixo). Ora, esse fenômeno constitui apenas o início do processo de *desmaterialização da matéria*. Quando o vosso novo turbilhão vital tiver investido toda a matéria, até aos pesos atômicos máximos, ou seja, quando o trem eletrônico tiver transformado todos movimentos planetários atômicos, até às suas formas mais complexas, em movimentos vorticosos, deslocando e reconstruindo em equilíbrios mais complexos todas as órbitas, até àquelas de 92 elétrons do U, então α , o psiquismo, terá penetrado e permeado toda a matéria, que se *desmaterializará*, deixando assim de existir como tal. Desse modo, a matéria terá sido arrastada mais para frente pela energia, sua filha, alcançando uma fase evolutiva superior, e todo o movimento da Substância continuará de forma imaterial, sem que nada da matéria, em sentido absoluto, tenha sido criado ou destruído. Terá ocorrido apenas uma transmutação íntima, que leva a Substância a um novo modo de ser, supermaterial e superdinâmico, superespacial e supertemporal, no limiar de novas dimensões.

Assim, a evolução volta atrás, para fazer os instrumentos de seu trabalho evoluírem. É desse modo que ela, por meio do fenômeno da vida, vai desmaterializando a matéria, até alcançar o espírito. O princípio dinâmico veste-se de formas cada vez menos densas, que vão sendo requintadas, sensibilizadas e desmaterializadas pela evolução. Os órgãos, utensílios da vida, destacam-se, e o organismo se sutiliza. De tudo isso permanece o profundo e imenso trabalho da vida – esta poderosa central psíquica – na direção de um mundo dominado e obediente, orientado para as fases superiores de

consciência e de evolução, para vós ainda ocultas no inconcebível.

Chega, assim, a evolução aos mais altos níveis de vosso universo. Agora podeis compreender-lhe todo o significado. Em seu conceito mais profundo, a evolução *é a libertação do princípio cinético da Substância*. Isto ocorre mediante uma profunda respiração, em que se alternam e se apoiam mutuamente, para ascender, duas fases: a da concentração cinética das experiências da vida no germe, e a da descentralização cinética do germe na vida. Por isso a evolução se exprime através de uma constante superação de limites, como observais no progresso das dimensões. Com a evolução, o ser se subtrai cada vez mais aos limites do *determinismo físico*, que, no nível da matéria, é geométrico, inflexível e idêntico em todos os lugares. Das cadeias desse absolutismo a vida começa a se libertar com seu crescente psiquismo, que constitui a nova causa sobreposta àquela decorrente das leis físicas. O animal já adquire uma liberdade desconhecida no mundo físico. Chega-se assim ao reino humano do espírito e além, onde o *livre-arbítrio* afirma-se definitivamente.

A lei do baixo mundo da matéria é determinismo; a lei do espírito é liberdade. Através da evolução realiza-se a passagem do determinismo ao livre-arbítrio, que é a expressão de uma amplitude maior na possibilidade de movimento, determinada – em correspondência à progressiva manifestação do princípio cinético – pela gradual reabsorção do determinismo. Matéria, energia, vida e espírito são apenas a expressão da mudança desse movimento para uma forma cada vez mais evidente e mais livre, regulada por uma lei mais complexa, na qual os equilíbrios, sempre mais instáveis, podem fazer-se e desfazer-se em combinações mais frágeis e renováveis, num dinamismo crescente, no qual desaparece a estase do determinismo. Isto significa libertar-se progressivamente dos limites dos sistemas cinéticos fechados, através de uma contínua dilatação das possibilidades de combinações e de escolhas. A constante renovação permite atingir o equilíbrio por um número sempre maior de caminhos.

Agora podeis compreender como o homem, em sua jornada evolutiva, caminha da matéria ao espírito, levando consigo os dois extremos: determinismo e livre-arbítrio. Podeis agora explicar este incompreensível conúbio, resolvendo filosófica e cientificamente

uma questão que sempre vos pareceu encerrar um insolúvel antagonismo. Para compreender esses dois termos, é necessário não mais opor um ao outro na forma de dois casos extremos, imóveis e absolutos, como sempre fizestes, mas sim coordená-los no relativo, onde eles se movimentam como duas fases sucessivas, dois pontos de uma escala, unindo-os com o conceito de evolução.

Considerado em seu aspecto de matéria, o homem é determinismo, sendo essa a sua lei, enquanto ele se movimenta nesse campo de absoluta e férrea necessidade. Quando, porém, o homem age como espírito, ele se sente e é perfeitamente livre nesse campo. No mundo psíquico desaparecem as leis físicas e, portanto, inexistente o determinismo inerente a estas leis. Assim o homem somente é livre, dominando e superando tudo, no campo das motivações, em seu espírito, a única potência que emerge livre num mundo de fatalidade. *No campo das realizações, porém, o homem não é igualmente livre*, porque, aí, seu caminho é sempre restringido pelo inviolável determinismo físico, ao qual cada ato seu está, em maior ou menor grau, sempre submetido, não podendo ser torcido, mas apenas secundado e guiado para seus fins.

Ao longo deste nosso caminho racional, as vias da biologia desembocam na ética. *Só existe responsabilidade onde há liberdade.* A libertação do princípio cinético, que se tornara evolução de liberdade, transforma-se em progressão de responsabilidade, mas de responsabilidade *relativa*, estritamente ligada ao grau de evolução e, portanto, ao nível psíquico e ao grau de conhecimento do indivíduo. Por isso o animal não peca, pois, movendo-se num jogo mecânico de instintos e estando submetido a um determinismo exato, não pode e não sabe abusar, como faz o homem. Liberdade, escolha e responsabilidade existem apenas na fase superior da consciência e de suas formações, mas não na fase do instinto, na qual os equilíbrios estão estabilizados no determinismo. O livre-arbítrio, constituindo um novo equilíbrio, mais ágil e instável, requer na sua direção uma consciência nova superior, desnecessária ao animal, mas indispensável ao homem.

Não há perigo maior que uma liberdade sem controle, pois isso pode levar a toda sorte de abusos, que, de outra forma, seriam impossíveis. O determinismo está embaixo, por isso as consciências

mais presas à matéria tem menos liberdade, quando comparadas àquelas que, evoluindo, emanciparam-se da fatalidade destas leis inferiores. É justo que somente a uma sabedoria maior possa corresponder uma liberdade maior e que esta implique por sua vez em uma responsabilidade maior (gravidade de perigos e de consequências). Assim o livre-arbítrio é relativo e gradual, evoluindo com a consciência. A responsabilidade das próprias ações é relativa e progressiva. *Na matéria existe escravidão; no espírito estão os caminhos da libertação.*

LXVII. A ORAÇÃO DO VIANDANTE

Alma cansada, abatida à margem da estrada, para um instante na eterna trajetória da vida, larga o fardo de tuas expiações e repousa.

Ouve como está plena de harmonias a obra de Deus! O ritmo dos fenômenos irradia doce e grandiosa música. Por meio das formas exteriores, os dois mistérios, da alma e das coisas, observam-se e sentem-se. Das profundezas, o teu espírito ouve e compreende. A visão das obras de Deus produz paz e serenidade; diante da divina beleza da criação, aquietam-se a tempestade do coração, paixão e dor adormecem em lento e doce canto sem fim. Parece que a mão de Deus, através das harmonias do universo, acalenta qual brisa confortadora tua fronte prostrada pela fadiga e aí se detém como uma carícia. Beleza, repouso da alma, contato com o divino! Então, o viandante deprimido se reanima, com renovado pressentimento de sua meta. Não mais parece tão longa a jornada, tão comprida, quando se para um instante para saciar-se numa fonte. Então a alma contempla, antecipa e se alivia na caminhada. Com o olhar fixo para o Alto, é mais fácil retomar em seguida o caminho cansativo.

Na estrada dolorosa, para, enxuga tua lágrima e ouve. O canto é imenso, e as harmonias chegam do infinito para beijar-te a fronte, ó cansado viandante da vida. Ao lado do trovão das vozes titânicas do universo, murmuram num sussurro de beleza as delicadas vozes das humildes criaturas irmãs: “Também eu, eu também sou filha de Deus, luto e sofro, carrego o meu peso e busco minha vitória. Também eu sou vida, na grande vida do todo”. E tudo, desde o fragor da tempestade até ao canto matutino do sol, do sorriso do recém nascido ao grito dilacerante da alma, tudo, com sua voz, revela-se a si mesmo e sintoniza-se com as vozes irmãs; tudo exprime seu mistério íntimo; cada ser manifesta o pensamento de Deus. Quando a dor atinge as mais íntimas fibras de teu coração, ouves uma voz que te diz: *Deus*; quando a carícia do crepúsculo te adormece no sono silencioso das coisas, uma voz te diz: *Deus*; quando ruge a tempestade e a terra treme, uma voz te diz *Deus*. Essa estupenda visão supera qualquer dor.

Para, escuta e ora. Abre os braços à criação e repete com ela:

“*Deus, eu te amo!*”. Tua oração, não mais admiração amedrontada pelo poder divino, agora é mais elevada: é amor. Oração doce, que brota como um canto que a alma repete, ecoa de fraga em fraga por toda a Terra, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infinitos. É a palavra sublime do amor, que as unidades colossais do universo repetem contigo, em uníssono com o mais humilde inseto, que timidamente esconde-se entre a grama, mas cuja voz, embora vos pareça perdida, Deus também conhece, recolhe e ama. No infinito do espaço e do tempo, somente esta força, essa imensa onda de amor, mantém tudo compacto em harmônico desenvolvimento de forças. A visão suprema das últimas coisas, da ordem em que caminham todas as criaturas, dar-te-á sozinha um sentido de paz, de verdadeira paz, de paz profunda, de alma saciada, porque percebe sua mais elevada meta.

Assim Deus afigura-se a ti ainda maior do que em seu poder de Criador, revelando-se na potência de Seu amor. Explode, ó alma! Não temas! *O novo Deus da Boa-Nova do Cristo é bondade*. Não mais os raios vingativos de Júpiter, e sim a verdade que convence, o carinho que ama e perdoa. O abismo infinito que olhas assustado não existe para te engolir nas trevas do mistério, mas abre-se cheio de luz e, em seu âmago, canta incessantemente o hino da vida. Lança-te sem receio, porque nesse abismo reside o amor. Não digas: “Não sei”, dize antes: “Eu amo!”.

Ora! Ora diante das imensas obras de Deus, diante da terra, do mar, do céu. Pede-lhes que te falem de Deus, pede aos efeitos a voz da causa, pede às formas o pensamento e o princípio que a todas anima. Então todas as formas se aglomerarão em redor de ti, estender-te-ão seus braços fraternos, olhar-te-ão com mil olhos, feitos de luz, e o eterno sorriso da vida te envolverá como uma carícia. Essas mil vozes dirão: “Vem, irmão, sacia teu olhar interior, busca força na visão sublime. Grande e bela é a vida, que, mesmo na dor mais atroz e tenaz, é sempre digna de ser vivida”. Tomar-te-ão pelo braço, gritando: “Vem, atravessa o limiar e desvenda o mistério. Vê: não podes morrer jamais, jamais poderás morrer. Tua dor passa, mas com ela tu sobes e o resultado permanece. Não temas a morte e a dor, pois elas não são o fim e o mal, mas sim o ritmo da renovação e o caminho de tuas ascensões. A vida é um canto sem fim. Canta

conosco, canta com toda a criação, o canto infinito do amor”.

Ora assim, ó alma cansada: “Senhor, bendito sejas, sobretudo pela irmã dor, porque ela me aproxima de Ti. Prostro-me diante de Tua imensa obra, mesmo se minha parte nela é esforço. Nada posso pedir-Te, porque tudo já é perfeito e justo em Tua criação, mesmo meu sofrimento, mesmo minha imperfeição transitória. Aguardo no posto de meu dever a minha maturação. Repouso em Tua contemplação”.

Responde, ó alma, ao imenso amplexo e, verdadeiramente, sentirás Deus. Se, ao aproximar-se do Divino pelas cansadas vias da mente, a inteligência dos grandes se prostra e venera, curvando-se diante do poder do conceito e de sua realização, o coração dos humildes atinge a Deus pelos caminhos da dor e do amor, Sentindo-O pelas estradas dessa mais profunda sabedoria.

Ora assim, ó alma cansada. Descansa a cabeça em Seu peito e repousa.

LXVIII. A GRANDE SINFONIA DA VIDA

Olhemos novamente as harmonias da vida em seu mais profundo aspecto científico. Todo ponto de vista constitui sempre uma contemplação da beleza divina. A visão estética, assim como a visão conceptual, que vos dá a chave para o belo, também alimenta e eleva. De fato, fé, arte e ciência são um canto único no seio da mesma harmonia. O mundo biológico é todo um edifício de maravilhosa arquitetura, um organismo de correspondências e permutas, uma sinfonia de harmonias e equilíbrios perfeitos.

Como já vimos, os elementos com os quais a vida constitui sua roupagem orgânica, que é ao mesmo tempo expressão e elaboração do psiquismo, são *hidrogênio, carbono, nitrogênio e oxigênio*, todos eles existentes em grande abundância na atmosfera, no momento da gênese. São esses os corpos que encontrais como *elementos organógenos* na estrutura plasmática, nas seguintes proporções: carbono 53%, oxigênio 23%, nitrogênio 17%, hidrogênio 7%. Eles são encontrados no corpo humano aproximadamente nas mesmas proporções (tipo médio): oxigênio 44 Kg, carbono 22 kg, hidrogênio 7 kg, nitrogênio 1 kg etc. Todos os compostos orgânicos são construídos com esses elementos, que, na grande mobilidade dos edifícios químicos da vida, circulam em permutas incessantes. O material orgânico é coletivo, circulando por organismos comunicantes como uma correnteza, como um patrimônio comum, de onde cada ser o recolhe para construir a forma mais adequada à expressão e ao desenvolvimento do seu próprio psiquismo.

A máquina apropriada e especializada para a construção desse material, por meio destes quatro elementos, é a *planta*. Já vimos como ela surgiu no seio das águas. As primeiras plantas, gelatinosas, flutuando nos mares, começaram a realizar, a partir do mundo inorgânico, a síntese dos materiais orgânicos. O maravilhoso quimismo das folhas verdes iniciou a transformação da matéria morta em matéria viva, captando e, ao mesmo tempo, armazenando a energia que vinha da grande fonte solar. Uma vez iniciada sua construção, a matéria viva aumentava continuamente e se acumulava, enriquecendo o patrimônio coletivo, que, depois, entraria em

circulação nas permutas inversas entre vida vegetal e vida animal.

Observai o maravilhoso equilíbrio. Enquanto as plantas possuem poderes construtivos e dedicam-se à função de aumentar a massa dos produtos orgânicos do planeta, os animais vivem da destruição desses produtos, utilizando para sua vida a energia solar fixada pelas plantas no material orgânico construído por elas. A planta produz, o animal consome. São duas máquinas com funções opostas e inversas. A planta constrói a matéria orgânica; o animal, através de um processo de lenta combustão, destrói esta construção, restituindo o material às condições primitivas. O primeiro processo, dado pela síntese, equilibra-se com o segundo, complementar, dado pela decomposição.

A glória de ter sabido cumprir o esforço da primeira construção orgânica cabe, portanto, à planta, sem a qual a superior vida animal não poderia formar-se e subsistir. Mesmo hoje, também deveis vossa vida ao trabalho construtivo das plantas. No estado natural, os elementos químicos básicos da vida acham-se combinados entre si, ou seja, carbono e hidrogênio encontram-se unidos com oxigênio, sob a forma de anidrido carbônico (CO_2) e água (H_2O). A planta é a máquina que separa do oxigênio os outros dois elementos: carbono e hidrogênio. Na molécula de anidrido carbônico, composta de um átomo de carbono e dois de oxigênio, a planta libera no ar o oxigênio e assimila o carbono. Na molécula da água, formada por dois átomos de hidrogênio combinados com um átomo de oxigênio, é realizada a mesma separação, sendo liberado no ar o oxigênio e assimilado o hidrogênio.

No animal ocorre o processo inverso. Na respiração, ele recombina o oxigênio com o carbono e o hidrogênio, restituindo-os assim combinados, sob a forma de anidrido carbônico e água. Dessa maneira, animais e plantas realizam uma respiração inversa, de modo que, na contínua compensação das funções contrárias, o equilíbrio se mantém. Essa inversão de funções entre vegetais e animais permite que a vida possa perdurar indefinidamente. Também na vida nada se cria e nada se destrói, mas tudo se transforma. Eis a nova confirmação do princípio geral pelo qual cada fenômeno jamais se move numa direção única, retilínea, mas sim de maneira cíclica, com inversões e retornos sobre si mesmo. Mesmo na química da vida, o

que nasce morre, e o que morre renasce.

Imaginai em que imensa usina de construções vitais se transformou a Terra, com a progressiva expansão de plantas sobre os continentes emersos. Mares ilimitados de substância verde trabalham, sem repouso, na construção da matéria prima, da qual depois se formará cada ser vivo. Miríades de folhas estendem-se ao sol, ávidas para surpreender e capturar cada átomo de carbono e cada raio de luz. Circulando entre elas, o ar fornece o anidrido carbônico, cuja vida, sob a ação da luz, é absorvida pela clorofila, que se alimenta de carbono. Nem um único átomo dele se perde, pois o imenso mar de folhas aspira cada molécula do alimento gasoso. Nem um só raio de sol cai inutilmente. A torrente de luz, aonde quer que desça, sempre fecunda uma vida. A química orgânica, em sua instabilidade, mantém escancaradas as portas e transforma a substância da energia em vida. Debaixo de vossos olhos, pelos campos intermináveis, realiza-se a cada instante a transformação de β em α . E o prodígio dessa transformação é realizado a cada dia pelas plantas, criaturas menores, vossas irmãs, verdadeiras máquinas de sintetização, movidas por ação solar. Se não houvesse algo que, nos degraus iniciais da vida, realizasse este primeiro trabalho de transformação, não vos seria possível fazer esse mais elevado trabalho que realizais no campo orgânico e psíquico.

O equilíbrio vegetal-animal completa-se aqui num equilíbrio mais amplo, porque essa contínua permuta de combinações químicas comunicantes inclui, em sua essência, uma *permuta dinâmica* na qual, através de contínuas transformações, a energia se transmite e circula de forma em forma, de ser em ser. Tudo deriva da grande fonte de energia que é o Sol. Observai como são perceptíveis no seio do sistema solar todas as fases do transformismo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. No Sol ocorre a primeira transformação físico-dinâmica, pela dissolução da matéria em radiações que, atingindo a Terra, aí se transformam em vida. No transformismo da matéria nada se destrói. As plantas fixam a energia solar e dela se alimentam para as finalidades da vida. O Sol desagrega sua matéria, emitindo radiações que chegam à Terra, e a vida cresce sem cessar. Tudo provém do centro do sistema, por espontânea doação. Os compostos químicos, devido ao profundo e irrefreável impulso da evolução, combinam-se em fórmulas cada vez

mais complexas. As máquinas vivas acumulam energia solar, transformando-a em compostos de estrutura química cada vez mais complexa. Se o animal, por sua vez, destrói grandes quantidades do material orgânico fornecido pelas plantas, ele reconstrói como qualidade o que foi destruído como quantidade (o potencial da substância indestrutível permanece sempre idêntico), realizando operações químicas e fabricando materiais ainda mais complexos. Esta crescente complexidade é a expressão e o meio de construção do íntimo psiquismo progressivo que dirige o fenômeno.

Se, nas plantas, temos o primeiro degrau da transformação da energia em vida e da constituição do material orgânico, no animal subimos a um degrau mais alto, onde se dá a transformação da vida em psiquismo. A destruição do produto da vida das plantas significa a construção de um material ainda mais aperfeiçoado: o espírito. Há sempre divisão de trabalho, especialização de funções, transformações contínuas e deslocamentos progressivos infinitesimais. Só no animal começa verdadeiramente a função específica da constituição daquele psiquismo cuja gênese observamos, o qual se tornará cada vez mais, à medida que for ascendendo, a nota fundamental dos fenômenos vitais. Vede como da matéria solar chega-se, por sucessivas transformações, aos fenômenos do espírito. Em cada uma dessas transformações podeis descobrir sempre a mesma substância, que, embora mudando de forma, não aumenta nem diminui nada em si mesma, mas apenas se refina em seu modo de ser, adquirindo qualidades cada vez mais sutis, complexas e perfeitas.

O fisio-dínamo-psiquismo de minha síntese monista o encontrais aqui tangível, como fato objetivo de vossa realidade cotidiana, não vos sendo possível negá-lo.

Esse transformismo é um ciclo compacto e inalterável, no qual estão presos e amarrados todos os fenômenos. A experiência e a lógica não vos permitem fugir dele. No animal, a energia solar, assimilada e transformada pelas plantas, torna-se calor, movimento e, como última transformação do dinamismo vital, energia nervosa. Esta, no homem, torna-se função psíquica e espiritual. Eis traçada a linha que, através das espécies físicas, dinâmicas e psíquicas, une a matéria ao gênio. Eis onde, depois de tantas transformações, culmina

a energia das radiações solares. Das torrentes ilimitadas encontrais apenas um riacho, mas em sua potência e perfeição nada foi perdido da substância.

No ápice de todo este imenso trabalho, o termo mais alto na escala evolutiva de vosso universo, a máquina mais complexa e delicada, é a vossa psique. Nos órgãos sensórios opera-se continuamente essa elevação das vibrações ambientes para vibrações de ordem superior; através do ouvido, o som torna-se música; através dos olhos, a luz torna-se beleza; através dos sentidos, o choque das forças ambientais torna-se instinto e consciência. A energia é transformada, por meio do mecanismo da vida, de suas formas inferiores nas mais altas formas nervosas de sensação, sentimento e pensamento. As individuações biológicas constituem centros de elaboração da substância, nos quais se realiza o transformismo evolutivo da fase β para a fase α . Assim, da florescência da vida, realizada por meio das radiações solares, ascende-se ao desabrochar da consciência. Do mesmo modo como a energia universal espalhou a vida por toda a parte, a vida também, através de uma profunda elaboração, gera o psiquismo em toda parte. O grande rio da energia, que havia sido matéria, transforma-se no mar imenso da vida, e esta, por sua vez, transforma-se em consciência. O universo, tendo caminhado assim até à vida, finalmente sente e olha para si mesmo.

Na comunidade do material orgânico entre todos os seres vivos reside a origem da lei básica da vida: *a luta*. Aquilo que vos devia tornar irmãos, vos faz também, inevitavelmente, rivais. O patrimônio comum, obtido por longas e laboriosas transformações, é limitado, enquanto a substância que constitui um organismo é ótimo material de nutrição para outro. Daí a luta, o dilaceramento recíproco, a rivalidade orgânica de tantos aparelhos digestivos, mais ou menos complexos e evoluídos, armados com todos os instrumentos de ataque e defesa da vida. Indiscutivelmente, esta é a lei do vosso planeta no nível animal. Porém o homem, através da evolução de seu psiquismo, começa a elevar-se acima dessa lei e, por isso, percebe a diferença. O horror que o homem experimenta pelas formas ferozes e agressivas da vida é proporcional ao seu grau de evolução. Os homens inferiores, ainda não emergidos espiritualmente da fase animal, podem agitar-se felizes numa forma de vida brutal e atroz,

que, para eles, é a expressão *normal* da própria natureza. Porém os seres mais evoluídos, embora fisicamente vestidos com um corpo humano organicamente semelhante, não podem deixar de sentir a absoluta inadmissibilidade desse sistema de vida, encontrando-se assim numa encruzilhada: ou aceitar uma vida bestial, ou lutar para civilizar a humanidade. Esta última é a nova forma de luta que os primeiros, imersos como estão na luta do nível animal, ainda não apreciam ou nem sequer enxergam, condenando-a nos outros, dos quais se encontram separados por abismos de incompreensão. No entanto estes outros são os únicos verdadeiramente ativos e produtivos, são os grandes que arrastam o mundo, são as antenas da evolução.

A inteligência e a ciência, dominando as forças naturais, submetem a natureza ao homem, provendo as necessidades materiais e eliminando, com isso, a necessidade da luta em suas formas brutais inferiores, a qual se sutiliza então, transformando-se em luta nervosa e psíquica, dirigida para conquistas superiores. Luta não mais de músculos, e sim de nervos; não mais de paixões, e sim de inteligência. Por outro lado, os princípios éticos das religiões e da sociedade educam o homem para as virtudes morais e cívicas superiores, preparando-o para saber viver com uma psicologia de colaboração evangélica, no ambiente mais elevado que a ciência terá preparado.

O homem é o agente desta transformação, último anel de todas as transformações precedentes. Assim, governada por uma humanidade mais sábia, a Terra se tornará um jardim. Esta é a transformação biológica que vos espera. Na ascensão humana espiritual que se realiza nestes milênios e se intensifica no momento atual, numa fase decisiva, culmina o esforço de toda a ilimitada evolução que a preparou, que a sustenta e que hoje a impõe.

LXIX. A SABEDORIA DO PSIQUISMO

Se olhades em torno de vós, vereis que as formas de vida revelam uma sabedoria profunda. Mesmo nas individuações da matéria, o ser mineral é filho de um germe cristalino, de um impulso que emana do infinito, e também caracteriza-se – assim como o ser vivo é caracterizado por sua forma anatômica – pela sua forma típica de cristal, sabendo igualmente, quando mutilado, reparar sua mutilação. Mas, em qualquer campo, cada fenômeno é uma afirmação, uma resistência às perturbações, uma vontade de ser em sua forma, uma diferenciação do ambiente, para poder dizer: “eu”. Nos altos níveis da vida, à sabedoria química do íntimo metabolismo celular acrescentam-se também a sabedoria da técnica de construção de órgãos e a sabedoria da direção de seu funcionamento, para uso das finalidades da vida, internas e externas ao ser. O complexo edifício é um transformismo dirigido para a luminosidade do psiquismo.

Há uma necessidade de beleza nas formas da vida. Aquele material orgânico comum que os seres roubam uns dos outros, devorando-se reciprocamente, tende a se plasmar numa forma que exprime a íntima aspiração estética. A própria célula já é um pequeno ser vivo, que concentra todas as potencialidades da vida e as qualidades do organismo, pois movimenta-se, respira, nutre-se (assimila e desassimila), cresce, segrega, reproduz-se, nasce, morre, sente o ambiente e reage a este. Desde sua primeira unidade, a vida muda continuamente, sempre querendo exprimir-se em formas cada vez mais elevadas e complexas. Há nela uma grande e permanente necessidade de subir e de revelar em si mesma essa ascensão, mas há também, ao mesmo tempo, uma zelosa prudência no temor de aventurar-se aos perigos de tentativas novas, dirigidas a equilíbrios muito avançados, afastados da segura estabilidade dos equilíbrios já experimentados. Assim, a vida oscila entre os velhos, seguros e já conhecidos caminhos – percorridos nas primeiras e mais simples estabilizações do movimento, aquelas mais resistentes aos choques do ambiente – da necessidade de conservar-se e proteger-se, mantendo-se na linha do passado (misoneísmo), e a necessidade de absorver em sua estrutura cinética, tornando-as suas e assimilando-

as, novas linhas de força, para obedecer ao irresistível impulso ascensional da evolução (innovar-se, revolucionar-se). Assim, até mesmo no campo intelectual e social, a vida se equilibra entre as tendências conservadoras e as criadoras, seguindo adiante através da luta entre duas forças opostas: a hereditariedade e a evolução (variações da espécie). A natureza avança, mas com muita prudência. As grandes florescências orgânicas só acontecem em períodos particulares, tais como aqueles revelados por vossas descobertas paleontológicas. Trata-se de períodos de transição rápida, nos quais os edifícios dinâmicos, muito saturados dos novos impulsos assimilados, precipitam-se em tentativas de formas novíssimas, em que a vida, depois de longas fases de incubação silenciosa, explode numa inopinada febre de criação. Tais períodos, embora sejam de construções apressadas e monstruosas, onde nem todas tentativas sobrevivem, lançaram as bases de novos órgãos, de novas espécies e de novos instintos. Hoje, a fase das formações biológicas tornou-se um passado superado. Os seres que vedes, tanto animais como plantas, são os tipos sobreviventes da evolução, vitoriosos na grande luta da vida. Não podeis observar a evolução, mas apenas suas consequências. A elaboração atual encontra-se em outro nível.

Também hoje viveis um período semelhante, de apressadas e monstruosas criações paleontológicas, porém não mais como unidades orgânicas, e sim como unidades psíquicas, com a mesma febre de criação (paixões), com a mesma monstruosidade de formas espirituais (erros e mentiras), com a mesma incerteza e instabilidade. Também no campo psíquico e social, a Lei continua no mesmo ritmo. O equilíbrio espiritual do mundo tem oscilado sempre entre o impulso de conservação e o de revolução. Algumas células sociais tendem a manter-se na senda dos equilíbrios estáveis, conhecidos e seguros, mas fechados no passado. Outras células, que, personificando as tendências opostas, destroem e reedificam continuamente, sempre na tentativa de caminhos novos, num incessante dinamismo, representam o princípio da revolução diante do princípio da conservação. São os pioneiros que vivem perigosamente, dão tudo de si, arriscam tudo, assaltam e atormentam, mas são os únicos que criam. O mundo dormiu por milênios na estase de um ritmo monótono, que voltava sempre sobre si mesmo,

nos mesmos pontos, aparentemente fixos (princípio de conservação). No entanto um lento trabalho subterrâneo de amadurecimento e de assimilação, ignorado por vós, ocorria no mundo psíquico-social, fazendo com que o equilíbrio estável e fechado se precipitasse um dia na revolução. O segundo impulso, oposto, feito de inovações, tomou hoje a primazia, e a alma do mundo tenta, nas pegadas dos grandes pioneiros que falaram sozinhos há muito tempo, as futuras criações psíquicas e biológicas. No resto deste século, vosso trabalho individual e de massa decide a respeito dos futuros milênios.

Naquelas fases primordiais das formações orgânicas, a maleabilidade do plasma dobrou-se à pressão do explosivo psiquismo interior, ávido por expressar-se, modelando as formas. Ao lado da formação de órgãos internos cada vez mais complexos, houve uma florescência exterior de todos os meios de ataque e defesa, que a luta contínua impunha. A planta estende suas gavinhas como órgão preênsil para agarrar; produz no espinho a primeira garra para ofender; inventa a astúcia de economizar movimento, lançando sementes aladas ao vento ou pregando-as nos animais que passam; envolve as sementes em fruto saboroso, não para alegria do homem, mas porque este, ao comê-lo, leva involuntariamente para longe as sementes; emprega a arte dos perfumes e da estética nas cores e nas formas, porque também a beleza atrai e é grande necessidade no baixo mundo biológico. A beleza, ao lado da luta, é uma necessidade universal, protegendo como um dom sagrado e divino, que dá alegria e diante do qual o agressor se detém, quase reverente, paralisado pelo medo de perturbar a harmonia divina. Todos os segredos da mecânica, da química e da eletricidade são utilizados: surgem patas, asas, antenas, chifres, tenazes, bicos, presas, ferrões; desenvolve-se a sutil arte dos venenos, da fosforescência, do hipnotismo, das ondas elétricas; o psiquismo retifica no olho as imagens visualizadas; a arte dos sentidos, sempre de atalaia, produz outros cada vez mais refinados e complexos. Não há descoberta humana que não tenha sido antes encontrada e utilizada pela natureza.

Todos esses inteligentes meios são utilizados com uma sabedoria ainda maior. Os tecidos são regidos e têm suas funções guiadas por uma força racional, razão pela qual o tubo digestivo, que digere o alimento, não digere a si mesmo, assim como as glândulas que

segregam o veneno não envenenam a si mesmas. Há também o mimetismo, a arte da mentira e o talento da fuga para os fracos. Falta apenas uma: a arte da compaixão. Por quê? Porque esta é conquista mais elevada, que somente o homem saberá conceber e, como verdadeiro rei, alcançar, dominando toda a vida no planeta. No uso dos órgãos e instrumentos de ataque e de defesa, a vida manifesta mais evidente seu psiquismo. Trata-se de ciência sem piedade, mas é ciência. A natureza assegura a sobrevivência das espécies, lançando germes no campo da vida com a máxima prodigalidade, para construir organismos em grandes séries. A fonte primária que brota no âmago da substância vos aparece com um poder ilimitado e inexaurível, enquanto a força que lhe delimita a expansão, freando a multiplicação dos seres, reside sobretudo na limitação dos meios do ambiente, restrição da qual nasce a luta, cuja principal função é a seleção do melhor. Cada espécie sozinha, sem a rivalidade do vizinho, que modera sua expansão, invadiria todo o planeta. A Lei é sábia e alcança seus objetivos. Assim, a vida aparece como uma desenfreada concorrência de apetites, onde tudo é obtido pela força ou pela astúcia. Este é o nível do animal, que não tem horror de sua condição, porque sua sensibilidade é proporcional ao seu estado. O animal é feroz em plena inocência, não sendo, por isso, imoral, mas simplesmente amoral. Nesse nível, a vida é uma guerra contínua, sendo constituída pelo contínuo lançamento de ataques, aos quais apenas os mais fortes resistem. Esse é o estado normal nessa fase. Aí, a bondade é fraqueza e falência. Uma flor mais delicada que a sabedoria é a bondade, que só desabrocha depois, muito mais alto na escala da evolução. No entanto mesmo esta sabedoria no nível animal já é profunda. O instinto conhece química e anatomia, sabendo até, em alguns casos, anestesiá-lo o inimigo com injeções nos gânglios nervosos, que constituem pontos estratégicos nos quais os movimentos são paralisados. Uma espécie de himenópteros, necessitando de provisões imóveis porém vivas, já conhece anatomia e anestesia antes do homem. O instinto tem providências incríveis, sobretudo em seres primitivos.

Eis um exemplo entre os coleópteros. A larva lignívora do capricórnio (*cerambix miles*), que nasce cega, surda e sem olfato, com apenas um pouco de paladar e de tato – esse rudimento de

sensibilidade, sem nenhuma capacidade de aquisição psíquica do ambiente (no caso, um tronco de carvalho, onde vive perfurando e digerindo), esse pobre tubo digestivo – possui uma sabedoria imensamente superior à sua organização e a seus meios, comportando-se com uma racionalidade e presciência extraordinárias. Ela prepara, com antecipação, um caminho de saída do tronco – que não poderia perfurar no seu estado final de inseto – construindo perto da saída uma cavidade para sua maturação de ninfa, dentro da qual se fecha com o corpo orientado para a saída, pois, sem essa precaução, o inseto adulto, todo encouraçado, não poderia dobrar-se para sair. Quantas coisas ela sabe por antecipação! Onde lhe vem essa ciência? Não sabeis responder. Pensai, no entanto, que, embora sua forma visível seja a de um verme, ela sintetiza em seu psiquismo o princípio no qual estão resumidos todas as formas assumidas por um inseto, as quais ela adotou em sua vida há milênios. Se pensardes, vereis que esse verme traz em seu psiquismo a recordação integral de todas as experiências vividas como inseto. Isto significa que o fenômeno está sempre potencialmente completo, mesmo na fase de transição, a qual podeis ver, porque, embora a forma mutável se transforme, o psiquismo animador está sempre e completamente presente a cada momento, em suas sucessivas manifestações. No psiquismo, portanto, estão os recursos dessa ciência superior às aparências da forma. Chamastes a isso de instinto, mas não sabeis explicar no instinto a existência de uma racionalidade tão providente. O instinto não é inferior à razão humana, a não ser pelo campo mais limitado que domina e pelo fato de que, estando mais próximo do determinismo da matéria ao longo da evolução, constitui um fenômeno mais simples e mecânico, enquanto o espírito, por evolução, distanciou-se mais da matéria e conquistou aquela complexidade e riqueza de caminhos que denominais de livre-arbítrio, característica, como vimos, da fase das criações.

Cada ser, assim como o homem, traz consigo esse sutil psiquismo, que lhe dirige as funções orgânicas; que lhe mantém constantemente a identidade, apesar da contínua e completa renovação dos materiais constituintes de seu organismo; que lhe prepara as ações e dirige seu desenvolvimento com uma precognição inerente somente a quem já

as viveu, recorda e possui. Sem esse psiquismo, não se explica por que os novos materiais da vida sempre voltam exatamente a seu posto de funcionamento; por que a corrente de tantos elementos heterogêneos está ligada em continuidade; por que, de todas as impressões transmitidas pelo ambiente, somente algumas são assimiladas, enquanto outras são corrigidas ou repelidas. Esse princípio verdadeiramente resume a hereditariedade das características adquiridas, implantando-se no germe, para lhe dar novamente a marca recebida das impressões e experiências vividas. Ele precede o nascimento e sobrevive à morte, mesmo nos animais, o que é justo, pois também eles são pequenos fragmentos de imortalidades e de eternidade. Ele renasce continuamente, enriquecendo-se com a experiência de cada existência. Vós mesmos podeis verificar, com a domesticação e o adestramento, que, nos animais, as portas do instinto não estão fechadas, pois ele tem ainda, sob vossos olhos, a capacidade de se enriquecer com qualidades, assimilando coisas novas. Há sempre uma possibilidade de progresso no raciocínio cristalizado do instinto. As qualidades, mesmo no homem, *nutrem-se* permanentemente com seu exercício cotidiano. O psiquismo se plasma num processo de constante elaboração. No campo orgânico, assim como no psíquico, da mesma forma que a atividade cria órgãos e aptidões, a falta de uso os atrofia e destrói. Daí a necessidade biológica do trabalho.

Falei de um inseto, mas os casos são infinitos. Sem esses conceitos, o fenômeno do instinto, de sua formação, de sua presciência e os próprios fenômenos da hereditariedade permaneceriam um mistério insolúvel.

A presença de um psiquismo diretor torna-se evidente no fenômeno da *histólise do inseto*. Aí não encontrais mais uma sabedoria funcional, de órgãos internos ou externos, nem a sabedoria que dirige as ações do animal, mas uma sabedoria que, revelando-se mais profunda, *sabe criar um organismo novo a partir de um organismo desfeito*. Nesse fenômeno ocorrem metamorfoses profundas, as quais revelam a presença de um psiquismo de maneira ainda mais evidente do que nas reparações orgânicas já observadas por nós. No estado de crisálida, acontece, em vários insetos (lepidópteros) que se fecham no invólucro protetor, um fenômeno

misterioso, no qual órgãos e tecidos se desagregam, perdendo seus caracteres distintivos e sua estrutura celular anterior, para se transformarem numa pasta uniforme e amorfa, na qual não são percebidos sinais de sobrevivência da organização demolida. A essa espécie de desmaterialização orgânica segue-se uma nova reconstrução, configurando uma verdadeira histogênese, na qual o novo organismo ressurgue tão diferente na sua constituição orgânica, que não se pode considerá-lo ligado ao organismo precedente mediante relações diretas de derivação. O psiquismo diretor do dinamismo fisiológico, mesmo quando completamente ativo no complexo quimismo da vida, como no processo de reparação orgânica, emerge aqui, a partir da forma, em toda a sua independência, mostrando seu completo domínio sobre esta, porque dela se destaca, desfazendo-a e reconstruindo-a diferentemente, *sem continuidade fisiológica*, exorbitando todas as potencialidades construtivas do organismo. O conceito absurdo segundo o qual se considera a função como o efeito de uma natureza específica de células e tecidos, vendo uma localização funcional em estreita dependência de uma especialização na estrutura de órgãos e funções, precisa ser trocado pelo conceito de um psiquismo superior, independente e diretivo, do qual as formas constituem apenas a manifestação, sendo plasmadas e tendo seu íntimo e incessante metabolismo dirigido por ele. Então, quando tal metabolismo tem de enfrentar um salto para maiores distâncias, em metamorfoses profundas, que implicam solução de continuidade no desenvolvimento fisiológico, o psiquismo se mantém como único fio condutor do fenômeno, o qual permanece um só e contínuo, embora, de modo inexplicável, pareça quebrado. Não há nisto, portanto, uma substância orgânica que, de acordo com a diferente conformação e estrutura celular alcançada por evolução, dê lugar a funções específicas, cujas causas residam apenas na especialização do material orgânico, mas existe, isto sim, *um psiquismo diretor que modela a forma*, a fim de fazê-la exprimir a função, de acordo com o impulso recebido. Somente nesta ultrafisiologia do psiquismo encontrareis a solução para os mais profundos problemas biológicos.

LXX. AS BASES PSÍQUICAS DO FENÔMENO BIOLÓGICO

O princípio das coisas, a sua causa, reside no próprio íntimo delas. Os efeitos estão no seu exterior. Cada fenômeno tem um tempo próprio relativo, que lhe estabelece e mede o ritmo de transformação, estabelecendo a velocidade do seu devenir. A sucessão que, ao longo do tempo, passa de causa a efeito é também uma sucessão cujo desenvolvimento vai do âmago à superfície, numa dilatação do princípio em sua manifestação. Assim é o psiquismo. Vedes esse íntimo impulso manifestar-se em toda parte: primeiro, na direção da química da vida, com a formação do plasma, seu crescimento, reprodução e evolução; depois, na construção dos órgãos internos, que, por meio de seu funcionamento orgânico, mantém vivas as unidades superiores e os órgãos externos, os quais asseguram a nutrição, a defesa da vida e a evolução; por fim, na direção geral imprimida a toda essa máquina, sob o impulso do instinto e da razão. Aqui transparece evidente o psiquismo. Em vossas classificações zoológicas, reunis os seres por afinidade morfológica. A anatomia comparativa vos indica órgãos homólogos. Essa homologia vos dá a perceber os parentescos, permitindo-vos, com base nessas semelhanças, agrupar plantas e animais em ordens, gêneros, séries e espécies. Não podeis agir de outra maneira, porque partis do exterior e da forma. No entanto o resultado está correto, uma vez que parentesco de formas significa parentesco de conceito genético, semelhança morfológica e afinidade do princípio animador no psiquismo. Mas isto não basta. Esses agrupamentos seriam mais compreensíveis se fossem concebidos também em sua causa, em seu impulso íntimo determinante, e não apenas na sua forma exterior. *É preciso introduzir o fator psíquico na interpretação de todos os fenômenos biológicos*, aprofundando a química orgânica no campo superorgânico do psiquismo diretor; é imprescindível criar uma *ultra zoologia e botânica*, onde se estude os conceitos e o parentesco entre os organismos, estabelecendo as afinidades psíquicas mais do que as orgânicas, para compreender a evolução do pensamento animador das formas.

Há três tipos de natureza:

- *O reino físico* (mineral, geológico, astronômico), que compreende a matéria.
- *O reino dinâmico* (as forças), que compreende as formas de energia.
- *O reino biológico psíquico* (vegetal, animal, humano, espiritual), que compreende os fenômenos da vida e do psiquismo.

Esta é a trindade das formas de vosso universo. As classificações zoológicas e botânicas não devem ser classificações de unidades orgânicas, mas sim de unidades psíquicas. É preciso enfrentar objetivamente o psiquismo da vida, a parte mais ignorada e negligenciada por vós, tomando-o como critério nas classificações e como fio condutor da evolução da espécie, que deve ser observada não mais na construção e funcionamento dos órgãos particulares, mas sim no movimento que o psiquismo – coordenando todas as funções para metas precisas, nas quais se revela uma vontade bem definida, cuja atuação estabelece meios proporcionais ao fim, com lógica e presciência profundas – imprime a toda a máquina. É unicamente neste campo que reside a solução do mistério dos instintos, a explicação para a técnica da hereditariedade, da sobrevivência e da evolução.

Essa é uma direção inteiramente nova que deveis dar à biologia, à fisiologia e à patologia; uma orientação no sentido de um conceito unitário mais amplo, sem o qual todos os fenômenos, vistos unicamente por um seu aspecto incompleto, continuarão a vos parecer mutilados e inexplicáveis. Sempre que o efeito se aproxima do psiquismo animador, permaneceis paralisados diante da muralha do incompreensível. Agora que as classificações estão feitas, sendo-vos conhecidas a anatomia e o mecanismo químico da vida, está na hora de descer mais fundo no campo das causas. Mais que da paciência do coletor de observações, a ciência precisa agora da síntese da intuição; mais que de gabinetes, microscópios e telescópios, a ciência precisa, acima de tudo, de grandes almas que saibam, das profundezas de seu próprio íntimo, enxergar o âmago dos fenômenos e sentir, através das formas, a misteriosa substância

oculta nelas.

Já não é mais tempo de negar um princípio tão evidente. Vimos que *toda* a evolução, da estequiogênese em diante, dirige-se para as formas do psiquismo, em direção ao qual está orientado o progresso fenomênico do universo, como meta racional de todo o caminho. Na massa de fatos coletados e acumulados há um impulso que não pode ser detido, uma direção que não pode ser modificada. *No psiquismo sobrevive o princípio elétrico da vida.* Com efeito, tudo o que vive atrai ou repele; traz um sinal de amor ou de ódio; quer e tende irresistivelmente a fundir-se ou a destruir. Em cada forma há um *quid* psíquico, um motor: trata-se da substância da vida, é *a vontade de viver que a sustenta*, a tensão que a plasma e guia, o poder que a dirige e arrasta. Tirai esse princípio, e ela logo cai. Além da aparência da forma, dela vos indico a causa, que é essa substância vital. Desloco e aprofundo o conceito da evolução darwiniana, que vos deixa parados diante da realidade exterior, na evolução das formas, o último efeito estampado na matéria. Eu penetro na realidade, *observando na concatenação evolutiva dos efeitos a mais profunda concatenação evolutiva das causas.* Para mim, não é essencial observar as formas que evoluem, a não ser *para seguir as causas que evoluem.* Passo do conceito de evolução das formas biológicas ao *de evolução das suas forças determinantes*; passo do estudo da evolução dos tipos orgânicos mortos, ao estudo da evolução dos *tipos psíquicos vivos* e atuantes. Assim, o conceito darwiniano completa-se, abrangendo não apenas a série dos organismos, mas também, e sobretudo, a *“sucessão lógica das unidades dinâmicas”*.

De agora em diante, a ciência deve dirigir-se para esse centro, sem o qual a máquina da vida não se movimenta, não possui meta e, num instante, arruína-se, caindo à mercê de princípios menos elevados. Como pudesdes crer que o corpo humano, um organismo perfeito e complexo, pudesse manter-se e funcionar sem um psiquismo central regulador? Não basta dizer qual a química da respiração, da assimilação e da circulação, verificando o perfeito entrosamento de todas as engrenagens que presidem a essas três funções básicas. Nas profundezas do metabolismo celular existe a presciência do instinto, o qual age por si, sem intervenção da ciência, que, por vezes, custa a

compreender este fato. Há não apenas um maravilhoso ritmo de equilíbrios, mas também uma resistência destes a qualquer desvio; há uma autodefesa orgânica, feita da sabedoria imersa nas profundidades do subconsciente; há uma medicina mais profunda que a humana, demonstrando saber vencer sem dificuldades, muitas vezes apesar dos ataques desta. A elevação térmica do processo febril, a fagocitose, o equilíbrio bacteriológico mantido entre amigos e inimigos, num ambiente saturado de micróbios patogênicos, a contínua reconstrução química dos tecidos e mil outros fenômenos, fazem pensar numa vontade sábia, que conhece e quer essa ordem. Quanto mais alto se encontra na escala evolutiva, mais delicado e vulnerável é o organismo e mais difícil torna-se, devido à sua complexidade, a sua sobrevivência, efeito este compensado pelo psiquismo, que desenvolve um paralelo progresso no aperfeiçoamento das defesas.

A função cria o órgão, e o órgão cria a função. O sistema nervoso criou o funcionamento orgânico e o dirige, enquanto o funcionamento orgânico reforça, desenvolve e aperfeiçoa o sistema nervoso. O psiquismo caminha paralelo à evolução dos organismos. Existe uma evidente evolução nas formas de luta e de seleção, que se tornam cada vez mais psíquicas e poderosas. Há transformações no funcionamento orgânico – metamorfoses químicas que vos escapam – dirigidas em seu caminho apenas pelo fio condutor desse psiquismo. Na assimilação realizada pelo intestino, as substâncias desaparecem de um lado, para reaparecerem do outro, completamente transformadas. Para explicar isto, não basta o mecanismo da osmose. O alimento digerido todo junto, depois de haver atravessado a grande sala de desinfecções que é o estômago, em contato com as vilosidades do intestino no tubo digestivo, passa através das paredes deste para os vasos sanguíneos. Nesse processo de diálise, a substância absorvida muda sua natureza química. O processo é tão delicado e tem uma relação tão direta com o sistema nervoso e psíquico central, que uma simples impressão o altera. Isso é fato da experiência comum. Depois há a viagem do sangue para a distribuição do alimento absorvido, ligando todas as partes num banho de vida. Através da respiração, o ar cede ao organismo seu oxigênio e, com este, a potência de um raio de sol. Absorvido então

pelo sangue, o oxigênio é levado para ser queimado e consumido lá nas profundidades do dinamismo celular dos tecidos e dos órgãos, ressurgindo depois no psiquismo do organismo. Que laboratório químico! Nele, a cada instante restabelece-se o equilíbrio. Por sístoles e diástoles, vai e volta o impulso da vida, circula o suco energético restaurador. A todo instante ferve o trabalho reparador da permuta; multidões de esquizomicetos viajam e param, aninham-se e acorrem, fazem paz ou guerra, trazendo saúde ou ruína.

Por meio desse refinamento evolutivo, que culmina no espírito, o futuro conduz também, paralelamente, à progressiva desmaterialização das formas, a uma preponderância transbordante do psiquismo, preparando-vos um banquete energético extraído de um raio de sol. Sem luta nem assassinatos, repousareis saciados de eflúvios solares, absorvendo diretamente seu dinamismo. Isto acontece em planetas mais evoluídos que o vosso, mas, para vós, constitui um futuro ainda distante. Estômago e sangue formaram-se em vós, como são agora, através de idades incalculáveis, oferecendo, portanto, uma resistência proporcional para se manter em sua linha atávica de funcionamento. Nem mesmo a venenosa síntese artificial das substâncias alimentares é própria para vos libertar do animalesco circuito da química intestinal. Tampouco a introdução direta dos princípios nutritivos no sangue constitui procedimento adequado para vossa medicina de superfície, grosseira e violenta.

LXXI. O FATOR PSÍQUICO NA TERAPIA

Este quadro de equilíbrios íntimos nos abre a porta para algumas *observações de caráter terapêutico*, sobretudo no *campo bacteriológico*. Exagerais o sentido profilático da *antisepsia*. O organismo humano é formado e sempre viveu num mar de *micro-organismos patogênicos*, tanto que a assepsia ou o estado asséptico na natureza é condição anormal. Ora, a imunidade é produzida através do equilíbrio obtido pelas resistências orgânicas. Ao longo de intermináveis períodos de evolução, esse equilíbrio estabilizou-se entre ataque e defesa. Ao matar o micróbio, perturbais o equilíbrio da vida, no qual também o inimigo tem sua tarefa, e vos colocais assim em condições anormais. Não somente cabe a vós, mas é também vosso dever, defender e manter tal equilíbrio. Sabeis que a função cria a capacidade. Ao suprimir a luta, suprimis também a contínua excitação das reações provocadas pelo assalto dos micróbios; ganhais uma saúde no presente, levantada a crédito sobre a saúde do futuro; obteis uma vitória fictícia, alcançada à custa da resistência orgânica, pois desse modo, por lei natural, o organismo perderá, pela falta de uso, suas capacidades defensivas, tornando-se impotente para defender sua vida. É evidente que a proteção artificial, atrofiando a capacidade de defesa, age em prejuízo da seleção. Já foi verificado que, quanto mais remédios são empregados nos animais e nas plantas, mais cresce o número de suas enfermidades (saprofitismo). A luta forma e mantém a resistência orgânica, que constitui o prêmio de infinitas quedas e esforços. Os equilíbrios da natureza são profundos, e perturbá-los produz novos desequilíbrios. No choque constante dos contrários produz-se uma estabilidade, um acordo, uma espécie de simbiose, o que, no final das contas, é útil para ambas as partes. O inimigo torna-se necessário ao homem, porque a reação gerada pelo assalto é a base de sua resistência orgânica. Deslocar o ritmo equilibrado das relações e permutas que se estabeleceram nos milênios, significa gerar novas doenças, transformando o problema, em vez de solucioná-lo. Em vista das concepções limitadas de uma ciência utilitária, que fez disso seu principal objetivo, nasceu a ilusão de que seja possível suprimir a luta, e isso em todos os campos,

inclusive no moral (a dor), como se o esforço da vida fosse uma imperfeição a ser superada, e não um fator fecundo, necessário, substancialmente colocado no funcionamento orgânico do universo. Tudo isso somente pode ser justificado por uma transferência do campo de luta para um plano mais alto. A supressão de um esforço e de sua respectiva conquista apenas são justificados pela sua substituição por um esforço mais elevado, dirigido a conquistas superiores. E assim ocorre de fato. A luta física e orgânica está se transformando em luta nervosa e psíquica.

A medicina deveria ter em grande consideração o *fator psíquico*, não apenas no campo específico da psicoterapia, mas também em todos os casos e em todos os momentos, como fator de importância decisiva. O materialismo imperante, absorvido apenas pela visão do lado material da vida, não podia perceber desta o aspecto mais profundo, que é o espiritual. Embora esse tipo de ciência tenha sem dúvida produzido e criado muito, é necessário agora ultrapassá-lo. No entanto ainda subsiste aquela psicologia, que, por inércia dos centros de cultura, influencia o pensamento oficial, proclamado das cátedras do mundo civil. Está na hora de *continuar* o caminho percorrido até aqui pela ciência materialista, mas agora com uma ciência espiritualista. O espírito, como vedes, não é um fenômeno abstrato, isolado ou isolável, relegável ao campo da ética e da fé, mas invade todos os fenômenos biológicos, sendo, por isso, fundamental em fisiologia, patologia e terapia. O vibrante dinamismo vital está todo permeado dele. Menos anatomismo, pois, e mais psiquismo, que deve não apenas ser invocado no estudo das neuroses, mas também estar sempre presente em toda a disciplina médica. O fator moral é importante e, se descuidado, pode, mais do que a falta de cuidados materiais, fazer o doente perecer. Aos hospitais destes ar, luz, higiene e limpeza, no entanto a frieza destes locais provoca calafrios. Deveis pensar que nesses lugares de dor encontra-se não somente o corpo animal mas também, e sobretudo, a alma de um homem. Mais do que de análises microscópicas e radioscópicas, de esterilizantes e de ostentação de ciência, há necessidade de flores, de música, de palavras sinceras, de atitudes afetuosas e, sobretudo, de bondade. O estado de alma, sobre o qual repousa o segredo do metabolismo e, portanto, da cura, é desprezado. Mesmo em matéria de infecção, o

espírito, muitas vezes, influi mais do que a esterilização do ambiente. Vede que o equilíbrio orgânico é mera consequência do equilíbrio psíquico, mantendo com este uma estreita relação, pois é o estado nervoso que determina e guia as correntes elétricas, as quais presidem à contínua reconstrução química e energética do organismo. Se elas tomam uma direção diferente, na qual a corrente positiva, ativa e benéfica, inverte-se numa corrente negativa, passiva e maléfica, substituindo um estado psíquico de confiança e de bondade por outro de depressão e má vontade, então, em vez de saúde, o impulso gerará doença; em vez de desenvolvimento, retrocesso; em vez de saciedade, intoxicação; em vez de vida, morte.

Essa alma misteriosa, que permeia tudo, emergirá futuramente da sombra como um gigante, tendo sua anatomia, seu funcionamento e sua evolução determinados pela ciência. A nova medicina levará para os primeiros planos o fator psíquico, não mais enfrentando, como agora, o estado patológico com meios coativos, que, ou mais ou menos, são sempre violentos. A correção do estado anormal, dada pela retificação do funcionamento arritmico, não pode ser alcançada somente através de atuações externas, tentando adentrar no organismo por meios físico-químicos; é necessário penetrar em seu íntimo transformismo, secundando as vias naturais do psiquismo, que domina as funções. Esta correção, então, não será mais constituída por um choque brutal, decorrente da introdução de compostos químicos, muitas vezes geradores de reações antivitais, mas sim por uma corrente que se fundirá na correnteza da vida, formando um dinamismo benéfico, o qual retificará o dinamismo desviado. Ao administrardes substâncias, não podeis saber que condições químicas antitéticas elas podem encontrar ou que desconhecidas reações elas podem excitar nas tão diversas condições orgânicas dos indivíduos. Há atrações e repulsões, como há também limites de tolerância totalmente pessoais. Muita prudência com o emprego igual para todos dessa química violenta!

Uma via mais pacífica para penetrar na corrente vital é o caminho psíquico. O funcionamento orgânico obedece àquela instintiva sabedoria que, através de longuíssimas experiências, fixou-se no subconsciente. Este se fraciona em várias almas menores, instintivas, que executam, sem o saberdes, o trabalho específico de cada órgão.

A consciência pode, por via sugestiva, dar-lhes ordens, que serão executadas, assim como determinados comandos são obedecidos por um animal domesticado. O caso do trauma psíquico vos demonstra a realidade dessas influências. Eis então como, pelas vias psíquicas, podem ser abertas ou fechadas as portas aos assaltos patogênicos, ativando ou paralisando as defesas orgânicas. Assim, não se matam os micróbios, mas se reforçam as resistências, obtendo-se resultados que superam os efeitos da mais escrupulosa assepsia, pois a patogênese não depende tanto das condições ambientais quanto da vulnerabilidade específica individual, que predispõe à doença e é largamente influenciada pelo estado psíquico.

LXXII. A FUNÇÃO BIOLÓGICA DO PATOLÓGICO

A visão desses maravilhosos equilíbrios nos leva ao conceito da função biológica do patológico. Perguntamos, então, se a doença é de fato um estado anormal, constituindo sempre uma queda orgânica, ou é compensada no equilíbrio universal, assumindo uma função biológica não apenas protetora mas, na verdade, também criadora?

Inegavelmente, em muitos casos, o patológico pode, através da adaptação, tornar-se um estado habitual do organismo, que acaba convivendo com esta condição normalmente. De fato, o estado orgânico perfeito é uma abstração inexistente na realidade. Não há na natureza um tipo orgânico perfeito, uma verdade orgânica igual para todos, uma normalidade que seja termo de referência do valor fisiológico individual; antes, cada um é um tipo próprio e possui sua própria verdade orgânica, superando todos os outros, desde que saiba lutar e vencer. Na natureza, a perfeição é uma tendência jamais alcançada; a saúde é um estado que se deve conquistar a cada momento, um equilíbrio que se mantém à custa de um trabalho contínuo. De fato, cada organismo tem seu ponto fraco, de maior vulnerabilidade e de menor resistência. Assim, o patológico acabou equilibrando-se como um fato mais ou menos constante na normalidade do mundo orgânico, que nem por isso se abate, mas leva consigo, como força já aceita em seu equilíbrio, o seu lado escuro. Com o número, a natureza completa-se nas suas diferenças e compensa suas imperfeições, misturando sempre os seus tipos, que, quanto mais diversos forem, melhor contrabalançarão qualidades e defeitos na reprodução. Estais aqui diante da mesma lei pela qual o mal condiciona o bem e a dor condiciona a alegria; diante do mesmo tipo de contraste claro-escuro em que se move e equilibra não somente o mundo orgânico, mas também o ético, o sensório e o psíquico.

Porém existe outro fato ainda. A lei de equilíbrio não se constitui somente do fato de haver o mundo orgânico se habituado a arrastar normalmente o peso de sua imperfeição. Essa lei, por espontânea compensação, contrapõe a cada ponto de maior fraqueza um ponto de maior força, a cada vulnerabilidade específica uma resistência

adequada. A natureza sente o ponto ameaçado e o cerca, reforçando-o com todos os seus outros recursos, através do desenvolvimento de órgãos e sentidos em proporção maior que a média. Então não vos alarmeis com algum ponto fraco, porque ele pode, por compensação, representar uma força.

Permanecendo ainda no campo orgânico, também vimos que cada assalto patogênico superado produz, como reação, a capacidade de resistência, fortalecendo toda a estrutura das defesas orgânicas. Neste caso, a doença tem função imunizadora, trazendo em si, como contraste e por compensação, as condições para a vitória do organismo e para a *autoeliminação do patológico*. Neste sentido, a doença é condição de saúde, pois excita a formação de todas as resistências orgânicas. Estas, que vos defendem sem o saberdes, são o resultado de inúmeras vitórias e lutas superadas, constituindo o fruto de vosso esforço, duramente conquistado ao longo do caminho da evolução.

Mas existem outras compensações do patológico nos demais campos, porque tudo está interligado no universo. Sempre por motivo de compensação, uma imperfeição e um sofrimento físico podem ter uma repercussão criadora no campo moral, determinando um estado contínuo de tensão, em razão do qual é gerada uma reação cuja manifestação constitui uma explosão de força no nível psíquico. Aqui reaparece a função criadora da dor. Sua ação tenaz e penetrante não pode deixar de despertar ressonâncias no âmago daquele psiquismo que, estando em permanente contato com as formas orgânicas, nelas grava marcas indeléveis. Portanto a dor, embora não seja, muitas vezes, suficiente para, de inopino, construir a grandeza de uma alma, quase sempre não somente a desperta, revelando e potencializando ao máximo todos os seus valores, mas também se torna, depois de muito tempo, escola de ascensão. Se por vezes, nas almas fracas, a dor se resolve numa adaptação passiva, muitas vezes acende luminosidades novas no espírito, o que nos permite falar de uma verdadeira função criadora do patológico. Grande ciência esta de saber sofrer, a qual somente os homens e os povos que viveram muito possuem, revelando uma resistência às adversidades ainda não adquirida pelos jovens. Observai o fenômeno do patológico até às suas últimas repercussões e o vereis, às vezes, arrancar das almas

humanas os mais sublimes clamores e as maiores criações. Muitas vezes, um defeito físico, ao fechar para a alma o contato com o mundo exterior, prepara-lhe os caminhos da profunda introspecção de si mesma, mantendo o espírito sempre desperto e submetendo-o a uma ginástica que o torna gigante. Muitas almas saíram purificadas da maceração de um corpo doente. Um mal físico pode ser a prova imposta pelo destino no caminho das grandes ascensões humanas. Convido a ciência a explicar como pode uma doença, uma deficiência orgânica, dar tanta força ao espírito, tanta fecundidade ao pensamento, tanta saúde e potencialidade à personalidade; como pode, em outras palavras, o patológico, muitas vezes, conter o supranormal.

LXXIII. FISIOLOGIA SUPRANORMAL. HEREDITARIEDADE FISIOLÓGICA E HEREDITARIEDADE PSÍQUICA

Somente estes conceitos de vida psíquica podem guiar a ciência até às portas de uma ultrafisiologia, ou fisiologia do supranormal, como a vedes despontar nos fenômenos mediúnicos. Aqui, as relações entre matéria e espírito são imediatas; o psiquismo modela uma matéria protoplasmática mais evoluída e sutil: *o ectoplasma*. A nova construção – antecipação evolutiva – não possui, naturalmente, a resistência daquelas formas já estabilizadas através de longas existências, tendo, por isso, um desfazimento rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal, emergindo dos caminhos habituais da evolução, ainda precisam fixar-se, por tentativas e prolongadas repetições, na forma estável. Tudo isso vos lembra, como retorno atávico de um passado superado, o raio globular. Contudo o ectoplasma é um pressentimento do futuro, correspondendo àquele processo de desmaterialização da matéria do qual já falamos. A matéria química do ectoplasma corresponde a uma avançada desmobilização dos sistemas atômicos em movimentos vorticosos, na direção dos pesos atômicos máximos ao longo da escala de elementos. O fósforo (peso atômico 31), corpo sucedâneo e aceito apenas em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, já num avançado movimento vorticoso, como corpo fundamental, ao lado do H (1), C (12), N (14) e O (16). A plástica da matéria orgânica, por obra do psiquismo central diretor, torna-se cada vez mais imediata e evidente. Tudo isso vos explica a estrutura falha de muitas materializações espíritas, que suprem a incompleta formação de algumas partes através de massas uniformes de substância ectoplasmática com aparência de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço e a imperfeição inerentes ao que é novo. Isso vos faz compreender como o desenvolvimento do organismo até à forma adulta nada mais seja do que uma construção ideoplástica, realizada pelo psiquismo central através dos velhos e seguros caminhos tradicionais percorridos pela evolução.

A rede de fatos e concomitâncias restringe-se cada vez mais em torno deste inegável psiquismo. Só ele vos dá a chave do fenômeno da *hereditariedade*¹⁴, que permanece inexplicável, se olhado apenas em seu aspecto orgânico, como o faz a ciência. Tal fenômeno, para ser compreendido, tem de ser completado com o conceito de *uma hereditariedade psíquica*. Como podem os órgãos, sujeitos a uma contínua renovação, até um final e definitivo desfazimento, conservar indefinidamente características estruturais e transmitir aptidões pré-natais a outros organismos? Os registros no instinto – sobretudo os mais importantes – ocorrem depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto e, por vezes, justamente na velhice (máxima maturidade psíquica). Como poderiam, numa natureza tão providente e econômica, ser perdidas justamente as melhores ocasiões? Não está tudo isto indicando que, além dos caminhos orgânicos da reprodução, a hereditariedade segue também outros, dados sobretudo pelas vias psíquicas, através das quais o produto recolhido é confiado à sobrevivência do princípio espiritual? Já não vimos que esse é o vínculo que liga numa única explicação todos os fenômenos do instinto, da consciência e da evolução psíquica? Quem, senão o espírito imortal, pode manter o fio condutor que, através do contínuo nascimento e morte das formas, dirige o desenvolvimento da evolução? Que princípio diretor, senão esse, saberia atingir as superiores construções da ética?

Esse conceito de hereditariedade psíquica conduz à conclusão inevitável – já agora preparada por muitos fatos para poder ser negada – da sobrevivência de um princípio psíquico depois da morte, isso tanto no homem como, de forma diferente, nos seres inferiores, que, embora irmãos menores, não foram deserdados pela justiça divina dos direitos da sobrevivência. Se já foi demonstrado que o psiquismo é parte integrante dos fenômenos biológicos – não só como princípio ao qual são confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, mas também como unidade diretora de todas as suas sucessivas formas – é óbvio admitir que ele, assim como sobrevive à morte orgânica, deva preexistir ao nascimento. Esse equilíbrio de momentos contrários é necessário na harmonia de todos os fenômenos. Na indestrutibilidade da substância, já demonstrada em todos os campos, tudo é continuação e

retorno cíclico. O universo não pode ser arritmico em nenhum ponto e em nenhum momento. Resulta, pois, absurdo o conceito de uma divindade submetida à dependência de dois seres, cuja união ela deva aguardar, para ser obrigada então, quando eles quiserem, a realizar o trabalho da criação de uma alma. Não se pode conceder à criatura tal poder de decisão. Quão imenso acúmulo de unidades espirituais isto acarretaria no ilimitado tempo ao longo da vida! Onde se completaria o ciclo e se restabeleceria o equilíbrio?

A própria hereditariedade vos oferece fenômenos que, de outro modo, permanecem inexplicáveis. Sem este conceito de continuidade psíquica, tudo se torna incompreensível e ilógico; com ele, tudo fica claro, justo e natural. Por vezes, os filhos superam os pais, sendo os gênios nascidos quase sempre de ancestrais medíocres. Como poderia o mais ser gerado a partir do menos? Os caracteres distintivos da personalidade exorbitam de qualquer hereditariedade, à qual verificais estarem confiadas mais as afinidades orgânicas do que as psíquicas. Já vimos também que, sem tal conceito, a gênese do psiquismo, assim como a formação do instinto e da consciência, permanecem problemas insolúveis. Por que essas profundas desigualdades, inatas e indestrutíveis, nas qualidades próprias do indivíduo, indelevelmente estampadas em sua face psíquica interior? Não vos revelam elas todo um caminho percorrido? Um passado vivido, que não se pode anular nem calar, ressurgir e grita no ser: tal como fui, sou. De tudo isso depende um destino de alegria ou de dor, que demonstra um direito ou uma condenação. Uma criação nova, a partir do nada, teria de formar, por justiça divina, almas e destinos *iguais*. Não deixais que tantas condenações dolorosas – permitidas por Deus conforme a justiça, pois desejadas pelo ser livre e responsável – recaiam sobre a Divindade, como acusação de injustiça ou de inconsciência. Quantos absurdos éticos diante de uma alma, à qual, ao invés, deveria ensinar-se a subir moralmente!

Não estabeleçais, para o homem, uma exceção na lei cíclica que rege todos os fenômenos. Um rio não pode ser gerado sem a fonte, sendo que esta, se não fosse sempre realimentada pelo mar, através da evaporação e das chuvas, não teria água suficiente para formar-lhe o eterno fluxo. Não crieis desproporções entre o átimo que é a vossa vida e uma eternidade de consequências. Sabeis acaso o que é uma

eternidade? Uma tão descomunal desproporção entre causa e efeito é absurda e inconcebível. *Só não pode morrer o que não nasceu*; só pode sobreviver na eternidade o que não teve princípio. Se admitirdes um ponto de partida, tereis de aceitar um equivalente ponto de chegada; *se a alma nasce com o corpo, tem de morrer com o corpo*. Neste caso, a lógica vos leva ao mais desesperador materialismo.

Não acrediteis, como tantas vezes o fazeis em vossas ilusões, que prêmio ou castigo, alegria ou dor, na eternidade da divina justiça, possam ser usurpados, como é de costume em vosso mundo. Tudo obedece a uma lei fatal de causalidade, uma lei íntima, invisível e inviolável, contra a qual nada podem a astúcia e a prepotência. Trata-se de lei matemática, dada por um exato cálculo de forças. Não há possibilidade de violação em tão férrea engrenagem de fenômenos. Ninguém escapa às consequências de suas ações. Todo bem ou mal que o ser pratica, ele o pratica a si mesmo. Antes da hereditariedade orgânica existe a hereditariedade psíquica, que dirige aquela, resumindo todas as vossas obras e determinando vosso destino. Deus é justo, sempre. Não podeis culpar ninguém. Seja qual for o caso, é absurdo amaldiçoar. A cada instante, é feito o balanço exato entre o dever e o haver, determinando-se culpas e méritos, castigos e alegrias. A dor é sempre uma bênção de Deus, porque, mesmo quando não constitui resgate, purificação ou pagamento de débito, sempre constrói, acumulando crédito. É a lei da vida, oculta e inatingível, sempre presente e sábia.

Caem vossas barreiras e as defesas que ergueis em favor da injustiça. A justiça é a lei profunda que vos acompanha e sempre vos encontra na eternidade. Quantos dramas nestas palavras! Acima do parentesco de corpos, há um parentesco mais profundo com o vosso passado e com as vossas obras, que ressurgem ao redor de vós e vos assediam, erguendo-vos ou abatendo-vos. Sois exatamente como vos construíis. As armas que possuíis, embora vos pareçam concedidas pela natureza, vós as fabricastes para vós mesmos. Com elas, enfrentais a vida e, com elas, tereis de vencer. Movimentastes as causas que agora agem dentro e fora de vós. Assim como o presente é filho do passado, o futuro também é filho do presente. Não culpeis ninguém. A gênese de uma vida não pode ser o efeito do egoísmo de

dois seres que agem em dano de um terceiro, impossibilitado de dar opinião. Como podeis acreditar que uma vida de alegria ou de dor, da qual dependeria também o estabelecimento de um estado definitivo por toda a eternidade, fosse deixada à mercê de um ato accidental, realizado sem qualquer consciência de suas consequências? Num organismo universal em que tudo é tão exata e justamente determinado e previsto, como poderia um fato tão substancial, como são a vida e a dor de um homem, ser abandonado assim, fora da Lei, no momento decisivo de sua gênese, que teria efeitos colossais? Não vedes o absurdo desse conceito? Como podeis crer que, na imensa ordem soberana, possa haver lugar para a loucura e a maldição, para a inconsciência e a usurpação, e que possam ser assim semeadas, ao acaso, por irresponsáveis as causas da dor?

Não sentis que, acima de qualquer vínculo e afinidade, vossa personalidade grita “eu”? A hereditariedade é, acima de tudo, psíquica, sendo não somente individual, mas também preparada e, assim, desejada por vós mesmos. A hereditariedade fisiológica é uma hereditariedade secundária e, por ser dependente daquela, tem consequências limitadas, inerentes a um organismo que, constituindo para vós apenas o veículo da viagem terrena, amanhã abandonareis. O parentesco familiar é um parentesco orgânico, definido por formas e por tipos. É nesse vaso que desceu vosso espírito, não por acaso, mas por lei de afinidade. A fusão é completa, numa unidade que, mesmo conservando os caracteres da raça e da família, muitas vezes os transcende, inconfundivelmente, como personalidade psíquica. É daí que provêm não só as diversas semelhanças, mas também as inúmeras diferenças. Os genitores vos dão o germe da vida física, cujo desenvolvimento, paralelamente ao da vida psíquica, descida do céu e a eles confiada, são incumbidos de proteger. Respeitai e amai este grande trabalho. Nas horas frágeis da juventude, vossa alma eterna está nas mãos deles. Vós progenitores, por sua vez, deveis tremer ao refletir que sois escolhidos como colaboradores no trabalho divino da construção de almas.

A vida psíquica, embora não seja filha direta dos pais, tem parentesco com eles pelas vias da afinidade, que chama e atrai o espírito para um determinado ambiente. Nada é confiado ao acaso. Muitas vezes, a própria alma escolhe o lugar e o tempo, prevendo as

provas que tem de vencer. Quando, porém, ela ainda não atingiu essa consciência, ignorando como se tornar livre, então seu peso específico (resultado do grau de sua destilação espiritual, das suas atrações e repulsões pelas coisas da Terra e da natureza do tipo pelo qual ela é constituída) a conduz *automaticamente* – assim como tudo no universo, do átomo às estrelas, é levado ao equilíbrio – para um espontâneo equilíbrio de forças em seu próprio elemento, o único no qual ela pode viver e trabalhar.

LXXIV. O CICLO DA VIDA E DA MORTE E SUA EVOLUÇÃO

Essa hereditariedade psíquica é a base, com significado e função fundamentais, do alternado ciclo da vida e da morte. Na evolução darwiniana, vistes apenas a progressão das formas orgânicas. Inevitavelmente esbarraríeis nesta última consequência do psiquismo, mas este, como íntima causa determinante, permaneceu na sombra para vós. Dessa maneira, escapou-vos o fio condutor de todo o processo, fazendo que o acúmulo dos valores psíquicos, assim como a manutenção em linha de continuidade de tantos fenômenos constantemente interrompidos pela morte, permanecessem um mistério para vós. Não são as formas que evoluem, mas sim o princípio espiritual, que as plasma, sendo delas a causa e possuindo o poder indestrutível de reconstruí-las sempre.

Se a natureza conserva uma indiferença suprema diante da morte, é porque esta *nada destrói* substancialmente, tanto que, apesar das contínuas mortes, a vida prossegue triunfante. Na morte, nada é destruído, nem como matéria nem como espírito. De um lado, a matéria abandonada torna a descer a um nível inferior e é retomada num ciclo mais baixo de vida; de outro, o psiquismo reassume seu dinamismo e, reunindo os valores espirituais, sobe, imaterial e invisível, até equilibrar-se em seu próprio nível, de acordo com seu *peso específico*. Assim como a natureza pinta os mais maravilhosos quadros com luzes e cores harmoniosas, para depois, despreocupadamente, deixá-los desvanecerem-se, pois, sendo rica de beleza, sabe reconstruí-los mais belos ainda, também a vida, com a química do plasma, através das forças íntimas e da sabedoria do psiquismo, modela as mais maravilhosas formas de beleza, para depois deixá-las murchar e morrer, porque sabe refazê-las prontamente e refaz outras mais belas ainda, numa infinita prodigalidade de germes.

A morte não prejudica de modo algum o princípio da vida, que permanece intacto e é continuamente rejuvenescido com essa constante renovação através da morte. Se a natureza não teme nem evita a morte, é porque esta constitui *condição de vida*, de modo que,

assim, nada se desperdiça da essência de sua economia. A natureza sabe que a substância é indestrutível e que, portanto, nada jamais pode se perder, nem como quantidade, nem como qualidade; sabe que tudo ressurgirá da morte: ressurgirá o corpo no ciclo das trocas orgânicas, ressurgirá o espírito no psiquismo diretor.

O que é, afinal, a morte? Que estranha evaporação de consciência é essa pela qual, num átimo, o organismo passa do movimento à imobilidade, da sensibilidade à passividade inerte? Olhais assustados aquele corpo morto e em vão lhe pedis que torne a dar à vossa sensação a centelha da vida apagada. Contudo, no primeiro momento, a matéria está toda ali, ainda intacta; lá estão todos os órgãos, os tecidos, a forma; a máquina repousa completa. Falta-lhe apenas a vontade de conjunto, o psiquismo diretor; falta-lhe o poder central. Então a sociedade do organismo apressa-se em dissolver-se, como um exército que perdeu o chefe, onde cada soldado pensa somente em si mesmo, buscando reunir-se a outros exércitos, onde quer que os encontre. O esplêndido edifício desaba, e outros construtores vizinhos, pouco importa se menos hábeis, apressam-se em recolher material para seus edifícios. Tudo é logo retomado e reutilizado em novo circuito, revivendo ao sol. Nada jamais pode morrer. A unidade coletiva apenas se dissolve nas unidades menores componentes.

Ocorre, portanto, a separação do psiquismo, acarretando uma profunda mudança no estado da matéria. Acontece nesse fenômeno algo que vos relembra outras mudanças de estado mais simples, como a passagem da matéria do estado gasoso ao estado líquido e depois ao sólido. Existe perda de mobilidade e liberação de energia. Nada se destrói na natureza, por isso também a morte “*deve*”, por lei universal, *restituir* intacto o psiquismo que, naquele corpo, já agora inutilmente procurais encontrar. Não importa que o fenômeno se oculte no imponderável, escapando diante de vossos sentidos e meios de observação. Não há mais ali o psiquismo animador que havia antes. Todo o universo, obedecendo constantemente à sua lei, vos grita: aquele psiquismo *não pode ter sido destruído*. Assim como do mar renascem as chuvas que nele se precipitaram, também vedes esse princípio *renascer* a cada momento, rico de instintos, proporcionado ao ambiente e individuado, como era quando o corpo morreu. Esse é

o princípio que vedes desaparecer na morte e reaparecer no nascimento. Como seria possível que apenas este ciclo, ao contrário do que acontece em todas as coisas, não se fechasse pela união de seus extremos? *Assim como o que não morre não pode ter nascido, também o que existia antes do nascimento não pode morrer. O que não nasceu com a vida, não morre com a morte.*

A lógica do universo e a voz unânime de todos os fenômenos vos levam a esta conclusão. Se a substância, como foi demonstrado, apesar de mudar de forma, é indestrutível e se a existência de um princípio psíquico é evidente, então este tem de ser imortal. Porém imortalidade só pode ser eternidade, implicando equilíbrio entre passado e futuro, o que significa reencarnação. Se tudo o que existe é eterno, vós, que existis, sois eternos. Nenhuma coisa pode jamais ser anulada. Não há lei ou autoridade humana que possa destruir a lógica e a evidência dos fenômenos. *Sobrevivência do espírito é sinônimo de reencarnação.* Ou se renuncia a compreender o universo, como faz o materialismo, ou se admite um plano, uma ordem e um equilíbrio, como vos afirmam todos os fatos, sendo então necessário acompanhar-lhe a lógica até às últimas consequências (não é possível parar na metade). Vida e morte são dois contrários que se compensam, dois impulsos que garantem o equilíbrio, duas fases complementares do mesmo ciclo.

Desaparecerá o espírito na indistinção de um grande reservatório anímico amorfo? Absurdo! Vedes que esse princípio não reaparece amorfo, mas com qualidades já prontas, porque se desenvolvem rapidamente, manifestando as mesmas qualidades de instinto, consciência e personalidade com que o vistes desaparecer. *A unidade reconstruída assemelha-se demais à unidade destruída para que alguém possa dizer que não é a mesma.* Só assim podeis explicar a presciência do instinto e a gratuidade de seu conhecimento, bem como o surgimento de capacidades inatas sem uma aparente formação precedente. Como poderiam os instintos, o destino e a personalidade, tão diferentes e definidos, nascerem do nada, fora da lei universal de causalidade? Eles são o passado que, em virtude dessa mesma lei, renasce sempre e jamais poderá ser destruído por morte nenhuma. É absurdo e impossível uma contínua construção e desintegração de personalidades, uma passagem do ser ao não-ser,

condição na qual se quebraria a cadeia de causalidades que prepara e conserva tudo. Além disso, no universo, tudo está individuado e clama “eu”, não havendo tais mares de inércia ou zonas de vazio. Enfim, a evolução não retrocede nem jamais aniquila, defendendo, como a coisa mais preciosa, os produtos de seus imensos esforços. Uma unidade coletiva tão complexa, como é a individualidade humana, constitui o mais elevado produto da vida e resume os resultados do maior trabalho da evolução. Como seria possível, então, que esta, em sua rigorosa economia, permitisse a dispersão de seus maiores valores? Além disso, por que deveria o testemunho de vossos falazes sentidos ter um valor superior ao de vosso instinto, que diz: “*eu sou imortal*”? As religiões, os fenômenos mediúnicos, a lógica dos fatos, a voz concorde de toda a humanidade e de todos os tempos, tudo vos diz: “Sois imortais”.

O psiquismo individual sobrevive nas plantas, nos animais e no homem. O *desenvolvimento embriológico*, repetindo e resumindo todo o passado vivido, demonstra que, na continuação da obra realizada pela vida, o princípio é sempre o mesmo. Essa indestrutível sobrevivência do passado no presente, que garante a continuidade da evolução, vos demonstra também uma identidade constante do princípio de ação. O psiquismo sobrevive e o faz com o grau de consciência já conquistado, que pode subsistir no estado imaterial incorpóreo.

A morte não é igual para todos. Embora seja a mesma no corpo, ela se diferencia no espírito. Nos seres inferiores – incluindo o homem nos primeiros degraus de sua evolução – o centro perde a consciência e, arrastado pela corrente das forças da vida, apressa-se a reencontrá-la em novos organismos. O grande mar tem suas marés e, ininterruptamente, impele os princípios nas ondas do tempo, através do alternado ciclo de vida e de morte, porque esse é o caminho para subir. A evolução é uma força premente. Na natureza do dinamismo daquele princípio animador encontra-se a permanente aspiração a sempre novas expressões e mais elevadas realizações. Essa perda *temporária* de consciência nos seres inferiores pode dar-lhes a sensação daquele fim que o materialismo defende, mas trata-se de *sensação, e não de realidade*. Nos homens mais evoluídos, que já entraram na fase α , referente ao espírito propriamente dito, a

consciência *não se extingue*, mas lembra, observa, prevê e, depois, escolhe as provas com conhecimento. A consciência é conquista, constituindo o prêmio por imensos esforços. No ambiente imaterial pode subsistir no homem tudo o que nele é imaterial, sendo esta a parte que foi pensamento elevado e sentimento não preso às formas. Tudo o que é baixo constitui trevas; no alto estão a luz e a liberdade. Mas, por meio de sua ininterrupta luta para refinar a matéria, a fim de poder expressar sempre mais transparentemente o espírito, a evolução *vos eleva cada vez mais acima daquela morte que mais temeis, como treva da consciência*, transformando-a numa passagem na qual a personalidade se abala cada vez menos, até reduzi-la a uma mudança de forma em que o “eu” permanece desperto e tranquilo.

Então, o homem terá vencido a morte e *viverá consciente na eternidade*. O progresso espiritual e moral, ao qual estão confiadas a sorte e o porvir de vosso futuro estado pessoal, é, portanto, fenômeno biológico, tornando-se fenômeno que toca diretamente à ciência e ao interesse individual e social.

A morte se reduz, assim, a um “momento” da permuta orgânica da vida, enquanto o problema da sobrevivência, enquadrado dessa maneira, na perspectiva do funcionamento orgânico do universo, não pode apresentar outra solução senão em sentido afirmativo.

Observai o íntimo dinamismo do fenômeno. A vida representa a fase de atividade do transformismo dinâmico-psíquico; a morte, a fase de repouso. Vimos o complexo mecanismo que, através da vida, ocorre nessa passagem da fase β à fase α . Primeiro, por ação do trem eletrônico da onda dinâmica degradada, observamos a gênese dos movimentos vorticosos no sistema planetário atômico e, com isso, a formação da máquina vital em seu complexo quimismo. É a gênese do plasma, da matéria viva, cujo desenvolvimento vimos depois, em formas de organização cada vez mais complexas, da planta até ao homem. Definimos, então, o circuito da energia, através das contínuas permutas de material orgânico, desde a matéria solar e de suas radiações à planta plasmódoma (assimilação do carbono), ao animal plasmófago, até alcançar o elevado psiquismo humano. Finalmente vimos, como resultado último de todo esse complexo funcionamento de materiais químicos e de energia através da máquina da vida, o desenvolvimento do psiquismo em suas fases de

instinto, consciência e superconsciência.

Assim o espírito se constrói através da vida. Na morte, esse trabalho se interrompe, para ser retomado mais tarde e continuado. A vida produziu o psiquismo por meio de uma corrente de metabolismo químico. Naquele processo de desmaterialização a que aludimos, o vórtice eletrônico se introduziu cada vez mais profundamente na matéria, deslocando o equilíbrio íntimo de suas trajetórias e a sua figura cinética, enquanto a energia, degradada ao máximo, passou através de todas essas mudanças, sem destruir-se, sendo assim, de passagem em passagem, encontrada por vós em seu último termo na escala da evolução: o psiquismo. Aqui, β torna-se α .

Na morte, então, o princípio mais elevado se destaca e isola-se de todos os princípios componentes subjacentes inferiores, os quais ele havia chamado para colaborar com seu trabalho de evolução. A química mais alta da vida é deixada cair para formas mais simples; a energia não elaborada em psiquismo é restituída às correntes do ambiente; os instrumentos de trabalho, tomados por empréstimo aos planos inferiores da matéria e da energia, são jogados fora para que outros os recolham. Completada a síntese da obra, o resultado e o valor da vida concentram-se no âmago dos movimentos vorticosos, na íntima estrutura cinética da substância, que os memoriza, conservando cada traço, para restituí-los no futuro. O ser volta-se sobre si mesmo, e tudo sobrevive no vórtice mais íntimo; eis a técnica do germe. Depois, *a fase de concentração se inverterá na de descentralização*, que é o processo da vida. Assim, *oscilando entre periferia e centro, ação e experiência, matéria e espírito, o ser percorre a dupla respiração de que se nutre a evolução: subida e descida; reconstrução e dissolução*. Na morte, o anjo se destaca de seu pedestal e está livre. Voltará depois a apoiar-se na Terra, engolfando-se nos ciclos densos da matéria, pois somente estes propiciam resistência para a luta (prova), a fim de adquirir nova experiência, retemperar as próprias energias, aprofundar o íntimo movimento em direção ao centro e, por meio das provas, tornar mais complexa sua íntima estrutura cinética. Mas, a cada separação, maior é o caminho já percorrido e mais evoluída é a matéria plasmada. Por fim, a consciência se conservará lúcida *para todos* além da morte; a separação de uma matéria mais sutil não será violenta; a cisão da

morte e a reunião do nascimento se realizarão sem perturbações, com o espírito permanentemente consciente e desperto. Então, α terá superado a fase vida e, no limiar de nova dimensão, não mais haverá matéria, corpo e morte, porquanto a evolução traz libertação, felicidade, consciência e luz.

Como navega nos espaços esse produto-síntese da vida? Essa unidade psíquica é o último produto destilado da evolução em suas fases γ , β , α , tocando a fase sucessiva $+x$, cujas dimensões, como já vos disse, exorbitam do vosso concebível. Estando fora do espaço e do tempo, ela é a síntese da evolução completa, constituindo o germe das evoluções futuras. *É uma individuação imaterial de altíssimo grau de concentração cinética*, escondida de vós no imponderável. Para entrar em contato com vossos sentidos, ela tem de assumir as formas mais densas de vossa vida, percorrendo de novo, em descida, o caminho ascensional da evolução, o que significa revestir-se primeiro de energia e, depois, de matéria. Assim como a matéria, por desagregação atômica, gera energia e a energia, no processo inverso, pode produzir matéria, também, mais no alto, a energia gera o psiquismo e o psiquismo, no processo inverso, pode produzir energia.

As fases são sempre comunicantes, subindo ou descendo, e as entidades, em suas materializações, devem percorrer de novo a direção inversa daquela percorrida por vós. Trata-se de uma inversão dos processos cinéticos, na qual ocorre, por parte do vórtice eletrônico, uma restituição da onda dinâmica, seguida de uma redução do movimento à forma mais simples de sistema planetário atômico. O último produto, dado pela unidade do psiquismo, decompõe sua síntese e torna a desenvolver, no estado atual, o potencial nele encerrado em estado latente. Esta é a técnica das materializações mediúnicas, das desmaterializações, dos transportes e fenômenos semelhantes. Trata-se de fenômenos de exceção, porque a substância encontra-se toda em movimento nas suas próprias fases. O espírito vagueia depois da morte, além do espaço e do tempo, em outras dimensões. O universo lhe oferece todas as possibilidades e condições de reconstituir para si um corpo na matéria. Cada gota do infinito oceano estelar apresenta um apoio à vida, nas condições mais diversas, para enfrentar as provas e as experiências mais adequadas a

cada tipo de diferenciação e a cada nível de existência. Este oceano é incomensurável. O universo é todo palpitante de vida e de consciência, ressoando incessantemente no férvido trabalho da evolução.

LXXV. O HOMEM

Vimos a *fase α* em seu *aspecto conceptual*, ao observarmos a evolução das leis da vida; em seu *aspecto dinâmico*, ao observarmos a gênese e a ascensão do psiquismo; em seu *aspecto estático*, ao observarmos o funcionamento desse psiquismo na direção da máquina orgânica e suas manifestações nos órgãos internos e externos. *Com isto, nossa longa caminhada de γ até a está terminada.* Chegamos ao homem, à sua alma.

Antes de vos deixar, concentremos a atenção neste ponto culminante da evolução, nessa obra altíssima, preparada por tão longa caminhada e tão grande trabalho. Olhemos o homem como *indivíduo* e como *coletividade*, em suas leis e em seu progresso; olhemos o futuro que o espera no momento decisivo de sua mais elevada maturação biológica atual.

O homem, o Prometeu de semblante luminoso e de gesto dominador, é todo ele, em seu organismo, a expressão de um potente psiquismo interior. No olhar profundo, a potência de um rei que enfrenta o infinito; no punho fechado, o poder do vencedor da vida em seu planeta. No entanto encontra-se preso à rocha, com suas vísceras dilaceradas pela águia, tendo a seus pés um mar de sangue. Aquele rosto é a única luz nas trevas profundas, cheias de sombras e de terrores, de dores e de delitos. Entre lívidos fulgores de exércitos e intermináveis fileiras de cruzes, em meio às enganadoras seduções do ouro, das vaidades e dos prazeres, ecoa, sobretudo, um grito estridente de dor, que clama por Deus.

Quanto esforço para reencontrar Deus! Que fortaleza de ânimo, que potência de vontade e de ação, que agudeza de sabedoria. Por toda parte um esforço titânico, jamais domado, de superar-se a si mesmo e vencer o mundo. A cada passo, um abismo tenebroso que engole tudo, um obscuro poder de destruição que nivela tudo na morte e no esquecimento. Na eterna fuga, sempre nova onda sobrevém e submerge o passado, apagando a vida e recomeçando outra. A corrida prossegue sem repouso, à luz incerta das miragens ilusórias. Nesta atmosfera densa e escura, o homem luta e sangra, buscando sua luz.

Quanta dor! É um mar sem limites, de onde emerge apenas o braço de um homem que agita um facho de luz: é o gênio. No fundo triste e lamacento, rastejam os piores, satisfeitos em seu elemento, sorrindo felizes e inconscientes. O gênio – seja artista, místico, pensador, santo, herói ou guia – é sempre um pioneiro na antecipação da evolução, seguido pelo rebanho ignaro, por lei da vida. Seu destino é titânico; um abismo por onde passam zonas de paixão e de laceração, tempestades e visões, nas quais está a voz de Deus. Angustiado-se, o gênio se alça do leito de sua dor e da dor do mundo, para, num gesto supremo e tremendo, fixando o infinito com firmeza, mergulhar no coração do mistério e rasgar-lhe o véu, a fim de que a vida caminhe. Então a massa inerte da grande alma coletiva, experimentando uma súbita dilatação, vê, acompanha e sobe.

Por vezes, no inferno terrestre cai uma estrela do céu, só para chorar e amar; chora e ama por toda uma vida, cantando na sua própria dor e na de todos um canto divino, inebriado de amor. A dor vergasta, e a alma canta. Aquele canto tem uma estranha magia, que amansa a fera humana, fazendo rosas florescerem entre espinhos e lírios nascerem em meio à lama. Ao ouvi-lo, a fera retrai suas garras; a dor suspende o seu assalto; o destino alivia seu aperto; o homem perdoa sua ofensa. A todos vence a magia da bondade; a tudo encanta a harmonia do amor. Toda a criação ressoa com esse cântico e se expande. Há tanta fé e esperança naquele canto dorido, que a dor se transforma em paixão de bem e de ascensão. Chegando de muito longe, é um canto de humildade e bondade, cheio das coisas de Deus; é um novo perfume em que vibra o infinito; é um secreto sussurrar de paixão que fala à alma e revela pelas vias do coração, mais que qualquer ciência, o mistério do ser; é uma carícia que adormece a dor. Tudo na Terra se encarniça contra o ser simples e inerme que fala de Deus, para fazê-lo calar. Mas a palavra doce ressurgue sempre, expandindo-se e triunfando, pois está na lei que a Boa Nova do Cristo se realize, que o mal seja vencido e que venha o Reino de Deus. A dor golpeará sem piedade, mas a alma humana emergirá de suas provas e a vida iniciará novo ciclo, pois o momento está maduro, estando na lei que a besta se transforme em anjo, que da desordem surja nova harmonia e que o hino da vida seja cantado mais alto.

O materialismo fez do homem um ser mau, voltado a oprimir o próprio semelhante – *homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem). Mas dele faremos um ser justo e bom, dedicado a beneficiar seus irmãos. A ciência o tornou perverso; nós, porém, *através da própria ciência*, faremos dele um ser melhor. O homem é o artífice de seu destino e *tem de* assumir o esforço de *criar a si mesmo*, cabendo-lhe o dever de esculpir a grande obra do espírito na tosca matéria da vida. Assim como seu deve ser o esforço da superação biológica, para se libertar da lei mais baixa do mundo animal, também seu será o triunfo da ascensão espiritual no campo de todos os valores humanos. Cada prova, cada dor e cada vitória constituirão um traço de cinzel que definirá e embelezará ao sol a obra divina.

As conclusões estão iminentes. As questões científicas estão superadas e, por estarem situadas longe de vós, podem vos ter deixado indiferentes. No entanto as conclusões vos atingem de perto em vossa vida, em vossa felicidade, em vosso futuro individual e coletivo. Se sois racionais, não podereis mais agora recusá-las, em nome de vossa própria razão e de vossa própria ciência. Há quem compreenda porque sente. Meu esforço teria sido muito menor, se tivesse de falar apenas a quem já sente e compreende. Este livro dirige-se a quem precisa de demonstração para compreender, sendo eles o escopo deste esforço de racionalidade, que, de outra forma, não teria sido necessário. Podeis tê-lo lido por curiosidade, mas cada palavra foi dita e cada conceito foi colocado em seu lugar, a fim de que agissem como impulso convergente para essas conclusões. Todos os conceitos até aqui expostos são forças que, como ondas, repassam por todo o infinito e convergem para esta passagem, de onde vos é dado conhecer as normas da vida individual e social, que não podeis mais repelir. Não tratei convosco questões de fé, porque delas aprendestes a fugir, mas levantei as questões de razão e de ciência, para, com essas mesmas armas, através das quais tentastes demolir Deus e o mundo do espírito, vos obrigar progressivamente, numa férrea concatenação, a voltardes a Deus e ao espírito.

Minha palavra, eu disse, é verdadeira: realizou-se e realizar-se-á. A semente está lançada e brotará. Ao mundo indico o caminho do espírito, a única via das ascensões humanas na arte, na literatura e na ciência. Abro-vos esta porta para o infinito, que a razão e a ciência

havam fechado. Por esta estrada de conquistas, guiarei os fortes que me quiserem seguir.

Disse-vos que estais numa grande encruzilhada da vida do mundo. A Lei, após vos amadurecer por dois milênios, impõe hoje esta revolução biológica. Os fatos, que sabem fazer-se ouvir, irão vos constranger. Trata-se de movimentos mundiais de massa e de espíritos, de povos e de conceitos; movimentos profundos, dos quais ninguém escapará. Mas, antes que falem os fatos e se desencadeiem as forças mais baixas da vida, tinha de falar o pensamento, tinha de ser dado o aviso, para que este seja ouvido por quem o possa compreender.

Falais sempre de força; eu vos falo apenas de equilíbrios e ordem. Mostrei-vos que, oculta na aparência das coisas, existe uma realidade muito mais profunda e verdadeira; que, acima da injustiça humana, há uma justiça substancial. Em cada pensamento meu, vedes palpar a presença de uma lei suprema, que é Deus. É lei de bondade e de justiça, mas, justamente porque é lei de justiça, é também lei de reação, que sabe explodir tempestuosamente tanto no destino individual como no coletivo. Ignorando tais equilíbrios, *furtai-vos* cada vez mais ao destino inexorável, excitando um furacão de reações. A cadeia se transmite de geração em geração, acumulando o déficit, que vos submerge. Então, sob um negro céu de tempestades, aparecem os profetas bíblicos, conclamando à penitência; irrompem os cataclismos, surgindo como verdadeiros batismos de dor. A humanidade, como se unicamente pela dor conquistasse seus direitos, sai deles purificada, para reencontrar, depois de recuperar o equilíbrio, a possibilidade de retomar o caminho interrompido da sua evolução.

Com palavras de paz, falei-vos de ideais e de princípios, que podem fazer sorrir o sapiente ceticismo moderno. Em vosso mundo, são colocados no alto e constituem o objetivo da luta não os ideais, mas sim os interesses, sobre os quais se constroem princípios fictícios. Existem os ideais e as crenças oficiais, mas nas profundezas da alma humana existe a mentira. Desprezais o vencido, ainda que ele seja um justo, mas enalteceis o vencedor, ainda que ele seja desonesto. Acreditais somente na matéria, confiais apenas na riqueza e na força, mas elas vos trairão.

Deveis compreender que em tal regime de ordem universal, como vos mostrei – num campo infinito de forças conexas, que, embora imponderáveis e ultrasensórias, são poderosíssimas – agir com baixeza e leviandade significa expor-se a reações tremendas. A história está cheia delas. A Lei está sempre presente e a todos comanda, dirigentes ou dependentes, tendo cada um sua responsabilidade em seu posto de combate. Ao conceito superficial de uma fácil negação de qualquer disciplina moral – como o materialismo científico difundiu no último século – opõe-se hoje o conceito inverso: “*o homem é responsável*”. Ele não vive isolado, mas sim em sociedade, que “*deve*” ser um organismo, onde cada indivíduo tem um trabalho a realizar. *A vida não é ócio, mas sim esforço de conquista*. Acima de todos os interesses materiais está um interesse ideal, igualmente urgente e importante, que atinge todos. As instituições sociais e jurídicas – o trabalho, a propriedade, a riqueza, a organização do Estado e seu funcionamento – não são conceitos isolados, mas sim “*funções*” da Lei, estando logicamente interligadas entre si e não podendo ser compreendidas, senão quando enquadradas no funcionamento orgânico do universo.

Sendo esta síntese uma filosofia da ciência, estão aqui lançadas as bases, jamais antes estabelecidas, de uma *filosofia científica do direito*. No campo moral cai qualquer empirismo, porque cada ato, cada pensamento e cada motivação tem sua meta, seu peso e, por cálculo matemático de forças, marca o destino de quem o executa. Pela primeira vez na história do homem, ouve-se falar numa *ética científica, racional e exata*. O mundo da ética não é mais, então, um campo de fé ou de abstrações, mas sim um cálculo exato de forças. Se estas, muitas vezes, não são percebidas pela justiça humana, porque sutis demais, outro equilíbrio mais profundo – a justiça divina – registra-as em vosso destino, pesando-as e vos *impondo* a resultante, em forma de alegria ou de dor. Sois livres e podeis, sorrindo, negar tudo isto. Mas, se violardes um só desses equilíbrios, violareis a ordem de todo o universo, e ele se levantará contra vós, para vos esmagar. Esta minha voz é a voz da justiça e da vossa consciência, onde troveja a voz de Deus, não vos sendo possível fazê-la calar.

Dei-vos da vida um conceito no qual todos os limites no tempo

são superados, nada se perde, nenhuma dor é vã e cada átimo é construtivo; um conceito que vos permite acumular e possuir uma riqueza verdadeira, que não se destrói. Ensino-vos a valorizar e utilizar a dor. Olhamos juntos o âmago das coisas, mas não inutilmente, porque dele extraímos um otimismo consciente, capaz de triunfar mesmo na adversidade. Só os inconscientes podem buscar o absurdo de uma felicidade fácil, não conquistada. Eu vos falei de luta e esforço, para que a vitória, medida de vosso valor, seja vossa. Realizamos juntos a longa e cansativa caminhada da ascensão do ser, a fim de que possais conhecer vosso amanhã e vos prepareis para ele, porque, através de uma cortina de provas decisivas em vosso desordenado amontoamento de formações psíquicas, já resplandece a luminosidade do futuro, no fundo imenso da evolução trifásica de vosso universo.

LXXVI. CÁLCULO DE RESPONSABILIDADES

O homem é responsável. Mas não basta dizê-lo, é necessário demonstrá-lo. É preciso vincular a lei de equilíbrio que impera no campo moral, inexorável em suas reações, à lei de equilíbrio sempre presente em todos os fenômenos. Não é suficiente estabelecer os princípios da ética no seio de um sistema abstrato e isolado; é indispensável saber conjugá-los com a ordem existente em todos os fenômenos, de todos os tipos, enquadrando tudo num funcionamento orgânico universal *único*. É preciso verificar a inexorabilidade do aparecimento, na eternidade, dos efeitos das ações humanas. Sem uma compreensão de toda a fenomenologia universal, sem a visão unitária de uma síntese global, é absurdo pretender a solução de qualquer problema isolado. Para poder equacionar o problema da responsabilidade, é necessário primeiro ter penetrado o princípio da evolução, que, no campo humano, significa evolução espiritual. Filosofias e religiões afirmaram este conceito; uma multidão de místicos o sentiu e o viveu; mas, se tirarmos deste princípio as bases que, como demonstração racional, o sustentam e o conectam com toda a evolução física, dinâmica e biológica, o mesmo se tornará incompreensível e discutível. É necessário, antes, ter compreendido o vínculo que existe entre todos os fenômenos; ter verificado a indestrutibilidade da substância, apesar do contínuo transformismo universal; ter demonstrado a gênese biológica do psiquismo, a sua eternidade e a técnica de seu crescimento, a meta superbiológica da vida, o princípio de causalidade e a férrea lei de suas reações, a lógica do destino e de suas vicissitudes, o significado das provas e da dor.

É indispensável ter compreendido o valor espiritual da vida, numa estreita relação com vossa moderna visão científica do mundo e em perfeita harmonia com a realidade fenomênica, sem espaços intermediários de coisas desconhecidas e não compreendidas. Era lógico que, antes de empreender sua jornada para as regiões superiores do futuro, o espírito se inclinasse para trás, a fim de reencontrar suas origens no passado, fazendo justiça ao trabalho realizado para sua preparação pelas criaturas irmãs menores. Só

agora, que está completa nossa viagem através dos mundos inferiores da matéria e da energia, é compreensível este último mundo das ascensões espirituais do homem.

Em todos os níveis, os fenômenos da ascensão moral, que culminam no misticismo do santo (super-homem antecipado dos mais altos graus da evolução), podem ser reduzidos, em termos científicos, conforme tudo o que dissemos na teoria dos movimentos vorticosos, àquele fenômeno de assimilação cinética que vimos ter sido a base da formação e do desenvolvimento do psiquismo. Para quem compreendeu a técnica da evolução psíquica, o fenômeno da ascensão espiritual é simples e está logicamente colocado como continuação da evolução das formas inferiores. Em termos científicos, isto significa introduzir, nas íntimas trajetórias dos movimentos vorticosos que constituem o psiquismo humano na fase α , novos impulsos provenientes de fora (o mundo da vida e das provas), para que eles se fundam no âmbito das forças daqueles movimentos e modifiquem suas trajetórias. Trata-se de enxertar no metabolismo do espírito, que está sempre escancarado para fora (ambiente), os elementos da química sutil do psiquismo. Na prática, vós conheceis tais elementos, que chamais pensamentos e obras de bem ou de mal. Escapa-vos hoje o cálculo dessa química imponderável, mas um dia penetrareis na constituição vorticiosa do psiquismo e pesareis seus impulsos sutis, tanto internos como externos. Então este conhecimento, uma vez colocado em termos exatos, vos fará compreender que é possível não somente realizar o cálculo das forças constitutivas e modificadoras do edifício cinético da personalidade humana, mas também – uma vez definido seu tipo específico de individuação e sua história passada, que sua presente conformação continua e resume em sua forma – estabelecer a direção da evolução iniciada e fixar a natureza e a intensidade das forças que deverão ser introduzidas em sua estrutura, para que essa evolução avance proveitosamente e as notas fundamentais dessa personalidade se desenvolvam. Conquanto, hoje, estes fenômenos ainda ocorram por tentativas, isto já significa assumir a direção dos fenômenos biológicos no seu campo mais decisivo, que é a formação da personalidade.

Uma vez que é imprescindível evoluir e que, para a formação

dessa consciência, é indispensável o trabalho da vida individual e coletiva, quão grande economia de energias significará a condição de *saber* realizar tal trabalho! Se a humanidade tende biologicamente, como vimos, a criar o tipo super-homem, vosso trabalho presente é buscar essa meta. A vida contém e pode produzir valores eternos. Sua finalidade é enriquecer-se deles cada vez mais. A vida tem um objetivo, e vós, depois de haverdes aprendido a produzir e entesourar nas formas caducas da Terra, tereis de aprender então a produzir e entesourar na substância, na eternidade. Para educar, é indispensável *repetir*, a fim de que certos conceitos superiores sejam assimilados e gravados no íntimo turbilhão do psiquismo. Esta é a finalidade e a mais elevada função da vida, pela qual se mede o valor daquela central dínamo-psíquica do organismo social: o Estado moderno.

Para o espírito ardente de fé, que sente por intuição essas verdades, é duro ter de falar assim, nos termos de uma moral científica exata, mas isto me é imposto pelo caráter estritamente racional de vosso nível, ainda não intuitivo. É possível calcular o grau de responsabilidade moral, quando se conhece o fenômeno da evolução psíquica. Se esta ocorre através da interação entre os impulsos íntimos e as combinações resultantes dos impulsos do ambiente, a determinação daquele grau se reduz, então, a um cálculo de reações. Tudo isto é apenas um momento de uma análise mais ampla, que pesquisa a linha das reencarnações e o desenvolvimento lógico do destino. Falamos aqui de desenvolvimento lógico porque, uma vez reconstruído o passado, vereis que ele, pelo princípio universal de causalidade, pesa nos estados presente e futuro como uma força, dando à personalidade certa massa, lançada com trajetória própria, que, por inércia, tende a manter-se constante, embora a vontade e a liberdade individual possam modificá-la através da luta.

Na evolução, que é a desmaterialização da substância para alcançar as formas psíquicas, a personalidade *transforma seu “peso específico”* e, por uma natural lei de equilíbrio, coloca-se *numa determinada altura*, seu ambiente natural, ao qual sempre volta espontaneamente. Esta condição também pode ser avaliada através de uma análise de forças, que deve ser levada em conta no cálculo das responsabilidades. Quantas coisas teria de considerar o presumível *direito social de punir*, se, ao invés de constituir apenas

uma medida para defesa individual ou de classe, objetivasse de fato um princípio de justiça! Aliás, os prêmios e castigos substanciais não são aqueles distribuídos pelo homem – constituídos por exterioridades não correspondentes à substância – mas sim aqueles (mesmo quando por meio do próprio homem) aplicados pela Lei, que, estando acima das leis humanas, tem sua sabedoria apoiada em equilíbrios aos quais, compreendendo-os ou não, todos obedecem – juízes e réus, dirigentes e dependentes – por ação de um comando que não possibilita nenhuma escapatória.

Embora os homens vivam misturados, suas respectivas leis não se confundem. O que pode esmagar mortalmente um indivíduo, pode ser incompreensível para quem nunca passou por tal experiência. Todos são vizinhos e irmãos, no entanto, diante do encadeamento das próprias obras e suas consequências, cada um está isolado, sozinho com sua responsabilidade e seu destino, tal como ele mesmo o quis. Os caminhos estão traçados e não podem ser vistos pelo homem nem modificados pela ação humana exterior. Os valores substanciais não correspondem às categorias e posições sociais. Além da justiça humana aparente existe outra justiça, diferente, divina, substancial, invisível e tremenda, que, atuando sem pressa, mas de forma inexorável, não permite escapatórias na eternidade. No emaranhado de destinos e objetivos formado por todos há uma linha individual independente. Seja qual for o ambiente, é sempre possível avançar ou retroceder na própria caminhada. Cada vida contém as provas necessárias, que, mesmo não sendo grandes ou espetaculares, sempre são as mais adequadas e proporcionadas.

Vimos como o ser, em sua ascensão da matéria ao espírito através da evolução, também passa do determinismo, lei da matéria, ao livre arbítrio, lei do espírito. Enquanto a ação é a resultante dos impulsos e da capacidade de reação inerentes a cada indivíduo, a responsabilidade é relativa ao seu grau de evolução, pois *é assumida em função da maior ou menor extensão da zona de determinismo ou livre-arbítrio* que predomina na personalidade. Embora vivendo no mesmo ambiente e submetido aos mesmos agentes psíquicos, cada indivíduo reagirá de modo diferente, e cada ato, mesmo sendo igual, terá um valor e um significado muito diverso, de acordo com os vários tipos humanos, razão pela qual a responsabilidade também

será diferente. Resulta assim uma *responsabilidade relativa*, estritamente vinculada ao nível evolutivo, ou seja, ao grau de conhecimento e liberdade, em proporção aos quais crescem os deveres e se restringe o campo do que é lícito.

Falo de responsabilidade substancial, e não daquela aparente, que os homens se impõem mutuamente, por necessidade de defesa e de convivência. Falo de culpa no sentido da prática consciente do mal, pela introdução de impulsos antievolutivos, que só excitam dor como reação. No campo humano, *mal é involução, bem é ascensão*, pois a grande lei é evolução. *Culpa* é a violação dessa lei de progresso; é rebelião ao impulso que leva a Deus, à ordem; é qualquer ato de anarquia. *Dor* é o efeito da reação da Lei, que, quando violada, manifesta assim sua vontade de reconstituir a ordem e reconduzir tudo para Deus. A esta reação chamaís *punição*. Quanto maior o progresso, tanto maior seria, devido à maior liberdade, a possibilidade de queda, se a condição de progresso mais adiantado não fosse protegida por um proporcional aumento de conhecimento.

LXXVII. DESTINO – O DIREITO DE PUNIR

Outro fator que complica o cálculo das responsabilidades é o *determinismo das causas* introduzidas no passado, com as próprias ações, na trajetória do próprio destino, que constituem os impulsos assimilados, por livre e responsável escolha, no edifício cinético do próprio psiquismo. Essas causas são forças colocadas em movimento pelo próprio “eu” e, uma vez lançadas, tornam-se *autônomas*, até se exaurirem. Vossos atos vos seguem em seus efeitos, irresistivelmente, por lei de causalidade. Seus impulsos têm intensidade proporcional à potência e são da mesma natureza, benéfica ou maléfica, que imprimistes a esses atos. Assim, sob a regência das reações da Lei, todo o bem ou o mal que se faz aos outros é feito, sobretudo, a si mesmo, recaindo sobre o autor como uma chuva de alegrias ou de dores. O destino implica, pois, uma *responsabilidade composta*, que é a resultante do passado e do presente.

Cada ato é sempre livre em sua origem, mas não depois, porque então *já pertence ao determinismo da lei de causalidade*, que lhe impõe as respectivas reações e consequências. O destino, como efeito do passado, contém, pois, zonas de absoluto determinismo, no entanto a ele se sobrepõe a cada momento a liberdade do presente, que, chegando continuamente, tem o poder de introduzir sempre novos impulsos e, neste sentido, *corrigir* os precedentes. De modo semelhante a uma determinada massa, que, depois de lançada, tende por inércia a prosseguir na direção iniciada, mas pode sofrer atrações e desvios colaterais, o impulso do destino também pode ter sua trajetória corrigida. Determinismo e liberdade, dessa maneira, contrabalançam-se, sendo o caminho dado pela resultante entre a inércia do passado e a constante ação corretiva do presente. É nesse íntimo equilíbrio de forças que reside o cálculo das responsabilidades. O presente pode, numa vida de redenção, corrigir o passado, somando-se a ele nas estradas do bem, mas também o pode agravar pelas vias do mal. Diante do determinismo da Lei, que impõe a cada causa seu efeito, está o livre-arbítrio, com seu poder de corrigir a trajetória dos efeitos através da introdução de novos

impulsos. *Destino não é fatalismo*, não é cega “Ánánke” (necessidade, determinismo, inevitabilidade), mas sim a base de contínuas criações e destruições. O que a cada momento está em ação no destino é a resultante de todas essas forças.

Assim a responsabilidade é progressiva, sendo função e progredindo na proporção do conhecimento e da liberdade, o que implica um complexo cálculo de forças. Trata-se de um progresso que é, ao mesmo tempo, *libertação do determinismo das causas* (destino) e *libertação do determinismo da matéria*. Eis a realidade mais profunda do fenômeno. Uma *ética racional, tornada ciência exata*, que não seja mera arma de defesa, deve levar em conta todos esses complexos fatores; deve saber medir a intensidade e calcular a resultante dessas forças; deve saber avaliar as reais motivações; deve saber reconstruir na personalidade seu passado biológico e orientar-se na vasta rede de causas e efeitos, de impulsos e contraimpulsos, que constituem o destino e permitem a sua correção. Para cada indivíduo, o ponto de partida é muito diferente, não havendo maior absurdo, num mundo de substanciais desigualdades, do que uma lei humana *a posteriori*, superficial, igual para todos. Tal sistema poderá satisfazer às funções sociais defensivas, mas não pode chamar-se justiça, que constitui a única base na qual pode, pelas sanções morais e penais, apoiar-se o *direito de punir*.

Este direito está estreitamente vinculado ao cálculo das responsabilidades, sem o qual não pode ser estabelecido. Tendo-se estabilizado por meio da força, como todos os direitos, que se originam por uma simples reação e necessidade de defesa, tal sistema vai-se transformando por evolução, progredindo da fase de *vingança pessoal* até à fase de *proteção coletiva*. A normalização jurídica da força – assim como no mais amplo processo da evolução da força para o direito, com a legalização da defesa – dirige-se à conservação de *um grupo sempre mais extenso*, à proporção que surgem unidades coletivas cada vez mais vastas, do indivíduo à família, à classe, à nação, à humanidade. Em sua evolução, o direito penal *circunscreve cada vez mais suas zonas indefesas, a fim de eliminá-las*, tornando mais difícil escapar à sua sanção (extradição), até cobrir todo o planeta; ao mesmo tempo, atinge e disciplina *cada vez mais numerosas formas de atividades humanas*. Paralelamente, quanto

mais o direito se estende, mais racional e inteligente ele se torna, diminuindo sua ferocidade; quanto mais constitui proteção da ordem pública, tanto menos atua pela reivindicação da ofensa sofrida pelo particular. Assim o direito *é sempre menos “força” e cada vez mais “justiça”*. À medida que o homem se afasta das necessidades da vida animal, manifesta-se uma contínua circunscrição do arbítrio na defesa, que se transforma cada vez mais em equilíbrio jurídico, tornando sempre menos incompleta a justiça. À proporção que evolui, o juiz *torna-se digno de conquistar o direito de julgar*.

Assim o fenômeno não apenas se projeta da fase individual à fase social, tendendo a estabelecer uma ordem mais profunda e tornando-se mais substancial, mas também *se desenvolve sempre mais, abrangendo o fator moral e harmonizando-se em sistema ético*. Os conceitos originários de prejuízo, ressarcimento e ofensa, elevam-se à reconstrução de equilíbrios mais elevados, enriquecidos dos novos valores que a evolução terá desenvolvido; a balança da justiça se fará muito mais precisa, tornando-se capaz de calcular as diferentíssimas e específicas responsabilidades individuais. A primitiva e grosseira *justiça do direito de defender-se*, evoluirá para a *justiça que dá o direito de julgar e de punir*. Cada vez mais, a balança do direito substituirá a espada da vingança, fazendo pesar sempre mais a responsabilidade moral do culpado e sempre menos a própria tutela egoística. Em sua evolução, o *jus* de punir penetrará sempre mais a substância das motivações. A ascensão moral e psíquica do legislador o autorizará a fazer uma *sindicância moral* sempre mais profunda, porque somente um juiz mais sensível e perfeito poderá ousar, sem tornar tirania de pensamento, *aproximar-se da justiça substancial, que vem da mão de Deus*. Esta é a meta das formas humanas. Quanto mais a evolução elevar o legislador, fazendo-o curvar-se em um ato de bondade e de compreensão para com o culpado, mais enriquecerá de ações preventivas e educativas a função social da defesa, porque o dever dos dirigentes é ajudar o homem involuído a subir.

Assim as duas ferocidades, culpa e castigo, abrandam-se; os dois extremos, se aproximam, harmonizando seu embate. Em vez de investir contra uma alma que, por ser involuída, somente sabe ser má, passa-se a ajudá-la a evoluir, demolindo-se os focos de infecções

morais onde nascem essas flores maléficas. É absurdo enfurecer-se contra os efeitos, se as causas forem deixadas intactas. Não se resolve o problema apenas com o egoísmo da autodefesa, buscando apenas a repressão, sem a prevenção. Muitas vezes, é considerado como justo apenas aquilo que serve para proteger a si mesmo, conceito que deve ampliar-se, até proteger a todos. Na balança social há um tributo anual de expulsos, segundo uma lei expressa pelas estatísticas. É preciso compreender essa lei e cortá-la pela raiz. Há deserdados cujo único crime é terem sido marcados no nascimento por uma tara hereditária. Outros são falidos na luta pela vida, mas possuem a mesma psicologia e valor moral dos vencedores. É indispensável saber ler e *trabalhar* na alma, saber fazer o cálculo das responsabilidades, ultrapassando a desastrosa psicologia materialista da antropologia criminal. Delinquência é fenômeno de involução. É necessário alimentar todos os fatores de evolução e demolir os seus opostos, se quiserdes que no decurso da doença haja melhora, para a sociedade poder alijar seu fardo. O trabalho deve ser no sentido de penetrar o espírito, educar, corrigir, ajudar e, sobretudo – caso se pretenda guiar e punir em nome de uma justiça divina – de recordar a máxima evangélica: “Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra”.

LXXVIII. OS CAMINHOS DA EVOLUÇÃO HUMANA

Os caminhos da evolução humana nos diversos planos podem ser considerados tanto de um ponto de vista individual como coletivo.

Se o princípio central da Lei é evolução – tanto que evoluir é sinônimo de ser, não havendo outra possibilidade de existir senão como movimento de progresso (superior a qualquer regresso) – *evolução deve ser o conceito basilar da tábua de valores éticos*. Os conceitos de *bem* e de *mal*, de *virtude* e de *vício*, de *dever* e de *culpa*, embora relativos e progressivos (aliás, justamente por isso) só podem ser concebidos *em função da evolução*. Vimos esse fenômeno funcionar e triunfar em todas as dimensões que conheceis. Se vossa fase atual é de construção e ascensão da consciência, de desmaterialização das formas, de superação biológica e de espiritualização da personalidade, então esses conceitos resumem, com base nas posições relativas de cada um, *o bem, a virtude, o dever*, enquanto os conceitos opostos significam posições também opostas, definindo *mal, vício, culpa*, que são involução e descida.

Nesse regime de equilíbrio que governa o universo, vigente também no campo das forças morais, realiza-se constantemente a soma dos impulsos e contraimpulsos, do dever e do haver. Por isso a dor existe como fato substancial e insuprimível na ordem universal, pois exerce uma função essencial, justamente como *estabilizadora de equilíbrios*, que são constantemente reconstituídos, tão logo sejam violados pela liberdade do ser. Daí o conceito de redenção por meio da dor. Eis a razão pela qual vos disse que ela é sempre um bem, porquanto *retifica a trajetória dos destinos*. Mal transitório, imprescindível em vista da necessidade da liberdade individual (base da responsabilidade e do merecimento). A dor sempre ameniza o débito e acumula o crédito, transformando-se num meio de bem. Trata-se de um conceito evidente, pois o princípio de equilíbrio é universal e abrange inevitavelmente também o campo ético.

Colocadas essas bases racionais, torna-se fácil a construção do *edifício ético*, sendo este coincidente com aquele posto em prática há milênios pelas religiões, filosofias e leis sociais, que foi ditado pelas revelações e sentido pela intuição, mas que carece desse fundamento

de racionalidade, elemento hoje essencial para a psicologia moderna aceitar qualquer orientação. Um cortejo de mártires e de escolhidos compreenderam e puseram tais princípios em prática de um lado a outro do mundo, com sistemas que, embora diferindo segundo a posição de cada um, eram sempre idênticos na constante aspiração para o alto. Os místicos, embora não se exprimissem de maneira científica, conheciam as leis que regem a evolução das dimensões na fase α e, num regime de constante educação, realizavam a transformação biológica do homem em super-homem, pregando o desapego à matéria e a sua desmaterialização progressiva, através da renúncia e da superação da animalidade. Trata-se de uma verdadeira técnica de construção do psiquismo, através da assimilação de novas qualidades por transmissão ao subconsciente, resultando na estabilização da virtude no estado definitivo de instinto e, portanto, de necessidade.

O demônio, eterno inimigo, personifica as forças negativas e involuídas da animalidade, que sobrevive e ressurge das mais baixas camadas da personalidade. Os instintos inferiores, as paixões tempestuosas, são o antagonista na grande luta interior. As grandes renúncias – pobreza, castidade, obediência – são os embates decisivos dos quais a animalidade sai desfalecida, mas é importante lembrar que elas só podem ter valor quando se sabe ao mesmo tempo *reconstruir* mais acima, compensando tais supressões através do desenvolvimento de qualidades mais elevadas, com amores, domínios e paixões mais espirituais, a fim de que o vazio de uma asfixia infrutífera não leve o ser a perder-se em desvios. Se impuserdes ao ser uma morte no nível animal, tendes de oferecer-lhe um renascimento *no nível espiritual*. As paixões são grandes forças, que não devem ser destruídas, mas sim utilizadas e elevadas, porquanto, na evolução, tudo caminha por continuidade. Não deveis impor a virtude ao próximo como meio de opressão, colocando-o num estado de renúncia, para obterdes com isso vosso domínio e vantagem na luta pela vida. Seja o esforço da virtude, sobretudo, daquele que a prega, para que dele seja também a vantagem resultante.

Minha concepção implica uma *ética progressiva* e, por isso, apresenta como modelo para vós tipos super-humanos cada vez mais

perfeitos. Concepção aristocrática e dinâmica, antípoda da vossa, que eleva a tipo ideal a mediocridade da maioria. A psicologia comum só pode dar *a codificação dos instintos atrasados da humanidade*. Elevar como modelo a mediocridade, apenas porque ela se impõe pela quantidade, e não pelo valor, *significa erguer um monumento à inferioridade*. Já o individualismo, emergindo do quadro de fundo difuso da maioria, é sagrado, desde que lute sempre para elevar-se, pois esta é a lei da vida. A ascensão coletiva somente pode resultar de todas as ascensões individuais, que emergem do mar da mediocridade para as vias do bem. Sejam as massas enquadradas, para que os poderes dirigentes possam impor melhor o trabalho da evolução, mas não sejam elas elevadas a modelo, fazendo o número suplantam o valor. Lá de cima, elevada e longínqua, está a luz dos espíritos gigantes, que superaram e submeteram ao espírito as forças biológicas. Deles estão cheios os séculos, onde cada um encontrará o tipo que representa o aperfeiçoamento das próprias qualidades. No poeta e no santo, o sensitivo encontrará o gênio da arte e da fé; no herói, no pensador e no cientista, o volitivo encontrará o gênio da racionalidade e da intuição. Cada tipo ergue bem alto a chama da vontade, da mente ou do coração, mostrando em elevado grau de aperfeiçoamento uma qualidade da natureza humana. Cada tipo é um pioneiro que vos indica o caminho da evolução.

O *tipo humano comum* move-se em outros níveis. O mais baixo vive e somente concebe viver no nível vegetativo, movendo-se num campo todo físico, no qual a ideiação é concreta, quase muscular. O mundo sensorio é toda a sua realidade, onde qualquer abstração ou conceito sintético são inconcebíveis. Sua satisfação é dominada pelos instintos primordiais (fome e amor), que são para ele a única necessidade, alegria e aspiração. Seu psiquismo é rudimentar, exercitando-se somente no campo passional das atrações e repulsões violentas e primitivas. Qualquer superação permanece no inconcebível para ele, que tem quase toda sua consciência dominada pelas trevas. É o tipo selvagem, que, nos países civilizados, constitui o homem das classes inferiores, onde ele renasce por seu peso específico.

No entanto a civilização criou *um tipo mais elevado*, dotado de um psiquismo mais desperto, que chega até à racionalidade. Nele, a

explosão das paixões é controlada, pelo menos nas aparências. Os instintos primordiais, ainda que sendo os mesmos, complicam-se e, revestindo-se de um trabalho reflexivo controlado, sutilizam-se, tornando-se mais nervosos e psíquicos. A riqueza é adorada e até cultuada; a ambição impera e incita a luta, que se torna cada vez mais nervosa e astuta, ultrapassando os limites do indispensável. Embora ainda sensória, a realidade se enriquece. A zona do concebível dilata-se um pouco, mas permanece sempre na exterioridade dos fenômenos, sendo impotente diante de uma síntese substancial. Os princípios gerais são repetidos, mas não sentidos; há uma incapacidade de consciência para tudo que ultrapassa o interesse do “eu”, a suprema exigência. O altruísmo não se expande além do círculo familiar. Trata-se do moderno homem civilizado, educado com o verniz das informações culturais, volitivo, dinâmico, sem escrúpulos, egoísta, habituado a mentir, destituído de qualquer convicção ou aspiração substancial. Sua impotência intuitiva e sintética é denominada razão e objetividade da ciência, que fica reduzida apenas a meio utilitário.

Existe *um tipo ainda mais elevado* de homem, dificilmente reconhecível exteriormente por quem ainda não tenha chegado a esse nível. Muitas vezes é um solitário, um mártir, cuja grandeza não é reconhecida senão depois da morte. Isso é natural. Só o medíocre pode ser logo compreendido e aclamado pela maioria dos seus iguais. Glória fácil e rápida significa pouco valor. Naquele tipo avançado, o concebível dilatou-se até à síntese máxima, tendo sua consciência atingido a dimensão superior da intuição. Encontrando-se muito distante da média, porque viu e compreendeu as elevadas metas da vida, ele somente pode passar pela Terra em missão, amando e fazendo o bem. Com frequência, é uma figura apagada e desprezada no mundo, mas seu gesto abraça toda a criação. Ele já superou os instintos da animalidade ou então luta para superá-los. Não tem inimigos na Terra, a não ser as leis biológicas inferiores, as quais procura esmagar. Aceita a dor e considera sua a dor do mundo. Sabe e sente tudo o que, para seus semelhantes, perde-se no inconcebível. Seus triunfos são amplos e distantes demais para serem vistos, porque, no pensamento e na ação, ele se move aderente à substância das coisas, em harmonia com o infinito. Este é o tipo que formará a

super-humanidade do futuro, na qual a animalidade egoísta e feroz estará vencida e o espírito triunfará.

Essas posições não são absolutas, nem como nível, nem como tipo, havendo gradações entre elas. Mas a evolução é universal e constante, sempre fazendo um tipo ascender para outro. Na ascensão do selvagem para a civilização, assim como das classes inferiores para o bem-estar da burguesia, repete-se sempre a velha história das mais baixas ascensões humanas, que constitui o impulso determinante das revoluções sociais. Hoje, porém, a persistência e a extensão da civilização amadureceram e difundiram o segundo tipo humano, cuja revolução – quando ele for maioria, por ter elevado e tornado semelhante a si o tipo inferior – somente poderá, visto ser inevitável evoluir, dirigir-se para o terceiro tipo: o super-homem. Enquanto, embaixo, agitam-se desordenadamente as aspirações das classes sociais inferiores, dispostas – tão logo a classe superior seja incapaz de defender sua função dirigente – a impor o egoísmo de raça, para fazer valer o próprio interesse, o segundo tipo tende, por idêntico impulso evolutivo, a elevar-se ao nível do super-homem, sendo esta verdadeiramente a grande e nova transformação biológica em massa dos séculos futuros.

Estas perspectivas futuras não são utopia, pois estão ligadas aos fatos e à evolução histórica normal. Tal fenômeno foi, no passado, um produto esporádico e isolado, mas se tornará, no futuro, um produto de classe. A santa obra de educação do povo o levará em massa ao nível médio. Assim, quando esta for a zona de maior extensão, nenhuma revolução poderá mais emergir de baixo. O progresso científico, apesar dos perigos que traz, prepara inevitavelmente um ambiente de menos áspera escravidão econômica e de mais intensa intelectualidade. A civilização estabilizará rapidamente o nível médio da vida no segundo grau da evolução humana, que desejará então subir para o terceiro. Isto poderá parecer distante hoje, quando ainda ressoa entre vós o eco das lutas nos mais baixos níveis, porém o tempo está maduro, devido à elaboração dos milênios, e este é o futuro do mundo. Não vos falo do presente, que conheceis, mas do futuro, que vos aguarda; não vos exponho apenas as dificuldades desta hora, mas também os problemas e as construções para as quais é necessário vos preparardes.

LXXIX. A LEI DO TRABALHO

Os caminhos da evolução ao nível humano *são ciência e trabalho*. A fim de preparar o reino do espírito, é indispensável, antes, transformar a Terra, para que, em continuidade, as construções superiores tenham suas bases. Antes de se pensar no progresso futuro, é necessário amadurecer o progresso presente. Vosso dinamismo trabalhador e criador é maravilhoso, todavia não deve ser tomado como meta absoluta, como tipo definitivo e completo de vida, mas sim como um meio para atingir um estado superior mais distante. Aprendeí a ver os pontos fracos desse vosso dinamismo e buscai superá-los, porque neles também estão as culpas, os males e as dores que vos afligem. Admirai e, acima de tudo, aperfeiçoai, mas não tomeis a sério demais vossa civilização mecânica, que vos prepara um amanhã bem triste, se não for “*completada*” pelos caminhos do espírito. Não é inútil, mesmo no aspecto prático, compreender o universo e suas leis; conhecer a linha do destino e as forças benéficas ou maléficas que nele agem, para corrigi-las; dominar a dor e as provas, para alcançar a própria felicidade numa vida sem limites. Aceitai o trabalho e a ciência, mas colocai-os em sua devida função, que é apenas preparar o campo no qual deverá florescer um jardim. Também o tipo médio deve dedicar-se à sua própria ascensão e preparar-se para as superconstruções sutis do espírito. Vosso dinamismo violento exprime vosso tipo dominante; vosso trabalho de criação nos níveis mais baixos da vida humana é apenas a base de um grande edifício cujo vértice se perde no céu.

Embora o trabalho, tal como o entendeis, transforme a Terra, ele não modifica o homem. O valor máximo, o centro dinâmico que sempre retorna, é o homem, constituindo ele, segundo a fase de consciência alcançada, a matriz de todas as construções futuras. Não basta criar o ambiente, é indispensável agir em sua íntima fonte, criando também o homem. Então vossa atividade humana se iluminará com luz interior, valorizando-se com um significado imensamente mais elevado. Vossa mentalidade utilitária fez do trabalho uma condenação; transformastes num tormento insaciável de posse este dom divino de plasmar o mundo à vossa imagem. A lei

“do ut des” (“dou para que tu dê”), imperante no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto. É uma dor que pesa sobre vós, mas isso é justo e adequado, porque exprime exatamente o que sois e o que mereceis. Todos os vossos males são devidos à vossa imperfeição social e à vossa impotência de saber fazer melhor.

Daí tantos males – como a guerra, por exemplo – que são ocasionados pelo vosso modo de ser e que, por isso, perdurarão inevitáveis, enquanto não vos transformardes. *O trabalho não é uma necessidade econômica, mas sim uma necessidade moral.* O conceito de trabalho econômico deve ser substituído pelo de *trabalho função-social*; direi mais: *função biológica construtora*, pois ele tem a função de criar novos órgãos exteriores (a máquina), que são expressões do psiquismo; de fixar, com a repetição constante, os automatismos (sempre escola construtora de aptidões); de coordenar o indivíduo no funcionamento orgânico da sociedade. Do limitadíssimo, egoísta e socialmente danoso conceito de *trabalho-lucro*, é necessário passar ao conceito de *trabalho-dever* e de *trabalho-missão*. Isto é um encaminhamento para o altruísmo, não um altruísmo sentimental e desordenado, mas sim prático e ponderado, cujas vantagens são calculadas. O altruísmo, dado o tipo humano dominante, só pode nascer como utilidade coletiva, condição esta que o coloca inexoravelmente, pela lei do menor esforço, na linha da evolução. Limitar o trabalho, ainda que material, à exclusiva finalidade egoísta do lucro é diminuir a si próprio, abdicando da consciência do próprio valor, do qual o trabalho constitui prova e confirmação; é automutilar-se, renunciando à função de célula social construtora, que, mesmo sendo mínima, tem seu lugar no funcionamento orgânico do universo.

Concebei o trabalho como instrumento de construção eterna, mas cujo fruto vos pertence em forma de capacidade conquistada para a eternidade, e não como lucro de vantagens imediatas e transitórias. A verdadeira recompensa está em vosso valor, que o trabalho cria e mantém e que não vos pode ser roubado. Amai o trabalho como disciplina do espírito, como escola de ascensões, como absoluta necessidade da vida, correspondente aos imperativos supremos da Lei, que impõe vosso progresso mediante vosso esforço. Ele dará um

sentido de seriedade, de dever e de responsabilidade perante a vida, fazendo dela um campo de exercícios, em vez de um carnaval de gozos; evitará o espetáculo de tantas leviandades que insultam o pobre; dará ao dinheiro o alto valor do esforço realizado, que é o único valor honesto.

Desse modo, o trabalho não é uma condenação social dos deserdados, mas sim um dever de todos, ao qual não é lícito fugir. Na minha ética, *é imoral quem se subtrai à própria função social de colaborar no organismo coletivo, onde cada um tem de estar em seu posto de combate. O ócio não é lícito*, mesmo se permitido pelas condições econômicas. Deveis ultrapassar esta moral mais baixa e selvagem, constituída pelo “do ut des”. Assim, não só por dever social mas também por obrigação consigo mesmo, a fim de não morrer, o espírito *deve* nutrir-se de atividades a cada dia e, a cada dia, reconstruir-se, realizando-se no mundo da ação. *Parar além do repouso indispensável é culpa de lesa-evolução. Quem vadia rouba à sociedade e a si mesmo. O novo mandamento é: trabalhar.*

Estas são as bases do futuro mundo econômico, no qual é urgente, portanto, introduzir os *conceitos morais* de função e de coordenação de atividades. Numa sociedade consciente e orgânica, decidida a progredir, não se pode, em nenhum campo, ser agnóstico, amoral, espiritualmente ausente. Somente assim se eliminará tanto atrito inútil de classes, tantos antagonismos de indivíduos e de povos. *É necessário formar esta nova consciência de trabalho*, porque só então ele se elevará a uma função social, como coordenação solidária (colaboracionismo) de forças sociais. Os conceitos do velho mundo econômico são absolutamente insuficientes. Temos *de purificar a propriedade*, tornando-a filha do trabalho. Ao invés de demolir essa instituição, é necessário consolidá-la, reforçando-a nas bases, no momento da sua formação, que deve corresponder de modo absoluto a um princípio de equidade.

Em minha ética, *rouba* aquele que, por vias transversas, pouco importa se legais, acumula rapidamente, enriquecendo de repente; *rouba* quem vive de bens hereditários, no ócio; *rouba* quem não dá à sociedade todo o rendimento de sua capacidade. Para evitar esses males, temos de cortar o mal pela raiz, que está na alma humana. O primeiro passo a ser dado hoje, no campo das ascensões humanas, é

construir um homem que saiba quem ele é, qual é o seu dever, qual é a sua meta na Terra e na eternidade; um homem que se mova não no restrito círculo de um separatismo egoísta, mas sim num mundo de colaborações sociais e universais; um homem mais evoluído, que saiba acrescentar às suas aspirações materiais outras mais poderosas, de caráter espiritual; que faça do trabalho não uma condenação, mas sim um ato de valor e de conquista. Se, por um lado, quanto mais retrocedemos no passado, tanto mais o trabalho representa a posição de vencido e de escravo, por outro lado, quanto mais progredirmos no futuro, tanto mais ele se tornará ato nobre de domínio e de elevação.

Eis o que vos aguarda no futuro. O progresso científico e mecânico iniciou um novo ciclo de civilização. As forças naturais serão dominadas e submetidas, condição na qual o homem, tornando-se verdadeiramente rei do planeta, assumirá a direção das forças da matéria e da vida na Terra. As civilizações futuras vos imporão um regime de coordenação e de consciência no qual se valorizará grandemente o tão depreciado valor moral e psíquico, fator fundamental para um ser que, em plena responsabilidade e conhecimento das consequências, terá de assumir a função de central psíquica, em torno da qual circularão todas as forças do planeta, não mais no presente estado de luta e de anarquia, mas em perfeito funcionamento orgânico.

A luta presente é viva, pois o esforço que tende à construção das novas harmonias está em plena atividade. A ciência se espiritualizará e, após ter exaurido sua função utilitária, ultrapassará este seu caráter, adquirindo valor moral e metas espirituais. A utilização dos meios de pesquisa vos levará, inevitavelmente, ao contato com essa mais profunda realidade do imponderável. A ética será um fato demonstrável e, portanto, obrigatória para qualquer ser racional. Não mais será lícita a inconsciência do egoísmo e do vício, mal que tantas dores semeia em vossa vida. A evolução vos aperta e vos constrange fatalmente, de todos os lados; vosso irrequieto dinamismo já trabalha vivamente para isso. A beleza do futuro estará, sobretudo, no funcionamento harmônico de vosso mundo; vosso progresso será uma conquista de ordem, que vos harmonizará com a ordem reinante no universo. Tal como a matéria, ao completar seu ciclo de vida,

atingiu o estado de ordem no universo astronômico, também o espírito – hoje, para vós, ainda no período das primeiras formações caóticas – quanto mais avançar no ciclo da vida, tanto mais realizará a fase de ordem.

Assim uma ascensão e dilatação do concebível vos esperam no futuro, que trará transformações de consciência para dimensões superiores, abrindo-vos contatos com os mais inexplorados ângulos do universo e campos do conhecimento. Deus se aproximará de vós, em vossa concepção, e o sentireis cada vez mais presente, cósmico e surpreendente. Então vós, fundidos em Sua ordem, sereis muito mais felizes que hoje. Esse será o prêmio de vosso esforço.

LXXX. O PROBLEMA DA RENÚNCIA

Prossigamos nos caminhos da evolução, que agora atingirá problemas mais substanciais, penetrando as camadas mais profundas da personalidade. Enfrentemos as mais altas fases da ascensão, mostrando o trabalho adequado para os tipos humanos mais elevados. Nossas construções são todas realizadas na consciência, pois somente ela pode armazenar os valores indestrutíveis. É em função dessas construções que concebo qualquer forma de atividade humana. Não vos abandoneis à inconsciência do *carpe diem* (aproveite o dia). É indispensável preparar-se para o futuro. Não se pode dizer: “gozemos, não há amanhã”, porque o amanhã chegará e vos encontrará despreparados. A inconsciência não evita as reações. É preciso enfrentar com seriedade e coragem muitos problemas individuais e sociais que vossos ancestrais talvez não tenham sentido coletivamente, mas que, sem dúvida, eles não resolveram. É necessário compreender e refazer tudo a partir dos alicerces, especialmente o homem, que é apenas uma criança. Tendes diante de vós um imenso trabalho, o qual apenas começastes. Deveis realizar, acima de tudo, uma maravilhosa construção moral, e foi com a finalidade de vos preparar para isso que executei tão longa viagem, desde os movimentos primordiais da matéria até ao espírito.

A lei futura está, não há dúvida, no Evangelho do Cristo e se realizará no esperado Reino de Deus. Mas esta lei vos aparece hoje como um caso limite, do qual só é possível avizinhar-se através de aproximações sucessivas, por meio do uso inteligente das forças biológicas. As verdadeiras soluções, que atingem a substância, partem do indivíduo e de seu coração, mudando primeiro a conformação da alma individual. Não se trata de experiências coletivas exteriores ou de reorganização de sistemas, mas sim de maturação biológica, que, por ser irresistível, não pode ser paralisada, devendo ser compreendida e secundada.

O problema pode ser considerado como religioso, político, econômico, jurídico, artístico, científico, atingindo o homem integralmente e, portanto, todas as suas manifestações. Não se trata de destruir, mas sim de sublimar os caracteres fundamentais da

personalidade, tornando a vontade cada vez mais viril, a inteligência mais aguda, o coração sempre mais sensível e aberto. *Do homem deve nascer o anjo*. É a redenção de Cristo. O Evangelho é o seu código, a virtude é a sua norma, a vida dos santos é a experiência. É a fé que anima todas as religiões, cada uma em seu nível. Corpo e espírito são posições vizinhas, duas fases, dois mundos, duas leis. A evolução tem de realizar a ascensão $\beta \rightarrow \alpha$. O corpo já está feito, mas a evolução continua e é necessário fazer evoluir o espírito, consolidando e elevando vossas tentativas de formações psíquicas (paixões, embriões de intelectualidade, esboços de alma coletiva). O homem conquistou o poder fora de si, dominando a Terra. Agora tem de conquistar o poder dentro de si, dominando o espírito.

Num mundo onde ninguém considera seu semelhante um irmão, como se a desventura do próximo pudesse ficar isolada, sem recair sobre todos; onde ninguém tem em si a medida da própria expansão, sendo esta limitada apenas pela reação dos outros, que desejariam igualmente expandir-se sozinhos sobre todos; em tal mundo, a aparente utopia evangélica é o único elemento capaz de coordenar as atividades e construir o organismo social. Todos aguardam um novo sistema exterior, contanto que este não os queira mudar. Nas mais diferentes experiências sociais, todos ficam sempre idênticos. Mas o progresso social só pode verificar-se através do conjunto dos progressos individuais, não sendo possível a melhoria do organismo senão através da melhoria de cada uma de suas células. Assim se realiza a grandiosa ascensão humana, que, partindo do inferno da animalidade (o mundo da fera), atravessa o purgatório da prova que ensina e da dor que redime (lei de equilíbrio), para chegar finalmente ao paraíso das realizações do divino (o mundo super-humano). Por isso as vias da evolução são também as vias que libertam das trevas, do mal, da dor.

É necessário *demolir e reconstruir*; sufocar a animalidade individual e social, suprimindo qualquer expressão dela, e substituí-la por manifestações de ordem superior. No processo de reedificação, é preciso também destruir, para, depois, substituir e reconstruir. Se a renúncia é necessária como demolição, *é indispensável substituir o velho conteúdo* por novas paixões, impulsos e criações, para que o ritmo da vida não pare e o espírito

não se torne árido. É necessário que o alegre esforço de renascer mais alto supere e absorva o tormento da morte mais embaixo. Evitai as loucuras da renúncia pela renúncia, pois isso provoca perigosas zonas de vazio, em que a alma se atrofia. Em vez disso, que vossa luta seja tempestuosa e heroica, como a dos conquistadores que avançam seguros; seja ímpeto de paixão, que sabe vencer tudo; seja, em cada átimo, repleta de alegria e renovada de juventude. Formar-se-á então uma rivalidade entre corpo e espírito, uma guerra que os místicos bem conheceram e descreveram.

Quando se sobe aos mais altos níveis, a velha forma biológica, que se atrofia, parece não poder mais suportar o psiquismo hipertrofiado. Surgem então desequilíbrios aparentes, que a ciência, não sabendo compreendê-los, define como patológicos, classificando-os como formas de neurose. A matéria é pertinaz, mas é filha do passado, que vai sendo superado; o espírito sofre, mas o futuro lhe pertence. Passado e futuro significam força e justiça, dor e alegria, escravidão e liberdade, mal e bem; extremos entre os quais oscila a alma humana, a fim de realizar sua ascensão.

Para os seres evoluídos, essas realidades do espírito – inconcebíveis para os tipos inferiores – podem ser irresistíveis. Então a luta assume proporções tremendas, entre um espírito que busca com toda a força sua afirmação, exigindo para si toda a vida, e uma natureza inferior que não quer morrer, negando-se a ceder o campo. O passado resiste sólido, por impulsos de milênios, cristalizados nas formas, e ao incêndio do espírito opõe a inércia das grandes massas, prendendo-se como contrapeso ao frêmito do anjo alado que anseia voar. O espírito, que vê, guia e apreende, é o centro dinâmico. A matéria, que fixou e conserva as conquistas feitas, é a massa estabilizada. O espírito está à testa e, expondo-se a perigos, arrisca novos equilíbrios, para destacar-se dos caminhos conhecidos, sendo o esforço todo seu. O organismo humano está construído para prover, com um mínimo de esforço psíquico, a vida vegetativa do corpo, atendendo ao seu metabolismo, e não para suportar as tempestades da alma. Mas, para tais seres, cada átimo de vida é um átimo de transformismo evolutivo; a grande caminhada não pode deter-se, e a vida desloca seu centro. Tudo se transforma no ser – paixões e aspirações – numa realização cada vez mais intensa do divino.

Drama laborioso e fecundo, que só os grandes souberam viver e que a grande arte do futuro saberá compreender e representar. Lutas e vitórias de titãs. Impô-las a quem não está maduro significa dar a morte sem restituir a vida.

A alegria da vida está na expansão; o sofrimento, na limitação. É inútil tentar ascensões altas demais e renúncias vazias, que nada trariam além de sofrimento. *Faz-se necessário introduzir, com tenacidade e sem mentira, o máximo de transformismo suportável na forma individual*, seguindo cada um sua própria linha típica de especialização. As grandes ascensões não são fáceis aventuras espirituais, mas sim verdadeiras transformações de consciência, transportada perigosamente, além da vida, para o supranormal. Não basta dizer: Senhor, Senhor! É indispensável a maceração do corpo e do espírito, em que vale, sobretudo, a tenacidade plasmadora das marteladas. Trata-se de um trabalho de purificação total, que vai da atitude do espírito e da escolha das obras à purificação celular, obtida por meio de um regime dietético que exclui a introdução de alimentos inadequados no circuito orgânico. É um trabalho de ponderação e resistência, envolvendo um cálculo complexo de forças, no qual é imprescindível ter em mente que *a evolução não se força nem se usurpa*, pois trata-se de um amadurecimento biológico, o que somente pode se obtido por meio de um longo e constante trabalho, mas cuja realização pode ser facilitada e acelerada, escolhendo-se o caminho, ao invés de lançar-se em tentativas, à mercê do acaso.

Estas palavras de equilíbrio, eu as digo ao tipo comum, inepto diante das grandes realizações do espírito, pois sua mediocridade é dominante. Tais realizações representam elevados ideais, que, como faróis, iluminam o mundo. Entretanto a maioria humana está apenas nas primeiras aproximações.

Falando ao tipo comum, devemos indicar a renúncia não em seu mais elevado grau, na forma completa de perfeição moral, mas na sua máxima aproximação suportável. Isso constitui sempre uma escola de disciplina moral, proporcionada às forças e à compreensão individual. Disciplina dos sentidos e controle das paixões, educação diária que não deixa escapar ocasiões para elevar os impulsos existentes. *Na porfia das ascensões, cada um se escalonará ao nível*

de sua capacidade e terá seu íntimo valor testemunhado pelo que souber conquistar.

Por isso, não direi ao homem moderno: destrói a riqueza, sê pobre. Mas lhe direi que se encaminhe gradativamente, porque só aos poucos poderá conquistar a perfeição. Comece a livrar-se da escravidão do supérfluo, do moderno frenesi da riqueza, que, frequentemente, conduz a complicações antivitais e que, quando não custa muito esforço, custa em desonestidade, jamais pagando o que exige. A riqueza é uma arma de dois gumes, pois, se facilita a vida, constitui também uma cadeia que a oprime. A sociedade moderna está esmagada pelo peso de hábitos custosos e supérfluos, havendo nela uma corrida à multiplicação artificial das necessidades, que – com a ilusão de uma alegria efêmera, constantemente desvalorizada pelo costume – constitui verdadeira escravidão.

Simplificai. Há uma pobreza econômica que pode ser amplamente compensada por uma grande riqueza moral, assim como existe uma miséria moral que nenhuma riqueza poderá jamais atenuar. Esse é o vosso tempo. O deus utilitário de vossa civilização moderna impõe um esforço cada dia maior do que aquele exigido pelo deus da renúncia. A matéria é negativa, inerte, pobre, insaciável, egoísta; somente absorve e acumula; é cega e muda, não podendo viver senão plasmada pela potência do espírito em seu amplexo vivificante. O espírito é positivo, ativo, rico, generoso; sua necessidade está no dar, no altruísmo, no sacrifício; não tem garras para segurar e entesourar, mas constitui um potencial inexaurível de criação. Ai de quem se fecha no circuito da matéria, pois obstrui para si os caminhos que, seguindo na direção das forças espirituais, alcançam as mais ativas fontes dinâmicas. Felizes os pobres de espírito. Se obtiverdes a riqueza, que vosso coração esteja desapegado dela. Muitos pobres são apenas ricos frustrados, *igualmente ávidos e culpados*. Eles ainda terão de sofrer e superar a prova da riqueza, para aprender a sublime lição do desapego. O pobre que inveja o rico tão somente para exceder-lhe naquilo que ele mesmo condena, obterá a riqueza como punição, para experimentar-lhe o enorme peso e o valor efêmero. Seja a riqueza um meio, e não um fim; seja ela dirigida para metas mais elevadas, as únicas que poderão, ao menos um pouco, justificar o triste ídolo, em cujo nome tanto mal foi cometido.

LXXXI. A FUNÇÃO DA DOR

Outra força que o homem moderno teria de compreender é a *dor*. A atitude de vossa mentalidade diante do fenômeno da dor é de defesa e rebelião. A ciência fez faiscar em vossas mentes a ilusão de uma possibilidade de paraíso imediato na Terra e desencadeou uma guerra contra a dor, mesmo à custa de qualquer prostituição moral, num paroxismo de terror que revela como, nas próprias dobras de sua audácia, esconde em si, numa zona cinzenta de fraqueza, uma alma cega diante dos objetivos supremos. Mas essa atitude de espírito não alcançou sua meta, pois jamais, mesmo no estrondo de tão grande progresso, a dor assanhou-se tão mais aguda e profunda, nunca se viu maior vazio no espírito, nunca faltou tanta coragem de lutar e saber sofrer. A ciência não compreendeu que a dor, pelo fato de ter *uma função fundamental de equilíbrio na economia da vida*, não pode ser eliminada. A dor exerce uma íntima função de ordem, sendo biologicamente construtiva, como excitadora de atividades conscientes. O tão criticado estado de alma de resignação paciente é uma virtude de adaptação, de resistência e de defesa, que os povos modernos estão perdendo. A ciência movimentou-se para eliminar as causas próximas da dor, esta, porém, corresponde a uma lei de ampla causalidade, cujos primeiros e distantes impulsos é necessário pesquisar. Tais causas estão na substância dos atos humanos, na natureza individual. Enquanto o homem for o que é e não souber realizar o esforço de superar-se a si mesmo, a dor será parte integrante de sua vida, com funções evolutivas fundamentais, permanecendo, portanto, como *substancial e irreduzível fator imposto pela evolução*. Sei muito bem como é o homem moderno e não lhe peço a perfeição imediata. Digo-lhe, no entanto, que, se não for capaz de modificar-se, tornando-se melhor, todas as dores que lhe sobrevierem serão justas e bem merecidas.

Pobre ciência, emudecida diante dos problemas substanciais! Pobres crianças que odiais a dor semeada e desejada por vós mesmos; que tendes a ilusão de vencê-la, calando-a e escondendo-a, ao invés de compreendê-la. Os problemas só podem ser resolvidos, quando são enfrentados com lealdade e coragem. No meio de tanto

progresso, cada um caminha mudo dentro de si mesmo, usando uma sorridente máscara de cortesia, com a qual esconde seu fardo de males secretos. A cada dia, novos excessos em todos os setores, excitando novas reações de sofrimentos futuros. Se o homem tem de ser livre, mas ignora as consequências de suas ações, então uma dor atroz que o flagele é, para seu bem, a reação necessária e proporcional à sua sensibilidade. Tal condição é inevitável, pois, quando a orientação da vida está toda errada, isso não modifica a lei das coisas, que reage a cada momento para se fazer compreendida. O homem, na sua ingenuidade, pretende violar e modificar a Lei, torcendo-a a seu favor; alimenta a ilusão de poder e saber tudo, fraudando a todos; ri-se das reações e considera o irmão caído como um falido, ao invés de estender-lhe a mão, a fim de que a encontre estendida para si, quando for sua vez de cair. Deveria, ao contrário, compreender que, num mundo onde nada se cria e nada se destrói, mesmo no campo das sutis qualidades morais, um efeito somente pode ser neutralizado, se for reconduzido de modo invertido à sua causa, a fim de encontrar assim sua compensação. Uma quantidade de caráter consciente e moral não pode ser anulada, enquanto não for absorvida pela vida. A míope mentalidade moderna limita-se ao jogo da defesa imediata contra uma força sempre recorrente e emprega nisso um constante esforço, não só ao procurar expulsá-la, em vez de absorver-lhe a potência e exauri-la, mas também ao atordoar-se nos prazeres, para não vê-la, aumentando-a com novos erros, que voltam sempre em forma de novas dores. Assim homens, classes sociais e nações transferem uns aos outros essa massa saturada de débitos, que, passando de geração em geração, circula por todos e permanece sempre a mesma, porque ninguém a absorve. Cristo, que morreu na cruz, redimindo a humanidade com sua paixão, é o grandioso símbolo que resume e convalida esses conceitos.

Que diremos ao homem comum que, embora ignorante, também sofre? É bem triste, por vezes, o quadro das reações naturais a que denominais castigo divino. É inútil negá-lo: todos sofrem, mais ou menos; todos se debatem entre as garras do monstro. Pobre ser, o homem! Permaneceu não somente pagão, mas também bestial na substância, rebaixando tudo ao seu nível: religião, estado, sociedade, ética. Para adaptá-los à sua condição, realiza uma contínua redução

de todos os valores morais. Preso ainda aos instintos primordiais do furto e da guerra, precisa atravessar dores ingentes, porque só elas poderão fazer-se entendidas, abalando sua inconsciência. A alma humana, que hoje amontoou sobre si um emaranhado fardo de inútil cerebralismo, não vê esses equilíbrios espontâneos e simples. Mergulhada no paroxismo de um dinamismo frenético, é alma fraca e primitiva. Que outra coisa poderia fazê-la soerguer-se, sem restringir-lhe a liberdade, senão a imensurável massa de dores? O homem está equilibrado em seu nível, sendo oprimido por uma áspera luta e por uma realidade de dores. Iludido, insensível e inconsciente, resiste a qualquer melhoria substancial; corre atrás dos sentidos e ambiciona a ascensão exterior, econômica; imerso no egoísmo do momento, ignorante do amanhã e fechado em seu horizonte, está sempre ávido para abusar de tudo. Se o gênio não se abaixar até ao homem, este certamente nada saberá fazer para alçar-se até ao gênio. As verdades são ditas, mas a exploração dos ideais é tão velha quanto a humanidade, razão pela qual a sociedade habituou-se a considerá-los mentira. Por um instinto nascido de experiências seculares, cada um sabe que, por trás de tantas ostentações de coisas elevadas, existe a mesma miséria moral e material, sabe que aquelas são retórica, mas que esta é a realidade, e acredita somente nas verdades em que todos creem: a festa do próprio ventre e a vitória por qualquer meio. A última palavra cabe à dor, única e eterna formadora de destinos e forjadora de almas. Ela permanecerá enxertada no esforço da vida, com seu gotejar cotidiano e suas grandes lufadas coletiva periódicas, para atingir as almas e deixar nelas suas marcas.

Para chegar à solução do problema, é indispensável o aperfeiçoamento moral; é necessário o amadurecimento biológico do super-homem; é preciso subir com Cristo à cruz, para refazer a vida individual e coletiva nas bases do amor; é necessário saber reencontrar na dor uma força amiga, da qual se compreendem as causas e a função, utilizando-a para a própria ascensão. A dor contém o germe de uma felicidade cada vez mais elevada, que o homem “deve” conquistar; constitui o esforço necessário da evolução, que é a essência e a razão da existência. Trata-se de equilíbrios insuprimíveis, indispensáveis à respiração do universo.

Se a dor faz a evolução, a evolução anula progressivamente a dor. Assim, ao reabsorver a reação e eliminar o débito, operando a gradativa harmonização da atuação da Lei no eu, a dor elimina a si mesma, enquanto faz progredir o ser. Isso demonstra a justiça e a bondade da Lei, que não é lei de mal e de dor, mas sim lei de bem e de felicidade. Por isso é necessário seguir um caminho de redenção gradual, por etapas: primeiro, reabsorver as reações livremente excitadas no passado, sofrendo pacientemente as consequências das próprias culpas; depois, uma vez reconstituído o equilíbrio, manter-se em estado de harmonia com a Lei, evitando qualquer nova violação e reação. *É indispensável conceber o universo não como um meio para a realização do próprio eu e centrado neste, mas sim como um organismo regulado por uma lei suprema, dentro do qual a realização do próprio eu só é possível em harmonia com tudo o que existe.* É necessário conceber a dor não como um mal devido ao acaso, mas como uma forma de justiça, como uma função de equilíbrio, que, mesmo respeitando a liberdade do homem, ensina a ele os verdadeiros caminhos da vida, “constrangendo-o”, após tentativas e erros, a tomar o único caminho possível: o do próprio progresso. A dor não pode desaparecer, enquanto o débito não for pago à lei de justiça, que, seja no campo moral, social, histórico, econômico, físico ou químico, é sempre a mesma lei, a mesma vontade, o mesmo Deus. Não se frauda nem se escapa no tempo à ação da Lei. Rebelar-se contra a sua vontade excita um maior choque de reações, que a sua elasticidade (divina misericórdia), mesmo contendo em sua grandeza todo o livre-arbítrio humano, terminará sempre devolvendo a vós, como fato inexorável.

A anulação da dor é feita corajosamente *através da dor*, que pode, por isso, ser colocada no caminho das ascensões humanas. Abandonai a utopia que o materialismo pôs em vossa mente e percebei esta solene verdade da vida. Em meio ao ímpeto frenético de vossos tempos na busca de todas as felicidades e à lastimável série de todas as experiências humanas, diante da desilusão que apaga nas pupilas o sonho vão da felicidade não atingida, tenha o homem a coragem de olhar esta realidade mais profunda e abraça fraternalmente sua dor. Que ele aprenda e progrida com a arte de saber sofrer. Talvez julgueis este tom prevalentemente negativo, mas

ele o é apenas sob o vosso ponto de vista humano, mas não em relação às reconstruções super-humanas, onde se fundamenta minha afirmação maior. Na tábua relativa de vossos valores éticos, estais sempre embaixo, porém vossas virtudes violentas e guerreiras, necessárias ao vosso estado atual, não mais serão virtudes amanhã e estarão superadas. Tudo é proporcional ao próprio nível e o exprime. Há muitas formas de dor, que são tanto mais graves, quanto mais baixo estiver o ser. A intensidade do contragolpe doloroso que recai sobre quem movimentou a causa – obtida pelo cálculo de responsabilidade, como já vimos – modifica-se com o grau de evolução, cujo progresso sutilha a férrea cadeia das reações.

Observai como o castigo quase se volatiliza no processo de espiritualização progressiva. No *mundo subumano*, a dor é derrotada sem compaixão; o ser sofre nas trevas, cheio apenas de ira, num estado de miséria absoluta, sem luzes espirituais compensadoras. É a dor do condenado, cego, sem esperança. E o homem tem liberdade de retroceder para esse inferno, se não quiser aceitar o esforço de sua libertação. No *mundo humano*, a consciência desperta, pesa e reflete; o espírito tem o pressentimento de uma justiça, de uma compensação, de uma libertação, e espera. É a dor tranquila de quem sabe e resgata; é o purgatório confortado por uma fé. O castigo se detém nas portas da alma, que tem seu refúgio na paz. Analisando a dor, para descobrir-lhe as causas e a lei, a mente aceita-a livremente, como ato de justiça que trará alegria, fazendo de um tormento um trabalho fecundo, um instrumento de redenção. Quanto de sua virulência já perdeu a dor! Muito diferente é o sofrer esperando e bendizendo, pois o golpe contra a alma assim encouraçada é menos amargo e, no espírito defendido por essa profunda consciência, tem menor força de penetração. A visão substancial das coisas dá a cada caso a sensação da justiça, uma grande fé e um absoluto otimismo; entre as dissonâncias do ambiente forma-se na alma um oásis de harmonia. Chega-se assim, gradativamente, ao *mundo super-humano*, no qual a dor perde seu caráter negativo e maléfico, transformando-se numa afirmação criadora, num poder de regeneração, numa corrida para a vida. Ergue-se então o hino da redenção: felizes os que choram.

A dor, obrigando o espírito a dobrar-se sobre si mesmo, prepara o

caminho para as profundas introspecções e penetrações; desperta e desenvolve suas qualidades até então latentes; multiplica-lhe todas as potencialidades. Sobretudo para as grandes almas, a dor é uma força de valorização e criação. A expansão da vida, constrangida para o interior, atinge realidades mais profundas, seguindo assim os caminhos da libertação, obrigada pelo choque da dor. A cada golpe que parece trazer ruína, algo se agita e nasce do âmago do eu, revelando um novo mundo; a cada investida da dor, que parece mutilar a vida, algo é reconquistado, fazendo a vida crescer e elevar-se. A dor destaca e liberta de um invólucro denso de desejos e de sensações a alma, que, a cada pedaço de animalidade arrancado, dilata-se num mais amplo poder de percepção, numa forma mais intensa de vida, numa realidade mais profunda. Imaginai a mais titânica das lutas, o mais tremendo dos esforços, a mais formidável das tempestades e vislumbraeis o silencioso combate que é travado no âmago das leis biológicas, numa disputa palmo a palmo pelo campo da vida; um encarniçamento de retornos atávicos para baixo e uma atração irresistível para o alto. Espírito e animalidade lutam, vinculados e inimigos, assim como a luz e as trevas lutam na hora da alvorada, para que surja o dia. Na fase super-humana, a dor não é mais apenas expiação, que se conforta com a esperança, mas sim o ímpeto frenético das grandes criações espirituais. Em meio à luta pela libertação, a sensação dominante é de juventude e, na expansão das energias, é de ressurreição; enfraquecidas as paixões e dominadas as prepotências da natureza inferior, a sensação do espírito vitorioso é o doce repouso de quem aporta num oásis de paz. Então, olhando com mais calma dentro de si, com seu ouvido sutilizado pela dor e pela luta, o espírito pode ouvir. Nesse ponto irrompe o canto do infinito. Assim, lentamente, do âmago da alma, ecoa a grande sinfonia do universo. As notas que aí cantam são as estrelas e os mundos, as flores e as almas, as harmonias da Lei e o pensamento de Deus.

Levanta-te ó alma, tua dor está vencida! Morta, entre as coisas mortas, está tua dor, qual instrumento inútil jogado fora, lá embaixo, na margem deserta de um caminho triste. No infinito, o universo canta! Levanta-te, a tua dor está vencida. Todas as coisas se transformaram diante da visão de Deus; o canto tem tal profundidade

de doçura, que a alma se desorienta. Para alegria da mente, caem os véus do mistério; para alegria do coração, caem as barreiras do amor. Abre-se o universo. Uma vibração onipresente de amor transporta o espírito para fora de si, de visão em visão, de felicidade em felicidade. Ele não luta mais, abandonando-se e esquecendo-se em Deus. As forças da vida o sustentam e o arrastam, lançando-o para o alto, onde está o novo equilíbrio. Rompidas as correntes, ele está verdadeiramente livre e pode subir. Mas o passado persegue, sendo necessário percorrer até ao cume os caminhos do bem, assim como, para os maus, é necessário submergir até ao fundo nos caminhos do mal. Então o ser, não mais pertencendo à terra de dor, emerge cada vez mais na luz do Cristo e aí se aniquila num incêndio de amor.

Estas são rarefações utópicas do respiro da vida, mas apenas enquanto não haja sido deslocado o centro da personalidade para o mundo super-humano. Assim o conceito de *dor-prejuízo* e de *dor-mal* evolui, por gradações, para o de *dor-redenção*, *dor-trabalho*, *dor-utilidade*, *dor-alegria*, *dor-bem*, *dor-paixão*, *dor-amor*. Há quase uma transumanização da dor na lei santa do sacrifício. Nesse paraíso, o milagre da superação da dor através da dor está realizado. O mal é transitório; o choque violento entre a livre ação e a Lei esgota sua função, silenciando o estridor das violações; a dor existe para engolir-se a si mesma; o desacordo finda à proporção que se alcança a harmonia. Por meio desse sábio mecanismo, pelo qual a liberdade é obrigada a canalizar-se para o progresso, chega-se à unificação do eu com a Lei. Nesse ponto, desaparece qualquer possibilidade de violação e de reação, e a dor se anula em sua causa. Então, a alma brada: “Senhor, agradeço-Te por esta maravilha suprema da vida: a minha dor, que é Tua bênção!”.

Mesmo por outros caminhos, inferiores e coletivos, a dor tende a se anular. Ela é o último elo da cadeia: involução, ignorância, egoísmo, força, luta, seleção. Mas o ímpeto evolutivo transforma a fase da força em justiça, o mal em bem. Demolindo as mais baixas condições de vida, a evolução opera a transformação da dor. Assim como a força, coletivamente – por um jogo de reações de conjunto e através de uma progressiva aproximação, segundo a lei do mínimo esforço – tende com o uso à autoeliminação, reabsorvendo-se em si mesma para ressurgir em forma de justiça, também a dor,

coletivamente, tende a anular-se como fator transitório inerente às mais baixas fases de evolução. Seria absurdo haver um mal e uma dor incondicionais e definitivos. O maior ímpeto da vida – a evolução – leva necessariamente o mal ao bem, a dor à felicidade.

Mostro-vos todas as gradações da verdade, para que cada um escolha a mais elevada em seu concebível. Dizei-me como sabeis sofrer e vos direi quem sois. Cada um sofre diferentemente, de acordo com seu nível: uns amaldiçoando, outros resgatando, outros abençoando e criando! Das três cruzeiras iguais sobre o Gólgota partiram três gritos diferentes. Só justiça e amor é a reação dos grandes. Cabe a vós saberdes extrair do esforço da vida a maior ascensão do espírito, utilizando a dor em vez de combatê-la, transportando cada vez mais para o alto o centro de vossa vida.

Certamente que, nestes níveis, não estamos na ordem comum das coisas humanas atuais, podendo tudo isso parecer fuga e demolição de virtudes positivas; mas já vos disse que é fuga para uma afirmação mais elevada. Isso pode parecer mutilação de aspirações e de vontades, supressão de energias sadias e produtivas, mas essas aspirações jamais vos farão sair dos níveis inferiores do ciclo da vida, nos quais cada vitória tem de contrabalançar-se com uma derrota, cada juventude com uma velhice. Aí, cada grandeza precipita-se sempre em sua destruição. O que vos indico, porém, é a sublimação da vida para uma forma de ação mais elevada, dirigida às únicas conquistas eternas; ação mais enérgica e civilizada, que exclui o desperdício inútil da comum agressão desorganizadora; ação mais produtiva, porque consciente das forças naturais, em meio às quais se realiza.

Não vos indico como supremo ideal humano a figura primitiva do herói da força, que violenta e vence, mas – ainda que as massas não o entendam – mostro-vos o super-homem, no qual se fundem a vontade do dominador, a inteligência do gênio, a hipersensibilidade do artista e a bondade do santo; o lutador sobre-humano, que perdoa e ajuda seu semelhante, atacando somente as forças biológicas, para submetê-las; o ser de uma nova raça, que luta pela justiça e é senhor de si mesmo, para o bem coletivo.

A santidade não morreu nem foi superada, apenas começou. Uma nova santidade deve subsistir no mundo moderno: culta, consciente e

científica, que, saindo das velhas formas, ressurja no coração de vossa vida turbilhonante; que volte a lutar pelo bem e, com vossa psicologia objetiva, enfrente heroicamente o choque de vossa rebelde alma nova. Se hoje o lema é a força, seja ela a superior força do espírito; seja ela a beleza espiritual que ouse mostrar-se viva no mundo, como um desafio, para que este, se não compreender, dilacere-a e, dilacerando-a, aprenda. O santo, nesse amplíssimo sentido, passa em missão e somente é grande porque se inclina para educar e erguer a multidão na direção dessas superações da dor.

Muito lento é o caminho das massas inconscientes embaixo. Elas esperam a fecundação por parte desse ser, ponto culminante – produto da transformação biológica completa – para o qual converge todo o transformismo fenomênico, sustentado e objetivado por todas as forças da evolução. No último produto do grande esforço da vida, a criação dobra-se sobre si mesma, para retomar no movimento evolutivo as camadas mais baixas. Estendendo a mão ao homem que caminha sob o peso de sua ascensão e carrega sobre si a dor do mundo, o impulso torna a descer, para elevar o ser e aliviar sua dor. Esta retomada ascensional, que já estudamos como característica fundamental no desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos, é inerente ao impulso da evolução e significa também uma tendência à eliminação da dor.

LXXXII. A EVOLUÇÃO DO AMOR

Amor, impulso fundamental da vida, força de coesão que rege o universo, divina potência de eterna reconstrução! Encontrá-lo-emos sempre indestrutível, sob infinitas formas, em todos os níveis do ser. Sublimando-se, o amor subirá, junto com o ser, até ao paraíso dos santos. Assim como a dor, o amor também tem uma função fundamental de conservação, coesão e renovação, fazendo parte integrante do funcionamento orgânico do universo; seu impulso não pode ser destruído, mas deve ser secundado e elevado; seu desejo não pode ser eliminado, mas deve ser guiado para uma contínua ascensão. Evolução dos instintos e das paixões, aperfeiçoamento constante da personalidade (teoria evolutiva do psiquismo).

Também aqui observaremos o amor nos diferentes níveis e em sua ascensão. Assim, traçaremos um novo aspecto das vias da evolução. O amor, que no mundo animal é função prevalentemente orgânica, adquire no homem funções de ordem nervosa e psíquica; torna-se complexo, dilata seu campo de ação, sutaliza-se e sensibiliza-se (se souber evitar o perigo de uma degradação neurótica) em direção a um superamor espiritual. Se não é possível destruir as paixões, mas apenas fazê-las evoluir, justamente por isso é indispensável dominá-las e guiá-las, orientando-as para a fase espiritual. Tudo que acentua o elemento nervoso e sutil – fascínio, simpatia de alma, graça, arte, música, vibrações, psiquismo – tudo que constitui perfume e poesia do amor, tudo enfim que desmaterializa e espiritualiza é evolução, pela qual sois guiados para a superação das formas do amor humano. Estais às portas de um novo reino: o amor místico e divino. Êxtase supremo experimentado pelos santos, que não é digressão prazerosa de sentimentalismo romântico, mas sim a mais tempestuosa das conquistas, o máximo grau de tensão no domínio sobre as forças biológicas, constituindo uma luta viril contra a animalidade, onde se empenham todas as forças da vida. Falo de um misticismo ativo, que renuncia para criar, e não daquele vão misticismo moderno, neurótico e sensual, enervante e doentio, que, permeado de sutis e artificiais complicações, só existe no espírito ocioso e desolado.

No alto, como ponto limite da evolução humana, está o amor

divino. Ao homem mediano só podemos pedir a maior *aproximação* admissível para suas capacidades de concepção e suportável pelas suas forças. Nas gradações infinitas das aproximações da perfeição, cada um, em seu nível, procurará embelezar e elevar ao máximo seus instintos e paixões. Seja vossa meta aquele superamor alcançado pelos grandes; eleve-se o humano para o divino por destilações sucessivas, que, derrubando embaixo, reconstroem cada vez mais alto. *Ascensão das paixões*, que faz parte da elevação de toda a personalidade, de uma transfiguração do eu. Por isso o vínculo substancial de qualquer união de amor deve ser o próprio amor, sem o qual tudo é nulo, reduzindo-se a uma forma de prostituição, ainda que ratificada por todas as sanções religiosas e civis. As aparências não podem criar a substância, da qual dependem a felicidade dos filhos e o futuro da raça.

As formas de amor se elevam gradualmente. Cada ser – do animal ao selvagem, ao homem inculto, ao intelectual, ao gênio, ao santo – ama diferentemente, de acordo com as qualidades e o grau de perfeição que tenha atingido. Com a ascensão do tipo transforma-se a expressão do amor, que é a maior força do universo. Sempre presente em qualquer nível, suas funções – desde a mais simples nos seres inferiores, para multiplicar a espécie – tornam-se cada vez mais ricas e complexas com o acréscimo de novas tarefas, desenvolvendo-se na amplitude de ações. *A fêmea transforma-se em mulher; o macho, em homem*. A atração sexual se engrandece no amor materno, diferencia-se e enriquece-se nas formas de amor paterno, filial, familiar, nacional, humanitário, até ao altruísmo, à abnegação, ao martírio. *A mulher transforma-se em anjo; o homem, em santo*.

Nesta ascensão do amor há uma contínua reabsorção dos impulsos do *egoísmo*, socialmente desagregantes, que são substituídos pela constante emanção das forças do *altruísmo*, socialmente construtivas. A função do amor é criar, conservar, proteger. Seu desenvolvimento exterioriza e intensifica todas as defesas de uma vida cada vez mais complexa. Tais ascensões não são sonho estéril, pois contêm a gênese das forças de coesão do organismo unitário da futura sociedade humana. O altruísmo é imprescindível num mundo mais evoluído, ainda que hoje possa parecer utopia, quando, por vezes, sua simples extensão apenas ao restrito círculo familiar já

constitui um esforço. Trata-se da reabsorção do egoísmo pelo amor, de uma inversão de impulsos, que é somente um momento do processo de inversão das forças do mal em bem, da dor em felicidade. O egoísmo é restrito, sendo isolado pelo próprio separatismo, que limita o seu gozo. Ascendendo, o amor se transforma, por expansão contínua, numa sempre maior capacidade alegria. Há nos gozos ligados ao denso meio da matéria alguma coisa que, pelos atritos, cansa e desgasta mais rapidamente do que nas livres alegrias espirituais. O espírito escancara os braços ao infinito e tudo possui sem nada pedir.

Quão imensa amplitude darão à vida as mais altas paixões! Quanta sutileza e profundidade de gozos possuirá o homem futuro, que, sem dúvida, olhará com náusea as brutais festas dos sentidos como as concebeis hoje! Que música será então a vida, fundida na harmonia do universo! A paixão se desmaterializará até ao superamor do santo, fenômeno este que, levando a gozo real e elevadíssimo, não é assexual, mas sim supersexual, dirigindo-se para seu termo complementar, situado além da vida, no seio das forças cósmicas. Na solidão dos silêncios imensos, o santo ama, com a alma hipersensível estendida e aberta a todas as vibrações do infinito, num impulso impetuoso e frenético para a vida de todas as criaturas irmãs. Ainda que vos pareça sozinho, ele está com o Invisível, ao qual estende os braços no êxtase de um supremo e amplíssimo amplexo. Alguma coisa lhe responde do imponderável, inflamando-o e saciando-o. Num incêndio que reduziria a cinzas qualquer ser comum, arde o amor que abraça o universo. Num mistério de sobre-humana paixão, Cristo abre dolorosamente os braços na cruz e São Francisco, no Verna, abre os braços a Cristo.

LXXXIII. O SUPER-HOMEM

Acompanhamos o homem nas suas ascensões pelos caminhos do trabalho, da renúncia, da dor e do amor, todos eles convergentes para sua maturação biológica e sua transformação em super-homem. No ápice da evolução, que estamos seguindo desde os mais baixos estados da matéria, este é o novo ser que será gerado pelo amanhã. Sua criação é hoje a mais alta tensão da vida, constituindo vossa fase α . Finalmente chegamos ao ápice de vosso concebível. Quem é o super-homem? Suas sensações e seus instintos apresentam, já no estado de aquisição concluída, as qualidades que no homem ainda estão no estado de formação. Nele, as virtudes e os superconceitos indicados pelos ideais, para cuja conquista, no campo moral e intelectual, a normalidade trabalha com esforço, estão definitivamente assimilados, tendo alcançado a zona de estabilização no instinto. O super-homem – seja ele poeta, artista, músico, filósofo, cientista, herói, chefe ou santo, mas principalmente o intelectual que desenvolve as forças do pensamento, dinâmico da vontade e da ação, bem como o místico que, no ímpeto de sua fecundidade, cria no campo do sentimento e do amor – é sempre um tipo dotado de superconsciência e, na sublimação de sua personalidade, um gênio. Ele é o *supertipo do futuro*, uma antecipação das metas humanas. Sua zona de vida, onde reside seu trabalho de construção, está situada no inconcebível. Os normais podem passar a vida sem jamais mencionar o espírito, que é, para o gênio, a mais intensa realidade da vida. Resultado de um imenso trabalho no tempo, ele sintetiza os mais altos produtos da evolução e da raça, mas está sozinho e sabe disso. Move-se numa dimensão conceptual que apenas seus iguais compreendem. Descido dos céus, é um exilado na Terra, em resgate ou em missão, e sonha com sua pátria distante. Ele não anda pelas trilhas já batidas, pois sabe estabelecer entre fatos e ideias relações que os outros não veem; é um supersensitivo que percebe as verdades de imediato, por intuição; nada tem a aprender, apenas recorda e revela. Muitas vezes, essa emersão da consciência normal numa atmosfera rarefeita, verdadeira antecipação da evolução, somente é compreendida tardiamente.

Em vosso mundo impera a mediocridade, que, distanciadíssima dos cumes, é a medida das coisas, estabelecendo sua própria ética e tábua de valores. Somente uma verdade medíocre, próxima da natureza animal, pode ter aí um rápido sucesso, pelo fato de ser acessível. Em vosso mundo, onde o triunfo é condicionado pelo número dos que são capazes de compreender, cada êxito, para ser rápido, tem de conter afirmações medíocres: *o aplauso das multidões tem intensidade e presteza na razão inversa do valor afirmado*. Por isso, é da Lei que o caminho do gênio seja de solidão e de martírio e que não haja compensação humana alguma para quem realiza os maiores trabalhos da vida. O cérebro da mediocridade tem suas medidas e as impõe a todos, nivelando tudo; rejeita o que não cabe nele, condenando tudo que represente um deslocamento evolutivo para o qual não esteja preparado; nega todo deslocamento de equilíbrios que ele não possa estabilizar. Se uma verdade nova não aparece enxertada no passado, dando-lhe continuidade, se não tem sua base no conhecido e no aceito, se não mantém seu percentual de novidade dentro dos limites suportáveis, então até o gênio é repellido. Isto porque a ascensão caminha por continuidade. Mas, no equilíbrio universal, a evolução lenta das massas é sempre fecundada por essa centelha superior, que, no momento preciso, inflama-se na Terra e abala a inércia, abaixando-se para erguer o ser. Existe nas coisas um equilíbrio que, cedo ou tarde, impõe as compensações. Seria inútil vos revelar verdades demasiadamente elevadas, muito distantes de vós, porque elas se perderiam em vosso inconcebível. *A compreensão não é obra de cultura ou de raciocínio, mas sim um amadurecimento que se alcança por evolução.*

Nesta sua função fecundadora, o gênio é um fenômeno de importância coletiva. Seu aparecimento e manifestação correspondem aos íntimos equilíbrios que dirigem o progresso humano. Existe um processo normal de assimilação das grandes verdades por parte das massas humanas. Uma concepção superior em qualquer campo, seja arte, ciência, ética ou política, se for verdadeiramente grande, permanece sempre solitária no início, situada no incompreensível. No entanto ela desponta da mediocridade, que, por um instinto secreto e um vago pressentimento, percebendo ser esta a forma de vida no futuro, olha e

é atraída, apura o ouvido e escuta, lançando então seus ataques demolidores. Estas investidas têm duas finalidades: por um lado, experimentar a resistência das novas verdades, pois somente o que tem valor resiste e se torna ainda mais belo na luta, livrando-se do supérfluo e condensando-se no substancial; por outro lado, preparar a alma coletiva, que, nessa luta, toma contato e assimila a novidade, para acompanhar os passos do gênio e compreender suas intuições.

O gênio está sozinho em seus amplíssimos horizontes. Suas relações sociais não são de compreensão, mas sim de fadiga e, muitas vezes, de perseguição. Interiormente, ele já alcançou seu propósito e sabe disso. Seu olhar penetra a íntima causalidade fenomênica, ultrapassando o fracionamento da realidade entre as barreiras de espaço e de tempo, na estase suprema do espírito, que repousa na visão global do todo. Seu arrebatamento é sublime, encontrando-se onde não chega o tormentoso turbilhão das ilusões humanas; onde o repouso é absoluto e o poder, imenso; onde a sensibilidade, que se multiplica com a nova percepção anímica, corre engrandecida ao encontro do infinito; onde é total a alegria da sua alma, que aceita o beijo do divino, estendida para ele num lampejo de amor. O centro de sua vida se desloca. Sua consciência tem a visão da Lei e a sensação do seu funcionamento; mergulha na sua corrente, respira a música que emana das harmonias da criação e dessa respiração se nutre. No gênio, vemos o psiquismo atingir o vértice de suas manifestações. *A conquista da verdade está concluída*; a consciência move-se em plena luz. Não mais pequenas verdades, relativas e fracionadas, incompletas e em luta entre si, mas uma verdade universal, que, superando-as, admite e compreende os pontos de vista de todos os indivíduos, povos e tempos. A consciência nada mais nega, porque conhece tudo. Não há mais, dentro ou fora de si, aquelas zonas de ângulos obscuros e inexplorados, onde o mistério se esconde. A Lei está toda evidente, e a luz chega até às últimas causas.

Paralelamente, o gênio possui uma *sensibilidade* mais profunda. Quando sua alma se abre diante do infinito, ele quer ficar sozinho, pois tem seus amores e pudores. Sua visão é sagrada e se esconde do olhar de estranhos, como diante de uma profanação. Algo de sagrado verdadeiramente existe nessa comunhão da alma com o divino.

Somente ao pulsar de um grande amor abre-se e revela-se o mistério, que apenas responde a quem sabe bater à sua porta. Muitas vezes é necessária uma coragem louca, uma vontade desesperada, um ímpeto frenético gerado por imensa dor, um impulso de fé que não mede as profundidades do abismo. Só então caem as barreiras e, subitamente, dilatam-se as fronteiras do concebível. Uma sensibilidade apurada protege especialmente esses fenômenos de comunhão profunda, que se detêm diante da violência do ignaro, ao qual as forças protetoras do mistério permitem apenas a destruição das coisas exteriores, que ele pode perceber, e nada além disso. Riqueza de alma que não se furta nem se usurpa, a genialidade é conquista individual, merecida com esforço, e somente quem a alcançou pode gozá-la, porque é sua. Um feixe de sentidos novos, fundidos na síntese de uma percepção anímica, permite-lhe o gozo de belezas sutis, hoje supersensórias para vós; uma *estética mais profunda* nasce, não das formas criadas pelo homem ou pela natureza, mas da arte divina do bem, que realiza a íntima e mais elevada beleza do espírito. Mais do que contemplação, é a realização em si de uma perfeição superior e de uma harmonia universal, é a conquista de valores imperecíveis, é a criação de um organismo espiritual de eterna beleza.

Esta nova capacidade de *penetração psíquica* revela, sem sombras, o mistério da alma. O organismo espiritual de qualquer ser transparece desnudado, tornando impossível a mentira. Ao lado de uma diferente concepção da vida, há um novo estado de alma diante das coisas, uma *harmonização completa, uma união com Deus*. O espírito repousa em grande calma interior, na paz de quem conhece a meta. O super-homem é consciente de toda a sua personalidade e da gênese de qualquer de seus instintos, que descobre no seu eterno passado; conhece sua história, uma longa história tecida de férrea logicidade, em que nada morre e nenhum valor se perde jamais, com base na qual antecipa seu futuro, prepara-o e deseja-o. Daí o domínio de todas as forças do próprio eu; daí a sabedoria de conduzir-se com pleno controle em meio aos impulsos da vida. Remontando ao mal em que está a fonte da dor, ele a compreende e não se debate mais no tormento da rebelião, da ira e da inveja. Uma única reação é a sua: a reconstrução silenciosa e consciente, assumindo sozinho, sem passar para outros, todo o trabalho do próprio dever. Ele sabe que a dor

conquista, sendo seu esforço na vida fecundo de conquistas espirituais.

Então o espírito, vivendo em relação com os mais distantes momentos do grande esquema do próprio progresso, supera o tempo e a dor; sua vida se desenrola como um cântico de gratidão na mais profunda música da alma. Sua grande festa é a *harmonia* interior, sua alegria é sentir-se sempre em relação e de acordo com o funcionamento orgânico do universo, sua exultação é ser não somente eterno neste organismo, mas também, embora mínima, uma parte integrante e atuante nele. A consciência de se encontrar na posição que a Lei lhe determinou para seu próprio bem e de se mover sempre no seio da divina justiça; o cântico em seu coração da voz grata da consciência, que conforta e aprova; a satisfação de viver nesta visão da logicidade e bondade do todo, nesta luz de espírito, como numa atmosfera própria e vivificante; toda essa saciedade de alma e de equilíbrio moral é a mais intensa felicidade do super-homem.

Este é o paraíso *no ápice das ascensões humanas*; esta é a máxima perfeição e felicidade que vosso concebível pode hoje conter. *Com isso, completa-se o caminho da evolução individual na Terra*, para continuar mais tarde, emigrando para novas dimensões. É bom mostrar e estimular essas ascensões em todos os campos. Nossa viagem não foi realizada inutilmente, pois constituirá um impulso que fará alguns refletirem e apressarem o passo. Retomaremos mais adiante o estudo do fenômeno *sob um ponto de vista social*, a fim de que nossas conclusões atinjam e resolvam, numa concepção mais ampla, também os problemas da coletividade.

LXXXIV. GÊNIO E NEUROSE

Para concluirmos a exposição da teoria do super-homem, observaremos como ele se manifesta na revolução biológica, em forma de gênio, procurando não somente compreender as afinidades que, por conclusões erradas, foram ressaltadas entre seu tipo e a degradação neurótica, mas também definir o fenômeno da degradação biológica no processo genético do psiquismo.

Enquanto a mediocridade, com sua inércia, permanece estacionária na sua própria fase, em perfeito equilíbrio, todos os assaltos das forças biológicas levantam-se contra quem tenta novos caminhos. A vida põe asperamente à prova as antecipações e as criações, usando o misoneísmo como impulso de nivelamento, para garantia de estabilidade. Quando o gênio passa pela Terra como um turbilhão, a massa se agarra a ele, para mantê-lo embaixo. No tipo comum, os instintos são proporcionais às condições do ambiente, havendo uma correspondência, já estabelecida antes do nascimento, entre o indivíduo e a coletividade, que o espera com as condições prontas para ele realizar seu trabalho e satisfazer-se. A compreensão, nesse caso, é automática e perfeita. O gênio, porém, em sua monstruosa hipertrofia de psiquismo, está situado numa posição biológica supernormal, encontrando-se defasado em tudo e por tudo, razão pela qual é impossível estabelecer uma correspondência entre seu instinto, que normaliza o supernormal, e o ambiente, que exprime outra fase e oferece outros choques. Tal diferença de nível produz uma imensa desproporção, não permitindo nem ao menos esboçar-se uma compreensão; o desequilíbrio entre sua alma e o mundo é insanável, tornando impossível a conciliação entre sua natureza e a vida.

Assim passa o gênio, solitário e dolorido, mas cômico do próprio destino. Incompreendido e gigantesco, nauseado com os ídolos da multidão, aturdido pelo estrépito da vida, é desatento e inepto, porque sua alma está completamente embevecida por um canto sem fim que, saindo de seu íntimo, voa ao encontro do infinito. Estranho sonhador, preso ao sagrado tormento de criar, absorvido nos ócios fecundos em que amadurece o invisível trabalho interior, ele sofre

com uma paixão correspondida não pelo homem, mas pelo universo. A imensidão do infinito está próxima e não lhe permite ver a Terra, que atrai todos os olhares e todas as paixões. Vivendo de lutas titânicas, ele pede à vida a realização do ideal, sem nenhuma possibilidade de concessão à mediocridade, aspirado como por um turbilhão pela ânsia da evolução. Conhece o temor de quem se debruça sobre o abismo dos grandes mistérios, a vertigem das grandes altitudes, a amargura da solidão da alma diante da inconsciência humana; conhece a luta atroz contra a animalidade, que persiste em ressurgir; conhece os imensos esforços e perigos que aguardam quem está determinado a alçar voo. Os cegos dizem: é louco! Porém ele, embora sinta-se esmagado pelo inútil peso do número, compreende a baixeza de quem não o compreende. Até mesmo a ciência – filha da mentalidade utilitária da mediocridade incompetente, mas ávida por julgar – sentencia: neurose!

Porém o gênio não pode descer; sente seu eu gritar e não pode calar. Ele não é, como os outros, apenas um corpo; é, acima de tudo, uma alma. O espírito, que dormita em tantos e ainda deve nascer, aparece nele evidente, trovejando e se impondo como um gigante. Quem poderá compreender suas lutas titânicas? A humanidade caminha lentamente, debaixo do esforço da própria evolução, enquanto ele, por estar à frente, carrega toda a responsabilidade, arrastando o peso de todos.

A massa exclama: anormal; a ciência declara: neurose. Mas conhecerá a ciência as relações entre dor e ascensão espiritual, entre doença e gênio? Conhecerá ela os profundos equilíbrios em que se esconde a função biológica do patológico? Conhecerá por quais leis de compensação física e moral funcionam as íntimas harmonias da vida? Mas, se ela ignora todos os fenômenos sutis da alma, chegando mesmo a negá-la totalmente, que pode uma ciência assim fragmentária, incapaz de sínteses, entender sobre a complexidade de leis superiores, de cuja existência ela sequer suspeita? Como se pode confinar o supranormal, que é antecipação biológica, aos limites do tipo médio? Por que deve o tipo representante do valor mais medíocre ser escolhido como modelo humano? Qual o significado desse nivelamento, dessa redução de nível para categorias preconcebidas, desse apriorismo que emborca a visão do fenômeno,

exaltando no gênio apenas o lado pseudopatológico da neurose? Nada há de patológico no cansaço proveniente de um enorme trabalho, no desequilíbrio inevitável provocado pelas antecipações evolutivas, no tormento e no esforço das mais elevadas maturações, na inconciliabilidade inevitável entre o superpsiquismo conquistado e o organismo animal.

Esses caminhos de aperfeiçoamento moral prosseguem numa exata continuação da evolução orgânica darwiniana, razão pela qual a ciência, que compreendeu uma, deveria, por coerência, compreender também a outra. É lei de equilíbrio natural que qualquer hipertrofia, bem como qualquer atrofia, seja compensada. Assim como, no campo orgânico, cada indivíduo tem normalmente um ponto de menor resistência e maior vulnerabilidade, que é compensado por um reforço proporcional em outros pontos estratégicos, também no campo psíquico verifica-se um desenvolvimento de qualidades que a média sequer suspeita. Não se pode julgar um tipo psíquico de exceção com os critérios e unidades de medidas comuns, para relegá-lo sumariamente ao anormal e patológico. Insisto nisto porque, de outra forma, *inverte-se* a apreciação desse novo tipo de homem, que os tempos modernos têm justamente a função de criar.

Querer levar para a anormalidade tudo o que exorbita da maioria medíocre, fazendo do tipo humano mais comum, de valor duvidoso, o tipo ideal, é sufocar a evolução. Querer esmagar embaixo o que não se compreende, nivelando, confundindo e colocando igualmente fora da lei o subnormal e o supernormal, fenômenos que estão simplesmente nos antípodas um do outro, constitui um verdadeiro crime.

Sem mencionar as injustiças históricas, delineia-se ainda hoje, por vezes, o tipo humano que tende ao supernormal, sendo ele, como já vimos, o terceiro tipo de homem. Trata-se do tipo cuja personalidade, por maturidade de instintos, refinamento moral e intelectualidade superior, apresenta a assimilação definitiva dos mais elevados valores espirituais, que constituem o edifício das virtudes mais úteis à convivência social, representando tal indivíduo a realização completa do tipo para o qual tende a humanidade em seu desenvolvimento. Dotado de inteligência e dinamismo, com sensibilidade e percepção

excepcionais para o belo e o bem, traz fixados em sua retidão os mais elevados ideais de honestidade e altruísmo, que são índice do seu grau de evolução, possuindo uma suprema aptidão para cimentar o conjunto social e funcionar no organismo coletivo. Estas características são, todas elas, sinais de nobreza de raça, de aristocracia de espírito.

Ao mesmo tempo, porém, há nele uma sensibilização dolorosa, na qual se revelam o esforço para novas adaptações, o tormento de um ser que geme sob o peso de violentos deslocamentos biológicos, a rebelião de um funcionamento orgânico não habituado a submeter-se às exigências que um psiquismo preponderante impõe na improvisada dilatação de suas potencialidades. Embora hoje apareça como fraco, tal ser acumula em si qualidades e poderes espirituais que, um dia, irão admiti-lo entre os futuros dominadores do mundo, enquanto aos normais, aqueles equilibrados no ciclo das funções animais, restará, por seleção natural, a função de servos. Se o gênio apresenta uma tendência à neurose, é porque seu temperamento de vanguarda, que assume o risco de preparar as verdades futuras, executa uma grande função no equilíbrio da vida. Se na sua emotividade e afetividade extremamente intensas, na sua inteligência e sensibilidade excepcionalmente aprimoradas e na sua moral elevadíssima existe algo de ultrarrefinado – lembrando requintes de uma raça aristocrática que, por estar madura demais, agoniza e morre – ele é, no entanto, um fermento socialmente precioso de sensibilidade e atividade, uma centelha de vida em meio à massa de medíocres, onde a inércia predomina e a vida não sabe senão manter-se e reproduzir-se, fechada no ciclo de suas funções animais.

Estes seres delicados foram e são estrangidos a viver num mundo de todos. Que terrível choque para eles pode reservar a brutal luta conduzida pelo tipo comum, vazio de escrúpulos e de sensibilidade! Sendo generosos e honestos, não sabem prostituir a alma todos os dias, para obter vantagem imediata, e, vivendo daquilo que o mundo verá somente daqui a milênios, pagam caro sua superioridade. A dor, caminho das grandes ascensões, é a sua mais íntima companhia. Neles, a natureza humana, que morre para dar vida ao psiquismo super-humano, sofre o tormento da agonia e, com uma afetuosidade intensa, incompreensível aos normais, implora

desesperadamente ajuda para não morrer. O mundo ri, mas já foi selado pela palavra do Grande entre os grandes: “Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem”. Eis o homem julgado inconsciente! Triste herança a normalidade! Quanto maior é o espírito, tanto mais fortemente ele é premido pela dor, para realizar sua ascensão. É lei da natureza que as grandes criações sejam filhas das grandes dores; que o processo das criações biológicas mais fecundas seja mais trabalhoso, mais cheio de esforços. Existirá algum esforço maior do que o penoso trabalho de vencer a inércia biológica e superar o impulso de forças milenares, condensadas no atavismo?

É bem grave, para quem vive neste mundo e realiza tais labores, ter de acrescentar à luta exterior de todos a tensão dessas grandes batalhas interiores e conter, no centro de si mesmo, um cérebro que, em vez de aliado e amigo para ajudar na conquista material, tem objetivos diferentes, pois não acompanha a vida, mas sim a agride, transformando-lhe o trabalho, complicando-lhe os obstáculos, aumentando o sofrimento e acrescentando às dificuldades do mundo exterior o enorme peso do drama interior, o qual, por si só, já seria suficiente para esmagar o homem. Que tremendo problema se tornará uma vida assim traçada, suspensa entre a luta exterior e a interior, ambas sem tréguas? O deslocamento das aspirações humanas e o emborcamento dos valores comuns isolam e vergastam; a realidade sensória insulta o sacrifício; o presente não quer morrer pelo amanhã, nem o corpo pelo espírito, nem o tangível pelo imponderável. A construção de uma alma nova exige um grande esforço no deslocamento do eixo da vida e na revalorização de si mesmo em um nível mais alto.

A este ser a ciência chama psicopata. Sem dúvida, existe uma neurose patológica de síndrome clínica mais ou menos evidente, na qual se encontra, de fato, exaltado o tom da dor e da sensibilidade. Mas, com muita frequência, a ciência quis enquadrar nisto uma grande quantidade de fenômenos que pertencem ao supernormal, incluindo também algumas maravilhosas compensações da natureza, que sublimam o espírito e dão origem a um crescimento gigantesco de manifestações intelectuais no coração de uma psique tormentosa. Com essa incompreensão, desvalorizando um tipo humano cuja função poderia ter grande valor na economia da vida social, a ciência

inverteu sua tarefa, que é valorizar as forças da vida. Para quem fala com autoridade de cátedra, constitui uma grande responsabilidade não saber ver na evolução biológica (tão corajosamente defendida) estas suas mais altas fases, vislumbrando naquele fragmento da verdade apenas um meio para rebaixar o espírito ao nível do corpo, e não para elevar o homem à dignidade espiritual.

Está na hora desse organismo de intelectuais e de conhecimento denominado ciência – se quiser de fato ser ciência – assumir a direção consciente do grande fenômeno da evolução, direcionando a seleção humana, ao invés de perder-se em estéreis rivalidades de domínio; educando o homem para uma consciência eugenética, a fim de criar a qualidade antes da quantidade; elevando-se para dirigir inteligentemente as forças naturais, onde reside a premissa da felicidade do indivíduo e da raça.

Apreendi a compreender a vida como uma imigração espiritual que vem do além. Se o ambiente espiritual da Terra for purgado, ela se tornará automaticamente inabitável para os seres involuídos, fazendo os destinos mais atrozes permanecerem espontaneamente nos mundos inferiores. É indispensável uma profilaxia moral contra tudo o que é coletivamente antivital. Somente uma consciência das distantes vantagens para a raça poderá, através de um altruísmo ponderado e consciente, atenuar progressivamente a patogênese, que nenhuma terapêutica *a posteriori* será capaz de corrigir. Se a dor pode ser redenção, nem por isso se devem semear suas causas.

Que a ciência conquiste o *conceito científico de virtude*, embelezando-se com ele e, ao mesmo tempo, traçando dele uma figura racional. Que ela assim, quando o supertipo biológico aparecer esporadicamente, não o considere elemento antivital, mas lhe ajude o transformismo, estendendo a mão benévola aos seres que sofrem e lutam sozinhos para a criação de uma raça nova, a fim de valorizar esses recursos, que podem ser da maior importância para a progressiva domesticação da besta humana, quando não mais bastarem as religiões e as leis para arrancar-lhe a ferocidade. A classe daqueles que pensam, em todos os campos, tem o *dever de guiar o mundo, o dever de executar a sua função* de central psíquica do organismo coletivo, o dever de tornar-se intérprete da Lei e de indicar o caminho, para que a sociedade e seus dirigentes também o

conheçam e o sigam. Se não secundardes a explosão das paixões que trazem o bem, a fé e a coragem; se não compreenderdes os elementos que guiam o homem no áspero caminho de suas ascensões; se não aceitardes tudo o que cimenta a convivência social, que mais podereis fazer, em nome da civilização e do progresso, para não deixardes os ideais permanecerem meros sonhos?

LXXXV. PSIQUISMO E DEGRADAÇÃO BIOLÓGICA

A figura do super-homem representa o ponto de chegada da evolução do universo trifásico compreendido pelo vosso concebível. Neste vértice, a vida completou seu produto mais elevado, a potência que sintetiza todo o passado. Mas a própria ciência, em suas associações entre gênio e neurose, já tinha o pressentimento de uma lei profunda, que ressurgue neste limite extremo, manifestando-se como um cansaço da vida, uma tendência ao decaimento após a exaustão de sua função criadora. Observemos o fenômeno. Falamos de renúncia e de superação da animalidade, que condicionam a afirmação do psiquismo; de uma espécie de complementaridade entre o impulso destruidor da natureza humana inferior e o impulso construtor dos instintos espirituais do super-homem; de uma espécie de inversão na passagem do primeiro ao segundo momento de evolução, da fase animal à fase psíquica. Expliquemos cientificamente esses fenômenos de caráter místico.

Assim como na *desintegração atômica*, no ápice da fase γ , existe uma dissolução da matéria e na *degradação dinâmica*, no ápice da fase β , existe uma dissolução da energia, também existe, na evolução da vida, uma paralela *degradação biológica*, pela qual a vida, como tal, dissolve-se, operando a gênese de seu produto: α . Atingida essa criação de consciência, a evolução assoma às portas de novas dimensões, no limiar de novo universo trifásico¹⁵, hoje inconcebíveis pela normalidade.

Trata-se de um fenômeno comum e de contínua verificação este da degradação biológica, dado por uma *progressiva fadiga no desenvolvimento da vida*, no qual ocorre o esgotamento profundo do ciclo de cada unidade, como podeis ver no envelhecimento dos indivíduos, das raças e das civilizações. Cada um tem sua jornada, aurora e crepúsculo; cada ser vive apenas à custa de um constante envelhecimento. *A vida só pode existir à custa de uma degradação dinâmica contínua*. Nas espécies, quanto mais o indivíduo é simples, mais rápido é o ritmo de sua reprodução, assim como no indivíduo, quanto mais jovem é a vida, mais ativo é o seu metabolismo orgânico. Em poucas horas, os bacilos produzem centenas e centenas

de gerações de indivíduos. Quanto mais próxima a vida está do nível das estruturas primordiais de suas origens, tanto mais frágil são suas construções e tanto mais veloz é o seu ciclo vida e morte. Mas essa fragilidade de construções não constitui incapacidade nem fraqueza, pelo contrário, é uma agilidade toda juvenil, uma flexibilidade e um poder de adaptação, um frescor de forças que defendem e garantem a sobrevivência. Com a evolução biológica, porém, tornam-se mais complexas a estrutura orgânica e as exigências da vida, ficando mais difícil a sua defesa, fato que diminuiria as possibilidades de sobrevivência individual, se, paralelamente ao progresso vital, não se desenvolvesse uma sabedoria protetora, com um psiquismo cada vez mais dominante, capaz de alcançar objetivos sempre mais complexos. A evolução não poderia alcançar uma forma de estrutura orgânica mais complexa, se não realizasse antes – e somente enquanto o realizasse – um psiquismo mais profundo, capaz de reger essa estrutura.

Há uma espécie de *libertação progressiva do ser desta rapidez e transitoriedade do ritmo entre vida e morte*, através da formação de equilíbrios cada vez mais complexos e, ao mesmo tempo, mais estáveis. A vicissitude da alternância entre nascimento e morte retarda seu ritmo, alargando o passo da onda da vida entre as amplitudes máxima e mínima. Há uma progressiva tendência à extinção da oscilação, exatamente como vimos a onda extinguir-se em β , pela progressiva extensão do comprimento e diminuição da frequência vibratória. Também na vida, *a onda tende a extinguir-se*, indicando uma degradação universal, inerente ao processo evolutivo, que vos pode dar a razão íntima de muitos fenômenos. Assim como a energia envelhece para tipos de vibração mais lenta e comprimento de onda mais longo, o mesmo processo de degradação, no fenômeno biológico, leva a um *amortecimento da potência vital*. São retornos paralelos no vértice de cada fase; momentos de degradação inerentes ao desenvolvimento do fenômeno evolutivo.

Idêntico processo de amortecimento da onda vital ocorre no indivíduo. Tudo é exuberância de forças vitais em sua juventude, quando são maiores a capacidade de reconstituição do metabolismo e a maleabilidade para se adaptar ao ambiente, sendo ativíssimo todo o dinamismo orgânico, que se revela num desencadeamento

indisciplinado e violento de forças primordiais. Depois, tudo vai-se esgotando pelo choque das provas, extinguindo-se como dinamismo vital para ressurgir como um dinamismo mais sutil, de caráter psíquico. Dessa explosão sobrevive uma consciência, uma potência diferente de julgamento, que não existia antes e que só os maduros possuem.

Então nada se destrói na substância, nem para o indivíduo nem para a raça, mas tudo se transforma e ressurge numa roupagem diferente. Assim como, na desintegração atômica, a matéria não morre, mas renasce como energia, e, na degradação dinâmica, a energia não morre, mas prepara a gênese da vida, também a vida, na degradação biológica, não morre como vida, *porque seu desgaste condiciona a gênese do psiquismo*. Em qualquer lugar e sempre, a substância renasce de forma diferente. Trata-se sempre do mesmo fenômeno, que, se parece destruição e desaparecimento da forma aos vossos sentidos e meios de pesquisa, na realidade não desaparece nem acaba, mas apenas muda de forma, anulando-se, como sempre, apenas no relativo. Portanto o fenômeno da degradação biológica *não é extinção. Nada envelhece substancialmente, jamais*, seja na senilidade do homem, da raça ou da civilização. Simplesmente, a substância transforma-se na fase α , o espírito, e realiza sua mais alta criação em vosso universo. A morte de uma forma, como sempre, condiciona, também aqui, o nascimento de outra mais elevada. *Degradação biológica, portanto, não é demolição, mas sim ascensão.*

Aí está o significado daquela necessidade de demolição da natureza animal inferior, que é condição para a ascensão espiritual. Somente nesse enquadramento universal de conceitos pode-se definir o *significado científico da virtude*, como norma evolutiva, como caminho das ascensões biológicas para o vértice do psiquismo; pode-se falar de uma *ética racional*, que esteja em relação com toda a fenomenologia universal. Nesta ética, quem vive a virtude é bom e louvável, porque segue a direção do transformismo evolutivo, que constitui a essência do universo. Como já dissemos, bem=evolução (direção positiva, ascensional) e mal=involução (inversão do movimento e dos valores).

Nada se destrói. O que se perde em quantidade de energia, ganha-

se em qualidade; perdem-se as características da vida, mas apenas para adquirir as do psiquismo. O ambiente impõe ao princípio dinâmico da vida uma constante dispersão de forças, mas, com isso, *elabora esse princípio*, que absorve do ambiente e torna suas todas as experiências. Se a vida, por força de progressivos aumentos no deslocamento do equilíbrio do metabolismo, acaba sendo vencida, há neste processo, contudo, uma paralela e contínua *reconstrução mais no alto*. Esse renascimento é progressivo e proporcional à sutilização (renúncia, virtude, superação dos instintos animais) da vida orgânica, que o prepara e o condiciona, ambos funcionando como dois fenômenos inversos e complementares. A degradação da vida, portanto, não é uma doença senil individual ou da espécie, mas sim um processo evolutivo normal, que possui uma verdadeira função biológica criativa. Embora fruto senil, o psiquismo, desde a simples sutilização do sentimento até à pseudoneurose do super-homem, não é produto decadente, mesmo que assim possa parecer aos povos jovens, fecundos e combativos. O equilíbrio biológico seletivo, obtido entre a mulher que gera e o homem que guerreia e mata para vencer, é ultrapassado por formas mais perfeitas de vida, cuja realização é a maior aspiração dos povos jovens, para a qual eles tendem, assim como toda juventude tende para a velhice, fatalmente.

Desse elevado ponto de vista, o fenômeno da senilidade do indivíduo e das civilizações assume um significado totalmente diferente. *A degradação das formas biológicas tem a função específica de amadurecer o aparecimento das formas psíquicas, havendo sempre uma proporção inversa entre umas e outras*. Onde a potência vital é máxima, a potência psíquica é mínima, encontrando-se em seus primeiros albores. Com a evolução, a potência vital tende a enfraquecer-se, enquanto a potência psíquica torna-se cada vez mais ampla e evidente. Com isso, tanto o indivíduo quanto a raça tornam-se muito mais valiosos como qualidade, embora seu ritmo reprodutor enfraqueça e a quantidade diminua. É uma lei da natureza que os povos civilizados se reproduzam menos.

Portanto não é decadência o pressuposto enfraquecimento das civilizações maduras. Naturalmente, cada valor maior tem de ser pago. Na *degradação das civilizações*, se os povos envelhecem, suas almas amadurecem por meio das experiências da vida coletiva.

Quando uma civilização cai, nada morre em sentido absoluto, pois ela produz, como podeis ver, uma flor delicada e esplêndida, que é colhida e será, então, o germe de civilizações futuras. Paralelamente à sobrevivência dos indivíduos, que voltam mais tarde à Terra amadurecidos, aptos a retomar o mesmo ciclo de civilização, para levá-lo mais alto, sobrevive também em vosso mundo a potência do conceito, sem a qual jamais seria fecundada a força criadora dos jovens, que ficariam então vagando na incerteza.

O produto de tanto trabalho de experimentação é destilado em poucos princípios, que têm a força de erguer uma nova civilização. O passado jamais morre, ressurgindo sempre indestrutível. Todas as conquistas espirituais realizadas permanecem no mundo como força real e ativa, tornando-se base para novos impulsos, como eterno testemunho e índice da evolução realizada. Assim o envelhecimento individual, se souber reviver, renascendo continuamente no espírito, não será decadência. Cansaço e velhice são momentos *normais* no metabolismo da vida, revelando o amadurecimento do fenômeno biológico, que ocorre sem nenhum desgaste ou deterioração dinâmica da substância.

Só assim é possível compreender profundamente o fenômeno pelo qual a vida produz consciência. Não bastava ter explicado o mecanismo da formação dos instintos e da estratificação das experiências. A degradação biológica é parte integrante do fenômeno evolutivo *e existe como condição do processo genético do psiquismo*. Assim como a evolução dinâmica impõe um processo de degradação da energia, a evolução biológica também implica um processo de degradação do fenômeno da vida. Nesses fenômenos age o mesmo princípio de esgotamento do impulso originário, que estabelece um decréscimo das qualidades cinéticas e do potencial sensível das formas. O processo evolutivo, neste sentido, implica uma degradação progressiva de potencial. A razão profunda desses fenômenos está na natureza do transformismo evolutivo. O mesmo gradual amortecimento cinético da fase energia para a fase vida, assim como da vida para o espírito, é dado apenas pela constante e substancial característica do fenômeno evolutivo. Isto acontece porque, reduzida à sua fundamental substância, a evolução é movimento, constituindo *um processo de descentralização cinética*, uma expansão do

princípio cinético, que se dilata do centro à periferia. Trata-se de um desenvolvimento que se realiza através do esgotamento de um impulso inicial, originado de um precedente e inverso impulso involutivo de concentração cinética e condensação dinâmica do potencial da substância, ao qual agora se contrapõe o processo de subida.

Assim a energia tende atualmente à difusão, justamente porque vosso universo está em período evolutivo, enquanto no período inverso precedente tendia e dirigia-se à concentração (condensação das nebulosas). Tanto a evolução como a sua inversão para o negativo (involução) são caminhos invioláveis, porque constituem a direção do devenir da substância, manifestando-se no relativo. Por isso todo o fenômeno é irreversível.

LXXXVI. CONCLUSÕES. EQUILÍBRIOS E VIRTUDES SOCIAIS

No campo das conclusões, em que agora nos movimentamos, podeis avaliar o valor de meu sistema ético, não apenas sob um ponto de vista científico e racional, mas também sob um ponto de vista *prático e utilitário*.

A concepção de *dor-redenção* é de grande ajuda moral. Sua transformação de instrumento de castigo em meio construtivo, para utilização em conquistas morais, tem a vantagem de revalorizar algo não só repudiado pela civilização, mas também considerado um prejuízo que ela não soube evitar. Sistema ético encorajador, otimista mesmo nos casos mais dolorosos, construtivo até nos casos mais desesperados. A concepção de *trabalho-dever* e de *trabalho-missão*, de *trabalho função biológica construtiva e função social*, como uma necessidade muito mais moral do que econômica – substituindo a concepção vigorante de trabalho condenação dos deserdados e de trabalho lucro – tem enorme poder de coesão social. Todas as minhas afirmações a respeito do significado da renúncia, da evolução das paixões e do amor, além de representarem um fermento de elevação do nível individual, formam a base das virtudes reconhecidas e resolvem todos os tão difíceis problemas da convivência, constituindo, portanto, também ciência de relações sociais. Apontando para a formação de uma consciência coletiva, elas estimulam o funcionamento e a constituição de um organismo cada vez mais compacto da sociedade humana. Por isso interessam de perto ao direito público e privado, podendo ser tomadas como base de uma substancial *filosofia do direito*. Coloquei no meu sistema um princípio de justiça com base científica, de acordo com o funcionamento do universo. Isto, no campo social, significa ordem, respeito às autoridades, somente às quais compete, com plena responsabilidade, a respectiva função dirigente, e, no campo moral, significa honestidade, retidão de motivos e de ações. A desigualdade de riquezas e de posições sociais não é injustiça, mas simplesmente distribuição de trabalhos diferentes por especialização de tipos individuais. Toda sociedade humana, queiram ou não, é um

organismo em formação, no qual *todos, indistintamente, obedecem* a uma determinada função, única condição que justifica a vida. As virtudes podem constituir esforço, mas é esforço de assimilação, que as transformará em instinto e, portanto, em necessidade. Esta será a característica do super-homem do futuro.

Falo a quem medita e falo em tempos de grande miséria moral, não obstante já esteja acesa a tocha da ressurreição. A natureza deste escrito sintético não me permite descer a pormenores. Mas delinee todo o organismo lógico dos princípios, estando nele implícitas todas as consequências, cuja dedução é automática. Na vastidão da visão universal, coloquei no alto a meta do super-homem, sem deixar, contudo, de levar em conta as condições de fato impostas pela psicologia dominante do tipo comum, ao qual só pedi as primeiras aproximações. Defini sua posição e, portanto, seu trabalho no caminho evolutivo, indicando aos mais evoluídos os trabalhos mais elevados, para que cada um encontre seu caminho e sua norma na direção das ascensões humanas.

No alto, como farol luminoso, coloquei o espírito do Evangelho, a mais alta expressão da Lei em vosso concebível, cuja compreensão significará a realização do Reino de Deus, do qual o homem se aproxima cada vez mais, através da luta no diuturno esforço da vida. Religião sintética do futuro, feita de força de espírito e de bondade, meu sistema, assim como aceita fraternalmente qualquer crença, desde que seja fé, também não condena nenhuma, conquanto seja sincera e esteja em seu lugar. A ciência, toda ela, foi chamada para dar seu apoio, e dela me servi amplamente para comprovar as afirmações do espírito. Superamos todos os preconceitos exclusivistas que provêm de interesses de casta, de nação ou de raça. Meu sistema tem suas raízes na eternidade e só podia ser universal, para sobreviver no tempo e não ter limites no espaço. Portanto é verdadeiro em qualquer lugar. Falo a todos os povos, a todas as nações, de todos os tempos, para que cada um encontre no meu sistema sua posição e seu caminho na evolução. Sou espírito, e não matéria; sou substância, e não forma. Então estas conclusões não tendem a concretizar-se em nenhuma forma própria de organização humana, mas sim a enxertar-se nas formas existentes, para fecundá-las e enriquecê-las, reerguendo as que estão descendo pelos

caminhos do mal e fazendo resplandecer as que, no campo político, religioso, científico e artístico, estão laboriosamente ascendendo à luz do bem.

Peço apenas uma grande sinceridade de alma, um profundo sentido de retidão e uma decidida vontade de melhorar. A sociedade só pode sentir-se beneficiada por essas afirmações, indiscutivelmente fecundas para o progresso individual e coletivo. Aqui não se parte do apriorismo de um ou de outro sistema político, para antepô-lo ou impô-lo. Uma visão universal não pode descer no campo das competições humanas; uma verdade universal não pode restringir-se nos limites de verdades menores, relativas a um povo e a um momento de sua evolução. Mas não há quem não perceba que neste sistema se encaixam *espontaneamente* todas as concepções políticas sãs, produtivas e sinceras, todos os regimes de ordem em que os povos retomam o caminho da subida e reencontram a consciência da vida. Desses sistemas políticos sãos e produtivos, esta síntese é a base natural, o fundamento mais sólido e mais amplo, a *única concepção necessária* para que eles não fiquem isolados no tempo, mas se religuem, funcionando como uma sociedade, ao funcionamento orgânico do universo.

Minha ética racional e científica traçou as grandes rotas da vida individual e, agora, traçará as do *campo social*. Não impõe. Não obriga. É *racional*, presumindo estar falando a seres racionais, como pretendem ser os homens modernos. Não invoca os raios de Júpiter nem as iras de um Deus vingativo; simplesmente indica as *reações naturais e inevitáveis* de uma lei íntima, inviolável, perfeita, supremamente justa. O homem, que se move dentro dela, é livre para, com sua baixeza, tornar absurdo e inaplicável o Evangelho de Cristo, mas não tem poder para afastar de si toda a herança de dores que esse seu baixo nível de vida implica e impõe. Dei-vos a chave de todos os mistérios. Se agora quiserdes ser maus (e o podeis, porque a liberdade é sagrada), serão vossas inexoravelmente as consequências, porque a lei de causalidade (responsabilidade) é inviolável.

Todo resultado prático desta síntese poderia ser condensado nestas palavras: se evolução significa conquista de consciência, de liberdade, de felicidade, e involução representa o contrário, na *baixeza de vossa natureza humana está a causa de todos os males e,*

na ascensão espiritual, todo o remédio. A aspiração à alegria é justa, e a felicidade pode existir, só é preciso dedicar-se ao trabalho de conquistá-la. O Evangelho é um caminho espinhoso, mas somente através dele se pode seriamente alcançar o paraíso, mesmo na Terra.

Toda a hodierna concepção da vida encontra-se aqui modificada, e sois obrigados por vossa ciência, cuja linguagem sempre utilizei, a compreender e, por coerência, cumprir essa mudança. Sempre tive presente o tipo de homem predominante e a inutilidade de fazer, em muitos casos, apelo a sentimentos de fé e de bondade. Por isso realizei o trabalho ingrato de restringir a grandiosa beleza do universo em termos de estrita racionalidade. Deveis agora conceber a vida e suas vicissitudes não como efeito imediato de forças movidas por vossa vontade presente, mas como uma *sucessão lógica e inteligente de impulsos vinculados no tempo e no espaço com todo o funcionamento orgânico do universo*. Não há zonas caóticas de usurpação. Cada vida traz consigo um impulso. *O destino possui um método racional na aplicação de suas provas*, e, para compreendê-lo, deveis habituar-vos a conceber os efeitos em longo prazo, em vossa vida eterna, e não no átimo presente, em que vedes, pelo contrário, aparecerem inexplicáveis efeitos de causas desconhecidas.

Há destinos de alegria e destinos de dor; destinos indecisos e destinos titânicos; há ofensas profundas à Lei, marcadas no tempo, que pesam inexoravelmente e arrebatam uma vida. Demonstrei-vos que é inútil investir contra as causas próximas e que é preciso colher e carregar o próprio fardo. São inúteis a rebelião, a raiva, a inveja de outras posições sociais, o ódio de classe; cada posição é sempre a justa, *é a melhor para o próprio progresso*. Demonstrei-vos a presença de uma justiça substancial, apesar de todas as injustiças humanas, que são exteriores e aparentes. Cada um deve, então, aceitar com boa vontade seu estado e esforçar-se para trabalhar nas condições em que o destino o colocou. O estabelecimento de uma vida, que, para vós, ocorre *fora da vontade e da consciência do indivíduo*, é realizado pelas forças da Lei. Se assim não fora, *quem vos obrigaria, sem possibilidade de fuga, a suportar as provas necessárias ao vosso progresso?* Quem ignora não pode influir no substancial.

Então, ao invés de injuriar o rico, só por não poderdes imitar-lhe

as culpas, ao invés de desperdiçar a vida na inútil agressividade desorganizadora, deveis alcançar a força de coesão social representada pela ideia de uma lei suprema que, com justiça, distribui a dor e o trabalho a todos, em todas as posições, de diferentes formas! Que reconfortadora fraternidade será então a vida! Isto não significa passividade, mas sim consciência; não é a resignação de suportar tudo sem reagir, mas sim a virtude de saber suportar uma dor merecida, para aprender, acima de tudo, a não semear de novo as mesmas causas. Desloca-se o centro de vosso julgamento a respeito das posições humanas. Ai de quem se acha à vontade no ambiente terrestre! Isso significa que aí se encontra o equilíbrio de seu peso específico espiritual. Felizes os que aí sofrem, que têm fome de bondade e de justiça, porque subirão, reencontrando mais no alto o seu equilíbrio. Alegre-se quem sofre, pois será libertado; lastime-se, porém, quem goza, porque voltará muitas vezes ao ciclo das misérias humanas.

Repitamos com o Evangelho: “Bem aventurados os perseguidos! Ai de vós que sois aplaudidos pelos homens! Bem aventurados os que choram, porque serão consolados! Ai de vós que agora rides, um dia lamentareis e chorareis!”.

Estes conceitos trazem um sentido de ordem ao insolúvel enredo dos destinos humanos, acalmam os dissídios sociais, cimentam a convivência, representam a força criadora das unidades coletivas superiores, que são a sociedade e as nações. Esta é a mais alta criação da evolução, e dela nos ocupamos justamente no ápice do tratado, como conclusão máxima. Estas normas, que formam a tábua das virtudes individuais (os mais altos valores), porque determinam a evolução da consciência de cada um, representam também as virtudes coletivas (os mais altos valores), pois, se a virtude é sempre a norma que mais impulsiona pelo caminho da evolução (portanto a coisa mais preciosa, porque corresponde ao interesse máximo), ela representa o impulso construtor da organização social e da consciência coletiva. Há, então, não apenas o super-homem, mas a *super-humanidade*; não só a festa espiritual da superação biológica no indivíduo, mas uma sabedoria prática, construtora de vida social. Os caminhos que tracei da ascensão individual têm justamente a função de preparar o homem para saber viver em sociedade, em

nações, em estados. Isso porque essas unidades superiores só poderão existir quando ocorrer a formação completa da célula componente. Nesta função coletiva, a consciência do indivíduo se enriquece com uma ciência de relações em uma nova ordem de virtudes, que impulsionam a evolução coletiva. Esta é exatamente a característica basilar do conceito de virtude, do ponto de vista social.

LXXXVII. A DIVINA PROVIDÊNCIA

Nessa ordem de ideias pode haver lugar para a inconsciência individual, mas não para a inconsciência do Criador. Em qualquer caso, mesmo no mais atroz destino, podeis crer na ignorância e maldade dos homens, mas jamais podeis acreditar na insipiência ou maldade de Deus. Também é inútil criticar como causa aquele que apenas personifica a reação da dor. Trata-se frequentemente de instrumentos ignaros e, portanto, irresponsáveis, movidos por distantes e profundas causas, que vós mesmos lançastes. A vida é uma gigantesca batalha de forças, que temos de compreender, analisar e calcular. Ninguém pode invadir o destino alheio; somente é possível, ainda que cegamente, semear alegrias e dores no próprio destino. Uma vida tão substancialmente perfeita não pode existir à mercê de um capricho, nem estar sujeita ao louco prazer de uma atormentação recíproca. Assim, não tem sentido maldizer ou rebelar-se, tanto mais que isso em nada atenua o mal, antes o agrava. É melhor orar e compreender, porque a dor apenas cessará depois de termos aprendido a lição que lhe justifica a presença.

Nessas ideias situa-se também, logicamente, o conceito de uma *Divina Providência*, como fato objetivo e cientificamente demonstrável. Se registrardes em grandes séries o desenvolvimento dos destinos individuais, vereis ressaltar do resultado uma lei em que aparece evidente a intervenção de uma força superior à vontade e ao conhecimento dos indivíduos. Mas o homem se comporta como se estivesse sozinho, isolado no espaço e no tempo. Sua ignorância da grande lei que tudo governa o faz crer que vive num caos de impulsos desordenados, abandonado apenas às próprias forças, sendo estas sua única lei e amparo. Seu egoísmo é um “salve-se quem puder” de todos contra todos. O homem fica sozinho, qual átomo perdido no grande mar dos fenômenos, sob o terror de ser triturado por forças gigantescas, agitando seus pobres braços para defender-se, como pequena luz em meio às trevas. Refugia-se, então, na inconsciência do *carpe diem*, que é a filosofia do desespero, uma cegueira intelectual e moral, deixada intacta por uma ciência incapaz de concluir.

Cegueira e inconsciência porque – num universo onde tudo brada causalidade, ordem e indestrutibilidade; onde tudo é função, equilíbrio automático e justiça; onde tudo está ligado por uma rede de reações, encontrando-se vinculado ao funcionamento do grande organismo; onde tudo tem uma razão de ser e é uma consequência lógica; onde qualquer anulação constitui um absurdo, tanto no campo físico quanto no moral – é loucura acreditar na possibilidade de violência, de usurpação, de injustiça, só porque assim quer o homem, como é loucura também pensar que este, apenas um ponto no infinito, possa impor sua vontade, modificando a lei universal.

Com a demonstração científica da ordem soberana, coloquei-vos, agora, em uma encruzilhada: ou negar, aceitando a inconsciência e criando em torno de vós um mundo caótico, onde estareis sozinhos com vossas forças contra todos os fenômenos, ridiculamente rebeldes e tristemente perdidos num mar de trevas, ou então compreender e prosseguir em frente, enquadrados no grande movimento, como soldados de um grande exército em marcha. A presença de uma ordem suprema resulta aqui já demonstrada: *o homem só pode existir imerso na grande lei divina*. Isso demonstra o absurdo de qualquer ato de baixeza, de qualquer culpa, tornando altamente utilitário o caminho da virtude. *Tudo o que existe nasce com sua própria lei, é a expressão de uma lei, só podendo existir como desenvolvimento de um princípio e obedecendo a uma lei*. Em qualquer forma, sempre encontrareis uma lei como sua alma, sua substância, sendo esta lei a única realidade constante através de todas as transformações da ilusão exterior. A forma acompanha sempre essa lei, que, guiando-a e modificando-a, realiza-se em ato. Cada momento resume o passado e contém a linha do futuro, tanto nos organismos físicos como no vosso organismo psíquico. O equilíbrio vos sustentou até aqui, no presente, através da viagem pela eternidade, e agora vos sustenta e guia para o futuro, sabendo e querendo antes de vós, à revelia de vossa vontade e consciência.

É necessário substituir o conceito limitadíssimo de uma força vossa, individual, que dirige os acontecimentos, pelo conceito vastíssimo de uma justiça que impõe seu equilíbrio e suas compensações ao destino. Dentro dela, violência e usurpação são absurdas antecipações de um átimo, que, mais tarde, terão de ser

pagas com exatidão matemática. É no seio desta justiça que está presente e atua a *Divina Providência*. Não uma providência no sentido de um guia pessoal por parte da Divindade, de uma ajuda arbitrária, que se possa solicitar sem merecê-la, permitindo-vos escapar dos esforços obrigatórios da vida, mas sim uma providência que é um momento da grande lei, permeada de equilíbrio, aderente ao merecimento, mantida por contínuas compensações, que levantam quem cai, se merece subir, e esmagam quem sobe, se merece descer. Trata-se de um princípio de ordem, uma força de equilíbrio, que ajuda o fraco e se sobrepõe aos impulsos da prepotência humana, substituindo-a por uma força muito mais sutil, real e poderosa: a justiça.

A providência divina representa a atuação desta força maior de justiça, não só para levantar, mas também para abater. Por uma espontânea lei de equilíbrio, podereis vê-la dosar as provas, para que não ultrapassem as forças do indivíduo; levantar-se gigantesca, para proteger o humilde indefeso e honesto, que a opressão humana desejaria arruinar; dar a quem merece e tirar de quem abusa; premiar e punir, distribuindo acima das partilhas humanas.

Tremei vós, vencedores pela força humana, diante desse poder de justiça, que impulsiona todo o universo. E vós, fracos, não acrediteis que a providência seja inércia ou fatalismo, amiga dos preguiçosos; não espereis que essa força vos poupe do sagrado esforço de vossa evolução. Conceito de justiça e de trabalho, conceito científico do mundo fenomênico, a providência não é um apoio para um afastamento gratuito das sanções dolorosas; ela significa direito ao mínimo indispensável às forças humanas para ascender no cansativo caminho da vida; significa merecidos e necessários repousos, e não ócios gratuitos e perenes, como quereríeis.

Nada mais falso que a identificação da providência com um estado de inércia e expectativa passiva. Isto é invenção de indolentes iludidos, é exploração dos princípios divinos. Assim como está presente para reerguer o homem que, na luta, perde suas forças, ela também está pronta para abater o rebelde, mesmo se gigante; mas é ativa sobretudo para o justo, que deseja o bem e, com seu esforço, o impõe. Então, quando o inerme, sem forças humanas, sem apoio e sem meios, apertar no punho fechado as forças mais elevadas da

vida, as tempestades do mundo se acalmarão e os grandes se dobrarão, porque ele estará personificando a Lei e sua ordem. Enquanto vós permaneceis sozinhos na luta, abandonados apenas às vossas pobres forças, ele, situado na profunda organicidade do real, recebe forças de todo o infinito. Ainda que pareça abandonado e derrotado, uma voz lhe dirá: tu não estás sozinho. Então ele poderá pronunciar a grande palavra que ribomba em todo o universo: falo-vos em nome de Deus.

LXXXVIII. FORÇA E JUSTIÇA. A GÊNESE DO DIREITO

Temos falado do processo evolutivo das leis da vida, segundo o qual, na coletividade, o princípio da força transforma-se em princípio de direito e de justiça. Assim como a evolução, transformando a dor e o amor, no sentido de ampliar a liberdade e a felicidade, significa ascensão do indivíduo e de sua respectiva lei, ela também significa, no campo social, ascensão da coletividade e da lei que a governa. A passagem da animalidade à super-humanidade constitui também um profundo amadurecimento do fenômeno social em todas as suas manifestações. Ao fazerem o indivíduo evoluir, as normas que a humanidade, para seu aprimoramento, impõe a si mesma pela educação, denominando-as virtudes, também o tornam cada vez mais apto à convivência em unidades sempre mais amplas e orgânicas. Assim como, individualmente, a meta da evolução é o super-homem, coletivamente sua meta é a construção do organismo social até ao limite da super-humanidade. Somente numa coletividade, o super-homem pode alcançar sua completa realização.

Paralelamente à marcha do indivíduo ocorre, portanto, a ascensão dessa mais ampla individualidade, que, combinando seus elementos e elaborando suas células, também conquista com seu esforço, tal como o indivíduo, a sua consciência, construindo assim seu psiquismo: a alma coletiva.

Havendo esgotado as questões relacionadas ao indivíduo, observemos agora problemas mais complexos, ligados à evolução social.

Através da evolução realizada pelo homem individualmente, realiza-se também a evolução da coletividade, da qual ele é a primeira e mais sólida base. A unidade social tem uma sensibilidade própria, com a qual observa e sente a si mesma em todos os seus pontos e elementos constitutivos. O princípio do egoísmo e da força, que é dominante no tipo primitivo, constitui o fator mais degradante e anticonstrutivo nas estruturas sociais. Mas a evolução, que impele tanto a coletividade quanto o indivíduo, possui em si mecanismos de autoeliminação do egoísmo e da força. Assim, com a ascensão de

cada tipo individualmente, também se transformam os mundos e suas leis

No *mundo do subumano*, a fera e o homem inferior trazem escritos em seus instintos ferozes os artigos desta lei. Neste nível, cada ser somente sabe existir como uma arma em contínuo assalto, sendo uma ameaça permanente para todos os semelhantes; as células da futura unidade ainda não se conhecem e, por isso, não encontraram os entrosamentos de trocas e fusões; os círculos das liberdades tendem a se expandir em torno do centro do egoísmo até ao infinito, ignorando limites de contato com outros círculos semelhantes. A força, então, é uma tensão necessária à vida e domina soberana, sendo um fardo inevitável, que, não obstante sua baixeza, constitui esforço de ascensão. Cada vida é uma imposição forçada a todas as outras; cada direito, uma extorsão. *O mundo social é um choque caótico de forças, ainda em busca dos superiores equilíbrios do direito.* Esta é a fase involuída das sociedades biológicas, na qual os indivíduos ainda não estão organizados em simbiose. Há um estado de agressividade e violência, de incerteza e de luta, no qual a natureza, expandindo seus impulsos interiores, prepara a ascensão sucessiva através do amadurecimento da unidade coletiva, processo do qual a sociedade humana é apenas mais um caso. A lei universal de justiça nesses mundos inferiores, justamente pelo baixo nível dos seres, só pode alcançar o equilíbrio por meio da força bruta. Em tal ambiente, o melhor é o mais forte, e não o mais justo. A densidade dessa baixa atmosfera não permite à Lei transparências superiores a essas, não sendo possível para o princípio de justiça realizar uma expressão mais elevada do que essa forma de seleção natural. Justiça existe sempre, porém sua manifestação é proporcional às capacidades de expressão do ambiente. O ser, então, denomina justiça o equilíbrio transitório e relativo do seu nível e injustiça *toda fase que tenha sido ultrapassada.*

As forças colocadas em movimento partem do centro do indivíduo. A vida é uma expansão de egoísmos, os quais, somente dilatando-se, podem coordenar-se com os egoísmos limítrofes, para se fundirem entre si. Há um ciclo de ignorância, egoísmo, força, luta, dor e mal, do qual o indivíduo procura sair. Em suas aspirações de ascensão individual, como já vimos, cada um descobre objetivos

sempre mais altos e se esforça ao máximo para alcançá-los na coletividade, razão pela qual *aquele ciclo tende a se quebrar*. Gradualmente, pela lei do menor esforço e do maior rendimento, esse princípio rudimentar de justiça, representado pela lei do mais forte, transforma-se, alcançando com isso o *mundo humano*, no qual desponta a consciência de uma lei moral. Um princípio utilitário de vantagem coletiva conduz a um abrandamento nas formas de luta, levando à supressão das guerras. Nesse nível, a força, que era antes justiça, *torna-se violação e injustiça*.

Nos primeiros albores da ética, matar e roubar é lícito. Num mundo ainda não moral como o da fera, os conceitos de bem e de mal ainda dormem latentes no estado de germe. Mas, nos choques da convivência social, a reciprocidade das relações, avizinhando os semelhantes, obriga o indivíduo a sentir *a reversibilidade do prejuízo*, levando-o à compreensão utilitária e à assimilação do conceito do “ama teu próximo como a ti mesmo”. A ideia de bem e de mal já não se liga então apenas à vantagem obtida, mas também ao dano sofrido com a reação.

Trata-se de um processo de *progressiva harmonização*, no qual se disciplina cada vez mais perfeitamente o funcionamento dos impulsos da vida. Neste caso, porém, é a coletividade que ascende aos equilíbrios superiores da ordem divina. Mesmo coletivamente, vedes uma sucessão gradativa das formas de vida e das leis, na qual se realiza sempre mais evidente o pensamento de Deus. Nada mais fazemos senão aplicar, sempre e em toda parte, o mesmo princípio universal da evolução, que, sozinho, repetido em todos os casos particulares, contém todas as conclusões. O universo é um organismo monístico, funcionando sob um princípio único. Trata-se da ascensão completa de todas as qualidades humanas, que, embora consideradas separadamente até aqui, avançam conexas e paralelas, no indivíduo e na sociedade. Em todos os campos, como sempre, *minhas concepções não são estáticas*; meus conceitos são definidos não como um ponto imóvel, mas sim como uma *trajetória*, um devenir, uma evolução. Não trabalho com vossa comum rigidez de conceitos, mas sim *com a fluidez dos conceitos de uma filosofia progressiva*, inclusive no campo do direito. Em vez de observar os fenômenos do lado de fora, coloco-me, por sintonia, no âmago de seu devenir.

Somente com um novo método de pensar é possível alcançar o absoluto.

A lei ascende, e, amanhã, não só a vossa atual justiça formal, exterior e coativa, será violação e injustiça, mas também a vossa hodierna moral será imoral, porque tereis descoberto equilíbrios mais profundos, nos quais sabereis viver. Se a Lei é harmonização, a humanidade, por meio de suas guerras, tende à unificação. A guerra, portanto, é o estado de equilíbrio atual, mas não o do futuro; é um mal hoje necessário, em vista de vosso grau de evolução, mas dele vos libertareis. A única razão que pode *torná-la justa é o fato de representar o esforço para alcançar um nível mais perfeito, no qual será possível a sua supressão*. Entretanto, esse mal de transição já se inverte num florescimento de bem, porque, levando o homem feroz a matar também por uma ideia, ensinou-o a dilatar o próprio egoísmo até à coletividade. O desabafo guerreiro assume, assim, a função biológica de fazer evoluir os instintos humanos de sua primitiva forma egoísta e feroz até ao heroísmo de quem se sacrifica pela pátria.

Por meio da evolução passa-se da força ao direito, do egoísmo ao altruísmo, da guerra à paz. A reação dos egoísmos limítrofes já é uma tentativa de equilíbrio, contendo em si o germe de uma justiça. No princípio, somente a defesa e o ataque garantem ao indivíduo o que lhe cabe, sendo necessário disciplinar esses impulsos. Trata-se de encontrar um princípio de coordenação que os supere todos, uma expressão de psiquismo coletivo que realize mais profundamente a ordem divina. Eis como, porque e de onde *nasce o direito*, que tem sua origem no grande impulso da evolução, como momento da harmonização progressiva do psiquismo individual no seio da unidade psíquica coletiva. Esta é a *gênese científica do direito*, reduzida assim a um cálculo de forças dos dinamismos individuais, que se harmonizam através do contato. Eis o direito, primeira centelha de coordenação das forças sociais, que, partindo do centro para a periferia, do indivíduo para a coletividade, assume expressões cada vez mais amplas, do direito privado ao público e ao internacional.

Luta trabalhosa esta, pela qual a sociedade humana realizou a transformação da força em direito. Em meu sistema, estas são apenas

duas fases sucessivas de evolução, dois mundos limítrofes, duas leis, dois reinos: o da fera e o do homem. A força teve, não se pode negar, sua função construtiva na economia da vida, representando também uma técnica evolutiva, através da qual a justiça divina manifestava-se plenamente, embora de forma menos evidente. Os povos jovens são espontaneamente violentos e sem escrúpulos, porque também são conquistadores. Em algumas condições de ambiente, a prepotência é justiça; é seleção de raça, submetida a prova cruenta e inexorável; é explosão de energias produtivas; é o primeiro esboço grosseiro mas decidido, em grandes linhas, da alma coletiva. O retoque só poderá chegar depois, com a proporcional sensibilização dessa alma coletiva. Então, os povos civilizam-se e, depois de terem conquistado seu lugar pelos mais ferozes meios, criam o direito; *percebem uma ideia mais exata de justiça*; criam virtudes mais evoluídas, correspondentes às mais evoluídas necessidades; substituem pelas virtudes civis da colaboração as virtudes guerreiras da opressão. Eterna história que se repete na vida de todas as unidades coletivas.

Então, o homem percebe que, se a força criou muito, também muito destruiu; percebe que um mundo apenas de força acaba destruindo-se a si próprio, coisas que antes escapavam à sua percepção mais rude. Paralelamente, o indivíduo, que, apesar de ter gozado das vantagens da força, muitas vezes também sofreu seus prejuízos, recorda isso em seu instinto, reagindo para eliminar as causas. Surge então a ideia de uma utilidade coletiva, para suprimir o abuso individual; inicia-se *a eliminação progressiva da desordem, mediante um processo de isolamento e limitação* do impulso egoísta individual, circunscrevendo-o e marginalizando-o, mas sem destruí-lo, e sim canalizando-o para metas coletivas. A evolução da força para o direito e a justiça é também evolução de egoísmo para altruísmo. Presenciais assim o espetáculo em que esses impulsos primordiais, *por meio da própria manifestação, tendem a eliminar-se a si mesmos*. Princípio universal de *autoeliminação* das formas inferiores do mal, quase uma autodestruição da dor através da dor, da força através força, do egoísmo através do egoísmo. A Lei evolui na consciência de cada um, conforme o respectivo grau de ascensão: os indivíduos no seio do povo e os povos no seio da humanidade, equilibrando-se cada um em seu respectivo nível. Trata-se de

posições de progresso e de atraso relativos – mobilidade contínua de todas as posições da vida; sucessão de leis e de mundos que progredem um dentro do outro, sem se destruírem – formadas de acordo com o grau de consciência alcançado pelos seres; verdades relativas e progressivas, cada uma absoluta apenas no âmbito do momento que exprime e sustenta.

Por isso assistis hoje, mesmo no campo social, a *uma concomitante duplicidade de leis*, cuja evolução é comprovada por este fenômeno, que somente é possível num regime de transformação. Somente uma passagem de fase – o crepúsculo de um período que desaparece na aurora de outro – pode produzir esses inerentes contrastes de transição, conhecidos do homem, mas insuspeitados pelos animais, que vivem tranquilos na plenitude de sua fase. O homem oscila hoje na transição entre duas leis. Essa mudança exprime sua maturação biológica no campo social. Trata-se da progressiva demolição do passado e da gradual reconstrução em seu lugar, com os mesmos materiais, de formas mais elevadas. A elaboração da substância significa evolução: *o mal é o passado* (involução) e *o bem é o futuro* (evolução); bem e mal relativos e em conflito, que repetem no campo social a luta já vista por nós no campo individual entre corpo e espírito. *Culpa* é qualquer retrocesso voluntário, o qual é corrigido pela Lei, que reconstrói o equilíbrio, reagindo por meio da dor; *virtude* é tudo que acelera o avanço e que, portanto, é premiado.

Trata-se de um imenso mundo de conceitos e de leis que evolui e, como tudo no universo, não pode parar de evoluir. A necessidade da convivência impõe ao direito um *mínimo de ética* cada vez mais elevado. Algumas virtudes são obrigatórias por necessidade social, sendo a sua assimilação imposta pela educação civil. Com o tempo, porém, as atuais serão ultrapassadas por vós, pois ireis descobrir outras ainda mais perfeitas. Hoje, o conflito é evidente em qualquer forma social. Tal como na luta entre corpo e espírito, *o passado sobrevive em qualquer instituição e costume*, formando-lhes o substrato fundamental, que resiste por inércia, freando o progresso e fazendo ressurgir a força no direito. Em períodos de decadência espiritual aparece uma degradação dos institutos jurídicos, que os reconduz às origens, rebaixando o mínimo ético e reforçando o

elemento violência. Hoje, os dois elementos do direito, justiça e sanção, procuram equilibrar-se. A balança não sabe ser equânime sem a espada. Força e justiça, porém, dosarão diferentemente suas proporções, levando o direito a conter mais ou menos uma ou outra, de acordo com o seu grau de evolução. A relação de predominância entre os dois impulsos –qualquer valorização de um para dominar o outro – será um índice exato do grau da evolução de um povo. Assim como a propriedade conserva traços do furto originário, cada forma também é filha de outras mais baixas, das quais a evolução vos afasta a cada dia, realizando um trabalho de contínua purificação.

Em cada ato e cada manifestação humana há sempre o ideal visto pela mente e a utilidade imposta pela necessidade. Toda a vida social agita-se no conflito entre duas posições: de um lado uma equidade consagrada oficialmente por todas as leis religiosas e civis, de outro uma força premiada pelo bom êxito em suas ações e muito estimada reservadamente. O misoneísmo, síntese dos equilíbrios atávicos mais estáveis, desconfia dessas superconstruções ideais, não consolidadas ainda através de uma assimilação completa. Dela desconfia não só o instinto da mulher, que escolhe o homem guerreiro e prepotente, mas também a política internacional, que só acredita na verdade dos exércitos. Assim, no esforço de suas conquistas, vossa fase move-se entre dois caminhos opostos: um teórico e outro prático. Um modo de dizer e um modo de fazer; uma mentira muito cômoda para proclamar e uma realidade muito árdua para praticar; um tormento criativo do espírito, de uma parte, e uma degradação de princípios e exploração de ideais, de outra. Todos os diferentes graus destes contrastes encontram-se nos indivíduos, em suas apreciações e em suas mais diversas verdades, constituindo os pontos de vista com que cada um, fazendo de si o centro de tudo, pretende compreender e julgar o mundo. Nesse ambiente, em parte ainda mergulhado no passado e em parte já estendido para o futuro, vibram todas as oscilações das afirmações humanas, num constante movimento evolutivo em que normas e imperativos, embora sejam compreendidos como absolutos, são apenas aproximações progressivas. A codificação, por isso, é sempre, substancialmente, uma tendência segundo a qual as formas mudam e a letra está sempre pronta para morrer. O direito é uma formação constante. O

regulamento jurídico das futuras sociedades humanas será baseado em princípios científicos, deduzidos das grandes leis cósmicas, harmonizando-se dentro dessa ordem suprema como ordem menor, num admirável equilíbrio entre a necessária liberdade do dinamismo individualista e a sua coordenação para os fins coletivos. A suprema sanção não pertencerá à pobre razão humana, da qual se pode escapar, mas sim a uma lei sempre presente e ativa, que, tanto no tempo como no espaço, jamais permite escapatória.

LXXXIX. EVOLUÇÃO DO EGOÍSMO

Assim como, no direito, a força evolui para a justiça, o egoísmo também evolui para o altruísmo. À proporção que eleva os indivíduos para mais altas especializações, a vida os reorganiza, pelo princípio das unidades coletivas, em unidades sociais cada vez mais complexas e compactas. A diferenciação de tipos e de aptidões levaria ao afastamento das criaturas e ao desregramento social, se outra necessidade não os aproximasse e outra força não os reorganizasse em formas de convivência nas quais a atividade de cada um obtém maior rendimento. A evolução opera então, assim como fez com a força, a *demolição progressiva do egoísmo*, porque precisa de um novo instinto coletivo de altruísmo, que constitui o cimento precioso para amalgamar os impulsos egocêntricos e exclusivistas das criaturas. Na evolução social, o egoísmo tem de sofrer profundas modificações. Como todos os impulsos da evolução, ele *domina apenas enquanto o progresso assim exige*, sendo superado depois, para se transformar diante de um novo progresso. Assim se explica como, num mundo de necessidades ferozes, os princípios de altruísmo e de bondade – tão mortais para o eu e tão antivitais no sentido restrito – puderam nascer num determinado momento, no qual se iniciou uma ordem de vida que revolucionou todas as precedentes.

Não basta dizer que são duas leis sucessivas. É imprescindível dizer que a mais elevada é sempre mais útil do que a menos elevada. A natureza, sendo extremamente econômica e conservadora, não comete prodigalidades gratuitas e, se alguma realiza, isto visa tão somente utilidades coletivas de longo prazo. Assim nascem os altruísmos do amor, a abnegação materna, os heroísmos em defesa de um povo e de uma ideia. *Portanto o altruísmo é apenas um egoísmo mais amplo*, sendo tanto mais amplo, quanto mais expandidos estiverem a consciência individual e o campo que ela abarca. O primitivo, pelo fato de não se sentir viver nos tempos e na humanidade, vê somente seu pequeno eu e se isola no momento. Em sua miopia psíquica, ele se fecha em seu próprio pequeno bem e, assim, isola-se do bem coletivo, sendo absolutamente inepto para

viver num regime de colaboração, do qual a consciência mais evoluída tem necessidade para multiplicar-se.

Essa consciência coletiva constitui uma força: a força do homem civilizado. Por isso o selvagem, embora isoladamente mais forte e belicoso, torna-se inferior na luta, pois não sabe organizar-se nem manter-se organizado em amplas unidades coletivas, que formam a potência de meios e de resistência dos povos civilizados. Quanto mais evoluído é o homem, tanto mais fortemente ele sente a Lei, que lhe impõe olhar para trás e doar-se em auxílio à caminhada dos menos evoluídos, a fim de que a evolução caminhe compacta.

Como já vimos (Cap. LII - Evolução do princípio cinético da substância), a energia é levada a inclinar-se sobre a matéria, a fim de animá-la com seu impulso e elevá-la ao nível da vida, sendo guiada a isto pela Lei, que, depois, impõe à vida, filha da energia, a elaboração da matéria até ao psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que obriga a uma retomada de movimentos inferiores, a fim de fazê-los reviverem em oitavas mais altas, também faz o alto se dobrar sobre o baixo, para que este seja sempre retomado no ciclo evolutivo e, assim, nada fique abandonado fora do circuito, apodrecendo no fundo, fora da grande caminhada. Trata-se da mesma lei que impõe ao super-homem (santo, herói, gênio) sacrificar-se pelos irmãos menores, sendo ela o motor de seu irresistível instinto de altruísmo e de martírio. Incompreensíveis dedicações estas em vosso mundo, onde não se realiza um esforço sem pagamento; onde manda o mais forte; onde o mal é evitado apenas por medo do castigo e o egoísmo triunfa. Pequeno círculo este, que não tem portas para a compreensão da grande lei. No entanto tais altruísmos são lógicos, são verdades simples, são forças racionalmente vinculadas de um extremo ao outro das fases de vosso universo e de vosso concebível.

Em paralelo à formação e desenvolvimento do psiquismo, ocorre também esta dilatação do egoísmo, que, sentindo-se uno com os demais, acaba abraçando todos no próprio cálculo hedonístico. Trata-se de uma expansão da compreensão, até atingir num amplexo todas as criaturas irmãs. A abrangência do abraço indica a amplitude da compreensão, medindo o processo de autoeliminação das formas inferiores, como vimos na evolução. Não se trata de um altruísmo abstrato, sentimental, irracional e sem utilidade, mas sim de um

altruísmo sólido e resistente, porque utilitário. A Lei não se manifesta como princípio abstrato, mas aparece continuamente como manifestação concreta, personificada nos seres, que, em suas formas de vida, representam os artigos contidos nela. O egoísmo é a expressão de uma insuprimível força centralizadora e protetora das individuações. A luta contra tudo aquilo que não é o “eu” constitui a primeira expressão e a prova da formação de determinado tipo de consciência, que, tão logo surge na vida, tem de se defender. Do indivíduo à família, ao grupo, ao povo e à raça, trata-se de um egoísmo cada vez mais abrangente, ligado a uma contínua expansão da consciência em relação aos limites da distinção absoluta entre o “eu” e o “não-eu”. A fim de conservar a estabilidade dos equilíbrios, a dilatação só pode ocorrer quando estiver realizada a estabilização do tipo de consciência e de egoísmo inferior.

Altruísmo, por isso, não é renúncia, mas sim expansão de domínio; não é perda, mas sim conquista de progresso, de compreensão e de ascensão da vida. Reunir em torno de si, como seus semelhantes, um número cada vez maior de seres é multiplicar o próprio poder, é reencontrar-se e reviver neles uma vida centuplicada. Os casos máximos de altruísmo são naturalmente patrimônio do super-homem, levando o homem atual, que raramente sabe estender seu altruísmo além do círculo familiar, a tomá-los hoje como casos extremos, por cuja conquista, através de sucessivas aproximações, ele terá de lutar, ampliando as fronteiras do eu, até abranger um dia a humanidade terrestre e outras humanidades do universo, que então conhecerá. Quando o herói morre por sua nação, quando o mártir se sacrifica pela humanidade ou quando o gênio se desgasta pela ciência, seus egoísmos são tão amplos, que não mais podeis concebê-los. Nesse momento, eles podem dizer: “eu sou a nação, sou a humanidade, sou a ciência”, porque sua consciência unificou-se com elas.

Também o animal – cuja evolução social se realizou em formas mais simples porém, em sua simplicidade, mais evoluídas e estabilizadas – percorreu esse caminho e, atravessando a fase de assimilação, fixou nos instintos esses altruísmos, que são apenas egoísmos coletivos. O reino animal vos dá exemplos de altruísmos que ainda deveis conquistar. A abelha morre picando, em defesa da

colmeia, mas não pica se está sozinha; produz o mel que, depois de sua breve vida, será o alimento das operárias irmãs, cujas vidas ela não conhecerá, pois ainda estão por nascer; não sobrevive isolada, mesmo se tiver todo o necessário, porque, nela, a virtude de sentir-se célula do organismo coletivo se tornou instinto e necessidade; caso haja falta, morre de fome ao deixar o seu próprio mel para a rainha, a fim de que esta, pelo fato de representar a raça, sobreviva. Altruísmos heroicos para vós, que estais na fase das formações coletivas através das grandes virtudes, com as quais se fixam os instintos do futuro; equilíbrios já agora espontâneos e estáveis, porque utilitários, uma vez que correspondem à lei do menor esforço; instintos assimilados nas sociedades animais constituídas, e não mais virtudes (fase de formação).

Quando a abelha se sacrifica por sua família, ela não realiza um ato de altruísmo, na verdade é a família que, tendo conquistado o instinto de um egoísmo coletivo mais amplo, utiliza egoisticamente, para seu próprio bem, a célula abelha, sacrificando-a. O homem julga heroico esse ato porque aplica à abelha aquele conceito de altruísmo que, em circunstâncias semelhantes, aplicaria a si mesmo, sem compreender que sua natureza é totalmente diferente, porque ele se encontra em outra fase. No homem, o instinto coletivo está em formação; na abelha, já está fixado, maduro, completo. No homem, esse ato não é a expressão de uma necessidade imposta por um instinto definitivamente assimilado, mas está na fase de formação (virtude), na qual, como já vimos, o ato requer esforço e é sentido pela consciência. Se, na abelha, esse ato se estabilizou na fase instintiva, subconsciente, espontânea, no homem ele atingiu apenas a fase inicial de formação, fase heroica, virtuosa, trabalhosa, consciente. Também para vós, a exigência de trabalho imporá a colaboração como uma vantagem. A necessidade de alcançar metas cada vez mais elevadas, coisa irrealizável de outro modo, estreitará num grande amplexo as velhas e novas gerações, que hoje mal se conhecem. Um princípio de coordenação política mundial se imporá como grande poupança de energias, que serão canalizadas para uma utilidade mais elevada, e não para a luta recíproca entre os povos. A supressão da forma cruenta de luta e o surgimento da colaboração

compõem o caminho da ascensão social. As estradas do altruísmo são paralelas às da evolução moral.

XC. A GUERRA. A ÉTICA INTERNACIONAL

Entendemos a guerra como um momento do fenômeno da evolução da força para a justiça, por meio do direito; como uma fase da ascensão coletiva. Disse-vos mais atrás que, num mundo todo armado contra si mesmo, só existe uma defesa extrema: o abandono de todas as armas. Essa frase pode parecer um absurdo, portanto é necessário explicá-la. Mostrei-vos, então, o mais elevado grau a ser atingido pelo homem através de graduais aproximações. Mas, assim como nos caminhos da evolução individual, o esforço para alcançá-lo precisa ser integral, introduzindo na vida dos povos o máximo de disciplina suportável. Infelizmente, nas coletividades mais involuídas, o uso da força pode constituir uma necessidade, especialmente de defesa, a fim de impedir a explosão do mal. Nos primeiros níveis, as civilizações não podem surgir senão cercadas por uma barreira de violência que as proteja da própria violência, caso no qual uma defesa ampla e previdente pode implicar também uma ofensiva. Hoje, porém, o mundo possui vários focos acesos de civilização, enquanto a zona de barbarismo cada vez menos necessita e justifica um regime de violência. Assim como, no direito interno, os impulsos da vida conduzem a um progresso da força à justiça, eles também trazem, com sua atuação no direito internacional, um progresso da guerra para a paz, disciplinando forças e coordenando energias. Desse modo, a evolução produz, mesmo neste caso particular da força, *um progressivo cerceamento da guerra*, tendendo a eliminá-la. Os absolutismos pacifistas, idealizados e isolados, ainda são hoje utopia como realização, embora neles já brilhe, como tendência e objetivo, o ideal das aspirações humanas, para cuja realização tanto se luta.

Hoje, os armamentos são *uma dura necessidade, o que atesta, com demasiada evidência, o estado selvagem do homem atual*. Tendo em vista a fase atual de inconsciência coletiva da humanidade, esse mal *é necessário*. Uma vez que a arma do vizinho, guiada por uma psicologia de estrito egoísmo, está erguida e pronta para golpear, não é possível depor as armas, pois, neste caso, elas constituem indispensável condição de vida. É necessário que os

povos se conheçam, tocando entre si – tal como acontece com os indivíduos na formação do direito privado – seus respectivos círculos de liberdade individual, pois assim aprendem a respeitar-se e a coexistir, cedendo espaço aos direitos alheios e, com isso, garantindo lugar para os seus, a fim de aderir à unidade coletiva da humanidade, num estado de consciência coletiva superior. Não existe hoje um verdadeiro e próprio direito internacional, sendo que as relações entre os países ainda se encontram em estado caótico.

Também neste caso, o equilíbrio tende, pela lei do menor esforço, a se estabelecer não em um pacifismo inerte e teórico, mas numa *ordem* internacional, cuja atuação representará uma tão grande vantagem social, que a consciência coletiva, tão logo consiga compreendê-la, irá colocá-la em prática. Hoje, a humanidade vive *uma fase de transição, na qual se compreende a utilidade da paz, mas ainda não se sabe superar a necessidade da guerra*. Entre essas duas leis ela oscila, fazendo prevalecer uma ou outra, de acordo com a maior ou menor força moral de que disponha. Entretanto surgirão sólidos institutos jurídicos internacionais, hoje utópicos, que garantirão a vida e o trabalho dos indivíduos coletivos (os Estados) da mesma forma que as instituições privadas têm disciplinado e garantido estas bases para o ser individual. Em cada forma jurídica, *a zona de justiça conquistada e a zona de força ainda a ser superada* serão mais ou menos extensas, conforme o grau de evolução atingido, deslocando constantemente sua proporção recíproca, que exprimirá o nível próprio daquela forma.

Todavia a força dos armamentos, mesmo subsistindo como necessidade e preparação contra eventuais conflitos, deve sofrer uma *limitação contínua*, para disciplinar seu emprego, não lhe sendo permitido existir por qualquer outra razão que não seja constituir *defesa da justiça*. Ergue-se assim, como uma primeira barreira, a enorme responsabilidade moral de um estado que provoca uma guerra, sem justificá-la com uma real necessidade, da qual ele tem de prestar contas ao mundo, que o observa. Eis delineado um primeiro rudimento de ética jurídica, em que o sentido da responsabilidade e o peso das consequências recaem sobre quem tem o poder de lançar a infernal máquina da guerra. Até há pouco tempo, os homens se matavam diariamente, como fato normal. Quão mais difícil, porém, é

hoje movimentar a máquina dos exércitos, que se tornou complexa e gigantesca, em proporção às grandes unidades estatais! As armas permanecem, mas seu uso torna-se tão mais disciplinado e excepcional, que, muitas vezes, sobrevivem somente como símbolo decorativo. A guerra requer cada vez menos ferocidade e mais inteligência, afastando-se do instinto sanguinário do selvagem. A disciplina é uma conquista biológica que, do estado anárquico original, de rebelião contra tudo e contra todos, eleva o homem a um estado de coordenação de esforços e de organização de trabalho.

Assim a introdução do elemento justiça na utilização da força – que, sendo cada vez mais reduzida, fica limitada apenas a uma fase de transição – permite sua gradual libertação do mal, tornando-a em um meio de evolução e construção do bem. Cada vez mais se sente a necessidade de refrear a expressão da força por meio de um conceito mais elevado, com uma alma mais nobre, que lhe proporcione uma justificação para existir. Torna-se cada vez mais evidente a necessidade moral e racional de tornar o uso da força aderente a um princípio de justiça. Percebe-se sempre com maior clareza que sua maior potencialidade reside justamente nesse imponderável, nesse mais profundo e elevado equilíbrio, pelo qual são dominados e governados os equilíbrios da força material, que, por essa razão, procura espontaneamente sua justificação numa finalidade de paz, única base capaz de sustentá-la.

Assim como a dor e o mal contêm em si mesmos os impulsos para sua autoeliminação, a guerra também existe para engolir-se a si própria. O progressivo caráter mortífero dos meios bélicos, preparado pelo progresso científico, irá torná-los sempre mais desastrosos, sendo este seu maior poder destrutivo o fator que eliminará as guerras, porquanto a crescente sensibilidade humana e sua mais profunda consciência irão senti-las com horror e medo cada vez maiores. Os organismos sociais obedecem sempre menos aos impulsos irrefletidos do momento, e a ordem futura se prepara com visão abrangente e de longo prazo. Além disso, existe a Lei, que intervém, impondo a dor como reação a cada violação e obrigando assim, inapelavelmente, o homem a seguir a via da justiça: *“Quem usar da espada pela espada perecerá”*. Acima da força dos exércitos, transparece cada vez mais evidente esta outra, mais sutil, de uma

vontade suprema que conduz tudo para a ordem e, assim, esmaga o mais forte. Há uma força mais elevada, à qual a outra obedece. Então, quando aparece a mão de Deus e as forças da vida se insurgem para dominar o rebelde, os mais poderosos exércitos se precipitam. A história também está regulada por esses equilíbrios mais profundos, os quais se erguem e se impõem com uma força mais poderosa que todas as forças humanas. De nada vale o poder material, se ele, em sua base, estiver maculado por essa fraqueza substancial. O arbítrio humano do mal é cerceado pela Lei dentro dos limites inexoráveis do bem. Mesmo na fase atual, a força, para obter seu rendimento, tem de harmonizar-se com esses impulsos maiores de justiça, somente podendo produzir resultados estáveis quando empregada como meio para reconstrução da ordem.

Como podeis observar, não falo de formas nem de métodos, mas vou sempre à raiz dos fenômenos. Falo de maturação de forças biológicas. *Não considero os homens, mas as leis que os movimentam*; não permaneço nos efeitos, mas penetro nas causas. Ao mesmo tempo, também levo em conta a natureza humana tal como ela é atualmente, bem como a lei que impera neste seu nível. Se a guerra existe no mundo, é porque ela corresponde ao instinto da maioria, constituindo a forma atual da seleção biológica e atuando como uma função automática de equilíbrio demográfico. O homem normal é feito para a guerra (seleção); a mulher, para a maternidade (conservação). Enquanto vos moverdes neste ciclo e a guerra persistir na alma egoísta do mundo, as relações internacionais serão baseadas na força e a quantidade será necessária como meio de vida e de grandeza. Lembrai-vos, porém, que a quantidade jamais poderá criar a qualidade. O valor supremo do homem não consiste em abandonar-se irresponsavelmente à função animal de procriar, mas sim em enfrentar, de forma consciente e responsável, a função moral de educar. Se não for assim, a quantidade degrada a raça. Será possível, então, existir sempre o mesmo círculo vicioso, onde o aumento do número leva à guerra e a guerra, destruindo, leva à diminuição do número? Será possível que as duas grandes forças, virilidade e maternidade, fiquem fechadas num eterno ciclo de autodestruição?

Ao contrário, esse ciclo abre-se em ascensões graduais,

progredindo para a sublimação desses instintos. Num nível mais alto, o homem é feito para o trabalho, para a criação material e espiritual, para o domínio sobre a natureza e sobre si mesmo, enquanto a mulher é feita para o sacrifício e a formação de almas. Esta é a meta substancial.

Embora, em vosso nível humano, a guerra seja um meio proporcional à vossa baixa forma de evolução e sua abolição constitua uma utopia, ela só pode ser aceita como um mal transitório, ainda que hoje necessário; como um meio que leva a um bem mais elevado; como holocausto do bárbaro presente, que se enfraquece pelo atrito, para a construção de um futuro mais radioso. Para dar um conteúdo de justiça à guerra, não basta uma superprodução populacional concentrada em estreitos limites de alguma parte do globo terrestre, condição na qual ela constitui apenas um choque de forças demográficas. É preciso dar à guerra um conteúdo ideal de civilização e, assim, transformando-a em instrumento de bem, tornar suportável esse mal. Desta forma, a guerra se nobilita com heroísmos, anima-se pela espiritualidade, idealiza-se pelos martírios. Elevando-se a guerra a esse nível, a ferocidade do sangue derramado transforma-se em apoteose de sacrifício, porque, então, já não mais se luta pelo egoísmo ou pelos despojos, mas por uma fé que paira no alto. A guerra, nesta condição, atinge sua mais alta meta de formação da alma coletiva e torna-se imolação de si mesma no altar da pátria, sendo denominada santa.

O homem pensa que manda, no entanto obedece sempre, constrangido pelo instinto à vontade da Lei. Instituições, leis e todas as manifestações sociais não são substância, mas sim forma, constituindo a veste exterior de forças biológicas. Os verdadeiros responsáveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os povos, que suportam, como é justo, o peso da própria involução. Os chefes apenas transmitem comandos, que não seriam compreendidos nem obedecidos se não correspondessem a uma ordem mais profunda, que a todos domina. Eles são escolhidos e elevados a seus postos tão-somente enquanto sentem, exprimem e obedecem os instintos da coletividade. Os grandes líderes foram meramente expoentes que personificaram a verdade do momento e executaram essa função coletiva, pois a Lei não abandona jamais os destinos dos povos ao

arbítrio de um homem. Não confundais a forma com a substância, que deveis habituar-vos a ver nos fenômenos históricos. Em cada manifestação, pesquisai sempre a ação sutil e substancial dos impulsos biológicos, que fazem de povos e de chefes um organismo único, dirigido para metas idênticas.

Entretanto, à proporção que a evolução ergue o homem cada vez mais para longe de suas origens animais, também eleva sua forma de luta. Aos três tipos de homens que estudamos, correspondem os três métodos de combater, que lembram os três níveis da substância: γ , β , α . Assim temos: *luta material*, na qual ocorre a supremacia brutal do mais forte, mesmo que ilícita e injusta; *luta nervosa e volitiva*, na qual existe a supremacia do poder da vontade, dos meios mecânicos e econômicos, mesmo que isto não constitua convicção nem vontade; *luta espiritual*, na qual o dinamismo físico-muscular e volitivo-nervoso, é dominado pela supremacia espiritual e conceptual, propriedade do super-homem, cuja luta, fundamentada na justiça, mobiliza o dinamismo das forças cósmicas. Neste sentido, ele é o mais poderoso, embora humanamente inerte. Lembrai-vos, porém, que, no alto, o arbítrio se anula e a desordem é rechaçada para baixo. Ah! Se soubésseis quanta harmonia reina nos planos mais elevados!

Sei muito bem que o homem de hoje só se eleva até ao segundo tipo de luta, sendo arriscado pedir-lhe antecipações imaturas e precipitadas do futuro. Existe uma lei de estabilidade no desenvolvimento do que é novo, sendo imprescindível secundá-la. Para se abandonar o velho, é preciso antes ter criado o novo. Depor os instintos de luta, mesmo na sua forma mais baixa, pode significar, para os povos de hoje, fraqueza e decadência. É necessário, antes, fazê-los superar a atual fase evolutiva, ensinando-lhes a conquistar instintos mais elevados. Como sempre, é preciso transformar o homem antes dos sistemas, a substância antes da forma, começando por alcançar a consciência da responsabilidade que o uso da força implica. O progresso não reside na renúncia à força – que pode ser fraqueza de impotentes – mas sim no domínio da força, que constitui consciência dos poderosos.

Deduz-se de tudo isso o quanto é impraticável, apesar das afirmações dos idealismos teóricos, um programa imediato de paz universal, se antes não se souber determinar as condições biológicas

necessárias à sua manutenção. A paz universal será obtida, mas deveis ter em mente que ela representa a construção de um imenso edifício. Para atingir o triunfo mais elevado, é indispensável, antes, amadurecer todas as conquistas que o condicionam. Só então essa paz não será utopia, porque o mundo e sua alma estarão transformados e amadurecidos. Os atuais idealismos pacifistas, que exprimem esta grande aspiração e indicam o seu caminho, são, biologicamente, conceitos recém-nascidos, pouco solidificados nos instintos, constituindo equilíbrios menos estabilizados, portanto prestes a cair ao primeiro choque. Todas as construções ideais, mesmo se codificadas, estão expostas a esse perigo de uma degradação que, à primeira sacudidela, reconduz os novos equilíbrios, por demais delicados, para níveis mais baixos, onde as estabilidades são mais simples, porém mais resistentes. Sempre pronto a ressurgir, tão logo desabe a superestrutura, está o substrato biológico das necessidades animais, para onde retrocede o equilíbrio muito arriscado, a fim de garantir a vida.

A escada da ascensão não se sobe senão degrau por degrau, solidificando antes as bases. Nada de fáceis voos pindáricos nem barulheiras retóricas. Para que a paz não seja utopia, mas sim um trabalho de aproximação áspero, tenaz e prático, é necessário, antes, o amadurecimento das condições biológicas e psíquicas. Já é muito ter o homem visto e compreendido, pela primeira vez na história do mundo, o absurdo lógico, moral e utilitário da guerra. Esse absurdo torna-se cada vez mais evidente, sendo a necessidade de repará-lo cada vez mais urgente. Concomitantemente, o progressivo aumento do morticínio causado pelos armamentos e o crescente peso econômico das guerras despertarão o interesse coletivo, que se rebelará contra tantos desperdícios. Aterrorizado pela possibilidade de destruições incalculáveis, o mundo se armará concordemente *apenas* contra quem, querendo perturbar a ordem, arrisque a destruição da civilização. Então a força sobreviverá somente como instrumento de justiça, passando a ser um fator de ordem, e não mais de desordem.

Esse mesmo reconhecimento de direitos e deveres já atingido nas relações entre cidadãos terá de ser alcançado também nas relações entre povos. *O direito internacional* está ainda em seus primeiros

alicerces. Como podem ser lícitos o homicídio e o furto na guerra, quando, dentro do país, são proibidos pelas leis? Isto demonstra que as relações entre povos ainda esperam um direito que as discipline, pois ainda estão no estado caótico da violência, na fase sublegal. A *ética internacional* é apenas recém-nascida, pois o eu maior coletivo, que é a consciência nacional, encontra-se na fase embrionária e ainda deve conquistar sua respectiva moral, com a qual venha exprimir a lei das coordenações nacionais. Com pouco tempo de existência, os organismos estatais estão apenas formados e ainda não sabem reordenar-se como células componentes do mais amplo organismo da humanidade. Assim como o indivíduo no estado de bárbaro, as nações também têm apenas a força, e não a lei, para defender suas vidas. As nações são indivíduos isolados que, no máximo, buscam agrupar-se em alianças, a fim de formar maiorias e, assim, obter proteção e equilíbrio de forças. Os povos vivem fora da lei e fora da ética, cuja criação será o trabalho das gerações futuras.

Com o progresso, as forças da ordem se unirão contra as forças da desordem; os povos rebeldes serão cercados e isolados, assim como dentro do país cerca-se e isola-se o delinquente, que representa um perigo social. Do embate de tantas guerras nascerá uma nova ética *internacional*, que a dor e o sangue ensinarão a gerar através de aperfeiçoamentos contínuos, pois a finalidade da luta e seu único resultado duradouro é a evolução dos conceitos diretores e a conquista de uma consciência coletiva mundial. Se já custou tanto esforço e tanta dor a construção do instinto da convivência social entre indivíduos, quanto maior esforço e dor não custará a construção desse instinto, muito mais complexo, de convivência internacional! Por isso nenhuma guerra acontece em vão; os povos se chocam para se conhecerem e se compreenderem; agridem-se, mas, através dos choques alternados entre vencedores e vencidos, aprendem a reconhecer, de todas as partes, o direito que qualquer povo tem à vida, não o direito de simplesmente sobreviver, dominado e oprimido, mas sim de viver coordenado na unidade maior para a qual todos convergem: a humanidade.

O instinto das massas se transformará em dinamismos igualmente viris, porém mais elevados, direcionados para produtividades mais benéficas e morais. Outras batalhas incruentas aguardam o homem na

formação de coalizões para defender as conquistas do espírito contra quaisquer atentados de degradação da estrutura social. Outras lutas, não de armas nem de povos, serão as do amanhã: lutas de ideias, a guerra santa do trabalho, a virilidade do dever, o esforço da construção de consciências. Os grandes inimigos serão o desconhecido, as forças da natureza, os baixos instintos a serem superados. O grande trabalho consistirá na direção das leis da vida e da ascensão humana. Somente assim, emergindo da eliminação da desordem, o homem conquistará nova potencialidade na ordem. Então, os mais fortes, os melhores, serão os mais justos. Da soma de tantos impulsos produtivos emergirão povos supremamente fortes e vitoriosos.

XCI. A LEI SOCIAL DO EVANGELHO

Permanecemos, até agora, nos campos subumano e humano das mais baixas criações biológicas, para focalizar melhor os pormenores de vossa atual fase. Porém, subindo ainda mais, veremos que, tal como a evolução individual alcança o nível do super-homem, a evolução coletiva também atinge a *lei social do Evangelho*. Esta lei, hoje, embora represente uma completa inversão dos sistemas humanos, surgindo como um absurdo aparentemente irrealizável, é, contudo, a meta suprema e a realidade do amanhã. Nela, todos os problemas da convivência são radicalmente resolvidos por um conceito simples: “Ama teu próximo como a ti mesmo”. Trata-se da perfeição, sendo a lei de quem chegou e o sonho de quem está a caminho para chegar. Mas o percurso é longo e difícil, razão pela qual a temos visto, em sua realidade, como uma conquista efetuada através de áspero esforço, porquanto, mais do que um fácil sonho para quem ignora as resistências da vida, constitui verdadeiramente uma lenta realização. No Evangelho, todas as divergências se harmonizam e todos os estridores se abrandam numa paz substancial, num equilíbrio mais estável, que aprofunda suas raízes no coração do homem. Eis a meta da evolução coletiva, o reino do super-homem, a ética universal na qual a humanidade encontrará a coordenação de todas as suas energias: o Evangelho, que colocamos no ápice da evolução das leis da vida.

A distância que separa vossa atual vida desse vértice é imensa. Todos os vossos atos e pensamentos estão permeados de luta, fazendo-vos perceber quão distante está o Evangelho, porém, justamente por serem luta, são também caminho de conquista. Dessa maneira, eles constituem a demolição da própria luta, levando a uma progressiva aproximação do Evangelho, que, por ser um nível diferente, significa um completo deslocamento do ponto de vista das coisas. Os próprios acontecimentos humanos, quando observados de planos diferentes, assumem valores diferentes. É a visão longínqua e global da alma que conquistou a bondade e o conhecimento. Essas normas, que correspondem a uma amplitude muito mais vasta do ângulo de visão, parecem-vos irrealizáveis. Isto acontece porque o

Evangelho somente pode ser alcançado por sucessivas aproximações. Devido à sua elevação, ele permanece inacessível, quando apresentado de súbito ao homem atual, que, por certo, não o compreende nem o pratica. No entanto, se olhades para mais longe, aprofundando-vos na essência da vida, penetrando mais fundo na ciência e seguindo em frente, então o Evangelho surgirá por si mesmo.

Vosso mundo é aquele visto da Terra; o Evangelho é o mundo visto do céu. O absurdo reside em vossa involução. No Evangelho movem-se as forças do infinito; a justiça é automática, perfeita, substancial; a coordenação social é completa; o ser move-se em paz com a harmonia do universo. Aí, não é mais necessário ser forte, basta ser justo, pois força, luta e egoísmo eliminaram-se a si mesmos no diuturno esforço das ascensões humanas. Aí, finalmente, vos movereis no seio da grande lei, pois as reações da dor terão sido reabsorvidas e o mal estará vencido. Este é o reino do homem transformado em anjo e santo.

Torna-se possível então a lei do perdão, porque o espírito sente e movimentava outras forças, diferentes daquela proporcionada pelos vossos pobres braços. Essas forças acodem em defesa do justo, ainda que ele seja um inerte. É a lei da justiça, que fala em vossa consciência, exprimindo-se através dos movimentos da alma humana. Então aquele que parece vencido pela vida torna-se um gigante. Esta lei simples, mas substancial, que constrói o homem, governando-lhe os atos através de íntimas motivações, resolve tudo onde vossos confusos sistemas de controle e de sanções nada resolvem. No Evangelho, o caminho das virtudes está todo traçado; sua lógica sublime leva a uma seleção de super-homens, enquanto a lógica de vossa luta cotidiana conduz a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam tudo num desperdício de atritos inúteis. Por onde passam o Evangelho e seu amor, nasce uma flor; por onde passais vós, toda flor morre e um espinho nasce. O Evangelho é lei paradisíaca transplantada para o inferno terrestre, e somente os anjos no exílio sabem viver, aí embaixo, a lei divina ditada pelo Cristo sobre a cruz.

Em vosso mundo, quem renuncia à agressão em sua defesa e

oferece a outra face, quem renuncia a enfiar as garras na carne alheia, a fim de tirar vantagens para si, e não quer, por princípio, colher à força todos os infinitos gozos da vida, fica oprimido, sendo um vencido e fora da lei, um expulso, um desvalorizado que se anula. Tal tipo, quando olhado pelo reino da força, é considerado um inerte, indefeso, ridículo. No entanto, nessa derrota, nessa fraqueza aparente, reside o mistério de uma força maior, que chega troando de longe, despertando nas profundezas da alma o pressentimento de realizações mais amplas. O vencedor, no exato momento da vitória, tem a sensação de uma derrota. O vencido olha do alto, como um vencedor, e, de fato, a vitória é sua, pois ele descobriu e viveu formas mais altas de vida.

O homem emudece e se desorienta diante desse estranho ser que, parecendo pertencer a outro mundo, proclama sem armas uma nova e extraordinária lei. Ele sente que, apesar de ter razão em seu ambiente, existe outro mundo, no qual tudo se inverte, onde o vencido da Terra pode ser um vencedor e o vencedor da Terra, um vencido. Um abismo o separa deste ser superior, que perdoa a quem o agride, que é um justo e sabe sofrer, que está aí, convosco, para vos mostrar com sua própria vida o objetivo já realizado, indicando-vos o caminho, a fim de seguirdes seu exemplo rumo à realização da mais alta e fecunda lei social: o amor evangélico.

XCII. O PROBLEMA ECONÔMICO

Vossa ciência econômica acredita justificar-se – como se partisse de um originário princípio de justiça – afirmando, com sua *premissa hedonística*, a presença de um tipo abstrato de *homo economicus*, como se, na realidade, um aspecto pudesse ser isolado do outro e cada fenômeno não estivesse vinculado a todos os fenômenos na lei universal. Vossas ciências sociais se baseiam confortavelmente em qualquer mentira cômoda. Melhor seria enfrentardes a verdade, dizendo que, quase sempre, o homem, não apenas como uma hipótese econômica mas também na realidade, é um *perfeito hedonista*, como consequência da aplicação da sua natureza egoísta no campo dos negócios; que o *do ut des* não é um equilíbrio de direitos, mas sim uma avaliação de forças para um mútuo estrangulamento. Declarai a impotência da maioria para compreender uma aproximação, ainda que mínima, do amor evangélico, admitindo que o homem é uma fera envernizada de civilização, e tereis então as bases reais do fenômeno econômico. Reconheceí, também, que a ciência cujo campo estuda este fenômeno é a codificação do egoísmo: o instinto mais desagregador do complexo social.

A premissa hedonística é por excelência um princípio *anticolaboracionista*, constituindo um fator desagregante que o edifício econômico carrega consigo, como insanável vício de origem, e que sempre reaparece nos momentos de crise. Egoísmo de capital, egoísmo de trabalho, egoísmo de produtor e egoísmo de consumidor; egoísmo individual, de classe e de nação (sistema protecionista); coalizão e organização de egoísmos, mas sempre egoísmo! Lançam-se então no livre regime de trocas as mercadorias, a riqueza e o trabalho, que são atraídos ou subjugados por essa grande força, embora ela seja ilógica e contrarie as supremas exigências das ascensões humanas. No entanto a meta inderrogável é ascender, que constitui a elevada ética à qual *todas* as funções sociais devem subordinar-se como finalidade única da evolução. Mas o egoísmo é, pelo contrário, o germe da destruição, significando luta, atrito e dispersão; é um enorme fardo a ser arrastado, que, sendo o ponto fraco do mecanismo, o torna imperfeito e ameaça-lhe o

funcionamento, fazendo-o avançar qual cego entre choques e reações. Para quantas dores haveria fácil remédio, se cada um amasse ao próximo como a si mesmo!

O fenômeno econômico, apesar de ser expressão da lei do menor esforço, assume sempre a forma de coação. O equilíbrio entre oferta e procura resulta de uma luta na qual a oferta de uma mercadoria é apenas a exigência de um preço, sendo tudo movido pela própria necessidade, e não pela consciência das necessidades recíprocas. Trata-se de um sistema cheio de atritos, sobrecarregado pelo peso do egoísmo e apoiado num frágil equilíbrio de forças antagônicas que intentam eliminar-se. Não era possível deixar de encontrar, mesmo neste campo, outra manifestação da lei universal e de constatar novamente seus equilíbrios. Assim, diante do princípio do “*do ut des*”, sob o regime da procura e da oferta, o egoísmo caminha triunfante, seguindo a lei do menor esforço em direção a equilíbrios móveis, porém matematicamente exatos, os quais, embora possam ser calculados por vós, conservam sempre a marca de sua premissa original: o egoísmo demolidor. O instinto hedonista, em sua inconsciência de todos os outros valores sociais, caminha pisando em todos eles, contanto que se realize a si mesmo. Trata-se de uma força primitiva e brutal, que, embora seja em vosso nível um impulso de criação, também constitui princípio de destruição, pelo qual sofreis infinitas crises e reveses.

Mas a evolução, fenômeno universal, tinha de funcionar também neste campo, através da gradual eliminação do princípio hedonístico, com cerceamentos, limitações e elevações progressivas, até abranger em seu âmbito os interesses de ordem geral. Encontramos por toda a parte o mesmo processo ascensional, pelo qual a força tende à justiça, o egoísmo ao altruísmo, a guerra à paz, o mal ao bem. Na evolução não se pode isolar um campo do outro. Todos os fenômenos sociais devem ser concebidos e fundidos numa ética superior. O conceito hedonístico, colocado como base das ciências econômicas, é filho do agnosticismo de outros tempos, já agora superados. Se, num primeiro momento, o perfeito equilíbrio da balança – *do ut des* – é o máximo de justiça que a psicologia das permutas pode conter, nos momentos superiores o progresso impõe a introdução do fator moral no fenômeno econômico, em proporção

cada vez maior. Para este resultado, tal como na evolução do egoísmo, sereis conduzidos pelo mesmo cálculo utilitário no qual se exprime a lei do menor esforço, pois a luta é repleta de atritos, que implicam uma enorme dispersão de energia, sendo, portanto, vantagem suprimi-los.

A riqueza, em vosso mundo atual, raramente segue a estrada do bem; não é um meio para conquistas mais altas, e sim um fim para gozos que premiam as aptidões mais rapaces e antissociais. Atenção, porém, porque essa psicologia é supremamente demolidora, mesmo no campo do utilitarismo individual (inconsciência coletiva), oposto ao do colaboracionismo (consciência coletiva). Quando um fenômeno nasce envenenado por impulsos negativos, estes mesmos impulsos, indestrutíveis como todas as forças, acompanham-no e o corroem até à sua destruição. Quando um ato, no momento decisivo do nascimento, está infeccionado pelo germe da desonestidade, ele se arrastará como um enfermo, corroído por dentro, até que a desagregação interna o resolva com a morte. Eis porque o vosso mundo econômico, apoiado sobre esses equilíbrios instáveis e fictícios, está cheio de crises inevitáveis, sem remédio. A solução não se encontra na criação de uma grei de irresponsáveis que nada possuam, sustentados pelo Estado, mas na criação de uma sociedade de responsáveis, que saiba manejar conscientemente a grande força econômica. Não proponho uma mutilação, mas sim um aumento de consciência, de poder, de liberdade, de confiança, de responsabilidade. O homem não deve anular, mas sim aprender a manejar as forças da vida; deve correr livremente o risco de errar, para que, ao sofrer as consequências, possa corrigir-se; deve bater a cabeça, para aprender a não batê-la mais. À força de crises, derrocadas e desastres financeiros, ele aprenderá que o negócio mais estável, mais sábio e mais lucrativo é a honestidade; que a posição mais utilitária é a aquela na qual se leva em conta o interesse de todos, fundindo-se no organismo coletivo econômico, ao invés de se isolar dele. Estas são leis da vida, e não utopias.

Na direção desta renovação só pode estar o órgão máximo da consciência coletiva: o Estado. Compete à autoridade central do Estado, como personificação integral da ética humana, inocular no fenômeno econômico doses cada vez mais enérgicas do fator moral,

estabelecendo constrições e correções que purifiquem a atividade econômica e a riqueza, para canalizá-las em direção a objetivos mais elevados. Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais elevado no fenômeno econômico, dirigindo, interna e externamente, o árduo equilíbrio das permutas para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas sim unificação de egoísmos; não apenas coordenação, mas sim fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica que, de modo diferente da atual, tenha consciência da Lei, em vez de apenas suportá-la, *deve se erguer sobre bases colaboracionistas, e não hedonísticas*. Numa sociedade mais adiantada, a fase ética e utilitária é dada pela *cooperação*, sendo esta a revolução econômica fundamental que, neste campo, vossa atual maturação biológica exige. Contudo os sistemas que hodiernamente dominam no mundo levam a uma seleção às avessas, onde vence o mais astuto e desonesto, e não o honesto, que é eliminado. A sociedade não exalta o homem que dá, porque esse fica pobre, mas o homem que se apodera e acumula, porque esse fica rico. No entanto o primeiro dá aos outros o que é seu, e o segundo tira para si o que é dos outros. Este último somente poderá justificar-se realizando sua função de conservar e fecundar a riqueza com seu trabalho.

Em vosso mundo, os melhores estão ocultos, porque, sendo sensíveis e modestos, estão endereçados para outras metas, não tendo as qualidades agressivas que condicionam o sucesso, enquanto os ambiciosos, ao invés, sendo ávidos e sem escrúpulos, sabem pisotear tudo para consegui-lo. O que brilha em vosso mundo raramente coincide com os valores intrínsecos; o triunfo econômico muito rápido só pode significar ausência de honestidade. Ainda vos moveis no nível da *força econômica* (princípio hedonístico), e não no da *justiça econômica* (colaboracionismo). Qualquer crise no regime hedonístico tem que descer até ao fundo, só podendo parar por saturação, sendo que seu reerguimento apenas ocorre por uma reação natural do próprio fenômeno, depois de haver sido esgotado o impulso, pois não possui as capacidades compensadoras do regime colaboracionista.

Em vosso mundo não há proporção entre *trabalho e lucro*; o furto é autorizado na especulação; os parasitismos são inevitáveis como

consequência direta da premissa hedonística. O princípio do “*do ut des*” gera uma luta para tirar o máximo e dar o mínimo. Ele não só é o precedente da luta, mas também implica toda a psicologia do furto, maculando todo o mundo econômico e fazendo nele brilhar o egoísmo em lugar da justiça. Se o ponto de partida é a motivação hedonística, a vontade estará toda voltada para a exclusiva vantagem individual, à qual só se renuncia quando constrangido pela vontade alheia, que está voltada para outra vantagem individual. Sendo apenas um desejo de dinheiro, oculto totalmente pela mentira, vossa oferta não visa o interesse do consumidor, mas sim o egoísmo do produtor. Eis a razão pela qual vosso edifício econômico é torturado e desgastado por esse constante atrito da exploração, que destrói a segurança e a confiança, onde se apoiam as bases desse edifício. Por isso o mundo econômico não é um organismo de justiça, mas sim um campo de impiedosas competições.

Não existe proporção entre *valor e preço*. Este, na maioria das vezes, não corresponde ao custo da produção, e sim à maior ou menor capacidade que apresenta de suportar o peso da exploração. É verdade, porém, que o esfaimado poder da procura gera imediatamente a superprodução e equilibra-se com a oferta, mas esse equilíbrio espontâneo é, com frequência, ultrapassado pelo desequilíbrio originário do egoísmo, sempre voltado para reassumir a vantagem, tão logo possa. Além disso, não há quem deixe de ver que o aumento de preço, com base no simples fato de uma procura intensa e uma oferta escassa, esteja distante da justiça, especialmente quando o consumidor se acha em condição de necessidade e a penúria seja causada pela açambarcação.

Os bens, na Terra, não seguem o caminho da necessidade. A riqueza é atraída pela riqueza e foge da pobreza, constituindo frequentemente um mal na vida social, ao invés de uma ajuda. A psicologia hedonística carrega o dinheiro para onde este não serve, afastando-o de onde poderia aliviar uma dor ou proteger uma vida. Todos fogem do fraco e do vencido, que, tão logo manifeste fraqueza, vê tudo ocorrer no sentido de agravá-la e empurrá-lo para o abismo da ruína. Para vós, a necessidade do próprio semelhante constitui um valor econômico nulo, enquanto tem grande valor a confiança inspirada por uma sólida riqueza, razão pela qual esta

difficilmente constitui um meio de vida e de melhoria – que deveria ser sua principal função – para transformar-se, por vezes, até em meio de opressão, absorvendo e destruindo, em vez de fecundar e soerguer a vida. Essa hipertrofia do egoísmo constitui o mal que onera vosso mundo econômico e o ameaça. É ilógica e prejudicial essa canalização da riqueza para a riqueza, ao invés de sê-lo para a pobreza; essa ânsia levada ao ponto de agigantar desigualdades, que são a base dos desequilíbrios sociais e morais; essa tendência à concentração, quando a saúde está na descentralização.

Em vosso mundo não existe acordo entre capital e trabalho. Esses dois extremos do campo econômico deveriam estender-se as mãos como irmãos. Torna-se inútil a imposição de leis e sistemas, pois o capital está contaminado em suas origens pela desonestidade, que o tornará infecundo; cada remédio e cada controle ficam apenas na superfície, pois na alma não existe a consciência da função social do capital, que, embora seja a destilação do produto do trabalho, torna-se então um meio de opressão. Para superar os conflitos que oneram a humanidade neste campo, é necessário também superar *a inconsciência egoísta*, elevando-a até à *consciência colaboracionista*. Os dois polos, capital e trabalho – como todos os contrários – são complementares, existindo para completarem-se, porque cada um deles, sozinho, não se sustenta; são feitos para unirem-se e fecundarem-se mutuamente, numa corrente de permutas contínuas, que devem ser também amplexos de espíritos. Somente na união das duas forças podem combinar-se praticamente os impulsos da balança econômica. A única razão substancial que justifica vossas lutas é o fato de constituírem elas um meio para chegar à compreensão, porquanto neste campo, assim como em qualquer outro, a evolução é irrefreável.

XCIII. A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA

Diante destas minhas concepções, vereis o absurdo que representam vossas utopias de *nivelamentos econômicos*. A distribuição dos bens na Terra não é, como acreditais, efeito das leis, instituições ou sistemas, mas sim consequência do tipo individual e da linha de seu destino, que constituem um fato primordial e indestrutível. Os equilíbrios da vida são feitos de desigualdades que, em vista das naturezas diversas, correspondem à justiça, mesmo havendo diferentes posições. É absurdo pretender um nivelamento de unidades substancialmente desiguais, o qual, mesmo sendo imposto à força, seria destruído pela natureza dos indivíduos em pouco tempo. O único comunismo substancial, existente de fato, é aquele que une todos os fenômenos, vincula todas as ações e irmana a todos, arrastando tudo dentro da mesma lei, na mesma correnteza, sem possibilidade de isolamento. Trata-se de uma comunidade substancial de deveres, de trabalho e de responsabilidades, apesar das inevitáveis diferenças de nível, que exprimem a diversidade de tipos e de valores. São liames férreos, pelos quais sois todos encadeados igualmente, mesmo que, por vossa vontade, sejam de rivalidades e de ódio, ao invés de bondade e de amor.

Mais sábios que vossos sistemas mecânicos de nivelamento social, os princípios da vida conseguem o equilíbrio por meio da desigualdade, porque, em vez da equiparação num tipo único, tendem a produzir a diferenciação, para depois reorganizar as diversas especializações em organismos coletivos. A diferença de posições sociais significa simplesmente divisão de trabalho conforme as diferentes capacidades, sendo esta diferenciação tanto mais acentuada em sua heterogeneidade de posições, quanto mais complexo e evoluído for o organismo social. Numa coletividade adiantada, cada indivíduo e cada classe permanece tranquilamente em seu lugar, sem coações, tal como as células e os órgãos num corpo animal. As irrequietudes são características das sociedades inferiores em formação.

É imprescindível ter em mente, na construção dos coletivismos humanos, que a natureza não constrói os homens por meio de

máquina e que, portanto, não se podem dividir as falanges humanas por tipos em série. Ao contrário, a natureza cria tipos complementares, reciprocamente necessários. As diferenças são feitas para que eles se compreendam e se compensem, unindo-se, a fim de se completarem em seus pontos fracos e se combinarem organicamente. Assim, por complementaridade e balanceamento entre opostos, pela via lógica e utilitária do menor esforço, a Lei guia irresistivelmente à fraternidade humana. O nivelamento poderá forjar um rebanho, jamais uma sociedade. O erro fundamental consiste em acreditar que todos os indivíduos são iguais como valor e destino; em não compreender o mistério da personalidade e a finalidade da vida do homem; em permanecer no exterior, acreditando que só possa haver justiça na igualdade de superfície, quando a vida alcança uma justiça mais complexa e profunda na desigualdade. O princípio da equiparação poderá ser um programa de enriquecimento, executado pelas classes menos favorecidas por meio da espoliação a favor de si mesmas, ou até mesmo, se for adaptado e moderado, um programa sadio de ascensão econômica, mas, como princípio, constituirá sempre um absurdo, pois não corresponde à realidade biológica. A igualdade, exceto numa condição meramente exterior e forçada, é absurda num universo livre, onde não existem duas formas idênticas. Uma vez que a evolução criou valores absolutamente diferentes e que tanto os caminhos percorridos como os esforços executados são diferentes, constitui uma justiça evidente o fato de cada posição social exprimir exatamente o valor e a natureza correspondente ao ser.

Compreendi a essência da vida e vereis uma realidade mais profunda, onde tudo é sempre justo. Não confundais igualdade com justiça e não acrediteis que a vida deva esperar os vossos nivelamentos exteriores, para realizar na eternidade seus justos equilíbrios. Tudo é justo, compensado e equilibrado há muito tempo. Considerais as altas posições sociais como as melhores, mas vosso espírito de igualdade é muitas vezes inveja que deseja apoderar-se do bem-estar alheio. Deveis compreender que o equilíbrio de uma posição econômica e social é, como na física, tanto mais estável quanto mais baixo se encontrar, quanto mais próximo estiver do nível mínimo da sociedade na qual se situa. É contra os cumes que as

tempestades investem. Não invejeis esses grandes perigos de quedas maiores. Quanto mais elevada é uma posição social, mais insegura e vulnerável ela se torna, mais dificuldade impõe para a sua defesa e mais facilmente tende a cair, exigindo a presença de um valor intrínseco que a sustente através de um esforço contínuo.

Observai como a Lei, na sua tendência de reconduzir para o centro as posições extremas, já possui o princípio do nivelamento econômico. É a *lei de nivelamento automático de todas as aristocracias*, fato evidente na história. Como sempre, mesmo no mundo econômico e social, age no âmago dos fenômenos, além das aparências, uma lei que lhes dirige o equilíbrio. Há sempre uma justiça substancial, da qual não se escapa; uma justiça individual, exata, inviolável e automática, que não se alcança cobrindo-se a natureza das coisas com grandes capas de legalidade, mas sim através de um espontâneo equilíbrio da Lei. Acima da injustiça estampada nas formas há sempre, na distribuição das alegrias e dores humanas, uma justiça de substância, que, sendo determinada unicamente pela lei do próprio destino, nenhum código humano pode modificar.

Não invejeis os ricos, porque essa riqueza pode ser uma prova, uma condenação, uma condição de ruína. Observai como, por uma lei psicológica, tudo que se ganha sem esforço é, por isso mesmo, destinado à dispersão, pois, não tendo custado esforço, não é apreciado nem defendido. A hereditariedade da riqueza é uma fábrica de ineptos, constituindo na verdade um processo de autoeliminação da própria riqueza. Tudo que é herdado, mesmo se protegido pelas leis, tende *automaticamente à dissolução*, estando a riqueza sujeita a uma decadência que nenhuma barreira social ou legal poderá jamais impedir. As leis da vida, embora trabalhando subterraneamente e em silêncio, atuam constantemente e, por isso, quebram qualquer defesa social que, sendo peso morto e superposição inerte, não esteja movida por um impulso íntimo, capaz de fazê-la viver e agir em todos os instantes, para fins determinados. Enquanto isso, debruçam-se ao redor outros esfaimados, muito mais bem treinados para o trabalho; indiferentes às ilusórias adulações que a riqueza granjeia; desembaraçados da paralisia imposta pela educação mais refinada; aguçados em sua astúcia e ímpeto pelo desejo jamais saciado;

impulsionados, com todas as forças, pela necessidade à conquista e, portanto, destinados a vencer na luta desigual.

Assim, substituo o vosso *conceito de propriedade*, meramente jurídico e superficial, pelo conceito mais profundo de *propriedade substancial*: a única que se estabelece como direito no próprio destino. Se vos colocardes na realidade dos fenômenos, cuja substância constitui sempre um devenir, vereis que não é possível possuir as coisas em sentido estático, mas apenas na trajetória de seu transformismo. Assim como vós, tudo constitui um devenir, razão pela qual esse contato duradouro, denominado posse, só é possível pela ação de uma *força constante* que mantenha vinculados os dois transformismos. Nesse oceano de dinamismos, a propriedade é, no máximo, um usufruto, que a morte ou qualquer reviravolta pode sempre interromper. Por isso não são possíveis propriedade ou posse em sentido jurídico, mediante a construção de defesas e barreiras legais. Somente é possível possuir a causa desse mecanismo de efeitos, ou seja, o poder do domínio sobre as coisas, condições estas dadas não pelos reconhecimentos jurídicos exteriores, mas sim *pela aquisição de qualidades, merecimentos e direitos inerentes à própria personalidade*. Acima de vossas formas sociais, o que as justifica e, sobretudo, as mantém vivas *é a ação constante desse impulso, dado por uma capacidade intrínseca, preparada e fixada no destino, única base do direito*. De fato, no justo equilíbrio da Lei, tão logo cesse o impulso dessa causa, cessa também o respectivo direito, levando à ruína do edifício dos efeitos e, apesar de todas as defesas, à pulverização da construção jurídica. Essa propriedade substancial, que é a única correspondente a uma característica da personalidade, está escrita no destino, como um impulso enxertado no equilíbrio de suas forças, somente podendo resistir e se manter enquanto esse impulso resistir e se manter.

O princípio hedonístico vos enclausura em tal estado de miopia psíquica, que vos faz acreditar no absurdo da possibilidade de conseguir riquezas por atalhos que excluam o esforço do trabalho. Ora, olhando de frente as mais profundas leis do mundo econômico, encontrareis um princípio de equilíbrio que impõe uma *relação férrea entre esforço e prazer*. Assim, apesar de todas as tentativas de fraudar a Lei, a verdadeira alegria só é prêmio do trabalho honesto.

De modo semelhante a um ser vivo, a riqueza traz gravada em si, como um tipo de *natureza própria*, a *marca indelével* das características com que foi gerada e desejada, as quais, dando-lhe um impulso, uma trajetória e uma direção exatas, irão acompanhá-la sempre, sustentando-a e guiando-a em todos os passos. Também ela é um feixe de impulsos causais, que, contendo seus inexoráveis efeitos, irá cedo ou tarde manifestá-los em atos. A riqueza, se nascida do mal, traz o mal e, se nascida do bem, traz o bem.

Acreditais que a riqueza seja uma qualidade homogênea, igual em toda parte. É preciso, no entanto, completar esse conceito econômico com outros fatores, que sempre estão nele incluídos. Ela é uma força em movimento, cuja forma se manifestará do mesmo modo como tiver sido definida no momento de sua gênese. Há, por isso, diferença entre riqueza e riqueza. O lucro obtido no mal não trará vantagens, mas sim prejuízos. Há dinheiro que não pode trazer satisfação, razão pela qual sua posse não significa lucro nem riqueza, mas sim perda e pobreza, pois ele foi substancialmente impregnado de qualidades negativas, tornando-se uma força de destruição. O vício de origem dessa riqueza não se apaga e irá levá-la à ruína, até que ele mesmo desapareça por esgotamento da causa, pois o mal é negação e, antes de tudo, nega a si mesmo, até à sua total autoeliminação. Este é o dinheiro maldito, que, tal como aquele usado para pagar o campo de Haceldama, só traz maldição a quem o possui.

Esses meus pontos de vista interiores iluminam diferentemente todo o fenômeno econômico e, mostrando-vos realidades mais profundas, relegam ao absurdo vossos conceitos mais comuns neste campo, os quais somente aceitais por ignorardes as leis substanciais da vida. Assim, na ingenuidade de vossa época, acreditais que seja supérfluo atentar muito para as sutilezas do modo pelo qual a riqueza é acumulada, pois considerais que qualquer meio seja válido. No entanto, dessa maneira, são levemente semeados no âmago do próprio capital os germes da sua destruição. Falo nos termos de uma moral científica, exata e utilitária, a qual é, portanto, necessária até para o ladrão, cuja ingenuidade o faz pensar que o furto possa trazer utilidade. Ora, é pueril e inútil o esforço de fraudar a pobre lei humana, porquanto não é possível alterar a íntima lei dos fenômenos, intrínseca a eles, que misteriosa e poderosamente vigia e ressurge a

todo o momento. Pelos atalhos da usurpação só se pode obter como resultado a devida reação da Lei. Alegrem-se os sedentos de justiça que sofrem diante das injustiças humanas, pois há um equilíbrio profundo do qual o malvado, embora triunfe momentaneamente, jamais conseguirá escapar. Porém tremei vós, a quem a injustiça de um instante haja favorecido, porque chorareis um dia, esmagados pelas consequências de vossas ações, que nenhum tempo poderá destruir e que vos acompanharão por toda parte. O imponderável, embora não o percebais, fatalmente vos alcançará, para vos golpear. O dinheiro mal ganho é um prego envenenado que se cravará em vossas mãos. Nada rende tanto quanto a exploração do sangue humano, e o mundo está repleto do dinheiro de Judas, do dinheiro que, mergulhado em traições, como verdadeiro esterco do diabo, vos sufocará, abrindo a terra sob vossos pés, para vos tragar. É contra esse dinheiro que se levanta a maldição de Deus, e não contra aquele que é justa recompensa do trabalho.

XCIV. DA FASE HEDONÍSTICA À FASE COLABORACIONISTA

Como vedes, enfrento todos os problemas econômicos subindo até às suas fontes, que estão na alma humana. A solução é radical, substancial e, acima de tudo, muito simples. Mesmo no campo econômico, olhamos nas profundezas, além da forma, atingindo a substância. Substituí *a premissa hedonística pela premissa colaboracionista*, elevando o mínimo ético das ciências econômicas e dando-lhes um conteúdo moral. Coloquei assim o fenômeno econômico em um nível imensamente mais alto, mostrando-vos, sobretudo, sua evolução e sua forma futura. Indiquei-vos o caminho para ultrapassar *a velha economia hedonística*, lançando as bases da *nova economia colaboracionista*, a partir de teoremas apresentados de maneira totalmente diversa, que deveis desenvolver. Enquanto a base hedonística mergulha suas raízes na involução subumana, a fase colaboracionista realiza uma decidida aproximação da perfeição evangélica. Como em todos os campos que já percorremos, não podíamos deixar de encontrar, também no campo econômico, as duas leis consecutivas entre as quais oscila a maturação biológica humana. Duas leis sucessivas que provam a evolução em todos os campos: evolução através do trabalho, da renúncia, da dor e do amor, levando da força ao direito, do egoísmo ao altruísmo, da guerra à paz, da concorrência ao colaboracionismo, da fera ao homem e ao super-homem, da desordem à ordem e à justiça do Evangelho, do mal ao bem.

Vossa supercultura torna o fenômeno econômico um problema complexo, acessível apenas aos técnicos, que nada resolvem, enquanto as crises se sucedem como verdadeiros furacões econômicos, varrendo tudo em sua passagem. Eu vos falo simplesmente da Lei, da ordem universal, de *uma ordem ética com a qual é necessário harmonizar esta ordem econômica menor*. Sabeis avaliar este campo da ciência com exatidão matemática, que vos revela não só toda a fisionomia do fenômeno, mas também a face interior de sua manifestação e de seu devenir, porém, mesmo assim, vossa análise o considera um fenômeno isolado, embora ele, em sua

sensibilidade, sofra repercussões provenientes de impulsos morais e psicológicos que vos escapam. Reconduzo tudo a uma atitude de espírito e chego às raízes, que se encontram no campo das motivações. Como pretender outro resultado no mundo econômico, se em sua base reside o egoísmo, que é um princípio de destruição; se todas as ações estão permeadas pelo egoísmo, que as acompanha como mal de origem, minando todo o edifício econômico nos alicerces? Experimentam-se todos os mais complexos sistemas, tentando-se mudar tudo, mas o egoísmo humano, que é a substância das coisas, permanece intacto. Não é possível construir com semelhantes materiais. Enquanto o homem for o que é, incapaz de passar da fase hedonística para a fase colaboracionista, qualquer cogitação de sistemas distributivos será inútil. *É indispensável formar o homem antes dos programas sociais, que somente devem ser feitos para formar o homem.* É preciso transformar o problema econômico em problema ético.

Se o “*do ut des*” é uma necessidade psicológica do mundo humano, se a necessidade é o único meio para obter trabalho de um indivíduo, se a inconsciência ignora a função social da atividade econômica e se a grande máquina só pode mover-se por meio da mola hedonística, então contentai-vos com os resultados obtidos, pois são os únicos que esse sistema pode proporcionar. Podeis considerar inúteis minhas palavras, mas eu vos digo que vosso sofrimento não é inútil, porquanto vossa psicologia, tornando-se mais sensível, um dia compreenderá a enorme vantagem de se libertar desse contínuo desperdício do esforço coletivo na demolição recíproca e reagirá, restando o egoísmo, até superá-lo e transmutá-lo em fraterna colaboração. Contentai-vos hoje com a realização da máxima justiça permitida pelo sistema, dada pelo equilíbrio da balança do egoísmo através da compensação entre o dar e o receber. Permanece, contudo, o fato de tal condição somente poder produzir trabalhos de ordem inferior, sendo que, tão logo entreis no campo da utilização de préstimos, no qual a função coletiva é substancial, tal sistema não se sustenta, pois o atual mínimo ético do mundo econômico é demasiado baixo para sustentá-lo.

Existem na sociedade humana *funções supereconômicas* que, na verdade, estão inseridas no campo econômico hedonístico, sendo

substancialmente compreendidas apenas neste aspecto, embora seu conteúdo moral devesse ser preponderante. Imaginai que degradação sofre o princípio da função social, quando reduzido às estreitas limitações da psicologia hedonística. Há funções econômicas de conteúdo moral, constituindo verdadeiras funções sociais, que sofrem um constante processo de degradação, por serem limitadas apenas à lei da oferta e da procura. É imprescindível atribuir essas formas de atividade ao Estado, que é o único organismo ético ao qual cabe a tarefa de elevá-las à condição de função, impondo o fator moral.

Falo-vos do problema da distribuição da riqueza como de um problema de destinos. Reduzo as tentativas violentas de nivelamento econômico a uma mentira do pobre, que desejaria usurpar a posição do rico, e digo ao primeiro: se a riqueza pode ter sido um furto, isto não é razão para roubá-la novamente. Resolvo assim o problema, não dando razão ao pobre que agride, mas dizendo ao rico: ai de ti se não cumprires o primordial dever de levar em conta o interesse de todos no usufruto dos bens que te foram concedidos; ai de ti se não souberes descer até ao pobre e dar-lhe o que te sobra. Ai de quem hoje goza, porque certamente não lucrará na eternidade: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico salvar-se”. Isto porque o equilíbrio não é alcançado mediante usurpações recíprocas, mas sim pela compreensão das mútuas necessidades. O progresso reside na concórdia e na cooperação. Ai de quem se torna instrumento de involução! A riqueza é uma corrente que deve circular, passando pelas mãos de todos, para o bem comum. A beneficência não deve ser uma exibição, que cava abismos de ódio, mas sim uma doação de alma, que eleva o sentimento; um ato de bondade, que irmana os espíritos; uma doação moral, que enriquece de bens eternos.

Mostrando-vos a essência da Lei, destruí a ideia pueril de que a riqueza constitua garantia de felicidade. Como se a posse de bens pudesse mudar o destino humano! Como se a igualdade das riquezas pudesse gerar igualdade de destinos! Como se os sistemas distributivos, que, na verdade, apenas levam a ilusões e a novos furtos, pudessem corrigir a justiça divina! A felicidade é um equilíbrio interior de forças eternas, enquanto a riqueza é uma superposição exterior e momentânea, que, não sendo uma qualidade

de alma, é absolutamente incapaz de fechar as portas à dor. Demonstro-vos que a riqueza não é, como vos parece, um privilégio, mas sim uma prova e até mesmo, por vezes, um castigo, sendo, em qualquer caso, sempre um dever e uma responsabilidade. O hábito de se satisfazer enfraquece a satisfação; a inércia favorece o atrofiamiento e abre as portas ao desmoronamento. Mesmo neste campo, impera a lei do equilíbrio, porque os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

XCV. A EVOLUÇÃO DA LUTA

Mostrei-vos, também no campo econômico, o caminho das ascensões humanas. Se uma máquina econômica que funciona em torno de um fulcro hedonístico é a vossa presente lei, ela aí está para demonstrar o atual nível humano, feito de luta para a conquista dos bens, em quantidades limitadas e inferiores à necessidade; de luta contínua em todos os campos, a fim de realizar o esforço necessário para evoluir, condição para conquistas e superações através da construção de mais perfeitas estruturas econômicas. Também aqui, a luta tende para psiquismos mais evidentes e, embora possa parecer torturante e tormentosa, se ela existe, é justa, como tudo o que existe. Ela *exprime o homem*, sendo o máximo de justiça que ele pode hoje realizar, mas impelindo-o para frente. Se, com o hábito, cada nova alegria alcançada tende a extinguir-se, então a demolição de toda conquista de felicidade é automática, pois tudo se reduz à criação de novas necessidades. Se, para a insaciabilidade da alma, que é uma fonte inesgotável de desejos, a alegria constitui sempre uma miragem, *a progressão das miragens constrói a estrada do progresso* e constitui o impulso que vos faz progredir. Tudo isso se reduz, assim, a uma contínua expansão e realização de desejos, e não a uma ilusão perpétua. Mesmo permanecendo sempre idêntico, o esforço se transforma em elevação contínua do trabalho de conquista.

Eis o mecanismo oculto da Lei. O psiquismo animador das formas, sede da concentração dinâmico-cinética da substância no nível α , exprime no instinto fundamental da vida – constituído pela insaciabilidade de desejos – o irresistível impulso para a descentralização. Nascendo dos íntimos movimentos da alma, o desejo cria a função, que então cria o órgão, o qual, por sua vez, consolida a função. Tudo no universo clama a paixão de exprimir seu poder interior, a paixão de manifestar o eu, que luta para sair à luz e revelar-se. É o esforço cotidiano da evolução que fixa nos órgãos a expressão de um desejo tenaz e vitorioso, refletindo neles o psiquismo motor, que, após a estabilização destes seus meios, utiliza-os para continuar a se exprimir cada vez mais amplamente, aperfeiçoando-os e multiplicando-os. Sob a forma de desejo, esse

impulso, que é indomável necessidade da alma, está sempre criando o órgão e jamais se deterá, porque a evolução não tem limites.

No campo psíquico do homem, os órgãos são as aptidões, mantendo-se idêntico o princípio. Diante de vós, aguardando-vos e atraindo-vos, há sempre um novo trecho aberto da evolução, em direção ao qual vos precipitais, para que ele absorva vosso eterno instinto de subir e vos eleve a maiores alturas. Toda forma de luta cai, tão logo se esgote sua função criadora, para ceder lugar a outro tipo de luta, destinada a criações mais elevadas. Estais presos num mecanismo sem fim, lançados num jogo de forças cujo substancial resultado, de ilusão em ilusão, é a vossa ascensão, sendo somente isso o que importa. Toda satisfação alcançada e todo passado conquistado vos parecem ilusão. O sonho reside eternamente no amanhã, pois, tão logo se transforme em saciedade, um novo sonho sempre ressurgir. Assim desloca-se continuamente vossa posição na linha do progresso.

Pode parecer-vos uma condenação essa zona de esforço, eternamente ressurgindo diante de vós, no entanto ela é a base das criações na eternidade. *Somente esse constante trabalho em permanente expectativa pode garantir-vos, num regime de equilíbrio, a constância da expansão e do progresso que vos aguardam.* O ciclo criativo tem, portanto, suas fases de descida e de repouso (cfr. Cap. XXVI - “Estudo da trajetória típica dos movimentos fenomênicos”). O esforço só subsiste na zona de consciência, porquanto o que foi assimilado torna-se instinto e necessidade. *Este esforço expande-se cada vez mais, abarcando uma riqueza própria cada vez maior.* Tendes assim um resultado substancial, que progride em sutileza, em poder e em concepção. A luta cria, e nada se pode construir sem luta, que, cessando e ressurgindo sempre, faz-se cada vez mais elevada. É a evolução que avança, fazendo evoluir também o esforço. A insaciabilidade do desejo vos fala da verdade destes conceitos. A satisfação é sempre proporcional ao trabalho realizado e aniquila-se depois, na saciedade e no tédio, que asfixiam a alma, fazendo-a reagir para emergir de novo na ação. Não podeis parar jamais. A insatisfação, cujas raízes se aprofundam no instinto de evoluir – o mais fundamental dos instintos, pai de todos os outros – obriga todos a se moverem ao

encontro de sempre novas e mais elevadas alegrias.

Assim como a dor, a força, o egoísmo e todos os aspectos do mal se anulam a si mesmos através de sua própria atuação, vós também lutais para eliminar a luta mais baixa e elevá-la a formas mais altas, e não para vencer e vos satisfazer de imediato. *Vosso esforço se dirige para a superação do esforço* mais pesado, buscando atividades mais produtivas, *porque o poder de conquista por unidade de trabalho é* progressivo. É constantemente criando nesta única direção, e não se neutralizando entre impulsos contrários, que vosso esforço atua. Reduzo a um estado de miragem, necessário ao progresso, todas as vossas concepções sociais, que, hoje, são metas a atingir e, amanhã, serão passado superado. Que outra coisa mais, senão um jogo de espelhos, pode induzir a inconsciência humana, ignara de seus elevados objetivos, a avançar no caminho da evolução? Não percebeis a realidade profunda e vos moveis como autômatos, impulsionados pela Lei, cujos comandos atuam sobre vós através de vossos instintos, que acreditais serem vossos. Hoje, vós ainda não constituís uma sociedade; sois apenas um rebanho; sois um desencadeamento de forças psíquicas primordiais, que explodem desordenadamente, mas cuja explosão é guiada e *deve* canalizar-se para o progresso. A Lei não vos pede que a compreendeis, *mas impõe que a obedeçais*.

Os choques entre indivíduos e entre povos sucedem, para que eles se conheçam e se combinem em unidades mais amplas e compactas. A luta é feroz porque sois selvagens e somente deixará de sê-lo, quando modificardes esta vossa condição. Na ordem da Lei, o progresso justifica a desordem e o mal presentes, bem como vossa luta e seu esforço. Riscai as palavras "injusto" e "inútil" do universo e dizei que tudo é proporcional aos valores dos seres. Se a luta, outrora, foi física, mas é hoje econômica e nervosa, ela será amanhã espiritual e ideal, tornando-se muito mais digna de ser combatida. Esta é a luta que hoje realizo por antecipação, a fim de elevar o homem até à lei social do Evangelho. Não acrediteis que a luta possa ser suprimida. De que outro modo poderia ser realizado o objetivo da seleção e evitado o abastardamento do homem? A luta jamais termina, no entanto ela se transforma. Vedes como eu também luto e quão denodadamente o faço, embora em campo muito diferente,

acima de qualquer forma humana de agressividade. Também vós, hoje, lutais para atingir essa meta ainda tão distante, trabalhando e sofrendo no campo social, econômico, político, artístico e científico, para formar o homem digno de compreendê-la e capaz de vivê-la.

XCVI. CONCEPÇÃO BIOLÓGICA DO PODER

Nestas conclusões sociais, está contido tudo o que é preciso para refazer o mundo sobre princípios biológicos estritamente científicos, vinculados com o funcionamento orgânico do universo fenomênico. Não insisto em pormenores, porque, em meu sistema, tudo é orgânico. Uma vez fornecida a chave dos fenômenos e exposto o princípio que os governa, é fácil concluir também nas mínimas particularidades. Basta haver definido o edifício do universo em suas linhas maiores. Estas conclusões poderão parecer irrealizáveis, por estarem distantes da involução atual, mas não são quimeras, pois se movem e moveram-se constantemente numa atmosfera de racionalidade. Esta filosofia vos pode parecer utópica, porém ela, embora não trate de se unir e se ajustar ao pensamento filosófico humano, enquadra-se e enxerta-se, com perfeita aderência, no conjunto da fenomenologia do universo. Não se trata de uma filosofia superficial, uma vez que, a partir da série estequiogenética em diante, todos os fenômenos da matéria, da energia, da vida e do psiquismo a sustentam. Toda essa estrutura conceitual não é uma simples sucessão de ideias, mas representa uma concatenação lógica, pela qual as conclusões são condicionadas desde as primeiras afirmações e reforçadas a cada passo neste tratado. Percebei, além disso, que meu pensamento não se move no âmbito estreito das concepções humanas, mas se expande amplamente por horizontes vastíssimos e, por isso, coloca as metas fundamentais a grande distância, para onde os milênios caminham com grande esforço. Indiquei dois limites máximos ao vosso concebível, como metas da evolução humana: o super-homem para o indivíduo e o Evangelho para a coletividade, que constituem, em substância, uma única realização. Mas o pensamento não tem limitações.

Temos observado a evolução das mais poderosas forças sociais que operam nas massas humanas para a formação de sua alma coletiva. Observemos agora essas forças convergindo nesta alma ainda jovem – verdadeira central psíquica e volitiva – para formarem a sua nova expressão: o Estado. Situado no centro do organismo social, ele concentra o poder dirigente de todas as funções de um

povo. Compreendido dessa maneira, como poder, ele é o órgão psíquico promotor e coadjutor das maturações biológicas individuais e sociais, já vistas por nós. Sua função é formar o homem, estimulando as ascensões humanas. Sua meta mais elevada é criar no campo do espírito. Toda a sua múltipla atividade, jurídica, econômica e social, deve ser destilada nessas criações espirituais, que são as únicas cujos valores se fixam na eternidade. Esta é a função que justifica o monopólio da força, para impor a obediência ao cidadão. Mas as posições supremas implicam supremos deveres, e ai dos órgãos dirigentes que não executam suas funções!

Minha concepção de Estado apoia-se em bases estritamente biológicas. Elevei a ciência a um patamar que lhe permite concluir em todos os campos, até mesmo no filosófico-jurídico-político-social; lancei as bases de uma ética científica, indicando-vos uma nova *filosofia científica do direito*. Minha concepção é racional e harmoniza-se com todos os fenômenos da natureza, sendo, portanto, universal. Trata-se de uma *concepção progressiva*, segundo a qual, assim como toda religião encontra sua posição no campo ético, cada nação também pode, no campo político, escalonar-se no seu respectivo nível, de acordo com sua maturidade e compreensão. Assim como, em meu sistema, os fenômenos da vida são fenômenos psíquicos, também *os fenômenos sociais são fenômenos biológicos*. A sociedade humana é um organismo, como também são organismos as sociedades animais, todas igualmente sustentadas por leis e equilíbrios exatos. Na criação, tudo é conexo e repete os mesmos princípios. O corpo animal, com seus equilíbrios e intercâmbios entre centro e periferia, cérebro e órgãos, com sua especialização e distribuição de funções centrais e periféricas, vos dá um exemplo, plenamente realizado, do princípio das unidades coletivas, que caminha para a sua realização na sociedade humana.

Em minha concepção, os fenômenos sociais são despidos de todas as incrustações exteriores, aparecendo *nus em sua substância*, como um feixe de forças em ação. Regidos por uma lei exata e profunda, eles são a fisionomia externa de um conceito que se desenvolve com uma lógica própria, cujo andamento é expresso por diagramas estatísticos, permitindo-vos, desse modo, a previsão de seu desenvolvimento futuro. De outra forma, não poderíeis estabelecer o

cálculo das probabilidades. Estudamos esses processos no desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (Cap. 25), observando sua lei de variação (evolução em função do tempo), primeiro em coordenadas ortogonais (fig. 1: *tempo* no eixo horizontal, das abscissas; *evolução* no eixo vertical, das ordenadas), depois em coordenadas polares (fig. 3) e, a seguir, por interpolação parabólica (fig. 4). A linha determinada pela relação entre as ordenadas e as abscissas descreve esta lei na forma de um problema geométrico, cujas equações correspondem a expressões de cálculo algébrico.

O objetivo do método estatístico é justamente chegar, por meio da *observação em massa* – processo no qual se compensam e desaparecem as exceções individuais – à lei oculta do fenômeno, inferindo sua verdadeira relação constitutiva. Por isso o fundamento do método estatístico reside na *lei dos grandes números*, uma vez que a proximidade entre estes e o princípio, ou causa constante, não cresce em razão direta, mas sim em proporção à raiz quadrada do número de observações. Com essa relação chega-se, assim, à expressão da efetiva constituição do fenômeno. A operação com grandes números elimina as diferenças unitárias, revelando uma fisionomia diversa do fenômeno, dada por uma nova ordem coletiva, que exprime um conceito da Lei. A expressão estatística, então, corresponderá à causa, sendo fixa e constante, se esta for constante, ou então sendo definida pela regularidade nas variações, se a causa for, como frequentemente acontece, um conceito em evolução. Assim é desde a estequiogênese até aos fenômenos sociais. Tudo é ordem. Todo fenômeno é uma expressão da Lei. Quando pesquisais as causas, guiados pelo princípio de causalidade, aproximai-vos do pensamento de Deus, onde descobris sempre uma lógica exata. Se muitos fenômenos sociais vos parecem atípicos, é porque a causa, devido à sua complexidade, vos escapa, havendo a influência de inumeráveis fatores, todos interdependentes, que participam do cálculo. Mas, uma vez dominadas as causas e compreendida a lei do fenômeno, é possível, em qualquer campo, estabelecer *a priori* seu futuro, por meio de progressões exatas. Então, o futuro não é mais um mistério.

A relação de causalidade impõe, na evolução dos fenômenos

sociais, um *determinismo histórico inviolável*. Assim como há um destino do indivíduo, há também um destino do povo. Existe um cálculo exato de responsabilidades no qual, tal como acontece em relação à liberdade individual, equilibra-se a liberdade coletiva. A ignorância do materialismo pode desconhecer todos estes aspectos, mas isso não impede absolutamente que a Lei esteja sempre presente. Insisto nas bases científicas do fenômeno histórico, porque ele só pode ser compreendido como um momento da fenomenologia universal, sob as mesmas leis de relação e de cálculo de equilíbrios que regem o mundo físico e dinâmico. Há uma *continuidade psicológica no desenvolvimento dos fenômenos sociais*, estabelecida por uma concatenação férrea de causalidades, ainda que os atores colocados no palco, homens e povos, nem sempre a compreendam. A Lei age por meio do instrumento humano, movendo o mecanismo dos instintos individuais e coletivos, processo através do qual leva de roldão os que se rebelam, impondo por toda parte, em cada movimento, seu imperativo categórico. Essas forças interiores e profundas, que sobem e explodem acima da consciência dos povos, fazem a história, não sendo necessário, para isso, compreendê-las. A compreensão é *posterior aos acontecimentos, razão pela qual a consciência é o resultado da história*. Não obstante os estrondos externos dos choques desordenados, no âmago está sempre a ordem.

Este princípio guia os impulsos desordenados dos instintos individuais e coordena-os para um objetivo único. De outro modo, tal emaranhado de forças só produziria o caos. Como podeis ver, no entanto, a história segue uma linha exata de progressos e retrocessos, de maturações e revoluções, de ciclos criativos e ciclos destrutivos, segundo os quais, se ela sofre uma queda, é para reerguer-se e, se ela traz destruição, é para reconstruir mais alto. Cada momento histórico é um movimento coordenado para uma determinada finalidade. Concebei a história não como uma sucessão de acontecimentos exteriores sem nexos, mas sim – sobretudo em suas causas e finalidades – como um amadurecimento biológico, uma realização progressiva de metas, *um funcionamento orgânico*. A história vos mostra a técnica evolutiva do psiquismo coletivo. Em vez de vos fixardes apenas aos fatos, buscai o fio sutil da lei que os rege e os une. Há um ciclo de nascimento e de morte tanto nas civilizações

como nas revoluções; há um ritmo de desenvolvimento tanto na ordem como na desordem, através do qual a Lei, num determinado ponto do caminho, diz a qualquer potência social: basta! Todos os desequilíbrios se recompõem num equilíbrio mais amplo, no qual se compensam, formando a grande onda progressiva do bem. Não compreendereis a história se não observardes, por trás dela, a Lei. Somente ela, a Lei, verdadeiramente comanda, impondo períodos de maturação e esgotamento, que determinam o ciclo dos renascimentos para civilizações e indivíduos.

O destino confia uma função ora a uma célula social, ora a outra, retirando-a tão logo tal função se esgote. Na tempestade das revoluções, tal como no trabalho dentro da ordem, o homem é sempre uma força, sendo substancialmente um *espírito* que executa sua missão. Assim muda totalmente o conceito de “governantes e governados”, que é reconduzido àquele de “vida-missão”, já afirmado por nós em relação ao indivíduo. É a história que utiliza os homens para seus fins, quando os coloca em evidência, e não os homens que a conquistam para si, impondo-se a ela. A própria ideia de conquista e vantagem pode ser um mecanismo necessário para movimentar as mentalidades inferiores. A massa contém sempre uma reserva de grandes homens para todas as necessidades da vida, que, tão logo precise, coloca em ação os valores de suas reservas, chamando ora um, ora outro, de acordo com a respectiva especialização, para tirar o máximo rendimento de cada personalidade. O conceito medieval de poder hereditário é substituído hoje pelo conceito de poder conquistado por seleção biológica, que exprime uma substancial potência individual de governo. A direção suprema estará aberta para quem souber superar a prova de fogo, que é a única garantia de valor intrínseco; superá-la para conquistar a posição e superá-la diariamente para manter-se nela.

Acima de todos os emaranhados legais, a substância e a garantia máxima residem nas forças biológicas, que não garantem o homem, mas sim a função, abatendo-o tão logo ele deixe de corresponder a este objetivo. Ao conceito de direção-poder e prerrogativa, substitui-se o conceito de direção-trabalho e função. Assim, superando as construções legais, a história sempre chama seus homens,

despertando-os e erguendo-os, a fim de utilizá-los, porém, assim que a função cessa, rejeita-os sem compaixão, agindo desta mesma forma tão logo caiam no abuso ou na fraqueza. Uma vez que a prova é grande e o risco é tremendo, somente quem tem raça vence e sobrevive. Somente quem possui uma substância de valores intrínsecos sabe sobressair-se e valorizar-se, sabe compreender e dominar as forças que o rodeiam, ao invés de ser por elas arrastado.

Em meu sistema, o comando supremo é apenas o *trabalho da função suprema, correspondendo à máxima capacidade psíquica e volitiva, com responsabilidade, perigo e peso máximos*. Em meu conceito, a posição de mando só é tal enquanto *é posição de dever, como obediência* aos princípios dirigentes da Lei. As hierarquias humanas são apenas uma pequena zona de uma estrutura que, ultrapassando os limites humanos mínimos e máximos, prolonga-se além da Terra. Toda posição é relativa, havendo sempre acima dela uma superior, ainda que esteja no imponderável das forças da vida, as quais premiam e punem quem deve prestar contas das próprias obras. O comando supremo é simplesmente *a suprema obediência*, cuja alegria só é confiada a quem subiu a tal ponto espiritualmente, que compreende e sabe executar a ordem divina; é função e missão, como o são todas atividades sociais, mesmo as mais humildes.

Esta é a base biológica da atribuição dos poderes, a única que garante a correspondência do valor tanto à posição como ao seu rendimento e que, mantendo-se ajustada (adaptação) aos fins da evolução, torna-se resistente, mas sem cair na rigidez. Mesmo no campo político, o fator moral tem que ser preponderante, como em todos os campos. Esses equilíbrios e proporções entre valor e posição social fazem parte integrante de minha ética científica exata. Nela não há escapatória da posição de responsabilidade e de dever, a não ser na posição de obediência, porque tudo tem de ser balanceado. Quem depende tem de carregar o peso da obediência; quem dirige tem de carregar o peso do mando. Em minha ética, nenhuma posição pode ser de vantagem, mas somente de esforço equitativo, em proporção às forças individuais, no mesmo caminho evolutivo. Também no campo político, tudo é divisão de trabalho e estreita cooperação; colaboracionismo não somente econômico, mas também social, no seu sentido mais amplo.

Quem assume, em qualquer campo e nível, uma função dirigente sem as correspondentes capacidade e responsabilidade, fraudar a Lei e se expõe à sua reação, que armará contra ele os acontecimentos humanos. Assim, Luís XV tornou merecida a revolução para a monarquia francesa, enquanto Luís XVI, que era um justo, não poderia ter sido salvo por nenhum exército ou habilidade política, pois estava sozinho contra um destino de classe, enfrentando forças contrárias, que se acumularam durante um século. Nenhuma construção social, por mais que seja baseada na legalidade, pode resistir, se não estiver dirigida por um princípio mais elevado, seguindo um impulso da Lei, a cujas reações fica submetida nestas condições. Assim surgiu, como mero instrumento de uma guerra difusora de novas ideias, Napoleão, que, tão logo teve sua função esgotada, foi jogado fora como um trapo, exatamente como o último rei da França, de quem ele se rira. Assim a Lei domina, soberana, os acontecimentos humanos. Constituindo um entrelaçamento de causas e forças em movimento, a história desencadeia reações que restabelecem o equilíbrio. É assim que a revolução devora seus filhos: Danton, sufocado pelo sangue do terror, e Robespierre, pelo sangue de Danton.

XCVII. O ESTADO E SUA EVOLUÇÃO

Assim, a Lei reconstrói na história os equilíbrios violados e guia os acontecimentos acima da vontade dos dirigentes e dirigidos. A história caminha sem jamais parar. Cada século produz, elabora e assimila um conceito, entregando-o realizado – como patrimônio hereditário acumulado – ao século seguinte, que se preparará para novas criações. Cada época tem a sua própria função criativa, enquanto os outros aspectos da vida calam-se e esperam. Dessa forma, vivendo um tormento de alma, a Idade Média, entre violências e paixões, terrores satânicos e visões místicas, entregou-se à construção da sua consciência do bem e do mal, para reencontrar a voz de Deus, realizando um esforço fatigante, acompanhado do flagelo de uma dor coletiva opressora, a fim de realizar o sonho da libertação individual. Titânica ebulição de almas, a Idade Média lançava no campo da arte, da política e da ciência a semente das maiores construções espirituais. Vosso século esqueceu o espírito, para criar no campo da ciência, da mecânica e da velocidade, que fundamentaram vossa psicologia. Depressa, essas coisas estarão conquistadas, e, mesmo utilizando-as, vossa consciência se dirigirá, por meios mais poderosos, para as construções mais elevadas do espírito em todos os campos. As leis da vida, adormecidas por milênios num ritmo uniforme, sofreram uma sacudidela e estão despertas hoje, para vos lançar em direção à nova civilização do Terceiro Milênio.

Assim como a Revolução Francesa – momento crítico e longamente preparado nos séculos – trouxe à luz da existência histórica a subida da burguesia produtiva, a futura revolução maior da humanidade, filha de uma maturação substancial biológica, também trará à luz a ascensão política da intelectualidade consciente. Entendo intelectualidade não como aquela miscelânea de acúmulo mental da cultura moderna, que, constituindo fato externo, não proporciona virtude à personalidade, mas sim como um amadurecimento de raça, voltado para a formação de instintos mais elevados, que tornem o homem um ser escolhido pela seleção para a função social do comando. A esta função de governo estará ligada,

por inconfundíveis qualidades de raça, e não pela superposição de cultura e de títulos, uma elite insubstituível, tal como ocorre na natureza, onde nenhuma célula de tecido muscular pode substituir uma célula à qual tenham sido confiadas funções nervosas cerebrais.

A base biológica da divisão do trabalho por especialização de capacidade é a única capaz de justificar o conceito do futuro Estado, como organismo que, diferenciando-se na fusão compacta de suas unidades, é a expressão viva do organismo biológico coletivo. Trata-se de um Estado no sentido colaboracionista, que, além das funções econômicas e produtivas, acumula todas as funções sociais e éticas. A esta substância biológica temos sempre de nos referir, todas as vezes que quisermos compreender o fenômeno político. Não podemos nos apoiar nas construções ideológicas, mas somente na realidade da vida, em suas mais profundas raízes, que, enxertando-se na fenomenologia universal, estabelecem uma base indestrutível.

Se a Idade Média, em suas condições sociais involuídas, só podia oferecer ao homem um sonho de libertação individual pelos caminhos da renúncia mística, *hoje nasceu o Estado*, levando a sociedade a desenvolver-se numa forma orgânica, em cujo seio o indivíduo pode atingir sua completa realização. Se a Idade Média atendeu às construções prevalentemente individuais, *retoma-se hoje o ciclo das construções e conquistas coletivas*. Não é mais concebível o indivíduo isolado, ainda que santo, numa fuga mística da convivência humana, mas somente o indivíduo fundido neste consórcio, em colaboração fecunda. Podemos, então, definir mais exatamente o poder como a central psíquica e volitiva de uma nação, estendendo o conceito de Estado a todo o organismo nacional.

Em sua evolução, o conceito de Estado nasceu do poder monárquico absoluto, tipo Luís XIV. Na longa luta feudal, uma família vencia, primeiramente, submetendo as outras e, depois, assimilando-as. Realizando o esforço da concentração do poder, anteriormente espalhado em inúmeras ramificações desconexas, e dando surgimento a um órgão central numa vasta coletividade, este processo, por uma natural sucessão de impulsos, não podia deixar de elaborar logo a seguir o conceito de Estado na evolução das monarquias, que, nessa elaboração, esgotavam sua função histórica. O Estado tornou-se assim, por seu mérito, sempre mais orgânico,

progredindo em profundidade, não para limitar o indivíduo, mas para valorizá-lo e elevar-lhe a consciência; tornou-se cada vez mais rico de funções e de deveres, alcançando a hodierna concepção de Estado.

Hoje, o Estado não é mais apenas um poder central superposto a um povo. Esse era o Estado embrionário, filho da monarquia. Não mais se admitem tais superposições. Assim o Estado deixou de ser um poder central dominador, para tornar-se o cérebro de seu povo, *só podendo ser a expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos, baseada numa unidade étnica*. Se, em suas aglomerações nas unidades coletivas de cristais (com sua orientação molecular, gênese e crescimento provenientes de um germe cristalino e com sua capacidade de reparação das zonas mutiladas, através da reconstrução exata da forma individual), as unidades primordiais da matéria já atingiram tão perfeita e maravilhosa organização; se tanto psiquismo já explode na matéria, fundindo as moléculas em unidades orgânicas, imaginai a perfeição que terá de atingir e a maravilhosa complexidade de formas que terá de produzir este *mesmo psiquismo*, para elevar-se, depois de tão longo caminho evolutivo, à consciência social, expandindo finalmente seu impulso na criação das superiores unidades coletivas humanas. Por esse caminho, o Estado prosseguirá em sua evolução, não apenas representando, mas também absorvendo e organizando um povo inteiro, num processo de descentralização e concentração progressivas, que estabelecerá contatos cada vez mais intensos entre periferia e centro. Nesse processo, a autoridade, ao invés de se pulverizar, funde-se com o povo, formando uma corrente de fluxos e refluxos que torna o Estado cada vez mais um organismo em funcionamento, consciente e compacto.

Nossa concepção biológica dos fenômenos sociais e nosso conceito evolucionista do Estado nos levaram, naturalmente, a esta visão atual de um Estado cada vez mais unitário, que fica, assim, logicamente colocado no quadro da fenomenologia universal, enquadrando-se no caminho da evolução coletiva para o ápice da fase α . Solicitei à realidade biológica a indicação das linhas do ideal social, e essa realidade vos reafirma, em toda a parte e sempre, que o princípio e a vontade da Lei são dados pelo trabalho-função e pela divisão, especialização e reorganização das capacidades e das

atividades. Observai que ao conceito de Estado foram dados aqui fundamentos universais. *Nenhum sistema político jamais soube justificar-se mediante uma filosofia científica que remontasse à gênese da matéria, da energia e da vida.* Trata-se de conclusões que, estreitadas num encadeamento férreo de racionalidade, são espontâneas e inevitáveis num organismo de conceitos e de fatos, como o são também no universo e nesta Síntese, que o descreve.

Hoje, já está nascido o Estado. Não podiam ser denominados assim os velhos organismos políticos, que, baseados na superposição de classes, chegavam ao absurdo inadmissível de um domínio estrangeiro. Hoje, um povo não é um domínio, mas sim um organismo cuja alma é o Estado. Esta é a etapa hodierna das unificações dos indivíduos em coletividades cada vez mais amplas, que progridem da família à classe, à nação e à humanidade. Para se atingir a condição de saber viver como unidade coletiva superior, *é necessário passar pelas unificações componentes menores, vivendo-as através de uma gradativa maturação da consciência.* São absurdos, então, os internacionalismos abstratos, porquanto o mundo ainda trabalha para encontrar suas unidades étnicas menores, que constituem sua atual criação, antes ignorada. Progredindo em sua formação por continuidade, uma unidade coletiva não pode ser um mero agregado ao qual são impostas leis externas por coerção, pois ela, *para resistir ao choque do tempo, tem de ser um organismo regido por uma consciência coletiva,* constituindo uma fusão de almas, cujo funcionamento só pode ocorrer após longa maturação. *Uma unidade só se mantém na medida em que tiver alcançado sua formação e enquanto corresponder a outra íntima unidade psíquica, que a mantenha coesa.* Sendo simplesmente a veste externa de um psiquismo coletivo, *uma nação é a forma biológica desta unidade espiritual superior.*

Hoje, o Estado só pode ser povo, enquanto o povo só pode existir organizado como Estado. A progressão das unidades e consciências diretoras continuará a dilatar-se na evolução, até atingir uma unidade e consciência que abranjam toda a humanidade, para prosseguir daí em direção a uma unidade e consciência cósmica, compreendendo todo o universo. A luta é um esforço de transição e, por isso, cessa quando a meta, que está numa unificação mais elevada, é atingida.

Esta é a tendência constante, constituindo o significado das grandes tentativas de formação de impérios na história. O ser busca a unidade política, científica e espiritual.

Como todos os outros, o campo político também é constituído de verdades relativas e progressivas, razão pela qual um povo constitui uma unidade em contínua evolução e o conceito de Estado está em constante progresso. Cada geração, assim como vive, por momentos sucessivos, a sua verdade artística, científica, ética e religiosa, vive também, a cada momento, um gradativo desenvolvimento da verdade política do próprio povo. Somente hoje é possível se falar em Estado. Para chegar nesse ponto, a jornada foi longa. Trata-se sempre de uma maturação biológica longamente elaborada, mesmo quando explode em revoluções. Desde suas origens, a unidade coletiva expressou seu poder central pelo método da seleção biológica e, uma vez tendo criado esse centro, progressivamente disciplinou-lhe os poderes. Primeiramente, por *coação*, ou seja, *segundo o arbítrio de um vencedor*; depois, por *convenção*, ou seja, *segundo o arbítrio das maiorias*; finalmente, hoje, pela *função coletiva*, ou seja, *segundo a justiça*. Essas são as etapas evolutivas do princípio da atribuição de poderes.

Explicando com mais detalhes, temos inicialmente, tal como no feudalismo, um poder absoluto subdividido, o qual é substituído depois por um poder absoluto concentrado nas mãos do mais forte (monarquia), sendo este o vencedor de uma classe inteira, que será mais tarde disciplinada e convertida nas cortes (classe aristocrática). O centro, então, ainda se ressentia das origens familiares, em que o chefe é um dominador dos seus consanguíneos e o poder é hereditário. Isto demonstra que o poder nasceu da família, das mãos do seu chefe, e que *a família é o instituto basilar da sociedade humana*. Nesse estágio, o poder é conquista. A função dirigente, então, atravessa a fase da luta – inerente aos períodos de formação – na qual a força ainda não foi elevada a direito e justiça. Estamos na perfeição da monarquia absoluta, do “*Roi Soleil*” (Rei Sol), que dizia: “*L’État c’est moi*” (O Estado sou eu). Mas, depois de meio século de abusos com Luís XV, todo o sistema desaba com Luís XVI. O fenômeno político, assim como todos os outros, também procede por amadurecimento de ciclos. A revolução reagiu,

confiando o poder absoluto às maiorias. O povo, então, tornou-se rei, enquanto o poder, deslocando-se de um máximo de centralização a um máximo de descentralização, passou a ser chamado de representativo ou democrático.

Assim, em meio a excessos e reações corretivas extremas, caminhava a evolução do mando, que sempre tendia ao abuso, pois o homem ainda não evoluíra além desse ponto. A causa, que não se aperfeiçoara o suficiente, avançava através de uma série de enérgicos contragolpes, porque a lei de equilíbrio impunha a necessidade de uma correção contínua. Num estado de inconsciência que gerava abuso e excesso, a evolução não podia caminhar senão oscilando entre impulsos e contraimpulsos. O conceito de soberania popular nascia como reação ao abuso da soberania de um único indivíduo. Mas, substancialmente, o arbítrio de um único indivíduo foi sucedido pelo arbítrio das multidões.

Acredita-se somente nas mudanças de sistemas, deixando-se de ver que a substância decisiva é a maturação do homem. A revolução francesa iniciou o povo na difícil arte do mando, mas, desde os primeiros momentos, o povo demonstrou-se incompetente e inconsciente, excedendo-se nos piores abusos. *O poder requer a mais alta maturidade de consciência*, pois constitui uma força poderosa, que se torna perigosa nas mãos de uma criança. Contudo, daquele momento em diante, o povo passou a estudar a nova arte e começou a resolver o novo problema. Assim, através de um gradativo amortecimento recíproco entre abuso e reação, foi conquistada a substância contida em todas essas mudanças, que era a formação da consciência coletiva, com a qual se estabelecia o eu da unidade social. Somente assim, no sentido de que seu exercício é um instrumento de formação de consciência, o poder representativo deixa de constituir um absurdo em seu alvorecer, pois *presume uma consciência coletiva, a qual estava justamente sendo formada então, como efeito do trabalho do Estado, e não como causa de sua construção*. Mas, analogamente ao modo pelo qual função e órgão, como já vimos, apoiam-se numa criação recíproca, ocorreu então que, conforme este mesmo princípio, segundo o qual o sistema representativo tinha corrigido os abusos do poder monárquico absoluto, um novo poder centralizador surgiu, para corrigir os abusos

do poder representativo. Assim a infertilidade da descentralização levou novamente à centralização. Este é o processo pelo qual oligarquias e democracias, alternando-se, compensam-se mutuamente.

Essa oscilação entre os dois extremos, no entanto, não apenas cumpre a função de restabelecer o equilíbrio da Lei, mas também constitui a técnica evolutiva na qual é elaborado o homem, que forma o material político. Essa alternância de sistemas não é uma simples compensação de contrários, mas sim um escoramento mútuo entre impulsos e contraimpulsos, que formam um jogo de forças através de cujo contraste surge um progresso íntimo. A eliminação do arbítrio é obtida não apenas por controles externos, mas sobretudo pelo amadurecimento de consciências. Quão mais moderada pode ser a oligarquia, depois de um século de experiência democrática! Quão grande aprendizado significa saber executar civilizadamente as revoluções, inclinando-se para o povo e reencontrando na elevação deste a justificação da própria função! Com quão grande maturidade é possível voltar à democracia, quando a oligarquia cumpre sua função de formar a consciência de um povo! A que distância um povo assim se encontrará daquele que, com a Revolução Francesa, começava sua vida política! Quão mais civilizado e fecundo será o contragolpe num povo que, como resultado de um poder centralizado, foi educado para saber eleger e governar, tornando-se capaz de evoluir nas concepções sociais! Essa é a evolução política da unidade coletiva, que ocorre paralelamente à evolução em todos os campos.

Detenhamo-nos na concepção do Estado futuro, depois de tê-lo orientado assim, em seu transformismo ascensional ao longo do tempo. Trata-se de uma concepção nova e ousada, que constitui a base, no campo social, da nova civilização do Terceiro Milênio. Falamos aqui de um Estado que, democrático e aristocrático ao mesmo tempo, representará a fusão dos dois princípios: centralização e descentralização, ambos necessários. Em sua função unificadora, ele criará uma coletividade mais compacta, em cujo seio o indivíduo, ao invés de membro inconsciente de um rebanho desordenado, será o soldado de um exército em marcha, que sentirá vibrar em si a alma do chefe. Então, pela primeira vez na história, o Estado fará do povo

um organismo, em cujo centro, fundido com ele, dar-se-á a síntese entre vontades e poderes. No Estado futuro, o povo não será mais um rebanho governado, que só deve dar e obedecer, mas sim o corpo do cérebro central (o governo), o organismo da alma diretora, que por toda parte irá permeá-lo e vivificá-lo com seus tentáculos e ramificações nervosas. Em vez de um chefe, uma classe ou uma maioria que comande por si só, haverá uma dedicação no cumprimento de deveres e uma doação na cooperação, objetivando uma fusão completa num trabalho e meta comuns. É certo que, historicamente, já se fixou na alma das massas, por hábito milenar, uma indiferença pelo poder central, que, mutável e ausente, permanece invariavelmente senhor, diante do qual o povo foi obrigado a permanecer inclinado, sempre na mesma posição de servo. Formou-se assim um instinto de aquiescência passiva, de tolerância e de desinteresse, pelo qual o povo, tendo sido educado apenas para a virtude de suportar e calar, considera que tudo isso, embora atue somente no sentido de pesar sobre ele, não lhe diz respeito. O Estado moderno deve começar pelo trabalho de demolição desta psicologia de absenteísmo político, que se fixou na alma coletiva. Deveis ponderar que toda concepção ou realização política, pelo fato de ser a síntese de todo o passado, jamais constitui a última meta definitivamente alcançada, mas sim o germe de um futuro ilimitado.

XCVIII. O ESTADO E SUAS FUNÇÕES

Quantos problemas novos deverá enfrentar e resolver, que profusão de funções terá de abarcar e quão complexas realizações executará o novo Estado futuro! Estando fundamentalmente, por suas bases biológicas, vinculado ao fenômeno basilar do ser – a evolução – a primeira função do Estado é ser instrumento das ascensões humanas. Se educar é a sua primeira tarefa substancial, o resultado eterno de todo o seu trabalho é ter formado o homem. Diante desse objetivo supremo, todo o resto se torna apenas meio. *Pela altura e intensidade com que tiver sabido educar, mede-se o valor de um governo. A pedra de toque de uma religião, filosofia ou sistema político está na quantidade de luz que tiverem sabido fixar na alma humana; está na medida em que tenham conseguido tornar melhor o homem.*

Em meu sistema, o Estado é o órgão que constitui a base das ascensões humanas. Nessa atmosfera de elevada ética, que deve tudo vivificar e animar, movem-se todos os trabalhos em qualquer campo, sendo todos eles, em sua substância, reduzíveis a uma criação espiritual. Nas atividades individuais e sociais realiza-se o princípio da Lei, que diz: ordem. Tudo se move, pois, ao longo de um caminho de coordenações e harmonizações, que eliminam os atritos, aumentam o rendimento e, seguindo a lei do menor esforço, conduzem à superação de todas as formas inferiores do mal, da dor, do egoísmo e da luta. Por essa via de harmonizações, o centro atinge a periferia e a periferia liga-se ao centro, que se reforça pela coesão do indivíduo, enquanto este se valoriza na coletividade e acentua seu rendimento. Entoando a música da cooperação, o Estado prevê e coliga no espaço e no tempo, antecipa e provê, garante e protege. Só ele pode criar uma atmosfera ética que permita o florescimento das delicadas produções do espírito; só ele pode estimular as atividades intelectuais superiores, que, de outro modo, escapam à consciência coletiva e são condenadas à extinção pelo princípio hedonístico. O Estado agirá em profundidade, conduzindo a luta para formas mais evoluídas, que, implicando uma união de pensamento e de energias, correspondem a um princípio de utilidade coletiva. Imaginai a força

de um povo que se tenha tornado organismo!

Então os indivíduos, exercendo suas respectivas funções, que são todas elas nobres, não se tornarão iguais por nivelamentos externos, mas se equilibrarão na justiça da hierarquia, porque a diferença de posições corresponde a uma diferença de valores, de funções e de deveres, equivalente à diferenciação individual de aptidões hereditárias. Nesta justiça de divisão de trabalho, os homens serão inevitavelmente irmãos, porque se farão necessários uns aos outros no organismo, no qual não apenas o significado e o valor da vida de cada um se elevarão, mas também será impossível alguém agredir ou demolir sem demolir a si mesmo. Neste organismo, *obedecer não é servidão*, mas sim valorização; não é diminuição, mas sim conquista. Ao fazer parte dele, assumindo a sua posição de célula no organismo coletivo, e não mais apenas constituindo apenas um número, o indivíduo crescerá. O novo conceito não é uma rebelião do individualismo em prejuízo da coletividade, mas sim *uma fusão do individualismo no coletivismo, um individualismo organizado*, que se valoriza na ordem coletiva. Ai do Estado que anula o indivíduo, mas ai também dos indivíduos que se sobrepõem ao Estado.

O novo Estado tem que possuir o monopólio da força, pois, embora ela seja uma necessidade de vossa vida involuída, a privação do seu emprego por parte do indivíduo já constituirá um progresso, porquanto o seu desuso enfraquecerá os instintos antissociais. Esse Estado, que não pode ser agnóstico, deve ter resolvido os maiores problemas do conhecimento, pois precisa ter uma concepção ampla da vida, para fazer o indivíduo compreendê-la e colocá-la em prática; deve saber compreender o homem, seus instintos e seu destino, penetrando o mistério de sua personalidade, a fim de poder colocá-lo em seu lugar e obter dele o máximo rendimento. No princípio, o centro realizará um mero enquadramento de massas, porém no futuro ocorrerá a fusão de almas. Nesse Estado, Deus é imprescindível, assim como o conhecimento de sua ordem divina, cujo funcionamento a ciência deve demonstrar, para que, nessa ordem, o Estado encontre suas bases racionais. Concepção imensa de uma fé social e científica, da qual participarão em paz todas as religiões. Este é o Estado da nova civilização do Terceiro Milênio.

Neste novo Estado, o indivíduo realiza seu amadurecimento

biológico em direção à fase de super-homem. Todas as forças sociais tornam-se disciplinadas, objetivando a elevação coletiva. Os instintos inferiores se atrofiarão pelo desuso; os elementos mais involuídos acabarão sendo domesticados, porque serão absorvidos na correnteza, que os orientará para metas espirituais superiores. A potência de um novo Estado de elevado conteúdo ético é uma força que fecunda todas as atividades, é um esplendor de luz que desperta qualquer alma. As aptidões que respondem aos impulsos mais nobres são então valorizadas e, por isso, aceitas pelo homem mediano, que, não sabendo orientar-se nem guiar-se e sendo feito para obedecer, realiza assim sua ascensão. As energias sociais não mais se rivalizam numa hipertrofia de funções, nem se manifestam num desencadeamento cego e destruidor, mas tornam-se todas elas uma expansão iluminada e produtiva do pensamento do Estado; não mais se perdem na vã tentativa de reencontrar-se, nem se desgastam no atrito, como um amontoado de engrenagens dessincronizadas, mas coordenam-se, a fim de convergir para as metas eternas da evolução. Assim, um povo realiza lentamente as grandes assimilações espirituais e avança coeso, como um exército em marcha, para a difícil conquista dos ideais; assim move-se com eficiência progressiva a massa pesada e lenta da grande alma coletiva, que começa a ver e a compreender.

Então o trabalho, iluminado por finalidades superiores, não constitui mais uma condenação, mas é triunfo cotidiano sobre a matéria, é uma vitória da vontade e do espírito, é um ato viril de domínio. O Estado, na elaboração de seus órgãos, reunirá os cidadãos num fecundo abraço produtivo. Os indivíduos que não se organizarem, para se valorizarem neste novo poder coletivo, estarão destinados à eliminação. Se as velhas unidades econômicas, pequenas e isoladas, tinham a vantagem da independência recíproca, que circunscrevia as crises, hoje o progresso já organizou as necessárias relações e permutas mundiais, que, tornando o organismo econômico mais perfeito e compensado, também o deixam mais vulnerável. Essa vulnerabilidade impõe um regime de colaboração. Em sentido mais amplo, a moderna capacidade de especialização de funções dá ao indivíduo involuído e isolado probabilidades cada vez menores de sobrevivência. Quanto mais perfeito e diferenciado é o

indivíduo, mais vulnerável ele se torna, porém tanto maiores são a sua capacidade e a sua necessidade de viver em coletividade. Essa sua fraqueza diante do homem primitivo, essa sua perda de adaptação, é a força que mantém coesas as unidades coletivas, que, por isso, não estão dispostas a se desagregarem.

Nesse novo Estado, as anarquias econômicas terão de ser eliminadas e o individualismo, caso constitua desordem, não será admitido. O homem futuro que esse Estado deverá construir não será uma simples máquina para fabricar dinheiro, ou apenas uma hipertrofia volitiva, mas sim um homem também completo em seu campo espiritual, no desenvolvimento harmônico de todas as suas faculdades. *O Estado que realiza o princípio colaboracionista está situado num nível superior ao do Estado que permanece na fase do princípio hedonístico.* O valor e o nível evolutivo de um Estado medem-se pelo grau atingido na realização dos princípios; pelo grau em que tiver sabido formar a consciência colaboracionista; pela capacidade de infundir no trabalho a ideia de função e, na vida, o conceito de missão; pela medida em que tiver conseguido transformar a força em direito, o egoísmo em altruísmo, a desordem em ordem, a guerra em paz, através da atenuação das formas de luta, educando-as no sentido da evolução.

O Estado aspira e emana, concentra e descentraliza; é o coração que a cada instante lança todo o seu sangue para circular em seu organismo. Em seu seio, o Estado eleva todos os seus cidadãos, econômica e moralmente; coordena-os todos nas diferentes funções, realizando a justiça mediante a subdivisão do trabalho em correspondência com os valores individuais. Enquanto o Estado não tiver ligado a si todo o povo, como função integrante de sua unidade, o povo permanecerá estranho, indiferente, podendo até ser amanhã um inimigo; enquanto todos os cidadãos não se sentirem vivendo no Estado, enquanto houver um só homem que não se sinta, ainda que minimamente, parte dele, esse homem será sempre uma ameaça de dissídio e germe de desordem.

Um dos grandes erros do século foi ter visto e colocado em evidência o lado involuído da sociedade humana. A incompreensão entre capital e trabalho, gerando a luta de classes, manifestavam no campo econômico a visão universal materialista imperante. O Estado

não deve manifestar essa luta, mas sim dominar todas as atividades econômicas; deve ser o organismo ético que absorve todas essas atividades, dando-lhes conteúdo moral e social, para elevá-las a função.

A introdução do fator moral na vida social, supremamente construtivo, inverte a posição do problema. Para maior rendimento utilitário de todos, os grupos sociais têm de evitar o desperdício dinâmico da luta relativa ao período caótico, a fim de viverem em coordenação, cooperando entre si, e não em conflito, eliminando-se mutuamente. É contrária à lei do menor esforço uma cadeia de opressões e reações, portanto, pela lei da evolução, isto tem de acabar. A luta de classe pode ser considerada uma doença social do período involuído, um fato patológico que precisa ser superado. O sonho de arrasar o capital, para proporcionar a subida do proletariado, sumamente inadaptado em sua inconsciência para qualquer função dirigente, significa secar a fonte da riqueza para todos. A opressão e a violência, a exploração da ignorância popular por egoísmos políticos, a greve e o “lockout” não resolvem o problema da produção, nem da riqueza. Tudo isso é filosofia econômica de transição, constituindo apenas um mecanismo de destruição.

Está fundamentada nas leis da vida a ascensão até à fusão e à solidariedade de todas as forças de produção, sem opressões nem supressões, dando lugar a todos, para que todos deem sua contribuição. No colaboracionismo, todas as classes encontram reconhecimento e proteção, o trabalhador do pensamento e o lavrador da terra, o soldado e o operário. Colaboração, e não luta de classes. Assim como a família é o fundamento do edifício social, *a propriedade é a base natural do edifício econômico*, sendo ambas, como *lei da natureza, próprias também do mundo animal. Destruir essas unidades primordiais insubstituíveis é demolir a natureza humana*. A instituição da propriedade – criada pelos vencedores da luta econômica, para defenderem a si mesmos, e agredida pelos derrotados – sempre existiu e continuará existindo, apesar de todas as tentativas de demolição, porque ela corresponde à necessidade fundamental de defender uma posição, que *todos*, embora alternadamente, acabam ocupando. Isto significa elevar e criar tudo,

sem jamais destruir nada. Às revoluções destruidoras sucede uma revolução construtiva, que enquadra todas as forças e faz delas uma unidade; às revoluções que saem debaixo para demolir, sucedem as que descem do alto para construir. A cada descida das aristocracias do pensamento, para elevar os humildes, corresponde uma ascensão dos humildes, para alcançar a compreensão. A tarefa das classes não é eliminar uma à outra, mas sim compartilhar os frutos da mesma civilização, encaminhando-se para a compreensão recíproca. A tarefa da classe dirigente não é dominar, mas sim educar a plebe tumultuada – velho instrumento de vinganças, chamariz dos astutos e muitas vezes vítima das repressões, mas sempre massa ignara, amorfa e cega – para transformá-la num povo que saiba como conquistar uma consciência coletiva mais elevada.

Todos esses conceitos, naturalmente, fazem parte de um mundo mais evoluído, sendo próprios de um tipo humano biologicamente mais avançado. O tipo atual ainda não sabe superar essas formas de lutas primitivas e selvagens, que revelam a fase na qual ele se encontra, embora sejam necessárias hoje, para a realização da seleção inerente a este plano. Tal tipo será julgado um involuído pelo homem de amanhã.

XCIX. O CHEFE

Quem será o chefe desse novo organismo para o qual se dirige toda a vida? Como a história o escolherá e o evidenciará? Há momentos em que a história atravessa curvas decisivas, preparando a fase conclusiva de um ciclo milenar, no qual imensas maturações sociais estão iminentes na aurora de novas civilizações. A humanidade sente-se então perder-se em crises e conflitos, onde todo o passado parece ruir. Nesse momento, o gênio é conclamado pelas forças da vida, para que interprete e crie, sendo trazido à luz pelos equilíbrios da Lei, que o valorizam em plena eficiência. As forças do imponderável convergem no sentido de sustentá-lo, para que ele se erga e construa. Então o homem que, através de um íntimo trabalho, realizou intensamente sua maturação biológica, é chamado, atraído por meio da linha de sua maior especialização, para dar todo o seu rendimento à obra coletiva, que lhe é confiada e se torna sua. A vida do chefe é missão suprema. Esses fenômenos não são mistério para nós, que sempre nos mantemos ligados à substância, movendo-nos no imponderável.

Nesse desencadeamento de forças titânicas, é pueril buscar a razão das coisas nas velhas fórmulas de legalidade humana. A grande lei que, agindo no âmago de tudo, sustenta todas as coisas, amadurece tudo com perfeita harmonia para metas jamais aleatórias. A vida dos povos também possui seus profundos equilíbrios, tal como a vida inorgânica e orgânica. Da mesma forma que estas, no momento da maturação evolutiva, produzem a molécula ou célula adequada, a vida dos povos, no momento decisivo da evolução biológica, também produz o seu personagem, a sua célula superior, trazida à luz pela tensão de todas as forças da vida. Após um esforço secular oculto, essas forças explodem em triunfo, a fim de que essa célula realize, por leis de coordenação, sua função de cérebro e de vontade, de direção e de comando, porque essa é sua capacidade natural, sua especialização e sua função biológica.

Assim o chefe será caracterizado não só por sua grandeza, mas também pelo cumprimento do seu dever; não só por sua realização, mas também pelo seu esforço empreendido; não só por sua vitória,

mas também pela sua exposição ao perigo. Nesta função e neste perigo residem a justiça da suprema lei de Deus e a base, antes divina que humana, de uma investidura sagrada, que é missão na vida; residem seu direito de comando e o dever dos povos de obedecer-lhe, unidos todos diante de Deus, trabalhando na mesma obra, como operários de diferentes especialidades.

O novíssimo conceito está na afirmação de que, nos momentos de exceção, o chefe é escolhido *por seleção biológica*; no momento decisivo, a Lei intervém diretamente, superando as convenções sociais e manifestando-se como a verdadeira lei. Os povos procuram, por instinto, a célula que realize a necessária função coletiva de comando; reconhecem-na, sentem-na e respeitam-lhe a função, não por coação nem por convenção, mas sim espontaneamente, por uma lei que reside em seus instintos. Quando um povo encontra seu chefe – o indivíduo que sente e manifesta a alma do povo e que coordena suas atividades, realizando a função biológica de defender e unificar material e espiritualmente o novo organismo – então repousa contente, com seu instinto satisfeito, da mesma forma como o instinto do corpo bem alimentado e o instinto da mãe que deu à luz um filho se aplacam, porque está assegurado o futuro da vida. As agitações da vida política, assim como os impulsos da fome e do amor, constituem profundos movimentos da vida, que “*deve*” avançar.

Na história, nenhum sistema de atribuições de poderes oferece garantias de alcançar este tipo de poder substancial e íntimo, e não apenas formal e visível. Um chefe assim, de raça, surge como produto da vida de um povo, mas só de um povo que saiba produzi-lo. *As leis biológicas não fornecem chefes nos séculos de repouso, nem os concedem aos povos impotentes ou estéreis, que estão condenados.* O super-homem não surge improvisado; não emerge por meio de sistemas eletivos, convenções ou coações sociais. A raça é raça; é uma natureza íntima que se construiu na eternidade; é uma substância da alma; é uma capacidade única, um destino, um amadurecimento de grandes forças biológicas. O chefe assim, de raça, não é escolhido pelo voto, mas surge do choque de forças sociais; é filho não dos cálculos das urnas, mas das tempestades em que os povos se debatem pela vida; é escolhido não pelo consenso

dos homens, mas sim pelo consenso das leis ocultas da vida. Ele se impõe, levando de roldão o passado, como um furacão, no turbilhão da revolução. Que onda, nascida do mistério, o joga para o alto? O homem não sabe, mas todos se inclinam, porque uma lei mais profunda que as humanas assim ordena. E o chefe está lá por direito divino; é o direito que lhe conferem seu destino, sua raça e sua capacidade, qualidades selecionadas no sangue da luta, que não tolera ineptos.

Ele está lá e lá permanece. Somente por valor intrínseco pode ele resistir numa posição que, por sua altura, está exposta a todos os raios. Esses são os reais controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, porque o assalto é tenaz a cada minuto e a guerra é sem tréguas; aí não existem muletas para os fracos, estando eliminada a possibilidade de mentir perante as leis da vida. Eis o direito substancial, o direito do valor, do merecimento, da função, da missão, e não apenas aquele da legalidade formal. O chefe lá está porque é o órgão máximo de uma vida coletiva maior, e lá permanece, invulnerável, pelas mesmas invioláveis leis biológicas, até que sua função social se esgote.

Substituo a legalidade humana pelo conceito da justiça divina, que sanciona os valores íntimos. Ponho como base dos fenômenos sociais as leis eternas da vida. No âmago do problema jurídico, vejo sempre o problema biológico, que é a sua alma. Somente se as posições do segundo forem sólidas, serão sólidas também as do primeiro, sua expressão. Essa é a base substancial da legalidade. Os movimentos das forças políticas, jurídicas e sociais somente são compreensíveis, quando reduzidas à sua substância biológica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode encontrar um povo, do que esta filtragem, bem mais rigorosa, realizada pelas leis da vida? Qual outra lei é mais profunda que a lei biológica, onde cada fibra é testada? É absurdo pensar que o poder tenha de ser escolhido de baixo, sendo determinado por níveis biologicamente menos evoluídos. O sistema representativo constitui um método para escolher os melhores, no entanto as massas podem somente aceitar e suportar o super-homem, mas não compreendê-lo por antecipação. É a evolução que coloca à frente o ser avançado, a fim de arrastar e plasmar os outros, involuídos, que só sabem receber e obedecer. O

conceito tradicional, então, inverte-se, pois a escolha não vem da quantidade medíocre, mas sim do alto, das forças da vida. O número é quantidade, sendo incompetente, portanto, para decidir a respeito da qualidade. Se a missão do chefe é educar, ele tem de ser um senhor espiritual, que, do alto de sua fase superior, desça e saiba dar, e não um medíocre que sobe para pedir. É somente nesta mais profunda legalidade que se pode confiar, e não na humana. Em meu conceito, a base do direito reside na capacidade. Pelo mesmo direito que a águia voa, o chefe comanda. Ele é testado em cada instante por todas as resistências, que lhe garantem a capacidade e a função, poder este conferido pelas mesmas forças biológicas que, tão logo cesse a função, também o retiram.

O poder que vem do alto possui um conteúdo muito diferente daquele concedido de baixo. É dever, e não direito; é função, e não conquista; é ordem, e não arbítrio. Para o super-homem, que vê o infinito e não admite abusos, a investidura é sacrifício e missão, envolvendo-o completamente e entrelaçando-se indissolúvelmente com seu destino; seu prêmio é eterno, encontrando-se além da vida. Guia-o a mão de Deus, que ele, sob seu próprio comando, obedece, buscando somente doar-se, para realizar-se a si mesmo. Constituindo o cérebro de um povo, ele é a superelevação que guia e ilumina a revolução biológica, impelindo a vida para suas fases supremas. Ele engasta seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, ao longo dos quais os homens são escolhidos, para empreenderem um trabalho encadeado. Realiza em sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos precedentes e posteriores, a eterna evolução social, amadurecendo o passado e antecipando o futuro. Abebera-se em sua própria fonte e vê a transformação da atividade social acompanhar sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educando, cria a consciência coletiva, pois sabe que essa criação interior antecede a compreensão e é a base da vida das instituições, que depois a exprimem. Independente da ciência humana, sua visão guia seu braço, estendido numa atitude de comando em direção ao futuro. Constitui uma força em meio a um turbilhão de forças, indo ao encalço de novas civilizações. Sua vontade, guiada pela intuição exata das correntes de pensamento e da vida do mundo, conecta-se ativamente à lei cósmica da evolução.

Criando instituições sociais mais avançadas, enquadra em novas formas os valores morais dos séculos.

No quadro de sua concepção, o chefe está colocado organicamente, como ideia e ação ao mesmo tempo. Ele está situado no centro e é a própria ideia do Estado, que palpita em torno dele como uma auréola sua, como uma vida que emana da sua vida. Ele é um pensamento e uma vontade única, central, responsável e instantânea, e não, como nas formas representativas, um pensamento e vontade múltiplos e divididos, que lentamente se reencontram. O Estado é o organismo do qual o chefe é o cérebro e os cidadãos as inúmeras células, também eles investidos de funções menores, numa harmônica coordenação de funções convergentes para o alto. Da periferia ao centro, do corpo ao cérebro, dos órgãos ao coração, há uma contínua corrente solidária de permutas, dada não só por uma descida de pensamento, de força, de consciência e de ajuda, mas também por uma ascensão de contribuições vitais, que se reencontram no centro, para de lá descerem fecundas. O Estado, assim, é também centro de irradiação moral, é alma, fé e religião, fazendo cada célula sentir-se mais forte nele. Pela primeira vez na história, o conceito de Estado absoluto ou representativo é substituído pela concepção de um Estado biológico orgânico, no qual os valores morais produzidos pelas civilizações do mundo realizam seu ingresso triunfal, não mais divididos em estereis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e de fé, de Estado e de Igreja, de rico e de pobre, mas sim fundidos numa unidade no campo do pensamento e da ação, condição imprescindível para a nova civilização.

O novo Estado é todo um gigantesco organismo, uma imensa oficina de colaborações, na qual máquina, trabalho, produção, riqueza, ciência e religião se fundem e tudo funciona organicamente. Esta elevada concepção de vida coletiva, sendo introduzida na circulação do sangue dos povos, opera a valorização das massas.

Essa é a criação biológica confiada ao chefe pela Lei. A nova alma coletiva está prestes a se desenvolver e se afirmar. Ele supervisiona os primeiros movimentos desta sua filha ainda criança, guiando-a e educando-a. Do conceito de Estado-rei ao de Estado-classe social e ao de Estado-povo, assim como do poder absoluto ao

poder representativo e ao poder-função, à medida que a consciência coletiva ascende e se dilata, o poder desce e se descentraliza. É a ascensão do espírito, que, progressivamente, purifica o princípio de sua escória. Nos equilíbrios biológicos, *a medida do comando é dada pelo grau de consciência atingido*. Enquanto não amadurecerem, os povos continuarão precisando mais de mestres do que de liberdade, mais de guias do que de mando. Olhando para seu povo, o chefe vê que é seu aquele corpo, é sua aquela alma, são seus aqueles tormentos, aquelas esperanças e aquelas vitórias. Chefe e povo compõem, assim, uma unidade indissolúvel. O mundo está em marcha, e a realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.

C. A ARTE

Ao focalizar em detalhes os problemas da fase α , coloco no ápice deles a arte, como expressão suprema da alma humana. Nada espelha melhor a ideia dominante de uma época. Algumas vezes, é graça e suavidade, outras vezes, simplicidade e potência; algumas vezes é profundidade de espírito puro, outras vezes, vazio ouropel de forma. Exprime sempre o pensamento humano, que ascende ou decai, aproximando-se mais ou menos da grande ordem divina. Ora ousado, ora inerte, ora jovem, ora cansado, o pensamento é primeiramente traço retilíneo e cortante como a força, para tornar-se depois linha arredondada, reduzindo-se a um escorço decadente, que tenta em vão esconder um vazio na grandiosidade das formas. Estilo tranquilo ou audacioso, límpido ou confuso, cansado ou poderoso, a arte representa sempre a face exterior do mistério infinito que se agita na alma humana. Assim como tudo que existe possui um rosto correspondente à expressão da alma, através do qual o universo fala incessantemente, revelando o pensamento divino, a arte também é a revelação do espírito. Quanto mais simples e transparente for a sua forma, tanto maior será o seu valor; quanto menos se fizer sentir a si mesma, tanto mais substancial e poderosa na eternidade será sua ideia e tanto mais vinculado à Lei estará seu conceito, que se imporá à forma. Fenômeno estreitamente ligado às fases de ascensão e de decadência do espírito, a arte extingue-se quando este adormece, porque nele está a sua única fonte de inspiração. A arte, que, por ser espírito, é sufocada pela matéria, foi destruída pelo materialismo e tem agora de renascer.

Começareis novamente, com meios novos, mas, acima de tudo, com uma ideia nova. O segredo de uma grande arte consiste em saber realizar o milagre da revelação do mistério das coisas, em saber exprimi-lo à luz dos sentidos, após íntima e profunda comunhão com o mistério que palpita na alma do artista. Este deve ser um vidente, para lidar de modo normal com o supernormal, onde tudo é espírito e vossa concepção de vida comum não chega. A nova grande arte deve ser integral, presumindo, portanto, não o indivíduo agnóstico ou meramente técnico, mas sim o artista completo sob todos os aspectos

do espírito, cuja maturação biológica tenha alcançado o nível do super-homem. É indispensável que o homem não somente tenha englobado em si a visão do universo, mas também tenha nela atingido as mais profundas concepções de vida.

A valorização apenas da técnica é própria dos períodos de decadência; a arte cujo valor tenha passado da substância à forma torna-se adornada, preciosa e decadente. Quem tem algo de substancial para dizer, o faz da forma mais simples. No entanto é preciso ter algo a dizer, uma grande visão e uma grande paixão na alma, para que a forma não assuma a primazia. É necessário dominar esse revestimento do pensamento; estar prevenido defensivamente contra as hipertrofias do meio, que sufocam o fim; impedir que a técnica, serva humilde do conceito, quando este era grande em suas origens, queira depois agigantar-se, para sufocá-lo na maturidade de sua perfeição. Quando a ideia se cansa, a forma emerge na decadência. Surge então a luta entre a vestimenta e a substância, que, tão logo ceda, é invadida e dominada pelo crescimento da outra. Dá-se assim a prevalência dos valores inferiores, quando aqueles mais elevados decaem. É a degradação do fenômeno artístico, cujo desenvolvimento também tem seus ciclos, que são os mesmos do fenômeno psíquico. Na evolução da arte, há uma espécie de inversão de relações entre a grande riqueza de conceitos na pobreza da forma, durante o período de criação, e a grande riqueza de formas na pobreza de conceitos, durante o período de decadência! Uma relação transforma-se gradualmente na outra. O ciclo evolutivo da técnica, por nascer mais tarde e, por isso, ser mais jovem que o ciclo evolutivo da ideia, sobrevive a este e o substitui, mas seu crescimento significa o declínio do princípio animador da arte.

A verdadeira arte é simples, sendo a sua grandeza proporcional à potência do pensamento e à simplicidade da forma. Vossa atual fase artística é de destruição, para libertar-se da forma. Estais na última fase da descida, na qual já aparece a aurora da nova espiritualidade, cujo primeiro ato é o abandono das técnicas superadas. É necessário que tenhais uma alma e sejais simples. As complicações ornamentais exprimem vacuidade, enquanto a riqueza de minúcias enfraquece a ideia central. *Belo é tudo que corresponde ao seu objetivo; a beleza está na linha que se liga à finalidade pelo caminho do menor*

esforço. Trata-se de um conceito que expressa a correspondência, o equilíbrio e a harmonia dos princípios da Lei. A suprema beleza reside no conceito de Deus. O artista deve sentir e seguir esse conceito nas formas em que ele se manifesta. O progresso da arte reside em manifestar, com evidência cada vez mais límpida e com maior profundidade, a beleza do pensamento divino na lei que governa o universo. A ascensão da arte é um processo substancial de harmonização, constituindo, na forma intuitiva do belo, a expressão da evolução de todas as coisas que observamos. O belo é universal e pode expressar tanto a beleza da lógica, como a beleza da mecânica; tanto a estética grega de formas, como a elevadíssima estética moral da obra cristã. Em todas as alturas, conforme a lógica dos meios, existe uma arte correspondente à gradação das finalidades. Quando existe um objetivo a ser atingido, o estilo nasce por si mesmo, na forma mais simples, mais transparente e mais harmoniosa, conforme exige a lei do menor esforço. Independente dos respectivos campos, os estilos mais reproduzidos, desejados e requintados são apenas roupagens, nas quais procurais em vão um conteúdo. O artista não é plasmado pela escola ou pela análise, mas sim por um tormento de alma, por um palpar de tempestades e de visões.

Entendo por arte a expressão dos princípios que estão na harmonia da Lei, verdadeiros em todos os campos, seja na literatura, na pintura, na escultura, na arquitetura ou na música. A música atual, como tudo o mais, evolui em profundidade. Sua atual evolução representa a passagem de sua *dimensão linear de melodia*, para sua *dimensão volumétrica de sinfonia*. A simples sucessão de sons da música melódica, à proporção que ascende à fase superior, na qual conquista o espaço e o volume, dilata-se em extensão e profundidade de sentimentos, passando da expressão das paixões mais elementares (amor e vingança) aos sentimentos elaborados por uma sensibilidade mais complexa, num processo que descreve todas as harmonias e belezas da criação. A música volumétrica sinfônica deveria inspirar-se cada vez mais numa estrutura de perspectiva, cujo desenvolvimento dos vários motivos, mesmo harmonizando-se com a concepção única do quadro, permanecesse distanciado nos diversos planos. Resultaria disto, na sinfonia, uma grande profundidade de perspectiva, na qual o motivo ou motivos do primeiro plano se

distanciariam dos desenvolvimentos sinfônicos de fundo, estabelecendo um distanciamento em sentido não apenas sinfônico, mas também conceitual e emocional. O motivo só pode ser a expressão de uma forma-pensamento que nasce, desenvolve-se e morre, dominando ou subordinando-se; que se aproxima ou se afasta, tocando e influenciando as outras; que passa, volta e apaga-se, sobrevivendo na recordação. O motivo deve ser a voz de uma vida que deseja e pode revelar-se completamente, pois a música, superando a beleza estampada nas linhas do desenho e indo além da riqueza dos tons, que dão cor à pintura, possui o supremo dom do movimento, no qual se exprime o devenir da vida.

Em sua evolução, a música conquistará, além do seu movimento no tempo, uma profundidade cada vez maior no espaço, alcançando uma nova dimensão, na qual se expandirão as tantas vozes da vida, porque tudo é vida e tem voz própria. O futuro consistirá em continuar a tornar cada vez mais ampla a estrutura sinfônica, estendendo sua potência descritiva sempre na direção de novos sentimentos, a fim de purificá-los e espiritualizá-los, até que a música se torne a voz do infinito, passando a ser a linguagem da intuição, na qual se revelam as harmonias do universo e o aspecto de beleza dos grandes conceitos da Lei. Em todos os seus campos, a arte busca a unificação, razão pela qual as diferentes artes, atuando através de formas convergentes, irão fundir-se num esforço único, para exprimir o espírito. Na atmosfera artística dos templos seculares, em meio a muros antigos, saturados de vibrações místicas dos povos, a música será um meio de harmonização do ambiente, para a sintonização receptiva na oração, constituindo uma vibração criadora de bondade. Todas as artes se fundirão numa só música, supremamente criadora; uma música imensa, que vos falará da vida do homem e de todas as criaturas. Todas as artes serão uma oração, um anelo do espírito que se eleva para chegar a Deus.

Vossa arte futura, descendo de Deus para elevar a Deus, será sadia, cumprindo uma função *educadora*. Se assim não for, ela será veneno. A verdadeira arte não permanece na terra, mas deve elevar-se ao céu, para tornar-se instrumento de ascensão espiritual. Necessitais saciar-vos nas fontes da verdade, que teve aqui suas portas escancaradas. A arte precisa iluminar-se com a luz do espírito,

o qual fiz reviver entre vós. Dei-vos, tanto no campo científico e social como no campo artístico, uma ideia imensa para exprimirdes, que vos fala da harmonia de todos os fenômenos, da ascensão de todas as criaturas e de vosso amadurecimento biológico. A arte apodera-se então da ciência. É verdade que não soubestes atribuir um conteúdo espiritual à ciência, porém basta dar-lhe uma fé, para que ela se torne arte. Que imenso mundo novo e inexplorado, que sinfonia de concepções cósmicas para exprimir! O futuro da arte está na expressão do imponderável. Que riqueza de inspiração pode descer sobre a Terra, vinda do alto, por intermédio do artista sensitivo! Que oásis de paz, para refúgio da alma, nessas visões do infinito!

A verdade universal desta síntese pode exprimir-se em todas as formas do pensamento, não só matemática, científica, filosófica e socialmente, mas também artisticamente. Esta obra pode expressar também a grande tragédia em que palpita toda a dor e explode a paixão das ascensões humanas. Não há maior drama do que aquele do esforço da superação biológica, da luta do espírito pela sua evolução, das suas quedas e ascensões, da felicidade e da dor, do progresso de um destino através da cadeia de renascimentos, da existência de uma lei divina pela qual tudo é vinculado à sua ordem! Esta irmanação de fenômenos e de seres, esta unificação de meios de expressão segundo uma ideia única, este monismo científico, filosófico e social, bastariam para dar alma não somente a uma nova arte, mas também a uma ciência, filosofia e sociologia novas.

Vossos palcos ignoram estas imensas tragédias, porque estes conceitos exatos faltavam antes ao mundo. Era vaga a intuição dos grandes problemas, o que tornava incerta a reconstrução do destino humano. Há sempre uma zona de nebulosidade na qual se aninha a dúvida e o mistério. Está na hora de ultrapassar o ciclo restrito das baixas paixões de fundo animal. *O teatro não deve ser palco de involução, explorando as multidões, mas sim de evolução, educando-as*, razão pela qual ele não pode constituir uma questão econômica, mas deve ser função do Estado. A arte deve superar os loucos futurismos e tomar como fundo o infinito e a eternidade, tendo por ator o espírito, que, numa vida sem limites, debatendo-se entre a luz e as trevas, conquista sua libertação. No céu e na terra ressoa a

imensa tempestade que as forças do mal desencadearam. Apresentai este drama apocalíptico – seja qual for a forma de arte que desejais exprimi-lo – expondo-o sem símbolos, em sua nua potência dinâmica de conflito de forças, suspenso nas dimensões do tempo, entre a revelação bíblica e o ideal científico.

Eis a grande arte futura. É necessário o nascimento do gênio que a sinta e a manifeste; que a perceba acima da realidade sensória, para nesta encerrá-la e exprimi-la. Havendo chegado ao ápice dos valores espirituais, ele enfrenta e conclui o drama da reunificação e da libertação. É necessário que uma alma superior *viva* o fenômeno e, em seu tormento, liquide o passado, lançando os espíritos num vórtice de paixões mais elevadas e dinâmicas. É necessário um ser que, num martírio de fé, macerando-se e incendiando-se por sua arte, faça dela sua missão e a ela se doe completamente. A arte será então o altar das ascensões humanas, onde o espírito se oferece em holocausto de dor e de paixão na sua elevação para Deus; será a oração que, sintetizando nas aspirações da alma todas as esperanças e ideais humanos, une a criatura ao Criador.

DESPEDIDA

Nossa longa viagem está terminada. Tudo já foi demonstrado e está concluído até às últimas consequências. A semente está lançada no tempo, para que germine e frutifique. Dei meu verdadeiro testemunho, e minha obra está completa. O pensamento desceu e, imobilizando-se na palavra escrita, não poderá mais ser destruído por vós. Está demais antecipado para ser *todo ele imediatamente* compreendido. Nem todos os séculos são capazes de compreender totalmente uma ideia, sendo necessário, para vê-la sob novos ângulos, mudar a perspectiva, desenvolvendo uma nova psicologia. Vosso julgamento está viciado por uma visão imediatista, mas os anos passarão, levando-vos, quando tiverdes visto o futuro, a compreenderdes em profundidade esta Síntese, que enquadrareis na história do mundo. Para alguns, esses conceitos ainda estarão situados fora do concebível. Outros se recusarão ao trabalho de compreendê-los, porque não encontrarão neles um meio para desfrutar uma vantagem imediata. Outros procurarão afastar a verdade, porque ela perturba o ciclo animalesco de suas vidas, e continuarão a dormir. A esses falará a dor. O cerco aperta-se, e amanhã será muito tarde.

A convicção, mais do que filha de cálculos lógicos e racionais, constitui um estado de amadurecimento interior, que só é alcançado por meio de provas, lutando e sofrendo. É inútil, portanto, falar a respeito desta Síntese para demonstrar erudição, se ela não for “*sentida*” como orientação e assimilada como modo de vida. É verdade que a alma coletiva dos povos sente mais por intuição do que pela razão. A filosofia, o sistema político e a forma social que mais convenham para a realização dos fins da própria evolução, varrem tudo que não corresponda ao trabalho exigido pelo momento histórico. Porém, mesmo sendo inútil esperar que sistemas lógicos, criados num momento histórico com o qual ainda são incompatíveis, possam ser compreendidos, minha concepção é uma visão fecunda, que antecipa realizações, constituindo uma síntese não apenas do que pode ser conhecido, mas também das aspirações que irrompem da alma humana.

Falei ao mundo, dirigindo-me a todos os povos. Disse a verdade universal, verdadeira em todos os lugares e em todos os tempos. Valorizei o homem e a vida, fazendo deles uma construção eterna. Percorrendo todos os campos, mesmo os mais díspares, fiz tudo convergir para a unidade. De todo vosso disperso conhecimento humano, fiz um estreito monismo. Nesta síntese, a ciência, a filosofia e a fé são uma coisa só. Tornei a vos dar a paixão do bem e do infinito. A tudo o que vossa vida é capaz de abraçar – arte, direito, ética, luta, conhecimento, dor – dei uma meta, canalizando e fundindo tudo no mesmo caminho das ascensões humanas.

Vós vos moveis no infinito. A vida é uma viagem, na qual só possuíis vossas obras. A cada hora se morre e a cada hora se renasce, mas sempre como filhos de vós mesmos. A evolução, pulsando segundo o ritmo do tempo, não pode parar. Vedes apenas através de uma falsa perspectiva psíquica. É preciso conceber não as coisas, mas a trajetória de seu transformismo; não os fenômenos, mas seus respectivos períodos. Tendes de vos colocar dinamicamente na fluidez do movimento; tendes de vos realizar, neste mundo de coisas transitórias, como seres indestrutíveis, num tempo *que só pode levar a uma continuação*, lançando-vos para um futuro eterno, cujas portas a evolução vos abre.

Após milênios e milênios, não sereis mais as crianças de hoje e alcançareis formas de consciência que nem sequer sabeis imaginar. Mostrei-vos o destino e o tormento dos grandes que vos precederam na jornada. Eles vos dizem o que será o homem amanhã. *Não podeis parar*. Vimos, em seus aspectos e em suas fases de manifestação, o funcionamento orgânico da grande máquina do universo. Trata-se de um movimento imenso, dentro do qual tendes que funcionar como parte de um grande organismo.

Uma grande atração governa todo o universo: o Amor, que canta na arquitetura das linhas, na sinfonia das forças e nas correspondências dos conceitos, estando sempre presente. Chama-se atração e coesão no nível da matéria; expansão e transmissão no nível da energia; impulso de vida e de ascensão no nível do espírito. É a harmonia na ordem cinética, segundo a qual funcionam nossa respiração e a respiração do universo. Ousamos desvendar o mistério e olhar sem véus a Lei, que é o pensamento de Deus. Em todos os

campos, vimos os momentos desse conceito que governa tudo. Que os bons não tenham medo de conhecer a verdade.

O quadro está ultimado, e a visão, completa. Dei-vos um conceito da Divindade muito menos antropomórfico, muito mais transparente em sua íntima essência, muito mais purificado das reduções realizadas pela representação humana; um conceito mais luminoso, adequado à vossa mais amadurecida alma moderna. Assim, o mistério pode emergir em termos de ciência e de razão, saindo dos véus do símbolo. Caminhamos do mineral ao gênio, para contemplar a vitória do homem, com quem choramos e ansiamos na sua cansativa luta para conquistar o bem e vencer o mal, ao longo do caminho de sua ascensão. Ouvimos uma grandiosa sinfonia, em que, da matéria ao espírito, tudo canta o hino da vida. Oramos em sintonia com todas as criaturas irmãs. A concepção move-se no infinito. Os únicos limites que vos dei são aqueles impostos pelo vosso concebível. Nosso estudo foi a adoração da Divindade.

Dei-vos uma verdade universal e progressiva, na qual podem coordenar-se todas as verdades relativas. Dei-vos conclusões que não podem ser negadas, sem que toda a ciência e todo o universo também sejam negados. A premissa é gigantesca e não pode ser abalada. Cada palavra é um apelo à vossa racionalidade, não podendo ser negada por vós. Sempre afirmei, muito mais do que neguei. O ponto de partida desse organismo conceptual não é egocêntrico nem antropomórfico, antes implica, em sua gênese, uma transposição para fora do vosso plano de concepção. Conclamei-vos às grandes verdades do espírito; reintegrei vossa vida, dividida ao meio pelo materialismo; restituí-vos como cidadãos eternos no infinito. A ciência tem uma grande responsabilidade, por haver destruído a fé sem saber reedificá-la. Com os próprios meios da ciência, ergui-vos até esta Síntese, dando-vos uma ética racional, baseada em vastíssima base científica. Dei ao supersensório um peso real objetivo. Mostrei-vos a realidade que está além da ilusão, a substância que reside no transitório, o absoluto que existe nas modificações do relativo. Ergui a ciência até à demonstração das verdades metafísicas. Reuni os dois extremos inconciliáveis: matéria e espírito, equilibrando e fundindo, num só plano de trabalho, a terra e o céu. Encaminhei o homem à sua futura consciência cósmica. No

âmago de meu pensamento, sempre se moveu a visão da lei de Deus.

Por trás da demonstração objetiva deste escrito, no qual se agitam, numa palpação de vida substancial, todas as esperanças e todas as dores humanas, não podeis negar nem deixar de sentir a presença de uma paixão pelo bem, de uma sinceridade absoluta e de uma potência de espírito que vivifica tudo. Este escrito possui uma alma que lhe dá vitalidade. Podereis negar ou discutir nele o supranormal, mas esta é uma condição *normal* em *todas* as outras criações do pensamento, nas quais são normais também a inspiração e a intuição super-racional, imprescindíveis para se atingir as verdades eternas. Normal é o abismo de mistério na consciência, sobre a qual nada sabeis. Cada alma vibrará e responderá de acordo com sua capacidade de vibrar e de responder.

Aqui fala também o coração, exortando-vos a subir. Aqui reside um imenso amor pelos homens, como Cristo sentiu na cruz; há um imenso desejo de beneficiar, iluminando. Este livro quer ser um ato de bondade e de bem, num plano vastíssimo, contendo em sua férrea racionalidade o ímpeto de uma alma cuja visão alcança o futuro e enxerga nele a tempestade que vos espera. Compreender é simples e natural na fase intuitiva. Somente aceitei a ciência, as pesquisas e a racionalidade como um meio imposto pela vossa psicologia. Se alguém quiser atacar esta doutrina, a fim de demoli-la, irei ao seu encontro de braços abertos, para dizer-lhe: és meu irmão, e só isto importa de verdade. Sei que estes conceitos encontram-se de tal forma afastados deste mundo, feito de mentira e de desconfiança, que vos parecem inaceitáveis e inconcebíveis. Mas minha linguagem precisa ser substancialmente diferente.

Este é um desesperado apelo para que o mundo encontre sabedoria. No coração dos homens e de seus sistemas dominam o egoísmo e a violência; prevalece o mal, e não o bem. A civilização moderna lança as sementes com grande velocidade e aguarda a produção intensiva de sua dor futura. Será a dor de todos. Poderá tornar-se a maré demolidora que destruirá a civilização. Os meios estão prontos para que, hoje, um incêndio se alastre por todo o mundo. Falei aos povos e aos chefes, religiosos e civis, em público e em particular. Depois da conciliação política entre Estado e Igreja, na Itália, urge esta conciliação maior, espiritual, entre ciência e fé no

mundo. Se um princípio coordenador não organizar a sociedade humana, ela se desagregará no choque dos egoísmos.

Falei no momento crítico de uma curva da história, no qual irrompe a aurora de uma nova civilização. Podereis não ouvir nem compreender, mas é impossível mudar a Lei. Se a civilização, agora, tem bases muito mais amplas que as do antigo império romano, não sendo mais um simples foco num mundo desconhecido, ela ainda possui, no entanto, enormes desníveis de civilidade, de cultura e de riqueza. A Lei leva ao nivelamento e à compensação. Enquanto houver um só bárbaro na Terra, ele tenderá a rebaixar a civilização ao seu próprio nível, invadindo e destruindo, para dominar. As raças inferiores desfarão depressa a sua impressão sobre a superioridade técnica europeia, da qual irão se apossar, para se lançarem na garganta do velho patrão.

A todas as crenças digo: o que é divino permanecerá; o que é humano cairá; qualquer afirmação temporal é uma perda espiritual; cada vitória na terra é uma derrota no céu. Evitai os absolutismos e preferi o caminho da bondade. A imposição não se aplica ao pensamento, pois ele não pode ser atingido pela força, que produz apenas afastamento. Dai o exemplo de desapego das coisas da Terra. Vossas verdades relativas são apenas pontos de vista progressivos e diferentes do mesmo princípio único. O futuro não consistirá na exclusão recíproca, mas sim na coordenação de vossas aproximações da verdade. Não discutais; a convicção não se impõe com ameaças, mas difunde-se com o exemplo e com o amor.

À ciência digo que, enquanto ela não for fecundada pelo amor evangélico, permanecerá sendo uma ciência de inferno. É inútil o progresso mecânico que faz da Terra um jardim, se nesse jardim morarem apenas feras. A Terra é um inferno porque vós sois demônios. Tornai-vos anjos, e a Terra será um paraíso.

Não temam os justos e os aflitos, que observam angustiados a algazarra da busca humana por glória, riqueza e prazer, pois, se alguém, por um momento, vence e se deleita, a Lei está sempre vigilante: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”. Jamais agridais, não sejais vós os agentes de vossa justiça, mas sim a Divindade; *perdoai*. *Fazei sempre o bem e o fareis a vós mesmos*; deixai as reações para a Lei, não vos prendendo ao ofensor

com a vingança. Não espalheis jamais pensamentos, palavras ou atos de destruição; não movimenteis as forças negativas da demolição, pois elas retornarão, caindo sobre vós mesmos. Sede sempre construtivos. Em qualquer campo, seja vossa preocupação apenas *criar, e jamais demolir*. Nada possui tanta força para demolir as estruturas desgastadas quanto um organismo completo em funcionamento, porque todas as correntes da vida se precipitam para as novas formas, deixando o velho cair por si mesmo, sem lutas de reação.

Não vos rebelleis, mas aceitai *todo* o trabalho que vosso destino vos oferece. Contendo todas as provas adequadas, mesmo se pequenas, vosso trabalho já é perfeito. Sendo assim, não procureis alhures grandiosos heroísmos. Os pequenos pesos que se suportam por muito tempo, representam muitas vezes um esforço, uma paciência e uma utilidade maior. As provas implicam um trabalho lento para a sua assimilação; a construção do espírito tem de ser executada em cada minúcia; a vida é toda vivida momento a momento, contendo a cada instante um ato e um fato que se liga à eternidade. Lembrai-vos de que o destino não é malvado, mas sempre justo, mesmo se as provas são pesadas. Lembrai-vos de que jamais se sofre em vão, pois a dor esculpe a alma. É inútil rebelar-se contra o próprio destino, pois sua lei obedece a equilíbrios profundos. Há dores que parecem matar, mas elas jamais se apresentam sem esperança. Nunca sereis onerados acima de vossas forças. A reação das inexauríveis potências da alma é proporcional ao assalto. Tende fé, ainda que o céu esteja em trevas, o horizonte se encontre fechado e tudo pareça acabado, pois sempre haverá à vossa espera uma força para vos fazer ressurgir. O abandono e sua sensação fazem parte da prova, porque só assim podereis aprender a voar com vossas próprias asas. Mesmo quando dormis ou ignorais, o destino vela e sabe, constituindo uma força sempre ativa na preparação de vosso amanhã, que contém as mais ilimitadas possibilidades.

Esses ideais foram ensinados na Terra. Mártires morreram por eles. Haverá, no entanto, algo que não tenha sido explorado pela hipocrisia do homem? Muitas vezes, os ideais, para serem divulgados, utilizam exatamente esta sua capacidade de sofrer a

exploração, à semelhança do fruto que se deixa devorar, a fim de fazer a semente ser levada para longe. Existe a classe dos construtores e existe a classe dos demolidores, que, atuando como parasitas, operam através da mentira uma contínua degradação de todos os valores espirituais. Há quem construa à custa de tormentosos esforços, e há quem utilize tudo para si, agarrando-se a tudo como um lastro, para baixar tudo ao próprio nível. Um é espírito que vivifica, outro é matéria que sufoca. O princípio puro, então, infecciona-se, adquirindo sabor de mentira. Este é o processo de degradação dos ideais. Ai dos culpados que demolem o esforço dos mártires! Ai de quem faz da missão uma profissão, colocando o espírito como base de poder humano! Ai de quem mente e induz à mentira; de quem, pelo abuso, induz ao abuso; de quem, dando exemplo de injustiça bem sucedida, proponha-a como uma norma de vida! Realizada uma ação, não podeis mais anulá-la, até que se esgotem e sejam reabsorvidos seus efeitos. Ai da sociedade que, deixando de colocar seus melhores elementos na posição de rendimento correspondente às suas capacidades, relega-os ao esquecimento, abandonando seus mais elevados valores à apatia e à incompreensão. Assim como é tardio o remorso por um tesouro perdido, são inúteis os reconhecimentos póstumos. Ai das religiões que não cumprirem sua tarefa de salvar os valores espirituais do mundo! O espírito não pode morrer e ressurgirá alhures, fora delas. Ai dos dirigentes que não obedecerem ao Alto, recusando-se a atender à voz da justiça, que reside na sua própria consciência! Ai de quem desperdiçar seu tempo, deixando de fazer de sua vida uma missão!

Um julgamento final vos aguarda a *todos*, não por obra de um Deus exterior a vós, ao qual se possa enganar ou enternecer, mas sim pela atuação de uma lei onipresente no espaço e no tempo, a qual, pelo fato de estar dentro de vós e de todas as coisas, não pode ter sua reação detida por nenhuma distância ou prazo, sendo-vos impossível escapar a ela. Haverá, por ventura, alguma forma de evitar ou enganar a lei da gravidade? Por essa mesma razão não se evita nem se engana a reação da Lei, que cumpre a justiça divina.

Deixo-vos agora, dirigindo minhas palavras finais a quem sofre, que é grande na Terra, porquanto regressa a Deus. Se destruídes a

dor, destruireis a vós mesmos: “Felizes os que choram, porque serão consolados”. Não temais a morte, que vos liberta. Tudo é indestrutível na eternidade, portanto também vós e vossas obras. Minha última palavra é de amor, de paz e de perdão *para todos*.

Minha obra está terminada. Se, daqui a muitos anos, uma humanidade diferente, bem maior e melhor, olhando para trás, pesquisar esta semente – lançada com uma antecipação muito grande, para que fosse logo fecundada pela compreensão – e admirar-se com o fato de ter sido possível tal antecipação aos tempos, tenha ela então um pensamento de gratidão para o ser humano que, sozinho e ignorado, realizou este trabalho, através de seu amor e de seu martírio.

A sinfonia está escrita. O cântico emudece, para ressurgir em outras formas e outros lugares. A voz se extingue. O pensamento se afasta de sua manifestação exterior, retornando à profundidade do centro no infinito.

FIM

Vida e Obra de

Pietro Ubaldi

(Sinopse)



O HOMEM

Pietro Ubaldi, filho de Sante Ubaldi e Lavínia Alleori Ubaldi, nasceu em 18 de agosto de 1886, às 20:30 horas (local). Ele escolheu os pais e a cidade onde iria nascer, Foligno, Província de Perúgia (capital da Úmbria). Foligno fica situada a 18 km de Assis, cidade natal de São Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado à Terra pelo grande poverelo de Assis, que viveu para Cristo, renunciando os bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a sua infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova de Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Sra. Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma enorme fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. Assim, Pietro Alleori Ubaldi foi educado com os rigores de uma vida palaciana.

Não pode ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio. Naturalmente, ele sentiu-se deslocado naquele ambiente, expatriado de seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, ele aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos praticantes dos atos religiosos, realizados na capela da Imaculada Conceição, no interior do palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, em sua vida missionária, a Cristo. Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele as cumpriu até à sua total libertação. A primeira liberdade se deu aos cinco anos, quando solicitou de sua mãe que o mandasse à escola, e aquela bondosa senhora atendeu o pedido do filho. A segunda liberdade, verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra “evolução”. Outra grande liberdade para o seu espírito foi com a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e reencarnação, tornando-se reencarnacionista aos vinte e seis anos. Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquelas de servir a Cristo e ser útil aos homens.

Pietro Ubaldi formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e Música (oferecimento, também, de seus genitores), fez-se poliglota, autodidata, falando fluentemente inglês, francês, alemão, espanhol, português e conhecendo bem o latim; mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão em pleno Século XX. Ele era um homem de uma cultura invejável, o que muito lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma foi sobre *A Emigração Transatlântica, Especialmente para o Brasil*, muito elogiada pela banca examinadora e publicada num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher Cia. Logo após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi lhe deu como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.

Pietro Ubaldi casou-se com vinte e cinco anos, a conselho dos pais, que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes e fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, seu pai transferiu para o casal um patrimônio igual àquele trazido pela Senhora Maria Antonietta Solfanelli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte de seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Maria Antonietta e Pietro Ubaldi nasceram três filhos: Vincenzina (desencarnada aos dois anos de idade, em 1919), Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial) e Agnese (falecida em S. Paulo – 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador de confiança da família. Após dezesseis anos de enlace matrimonial, em 1927, por ocasião da desencarnação de seu pai, ele fez o voto de pobreza, transferindo à família a parte dos bens que lhe pertencia. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo lhe apareceu. Isso para ele foi a maior confirmação à atitude tão acertada. Em 1931, com 45 anos, Pietro Ubaldi assumiu uma nova postura, estarrecedora para seus familiares: a renúncia franciscana. Daquele ano em diante, iria viver com o suor do seu rosto e renunciava todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módia, Sicília – região situada no extremo sul da Itália – onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi transferido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, mais próximo da família. Nessa urbe, também franciscana, ele trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa pequena e pobre (pensão do casal Norina-Alfredo Pagani – Rua del Flurne, 4), situada na encosta da montanha.

A vida de Pietro teve quatro períodos distintos (v. livro *Profecias – “Gênese da II Obra”*): dos 5 aos 25 anos – formação; 25 aos 45 anos – maturação interior, espiritual, na dor; dos 45 aos 65 anos – Obra Italiana (produção conceptual); dos 65 aos 85 anos – Obra Brasileira (realização concreta da missão).

O MISSIONÁRIO

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente lhe apareceu e, desta vez, acompanhado de São Francisco de Assis. Um à direita e outro à esquerda, fizeram companhia a Pietro Ubaldi durante vinte minutos, em sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto. Estava, portanto, confirmada sua posição.

Em 25 de dezembro de 1931, chegou-lhe de improviso a primeira mensagem, a *Mensagem de Natal*. Por intuição ele sentiu: estava aí o início de sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades. Todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão de 1932, começou a escrever *A Grande Síntese*, a qual só terminou em 23 de agosto de 1935, às 23h00min horas (local). Esse livro, com cem capítulos, escrito em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil, já alcançou quinze edições. Grandes escritores do mundo inteiro opinaram favoravelmente sobre *A Grande Síntese*. Ainda outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália:

01) *Grandes Mensagens*

02) *A Grande Síntese* – Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito

03) *As Noures* – Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento

04) *Ascese Mística*

05) *História de Um Homem*

06) *Fragmentos de Pensamento e de Paixão*

07) *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*

08) *Problemas do Futuro*

09) *Ascensões Humanas*

10) *Deus e Universo*

Com este último livro, Pietro Ubaldi completou sua visão teológica, além de profundos ensinamentos no campo da ciência e da filosofia. *A Grande Síntese* e *Deus e Universo* formam um tratado teológico completo, que se encontra ampliado, esclarecido mais pormenorizadamente, em outros volumes escritos na Itália e no Brasil, a segunda pátria de Ubaldi.

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da nova civilização do Terceiro Milênio. Aqui vivem diferentes povos, irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, e nenhum país seria tão adaptado à sua missão quanto a nossa pátria. Por isso o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar sua tarefa missionária.

Nesta terra do Cruzeiro do Sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em oito de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi

acompanhado da esposa, filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite de amigos de São Paulo para vir morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Ubaldi renunciou aos bens materiais, mas não aos deveres para com a família, que se tornou pobre porque o administrador, primo de sua esposa, dilapidou toda a riqueza entregue a ele para gerencia-la.

Em 1953, Pietro Ubaldi retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, *Mensagem da Nova Era*, em São Vicente, no edifício “Iguaçu”, na Av. Manoel de Nóbrega, 686 – apto. 92. Dois anos depois, transferiu-se com a família para o Edifício “Nova Era” (coincidência, nada tem haver com a Mensagem escrita no edifício anterior), Praça 22 de janeiro, 531 – apto. 90. Em seu quarto, naquele apartamento, ele completou a sua missão. Escreveu em São Vicente a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil, composta por:

- 11) ***Profecias***
- 12) ***Comentários***
- 13) ***Problemas Atuais***
- 14) ***O Sistema*** – Gênese e Estrutura do Universo
- 15) ***A Grande Batalha***
- 16) ***Evolução e Evangelho***
- 17) ***A Lei de Deus***
- 18) ***A Técnica Funcional da Lei de Deus***
- 19) ***Queda e Salvação***
- 20) ***Princípios de Uma Nova Ética***
- 21) ***A Descida dos Ideais***
- 22) ***Um Destino Seguindo Cristo***
- 23) ***Pensamentos***
- 24) ***Cristo***

São Vicente (SP), célula mater. do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história de nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até o autor de *A Grande Síntese*, que viveu ali o seu último período de vinte anos. Pietro Ubaldi, o Mensageiro de Cristo, previu o dia e o ano do término de sua Obra, Natal de 1971, com dezesseis anos de antecedência. Ainda profetizou que sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado. Ele desencarnou no hospital São José, quarto Nº 5, às 00h30min horas, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar com alegria a chegada da irmã morte, é privilégio de poucos... O arauto da nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

A leitura das obras de Pietro Ubaldi descortina outros horizontes para uma nova concepção de vida.

- ¹ Ver o volume *Grandes Mensagens*.
- ² Para compreender esse estilo incomum, é necessário conhecer a técnica da gênese deste pensamento, mediante a leitura de outros volumes, os primeiros, pertencentes à Obra.
- ³ Desse especialíssimo método de pesquisa, aqui apenas delineado, os volumes *As Noúres* e *Ascese Mística* tratam a fundo.
- ⁴ Para o desenvolvimento destes conceitos, vejam-se os volumes: *As Noúres*, *Ascese Mística*, *A Nova Civilização do Terceiro Milênio* e *Problemas do Futuro*.
- ⁵ Este conceito de nova civilização, várias vezes repetido nesta obra, desenvolveu-se mais tarde, no volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*.
- ⁶ Estas páginas foram escritas em 1932.
- ⁷ Não confundir com os símbolos adotados neste tratado α =espírito; β =energia; γ =matéria.
- ⁸ Esse problema do método é aprofundado no volume *Ascese Mística* – Parte I: “O Fenômeno”.
- ⁹ Um estudo mais particularizado e profundo desta fase foi experimentalmente continuado no volume *Ascese Mística*: “O Superconsciente”.
- ¹⁰ Ver o volume: *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*.
- ¹¹ Entropia, ou seja, nivelamento para o qual parece tenderem todos os fenômenos. Assim compreende-se o que para os físicos é um enigma. Eles observaram o fenômeno e acreditam que continuará e terminará num nivelamento universal de todos os fenômenos, ao passo que aqui vemos que sucede diversamente. (Isto foi aprofundado no volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*, Cap. XXV – “O Universal Dualismo Fenomênico”).
- ¹² Reveja a trajetória típica dos movimentos fenomênicos, no Capítulo 26.
- ¹³ Para um estudo mais particular do problema, ver *Ascese Mística*, Cap. XIX, “O Subconsciente” e Cap. XX, “O Superconsciente”. Veja também os últimos capítulos sobre a “Personalidade Humana”, em *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*.
- ¹⁴ O problema da hereditariedade foi desenvolvido no volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio* (Cap. 27 e 28).

¹⁵ Para análise dos primeiros planos deste universo trifásico, ver o volume *Ascese Mística*.